

(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO VI - 1º VOL. 2015 - ED. DE SOLSTÍCIO - REVISTA BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

TRADUÇÕES

Yu Xuanji Anna Świrszczyńska

Konstantin Balmont Yaşar Kemal

Haris Vlavianos José Cadalso

Natsume Sōseki Seno Gumira Ajidarma

Pascual Coña Max Blecher

Ílías Venéziis Franz Kafka

Charles Beaumont Rudyard Kipling

Cristóbal de Castro Michel Foucault

Leopoldo Lugones Gabriel García Márquez

Italo Calvino Ann Clark

Alfonsina Storni (HQ)

INTRO

“Então, compreendi que traduzir
é a manzira mais profunda de ler.”

García Márquez





www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO

Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA

Roger Sulis

ILUSTRAÇÃO E CURADORIA

Aline Daka

REVISÃO E ASSISTÊNCIA

Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGÜÍSTICA

Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS

Equipe (n.t.)

AGRADECIMENTOS

Fac-símiles e originais: • Aozora Burko (Japão), para 第七夜, de Natsume Sōseki; • Navajo Now (EUA), pelos fac-símiles de *Little Horder/Nááíkaadi Yázhí*, de Ann Clark; • HathiTrust, para *At the End of the Passage*, de Rudyard Kipling; • Bibliothèque Nationale de France, para "Utopies réelles ou lieux et autres lieux", de Michel Foucault; • Biblioteca Virtual Cervantes (Esp.), para *Los pobres traductores buenos*, de Gabriel García Márquez; • Project Gutenberg (EUA), para *The Beautiful People*, de Charles Beaumont. Direitos de publicação: • Wydawnictwo Literackie (Pol.), para *Człowiek i stonoga*, de Anna Świrszczyńska; • YKY (Tur.), para *Büğünlerde Bahar İndi*, de Yaşar Kemal; • Oscar Mondadori (Itália), para *Tradurre è il vero modo di leggere* un testo, de Italo Calvino. Direitos autorais cedidos: • Haris Vlavianos (Gré.), pelos originais de *Διακοτές Στην Πραγματικότητα*; • João Paulo Tavares Esperança (Port.), pela tradução de *Orelhas*, via Várzea de Letras; • Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao (Equi/Chi.), pela tradução de *Sentimentos de Primavera*, via Portal Crônicas.

Um dos achados mais conhecidos da história das antigas inscrições, e que fixa um marco para o estudo das escritas hieroglíficas, é a Pedra de Roseta. Encontrada em 15 de julho de 1799, nas ruínas do Fort Julien, na cidade de Roseta (*Rashid*), no delta do Nilo, conformava uma estela de granodiorito do Egito Antigo, cujas inscrições, mesmo parcialmente perdidas, seriam cruciais para a compreensão moderna da escritura dos antigos egípcios. Registra um decreto promulgado na cidade de Mênfis, em 196 a.C., em nome do rei Ptolomeu V (210-181 a.C.), grifado em três parágrafos com o mesmo texto: na forma hieroglífica do egípcio antigo, no trecho superior; em demótico, uma variante escrita do egípcio tardio, ao meio; e em grego antigo, na parte inferior. As inscrições despertaram um grande interesse pela possibilidade de conter uma tradução da antiga língua egípcia, naquele momento, ainda não decifrada. Cópias feitas de gesso e em litografia começaram a circular entre os grandes museus e os acadêmicos europeus, e muitas foram as tentativas para a sua decifração.

O estudo do decreto já estava bem avançado quando a primeira tradução completa do texto grego foi apresentada em 1803. Contudo, somente 20 anos depois foi feito o anúncio da decifração dos textos pelo linguista e egiptólogo Jean-François Champollion (1790-1832), em 1822. O principal fator para a sua decodificação foi a descoberta de que a pedra oferecia três variantes do mesmo texto, gravado em duas línguas diferentes (grego e egípcio), mas três escritas distintas (hieroglífica, demótico egípcio e grego antigo). Por isso, representa o primeiro texto bilíngue (e trilingue) a ser recuperado na história moderna, um artefato emblemático não só da epigrafia, mas da tradução.

Na história, temos outros exemplos de antigas inscrições nesse sentido, como a Inscrição de Behistun (Irã), grifada em uma falésia, em persa antigo, elamita e língua babilônica; as estelas trilingües de Letoon (Turquia), inscritas em lício padrão, grego antigo e aramaico; os arquivos maias com o Alfabeto de Landa, manuscritos do século XVI, em maia e castelhano; as lâminas de Pírgi, na Itália, impressas em etrusco e fenício, entre outros. E é por essa razão que neste número da (n.t.) homenageamos a Pedra de Roseta, pois são contemplados quinze idiomas distintos, em vinte e uma traduções, sendo duas trilingües.

A revista abre com a tradicional seção "Poesia", com a seleção *Sentimentos de Primavera* | 春天的感觉, da poeta chinesa Yu Xuanji, traduzida por Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao; *E o homem e a centopeia* | Człowiek i stonoga, da polonesa Anna Świrszczyńska, por Olga Kempnińska; *Sejamos como o Sol* | Будем как Солнце, do russo Konstantin Balmont, por Verônica Filippovna; *A Primavera caiu nesses dias* | Büğünlerde Bahar İndi, do turco Yaşar Kemal, por Leonardo da Fonseca; e *Férias na Realidade* | Διακοτές Στην Πραγματικότητα, do grego Haris Vlavianos, por Miguel Sulis. Na seção seguinte, "Drama", o clássico poema em prosa do escritor espanhol José Cadalso, *Noites lúgubres* | Noches lúgubres, ganha forma na tradução de Mario Higa.



Em seguida, uma seleção com oito idiomas ilustra as páginas da seção “Contos”, primeiro, com o conto *Sétima Noite* | 第七夜, do japonês Natsume Sōseki, por Alana Fries; seguido de *Orelhas* | *Telinga*, de Seno Gumira Ajidarma, traduzido do indonésio por João Paulo Tavares Esperança; e o conto trilingue *O pássaro reanimador* | *El bicho vivificador* | *Feichi uññem moñeltuchefe*, do mapuche Pascual Coña, por Alexis Mariel Vidal Cabezas. Já os tradutores da casa, Fernando Klabin e Théo de Borba Moosburger, traduzem, respectivamente, o romeno Max Blecher em *Berck, a cidade dos malditos* | *Berck, orașul damnaților*, e o grego Ilias Venézis, no conto *As gaiotas* | *Οι γλάροι*. Depois, Viviane de Santana Paulo apresenta um clássico kafkiano, *Um Relatório para uma Academia* | *Ein Bericht für eine Akademie*, enquanto Ana Resende traduz *Belos* | *The Beautiful People*, do americano Charles Beaumont, e Denise Bottmann o conto *No final do corredor* | *At the End of the Passage*, de Rudyard Kipling. Ao final da seção, vertido a quatro mãos, Andréa Cesco e Elys Regina Zils apresentam um dos capítulos do espanhol-andaluz *Cravina* | *Clavellina*, de Cristóbal de Castro Gutiérrez.

Na seção “Pensum”, o pensador Michel Foucault, na tradução de Carolina Ditrích, discorre sobre as *Utopias reais ou lugares e outros lugares* | *Utopies reelles ou lieux et autres lieux*, enquanto que nos “Ensaaios”, Leopoldo Lugones, traduzido por Marlova Aseff, comenta *O Império Jesuítico* | *El Imperio Jesuítico*. Na sequência, apresentamos dois magistrais ensaios sobre tradução preparados para esta edição: do colombiano García Márquez, *Os pobres tradutores bons* | *Los pobres traductores buenos*, traduzido pelos editores, e do italiano Italo Calvino, *Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto* | *Tradurre è il vero modo di leggere un testo*, na tradução de Davi Pessoa Carneiro.

Ao final, na seção “Memória”, Scott Ritter Hadley traduz o clássico ameríndio *A Pequena Pastora* | *Little Herder* | *Nañitkaadí Yázhí*, na seleção trilingue em navajo, inglês (fac-símiles) e português, da autora americana Ann Clark, com ilustrações de Hoke Denetsoisie. Por fim, a ilustradora Aline Daka apresenta a HQ, baseada no homônimo poema de Alfonsina Storni, *Langor* | *Languidez*, de 1920, numa viagem pela capital portenha, Buenos Aires, e pelo interior da poeta.

Eis os autores que integram esta edição de aniversário da revista, publicada, por ocasião, no solstício de inverno deste ano, e cujas páginas ilustram, literalmente, o primeiro *lustro* do projeto, iniciado em abril de 2010. De lá pra cá, a (n.t.) se consolidou não só como uma revista, mas como um portal de textos literários traduzidos, tendo já publicado mais de uma centena de autores e textos em 40 idiomas, sempre bilíngues, procurando manter, assim, modestamente, a tradição de cunhar os originais ao lado de sua contraparte, a tradução. A literatura universal não é feita só de autores, mas de tradutores, pois grande parte do que lemos ocorre através do olhar desses “pobres tradutores bons”, como diria García Márquez, ou então, daqueles que se colocam “completamente em jogo para traduzir o intraduzível”, como diria Calvino. E embora as fronteiras linguísticas pareçam atemporais, ou delimitadas geograficamente, nesses cinco anos de (n.t.) chegamos, a não ser, a uma epifania acerca da tradução enquanto um agente interlingual que desconhece fronteiras: de que a sua função não é a de rompê-las, e sim, de aproximá-las.

Boa literatura traduzida! ■

Os editores

Desterro, junho de 2015.

(n.t.) | 10°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 3.0

ISSN 2177-5141



SUMÁRIO

POESIA
POESIA
POESIA
POESIA
POESIA

Sentimentos de Primavera | 春天的感觉。 . . . 09

texto de Yu Xuanji

tradução de Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao

E o homem e a centopeia | Człowiek i stonoga . . . 25

texto de Anna Świrszczyńska

tradução de Olga Kempnińska

Sejamos como o Sol | Будем как Солнце . . . 48

texto de Konstantin Balmont

tradução de Verônica Filíppovna

A Primavera caiu nesses dias | Bugünlerde Bahar İndi . . . 87

texto de Yaşar Kemal

tradução de Leonardo da Fonseca

Férias na Realidade | Διακοπές Στην Πραγματικότητα . . . 110

texto de Haris Vlavianos

tradução de Miguel Sulis

DRAMA
DRAMA
DRAMA

Noites lúgubres | Noches lúgubres . . . 150

texto de José Cadalso

tradução de Mario Higa

CONTO
CONTO
CONTO
CONTO
CONTO

Sétima Noite | 第七夜 . . . 202

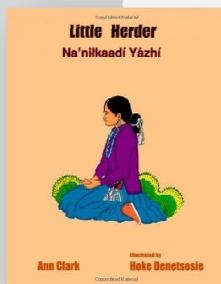
texto de Natsume Sōseki

tradução de Alana Fries

Orelhas | Telinga . . . 209

texto de Seno Gumira Ajidarma

tradução de João Paulo Tavares Esperança



MEMÓRIA DA TRADUÇÃO

A Pequena Pastora (fac-símile)
Little Herder | Na'iiikaadí Yázhí . . . 474

texto de Ann Clark

ilustrações de Hoke Denetsosie

tradução de Scott Ritter Hadley

O pássaro reanimador El bicho vivificador			
Feichi ünëm moñeltuchefe	.	.	219
<i>texto de Pascual Coña</i>			
<i>tradução de Alexis Mariel Vidal Cabezas</i>			
Berck, a cidade dos malditos e outros contos			
Berck, oraşul damnaţilor şi alte poveşti	.	.	252
<i>texto de Max Blecher</i>			
<i>tradução de Fernando Klabin</i>			
As gaivotas Οι γλάροι	.	.	277
<i>texto de Ilias Venézis</i>			
<i>tradução de Théo de Borba Moosburger</i>			
Um Relatório para uma Academia			
Ein Bericht für eine Akademie	.	.	294
<i>texto de Franz Kafka</i>			
<i>tradução de Viviane de Santana Paulo</i>			
Belos The Beautiful People	.	.	313
<i>texto de Charles Beaumont</i>			
<i>tradução de Ana Resende</i>			
No final do corredor			
At the End of the Passage	.	.	351
<i>texto de Rudyard Kipling</i>			
<i>tradução de Denise Bottmann</i>			
Cravina Clavellina	.	.	392
<i>texto de Cristóbal de Castro Gutiérrez</i>			
<i>tradução de Andréa Cesco e Elys Regina Zils</i>			
Utopias reais ou lugares e outros lugares			
Utopies reelles ou lieux et autres lieux	.	.	404
<i>texto de Michel Foucault</i>			
<i>tradução de Carolina Dittrich</i>			
O Império Jesuítico El Imperio Jesuítico	.	.	428
<i>texto de Leopoldo Lugones</i>			
<i>tradução de Marlova Aseff</i>			

Os pobres tradutores bons				
Los pobres traductores buenos	.	.	.	453
<i>texto de Gabriel García Márquez</i>				
<i>tradução de Miguel Sulis e Gleiton Lentz</i>				

Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto				
Tradurre è il vero modo di leggere un testo	.	.	.	462
<i>texto de Italo Calvino</i>				
<i>tradução de Davi Pessoa Carneiro</i>				



QUADRINHOS

Langor Languidez	.	.	.	540
<i>texto de Alfonsina Storni</i>				
<i>quadrinhos de Aline Daka</i>				
<i>tradução de Gleiton Lentz</i>				

INDEX	549
--------------	---	---	---	---	---	-----

(n.t.)



poesia
(n.t.) | Corippo



SENTIMENTOS DE PRIMAVERA

YU XUANJI

O TEXTO: A Dinastia Tang (618-915) é considerada o auge da cultura clássica chinesa. Foram cerca 300 anos de uma sociedade caracterizada por uma vida urbana intelectual e esteticamente sofisticada. A popular antologia *Poemas completos da Dinastia Tang*, compilada no século XVII (Dinastia Qing), por ordem imperial, contém cerca de 50 mil poemas, escritos por 2.200 autores, dentre os quais estão 190 mulheres, e dentre estas, Yu Xuanji. Ainda em vida, seus poemas foram publicados em uma coleção chamada *Fragments de uma Terra de Sonhos no Norte*, a qual se perdera. Os 44 poemas que sobreviveram até os dias atuais foram recompilados durante a Dinastia Song (960-1279).

Edição de referência: *Poesia completa de Yu Xuanji*. Trad. de Ricardo Primo Portugal e Tan Xiao. São Paulo: UNESP, 2011.

Agradecimentos: aos tradutores, pela liberação dos textos, originalmente publicados no Portal Cronópios, em janeiro de 2011.

A AUTORA: Yu Xuanji (c. 844-869 ou 871), monja taoista e cortesã, é uma das mais célebres poetas da China. De grande beleza, culta e dotada de uma inteligência vivaz, desde criança fora reconhecida por seu talento poético precoce. Aos 12 anos foi tomada como discípula pelo poeta Wen Tingyun, da Dinastia Tang. Sua lírica reflete um estilo praticado no período, isto é, poemas que desenvolvem o imaginário e o ambiente mitológico celestial e de elevação pela meditação em meio à natureza, com base na religião taoista. Morreu precocemente, entre 26 e 28 anos de idade, executada por assassinato, em um caso polêmico. Dela restou não só uma obra notável, mas também a lenda de uma mulher rebelde e de vida livre para os padrões de sua sociedade e crítica da condição feminina. Por sua história de vida, acabou sendo assimilada à literatura como personagem em obras de autores chineses e estrangeiros, de romances a contos, do teatro ao cinema.

OS TRADUTORES: Ricardo Primo Portugal é escritor e diplomata, graduado em Letras pela UFRGS. É autor de *Indian Village e outros poemas* (2013); *Dois outonos – haicais* (2012); *Zero a sem – haicais* (2011); *DePassagens* (2004), dentre outros. Coorganizador da Antologia poética de Mário Quintana (2007); co-tradutor e organizador da *Poesia completa de Yu Xuanji* (2011, finalista 540 Prêmio Jabuti) e da *Antologia da poesia clássica chinesa – Dinastia Tang* (2013), em parceria com Tan Xiao, ganhadora do 560 Prêmio Jabuti, 2º lugar.

Tan Xiao é professora de chinês da Universidade Católica do Equador. Graduada em Letras pela Universidade Zhong Nan, Changsha, Hunan, República Popular da China. Estudou português na UnB. Foi intérprete e tradutora português-chinês da Embaixada do Brasil em Pequim. Mestre em linguística pela Universidade de Línguas Estrangeiras de Guangdong.

Para a (n.t.) já traduziram *Poemas Celestiais*, seleção com Li Bai, Wang Wei e Yu Xuanji.

春天的感觉。

别君何物堪持赠，
泪落晴光一首诗。

魚玄機

【冬夜寄温飞卿】

苦思搜诗灯下吟，
不眠长夜怕寒衾。
满庭木叶愁风起，
透幌纱窗惜月沈。
疏散未闲终遂愿，
盛衰空见本来心。
幽栖莫定梧桐处，
暮雀啾啾空绕林。

【和新及第悼亡诗二首】

(一)

仙籍人间不久留，
片时已过十经秋。
鸳鸯帐下香犹暖，
鹦鹉笼中语未休。
朝露缀花如脸恨，
晚风欹柳似眉愁。
彩云一去无消息，
潘岳多情欲白头。

(二)

一枝月桂和烟秀，
万树江桃带雨红。
且醉尊前休怅望，
古来悲乐与今同。

【题任处士创资福寺】

幽人创奇境，
游客驻行程。
粉壁空留字，
莲宫未有名。
凿池泉自出，
开径草重生。
百尺金轮阁，
当川豁眼明。

【春情寄子安】

山路欹斜石磴危，
不愁行苦苦相思。
冰销远涧怜清韵，
雪远寒峰想玉姿。
莫听凡歌春病酒，
休招闲客夜贪棋。
如松匪石盟长在，
比翼连襟会肯迟。
虽恨独行冬尽日，
终期相见月圆时。
别君何物堪持赠，
泪落晴光一首诗。

【暮春即事】

深巷穷门少侣俦，
阮郎唯有梦中留。
香飘罗绮谁家席，
风送歌声何处楼。
街近鼓鞺喧晓睡，
庭闲鹊语乱春愁。
安能追逐人间事，
万里身同不系舟。

【代人悼亡】

曾睹夭桃想玉姿，
带风杨柳认蛾眉。
珠归龙窟知谁见，
镜在鸾台话向谁。
从此梦悲烟雨夜，
不堪吟苦寂寥时。
西山日落东山月，
恨想无因有了期。

【和人次韵】

喧喧朱紫杂人寰，
独自清吟日色间。
何事玉郎搜藻思，
忽将琼韵扣柴关。
白花发咏惭称谢，
僻巷深居谬学颜。
不用多情欲相见，
松萝高处是前山。

SENTIMENTOS DE PRIMAVERA

*“Parto, e tudo o que tenho a te dar são despojos:
este poema, lágrimas, luz em viés.”*

YU XUANJI

PARA FEIQING EM UMA NOITE DE INVERNO

Baixa poema invoco-te à luz da lanterna
à noite insone renego o frio das cobertas
Folhas ocupam o pátio como ao vento a dor
Entre as cortinas em gaze a lua declina
Triste a seguir a estrada uma estranha até o fim
em florescer e murchar conhece-se a flor
mesmo desconhecido seu pouso entre os plátanos
Encerra a tarde um arco os pardais em alarde

A PARTIR DE POEMA DE UM RECÉM-APROVADO CANDIDATO AO SERVIÇO PÚBLICO, EM LUTO PELA MORTE DE SUA MULHER

I

Aos imortais perdem-se as coisas deste mundo
Outonos passam como apenas um momento
Fica às cobertas o calor do amor recente
Do papagaio à jaula o eco ainda circunda
O orvalho cobre as flores, rostos que se velam
O vento verga em sobrancelhas os chorões
Nuvens dissipam-se entre cores, tornam à sombra
Pan Yue lamenta e seu cabelo acolhe a neve¹

II

Da cássia, um galho ergue-se à lua, encontra a névoa
Vermelho à chuva: ao rio, mil pessegueiros brotam
À frente, ofertam vinho; aceita, enche teu copo:
são alegria e dor unidas pelos séculos

¹ Pan Yue (247-300) foi um poeta da Dinastia Jin (265-316, Jin do Oeste) famoso por sua beleza e pela poesia de luto e melancolia. Seus “Três Poemas para Minha Esposa Morta” são particularmente aclamados. Sobre ele se diz que, quando da morte da esposa, seu cabelo tornou-se branco da noite para o dia. Sua história pessoal é associada em textos chineses ao amor inconsolável diante da morte e entregue a um luto infundável – em Yu Xuanji, há um sentido de entrada na imortalidade pelo luto, que projetaria o amor para além “desta” vida. (n.t.)

O TEMPLO ZIFU, FUNDADO PELO EREMITA REN

Ergueu o templo um homem solitário
e hoje é descanso a viajantes – pouso –
Deixam seus nomes vãos à porta, ao lótus
deitam-se escritos nas paredes brancas
As águas correm para o velho tanque
A relva próxima ao caminho brota
Cem pés é alto o pavilhão de ouro
e em frente ao rio, todo brilho, claro

SENTIMENTOS DE PRIMAVERA – ENVIADO A ZI'AN

Íngreme a estrada; à montanha, crispam-se escarpas
Áspera a via; sem ti, mais árduo é o caminho,
Vejo o degelo, chega-me o som de tuas rimas,
Longe: à neve dos picos, tua imagem de jade

Vinho ordinário, pobres canções não te apremem
Nem, com fúteis parceiros, pernoites ao jogo
Forjado em pinus, não pedra, dure este voto:
aves, voaremos em par; o encontro se apresse

Mesmo se ao pleno inverno este dia atravesso,
torno à mais cheia lua, de novo me envolvas
Parto, e tudo o que tenho a te dar são despojos:
este poema, lágrimas, luz em viés

IMPROVISO DO FINAL DA PRIMAVERA

Bem poucos cruzam a aleia, vêm até a porta
Há este homem, vejo-o apenas em sonhos

Chega um perfume em sedas, senta ao banquete;
entram também canções, ondulando ao vento

Perto, à manhã, tambores assaltam o sono
É primavera e as aves cantam em abandono

Como esperar no mundo um certo lugar
sobre a distância, atar o barco a algum cais?

COMPARTILHANDO UM LUTO

Lembro a elegância como um jade, a pele em pêssego
salgueiros tímidos ao vento, as sobrancelhas
Encerra a gruta do dragão aquela pérola
À base em fênix, só, na alcova resta o espelho
a repetir o sonho à noite, em chuva e névoa
não mais que a dor insuportável, sem parêlo
A leste e oeste, agudas, fecham-se montanhas
ao sol, à lua: nunca mais uma esperança

RESPOSTA A UM POEMA

A instável, viva multidão vermelho-púrpura
e ao sol, serena solidão: o meu poema
Nenhum desejo – a breve fama, o amor urgente
Da fortaleza nasce um canto, ao mais profundo
Agradecida, à simples, clara flor inclino-me
Viver reclusa e só, entregue a esta procura
é todo encontro superar em amor mais puro
como elevar-se entre montanhas basta ao pinus

O HOMEM E A CENTOPEIA

ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA



O TEXTO: A presente coletânea provém do volume *Budowałam barykadę* (*Construindo uma barricada*), publicado por Świrszczyńska trinta anos após o levante de Varsóvia. Naquela desesperada tentativa dos poloneses de liberar a capital, que teve lugar entre 1 de agosto e 3 de outubro de 1944, milhares de pessoas morreram, dentre as quais muitos civis e jovens, sendo parte da cidade sido destruída. A poeta participou do levante como enfermeira e os poemas escolhidos remetem justamente a essa experiência. Sua tonalidade autobiográfica permite frisar, sobretudo, a dimensão cotidiana da vida e da luta na capital. A brevidade dos textos, sua elaborada simplicidade, a presença de diferentes formas do discurso e o uso preciso da repetição participam da construção de cenas mínimas do humano.

Texto traduzido: Świrszczyńska, Anna. *Budowałam barykadę*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1979.

A AUTORA: Poeta polonesa, Anna Świrszczyńska (1909-1984) começou a publicar em 1930. Estudou Literatura Polonesa na Universidade de Varsóvia, e muitos de seus trabalhos, como contos e edições de revistas, são voltados a leitores jovens. Seus livros revolucionários surgiram tarde, entre os quais, *Czarne słowa* (*Palavras negras*, 1967), *Wiatr* (*Vento*, 1970) e o volume de 1972, intitulado *Jestem baba* (*Sou mulher*). Sua poética transforma-se, então, em uma proposta especificamente feminista que, lançando mão de um ponto de vista feminino e de um estilo lapidário, põe em cena o corpo, inclusive em dimensões fisiológicas, como, por exemplo, na experiência do parto.

A TRADUTORA: Olga Kempińska possui graduação e mestrado em Filologia Românica pela Uniwersytet Jagielloński de Cracóvia e doutorou-se em História Social da Cultura pela PUC-Rio. Atualmente é professora de Teoria da Literatura no Departamento de Ciências da Linguagem da UFF. Sua experiência como tradutora, que envolve prosa, poesia e ensaios, começou em 2000, com a tradução de trechos de livros premiados na Edição Polonesa do Prêmio Goncourt. Para a (n.t.) já traduziu poemas de Maria Pawlikowska-Jasnorzewska e de Kazimiera Iłakowiczówna.

CZŁOWIEK I STONOGA

*"Wszyscy umrą, a ja
przeżyję."*

ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA

CZŁOWIEK I STONOGA

Ja przeżyję.

Znajdę taką najgłębszą piwnicę,
zamknę się, nie wpuszczę nikogo,
wygrzebię w ziemi jamę,
zębami wygryzę cegły,
schowam się w murze, wejść w mur
jak stonoga.

Wszyscy umrą, a ja
przeżyję.

PALI SIĘ

Pałą się domy po lewej
pałą się domy po prawej.
Cała ulica
w ogniu.

Przez krzyczące płomienie
biegną krzycząc ludzie.
Przybiegli.
Jeden pozostał.

MYŚLELI, ŻE UMARŁAM

Myśleli, że to ja upadłam
na rogu ulicy pod kulami.
Płakali.

Pobiegłam do tej, co upadła,
chciałam ją zabrać,
ale już odeszła.

Zostało ciało
trochę podobne do mojego,
które już się nie bało kul.

KRADNIE FUTRA

Pocisk rozrywa drzwi
sklepu z futrami.

Człowiek wskakuje do środka,
chwyta naręczę futer,
biegnie dźwigając do bramy.

W bramie drugi pocisk
rozrywa człowieka.

SĄSIADKA POWIEDZIAŁA DO SĄSIADA

Sąsiadka powiedziała do sąsiada:

– Odkąd męża zabiło, nie sypiam,
jak strzelają, ja koc na głowę,
całą noc się trzęsę pod tym kocem.
Ja zwariuję, jak będę dzisiaj sama,
mam po mężu papierosy, proszę pana,
pan zajdzie wieczór.

PAN BÓG JĄ OCALIŁ

Kobieta konała w bramie na sienniku,
w sienniku były dolary.
Druga kobieta siedziała przy niej,
czekała, aż skona.

Potem biegła z dolarami przez ulice,
padały bomby.
Modliła się: ocal mnie, Panie Boże.

I Pan Bóg ją ocalił.

PO PIJANEMU

Po pijanemu
właził na barykadę pod ostrzałem.
Szedł, zataczał się,
krzyczał: Jeszcze Polska.

Trafili go
w połowie drogi.
Czterech klnąc czołgało się na brzuchu,
wlekli ciało
pod ostrzałem.

Powiedzieli matce:
zginął jak bohater.

HARCERKA

Kiedy umierała w szpitalu
powiedziała koleżankom że się wstydzi
że jest wojna że ona jest żołnierzem
więc się bardzo wstydzi ale prosi
ona nigdy nie była na zabawie
żeby ją ubrały po śmierci w tę sukienkę
z koronką.

Gdy umarła ubrały ją w sukienkę
i stanęły we cztery na baczność
przy jej łóżku i stały godzinę.

CZEKAM TRZYDZIEŚCI LAT

Miał chyba dwa metry ten młody dragal,
ten wesoły robotnik z Powiśla,
co bił się
w piekle na Zielnej, w gmachu telefonów.
Gdy przewijałam mu
poszarpaną nogę
krzywił się, śmiał się.

– Jak się skończy wojna,
pójdziem potańczyć, panienko.
Ja stawiam.

Czekam na niego
trzydzieści lat.

DWA ZIEMNIAKI

Niosłam dwa ziemniaki
podeszła kobieta.

Chciała kupić dwa ziemniaki
miała dzieci.

Nie dałam jej dwu ziemniaków
schowałam dwa ziemniaki.

Miałam matkę.

JEJ ŚMIERĆ MA SZESNAŚCIE LAT

Konając we krwi na bruku
skąd ma wiedzieć, że kona.
Jest tak szczelnie wypełniona młodością,
że nawet jej konanie jest młode.
Nie umie umierać. Umiera przecież
pierwszy raz.

E O HOMEM E A CENTOPEIA

*“Todo mundo vai morrer e eu
vou sobreviver.”*

ANNA ŚWIRSZCZYŃSKA

O HOMEM E A CENTOPEIA

Eu vou sobreviver.

Vou achar o mais profundo porão,
fechar a porta, não deixar ninguém entrar,
vou cavar um buraco na terra,
roer os tijolos com os dentes,
esconder-me na parede, dentro da parede
como uma centopeia.

Todo mundo vai morrer e eu
vou sobreviver.

FOGO

Queimam casas à esquerda,
queimam casas à direita.
A rua toda
em fogo.

Pelas gritantes chamas
correm gritando pessoas.
Chegaram.
Uma ficou.

ACHARAM QUE FUI EU

Acharam que fui eu quem caíu
na esquina sob as balas.
Choraram.

Corri para aquela que caíu,
quis levá-la,
mas já tinha morrido.

Ficou um corpo
um pouco como o meu,
que já não temia as balas.

ROUBANDO CASACOS DE PELE

Uma bala destroça a porta
da loja de casacos de pele.

Um homem pula para dentro,
pega um monte de peles,
corre levando-as para a saída.

Na saída uma segunda bala
destroça o homem.

UMA VIZINHA DISSE AO VIZINHO

Uma vizinha disse ao vizinho:

– Desde que mataram meu marido não durmo,
quando começam os tiros, a coberta na cabeça,
tremo a noite toda embaixo dessa coberta.

Vou ficar louca se estiver hoje sozinha,
sabe, tenho uns cigarros do meu marido,
venha à noite.

DEUS A SALVOU

Uma mulher agonizava na entrada, num colchão,
no colchão havia dólares.

Uma outra mulher ficava ao lado,
esperando sua morte.

Depois correu com os dólares pelas ruas,
caíam bombas.

Rezava: salve-me Deus.

E Deus a salvou.

BÊBADO

Bêbado
subiu uma barricada sob as balas.
Avançou, cambaleou,
gritou: “A Polônia ainda”.

Levou um tiro
a meio-caminho.
Quatro homens praguejando rastejaram,
arrastaram o corpo
sob as balas.

Disseram à mãe:
morreu como um herói.

A ESCOTEIRA

Quando estava morrendo no hospital
disse às amigas que sentia vergonha
afinal havia guerra e ela era soldado
então sentia mesmo vergonha mas por favor
ela ainda nunca esteve numa festa
que depois da morte lhe botassem aquele vestido
com rendas.

Quando morreu botaram-lhe o vestido
e ficaram as quatro em silêncio
junto à sua cama durante uma hora.

ESTOU ESPERANDO HÁ TRINTA ANOS

Devia de ter uns dois metros de altura aquele rapaz
aquele operário brincalhão de Powisle,
que lutou
no inferno da rua Zielna, no prédio das telecomunicações.
Quando trocava o curativo
na sua perna rasgada
ele fazia caretas, ria.

– Quando a guerra acabar
a gente vai dançar, senhorita.
Eu a convido.

Estou esperando por ele
há trinta anos.

DUAS BATATAS

Eu estava levando duas batatas
aproximou-se uma mulher.

Queria comprar duas batatas
tinha dois filhos.

Não lhe dei duas batatas
escondi duas batatas.

Eu tinha mãe.

SUA MORTE TEM DEZESSEIS ANOS

Ao morrer numa poça de sangue na calçada
como vai saber que está morrendo?
Está cheia de juventude tão completamente
que até sua agonia é jovem.
Não sabe morrer. É que está morrendo
pela primeira vez.

Um dia tudo isso ficará em ruínas!

SEJAMOS COMO O SOL

KONSTANTIN BALMONT



O TEXTO: Seleção de poemas a partir dos livros *Будем как солнце* (*Sejamos como o sol*), considerada a principal obra de Konstantin Balmont, e *Полное собрание стихов* (*Seleção completa de poemas*). Muitos dos poemas chegaram a ser considerados “obscuros” e “apocalípticos”, enquanto outros, censurados e reescritos para publicação. A principal característica dos versos é a riqueza de aliterações, a flexibilidade rítmica e a musicalidade.

Textos traduzidos: Балмонт, Константин Дмитриевич. *Будем как солнце*. Москва. Скорпион, 1903. Балмонт, Константин Дмитриевич. *Полное собрание стихов. Том четвёртыйю*. Москва. Скорпион, 1903.

O AUTOR: Konstantin Dmitrievitch Balmont (1867-1942) foi um poeta e tradutor russo, descendente de uma família de nobres de origem escocesa. Seu nome se destaca como um dos mais importantes do Século de Prata da poesia russa, sendo ele considerado o fundador do Simbolismo no país. Começou a escrever ao final dos anos 1890, sendo reconhecido por volta de 1903, após publicar inúmeros livros de poesia. Foi colaborador do jornal *Vida Nova*, ao lado de Máximo Gorki. Traduziu para o russo Poe, Verlaine, Baudelaire, Heine, Musset, Wilde, Calderón de la Barca, Tirso de Molina, entre outros. Em 1920 se estabeleceu na França, escrevendo para jornais e revistas. Viveu exilado nos últimos anos de sua vida e em extrema pobreza, morrendo em Noisy-le-Grad, subúrbio de Paris.

A TRADUTORA: Verônica Filippovna é doutoranda em Ciência da Literatura e mestre em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do conselho editorial da *Revista Tempo Brasileiro*. Para a (n.t.) já traduziu Marina Tsvetáeva e Ossip Mandelstam.

БУДЕМ КАК СОЛНЦЕ

*“Я в этот мир пришёл, чтоб видеть Солнце
И синий кругозор.”*

КОНСТАНТИН БАЛЬМОНТ

*

Я в этот мир пришёл, чтоб видеть Солнце
И синий кругозор.

Я в этот мир пришёл, чтоб видеть Солнце,
И выси гор.

Я в этот мир пришёл, чтоб видеть море,
И пышный цвет долин.

Я заключил миры в едином взоре.
Я властелин.

Я победил холодное забвенье,
Создав мечту мою.

Я каждый миг исполнен откровенья,
Всегда пою.

Мою мечту страданья пробудили,
Но я любим за то.

Кто равен мне в моей певучей силе?
Никто, никто.

Я в этот мир пришёл, чтоб видеть Солнце,
А если день погас,

Я буду петь... Я буду петь о Солнце
В предсмертный час!

✧

Будем как Солнце! Забудем о том,
Кто нас ведет по пути золотому,
Будем лишь помнить, что вечно к иному,
К новому, к сильному, к доброму, к злomu,
Ярко стремимся мы в сие золотом.
Будем молиться всегда неземному,
В нашем хотеньи земном!
Будем, как Солнце всегда молодое,
Нежно ласкать огневые цветы,
Воздух прозрачный и все золотое.
Счастлив ты? Будь же счастливее вдвое,
Будь воплощеньем внезапной мечты!
Только не медлить в недвижимом покое,
Дальше, еще, до заветной черты,
Дальше, нас манит число роковое
В Вечность, где новые вспыхнут цветы.
Будем как Солнце, оно – молодое.
В этом завет красоты!

НОВОЛУНИЕ

Серп Луны молодой,
Вместе с пышной звездой,
В голубой вышине,
Ярко видится мне.

Серп Луны молодой,
Над застывшей водой,
На уснувшей волне,
Станным кажется мне.

Серп Луны молодой,
С лучезарной звездой,
В голубой тишине,
Сказкой чудится мне.

*

Я – изысканность русской медлительной речи,
Передо мною другие поэты – предтечи,
Я впервые открыл в этой речи уклоны,
Перепевные, гневные, нежные звоны.

Я – внезапный излом,
Я – играющий гром,
Я – прозрачный ручей,
Я – для всех и ничей.

Переплеск многопенный, разорванно-слитный,
Самоцветные камни земли самобытной,
Переключки лесные зеленого мая,
Все пойму, все возьму, у других отнимая.

Вечно-юный, как сон,
Сильный тем, что влюблен
И в себя и в других,
Я – изысканный стих.

ГАРМОНИЯ СЛОВ

Почему в языке отошедших людей
Были громы певучих страстей?
И намёки на звон всех времен и пиров,
И гармония красочных слов?

Почему в языке современных людей
Стук сыпаемых в яму костей?
Подражательность слов, точно эхо молвы,
Точно ропот болотной травы?

Потому что когда, молода и горда,
Между скал возникала вода,
Не боялась она прорываться вперед,
Если станешь пред ней, так убьёт.

И убьёт, и зальёт, и прозрачно бежит,
Только волей своей дорожит.
Так рождается звон для грядущих времен,
Для теперешних бледных племен.

ОСЕНЬ

Поспевает брусника,
Стали дни холоднее.
И от птичьего крика
В сердце только грустнее.

Стаи птиц улетают
Прочь, за синее море.
Все деревья блистают
В разноцветном уборе.

Солнце реже смеется,
Нет в цветках благовонья.
Скоро осень проснется
И заплачет спросонья.

БЕЛЫЙ ЦВЕТОК

В твои глаза взглянувши, я понял в тот же миг,
Что ты цветок воздушный и сладостный родник.

В твоей душе так много прозрачных светлых вод,
И над водой зеркальной цветок-мечта живёт.

Весь белый, белый, он лишь в себя влюблен.
Его восторг воздушный ни с кем не разделен.

Но я люблю воздушность и белые цветы.
Прекрасная! Запомни, что мне желанна ты!

ТЫ ЗДЕСЬ

Ты здесь, со мною, так близко-близко.
Я полон счастья. В душе гроза.
Ты цепенеешь — как одалиска,
Полузакрывши свои глаза.

Кого ты любишь? Чего ты хочешь?
Теперь томишься? Иль с давних пор?
О чем поешь ты, о чем пророчишь,
О, затененный, но яркий взор?

Мое блаженство, побудь со мною,
Я весь желанье, я весь гроза
Я весь исполнен тобой одною
Открой мне счастье! Закрой глаза!

СЕРЕНАДА

Я сомкнул глаза усталые,
Мира больше нет.
Плачьте, плачьте, запоздалые,
Светит вам лишь поздний свет.
Дышат сумерки неясные,
Смотрят звезды с высоты.
Плачьте, страстные, подвластные
Тайнам темноты.

Я закрыл глаза усталые,
Стройный мир погас.
Кровь слагает сказки алые,
И обманывает нас.
Дышат шелесты неясные,
Дымно спит речная гладь.
Плачьте, страстные, безгласные,
Вам недолго спать.

ЛУННЫЙ СВЕТ

Когда луна сверкнёт во мгле ночной
Своим серпом, блистательным и нежным,
Моя душа стремится в мир иной,
Плениаясь всем далеким, всем безбрежным.

К лесам, к горам, к вершинам белоснежным
Я мчусь в мечтах; как будто дух больной,
Я бодрствую над миром безмятежным,
И сладко плачу, и дышу – луной.

Впиваю это бледное сиянье,
Как эльф, качаюсь в сетке из лучей,
Я слушаю, как говорит молчанье.

Людей родных мне далеко страданье,
Чужда мне вся земля с борьбой своей,
Я – облачко, я – ветерка дыханье.

✧

О, Сафо, знаешь только ты
Необъяснимость откровенья
Непобежденной красоты
В лучах бессмертного мгновенья!

О, Сафо, знаешь только ты, –
Чье имя – сладость аромата, –
Неизреченные мечты,
Для нас блеснувшие когда-то!

О, Сафо, знаешь только ты,
Как ярко ширятся, без счета,
Непостижимые цветы
Из зачарованного грота!

✧

Жизнь проходит, – вечен сон.
Хорошо мне, – я влюблен.

Жизнь проходит, – сказка – нет.
Хорошо мне, – я поэт.

Душен мир, – в душе свежо.
Хорошо мне, хорошо.

✧

Вечер. Взморье. Вздохи ветра.
Величавый возглас волн.
Близко буря. В берег бьется
Чуждый чарам черный челн.

Чуждый чистым чарам счастья,
Челн томленья, челн тревог,
Бросил берег, бьется с бурей,
Ищет светлых снов чертог.

Мчится взморьем, мчится морем,
Отдаваясь воле волн.
Месяц матовый взирает,
Месяц горькой грусти полн.

Умер вечер. Ночь чернеет.
Ропщет море. Мрак растет.
Челн томленья тьмой охвачен.
Буря воет в бездне вод.

*

Бог создал мир из ничего.
Учись, художник, у него, –
И если твой талант круплица,
Соделай с нею чудеса,
Взрасти безмерные леса
И сам, как сказочная птица,
Умчись высоко в небеса,
Где светит вольная зарница,
Где вечный облачный прибой
Бежит по бездне голубой.

*

Я больше ее не люблю,
А сердце умрет без любви.
Я больше ее не люблю,
И жизнь мою смертью зови.

Я буря, я пропасть, я ночь,
Кого обнимаю, гублю.
О, счастье вольности! – Прочь!
Я больше тебя не люблю!

*

Я не знаю, что такое – презрение,
Презирать никого не могу.
У самого слабого были минуты рокового горения,
И с тайным восторгом смотрю я в лицо – врагу.

Я не знаю, как можно быть гордым
Пред другим. Я горд – пред собой.
О, струны мои, прозвените небывалым аккордом,
Чтоб враг мой был, как я, во мгле голубой!

*

Лесной ручей поёт, не зная почему,
Но он светло журчит и нарушает тьму.
А в трепете лучей поёт еще звончей,
Как будто говоря, что он ничей, ничей.

Так ты всегда светла, не зная почему,
И быть такой должна, наперекор всему.
Твоя душа – напев звящего ручья,
Который говорит, что ты ничья, ничья.

*

Я не знаю мудрости, годной для других,
Только мимолетности я влагаю в стих.
В каждой мимолетности вижу я миры,
Полные изменчивой радужной игры.

Не кляните, мудрые. Что вам до меня?
Я ведь только облачко, полное огня.
Я ведь только облачко. Видите: плыву.
И зову мечтателей... Вас я не зову!

SEJAMOS COMO O SOL

*“Eu vim a este mundo para ver o Sol
E o horizonte azul.”*

KONSTANTIN BALMONT

*

Eu vim a este mundo para ver o Sol
E o horizonte azul.
Eu vim a este mundo para ver o Sol,
E as altas montanhas.

Eu vim a este mundo para ver o mar,
O florescer dos vales.
Eu fiz este mundo num só olhar.
Sou mestre.

Eu venci o frio esquecimento,
Criei meu sonho.
A cada momento de revelação
Sempre canto.

Meu sonho despertou o sofrimento,
Mas sou amado por isso.
Quem está no poder de minha canção?
Ninguém, ninguém.

Eu vim a este mundo para ver o Sol,
Mas se o dia escurecer,

Eu cantarei... Eu cantarei ao Sol
No último instante!

*

Sejamos como o Sol! Esqueçamos
Quem nos guia pelo áureo caminho,
Basta lembrar que, para o outro,
O novo, o forte, o bom, o mau,
Vamos iluminados no sonho dourado.
Rezemos sempre ao sobrenatural
Em nossos desejos terrenos!
Sejamos como o Sol sempre jovem,
Com ternura acariciemos as flores de fogo,
O ar límpido e tudo o que é de ouro.
És feliz? Sê feliz duas vezes mais,
Sê a reencarnação de um sonho súbito!
Só não fiques na tranquilidade imóvel,
Além, na Eternidade onde ardem flores novas.
Além, antes do horizonte secreto,
O tempo fatal nos acena
Sejamos como o Sol – jovem.
Neste pacto com a beleza!

LUA NOVA

Jovem Lua crescente,
Junto à estrela reluzente,
No alto céu azul,
Com ardor olha-me.

Jovem Lua crescente,
Sobre a água congelada,
Na onda adormecida,
Parece-me estranha.

Jovem Lua crescente,
Junto à estrela brilhante,
No silêncio azul,
Surge com fantasias.

*

Sou – sofisticação da linguagem russa,
Antes de mim, poetas – precursores,
Fui o primeiro a desviar estas palavras,
Com outros toques, cólera, sons suaves.

Sou – súbita ruptura,
Sou – trovão brincalhão,
Sou – riacho claro,
Sou – de todos e ninguém.

O respingo espumoso, rasgado-unido,
As pedras semipreciosas de uma terra originária,
Os chamados da floresta de um verde maio,
Tudo agarrarei, tudo tomarei, privando outros.

Sempre-jovem, como um sonho,
Mais forte, que o amor.
E em mim e nos outros,
Sou – verso sofisticado.

HARMONIA DE PALAVRAS

Por que na linguagem dos que já partiram
Trovejavam melodiosas paixões?
E o eco de todos os tempos e festas,
E a harmonia de palavras coloridas?

Por que na linguagem dos contemporâneos
O baque é guardado no covil de ossos?
A imitação das palavras, como um ruído soa,
Como o cicio da relva nos pântanos?

Porque, quando jovem e altiva,
Entre as rochas surgiu,
Destemida, a água quebra adiante,
O que encontra mata,

Mata e inunda e límpida executa.
Só a vontade dos teus valores.
Assim nasce o tinido de tempos vindouros,
Para as pálidas gerações de agora.

OUTONO

Amadurece o mirtilo,
Os dias tornam-se mais frios.
É o grito dos pássaros
É mais triste no coração.

O bando de pássaros voa
Longe, além do mar azul.
As árvores brilham
Na sua roupa colorida.

O sol pouco sorri,
As flores não perfumam.
Logo o outono despertará
E irá chorar sonhos.

FLOR BRANCA

Passeando nos teus olhos eu percebi, naquele instante,
Que tu és uma flor etérea e doce.

Na tua alma as águas são transparentes e brilhantes,
E sobre o espelho d'água uma flor-sonho vive.

Tudo é branco, branco, apenas amor.
Teu êxtase é sozinho.

Mas eu amo a leveza e o branco da flor.
Bela! Lembra-te que tu és meu desejo!

TU ESTÁS AQUI

Tu estás aqui comigo tão perto-perto.
Sou felicidade. Na alma tempestiva.
Tu entorpeces – como uma odalisca,
Entrefechas os olhos.

Quem tu amas? O que queres?
Desejas agora? Ou por mais tempo?
O que tu cantas, o que profetizas,
Sobre a sombra dos olhos brilhantes?

Minha felicidade, fica comigo,
Sou desejo, sou tempestade,
Sou plenitude contigo
Abraça-me feliz! Fecha os olhos!

SERENATA

Eu fechei os olhos cansados,
 O mundo não é mais.
Chora, chora, delonga,
A vossa luz só tarde brilha.
Respira o vago crepúsculo,
Vê as estrelas do alto.
Chora, apaixonate, depende
 De mistérios obscuros.

Eu fechei os olhos cansados,
 O mundo apagou-se.
O sangue compõe fantasias,
E nos engana.
Respira cicios obscuros,
A margem do rio dorme
Chora, apaixonate, em silêncio,
 Há pouco dormimos!

LUZ DA LUA

Quando a lua reluzir nas trevas da noite,
Com sua foice, suave e brilhante,
Minha alma buscará outro mundo,
Fascinada pelo que é sem limite e distante.

Por bosques, montanhas, cumes de neve branca
Eu voo em sonhos; como um espírito doente,
Eu velo o mundo com tranquilidade,
E suavemente choro, e respiro – o luar.

Bebo este brilho pálido,
Como um duende, balanço em rede de raios,
Eu ouço como o silêncio diz.

Estou longe do sofrimento das pessoas,
A terra com suas batalhas me é estranha,
Sou – nuvem, sou – sopro de vento.

*

Ó, Safo, apenas tu sabes
Revelações misteriosas
O indecifrável da beleza
À luz de instantes imortais!

Ó, Safo, apenas tu sabes, –
Cujo nome – doce aroma, –
Sonhos inefáveis,
Para nós revelaste!

Ó Safo, apenas tu sabes,
Como a luz se espalha, quieta,
Iluminando as flores
Da gruta encantada!

*

A vida corre, – o sonho é eterno.
Agrada-me, – estou apaixonado.

A vida corre – não é – conto.
Agrada-me, – sou poeta.

Sorver o mundo – na alma fresca.
Agrada-me, agrada.

*

Noite. Litoral. Suspiro de vento.
Ondas majestosas exclamam.
A tempestade se aproxima. A canoa negra
Golpeia a orla como uma taça estranha.

Alheia aos encantos de felicidade,
A canoa da angústia, a canoa do desassossego,
Afasta-se da orla, contra a tempestade,
Em busca de um palácio de sonhos brilhantes.

Voa sobre a orla, voa sobre o mar,
Entregando-se à vontade das águas.
Uma lua baça aparece,
Uma lua cheia de amargura e tristeza.

A tarde está morta. A noite é mais negra.
O mar murmura. A melancolia cresce.
A canoa da angústia é engolida pela escuridão.
A tempestade uiva nas profundezas das águas.

*

Deus criou o mundo do nada.
Aprende, artista, com ele –
E se o teu talento é um grão,
Faz milagres com ele,
Cria florestas infinitas
E como um pássaro fantástico,
Voa alto no céu,
Onde resplandece um raio livre
Onde a eterna embriaguez das nuvens
Corre sobre o abismo azul.

*

Eu não a amo mais,
O coração morrerá sem amor.
Eu não a amo mais,
E minha vida chama a morte.

Sou tempestade, sou abismo, sou noite,
Quem abraço, destruo.
Ó, felicidade da liberdade! – Saia!
Eu não te amo mais!

*

Eu não sei o que é – desprezo,
Não se pode desprezar ninguém.
No minuto derradeiro fomos fracos,
E com prazer secreto eu olho no rosto – inimigo.

Eu não sei como ser orgulhoso,
Diante dos outros. Sou orgulho – diante dele.
Ó, minhas cordas, sem acordes inauditos soarão
Para meu inimigo, como sou, na névoa azul!

*

O córrego da floresta canta, sem saber por quê,
Ele murmura e cintilante perturba a escuridão.
Em trêmula luz canta o som,
Como se dissesse é ninguém, ninguém.

Tu estás sempre iluminado, sem saber por quê,
E deve ser assim, apesar de tudo.
Tua alma – melodia a escorrer no córrego,
Diz que tu és de ninguém, de ninguém.

*

Eu não conheço sabedoria válida para todos,
Só o efêmero eu coloco nos versos.
Em cada efemeridade vejo mundos,
Cheios de jogos inconstantes e coloridos.

Não amaldiçoa, sábio. O que és para mim?
Eu sou apenas nuvem, cheia de fogo.
Eu sou apenas nuvem. Vê: levito.
E chamo sonhadores... Eu não vos chamo!

A PRIMAVERA CAIU NESSES DIAS

YAŞAR KEMAL



O TEXTO: Os poucos poemas de Yaşar Kemal publicados datam de um pequeno volume lançado em 1939. Poemas esparsos, escritos nas décadas de 1940, 50 e 60, e especialmente em 1973, foram posteriormente organizados no volume *Bügünlerde Bahar İndi*, em 2010. A seguinte seleção apresenta poemas de ambas as coleções, além de esparsos.

Texto traduzido: Kemal, Yaşar. *Bügünlerde Bahar İndi*. YKY: İstanbul, 2010.

O AUTOR: Yaşar Kemal nasceu no pequeno vilarejo de Gökcedam, ao sul da Turquia e próximo da fronteira síria, em 1923. Reconhecido como um dos grandes romancistas turcos, em sua vasta produção destacam-se *İnce Memed*, publicado ao longo de quatro décadas, com o primeiro volume em 1955 e o último em 1987, e *Orta Direk*, de 1960. Foi preso várias vezes por seu ativismo político, especialmente por suas conexões com publicações marxistas, e por ser membro do Partido dos Trabalhadores do Curdistão, que lhe renderam a acusação de escrever “propaganda separatista”. Yaşar Kemal morreu em Istambul, em fevereiro de 2015.

O TRADUTOR: Leonardo da Fonseca cursou Letras Português e Espanhol na UniverCidade, Rio de Janeiro. É professor e tradutor de turco e espanhol. Para a (n.t.) já traduziu Nâzım Hikmet, Orhan Veli, Can Yücel e Yunus Emre.

Contato: leotradutor@hotmail.com

BÜGÜNLERDE BAHAR İNDİ

*“Anlayabilir misin hissettiklerimi
Bakabilir misin bayata benim gözlerimden.”*

YAŞAR KEMAL

SEN VE YOKLUĞUN

Saat gece oniki
Yine sensizlikle geçen bir gece
Yine gece galip sensizliğe
Kırıntı gibi küçük anlar yetmiyor
Sensizliğin boşluklarını doldurmaya
Ne gecelerin tadı kalıyor sensiz
Ne gündüzlerin çarpıcı coşkusu
Kalbimin bile hissizleştiğini farketmek
Her zaman kokan çiçeklerin kokusunu duymamak
Her zaman açan güllerin güzelliğini görmemek
Her zaman kalbi ısıtan sevgiyi hissetmemek
Delirtiyor, mahfediyor insanı..
Bana küçük hatıralardan başka birşey
Küçük neşeli anılar ve büyük hüznler bırakan sen
Bir gün bana gelmeye karar verirsen
Kalbimdeki sevgi bitmeden
Bahçemdeki son gül solmadan
Ellerim senin yerine boşluğu sarmadan
ve ecelim kapımda adımı sormadan gel
Bana geleceğini bilirim eğer
İnan ki bir ömür beklemeğe değer.

GEL BANA

Çöldeki bir vaha gibisin
Susuz kalanların suyu gibisin
Güneş gibi, hava gibisin
Sevgisizlik hastalığının ilacı gibisin
Her şeyin çoğu zarar demişler
Beni sensiz bırakanlardan davacıyım
Ne kadar gelmek istersen o kadar gel bana
Zararıma razıyım.

AŞK HAKKINDA

Aşkı hep arayan bulmaz
Bazen de aşk arar seni
Doğru davran sorun kalmaz
Bu konuda dinle beni

Birinci şartım gülümse
Güzelliği dışa vurur
Sonra daima önemse
Önemsenmek güzel olur

Güven vermelisin her an
Güvenilmek istiyorsan
Sevgi vermekten kaçınma
Sevgi bulmak istiyorsan

Sadakatli olmalısın
Bu her şeyden önemlidir
Sadakat tüm aşklar için
Hep en sağlam güvencedir

Kusurunu görür isen
Söylemeyi bilmelisin
Değişmiyor ise huyu
O haliyle sevmelisin

Kıskançlığa dikkat et hep
Dozu iyi olmalıdır
Fazla kaçarsa yıldırır
Ortasını bulmalıdır

Yalanlara başvurma hiç
Mutlaka ortaya çıkar
O an için kurtarsa da
İlerde canını sıkır

Susmayı da bilmelisin
Bazen çok zor olsa bile
Hatayı da görmelisin
Çok üzücü olsa bile

Dedikoduyla terketme
Böyle aşklar yalan olur
Kıskananlar varsa eğer
Ateşsiz de duman olur

Ayrılıkları uzatma
Seven kıymet bilecektir
İlk adımı sen at ona
Seviyorsa gelecektir

Çekemeyenlere bakma
Fikirler hep ayrı olur
Hiç bir aşkı sözle yıkma
Söz yarası ağır olur

Kalıcı aşklar güzeldir
Sevgini hiç uzak tutma
Aşklar kişiye özeldir
Sırrını kendine sakla

Bunlarla da olmuyorsa
Sanma daima böyle gider
Beklemeyi bilir isen
Zaman her şeyi halleder

ANLIYORUM DEME BANA

Anlayabilir misin hissettiklerimi
Bakabilir misin hayata benim gözlerimden
Sığdırabilir misin otuziki seneyi beş dakikaya
Çözebilir misin beynimin gizemini

Silebilir misin unutmak istediklerimi
Senin için yanlış olan değer yargılarımı
Değiştirebilir misin anlayacağın şekilde
Bir gülüşün kıymetini bilebilir misin

Sevgilimin dudaklarındaki
Ruhumda kopan fırtınaları
Canlandırabilir misin hayalinde
Yaşayabilir misin aynı acı ve üzüntülerimi

Delice düşlerimi sorgulayabilir misin içinde
Boşuna anlıyorum deme bana
İçiçe yaşadığım bunca seneye rağmen
Kendimi ben bile anlayamadım daha

UYANINCA SENİ GÖRMEK

Yorgun değildim inan gözlerimi kaparken
Senin hakkındaki tüm düşünceler çok özel
Uzakta ve ulaşılmaz sanırken seni her an
Yanımdasın. Uyanınca seni görmek ne güzel

Taştan bir kalple bile sevebilirsin inan
Duygularım sevgi değil, sevgiden daha özel
Gecelerin korkutmuyor, karanlıkla başlayan
Kabuslardan uyanınca seni görmek ne güzel

Uzak olma ne olur seni çok seviyorum
Aşkım tek senin için, sadece sana özel
Hayalin yetmez ama bunu hep söylüyorum
Hayallerden uyanınca seni görmek ne güzel

KORKUTMAZ

Hiç bir şey korkutmaz beni
Ne seller, depremler, ne fırtınalar
Ne karanlık, ne ölüm
Hiç biri dokunmaz bana
Sensizlikten başka..
Gözyaşların sellerden tehlikeli
Deprem gibi, vurucu, sessizliğin
Fırtınalar gibi, kinli, deniz gözlerin
Karanlık yokluğundaki yalnızlığımdır
Ölüm sensizliğim

SENİN İÇİN

Gülümse çiçekler gibi göster güzel yüzünü
Uzaklaştır çevremizden gam keder ve hüznü
Yanlışımı görür isen sakınma hiç sözünü
Aşk açıklık demektir açık ol her zaman bana

Güzellik herkeste olmaz kıymetini bilmeli
Ruh güzelliği de olmalı bunu daima görmeli
Bıktırmaya çalışmadan yeteri kadar sevmeli
Bazen hiç yoktan iyidir azıcık aşk inan bana

Yalanlarla dolsa dünya söyle güzel olurmuydu
Leyle yalancı olsaydı hiç Mecnunu bulurmuydu
Güven ve sevgi olmasa aşk aşk gibi kalırmıydı
Aşkta yalan olmaz derim sen her zaman güven bana

SENİ DÜŞÜNDÜĞÜM ANLAR

Gerçek yaşam seninle geçirdiğim anlardır
En mutsuz bitişlerim sensiz olan sonlardır
Seni düşünürken sevginin gücünü hissederim
Seninleyken azalır her zaman kederlerim
Sadece sensiz anlarda üşütür geceler beni
Sensizken hissederim güllerin dikenini
Yokluğunda sarar beni sensizliğin çemberi
Ruhumu esir eder, arttırır kederleri
Beni ağlatan sensiz gerçekleşen sonlardır
Benim için mutluluk senle olduğum anlardır

AĐLAMA

İlk bakışta anladım
Gülen bakışının sönüklüğünden
Belli ki gözlerin sevgisinden davacı
Üzüntünü içine atma
Bir dosta açılmaktır ilacı
Aşk nedir sanıyorsun
Bir karşılıklı duygular savaşı
Kazanamayacağını düşünüp zayıfım deme
Bazen en etkili silahındır gözyaşı
Ağla utanma..
Gözyaşında taşı.

İSTEDİĞİM

Rüzgar olmak istiyorum sana dokunmak için
Güneş olmak istiyorum seni ısıtmak için
Ateş olmak istiyorum kalbini yakmak için
Aynan olmak istiyorum hep sana bakmak için

Hüzün olmak istiyorum başka aşkların için
Yazın olmak istiyorum soğuk kışların için
Kalbin olmak istiyorum sevgini bulmak için
Aşkın olmak istiyorum hep senle olmak için

A PRIMAVERA CAIU NESSES DIAS

*“Podes entender meus sentimentos?
Podes olhar a vida com meus olhos?”*

YAŞAR KEMAL

TU E TUA AUSÊNCIA

Meia noite.
Mais uma noite que passa sem ti.
Novamente a noite vence tua falta.
Pequenos instantes como sobra, não bastam.
Pra que tua falta preencha o vazio.
O que me resta é o sabor das noites sem ti.
O notório entusiasmo das manhãs.
Perceber o meu coração anestesiado.
Não sentir sempre o cheiro das flores.
Não ver sempre o desabrochar da beleza das rosas.
Não sentir sempre o amor que aquece o coração.
Enlouquece, assusta o ser humano.
Algo que pra mim é diferente de pequenas lembranças.
És tu quem me dá pequenas alegrias e grandes tristezas.
Se algum dia tu decidires vir a mim.
Sem que o amor acabe no meu coração.
Sem que murche a última rosa em meu jardim.
Sem que minhas mãos abracem o vazio em vez de ti.
Vem sem que a morte chame no meu portão.
Se eu souber que tu virás a mim.
Acredito que vale esperar uma vida.

VEM ATÉ MIM

És como oásis que há no deserto.
És como a água de quem tem sede.
Como o sol, o tempo.
Como o remédio da doença chamada desamor.
Disseram que é prejuízo.
Eu reclamo de quem me deixa sem ti.
O quanto quiseres vir, vem
Eu arco com meu prejuízo.

SOBRE O AMOR

Quem sempre procura o amor não acha
Muitas vezes o amor te procura.
Não adianta andar na linha
Ouve-me bem sobre esse assunto

Minha primeira condição, sorri
Mostra tua beleza
Sempre dá importância
É lindo ser paparicado.

Tu deves confiar o tempo todo
Se quiseres que confiem em ti
Não perca a chance de dar amor
Se quiseres encontrar o amor

Tu tens que ser grato
Isso importa mais do que tudo
A gratidão por todos os amores
É sempre a maior confiança

Se tu vês tua decepção
Tu deves saber dizer
Que defeito não se muda
Tu deves amar assim mesmo

Tem sempre cuidado com ciúme
É preciso dosar bem
Se escapar já era.
É preciso achar o equilíbrio

Nunca insista em mentiras
De qualquer jeito tem perna curta
Se no momento vale a pena
Mais tarde traz dor de cabeça.

Tu deves saber calar a boca
Muitas vezes é muito difícil
Tu deves ver o teu erro
Ainda que isso seja muito chato

Não desista por causa de fofoca
Amores assim são mentira.
Se há aqueles que invejam
São fumaça sem fogo

Não prolongue as separações
Quem ama, saberá o valor
Jogue pra ela a responsabilidade
Se ela ama, ela virá

Não olhe pra quem não passa por isso
As intenções são sempre diferentes
Não te prenda a promessas de amor
As palavras machucam duramente

Os amores resistentes são lindos
Nunca te mantenha longe de teu amor
Os amores são especiais para a pessoa
Guarde contigo teu segredo

Se isso não existe
Não pense que será assim pra sempre
Se tu souberes esperar
O tempo cura tudo.

NÃO ME DIGA QUE ENTENDO

Podes entender meus sentimentos?
Podes olhar a vida com meus olhos?
Podes transformar trinta e dois anos em cinco minutos?
Podes adivinhar o que passa pela minha cabeça?

Podes apagar o que quero esquecer?
Podes mudar meus julgamentos errados sobre ti
Do jeito que tu entenderes?
Sabes o quanto custa um sorriso?

O que há nos lábios do meu amor
No meu sonho, interrompe as tormentas.
Podes fazê-las viver em sua ilusão?
Podes viver minhas próprias dores e tristezas?

Loucamente, em seu interior, podes interrogar meus desejos?
Não me diga que entendo bobagem.
Por todo esse tempo que vivi em segredo.
Não pude também me entender mais.

VER-TE AO ACORDAR

Não estava cansado quando fechei os olhos, acredite.
Todos os pensamentos sobre ti são muito especiais.
A cada momento pensei em ti, distante, ausente.
Tu estás ao meu lado, que bom é ver-te ao acordar.

Acredita que podes amar mesmo tendo um coração de pedra.
Minhas emoções não são o amor, são mais especiais que o amor.
Tuas noites não me dão medo, começam na escuridão
Que bonito é ver-te ao acordar do pesadelo.

Qual é o problema de estar longe? Eu te amo.
Meu amor é só por ti, é especial para ti.
Tua fantasia não basta, mas sempre digo isso.
Que bonito é ver-te ao acordar dos sonhos.

NÃO ME DÁ MEDO

Nada me dá medo.
Nem enchentes, terremotos, tempestades.
Nem escuridão, nem morte.
Nada disso me atinge.
A não ser tua falta.

Tuas lágrimas são mais perigosas que as enchentes.
São como terremoto, tua falta é devastadora.
É como as tempestades, massacra, teus olhos são o mar.
Minha solidão é a escuridão na tua ausência.
A falta que sinto de ti é a morte.

PARA TI

Sorri como as rosas, mostra tua bela face.
Afasta de nosso caminho toda mágoa e tristeza.
Se achares que estou errado, não diga, por favor.
Queres dizer que o amor é liberdade, está sempre livre pra mim.

A beleza não existe em todo mundo, deve-se saber seu limite.
A beleza da alma deve existir também, deve-se sempre ver isso.
Deve-se amar o suficiente sem tentar cansar o outro.
Às vezes um pouco de amor é melhor do que nada, acredita em mim.

Diz-me, se o mundo ficasse cheio de mentiras, seria lindo?
Se Laila fosse mentirosa, nunca encontraria Majnun?
Se não há confiança, respeito, o amor permanece?
Eu digo que no amor não existe mentira, confia sempre em mim.

OS MOMENTOS QUE PENSO EM TI

Os momentos que passei contigo, foram vida real.
Os meus finais mais infelizes foram os últimos, sem ti.
Quando penso em ti, sinto a força do amor.
Quando estou contigo, as minhas angústias diminuem.
Só nos momentos sem ti, as noites me fazem sentir frio.
Quando estou sem ti, sinto as rosas se erguerem
Em tua ausência, elas me abraçam
A dor de não te ter, aprisiona minha alma, aumenta minhas angústias.
O que na realidade me faz chorar, é não te ter ultimamente.
A felicidade pra mim, são os momentos em que estou contigo.

NÃO CHORE

À primeira vista eu entendi,
quem sorri é o fundo de teu olhar.
Claramente o amor de teus olhos é delator.
Não jogue tua tristeza pra dentro de ti.
É como envenenar um amigo.
Tu pensas sobre o quê é o amor.
É uma guerra de emoções.
Não diga “estou derrotado” ao pensar que não vai ganhar.
Às vezes, a lágrima é tua arma mais forte.
Não tenha vergonha de chorar.
Segue em frente.

O QUE QUERO

Quero ser vento para te tocar.
Quero ser sol para poder te aquecer.
Quero ser fogo para queimar teu coração.
Quero ser tua mãe para poder sempre te olhar.

Quero ser tristeza para teus outros amores
Quero ser verão para teus frios invernos.
Quero ser teu coração para achar teu amor.
Quero ser teu amor para poder sempre estar contigo.

FÉRIAS NA REALIDADE

HARIS VLAVIANOS



O TEXTO: Os poemas selecionados fazem parte da 9ª coleção poética de Vlavianos, dividida em três extensas unidades, cujo eixo central reside na realidade, em um mundo ficcional e de *realities* construídos. O mote, entregue no título, é o de uma poesia que se evade da fantasia e se propõe aterrissagem.

Texto traduzido: Βλαβιανός, Χ. *Διακοπές στην Πραγματικότητα*. Stokholm: Axiom, 2010.

O AUTOR: Poeta e tradutor, Haris Vlavianós nasceu em Roma, em 1957, e é autor de uma dezena de volumes de poesia, além de duas coleções de ensaios e uma longa lista de traduções. É diretor da revista literária *Ποιητική* e professor de tradução poética do Centro Europeu de Tradução de Literatura (ΕΚΕΜΕΛ). Sua poesia já foi traduzida a diversos idiomas, além de estar presente em numerosas revistas e antologias europeias e americanas.

O TRADUTOR: Miguel Sulis é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) já traduziu Farrokhzad, Rufinos, Kaváfis, Ritsos, Solomós e Sacher-Masoch.

Contato: mikhsulis@gmail.com

ΔΙΑΚΟΠΕΣ ΣΤΗΝ ΠΡΑΓΜΑΤΙΚΟΤΗΤΑ

“Η σκιά μιας ενοχής αφήνει στο πέρασμά της
ένα νέο χρώμα στις παρειές της μνήμης.”

ΧΑΡΗΣ ΒΛΑΒΙΑΝΟΣ

PORTRAIT OF A YOUNG MAN AS A MISERABLE POET [γ' σχεδιάσμα/ελληνική εκδοχή]

... όπως τον φαντάστηκε ο J. S.

1.

Ντύνεται πάντοτε κομψά.

Φοράει μπλε σταυρωτά κουστούμια

με ανοιχτόχρωμα πουκάμισα και κόκκινες γραβάτες.

Είναι αυτός που φτάνει τελευταίος στα *dinner-parties*

και περπατάει μόνος στον κήπο του σπιτιού

παρακολουθώντας από μακριά τα ζευγάρια να χαριεντίζονται

και τους σερβιτόρους να φλερτάρουν διακριτικά

τα ψηλόλιγνα κοριτσάκια με τις χρυσές ανταύγειες και τα *mules*.

2.

Οι άντρες

(παχύσαρκα ανθρωποειδή

με την καλλιέργεια του Ντάφν Ντακ και τους τρόπους του Λόρδου Χάλιφαξ)

συζητούν – για τι άλλο; – την άνοδο των επιχειρηματικών επιτοκίων,

ενώ οι ανορθωμένες συμβίες τους

για το λαμπρό μέλλον των τέκνων τους –

Οξφόρδη, Χάρβαρντ, Σορβόννη.

Τον πλησιάζει με τρόπο η κυρία Κ. (με την αστραφτερή κόρη της Μ.)

– αμφότερες σεσημασμένες μουσόπληκτες –

Ζητώντας επίμονα να μάθουν

«τι γράφει τώρα».

«Τίποτα», απαντάει ξερά

και κατευθύνεται (τρέχοντας σχεδόν) στην αίθουσα του μπιλιάρδου,

αδειάζοντας καθ' οδόν μισό ποτήρι ούισκι

στη φωταγωγημένη πισίνα.

3.

Στο δωμάτιο το ανθοδοχείο είναι γεμάτο πασχαλιές.

Αύριο έχει λαϊκή και Βασιλόπουλο –

μην ξεχάσει τ' απορρυπαντικά και το βερνίκι για τα παπούτσια.

Η Ουκρανή οικονόμος (ξανθός άγγελος εξ ουρανού)

του λέει να μην απελπίζετα

«αφού στο τέλος όλα τακτοποιούνται».

Όπως οι παλιές του ερωμένες –

καλοπαντρεμένες, με δυο-τρία κουτσούβελα

και εξοχικό στην Ανδρο / Τήνο / Μύκονο.

«Με αγαπάει πραγματικά!» του λένε

κάθε φορά που τους τηλεφωνεί για να ευχηθεί.

Αλλά αυτό δεν είναι αγάπη,

είναι κοινός τραπεζικός λογαριασμός,

ψιθυρίζει εκείνος.

4.

Κάθεται σ' ένα από τα μικρά καφέ της Πλατείας.

Μόνος,

διαβάζοντας ένα πληκτικό μυθιστόρημα.

Θα έπρεπε να έχει θυμηθεί το *dictum*:

«όταν είσαι σε δίλημμα

ένας νεκρός Ρώσος συγγραφέας

είναι πάντοτε η πιο ενδεδειγμένη λύση».

Νιώθει σαν τον Ομπλόμοφ,

λίγο πριν από τη στιχομυθία της οριστικής απόρριψης.

Κάποτε

(πριν από μία εβδομάδα;

τρεις μήνες;

δέκα χρόνια;)

κάποιος τον πλήγωσε βαθιά.

Ο πόνος είναι αφόρητος.

ΠΕΝΤΕ ΠΟΙΗΜΑΤΑ
ΓΙΑ ΤΗΝ ΑΣΤΙΚΗ ΕΥΑΙΣΘΗΣΙΑ
[β' σχεδιάσμα, είκοσι χρόνια αργότερα]

1.

Η σκιά μιας ενοχής
αφήνει στο πέρασμά της
ένα νέο χρώμα στις παρειές της μνήμης.
Τόσο σκληρή η αθωότητα
σκληρότερη όμως η σιωπή

... ύστερα υπάρχει αυτή η εμμονή
που δεν επιτρέπει βαρβάδα αναψυχής
και για να κρατηθείς χρειάζεσαι μια απόπειρα,
όχι μια υπόσχεση.

Οι δικές μου λέξεις
προϋποθέτουν τις δικές σου.

Κράτα λοιπόν το μολύβι με τη μύτη προς τα κάτω.

2.

Ο αρχαίος αυτός διάλογος:

– με ποθείς;

– σε ποθώ

δεν αναιρεί τους χρησμούς του ουμανιστή Προκρούστη.

Το αστικό κρεβάτι

έλυσε επιτέλους το πρόβλημα των υψομετρικών διαφορών.

Κάτω από το πάπλωμα της ευημερίας

οι εκπολιτισμένες συνειδήσεις μας

απολαμβάνουν εν συντριβή καρδιάς

τα εύπεπτα αγαθά

της κεκτημένης ισονομίας μας.

Το να μπορεί κανείς να γλείφει ελεύθερα

τις μπότες του κάθε Θεσέα

δεν είναι και λίγο!

3.

Όταν αποθέτω ένα κυκλάμινο σε ορθογώνιο τραπέζι
προσθέτω στην ιδέα της τάξης
την ιδέα της ομορφιάς.
Η χειρονομία αυτή στοιχίζει λίγο.

(Τη συνιστά ο Χέρμπερτ.)

4.

Πίσω από το καθησυχαστικό χαμόγελο του ευτραφούς Ιεζεκιήλ
και τις επευφημίες των προπαγανδιστών
κρύβεται πάντοτε ένα νέο σύστημα καταστολής.

(Φυλακές κλιματιζόμενες φυσικά.)

Αφού πιστεύεις σ' αυτό τον άπληστο Θεό

γιατί δεν μας λες

σε ποια τσέπη κρύβεις το επίμαχο εγχειρίδιο;

Vita Nuova, My Philosophy of Life, Ραψωδία της Μυκόνου,

ο τίτλος μικρή σημασία έχει.

Το ζήτημα είναι

να καταφέρεις να γδύσεις ακόμη και τη νύχτα.

5.

Είμαστε εντέλει πολύ πνευματώδεις.
Βρίσκουμε πάντοτε ένα άλλοθι
για να συνεχίζουμε ατάραχοι
τις ναρκισσιστικές μας καταβάσεις
και τα λεκτικά σλάλομ.
(Τι σημαίνει άραγε η φράση:
Το 'χει στρώσει. Το χιόνι είναι υπέροχο;)

Αν τολμήσει κανείς βέβαια
Να ονοματίσει τη χρεοκοπία με το αληθινό της όνομα
σπεύδουμε να τον καταγγείλουμε για έλλειψη φαντασίας
και συναισθηματική ρηχότητα.

Κάποτε κάθε οινοπότης μπορούσε να νερώνει μόνος το κρασί του –
να διεκδικήσει δηλαδή ένα μερίδιο της αλήθειας.
Τώρα το νέρωμα συντελείται εήμην του.

Εις υγείαν!

Η ΕΠΙΦΑΝΕΙΑ ΤΩΝ ΠΡΑΓΜΑΤΩΝ

[Poema de dez faces]

*As muito feias que me perdoem,
mas beleza é fundamental.*

Vinicius de Moraes, «Receita de mulher»

1.

Στο δωμάτιό μου ο κόσμος μοιάζει ακατανόητος.
Όταν όμως περπατώ σ' αυτό το ανοίκειο σκηνικό
βλέπω ότι αποτελείται από τρεις-τέσσερις λόφους,
μια παραλία με φοινικόδεντρα
κι ένα σύννεφο σε σχήμα αλιγάτορα.
Όλοι στο νησί ετοιμάζονται να υποδεχθούν το καρναβάλι.
(Κι εγώ ν' αφεθώ αδιαμαρτύρητα στα πεπειραμένα της χέρια.)

2.

Με το μάτι ενός πελώριου *pernilongo*
εποπτεύω προσεχτικά τον χώρο.

Η μέρα εδώ εξαντλείται

σε μια σφιχτοδεμένη *mulata* που γδύνεται με αβίαστες κινήσεις
(ανυποψίαστη για το φιλήδονο κεντρί μου)

και έναν φλύαρο μπάρμαν που με κερνάει *caipirinhas* με *maracuja*
για να ελέγξει, όπως ισχυρίζεται, τις αντοχές του *grego*.

3.

Ο Ζουάου, ο νεαρός τυμπανιστής,
εξαντλημένος από τις συγκινήσεις στο *sambodromo*
(τι λέξη και αυτή για να δέσει ο γνωστός χορός με μια παρέλαση!)
κοιμάται κάτω από την μπανανιά του κήπου.
Το καινούργιο φεγγάρι,
λεπτή φέτα ώριμου μάνγκο,
ανατέλλει αργά μες στα βρόμικα μαλλιά του.

4.

Στην παραλία ο γερμανικής καταγωγής Βραζιλιάνος δικηγόρος
(απόγονος προφανώς λοχαγού της Βέρμαχτ):

«Το Ολοκαύτωμα ήταν μια
κοσμική διευθέτηση του κάρμα».

Επιτέλους να μια γνήσια πετρωμένη καρδιά!

Από ποιον κύκλο του *inferno*

ξετρύπωσε αυτό το αηδιαστικό *verme*;

5.

Μπαίνω στο μικρό καλύβι όπου ζει ο Ζουακίμ
με τον ετοιμοθάνατο πατέρα του.

«Πιστεύεις στην άλλη ζωή;» μου λέει.

«Δεν ξέρω, εσείς;»

«Δεν μπορώ να πω με βεβαιότητα».

Και μετά από λίγο, απαντώντας προφανώς στον εαυτό του:

«Ο Θεός πάντως είναι μια υπεραπλούστευση».

6.

Και το χρώμα της θάλασσας σαν τα μάτια του μικρού Χριστού που με υποδέχεται στην είσοδο του χωριού με τα χέρια ανοιχτά. (Στα πόδια του ένα πανί με την προβλέψιμη φράση: «Jesus salva».) Το καλοκαίρι εδώ ή φανερώνει τα κοφτερά του δόντια ή δεν υπάρχει. Δοκιμάζω με την άκρη της γλώσσας *guaraná*. Η *palavra* αυτή μου αρέσει. Η γεύση της με επιστρέφει στην ηλικία που το όνομα της ευτυχίας ήταν δισύλλαβο: εσύ.

7.

Η μικρή Εσμεράλντα ονειρεύεται μια βίλα στο Μαϊάμι –
να ξαπλώσει κάτω από τους ίδιους ευθυτενείς φοίνικες,
να βουτήξει στα θολά νερά του ίδιου ωκεανού
να φάει το ίδιο *supermac* με τις ίδιες προτηγανισμένες πατάτες,
να χορέψει *bossa nova* μ' έναν πλούσιο Κουβανέζο,
να ζήσει επιτέλους σαν αυθεντική Αμερικανίδα,
στις Ηνωμένες Πολιτείες της Βραζιλίας.

8.

Τα σπίτια με τα ψηλά ταβάνια και τα βικτοριανά πολύφωτα
(επαύλεις κάποτε ενός αγγλομαθούς *senhor*)
παρακολουθούν τους άντρες με τους λευκούς κροτάφους να κυνηγούν
| μικρά κορίτσια.

Αν είχε περισσότερο ήλιο, περισσότερο φως,
ίσως τα πάθη να είχαν καταλαγιάσει λίγο.
Αλλά αυτή η βροχή, αυτά τα υγρά, νοσηρά, αργόσυρτα απογέυματα
είναι ο Διάβολος που γελάει με τα καμώματά μας, γελάει, γελάει
| μέχρι δακρύων.

9.

Στη βιβλιοθήκη του γραφείου ελάχιστα βιβλία.

Ανάμεσα σε μια ιστορία της Λατινικής Αμερικής, μια βιογραφία
| του Ροκφέλλερ

κι ένα εγχειρίδιο με τα αποφθέγματα του Δαλάι Λάμα
(με τον προφανή *new age* τίτλο «Η τέχνη της ευτυχίας»)

Ανακαλύπτω έναν τόμο με τα διηγήματα του Τσέχοφ (σε αγγλική
| μετάφραση).

Συνειδητοποιώ ξαφνικά πόσο ευτυχισμένος είμαι
που γνωρίζω ότι ο άνθρωπος αυτός έχει υπάρξει.

10.

Επιβιβάζομαι στο μικρό πλοιάριο.

Καθώς αρχίζει να απομακρύνεται από την προκυμαία

εκείνη λύνει το μαντίλι από τα μαλλιά της

και το πετάει με ορμή στη θάλασσα.

«Ξέχασέ με», φωνάζει,

«μόνο έτσι θα με θυμάσαι όταν θα 'σαι μακριά μου»

(Το ποίημα ξέρει ήδη πού κρύβεσαι και σε αλυσοδένει εκεί για πάντα.)

Ithabela, São Sebastião

Φεβρουάριος 2005

FÉRIAS NA REALIDADE

*“A sombra de uma culpa deixa ao passar
uma nova cor nas faces da memória.”*

HARIS VLAVIANOS

PORTRAIT OF A YOUNG MAN AS A MISERABLE POET [3º esboço/versão grega]

... como o imaginou J. S.

1.

Veste-se sempre com elegância.

Usa trajes azuis cruzados

com camisas claras e gravatas vermelhas.

É aquele que chega por último nas *dinner-parties*

e passeia sozinho pelo jardim da casa

acompanhando de longe os casais namorando

e os garçons flertando discretamente

com as esbeltas garotas de reflexos dourados e *mules*.

2.

Os homens

(humanoides obesos

com a cultura de um Patolino e as maneiras de um Lorde Halifax)

discutem – sobre o que mais? – a subida das taxas de juros dos negócios,

enquanto suas esposas *restauradas*

sobre o futuro brilhante de seus filhos –

Oxford, Harvard, Sorbonne.

Achega-se educadamente a senhora K. (com sua reluzente filha M.)

– ambas marcadas pelas musas –

querendo insistentemente saber

“o que escreve agora”.

“Nada”, responde ríspido

e se dirige (quase correndo) à sala de bilhar,

esvaziando no caminho meio copo de uísque

na piscina iluminada.

3.

No quarto o vaso de flores está cheio de lilases.
Amanhã tem feira e Vassilopoulos –
que não esqueça o detergente e a graxa para os sapatos.
A governanta ucraniana (anjo loiro do céu)
lhe diz para que não se desespere
“no final tudo se ajeita”.
Como suas antigas amantes –
bem-casadas, com duas ou três crianças
e casa de campo em Andros / Tinos / Mykonos.
“Me ama *de verdade!*” lhe dizem
cada vez que lhes telefona para parabenizar.
Mas isso não é amor,
é conta-corrente conjunta,
ele sussurra.

4.

Senta-se em um dos pequenos cafés da Praça.

Sozinho,

lendo um romance tedioso.

Deveria lembrar-se do *dictum*:

“quando tens um dilema

um escritor Russo morto

é sempre a solução mais apropriada”.

Sente-se como Oblomov,

pouco antes do diálogo da rejeição final.

Outrora

(há uma semana?

três meses?

dez anos?)

alguém o feriu profundamente.

A dor é insuportável.

CINCO POEMAS
SOBRE A SENSIBILIDADE BURGUESA
[2º esboço, vinte anos mais tarde]

1.

A sombra de uma culpa
deixa ao passar
uma nova cor nas faces da memória.
Tão dura a inocência
mais duro porém o silêncio.

... depois há esta insistência
que não permite um passeio de barco
e para te segurares necessitas uma tentativa,
e não uma promessa.

As minhas palavras
pressupõem as tuas.

Então segura o lápis com a ponta pra baixo.

2.

Aquele antigo diálogo:

– *me desejas?*

– *te desejo*

não refuta as profecias do humanista Procusto.

A cama burguesa

resolveu finalmente o problema das diferenças hipsométricas.

Sob a cobertura do bem-estar

nossas consciências aculturadas

desfrutam na ruína do coração

dos bens eupépticos

de nossa isonomia adquirida.

Poder lamber livremente

as botas de cada Teseu

não é pouca coisa!

3.

Quando coloco um ciclame em mesa ortogonal
adiciono à ideia da ordem
a ideia da beleza.
Esse gesto custa pouco.

(Herbert o recomenda)

4.

Por trás do sorriso reconfortante do robusto Ezequiel
e dos aplausos dos propagandistas
sempre se esconde um novo sistema de repressão.

(Prisões climatizadas, naturalmente.)

Já que crês nesse Deus avarento
por que não nos dizes
em qual bolso escondes o polêmico manual?

Vita Nuova, My Philosophy of Life, Rapsódia de Mykonos,
o título tem pouca importância.

A questão é
conseguir despir até mesmo a noite.

5.

Somos enfim muito espirituosos.
Encontramos sempre um álibi
para continuarmos inabalados
nossos descensos narcisistas
e slaloms verbais.

(Que será que significa a frase:
Alisou. A neve está magnífica?)

É claro, se alguém ousar
nomear a falência com seu nome verdadeiro
apressamo-nos a acusá-lo de falta de imaginação
e superficialidade emocional.

Outrora cada bêbado podia aguar sozinho o seu vinho –
ou seja, reivindicar uma parte da verdade.
Agora a aguagem é conduzida à sua revelia.

Saúde!

A SUPERFÍCIE DAS COISAS

[Poema de dez faces]

*As muito feias que me perdoem,
mas beleza é fundamental.*

Vinicius de Moraes, "Receita de mulher"

1.

No meu quarto o mundo parece incompreensível.
Mas quando passeio nesse cenário desconhecido
vejo que se constitui de três ou quatro colinas,
uma praia com palmeiras
e uma nuvem em forma de jacaré.
Todos na ilha se preparam para receber o carnaval.
(E eu para me entregar, sem resistir, às suas experientes mãos.)

2.

Com o olho de um enorme *pernilongo*
vigio cuidadosamente o espaço.

O dia aqui se exaure

em uma rija *mulata* que se despe com movimentos espontâneos
(insuspeita de meu sensual ferrão)

e um barman tagarela que me oferece *caipirinhas* de *maracujá*
para testar, como alega, a resistência do *grego*.

3.

João, o jovem baterista,
esgotado com as emoções no *sambódromo*
(que palavra para unir a conhecida dança com um desfile!)
dorme sob a bananeira do jardim.

A lua nova,
fatia fina de manga madura,
nasce lentamente em meio a seus cabelos sujos.

4.

Na praia o advogado brasileiro de origem alemã
(decerto descendente de oficial da Wehrmacht):

“O holocausto foi uma

acomodação cósmica do carma”.

Eis enfim um legítimo coração de pedra!

De que ciclo do *inferno*

saiu esse *verme* nojento?

5.

Entro na pequena cabana onde vive o Joaquim
com seu pai moribundo.

“Acreditas na outra vida?” me diz.

“Não sei, você?”

“Não posso dizer com certeza”.

E depois de pouco, respondendo claramente a si mesmo:

“Deus, contudo, é uma supersimplificação”.

6.

E a cor do mar como os olhos do pequeno Cristo
que me recebe na entrada da vila com os braços abertos.
(A seus pés uma faixa com a frase previsível: “Jesus salva”.)
O verão aqui ou mostra seus dentes afiados ou não existe.
Experimento com a ponta da língua *guaraná*.
Essa *palavra* me agrada. Seu sabor me leva de volta à idade
em que o nome da felicidade era dissílabo: você.

7.

A pequena Esmeralda sonha com uma mansão em Miami –
deitar sob as mesmas palmeiras retas,
mergulhar nas águas turvas do mesmo oceano
comer o mesmo *supermac* com as mesmas batatas pré-fritas,
dançar *bossa-nova* com um Cubano rico,
viver enfim como autêntica Americana,
nos Estados Unidos do Brasil.

8.

As casas com os tetos altos e os candelabros vitorianos
(outrora mansões de um *senhor* anglófilo)
acompanham os homens de têmporas brancas caçando meninas jovens.
Se houvesse mais sol, mais luz,
talvez as paixões relaxassem um pouco.
Mas essa chuva, essas líquidas, insalubres, arrastadas tardes
são o Diabo que ri com nossas façanhas, ri, ri até chorar.

9.

Na biblioteca do escritório pouquíssimos livros.
Entre uma história da América Latina, uma biografia de Rockefeller
e um manual de máximas do Dalai Lama
(com o claro título *new age* “A arte da felicidade”)
descubro um tomo com os contos de Tchekhov (em tradução inglesa).
Percebo de repente como sou feliz
de saber que esse homem existiu.

10.

Embarco na pequena canoa.
Quando começa a distanciar-se do quebra-mar
ela solta o lenço de seus cabelos
e o joga com força no mar.
“Esquece-me”, grita,
“só assim te lembrarás de mim quando estiveres longe”.

(O poema já sabe onde te escondes e te acorrenta lá para sempre.)

Ilhabela, São Sebastião
Fevereiro 2005



drama
(n.t.)|Corippo



NOITES LÚGUBRES

JOSÉ CADALSO



O TEXTO: *Noites lúgubres* é um poema em prosa dramático publicado no *Correo de Madrid* entre dezembro de 1789 e janeiro de 1790. Compõe-se de três noites, sendo a última inconclusa. Antes de sua publicação, a obra circulou na forma de manuscritos. O mais antigo encontra-se na British Library, em Londres, sendo datado de, aproximadamente, 1775. A ação narrativa centra-se na tentativa de exumação do cadáver de uma mulher, amada do protagonista. O poema dialoga com a tradição gótico-medieval pelo tema e com o Romantismo nascente pela mescla de gêneros e estilos. Foi uma obra popular à época. No fim do século XIX, contavam-se dela 49 edições. Em 1844, Francisco Bernardino Ribeiro verteu-a ao português e publicou-a no periódico carioca *Minerva Brasileira*. É possível afirmar que Álvares de Azevedo conheceu essa versão, que ressoa, em diversos momentos, em sua obra, sobretudo nos contos de *Noite na taverna*.

Texto traduzido: Cadalso, José. *Noches lúgubres*. Edición Nigel Glendinning. Madrid: Espasa-Calpe, 1993.

O AUTOR: José Cadalso y Vázquez de Andrade (1741-1782) foi um escritor e militar espanhol. Compôs poesia, teatro e prosa de ficção. Suas obras mais conhecidas são *Cartas marruecas*, narrativa epistolar escrita à imitação das *Cartas persas*, de Montesquieu, e *Noches lúgubres*. O espírito crítico que preside aquela e a impulsividade sentimental que domina esta mostram um escritor entre duas mentalidades, a neoclássica e a romântica – esta em formação. *Noches lúgubres* baseia-se num evento biográfico: a morte prematura, em 1771, da atriz María Ignacia Ibañez, com quem Cadalso manteve um breve mas intenso romance. É possível que o tema órfico da exumação da amada tenha sido tomado, entre outras fontes, do mito de Inês de Castro, cuja tragédia teve impacto no teatro espanhol dos séculos XVII e XVIII.

O TRADUTOR: Mario Higa é professor de português e literatura lusobrasileira no Middlebury College (Vermont, EUA). Mario cotraduziu *A invenção da Argentina*, de Nicolas Shumway (Edusp/UnB, 2008), e prefaciou os *Poemas reunidos*, de Cesário Verde (Ateliê, 2010), a *Antologia de crônicas*, de Lima Barreto (Lazuli, 2010), e a *Antologia de contos românticos* (Lazuli, 2012). Seu livro a sair pela Ateliê intitula-se *Matéria lírica: Drummond, Cabral, Neruda e Paz*.

NOCHES LÚGUBRES

*“¡Qué noche! La oscuridad, el silencio pavoroso...
completan la tristeza de mi corazón.”*

JOSÉ CADALSO

Noches lúgubres

**Imitando el estilo de las que escribió
en inglés el doctor Young**

..... *Crudelis ubique*

Luctus, ubique pavor, et plurima noctis imago.

Virgilio, *Aen.*, 2, v[v]. 368[-69].

Noche primera
TEDIATO y un SEPULTURERO
Diálogo

TEDIATO.

¡Qué noche! La oscuridad, el silencio pavoroso, interrumpido por los lamentos que se oyen en la vecina cárcel, completan la tristeza de mi corazón. El cielo también se conjura contra mi quietud, si alguna me quedara. El nublado crece. La luz de esos relámpagos... ¡qué horrorosa! Ya truena. Cada trueno es mayor que el que le antecede, y parece producir otro más cruel. El sueño, dulce intervalo en las fatigas de los hombres, se turba. El lecho conyugal, teatro de delicias; la cuna en que se cría la esperanza de las casas; la descansada cama de los ancianos venerables; todo se inunda en llanto... todo tiembla. No hay hombre que no se crea mortal en este instante... ¡Ay si fuese el último de mi vida! ¡Cuán grato sería para mí! ¡Cuán horrible ahora! ¡Cuán horrible! Más lo fue el día, el triste día que fue causa de la escena en que ahora me hallo.

Lorenzo no viene. ¿Vendrá, acaso? ¡Cobarde! ¿Le espantará este aparato que naturaleza le ofrece? No ve lo interior de mi corazón... ¡cuánto más se horrorizaría! ¿Si la esperanza del premio le trajera? Sin duda..., el dinero... ¡ay, dinero, lo que puedes! Un pecho sólo se te ha resistido... ya no existe... ya tu dominio es absoluto... ya no existe el solo pecho que se te ha resistido.

Las dos están al caer... esta es la hora de la cita para Lorenzo... ¡Memoria! ¡Triste memoria! Cruel memoria, más tempestades formas en mi alma que nubes en el aire. También ésta es la hora en que yo solía pisar estas mismas calles en otros tiempos muy diferentes de éstos. ¡Cuán diferentes! Desde aquella a éstos todo ha mudado en el mundo; todo, menos yo.

¿Si será de Lorenzo aquella luz trémula y triste que descubro? Suya será. ¿Quién sino él, y en este lance, y por tal premio, saldrá de su casa? Él es: el rostro pálido, flaco, sucio, barbado y temeroso; el azadón y pico que trae al

hombro, el vestido lúgubre, las piernas desnudas; los pies descalzos, que pisan con turbación; todo me indica ser Lorenzo, el sepulturero del templo, aquel bulto cuyo encuentro horrorizaría a quien le viese. Él es, sin duda. Se acerca; desembózome, y le enseño mi luz. Ya llega. ¡Lorenzo! ¡Lorenzo!

LORENZO. Yo soy. Cumplí mi palabra. Cumple ahora tú la tuya. ¿El dinero que me prometiste?

TEDIATO. Aquí está. ¿Tendrás valor para proseguir la empresa, como me lo has ofrecido?

LORENZO. Sí, porque tú también pagas el trabajo.

TEDIATO. ¡Interés! ¡Único móvil del corazón humano! Aquí tienes el dinero que te prometí. Todo se hace fácil cuando el premio es seguro; pero el premio es justo una vez prometido.

LORENZO. ¡Cuán pobre seré cuando me atreví a prometerte lo que voy a cumplir! ¡Cuánta miseria me oprime! Piénsala tú, y yo... haré en llorarla. Vamos.

TEDIATO. ¿Traes la llave del templo?

LORENZO. Sí, ésta es.

TEDIATO. La noche es tan oscura y espantosa.

LORENZO. Y tanto que tiemblo, y no veo.

TEDIATO. Pues dame la mano, y sigue. Te guiaré y te esforzaré.

LORENZO. En treinta y cinco años que soy sepulturero, sin dejar un solo día de enterrar alguno o algunos cadáveres, nunca he trabajado en mi oficio hasta ahora con horror.

TEDIATO. Es que en ella me vas a ser útil; por eso te quita el cielo la fuerza del cuerpo y del ánimo. Ésta es la puerta.

LORENZO. ¡Que tiemblo yo!

TEDIATO. Anímate... imítame.

LORENZO. ¿Qué interés tan grande te mueve a tanto atrevimiento? Paréceme cosa difícil de entender.

TEDIATO. Suéltame el brazo...; como me le tienes asido con tanta fuerza, no me dejas abrir con esta llave... Ella parece también resistirse a mi deseo... Ya abrí, entremos.

LORENZO. Sí, entremos... ¿He de cerrar por dentro?

- TEDIATO. No; es tiempo perdido y nos pudieran oír. Entorna solamente la puerta porque la luz no se vea desde afuera si acaso pasa alguno... tan infeliz como yo, pues de otro modo no puede ser.
- LORENZO. He enterrado por mis manos tiernos niños, delicias de sus mayores; mozos robustos, descanso de sus padres ancianos; doncellas hermosas, y envidiadas de las que quedaban vivas; hombres en lo fuerte de su edad, y colocados en altos empleos; viejos venerables, apoyos del Estado... Nunca temblé. Puse sus cadáveres entre otros muchos ya corruptos, rasgué sus vestiduras en busca de alguna alhaja de valor; apisoné con fuerza y sin asco sus fríos miembros, rompiles las cabezas y huesos; cubrilos de polvo, ceniza, gusanos y podre, sin que mi corazón palpitase... y ahora, al pisar estos umbrales, me caigo... al ver el reflejo de esa lámpara me deslumbro... al tocar esos mármoles me hielo... me avergüenzo de mi flaqueza. No la refieras a mis compañeros. ¡Si lo supieran, harían mofa de mi cobardía!
- TEDIATO. Más harían de mí los míos, al ver mi arrojó. ¡Insensatos! ¡Qué poco saben!... ¡Ah, me serían tan odiosas por su dureza como yo sería necio en su concepto por mi pasión!
- LORENZO. Tu valor me alienta. Mas ¡ay! ¡Nuevo espanto! ¿Qué es aquello?... Presencia humana tiene... Crece conforme nos acercamos... otro fantasma le sigue... ¿Qué será? Volvámonos mientras podemos; no desperdiciemos las pocas fuerzas que aún nos quedan... Si aún conservamos algún valor, válganos para huir.
- TEDIATO. ¡Necio! Lo que te espanta es tu misma sombra con la mía, que nacen de la postura de nuestros cuerpos respecto de aquella lámpara. Si el otro mundo abortase esos prodigiosos entes, a quienes nadie ha visto, y de quienes todos hablan, sería el bien o el mal que nos traerían siempre inevitables. Nunca los he hallado; los he buscado.
- LORENZO. Si los vieras...
- TEDIATO. Aún no creería a mis ojos. Juzgara tales fantasmas monstruos producidos por una fantasía llena de tristeza. ¡Fantasía humana!, ¡fecunda sólo en quimeras, ilusiones y

- objetos de terror! La mía me los ofrece tremendos en estas circunstancias... Casi bastan a apartarme de mi empresa.
- LORENZO. Eso dices, porque no los has visto. Si los vieras, temblaras aun más que yo.
- TEDIATO. Tal vez en aquel instante; pero en el de la reflexión me aquietara. Si no tuviese miedo de malgastar estas pocas horas, las más preciosas de mi vida, y tal vez las últimas de ella, te contara con gusto cosas capaces de sosegarte... Pero dan las dos... ¡Qué sonido tan triste el de esa campana! El tiempo urge. Vamos, Lorenzo.
- LORENZO. ¿Adónde?
- TEDIATO. A aquella sepultura; sí, a abrirla.
- LORENZO. ¿A cuál?
- TEDIATO. A aquella.
- LORENZO. ¿A cuál? ¿A aquella humilde y baja? Pensé que querías abrir aquel monumento alto y ostentoso, donde enterré pocos días ha al duque de Faustotimbrado, que había sido muy hombre de palacio y, según sus criados me dijeron, había tenido en vida el manejo de cosas grandes. Figuróseme que la curiosidad o interés te llevaba a ver si encontrabas algunos papeles ocultos, que tal vez se enterrasen con su cuerpo. He oído no sé dónde, que ni aun los muertos están libres de las sospechas y aun envidias de los cortesanos.
- TEDIATO. Tan despreciables son para mí muertos como vivos; en el sepulcro, como en el mando; podridos como triunfantes; llenos de gusanos, como rodeados de aduladores... No me distraigas... Vamos, te digo otra vez, a nuestra empresa.
- LORENZO. No. Pues al túmulo inmediato a ése, y donde yace el famoso indiano, tampoco tienes que ir, porque aunque en su muerte no se le halló la menor parte de caudal que se le suponía. Me consta que no enterró nada consigo; porque registré su cadáver. No se halló siquiera un doblón en su mortaja.
- TEDIATO. Tampoco vendría yo de mi casa a su tumba por todo el oro que él trajo de la infeliz América a la tirana Europa.
- LORENZO. Sí será. Pero no extrañaría yo que vinieses en busca de su dinero. Es tan útil en el mundo...

- TEDIATO. Poca cantidad, sí, es útil; pues nos alimenta, nos viste y nos da las pocas cosas necesarias a la breve y mísera vida del hombre; pero mucha es dañosa.
- LORENZO. ¡Hola! ¿Y por qué?
- TEDIATO. Porque fomenta las pasiones, engendra nuevos vicios y a fuerza de multiplicar delitos invierte todo el orden de la naturaleza; y lo bueno se sustrae de su dominio, sin el fin dichoso... Con él no pudieron arrancarme mi dicha. ¡Ay!, vamos.
- LORENZO. Sí. Pero antes de llegar allá hemos de tropezar en aquella otra sepulture; y se me eriza el pelo cuando paso junto a ella.
- TEDIATO. ¿Por qué te espanta esa más que cualquiera de las otras?
- LORENZO. Porque murió de repente el sujeto que en ella se enterró. Estas muertes repentinas me asombran.
- TEDIATO. Debiera asombrarte el poco número de ellas. Un cuerpo tan débil como el nuestro, agitado por tantos humores, compuesto de tantas partes invisibles, sujeto a tan frecuentes movimientos, lleno de tantas inmundicias, dañado por nuestros desórdenes y, lo que es más, movido por una alma ambiciosa, envidiosa, vengativa, iracunda, cobarde y esclava de tantos tiranos... ¿qué puede durar?, ¿cómo puede durar? No sé cómo vivimos. No suena campana que no me parezca tocar a muerto... A ser yo ciego, creería que el color negro era el único de que se visten... ¡Cuántas veces muere un hombre de un aire que no ha movido la trémula llama de una lámpara! ¡Cuántas de una agua que no ha mojado la superficie de la tierra! ¡Cuántas de un sol que no ha entibiado una fuente! ¡Entre cuántos peligros camina el hombre el corto trecho que hay de la cuna al sepulcro! Cada vez que siento el pie, me parece hundirse el suelo, preparándome una sepultura... Conozco dos o tres hierbas saludables; las venenosas no tienen número. Sí, sí... el perro me acompaña, el caballo me obedece, el jumento lleva la carga... ¿y qué? El león, el tigre, el leopardo, el oso, el lobo e innumerables otras fieras nos prueban nuestra flaqueza deplorable.
- LORENZO. Ya estamos donde deseas.

- TEDIATO. Mejor que tu boca me lo dice, me lo dice mi corazón. Ya piso la losa, que he regado tantas veces con mi llanto y besado tantas veces con mis labios. Ésta es. ¡Ay, Lorenzo! Hasta que me ofreciste lo que ahora me cumples, ¡cuántas tardes he pasado junto a esta piedra, tan inmóvil como si parte de ella fuesen mis entrañas! Más que sujeto sensible, parecía yo estatua, emblema del dolor. Entre otros días, uno se me pasó sobre ese banco. Los que cuidan de ese templo, varias veces me habían sacado del letargo, avisándome ser la hora en que se cerraban las puertas. Aquel día olvidaron su obligación y mi delirio: fuéronse y me dejaron. Quedé en aquellas sombras, rodeado de sepulcros, tocando imágenes de muerte, envuelto en tinieblas, y sin respirar apenas, sino los cortos ratos que la congoja me permitía, cubierta mi fantasía, cual si fuera con un negro manto de densísima tristeza. En uno de estos amargos intervalos, yo vi, no lo dudes, yo vi salir de un hoyo inmediato a ése un ente que se movía. Resplandecían sus ojos con el reflejo de esa lámpara, que ya iba a extinguirse. Su color era blanco, aunque algo ceniciento. Sus pasos eran pocos, pausados y dirigidos a mí... Dudé... me llamé cobarde... me levanté..., y fui a encontrarle... El bulto proseguía... Al ir a tocarle yo, y él a mí... óyeme...
- LORENZO. ¿Qué hubo, pues?
- TEDIATO. Óyeme... Al ir a tocarle yo y él horroroso vuelto a mí, en aquel lance de tanta confusión... apagose del todo la luz.
- LORENZO. ¿Qué dices?, ¿y aún vives?
- TEDIATO. Y viviré, pues no morí entonces. Escucha.
- LORENZO. Sí, y con grande atención. En aquel apuro, ¿qué hiciste?, ¿qué pudiste hacer?
- TEDIATO. Me mantuve en pie, sin querer perder el terreno que había ganado a costa de tanto arrojo y valentía. Era invierno. Las doce serían cuando se esparció la oscuridad por el temple. Oí la una... las dos... las tres... las cuatro... siempre en pie; haciendo el oído el oficio de la vista.
- LORENZO. ¿Qué oíste? Acaba, que me estremezco.
- TEDIATO. Oí una especie de resuello no muy libre. Procurando tentar, conocí que el cuerpo del bulto huía de mi tacto. Mis dedos

parecían mojados en sudor frío y asqueroso; y no hay especie de monstruo, por horrendo, extravagante e inexplicable que sea, que no se me presentase. Pero ¿qué es la razón humana si no sirve para vencer a todos los objetos y aun a sus mismas flaquezas? Vencí todos estos espantos. Pero la primera impresión que hicieron, el llanto derramado antes de la aparición, la falta de alimento, la frialdad de la noche y el dolor que tantos días antes rasgaba mi corazón, me pusieron en tal estado de debilidad, que caí desmayado en el mismo hoyo de donde había salido el objeto terrible. Allí me hallé por la mañana en brazos de muchos concurrentes piadosos que habían acudido a dar al Criador las alabanzas, y cantar los himnos acostumbrados. Lleváronme a mi casa, de donde volví en breve al mismo puesto. Aquella misma tarde hice conocimiento contigo, y me prometiste lo que ahora va a finalizar.

LORENZO. Pues esa misma tarde eché menos en casa (poco te importará lo que voy a decirte, pero para mí es el asunto de más importancia), eché menos un mastín que suele acompañarme, y no pareció hasta el día siguiente. ¡Si vieras qué ley me tiene! Suele entrarse conmigo en el templo y, mientras hago la sepultura, ni se aparta de mí un instante. Mil veces, tardando en venir los entierros, le he solido dejar echado sobre mi capa, guardando la pala, el azadón y demás trastos de mi oficio.

TEDIATO. No prosigas. Me basta lo dicho. Aquella tarde no se hizo el entierro. Te fuiste; el perro se durmió dentro del hoyo mismo. Entrada ya la noche, despertó. Nos encontramos solos él y yo en la iglesia (¡mira qué causa tan trivial para un miedo tan fundado al parecer!); no pudo salir entonces, y lo ejecutaría al abrir las puertas y salir el sol; lo que yo no pude ver por causa de mi desmayo.

LORENZO. Ya he empezado a alzar la losa de la tumba. Pesa infinito. ¡Si verás en ella a tu padre! Mucho cariño le tienes cuando por verle pasas una noche tan dura... ¡Pero el amor de hijo! Mucho merece un padre...

TEDIATO. ¡Un padre!, ¿por qué? Nos engendran por su gusto; nos crían por obligación; nos educan para que los sirvamos; nos

casan para perpetuar sus nombres; nos corrigen por caprichos; nos desheredan por injusticia; nos abandonan por vicios suyos.

LORENZO. Será tu madre... mucho debemos a una madre.

TEDIATO. Aun menos que al padre. Nos engendran también por su gusto, tal vez por su incontinencia; nos niegan el alimento de la leche, que Naturaleza las dio para este único y sagrado fin; nos vician con su mal ejemplo; nos sacrifican a sus intereses; nos hurtan las caricias que nos deben y las depositan en un perro o en un pájaro.

LORENZO. ¿Algún hermano tuyo te fue tan unido que vienes a visitar los huesos?

TEDIATO. ¿Qué hermano conocerá la fuerza de esta voz? Un año más de edad, algunas letras de diferencia en el nombre, igual esperanza de gozar un bien de dudoso derecho, y otras cosas semejantes, imprimen tal odio en los hermanos, que parecen fieras de distintas especies y no frutos de un vientre mismo.

LORENZO. Ya caigo en lo que puede ser. Aquí yace, sin duda, algún hijo que se te moriría en lo más tierno de su edad.

TEDIATO. ¡Hijos! ¡Sucesión! Este, que antes era tesoro con que naturaleza regalaba a sus favorecidos, es hoy un azote con que no debiera castigar sino a los malvados. ¿Qué es un hijo? Sus primeros años... un retrato horrendo de la miseria humana. Enfermedad, flaqueza, estupidez, molestia y asco... Los siguientes años... un dechado de los vicios de los brutos, poseídos en más alto grado... lujuria, gula, inobediencia... Más adelante, un pozo de horrores infernales... ambición, soberbia, envidia, codicia, venganza, traición y malignidad. Pasando de ahí... ya no se mira el hombre como hermano de los otros, sino como a un ente supernumerario en el mundo. Créeme, Lorenzo, créeme. Tú sabrás cómo son los muertos, pues son el objeto de tu trato... Yo sé lo que son los vivos... Entre ellos me hallo con demasiada frecuencia... Éstos son... no... no hay otros; todos a cual peor... Yo sería peor que todos ellos si me hubiera dejado arrastrar de sus ejemplos.

LORENZO. ¡Qué cuadro el que pintas!

- TEDIATO. La naturaleza es el original. No la adulo; pero tampoco la agravio. No te canses, Lorenzo. Nada significan esas voces que oyes de padre, madre, hermano, hijo y otras tales. Y si significan el carácter que vemos en los que así se llaman, no quiero ser ni tener hijo, hermano, padre, madre, ni me quiero a mí mismo, pues algo he de ser de esto.
- LORENZO. No me queda que preguntarte más que una cosa; y es a saber: si buscas el cadáver de algún amigo.
- TEDIATO. ¿Amigo, eh? ¿Amigo? ¡Qué necio eres!
- LORENZO. ¿Por qué?
- TEDIATO. Sí, necio eres, y mereces compasión, si crees que esa voz tenga el menor sentido. ¡Amigos! ¡Amistad! Esa virtud sola haría feliz a todo el género humano. Desdichados son los hombres desde el día que la desterraron o que ella los abandonó. Su falta es el origen de todas las turbulencias de la sociedad. Todos quieren parecer amigos; nadie lo es. En los hombres, la apariencia de la amistad es lo que en las mujeres el afeite y composturas. Belleza fingida y engañosa... nieve que cubre un muladar... Darse las manos y rasgarse los corazones; ésta es la amistad que reina. No te canses. No busco el cadáver de persona alguna de los que puedes juzgar. Ya no es cadáver.
- LORENZO. Pues, si no es cadáver, ¿qué buscas? Acaso tu intento sería hurtar las alhajas del templo, que se guardan en algún soterráneo, cuya puerta te se figura ser la losa que empiezo a levantar.
- TEDIATO. Tu inocencia te sirva de excusa. Queden en buen hora esas alhajas establecidas por la piedad, aumentada por la superstición de los pueblos, y atesoradas por la codicia de los ministros del altar.
- LORENZO. No te entiendo.
- TEDIATO. Ni conviene. Trabaja con más brío.
- LORENZO. Ayúdame. Mete esotro pico por allí y haz fuerza conmigo.
- TEDIATO. ¿Así?
- LORENZO. Sí, de este modo. Ya va en buen estado.
- TEDIATO. ¿Quién me diría dos meses ha que me había de ver en este oficio? Pasáronse más aprisa que el sueño, dejándome tor-

- mento al despertar. Desaparecieron como humo que deja las llamas abajo y se pierde en el aire. ¿Qué haces, Lorenzo?
- LORENZO. ¡Qué olor! ¡Qué peste sale de la tumba! No puedo más.
- TEDIATO. No me dejes, no me dejes, amigo. Yo solo no soy capaz de mantener esta piedra.
- LORENZO. La abertura que forma ya da lugar para que salgan esos gusanos que se ven con la luz de mi farol.
- TEDIATO. ¡Ay, qué veo! Todo mi pie derecho está cubierto de ellos. ¡Cuánta miseria me anuncian! En estos, ¡ay!, ¡en estos se ha convertido tu carne! ¡De tus hermosos ojos se han engendrado estos vivientes asquerosos! ¡Tu pelo, que en lo fuerte de mi pasión llamé mil veces no sólo más rubio, sino más precioso que el oro, ha producido esta podre! ¡Tus blancas manos, tus labios amorosos se han vuelto materia y corrupción! ¡En qué estado estarán las tristes reliquias de tu cadáver! ¡A qué sentido no ofenderá la misma que fue el hechizo de todos ellos!
- LORENZO. Vuelvo a ayudarte; pero me vuelca ese vapor... ahora empieza... Más, más. ¿Qué? lloras... No pueden ser sino lágrimas tuyas las gotas que me caen en las manos... ¡Sollozas! ¡No hablas! Respóndeme.
- TEDIATO. ¡Ay! ¡Ay!
- LORENZO. ¿Qué tienes? ¡Te desmayas!
- TEDIATO. No, Lorenzo.
- LORENZO. Pues habla. Ahora caigo en quién es la persona que se enterró aquí... ¿Eras pariente suyo? No dejes de trabajar por eso. La losa está casi vencida, y por poco que ayudes, la volcaremos, según vemos. Ahora, ahora, ¡ay!
- TEDIATO. Las fuerzas me faltan.
- LORENZO. Perdimos lo adelantado.
- TEDIATO. Ha vuelto a caer.
- LORENZO. Y el sol va saliendo, de modo que estamos en peligro de que vayan viniendo las gentes y nos vean.
- TEDIATO. Ya han saludado al Criador algunas campanas de los vecinos templos en el toque matutino. Sin duda lo habrán ya ejecutado los pájaros en los árboles con música más natural

y más inocente y, por tanto, más digna. En fin, ya se habrá desvanecido la noche. Sólo mi corazón aún permanece cubierto de densas y espantosas tinieblas. Para mí nunca sale el sol. Las horas todas se pasan en igual oscuridad para mí. Cuantos objetos veo en lo que llaman día, son a mi vista fantasmas, visiones y sombras cuando menos... algunos son furias infernales.

Razón tienes. Podrán sorprendernos. Esconde ese pico y ese azadón. No me faltes mañana a la misma hora y en el propio puesto. Tendrás menos miedo, menos tiempo se perderá. Vete, te voy siguiendo.

Objeto antiguo de mis delicias... ¡hoy objeto de horror para cuantos te vean! Montón de huesos asquerosos... ¡En otros tiempos conjunto de gracias! Oh tú, ahora imagen de lo que yo seré en breve; pronto volveré a tu tumba, te llevaré a mi casa, descansarás en un lecho junto al mío. Morirá mi cuerpo junto a ti, cadáver adorado, y expirando incendiaré mi domicilio, y tú y yo nos volveremos ceniza en medio de las de la casa.

[Fin de la primera noche]



Noche segunda

TEDIATO, la JUSTICIA y después un CARCELERO

Diálogo

TEDIATO.

¡Qué triste me ha sido ese día! Igual a la noche más espantosa me ha llenado de pavor, tedio, aflicción y pesadumbre. ¡Con qué dolor han visto mis ojos la luz del astro, a quien llaman benigno los que tienen el pecho menos oprimido que yo! El sol, la criatura que dicen menos imperfecta imagen del Criador, ha sido objeto de mi melancolía. El tiempo que ha tardado en llevar sus luces a otros climas me ha parecido tormento de duración eterna... ¡Triste de mí! Soy el solo viviente a quien sus rayos no consuelen. Aun la noche, cuya tardanza me hacía tan insufrible la presencia del sol, es menos gustosa, porque en algo se parece al día. No está tan oscura como yo quisiera. ¡La Luna! ¡Ah Luna, escóndete! ¡No mires en este puesto al más infeliz mortal! ¡Que no se hayan pasado más que dieciséis horas desde que dejé a Lorenzo! ¿Quién lo creería? ¡Tales han sido para mí! Llorar, gemir, delirar... Los ojos fijos en su retrato, las mejillas bañadas en lágrimas, las manos juntas pidiendo mi muerte al cielo, las rodillas flaqueando bajo el peso de mi cuerpo, así desmayado; sólo un corto resuello me distinguía de un cadáver. ¡Qué asustado quedó Virtelio, mi amigo, al entrar en mi cuarto y hallarme de esa manera! ¡Pobre Virtelio! ¡Cuánto trabajaste para hacerme tomar algún alimento! Ni fuerza en mis manos para tomar el pan, ni en mis brazos para llevarlo a la boca, si alguna vez llegaba. ¡Cuán amargos son bocados mojados con lágrimas! Instante, me mantuve inmóvil. Se fue sin duda cansado... ¿Quién no se cansa de un amigo como yo, triste, enfermo, apartado del mundo, objeto de la lástima de algunos, del menosprecio de otros, de la burla de muchos? ¡Qué mucho me dejase! Lo extraño es que me mirase alguna vez. ¡Ah, Virtelio! ¡Virtelio! Pocos instantes más que hubieses permanecido mío, te hubieran dado fama de amigo verdadero. Pero ¿de qué te serviría? Hiciste bien

en dejarme; también te hubiera herido la mofa de los hombres. Dejar a un amigo infeliz, conjurarte con la suerte contra un triste, aplaudir la inconstancia del mundo, imitar lo duro de las entrañas comunes, acompañar con tu risa la risa universal, que es eco de los llantos de un mísero... Sigue; sigue... este es el camino de la fortuna... adelántate a los otros: admirarán tu talento. Yo le vi salir. Murmuraba de la flaqueza de mi ánimo. La naturaleza sin duda murmuraba de la dureza del suyo. Este es el menos pérfido de todos mis amigos; otros ni aun eso hicieron. Tediato se muere, dirían unos; otros repetirían: se muere Tediato. De mi vida y de mi muerte hablarían como del tiempo bueno o malo suelen hablar los poderosos, no como los pobres a quien tanto importa el tiempo. La luz del sol, que iba faltando, me sacó del letargo cruel. La tiniebla me traía el consuelo que arrebató a todo el mundo. Todo el consuelo que siente toda la naturaleza al parecer el sol, le sentí todo junto al ponerse. Dije mil veces preparándome a salir: ¡Bien venida seas, noche, madre de delitos, destructora de la hermosura, imagen del caos de que salimos! Duplica tus horrores; mientras más densas, más gustosas me serán tus tinieblas. No tomé alimento; no enjuagué las lágrimas. Púsemel vestido más lúgubre. Tomé este acero, que será..., ¡ay!, sí; será quien consuele de una vez todas mis cuitas. Vine a este puesto; espero a Lorenzo.

Desengañado de las visiones y fantasmas, duendes, espíritus y sombras, me ayudará con firmeza a levantar la losa; haré el robo... ¡El robo! ¡Ay, no!, la agravio; me agravio: éramos uno. Su alma, ¿qué era sino la mía? La mía, ¿qué era sino la suya?

Pero ¿qué voces se oyen? Muere, muere, dice una de ellas. ¡Que me matan, que me matan!, dice otra voz. Hacia mí vienen corriendo varios hombres. ¿Qué haré? ¿Qué veo? El uno cae herido al parecer... Los otros huyen retrocediendo por donde han venido. Hasta mis plantas viene batallando con las ansias de la muerte. ¿Quién eres? ¿Quiénes son los que te siguen? ¿No respondes? El torrente de sangre que arroja por boca y por herida me mancha todo... Es muerto. Ha expirado asido de mi pierna. Siento

pasos a este otro lado. Mucha gente llega. El aparato es de ser comitiva de la justicia.

JUSTICIA. Pues aquí está el cadáver, y ese hombre está ensangrentado, tiene la espada en la mano, y con la otra procura deshacerse del muerto, que parece indicar no ser otro el asesino. Prended a ese malvado. Ya sabéis lo importante de este caso. El muerto es un personaje cuyas calidades no permiten el menor descuido de nuestra parte. Sabéis los antecedentes de este asesinato que se proponían. Atadle. Desde esta noche te puedes contar por muerto e infame. Sí, ese rostro, lo pálido de su semblante, su turbación, todo indica, o aumenta los indicios que ya tenemos. En breve tendrás muerte ignominiosa y cruel.

TEDIATO. Tanto más gustosa. Por extraño camino me concede el Cielo lo que le pedí días ha con todas mis veras...

JUSTICIA. ¡Cuál se complace con su delito!

TEDIATO. ¡Delito! Jamás le tuve. Si lo hubiera tenido, él mismo hubiera sido mi primer verdugo, lejos de complacerme en él. Lo que me es gustosa es la muerte. Dádmela cuanto antes, si os merezco alguna misericordia. Si no sois tan benigno, dejadme vivir; ése será mi mayor tormento. No obstante, si alguna caridad merece un hombre, que la pide a otro hombre, dejadme un rato llegar más cerca de ese templo, no por valerme de su asilo, sino por ofrecer mi corazón a...

JUSTICIA. ¡Tu corazón en que engendras maldades!

TEDIATO. No injurias a un infeliz; márame sin afrentarme. Atormenta mi cuerpo, en quien tienes dominio, no insultes una alma que tengo más noble... un corazón más puro... sí, más puro, más digna habitación del Ser Supremo que el mismo templo en que yo quería... Ya nada quiero... Haz lo que quieras... No me preguntes quién soy, cómo vine aquí, qué hacía, qué intentaba hacer, y apuren los verdugos sus crueldades en mí; las verás todas vencidas por mi fineza.

JUSTICIA. Llévadle aprisa; no salgan al encuentro sus compañeros.

TEDIATO. Jamás los tuve; ni en la maldad, porque jamás fui malo; ni en la bondad, porque ¡ninguno me ha igualado en lo bueno! Por eso soy el más infeliz de los hombres. Cargad más

prisiones sobre mí, ministros feroces. Ligad más esos cordeles con que me arrastráis cual víctima inocente. Y tú que en ese templo quedas, únete a tu espíritu inmortal que exhalaste entre mis brazos, si lo permite quien puede, y ven a consolarme en la cárcel, o a desengañar a mis jueces. Salga yo valeroso al suplicio, o inocente al mundo. Pero no; agraviado o vindicado, muera yo, muera yo y en breve.

JUSTICIA.

Su delito le turba los sentidos; andemos, andemos.

TEDIATO.

¿Estamos ya en la cárcel?

JUSTICIA.

Poco falta.

TEDIATO.

Quien encuentre la comitiva de la justicia, llevando a un preso ensangrentado, pálido, mal vestido, cargado de cadenas que le han puesto, y de oprobios que le dicen, ¿qué dirá? Allá va un delincuente. Pronto lo veremos en el patíbulo. Su muerte será horrorosa, pero saludable espectáculo. ¡Viva la justicia! Castíguense los delitos. Arránquese de la sociedad los que turben su quietud. De la muerte de un malvado se asegura la vida de muchos buenos. Así irán diciendo de mí. Así irán diciendo. En vano les diría mi inocencia. No me creerán. Si la jurara me llamarían perjurio sobre malvado. Tomaría por testigos de mi virtud a esos astros. Los astros darían su giro sin cuidarse del virtuoso que padece ni del inicuo que triunfa.

JUSTICIA.

Ya estamos en la cárcel.

TEDIATO.

Sepulcro de vivos, morada de horror, triste descanso en el camino del suplicio, depósito de malhechores, abre tus puertas; recibe a este infeliz.

JUSTICIA.

Este hombre quede asegurado; nadie le hable. Ponedle en el calabozo más apartado y seguro; doblad el número y peso de los grillos acostumbrados. Los indicios que hay contra él son casi evidentes. Mañana se le examinará. Prepáresele el tormento por si es tan obstinado como inicuo. Eres responsable de este preso, tú, carcelero. Te aconsejo que no le pierdas de vista. Mira que la menor compasión que para con él puedes tener es tu perdición.

CARCELERO.

¿Compasión yo? ¿De quién? ¿De un preso que se me encarga? No me conocéis. Años ha que soy carcelero, y en el discurso de este tiempo he guardado los presos que he te-

nido, como si guardara fieras en las jaulas. Pocas palabras, menos alimento, ninguna lástima, mucha dureza, mayor castigo y continua amenaza. Así me temen. Mi voz, entre las paredes de esta cárcel, es como el trueno entre montes; asombra a cuantos la oyen. He visto llegar facinerosos de todas las provincias... hombres a quienes los dientes y las canas habían salido entre muertes y robos... El camino por donde habían venido había quedado horrorizado... Los soldados al entregármelos se aplaudían más que de una batalla que hubiesen ganado. Se alegraban de dejarlos en mis manos más que si de ellas sacaran el más precioso saqueo de una plaza sitiada muchos meses; y todo esto no obstante... a pocas horas de estar bajo mi dominio han temblado los hombres más atroces.

JUSTICIA. Pues ya queda asegurado. Adiós.

CARCELERO. Sí, sí; grillos, cadenas, esposas, cepo, argolla, todo le sujetará.

TEDIATO. Y, más que todo, mi inocencia.

CARCELERO. Delante de mí no se habla; y si el castigo no basta a cerrarte la boca, mordazas hay.

TEDIATO. Haz lo que quieras; no abriré mis labios. Pero la voz de mi corazón... aquella voz que penetra el firmamento, ¿cómo me privarás de ella?

CARCELERO. Este es el calabozo destinado para ti. En breve volveré.

TEDIATO. No me espanta su tiniebla, su frío, su humedad, su hediondez; no el ruido que han hecho los cerrojos de esa puerta; no el peso de mis cadenas. Peor habitación ocupa ahora... ¡ay, Lorenzo! Habrás ido al señalado puesto; no me habrás hallado... ¿Qué habrás juzgado de mí? Acaso crearás que miedo, inconstancia... ¡Ay!, no, no, Lorenzo; nada de este mundo ni del otro me parece espantoso; constancia no me puede faltar, cuando no me ha faltado ya. Sobre la muerte de quien vimos ayer cadáver medio corrompido me acometieron mil desdichas: ingratitud de mis amigos, enfermedad, pobreza, odio de poderosos, envidia de iguales, mofa de parte de mis inferiores... La primera vez que dormí, figuróseme que veía el fantasma que llaman fortuna. Cual suele pintarse la muerte con una guadaña que despuella el

universo, tenía la fortuna una vara con que volvía a todo el globo; tenía levantado el brazo contra mí. Alcé la frente; la miré. Ella se irritó; yo me sonreí, y me dormí. Segunda vez se venga de mi desprecio. Me pone, siendo yo justo y bueno, entre facinerosos hoy; mañana tal vez entre las manos del verdugo; éste me dejará entre los brazos de la muerte. ¡Oh muerte!, ¿por qué dejas que te llamen daño, el mayor de ellos, el último de todos? ¡Tú, daño! Quien así lo diga, no ha pasado lo que yo.

¡Qué voces oigo (¡ay!) en el calabozo inmediato! Sin duda hablan de morir. ¡Lloran! ¡Van a morir y lloran! ¡Qué delirio! Oigamos lo que dice el mísero insensato que teme burlar de una vez todas sus miserias. No, no escuchemos. Indignas voces de oírse son las que articula el miedo al aparato de la muerte.

¡Ánimo, compañero! Si mueres dentro del breve plazo que te señalan, poco tiempo estarás expuesto a la tiranía, envidia, orgullo, venganza, desprecio, traición, ingratitud... Esto es lo que dejas en el mundo. Envidiables delicias dejas por cierto a los que se queden en él. Te envidio el tiempo que me ganas, el tiempo que tardaré en seguirte.

Ha callado el que sollozaba, y también dos voces que le acompañaban, una hablándole de... Sin duda fue ejecución secreta. ¿Si se llegarán ahora los ejecutores a mí? ¡Qué gozo! Ya se disipan todas las tinieblas de mi alma. Ven, muerte, con todo tu séquito. Sí; ábrase esa puerta; entren los verdugos feroces manchados aún con la sangre que acaban de derramar a una vara de mí. Si el ser infeliz es culpa, ninguno más reo que yo. ¡Qué silencio tan espantoso ha sucedido a los suspiros del moribundo! Las pisadas de los que salen de su calabozo, las voces bajas con que se hablan, el ruido de las cadenas que sin duda han quitado al cadáver, el ruido de la puerta estremece lo sensible de mi corazón, no obstante lo fuerte de mi espíritu. Frágil habitación de un alma superior a todo lo que naturaleza puede ofrecer, ¿por qué tiembles? ¿Ha de horrorizarme lo que desprecio? ¿Si será sueño esta debilidad que siento? Los ojos se me cierran por si mismos, no obstante la debilidad que en ellos ha dejado el llanto. Sí; reclínome. Agradable

concurso, música deliciosa, espléndida mesa, delicado lecho, gustoso sueño encantarán a estas horas a alguno en el tropel del mundo. No se envanezca; lo mismo tuve yo; y ahora... una piedra es mi cabecera, una tabla mi cama, insectos mi compañía. Durmamos. Quizá me despertará una voz que me diga. Ven al tormento; u otra que me diga: Ven al suplicio. Durmamos. ¡Cielos! Si el sueño es imagen de la muerte... ¡Ay! Durmamos.

¡Qué pasos siento! Una corta luz parece que entra por los resquicios de la puerta. La abren; es el carcelero, y le siguen dos hombres. ¿Qué queréis? ¿Llegó por fin la hora inmediata a la de mi muerte? ¿Me la vais a anunciar con semblante de debilidad y compasión o con rostro de entereza y dominio?

CARCELERO. Muy diferente es el objeto de nuestra venida. Cuando me aparté de ti, juzgué que a mi vuelta te llevarían al tormento, para que en él declarases los cómplices del asesinato que se te atribuía. Pero se han descubierto los autores y ejecutores de aquel delito. Vengo con orden de soltarte. ¡Ea! Qúitenle las cadenas y grillos. Libre estás.

TEDIATO. Ni aun en la cárcel puedo gozar del reposo que ella me ofrece en medio de sus horrores. Ya iba yo acomodando los cansados miembros de mi cuerpo sobre esta tarima, ya iba tolerando mi cabeza lo duro de esa piedra, y me vienes a despertar, ¿y para qué? Para decirme que no he de morir. Ahora sí que turbas mi reposo... Me vuelves a arrojar otra vez al mundo, al mundo de donde se ausentó lo poco bueno que había en él. ¡Ay! Decidme, ¿es de día?

CARCELERO. Aún faltará una hora de noche.

TEDIATO. Pues voyme. Con tantas contingencias como ofrece la suerte, ¿qué sé yo si mañana nos volveremos a ver?

CARCELERO. Adiós.

TEDIATO. Adiós. Una hora de noche aún falta. ¡Ay! Si Lorenzo estuviese en el paraje de la cita, tendríamos tiempo para concluir nuestra empresa. Se habrá cansado de esperarme. Mañana, ¿dónde le hallaré? No sé su casa. Acudir al templo parece más seguro. Pasareme ahora por el atrio. ¡Noche!, dilata tu duración. Importa poco que te esperen con

impaciencia el caminante para continuar su viaje, y el labrador para seguir su tarea. Domina, noche, domina, y más y más sobre un mundo que por sus delitos se ha hecho indigno del sol. Quede aquel astro alumbrando a hombres mejores que los de estos climas. Mientras más dure tu oscuridad, más tiempo tendré de cumplir la promesa que hice al cadáver encima de su tumba, en medio de otros sepulcros, al pie de los altares y bajo la bóveda sagrada del templo. Si hay alguna cosa más santa en la tierra, por ella juro no apartarme de mi intento. Si a ello faltase; yo si a ello faltase... ¿cómo había de faltar?

Aquella luz que descubro será... ¿Qué? Será acaso la que arde alumbrando a una imagen que está fija en la pared exterior del templo. Adelantemos el paso. Corazón, esfuérzate; o saldrás en breve victorioso de tanto susto, cansancio, terror, espanto y dolor, o en breve dejarás de palpitar en ese miserable pecho. Sí, aquella es la luz. El aire la hace temblar de modo que tal vez se apagará antes que yo llegue a ella. Pero ¿por qué he de temer la oscuridad? Antes debe serme más gustosa. Las tinieblas son mi alimento. El pie siente algún obstáculo... ¿Qué será? Tentemos. Un bulto, y bulto de hombre. ¿Quién es? Parece como que sale de un sueño. ¡Amigo! ¿Quién es? Si eres algún mendigo necesitado que de flaqueza has caído, y duermes en la calle por faltarte casa en que recogerte, y fuerzas para llegarte a un hospital, sígueme. Mi casa será tuya. No te espanten tus desdichas; muchas y grandes serán; pero te habla quien las pasa mayores. Respóndeme, amigo. Desahóguese en mi pecho el tuyo; tristes como tú busco yo. Sólo me conviene la compañía de los míseros; harto tiempo viví con los felices. Tratar con el hombre en la prosperidad es tratarle fuera del mismo. Cuando está cargado de penas, entonces está cual es: cual naturaleza lo entrega a la vida, y cual la vida le entregará a la muerte; cuales fueron sus padres, y cuales serán sus hijos. Amigo, ¿no respondes? Parece joven de corta edad. Niño, ¿quién eres? ¿Cómo has venido aquí?

NIÑO.

¡Ay!, ¡ay!, ¡ay!

- TEDIATO. No llores; no quiero hacerte mal. Dime, ¿quién eres? ¿Dónde viven tus padres? ¿Sabes tu nombre, y el de la calle en que vives?
- NIÑO. Yo soy... mire usted... vivo... Venga usted conmigo para que mi padre no me castigue. Me mandó quedar aquí hasta las dos, y ver si pasaba alguno por aquí muchas veces, y que fuera a llamarle. Me he quedado dormido.
- TEDIATO. Pues no temas; dame la manita; toma ese pedazo de pan que me he hallado no sé cómo en el bolsillo, y llévame a casa de tu padre.
- NIÑO. No está lejos.
- TEDIATO. ¿Cómo se llama tu padre? ¿Qué oficio tiene? ¿Tienes madre y hermanos? ¿Cuántos años tienes tú, y cómo te llamas?
- NIÑO. Me llamo Lorenzo, como mi padre; mi abuelo murió esta mañana; tengo ocho años, y seis hermanos más chicos que yo. Mi madre acaba de morir de sobrepeso. Dos hermanos tengo muy malos con viruelas; otro está en el hospital; mi hermana se desapareció desde ayer de casa. Mi padre no ha comido en todo hoy un bocado de la pesadumbre.
- TEDIATO. ¿Lorenzo dices que se llama tu padre?
- NIÑO. Sí, señor.
- TEDIATO. ¿Y qué oficio tiene?
- NIÑO. No sé cómo se llama.
- TEDIATO. Explícame lo que es.
- NIÑO. Cuando uno se muere, y lo llevan a la iglesia, mi padre es quien...
- TEDIATO. Ya te entiendo; sepulturero, ¿no es verdad?
- NIÑO. Creo que sí; pero aquí estamos ya en casa.
- TEDIATO. Pues llama, y recio.
- SEPULTURERO. ¿Quién es?
- NIÑO. Abra usted, padre; soy yo, y un señor.
- SEPULTURERO. ¿Quién viene contigo?
- TEDIATO. Abre, que soy yo.
- SEPULTURERO. Ya conozco la voz. Ahora bajaré a abrir.

TEDIATO.

¡Qué poco me esperabas aquí! Tu hijo te dirá dónde le he hallado. Me ha contado el estado de tu familia. Mañana nos veremos en el mismo puesto para proseguir nuestro intento; y te diré por qué no nos hemos visto esta noche hasta ahora. Te compadezco tanto como a mí mismo, Lorenzo, pues la suerte te ha dado tanta miseria y te la multiplica en tus deplorables hijos... Eres sepulturero... Haz un hoyo muy grande... Entiérralos todos ellos vivos, y sepúltate con ellos. Sobre tu losa me mataré, y moriré diciendo: aquí yacen unos niños tan felices ahora como eran infelices poco ha; y dos hombres los más míseros del mundo.

[*Fin de la segunda noche*]



Noche tercera
TEDIATO y el SEPULTURERO
Diálogo

TEDIATO.

Aquí me tienes, fortuna, tercera vez expuesto a tus caprichos. Pero ¿quién no lo está? ¿Dónde, cuándo, cómo sale el hombre de tu imperio? Virtud, valor, prudencia, todo lo atropellas. No está más seguro de tu rigor el poderoso en su trono, el sabio en su estudio, que el mendigo en su muladar, que yo en esta esquina lleno de aflicciones, privado de bienes, con mil enemigos por fuera, y un tormento interior capaz, por sí solo, de llenarme de horrores, aunque todo el orbe procurara mi infelicidad.

¿Si será esta noche la que ponga fin a mis males? La primera, ¿de qué me sirvió? Truenos, relámpagos, conversación con un ente que apenas tenía la figura humana, sepulcros, gusanos, y motivos de cebar mi tristeza en los delitos y flaqueza de los hombres. Si más hubiera sido mi mansión al pie de la sepultura, ¿cuál sería el éxito de mi temeridad? Al acudir al templo el concurso religioso, y hallarme en aquel estado, creyendo que... ¿qué hubieran creído? Gritarían: Muera ese bárbaro que viene a profanar el templo con molestia de los difuntos y desacato a quien los crió.

La segunda noche.... ¡ay!, vuelve a correr mi sangre por las venas con la misma turbación que anoche. Si no has de volver a mi memoria para mi total aniquilación, huye de ella, ¡oh, noche infausta! Asesinato, calumnia, oprobios, cárcel, grillos, cadenas, verdugos, muerte y gemidos... Por no sentir mi último aliento, huye de mí un instante la tristeza; pero apenas se me concede gozar el aire que está libre para las aves y brutos, cuando me vuelve a cubrir con su velo la desesperación. ¿Qué vi? Un padre de familia pobre con su mujer moribunda, hijos parvulillos y enfermos; uno perdido, otro muerto aun antes de nacer y que mata a su madre aun antes de que ésta le acabe de producir. ¿Qué más vi? ¡Qué corazón el mío! ¡Qué inhumano, si no

se partió al ver tal espectáculo!... Excusa tiene: mayores son sus propios males, y aún subsiste. ¡Oh Lorenzo! Oh, vuélveme a la cárcel, Ser Supremo, si sólo me sacaste de ella para que viese tal miseria en las criaturas.

Esta noche, ¿cuál será?... ¡Lorenzo, infeliz Lorenzo! Ven, si ya no te detiene la muerte de tu padre, la de tu mujer, la enfermedad de tus hijos, la pérdida de tu hija, tu misma flaqueza. Ven, hallarás en mí un desdichado que padece no sólo sus infortunios propios, sino los de todos los infelices a quienes conoce, mirándolos a todos como hermanos. Ninguno lo es más que tú. ¿Qué importa que nacieras tú en la mayor miseria y yo en cuna más delicada? Hermanos nos hace un superior destino, corrigiendo los caprichos de la suerte, que divide en arbitrarias e inútiles clases a los que somos de una misma especie. Todos lloramos... todos enfermamos... todos morimos.

El mismo horroroso conjunto de cosas de la noche antepasada vuelve a herir mi vista con aquella dulce melancolía... Aquél que allí viene es Lorenzo... Sí, Lorenzo. ¡Qué rostro! Siglos parece haber envejecido en pocas horas. ¡Tal es el efecto del pesar! Semejante al que produce la alegría... o destruye nuestra débil máquina en el momento que la hiere, o la debilita para siempre al herirnos en un instante.

LORENZO. ¿Quién eres?

TEDIATO. Soy el mismo a quien buscas... El Cielo te guarde.

LORENZO. ¿Para qué? ¿Para pasar cincuenta años de vida como la que he pasado, lleno de infortunios; y cuando apenas tengo fuerzas para ganar un triste alimento... hallarme con tantas nuevas desgracias en mi mísera familia, expuesta toda a morir con su padre en las más espantosas infelicidades? Amigo, si para eso deseas que me guarde el Cielo, ¡ah!, pídele que me destruya.

TEDIATO. El gusto de favorecer a un amigo debe hacerte la vida apreciable, si se conjuraran en hacértela odiosa todas las calamidades que pasas. Nadie es infeliz si puede hacer a otro dichoso. Y, amigo, más bienes dependen de tu mano que de la magnificencia de todos los reyes. Si fueras emperador de medio mundo... con el imperio de todo el universo, ¿qué

podrías darme que me hiciese feliz? ¿Empleos, dignidades, rentas? Otros tantos motivos para mi propia inquietud, y para la malicia ajena. Sembrarías en mi pecho zozobras, recelos, cuidados... tal vez ambición y codicia... y en los de mis amigos... envidia. No te deseo con corona y cetro para mi bien... Más contribuirás a mi dicha con ese pico, ese azadón... viles instrumentos a otros ojos... venerables a los míos... Andemos, amigo, andemos.

[*Fin de la tercera noche*]



NOITES LÚGUBRES

“*Que noite! A escuridão, o silêncio atroz...
completam a tristeza do meu coração.*”

JOSÉ CADALSO

Noites lúgubres

Imitando o estilo das que escreveu
em inglês o doutor Young¹

..... *Crudelis ubique*
Luctus, ubique pavor, et plurima noctis imago.
Virgílio, *Aen.*, 2, v[v]. 368[-69].²

¹ Edward Young (1681-1765), poeta inglês, autor de *Night-Thoughts* (1742-45), obra que serviu de modelo literário para Cadalso. (n.t.)

² “Tudo é luto e pavor, crueza é tudo; / Multiplica-se a morte em várias formas” (Trad. Manuel Odorico Mendes). “...Por tudo, desgraças, / luto, lamentos, a imagem da Morte em diversas posturas” (Trad. Carlos Alberto Nunes). Para melhor integrar a epígrafe à sua obra, Cadalso se vale de uma tradição textual menos conhecida da *Eneida*, que substitui “morte” (*mortis imago*) por “noite” (*noctis imago*). (n.t.)

Noite primeira
TEDIATO e um COVEIRO
Diálogo

TEDIATO.

Que noite! A escuridão, o silêncio atroz, interrompido por gemidos que ressoam no cárcere ao lado, completam a tristeza do meu coração. Também o céu conspira contra minha paz, se alguma me resta. Cresce a tormenta. O clarão desses relâmpagos... Que horrível! Troveja. Cada trovão soa mais forte, e parece produzir outro, mais violento. O sonho, doce intervalo das fadigas dos homens, se nubla. O leito conjugal, teatro de delícias; o berço, onde se nutre a esperança dos lares; a sossegada cama dos anciãos honrados, tudo se inunda de lágrimas... tudo treme. Não há homem que não se julgue mortal neste instante... Ah, se fosse o último da minha existência! Quanto prazer me daria! Quanto horror agora! Quanto horror! Não mais do que no dia, no triste dia que foi a causa da situação em que agora me encontro.

 Lourenço, que não vem... E acaso virá? Covarde! Terá se espantado com o espetáculo que a natureza oferece? Não vê o interior do meu coração... Mais horrorizado ficaria! E se a esperança da recompensa o trouxesse? Sim... o dinheiro... Ah, dinheiro, quão poderoso és! Um só coração te opôs resistência... Já não existe... Teu reino agora é absoluto... Já não existe o coração que, solitário, te opôs resistência.

 Quase duas da manhã... Esta é a hora marcada com Lourenço... Memória! Triste memória! Cruel memória, fabricas mais tempestades em minha alma do que essas nuvens no alto. Também esta é a hora em que eu costumava pisar essas mesmas ruas noutros tempos, muito diferentes. Quão diferentes! Desde então, tudo no mundo mudou. Tudo, menos eu.

 Será de Lourenço aquela luz trêmula e triste que avisto? Decerto que sim. Quem, senão ele, nestas circunstâncias, e por tal recompensa, sairia de sua casa? É ele:

o rosto pálido, magro, sujo, barbudo e assustado; a enxada e a picareta que traz ao ombro, o traje triste, as pernas nuas, os pés descalços, que pisam com apreensão; tudo me indica ser Lourenço, o coveiro do templo, aquele cujo vulto apavoraria quem o encontrasse. É ele, não há dúvida. Aproxima-se. Retiro meu embuço e mostro-lhe minha luz. Ei-lo que chega. Lourenço! Lourenço!

LOURENÇO. Sou eu. Cumpri minha palavra. Cumpre agora a tua. O dinheiro que me prometeste?

TEDIATO. Aqui está. Terás coragem de prosseguir com o combinado, tal como me havias oferecido?

LOURENÇO. Sim, porque pagas o trabalho.

TEDIATO. Interesse! Força movente do coração! Eis o dinheiro que te prometi. Tudo se torna fácil se a recompensa é certa. Mas esta é justa, uma vez que foi acordada.

LOURENÇO. Que infeliz sou, que me atrevi a prometer-te o que vou cumprir agora! Quanta dor me aflige! Tenta imaginá-la... que eu... ainda terei muito que chorá-la... Vamos.

TEDIATO. Trouxeste a chave do templo?

LOURENÇO. Sim, aqui está.

TEDIATO. Tão escura a noite, e tão medonha.

LOURENÇO. Tremo tanto, e nada vejo.

TEDIATO. Dá-me, pois, tua mão, e segue-me. Serei teu guia e te inspirarei coragem.

LOURENÇO. Em trinta e cinco anos como coveiro, sem deixar um dia sequer de enterrar um ou mais cadáveres, nunca, até então, havia exercido meu ofício com horror.

TEDIATO. É que, nesta noite, me vais ser útil. Por isso, retira-te o céu a força do corpo e da alma. Eis a porta.

LOURENÇO. Oh, como tremo!

TEDIATO. Anima-te... e acompanha-me...

LOURENÇO. Que interesse tão grande te leva a tanta ousadia? Parece-me coisa difícil de entender!

TEDIATO. Solta-me o braço... Agarras-me com tanta força que não me deixas meter a chave. Também ela parece... opor-se ao meu intento. Abriu-se, enfim. Entremos.

- LOURENÇO. Sim, entremos. Devo fechá-la por dentro?
- TEDIATO. Não. Será perda de tempo, e poderíamos ser descobertos. Encosta a porta apenas, de modo que a luz não seja vista de fora, caso passe alguém... tão infeliz como eu... porque mais não pode ser.
- LOURENÇO. Com estas mãos enterrei meigas crianças, delícias de suas mães; rapazes robustos, descanso de seus pais experientes; virgens formosas, invejadas por aquelas que lhes sobreviviam; homens na força da idade, e que ocupavam altos postos; velhos venerandos, alicerces do Estado... nunca tremi. Deitei seus cadáveres na multidão de outros, já decompostos; rasguei suas vestes à procura de alguma joia de valor; comprimi com força, e sem repulsa, seus membros gelados; esmaguei seus crânios e ossos, e os cobri de pó, de cinza, de vermes, e de pus, sem que meu coração palpitasse... e agora, ao cruzar esses umbrais, hesito... Ao ver o reflexo dessa lamparina, assusto-me... Ao tocar esses mármore, estremeço... Envergonho-me da minha fraqueza. Não a menciones a meus companheiros; zombariam da minha covardia, se soubessem.
- TEDIATO. Mais me escarneceriam os meus, vendo meu atrevimento. Insensatos! Quão pouco sabem!... Ah, ser-me-iam tão odiosos por sua insensibilidade, quanto eu, em seu conceito, lhes seria insensato por minha paixão.
- LOURENÇO. Tua coragem me anima. Mas, ah!, novo assombro! Que é aquilo?... Possui forma humana. Cresce à medida que avançamos... outro fantasma o segue. O que será isso? Voltemos enquanto é possível. Não desperdicemos a pouca força que ainda nos resta... Se ainda nos sobra alguma coragem, valhamo-nos dela para fugir.
- TEDIATO. Tolo! O que te espanta é a tua sombra com a minha. Resultam da postura dos nossos corpos em relação àquela lamparina. Se o outro mundo gerasse esses prodigiosos entes que nunca ninguém viu, e de que todos falam, seria como trazer-nos o bem ou o mal de modo inevitável. Nunca os encontrei, embora os tenha procurado.
- LOURENÇO. Se os tivesses visto...

- TEDIATO. Ainda assim não daria crédito a meus olhos. Julgaria tais fantasmas como monstros fabricados por uma imaginação cheia de tristeza. Imaginação humana! Fecunda apenas em quimeras, ilusões e imagens de terror! A minha apresentame imagens terríveis nestas circunstâncias... Quase me obrigam a desistir do meu propósito.
- LOURENÇO. Dizes isso porque nunca os viste. Se os tivesses visto, tremerias mais do que eu agora.
- TEDIATO. Talvez, naquele instante; mas ao refletir, me acalmaria. Se não receasse desperdiçar estas poucas horas, as mais preciosas da minha vida, e talvez as últimas, contar-te-ia com prazer coisas capazes de te tranquilizar... Mas batem as duas... Como é triste o som deste sino! O tempo urge. Vamos, Lourenço.
- LOURENÇO. Aonde?
- TEDIATO. Àquela sepultura. Sim, vamos abri-la.
- LOURENÇO. Qual?
- TEDIATO. Aquela.
- LOURENÇO. Qual? Aquela humilde e baixa? Pensei que querias abrir aquele monumento alto e suntuoso, onde enterrei, há poucos dias, o distinto duque de Faustotimbrado, que foi homem de palácio, e que segundo me disseram seus criados, dirigiu em vida negócios de grande monta. Cuidei que a curiosidade ou o interesse te incitava a ver se encontravas alguns documentos secretos, que talvez tivessem sido enterrados com seu corpo. Ovi, não sei onde, que nem mesmo os mortos estão livres de suspeitas, e até da inveja dos cortesãos.
- TEDIATO. Tão desprezíveis são para mim os mortos quanto os vivos, no sepulcro ou no trono, putrefatos ou triunfantes, cobertos de vermes ou cercados de bajuladores... Não me distraias... Vamos ao nosso trabalho.
- LOURENÇO. Não. Também não hás de ir ao túmulo seguinte, onde jaz o famoso indiano³, pois que, ao morrer, não se encontrou nem parcela da riqueza que se lhe supunha. Consta-me que

³ Diz-se da pessoa que emigra para a América e regressa à Espanha com fortuna. (n.t.)

nada enterrou consigo, porque registrei seu cadáver. Sequer um dobrão em sua mortalha foi encontrado.

TEDIATO. Não viria eu da minha casa ao seu túmulo nem por todo o ouro que ele tivesse trazido da infeliz América à tirana Europa.

LOURENÇO. Sim, pode ser. Mas não me surpreenderia que viesses procurar seu dinheiro. É tão útil no mundo...

TEDIATO. Pouco, sim, é útil, pois nos alimenta, nos veste, e nos dá as poucas coisas necessárias à nossa curta e miserável existência; mas muito é prejudicial.

LOURENÇO. Oh! E por quê?

TEDIATO. Porque fomenta as paixões, engendra vícios novos e, à força de multiplicar crimes, inverte toda a ordem da natureza, sendo que o bom exclui-se de seu domínio, sem final feliz... Com ele não puderam arrancar minha felicidade. Ah! Vamos.

LOURENÇO. Sim. Mas antes de chegar lá, teremos que topiar com aquela outra sepultura, e meu cabelo todo se arrepiava quando passo por ela.

TEDIATO. Por que te causa pavor essa mais do que qualquer outra?

LOURENÇO. Porque a pessoa que nela se enterrou morreu de repente. E essas mortes súbitas me apavoram.

TEDIATO. Deverias espantar-te o número reduzido delas. Um corpo tão frágil como o nosso, tumultuado por tantos humores, composto de tantas partes invisíveis, sujeito a tão frequentes movimentos, repleto de tantas imundícies, maltratado pelo nosso desregramento, e, acima de tudo, movido por uma alma ambiciosa, invejosa, vingativa, colérica, covarde, e escrava de tantos tiranos... O que pode durar? Como pode durar? Não sei como vivemos. Não há dobre de sino que não pareça tocar a um morto... Se fosse cego, julgaria que todos se vestiam de negro... Quantas vezes morre um homem por um sopro de brisa que não moveria a trêmula chama de uma lamparina! Quantas, por uma chuva que não chegou a umedecer a superfície da terra! Quantas, por um raio de sol que não chegou a aquecer a água de uma fonte! Por quantos perigos passa o homem no curto ca-

minho que vai do berço à sepultura! A cada passo, sinto o solo fender-se, preparando-me o sepulcro... Conheço duas ou três ervas salutares; as venenosas são incontáveis. Sim, sim... o cão me acompanha, o cavalo me obedece, o jumento leva-me a carga... e daí? O leão, o tigre, o leopardo, o urso, o lobo e uma multidão de outras feras afirmam a nossa deplorável fragilidade.

LOURENÇO. Chegamos, enfim, ao lugar que desejas.

TEDIATO. O que diz tua boca, diz melhor meu coração. Eis a lousa que reguei tantas vezes com meu pranto, e que beijei tantas vezes com meus lábios. Ei-la. Ah, Lourenço! Antes que aceitasses a tarefa que agora cumpres, quantas tardes passei junto a esta pedra, tão imóvel como se minhas entranhas dela fizessem parte! Parecia eu mais uma estátua, emblema da dor, que um ente sensível. Entre aqueles dias, um passou por mim sobre este banco. Os que cuidam deste templo por várias vezes me tiraram de meu estado letárgico, advertindo-me que era hora de fechar as portas. Naquele dia, esqueceram-se da sua obrigação e do meu delírio: saíram e me deixaram. Fiquei naquelas sombras, cercado de sepulcros, tocando imagens da morte, envolto em trevas, e respirando apenas nos curtos momentos em que a angústia permitia, toldada a imaginação com o negro véu da tristeza mais sombria. Num desses amargos intervalos, eu vi, não duvides, eu vi sair de uma cova, ao pé desta, um ente que se movia. Seus olhos resplandeciam com o reflexo desta lamparina, que estava prestes a extinguir. Sua cor era branca, embora um tanto cinzenta. Seus passos eram sucintos, pausados, e dirigiam-se na minha direção... Duvidei... Chamei-me covarde... Levantei-me... e fui ao seu encontro... O vulto prosseguia... Quando lhe ia tocar, e ele a mim... Ouça-me...

LOURENÇO. Então, o que aconteceu?

TEDIATO. Ouça-me... Quando lhe ia tocar, e o medonho vulto a mim, naquele instante de tanta perturbação... a luz se apagou por completo.

LOURENÇO. O quê? E vives ainda?

TEDIATO. E viverei, pois não morri naquele momento. Escuta.

- LOURENÇO. Sim, e com grande atenção. Que fizeste? Que pudeste fazer naquela situação?
- TEDIATO. Mantive-me em pé, sem querer perder o terreno que havia conquistado com tanto arrojo e valentia. Era inverno. E por volta da meia-noite, quando a escuridão se estendeu pelo templo. Ouvi bater à uma... às duas... às três... às quatro... sempre em pé, emprestando ao ouvido o ofício da vista.
- LOURENÇO. Que foi que ouviste? Termina, que estremeço.
- TEDIATO. Ouvi uma espécie de arfar abafado. Palpando às cegas compreendi que o corpo do vulto fugia do meu contato. Meus dedos pareciam molhados de suor frio e infecto, e não havia monstro, por mais horrendo, insólito e inexplicável que fosse, que não figurasse na minha frente. Mas, que é a razão humana, se não serve para vencer todos os objetos, inclusive suas próprias fraquezas? Venci todos os assombros. Mas o primeiro efeito que senti do pranto derramado antes da aparição, da falta de alimento, do frio da noite, e da dor que por dias dilacerava meu coração, pôs-me em tal estado de debilidade, que caí desmaiado na mesma cova de onde havia saído o objeto horrível. Ali me encontrei, pela manhã, nos braços de fiéis piedosos, que acorriam ao templo para louvar o Criador, e cantar seus hinos habituais. Levaram-me para casa, de onde logo voltei ao mesmo lugar. Naquela mesma tarde te conheci, e foi quando me prometeste o que vais agora terminar.
- LOURENÇO. Pois nessa mesma tarde, notei a falta em casa (pouco te importará o que vou dizer, mas para mim é assunto de grande valia), notei a falta de um mastim que costuma me acompanhar, e que não apareceu senão no dia seguinte. Se visses como me é leal! Está acostumado a entrar comigo no templo e, enquanto cavo a sepultura, não me abandona um só instante. Muitas vezes, tardando em chegar o enterro, deixo-o ficar sobre o meu abrigo, guardando a pá, a enxada, e outras ferramentas do meu ofício.
- TEDIATO. Não prossigas, já me disseste o bastante. Naquela tarde, não houve enterro. Foste embora, e o cão dormia na mesma cova. Era alta noite, quando acordou. Encontramo-nos sozinhos, ele e eu, na igreja (repara que causa tão trivial para

um temor, em aparência, tão bem fundado!), e como, então, não pôde sair, o fez quando as portas se abriram, ao nascer do sol – o que não pude ver por causa do desmaio.

LOURENÇO. Já começo a erguer a pedra do túmulo. Pesa um absurdo! Decerto que verás teu pai! Muito o amas, que para vê-lo passas uma noite tão dura... Mas é amor de filho! Um pai é bem digno...

TEDIATO. Um pai! Por quê? Geram-nos por desfastio, criam-nos por obrigação, instruem-nos para lhes sermos úteis, casam-nos para perpetuar seus nomes, corrigem-nos por capricho, deserdam-nos por injustiça, abandonam-nos por seus vícios.

LOURENÇO. Será tua mãe... muito devemos a uma mãe.

TEDIATO. Menos ainda que ao pai. Também nos geram por desfastio, e talvez por volúpia, negam-nos o leite que a natureza lhes deu para esse único e sagrado fim, corrompem-nos com seu mal exemplo, sacrificam-nos aos seus interesses, furtam-nos afagos que deveríamos receber para dá-los a um cão ou um pássaro.

LOURENÇO. Algum irmão teu, de quem eras tão próximo, que lhe vens visitar os ossos?

TEDIATO. Que irmão conhecerá a força desse termo? Um ano a mais de idade, algumas letras de diferença no nome, mesma esperança de gozar um bem de direito duvidoso, e outras coisas semelhantes imprimem tanto ódio entre irmãos, que estes mais parecem feras de espécies distintas do que frutos do mesmo ventre.

LOURENÇO. Já vislumbro o que pode ser. Jaz aqui, sem dúvida, algum filho teu, que perdeste na mais tenra idade.

TEDIATO. Filhos! Sucessão! O que antes era um tesouro com que a natureza presenteava seus preferidos, hoje é um açoite com que só se deveriam castigar os maus. Que é um filho? Seus primeiros anos... um retrato horrendo da miséria humana. Doença, apatia, estupidez, enfado e nojo... Os anos seguintes... uma amostra dos vícios dos brutos, possuídos em alto grau... Luxúria, gula, desobediência... Mais tarde, um poço de horrores infernais... ambição, orgulho, inveja, ganância, vingança, traição e maldade. A partir daí... já não

se vê o homem como irmão de outro homem, mas apenas como um ente supranumerário no mundo. Cria-me, Lourenço, cria-me. Tu sabes como são os mortos, pois são o objeto da tua convivência... Eu sei o que são os vivos... Convivo muito com eles... São... não... não há exceções, cada qual pior que o outro... E deles seria eu o pior se me deixasse arrastar por seus exemplos.

LOURENÇO.

Que quadro acabas de compor!

TEDIATO.

A natureza é o original. Não a enalteço nem a subestimo. Não te preocupes, Lourenço. Esses nomes que ouves de pai e mãe, irmão, filho, e outros semelhantes, nada significam. E se significam o caráter que vemos nos que assim se chamam, não quero ser, nem ter, filho, irmão, pai, mãe, nem quero a mim mesmo, pois algo de tudo isso devo ser.

LOURENÇO.

Só me resta, então, fazer-te esta pergunta: se procuras o cadáver de algum amigo.

TEDIATO.

Amigo, hein? Amigo? Que tolo és!

LOURENÇO.

Por quê?

TEDIATO.

Sim, tolo e digno de dó, se crês que essa palavra tem o menor sentido. Amigos! Amizade! Essa única virtude faria feliz todo o gênero humano. Miseros são os homens desde o dia em que a desterraram, ou que ela os abandonou. Sua ausência é a origem de todos os tormentos da sociedade. Todos querem parecer amigos, ninguém o é. Nos homens, a aparência de amizade equivale ao apuro e aos adornos nas mulheres. Beleza falsa e enganosa... Neve que cobre o monturo... Apertar as mãos e apunhalar os corações, essa é a amizade que prevalece. Não te preocupes. Não procuro o cadáver de nenhuma pessoa das que supões. Não é um cadáver.

LOURENÇO.

Pois se não é um cadáver, o que é? Então, teu propósito talvez seja furtar joias do templo, guardadas em algum subterrâneo, cuja porta imaginas ser a pedra que começo a erguer.

TEDIATO.

Tua inocência te sirva de desculpa. Que fiquem em paz essas joias concedidas pela piedade, valorizadas pela superstição da plebe e guardadas pela cobiça dos sacerdotes.

- LOURENÇO. Não te entendo.
- TEDIATO. Nem convém. Empenha-te no teu trabalho.
- LOURENÇO. Ajuda-me. Mete essa outra picareta ali, e força comigo.
- TEDIATO. Assim?
- LOURENÇO. Isso mesmo. Estamos indo bem...
- TEDIATO. Quem diria, há dois meses, que eu estaria neste encargo? Passaram-se mais veloz que um sonho, deixando-me aflição ao acordar. Desapareceram como o fumo que se desprende das chamas e se desfaz no ar. Que fazes, Lourenço?
- LOURENÇO. Que cheiro! Que pestilência sai deste túmulo! Não posso mais.
- TEDIATO. Não me abandones, não me abandones, amigo. Sozinho não sou capaz de sustentar esta pedra.
- LOURENÇO. A abertura deixa sair esses vermes, que a luz da minha lâmpada ilumina.
- TEDIATO. Ah, o que vejo! Meu pé direito está todo coberto deles. Quanto horror me revelam! Nisto, ah, neste se converteu tua carne! Dos teus formosos olhos se formaram estes seres repugnantes! O teu cabelo, que mil vezes chamei, no auge da minha paixão, não só mais brilhante, mas ainda mais precioso que o ouro, produziram esta putrefação! Tuas alvas mãos, teus lábios sensuais, transformaram-se em matéria e decomposição! Em que estado estarão os tristes restos do teu cadáver! Que sentido não se escandalizará ao ver aquela que foi o encanto de todos eles!
- LOURENÇO. Ao trabalho outra vez! Mas esse vapor me atordoia... Começa agora... Mais, mais. O quê? Choras... Só podem ser tuas lágrimas estas gotas que me caem nas mãos... Soluças! Emudeces! Responde-me!
- TEDIATO. Ah! Ah!
- LOURENÇO. O que tens? Desmaias?
- TEDIATO. Não, Lourenço.
- LOURENÇO. Fala, então. Percebo agora quem é a pessoa que aqui se enterrou... Eras esposo dela? Não se interrompa o trabalho por isso. A pedra está quase vencida. Vês, um pouco mais da tua ajuda e a derrubaremos. Agora, agora, ah!

TEDIATO. Faltam-me forças...

LOURENÇO. Perdemos o que havíamos conquistado.

TEDIATO. Tombou outra vez.

LOURENÇO. E o sol já vai saindo... Com isso, corremos o risco de que pessoas venham e nos vejam.

TEDIATO. Já saudaram o Criador os sinos da manhã nos templos dos arredores. Sem dúvida, já fizeram o mesmo os pássaros nas árvores com música mais natural e mais inocente e, portanto, mais digna. Enfim, já estará extinta a noite. Só meu coração continua coberto de densas e terríveis trevas. Para mim, nunca sai o sol. Todas as horas passam com a mesma escuridão. Todos os objetos que vejo durante o que se chama dia são para mim fantasmas, visões e sombras, quando menos... Alguns são fúrias infernais.

Tens razão. Poderemos ser surpreendidos. Esconde essa picareta e essa enxada. Não me faltes amanhã na mesma hora e no mesmo lugar. Terás menos medo, e menos tempo se perderá. Vai-te, eu te sigo.

Antigo objeto dos meus prazeres... Hoje objeto de horror para quem te visse! Aglomerado de ossos repulsivos! Noutros tempos, epítome da graça! Oh tu, imagem do que serei em breve, logo voltarei ao teu sepulcro, te levarei à minha casa, descansarás num leito junto ao meu, morrerá meu corpo junto a ti, cadáver adorado, e agonizando incendiarei meu lar, e tu e eu nos tornaremos cinzas, em meio às cinzas da casa.

[Fim da primeira noite]



Noite segunda
TEDIATO, a JUSTIÇA e depois um CARCEREIRO

Diálogo

TEDIATO.

Que triste foi para mim esse dia! Como a mais aterradora noite, encheu-me de pavor, tédio, angústia e opressão. Com que pesar viram meus olhos a luz do astro que chamam de benévolo os de coração menos aflito que o meu! O sol, criatura concebida como a imagem menos imperfeita do Criador, foi objeto da minha melancolia. O tempo que tardou para levar seu brilho a outras regiões pareceu-me um tormento eterno. Que tristeza a minha! Sou o único a quem seus raios não consolam! Mesmo a noite, cuja tardança fazia-me a presença do sol tão intolerável, é menos aprazível, porque em algo se parece ao dia. Não está tão escura como desejara. A lua! Ah lua, oculta-te! Não ilumines aqui o mais infeliz dos mortais! Quem acreditaria que não se passaram nem dezesseis horas desde que deixei Lourenço? E o que foram para mim? Chorar, gemer, delirar... Os olhos fixos em seu retrato, o rosto banhado em lágrimas, as mãos unidas implorando minha morte aos céus, os joelhos curvos ao peso do meu corpo amortecido, só um leve ofegar distinguindo-me de um cadáver. Que impressionado ficou Vitélio, meu amigo, ao entrar no meu quarto e me encontrar naquele estado! Pobre Vitélio! Quanto te esforçaste para me fazer engolir algum alimento! Nem as mãos tinham força para segurar o pão, nem os braços para levá-lo à boca, se alguma vez lá chegava. Que amargas são as migalhas molhadas em lágrimas! Insististe. Mantive-me imóvel. Decerto, saíste cansado. Quem não se cansaria de um amigo como eu, triste, doente, apartado do mundo, objeto da compaixão de alguns, do menosprezo de outros, do escárnio de muitos? Natural que me abandonasse! Admirame que tenhas me dirigido o olhar. Ah Vitélio, Vitélio! Alguns instantes mais ao meu lado teriam te honrado com o nome de amigo verdadeiro. Mas de que te serviria? Fizeste bem em abandonar-me, ou também terias sido alvo da

zombaria dos outros. Abandonar um amigo infeliz, unir-se ao destino contra um desvalido, aplaudir a inconstância do mundo, imitar o rígido das entranhas dos homens comuns, acompanhar com teu riso o riso universal, eco dos prantos de um miserável... Avante, avante... Esse é o caminho da fortuna, antecipe-se aos outros: admirar-te-ão o talento. Eu o vi sair. Murmurava da fraqueza do meu espírito. Decerto a natureza murmurava da dureza do seu. E esse é o menos pérfido dos meus amigos. Outros nem isso fizeram. Tediato está morrendo, diriam uns; outros repetiriam: está morrendo Tediato. Falariam da minha vida e da minha morte como do tempo bom ou mau costumam falar os poderosos – não como os pobres, a quem o tempo tanto importa. A luz do sol que se esvaía tirou-me da letargia cruel. A treva⁴ me trouxe o consolo que aos outros arrebatava. Todo o consolo que a natureza sente ao nascer do sol, eu o senti quando ele se pôs. Mil vezes disse, ao preparar-me para sair: eu te saúdo, oh noite, mãe dos crimes, ruína da beleza, imagem do caos de onde saímos! Redobra teus horrores. Quanto mais densas, mais me serão prazerosas tuas trevas. Não me alimentei. Não enxuguei as lágrimas. Vesti-me com a roupa a mais lúgubre. Tomei esta espada que será... ah!, sim, será o consolo derradeiro das minhas aflições. Vim a este lugar. Espero por Lourenço.

Desiludido de visões e fantasmas, duendes, espíritos e sombras, me ajudará com firmeza a levantar a campa. Farei o roubo... O roubo! Ah, não! Ofendo-a, e ofendo-me, éramos um. Sua alma, que era senão a minha? A minha, que era senão a sua?

Mas... que vozes são essas? Morre, morre, diz uma delas. Ah, que me matam, diz outra. Vários homens correm na minha direção. Que farei? Que vejo? Um deles cai, parece ferido... Vem até meus pés lutando com as agonias de morte. Os outros fogem pelo caminho de onde vieram. Quem és? Quem és? Quem são os que te perseguem? Não

⁴ No espanhol, o uso de *tinieblas* (trevas) no plural é mais frequente do que no singular. E assim também o era no século XVIII. No entanto, Cadalso emprega o termo no singular (*tiniebla*) duas vezes na segunda noite, talvez em busca de um efeito de singularidade nessas duas ocorrências. Nas duas, utilizo o termo “treva”, no singular, que em português também é mais raro do que seu emprego no plural. (n.t.)

respondes? A torrente de sangue que jorra de sua boca e de sua ferida encharca minha roupa... Está morto. Expirou agarrado à minha perna. Sinto passos desse outro lado. Muita gente se aproxima. Parece-me, pela pompa, uma comitiva da justiça.

JUSTIÇA. Eis aqui o cadáver, e este homem ensanguentado com uma espada na mão, e com a outra tentando se desvencilhar do morto, o que parece indicar não ser outro o assassino. Prendei esse facínora! E estejais cientes da importância desse caso. O morto é um fidalgo cujas distinções não permitem o menor descaso da nossa parte. Descobri os antecedentes desse crime e os fins a que se propunha. Amarrai-o. Podes, desde já, considerar-te morto e desonrado. Sim, esse rosto... o pálido de seu semblante, sua perturbação... tudo indica ou aumenta os indícios que já temos. Em breve terás uma morte torpe e cruel.

TEDIATO. Tanto mais prazerosa. Por tortuoso caminho, concede-me o Céu o que há dias lhe pedi com todo fervor...

JUSTIÇA. Deleita-se, então, com teu crime!?

TEDIATO. Crime! Jamais cometi. Se o tivesse, teria sido ele meu primeiro algoz, e com isso não me deleitaria. O que me é prazeroso é a morte. Dai-ma quanto antes, se de vós me-reço alguma compaixão. Se não sois assim tão generoso, deixai-me viver. Esse será meu maior tormento. Mas, se alguma piedade merece um homem, que a pede a outro homem, permiti, por um instante, aproximar-me daquele templo, não para ali me refugiar, mas para oferecer meu coração a...

JUSTIÇA. Teu coração no qual engendras maldades!?

TEDIATO. Não maldigas um infeliz; mata-me sem ultrajar-me. Tortura meu corpo, a ti subjugado, mas não insultes uma alma, a mais nobre... um coração, o mais puro... Sim, o mais puro, casa do Ser Supremo mais digna do que o templo no qual queria... Já não quero mais... Faz o que quiseres... Não me perguntes quem sou, como aqui cheguei, o que fazia, o que tentava fazer... Que os algozes agucem suas crueldades! Verás todas elas vencidas pela minha candura.

JUSTIÇA. Levai-o já. Logo virão buscá-lo seus companheiros.

- TEDIATO. Nunca os tive. Nem na maldade, porque nunca fui mau; nem na bondade, porque ninguém se iguala a mim no ser bom! Por isso, sou o mais infeliz dos homens. Carregai-me de grilhões, oficiais sanguinários. Estreitai estes cordames com que me arrastais como uma vítima inocente. E tu, que neste templo estás, concilia-te com teu espírito imortal, que exalaste nos meus braços, e vem, se assim permite quem pode, consolar-me na prisão, ou esclarecer meus juízes. Que eu vá destemido ao suplício, ou inocente ao mundo. Mas não! Aviltado ou vingado, que eu morra, que eu morra logo.
- JUSTIÇA. Seu delito lhe perturba a razão. Vamos, vamos.
- TEDIATO. Já chegamos à prisão?
- JUSTIÇA. Falta pouco.
- TEDIATO. Quem quer que encontre a comitiva da justiça conduzindo um preso ensanguentado, pálido, mal vestido, carregado de correntes e de insultos que lhe vão dizendo, o que dirá? Vai ali um criminoso. Logo o veremos no patíbulo. Sua morte será horrível, mas o espetáculo, saudável. Viva a justiça! Punam-se os crimes. Extirpem-se da sociedade os que perturbam seu sossego. A morte de um malfeitor assegura a vida de muitos homens de bem. Assim dirão de mim. Assim dirão. Em vão lhes diria da minha inocência. Não me acreditariam. Se a jurasse, chamariam-me perjuro, além de malfeitor. Tomaria esses astros por testemunhas da minha virtude. Os astros fariam seu giro sem cuidar do virtuoso que padece, nem do injusto que triunfa.
- JUSTIÇA. Já chegamos à prisão.
- TEDIATO. Sepulcro de vivos, morada de horror, triste descanso no caminho do suplício, depósito de delinquentes, abre tuas portas, recebe este desgraçado.
- JUSTIÇA. Vigiai bem esse homem, e que ninguém lhe fale. Ponde-o na masmorra mais afastada e protegida. Dobrai o número e o peso dos grilhões. Os indícios contra ele são quase evidências. Amanhã será interrogado. Preparai-lhe a tortura, caso sua obstinação seja tanta quanto sua perversidade. Carcereiro, tu és responsável por esse preso. Aconselho-te

que não o percas de vista. Pensa que a menor compaixão que tiveres com ele será tua perdição.

CARCEREIRO. Compaixão, eu? De quem? De um preso do qual me encarrego? Não me conheceis. Há anos que sou carcereiro e, por todo esse tempo, guardei os presos que tive como se guardasse feras em jaulas. Poucas palavras, menos alimento, nenhuma piedade, muita aspereza, castigo excessivo e contínua ameaça. Assim sou temido. Minha voz, entre as paredes deste cárcere, soa como um trovão entre montes, assombra todos que a ouvem. Tenho recebido criminosos de todas as províncias... Homens a quem os dentes e os cabelos brancos cresceram entre mortes e roubos... Por onde passavam, deixavam rastros de medo... Os soldados, ao me entregá-los, festejavam mais do que se tivessem vencido uma batalha. Alegravam-se de deixá-los em minhas mãos mais do que se delas tomassem o espólio mais precioso de um forte há meses sitiado. E apesar de tudo isso... ao fim de poucas horas sob meu domínio, tremiam os homens mais cruéis.

JUSTIÇA. Pois, então, está seguro. Adeus.

CARCEREIRO. Sim, sim. Grilhões, correntes, algemas, tronco, argolas, tudo o sujeitará.

TEDIATO. E mais que tudo, a minha inocência.

CARCEREIRO. Na minha presença não se fala. E se castigo não basta para fechar-te a boca, a mordaca bastará.

TEDIATO. Faz o que quiseres, não moverei meus lábios. Mas a voz do meu coração... essa voz que penetra o firmamento, como me privarás dela?

CARCEREIRO. Eis aqui a masmorra que te é destinada. Logo voltarei.

TEDIATO. Não me assusta sua treva, seu frio, sua umidade, sua hediondez; nem o ruído que fazem os ferrolhos desta porta; nem o peso das minhas correntes. Pior aposento ocupa agora...⁵ ah, Lourenço! Terás ido ao lugar combinado, não me terás encontrado... Que terás pensado de mim? Acaso julgarás que medo, inconstância... Ah! não, não, Lourenço,

⁵ Referência à amada morta e seu sepulcro. Na sequência, sem indicação de mudança de foco, Tediato volta-se em pensamento para Lourenço. (n.t.)

nada deste mundo nem do outro me parece assustador. Perseverança não me pode faltar, que nunca faltou até aqui. Depois da morte daquela a quem vimos ontem como um cadáver já meio decomposto, mil infortúnios me arrostaram: ingratidão dos meus amigos, doença, pobreza, ódio dos poderosos, inveja dos iguais, sarcasmo dos meus inferiores... A primeira vez que dormi, supus ver o fantasma da que chamam Fortuna. Tal como se costuma representar a morte, com uma foice que despoeva o universo, tinha a Fortuna um bastão com que girava o globo. Tinha ela o braço levantado contra mim. Ergui a fronte, encarei-a. Ela se irritou. Eu sorri e dormi. Vingá-se pela segunda vez, agora, do meu desprezo. Põe-me hoje entre criminosos, sendo eu justo e bom; amanhã, porventura, nas mãos do carrasco; este me lançará nos braços da morte. Oh morte! Por que permites que te chamem um mal, o maior dos males, o último de todos? Tu, mal! Quem assim o diz não passou o que eu passei.

Que vozes ouço – ah! – na cela ao lado? Falam da morte, sem dúvida. Choram. Vão morrer e choram. Que aberração! Ouçamos o que diz esse infeliz delirante que teme se livrar, de uma vez por todas, de todos os seus tormentos. Não, não o escutemos. São indignas de se ouvir as vozes que o medo articula diante do esplendor da morte.

Coragem, companheiro! Se morreres no curto prazo como previsto, pouco estarás exposto à tirania, à inveja, ao orgulho, à vingança, ao desprezo, à falsidade, à ingratidão... É isso o que deixas neste mundo. Invejáveis deleites deixas decerto aos que nele ficam. Invejo-te o tempo que me tens adiante, o tempo em que tardo em te seguir.

Calou-se o que gemia. Calaram-se também as duas vozes que o acompanhavam, uma lhe falando de... Sem dúvida, foi uma execução secreta. E se viessem os meus carrascos agora? Que prazer! Dissipar-se-iam todas as trevas da minha alma. Vem, morte, com todo o teu séquito. Sim, abra-se esta porta: que entrem os ferozes assassinos manchados ainda do sangue que acabam de derramar a dois passos daqui. Se a desgraça é um crime, ninguém é mais culpado que eu. Que silêncio assustador seguiu-se às la-

mentações do moribundo! Os passos dos que saem da sua cela, as vozes baixas que falam entre si, o som das correntes que sem dúvida retiraram do cadáver, o som da porta... tudo isso estremece a sensibilidade do meu coração, apesar da firmeza do meu espírito. Frágil habitação de uma alma superior a tudo o que a natureza oferece, por que tremes? Horroriza-me o que desprezo? Será um sonho a fraqueza que sinto? Meus olhos se fecham por si mesmos, apesar da fraqueza que o pranto neles deixou. Deito-me, sim. Reunião agradável, música amena, esplêndida mesa, leito delicado, sonho apazível devem encantar alguém, por essas horas, no turbilhão do mundo. Não se deslumbre. Também eu tive o mesmo, e agora... uma pedra é a minha cabeceira; uma tábua, a minha cama; insetos, os meus companheiros. Durmamos. Talvez uma voz me acorde dizendo: vem ao tormento; ou outra que me diga: vem ao suplício. Durmamos. Oh céus! Se o sonho é a imagem da morte... Ah! Durmamos.

Ouçõ passos! Uma luz fraca entra pelas frestas da porta. Abrem-na. É o carcereiro, e dois homens o seguem. Que quereis? Chegou, enfim, a hora que precede à da minha morte? Vindes-me anunciá-la com semblante de abatimento e compaixão, ou com rosto de retidão e austeridade?

CARCEREIRO. Bem diverso é o propósito de nossa vinda. Quando te deixei, pensei que, ao voltar, te levariam à cela de torturas para que lá denunciasses os cúmplices do assassinato de que eras acusado. Mas já são conhecidos os mentores e executores desse crime. Venho com ordem de soltura. Eia! Retirem-lhe as correntes e os grilhões. Estás livre.

TEDIATO. Nem mesmo no cárcere posso gozar do sossego que ele me oferece em meio aos seus horrores. Já iam os membros cansados do meu corpo se adaptando a este tablado, já ia minha cabeça suportando a dureza desta pedra, e me vens acordar. Para quê? Para dizer-me que não vou morrer. Agora, sim, é que perturbas meu sossego... Arremessas-me outra vez ao mundo... ao mundo de onde se ausentou o pouco bem que nele havia. Ah! Dizei-me, já é dia?

CARCEREIRO. Resta ainda uma hora de noite.

TEDIATO. Saio, então. Com tantas contingências que o destino oferece, como saber se amanhã não voltaremos a nos ver?

CARCEREIRO. Adeus.

TEDIATO. Adeus. Ainda me resta uma hora de escuridão. Ah! Se Lourenço estivesse no lugar marcado, teríamos tempo para terminar nosso trabalho. Terá se cansado de me esperar? Onde o encontrarei amanhã? Não sei onde mora. Ir ao templo me parece mais seguro. Sigo agora pelo adro. Dilata, noite, a tua duração! Pouco importa que te esperem com impaciência o viajante para prosseguir seu caminho e o lavrador para retomar suas tarefas. Reina, noite, reina mais e mais sobre um mundo que, por seus crimes, tornou-se indigno do sol. Que este astro ilumine homens de mais valor do que os dessas regiões. Quanto mais durar tua escuridão, mais tempo terei para cumprir a promessa que fiz ao cadáver, sobre seu túmulo, entre outros sepulcros, ao pé dos altares, e debaixo da abóbada sagrada do tempo. Se alguma coisa existe mais sagrada na Terra, por ela juro não me afastar do meu propósito. E se eu fracassasse, se eu fracassasse... Mas como haveria eu de fracassar?

Aquela luz que vislumbro será... O quê? Será, talvez, a que ilumina uma imagem fixada na parede exterior do templo. Apertemos o passo. Anima-te, coração. Ou logo sairás vitorioso de tanto susto, cansaço, terror, espanto e sofrimento, ou logo deixarás de palpitar neste peito miserável. Sim, aquela é a luz. O ar a agita, talvez se apague antes que eu a alcance. Mas por que hei de temer a escuridão? Antes, esta me deveria ser agradável. As trevas são meu alimento. Topo com o pé num obstáculo... O que será? Vejamos. Um vulto... um vulto de homem. Quem é? Parece saído de um sonho. Amigo! Quem é? Se és algum mendigo em necessidade, que caíste de fome e dormes na rua por falta de um albergue que te abrigue, e te esforças para chegar a um hospital, segue-me. Minha casa será tua. Que as tuas desgraças não te intimidem; muitas e grandes serão, mas quem te fala as experimenta ainda maiores. Responde-me, amigo. Desafoga no meu o teu coração. Eu busco

aflitos como tu. Só a companhia dos desgraçados me convém; muito tempo eu vivi entre os felizes. Tratar com o homem na prosperidade é conhecê-lo fora de si mesmo. Mas quando a dor o sobrecarrega, então, está como é: como a natureza o entregou à vida, e como a vida o entregará à morte; como foram seus pais, e como serão seus filhos. Amigo, não respondes? Parece alguém muito jovem. Menino, quem és? Como vieste parar aqui?

MENINO. Ah! Ah! Ah!

TEDIATO. Não chores. Não vou te fazer mal. Diz-me, quem és? Onde moram teus pais? Sabes teu nome e o da rua onde moras?

MENINO. Sou... É que... Moro... Vinde comigo para que meu pai não me castigue. Ele me mandou ficar aqui até as duas horas, vendo se passava alguém várias vezes por aqui, e que então o chamasse. Mas eu caí no sono.

TEDIATO. Não tenhas medo. Dá-me tua mãozinha. Toma este pedaço de pão que encontrei, não sei como, no bolso, e leva-me à casa de teu pai.

MENINO. Não é longe.

TEDIATO. Como se chama teu pai? O que ele faz? Tens mãe, irmãos? Quantos anos tens e qual o teu nome?

MENINO. Eu me chamo Lourenço como meu pai. Meu avô morreu esta manhã. Tenho oito anos, e seis irmãos mais novos. Minha mãe acaba de morrer por causa de um parto. Tenho dois irmãos muito doentes com varíola. Outro está no hospital. Desde ontem, minha irmã está desaparecida. Nesse pesadelo, meu pai não comeu nada o dia inteiro.

TEDIATO. Disseste-me que teu pai se chama Lourenço?

MENINO. Sim, senhor.

TEDIATO. E qual é o seu ofício?

MENINO. Não sei como se chama.

TEDIATO. Explica-me o que ele faz.

MENINO. Quando alguém morre, e depois o levam à igreja, é meu pai que...

TEDIATO. Entendo... Ele é coveiro, não é?

MENINO. Creio que sim. Mas já estamos em casa.

TEDIATO. Pois bata à porta, firme.
COVEIRO. Quem é?
MENINO. Abri, pai; sou eu e um senhor.
COVEIRO. Quem te acompanha?
TEDIATO. Abre, sou eu.
COVEIRO. Reconheço essa voz. Já desço.
TEDIATO. Não me esperavas aqui! Teu filho te dirá onde o encontrei. Ele me contou a situação da tua família. Amanhã nos veremos no mesmo lugar para retomarmos nosso objetivo, e então te direi por que não nos vimos antes nesta noite. Compadeço-me de ti tanto quanto de mim mesmo, Lourenço, pois o destino tem te dado tanto infortúnio, e ainda o multiplica com a desdita de teus filhos... És coveiro... Abre uma cova larga, enterra-os todos vivos, e sepulta-te com eles. Sobre tua sepultura me matarei, e morrerei dizendo: aqui jazem umas crianças tão felizes agora quanto infelizes eram há pouco, e dois homens os mais desgraçados deste mundo.

[*Fim da segunda noite*]



Noite terceira
TEDIATO e o COVEIRO
Diálogo

TEDIATO. Eis-me aqui, fortuna, pela terceira vez, exposto aos teus caprichos. Mas quem não o está? Onde, quando, como se subtrai o homem ao teu império? Virtude, valor, prudência, a tudo atropelas. Não estão mais ao abrigo do teu rigor o poderoso em seu trono, o sábio em sua sala de estudos, o mendigo em seu muladar, do que eu nesta esquina tomado de aflição, privado de bens, com mil inimigos externos, e um tormento interior capaz de, por si só, encher-me de horrores, ainda que todo o universo buscasse a minha infelicidade.

Será esta a noite que porá fim a meus males? A primeira, de que me serviu? Trovões, relâmpagos, conversa com um ser de escassa aparência humana, sepulcros, vermes, e razões para nutrir minha tristeza de crimes e das fraquezas dos homens. Se tivesse permanecido mais tempo ao pé da sepultura, qual teria sido o resultado da minha temeridade? Os devotos, ao entrar no templo, e me encontrar naquele estado, pensando que... que teriam pensado? Gritariam: morra esse bárbaro que, ao perturbar os mortos e desrespeitar quem os criou, vem ao templo para profaná-lo.

A segunda noite... ah, meu sangue corre outra vez pelas veias com o mesmo frêmito da noite passada. Se regressas à memória não para o meu total aniquilamento, então, afasta-te, oh noite infausta! Assassinato, calúnia, infâmia, cárcere, grillhões, correntes, carrasco, morte e gemidos... Para não sentir meu último suspiro, a tristeza foge de mim por um instante, mas apenas me é concedido gozar do ar livre de que gozam pássaros e brutos, e outra vez ela me envolve em seu véu de angústia. O que vi? Um pai de família pobre com sua mulher moribunda, filhos pequenos e doentes, um perdido, outro morto antes de nascer, e que mata sua mãe antes de ela acabar de pari-lo. O

que mais vi? Que coração, o meu! Quão desumano não ter se partido ao ver tal espetáculo!... Há uma desculpa: maiores são seus próprios males e ainda vive. Oh Lourenço! Oh, levai-me de volta ao cárcere, Ser Supremo, se dele me tiraste apenas para que eu visse tanta miséria nas criaturas.

Esta noite, qual será?... Lourenço, infeliz Lourenço! Vem, se não te detêm a morte de teu pai, a de tua mulher, a doença de teus filhos, a perda de tua filha, teu próprio cansaço. Vem, acharás em mim um desgraçado que padece não só de seus próprios infortúnios como também os de todos os infelizes que conhece, tomando-os a todos como irmãos. E ninguém o é mais que tu. Que importa teres tu nascido na maior miséria e eu em berço delicado? Um destino superior nos faz irmãos, corrigindo os caprichos da sorte, que nos divide em classes arbitrárias e inúteis, nós, os que somos de uma mesma espécie. Todos choramos... Todos adoecemos... Todos morremos...

A mesma cena assombrosa da noite de anteontem volta a ferir minha vista com sua doce melancolia... Aquele que vem ali é Lourenço... Sim, Lourenço. Que rosto! Parece ter envelhecido séculos em poucas horas. Tal é o efeito da amargura! Semelhante ao que produz a alegria... Destrói nossa frágil máquina no momento em que a fere, ou a enfraquece para sempre a despeito de ferir-nos um instante.

LOURENÇO.

Quem és tu?

TEDIATO.

Sou aquele que procuras... O Céu te guarde.

LOURENÇO.

Para quê? Para passar mais cinquenta anos de vida como os que tenho passado, cheio de mágoas? E quando tenho forças para proporcionar uma vida apenas miserável à minha família... vê-la com tantas novas desgraças, arriscada a morrer toda com seu pai na mais formidável desgraça? Amigo, se é para isso que invocas o Céu e lhe pedes que me guarde, ah!, suplica-lhe que me destrua.

TEDIATO.

O prazer de servir um amigo deve te fazer a vida apreciável, se conspiram para fazê-la odiosa todas as calamidades por que passas. Ninguém é infeliz se pode fazer a felicidade do outro. E a mim, amigo, mais riquezas dependem da tua mão do que da magnificência de todos os reis. Se fosses im-

perador da metade do mundo... ou teu império se estendesse por todo o universo, o que poderias me oferecer que me fizesse feliz? Cargos, honrarias, riquezas? Razões para minha própria inquietude e para a malícia alheia... Semearias no meu coração tormentos, temores, cautelas... talvez ambição e ganância... e no de meus amigos... inveja. Para meu bem, não te desejo coroa nem cetro... Mais contribuirás à minha felicidade com esta picareta, esta enxada... vis ferramentas a outros olhos... veneráveis aos meus... Vamos, amigo, vamos...

[Fim da terceira noite]





contos
(n.t.)|Corippo



SÉTIMA NOITE

NATSUME SŌSEKI



O TEXTO: *Sétima Noite* (第七夜) faz parte de uma série de contos intitulada *Dez noites de sonhos* (夢十夜). Publicada em formato serial pelo jornal *Asahi*, entre julho e agosto de 1908, a obra é composta por dez contos – ou sonhos – carregados de atmosfera surrealista. No conto, o narrador-sonhador encontra-se a bordo de um navio sem saber como parou ali e nem para onde o navio está indo.

Texto traduzido: 夏目漱石. 第七夜. In: 夢十夜. Disponível em: www.aozora.gr.jp

- O AUTOR: Natsume Sōseki é um dos mais conhecidos e influentes escritores japoneses do século XX. Nasceu em Edo (atual Tóquio), Japão, em 1867. Em 1905 publicou *Eu sou um gato* (吾輩は猫である), obra que deu a ele reconhecimento do público e da crítica. Morreu aos 49 anos, em 1916.

- A TRADUTORA: Alana Fries é graduanda do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente, estuda e traduz a obra de Natsume Sōseki, sob a supervisão de Tomoko Kimura Gaudioso, do Instituto de Letras da UFRGS.

第七夜

いつ陸へ上られる事か分らない。
そうしてどこへ行くのだから知れない。

夏目 漱石

何でも大きな船に乗っている。

この船が毎日毎夜すこしの絶間なく黒い煙を吐いて浪を切って進んで行く。凄じい音である。けれどもどこへ行くんだか分らない。ただ波の底から焼火箸のような太陽が出る。それが高い帆柱の真上まで来てしばらく掛っているかと思うと、いつの間にか大きな船を追い越して、先へ行ってしまふ。そうして、しまいには焼火箸のようにじゅっといってまた波の底に沈んで行く。そのたんびに蒼い波が遠くの向うで、蘇枋の色に沸き返る。すると船は凄じい音を立ててその跡を追かけて行く。けれども決して追つかない。

ある時自分は、船の男を捕まえて聞いて見た。
「この船は西へ行くんですか」

船の男は怪訝な顔をして、しばらく自分を見ていたが、やがて、
「なぜ」と問い返した。
「落ちて行く日を追かけるようだから」

船の男はからからと笑った。そうして向うの方へ行ってしまった。
「西へ行く日の、果は東か。それは本真か。東出る日の、御里は西か。それも本真か。身は波の上。。流せ流せ」と囁している。舳へ行って見たら、水夫が大勢寄って、太い帆綱を手繰っていた。

自分は大変心細くなった。いつ陸へ上がれる事か分らない。そうしてどこへ行くのだか知れない。ただ黒い煙を吐いて波を切って行く事だけはたしかである。その波はすこぶる広いものであった。際限もなく蒼く見える。時には紫にもなった。ただ船の動く周囲だけはいつでも真白に泡を吹いていた。自分は大変心細かった。こんな船にいるよりいっそ身を投げて死んでしまおうかと思った。

乗合はたくさんいた。たいていは異人のようであった。しかしいろいろな顔をしていた。空が曇って船が揺れた時、一人の女が欄に寄りかかって、しきりに泣いていた。眼を拭く手巾の色が白く見えた。しかし身体には更紗のような洋服を着ていた。この女を見た時に、悲しいのは自分ばかりではないのだと気がついた。

ある晩甲板の上に出て、一人で星を眺めていたら、一人の異人が来て、天文学を知ってるかと尋ねた。自分はずまらないから死のうとさえ思っている。天文学などを知る必要がない。黙っていた。するとその異人が金牛宮の頂にある七星の話をして聞かせた。そうして星も海もみんな神の作ったものだと云った。最後に自分に神を信仰するかと尋ねた。自分は空を見て黙っていた。

或時サローンに這入ったら派手な衣裳を着た若い女が向うむきになって、洋琴を弾いていた。その傍に背の高い立派な男が立って、唱歌を唄っている。その口が大変大きく見えた。けれども二人は二人以外の事にはまるで頓着していない様子であった。船に乗っている事さえ忘れていたようであった。

自分はますますつまらなくなかった。とうとう死ぬ事に決心した。それである晩、あたりに人のいない時分、思い切って海の中へ飛び込んだ。ところが——自分の足が甲板を離れて、船と縁が切れたその刹那に、急に命が惜しくなった。の底からよせばよかったと思った。けれども、もう遅い。自分は厭でも応でも海の中へ這入らなければならない。ただ大変高くできていた船と見えて、身体は船を離れたけれども、足は容易に水に着かない。しかし捕まえるものがないから、しだいしだいに水に近づいて来る。いくら足を縮めても近づいて来る。水の色は黒かった。

そのうち船は例の通り黒い煙を吐いて、通り過ぎてしまった。自分はどこへ行くんだか判らない船でも、やっぱり乗っている方がよかったと始めて悟りなが

ら、しかもその悟りを利用する事ができずに、無限の後悔と恐怖とを抱いて黒い波の方へ静かに落ちて行った。



SÉTIMA NOITE

*“Não sabia quando pisaria em terra.
Sequer sabia para onde estava indo.”*

NATSUME SŌSEKI

De alguma forma me encontro a bordo de um enorme navio. Dia e noite o navio avança cortando as ondas e emitindo uma fumaça escura. Faz um barulho tremendo. Contudo, não sei para onde estamos indo. O sol surge por debaixo das ondas parecendo ferro incandescente. Na verdade, o sol vem se aproximando e fica parado por um tempo bem acima do mastro do navio, até que, antes que se perceba, segue seu caminho, deixando o navio para trás. Por fim, acaba afundando nas ondas novamente, produzindo um som de ferro incandescente mergulhado na água. Sempre que isso acontece, as ondas azuis mais distantes ganham coloração amadeirada, e o navio, fazendo um barulho tremendo, vai perseguindo o rastro deixado pelo sol, sem jamais alcançá-lo.

Um dia abordei um dos tripulantes e perguntei:

— Este navio está indo para oeste?

Ele ficou me olhando desconfiado e, depois de um tempo, respondeu-me com outra pergunta:

— Por quê?

— Porque tenho a impressão de que estamos perseguindo o pôr do sol.

Ele riu ruidosamente e se afastou.

Ouvi uma canção de marinheiros sendo entoada.

*Este sol indo para oeste
Será que seu limite é o leste?
Será verdade?
Este sol que vem do leste
Será que seu berço é o oeste?
Será verdade?
Meu lugar é sobre as ondas
Navegando, navegando*

Indo até a proa do navio, deparei-me com um grande grupo de marinheiros manejando grossas adriças.

Comecei a me sentir desamparado. Não sabia quando pisaria em terra. Sequer sabia para onde estava indo. Minha única certeza era de que o navio avançava cortando as ondas e emitindo uma fumaça escura. As ondas eram enormes e de um azul que parecia não ter fim, tornando-se arroxeadas vez que outra. Ao redor do navio, contudo, havia sempre uma espuma branca. Já me sentindo completamente desamparado, comecei a achar que saltar do navio e morrer era preferível a permanecer nele.

Havia muitos outros passageiros. Os estrangeiros pareciam ser a maioria, mas as feições eram as mais diversas. Num dia em que o tempo fechou e o navio balançava, uma passageira agarrou-se ao corrimão, chorando sem parar. Secava suas lágrimas com um lenço aparentemente branco, mas vestia um traje ocidental feito de *chintz*. Quando a vi, percebi que não estava sozinho em meu pesar.

Uma noite saí para o convés. Sozinho, admirava as estrelas quando um estrangeiro veio até mim e perguntou-me se eu entendia de astronomia. Eu, de tão entediado, até pensava em morrer. Não havia necessidade alguma saber de astronomia. Permaneci em silêncio. Então, o estrangeiro começou a me falar sobre as sete estrelas na coroa da constelação de Touro. Depois disse que tanto as estrelas quanto o mar, que tudo era obra de Deus. Por fim, perguntou-me se eu acreditava em Deus. Eu admirava o céu em silêncio.

Em certa ocasião, ao adentrar o restaurante do navio, deparei-me com uma jovem. Em traje muito vistoso, ela, de costas para mim, tocava piano. Parado ao seu lado, um homem alto e elegante cantava — parecia ter uma boca gigante. Tive a impressão de que aqueles dois não tinham consciência de

mais nada ao seu redor, a não ser um do outro. Era como se houvessem esquecido de que estavam a bordo de um navio.

Fui ficando cada vez mais e mais entediado, de modo que, finalmente, resolvi morrer. Numa noite em que não havia ninguém por perto, decidi-me de uma vez por todas e, sem hesitar, lancei-me ao mar. Contudo... quando meus pés se separaram do convés, no instante em que senti que me desligava do navio, passei de repente a ter apego à vida. Do fundo do meu coração, pensei que não deveria ter feito aquilo. Mas já era tarde demais. Gostando ou não, eu necessariamente acabaria dentro d'água. O navio parecia ser muito alto, pois, mesmo que meu corpo já estivesse separado dele, minhas pernas não atingiam a água. Mas como não havia nada em que eu pudesse me agarrar, a água foi pouco a pouco ficando mais próxima. Por mais que eu encolhesse as pernas, aproximava-me cada vez mais. A água era negra.

E então, emitindo aquela mesma incessante fumaça escura, o navio foi tomando distância. Enquanto compreendia, ainda que já não pudesse tirar proveito dessa compreensão, que o melhor era estar a bordo daquele navio, mesmo sem saber para onde ele estava indo, caía silenciosamente nas ondas escuras, com infinito pavor e arrependimento.



ORELHAS

SENO GUMIRA AJIDARMA



O TEXTO: O conto “Orelhas” (*Telinga*), incluído no livro *Saksi Mata* (1994), de Seno Gumira Ajidarma, foi publicado pela primeira vez no jornal indonésio *Kompas*, em 9 de agosto de 1992. Baseado numa reportagem publicada na revista *Jakarta Jakarta*, ao final de outubro de 1991, em que um governador do Timor Oriental havia recebido em seu escritório quatro jovens, dos quais dois haviam tido as orelhas cortadas por causa dos conflitos no país à época. A imagem visual dessa situação ficou gravada em sua cabeça, dando origem ao conto em questão.

Publicação de referência: Ajidarma, Seno Gumira. “Orelhas”. Trad. de João Paulo T. Esperança. In. *Várzea de Letras - Jornal Literário do Departamento de Língua Portuguesa da UNTL, Díli (Timor-Leste)*, nº 09/10, Outubro/Novembro 2004.

Agradecimentos: a João Paulo T. Esperança, pela liberação da tradução, originalmente publicada no jornal *Várzea de Letras*.

O AUTOR: Jornalista, fotógrafo e escritor, Seno Gumira Ajidarma nasceu em Boston, EUA, em 1958. Integrante de uma nova geração de seu país e proeminente no gênero conhecido como “Sastra Koran” (literatura jornalística), é um dos mais importantes autores da literatura contemporânea na Indonésia. Autor de contos, ensaios e roteiros de cinema, suas histórias documentam a realidade do Timor-Leste, seus conflitos e sua gente, mediante uma crítica às condições sociais, culturais e políticas do país. Tem sido um defensor consistente da liberdade de expressão e da liberdade de publicação, escrevendo sobre questões delicadas, como a violência militar no Timor Leste. Dentre muitos livros, publicou *Saksi Mata*, *Atas Nama Malam*, *Biola Tak Berdawai* e *Negeri Senja*.

O TRADUTOR: João Paulo Tavares Esperança é linguista e tradutor português. Professor no Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL), em Díli, é um dos poucos linguistas lusitanos com obra publicada sobre as línguas do Timor-Leste. É também tradutor do tétum e ativo na formação de jovens tradutores leste-timorenses. Colabora regularmente no semanário timorense *Lia Foun* e no jornal literário *Várzea de Letras*.

TELINGA

“Ceritakanlah kepadaku tentang kekejaman,
kata Alina kepada juru cerita itu.”

SENO GUMIRA AJIDARMA

“Ceritakanlah kepadaku tentang kekejaman,” kata Alina kepada juru cerita itu.

Maka, juru itu pun bercerita tentang telinga.

Pada suatu hari yang indah, Dewi mendapat kiriman dari pacarnya yang sedang bertugas di medan perang.

Kiriman itu adalah sebuah amplop cokelat. Sebuah telinga yang besar, bagus dan beum mengering darahnya.

Ada catatan pacarnya dalam amplop itu.

Kukirimkan telinga ini untukmu Dewi, sebagai kenang-kenangan dari medan perang. Ini adalah telinga seseorang yang dicurigai sebagai mata-mata musuh. Kami memang biasa memotong telinga orang-orang yang dicurigai sebagai peringatan atas resiko yang mereka hadapi jika menyulut pemberontakan. Terimalah telinga ini, hanya untukmu, kukirimkan dari jauh karena aku kangen padamu. Setiap kali melihat telinga ini, ingatlah diriku yang kesepian. Memotong telinga adalah satu-satunya hiburan.

Dewi lantas menggantung telinga itu di ruang tamu. Kalau angin berembus lewat jendela dan pintu, telinga yang digantung dengan seutas senar itu bergoyang perlahan.

Para tamu yang datang selalu bertanya-tanya.

“Telinga siapakah itu?”

Dan Dewi selalu menjawab.

"Oh, itu telinga orang yang dicurigai sebagai mata-mata musuh, pacarku mengirimkannya dari medan perang sebagai kenang-kenangan."

Kadang-kadang, bila Dewi merindukan pacarnya, ia memandangi telinga itu sendirian malam-malam. Darah pada telinga itu belum juga mengering, masih basah, begitu basah sehingga kadang-kadang menetes di lantai. Dewi kadang-kadang juga merasa telinga itu seperti masih hidup, dan bergerak-gerak bagaikan masih mampu mendengar suara-suara di sekitarnya.

"Telinga mata-mata, sih," pikir Dewi,"maunya menguping terus."

Setiap pagi, setelah bangun tidur, Dewi mengepel lantai ruang tamu yang menjadi merah karena darah yang menetes-netes dari telinga itu. Tidak terlalu banyak sebetulnya, tapi pada lantai marmer yang putih mengilap, tentu saja tetesan darah yang merah itu cukup mengganggu.

"Taruh ember saja di bawahnya," ibunya memberi nasihat,"buat apa tiap hari mengepel darah musuh."

"Tidak apa-apa saya senang melakukannya," kata Dewi.

Sambil mengepel lantai, Dewi suka memandang telinga yang seperti bergerak-gerak itu. Telinga itu bagaikan antena yang mampu menangkap pesan apapun yang bertebaran di udara.

"Barangkali ia pernah mendengar sesuatu yang tak boleh diketahuinya," pikir Dewi.

Tapi, bagaimanakah caranya kita tidak mendengar suara-suara?

Dewi menulis surat kepada pacarnya.

Telinga kirimanmu sudah aku terima dengan baik. Sampai sekarang darahnya masih menetes-netes. Kupikir kenang-kenanganmu dari medan perang itu sesuatu yang luar biasa. Telinga itu kugantung di ruang tamu dan tamu-tamu mengaguminya. Aku sangat terharu engkau masih teringat padaku di medan perang yang hiruk pikuk itu. Engkau pasti sangat lelah bertempur setiap hari dan menembaki musuh sampai mati. Untung engkau masih punya hiburan memotong telinga orang-orang yang dicurigai. Aku tidak membayangkan seandainya tidak ada orang-orang yang dicurigai yang bisa dipotong telinganya. Engkau pasti akan sangat kesepian. Pacarku, kekasihku, bersyukurlah kepada Tuhan bahwa engkau masih diberi kesempatan memotong telinga orang. Jika tidak, engkau akan sangat menderita. Percayalah bahwa aku sangat bangga akan dirimu. Aku sangat senang menerima kirimanmu.

NB: Tapi, bagaimanakah caranya agar orang-orang yang telah dipotong telinganya itu tidak mendengar suara-suara?

Setelah itu, hampir setiap hari Dewi menerima kiriman telinga dari pacarnya. Kadang-kadang satu, kadang-kadang dua, pernah juga satu besek banyaknya. Dewi memajang telinga itu di mana-mana. Di ruang tamu telinga itu bergelantungan di bawah lampu kristal, bergelantungan di pintu dan jendela, bertempel di dinding, bahkan juga dipasang di kiri-kanan nomor rumah, kotak pos, dan papan nama orang tuanya. Ketika kiriman telinga itu masih juga datang, Dewi membuatnya jadi gantungan kunci, hiasan tas, bros, dan anting-anting. Telinganya beranting-anting telinga!

“Banyak amat telinga di sini,” kata seorang teman kuliahnya.

“Kiriman dari pacarku di medan perang,” Dewi menjawab dengan bangga.

“Pacarmu pasti sibuk sekali memotong telinga-telinga ini. Busyet. Banyak amat!”

“Aku masih ada banyak kalau mau.”

“Mau! Mau!”

Meskipun telinga-telinga itu masih meneteskan darah, temannya mau membawa sebesek telinga. Memang terlalu banyak telinga di rumah Dewi, tapi tentu saja Dewi tak mau membuang jerih payah pacarnya di medan perang itu. Ibunya pernah punya pikiran agar telinga-telinga itu itu dijemur lantas digoreng saja, siapa tahu rasanya enak dan bisa dijual. Begitu banyak kiriman telinga itu, mengalir seperti air sehingga Dewi berpikir barangkali setiap orang yang ditemui pacarnya di medan perang itu semuanya adalah orang-orang yang pantas dicurigai.

Ia menulis surat.

Kiriman telinga-telinga yang kau potong dari orang-orang yang dicurigai itu semuanya telah kuterima dengan baik. Terima kasih banyak. Aku memajang semuanya di tempat yang bisa dilihat orang. Setiap kali tamu-tamu bertanya dari mana telinga-telinga itu, kujawab dari pacarku di medan perang, yang telah memotong telinga-telinga itu dari kepala orang-orang yang dicurigai. Mereka semua bangga padamu, Kekasihku. Pasti berat pekerjaanmu memotong telinga begitu banyak orang setiap hari. Kukira itu pula sebabnya engkau tak sempat menulis surat lagi padaku, membalas suratku yang dulu. Tapi, aku senang menerima kiriman telinga-telinga itu. Aku hanya takut kerja memotong telinga itu sudah tidak lagi menghibur hatimu yang selalu kesepian. Berdoalah pada Tuhan agar tubuh dan jiwamu tetap diselamatkan.

NB: Aku masih agak heran kenapa begitu banyak orang-orang yang pantas dicurigai, dan aku masih juga bertanya-tanya, bagaimana caranya agar orang-orang yang telah dipotong telinganya itu tidak mendengar suara-suara.

Nun di medan perang, pacar Dewi sibuk membantai orang. Segenap prajurit yang dikirim ke medan perang itu telah menjadi sangat sibuk karena setiap orang mengadakan perlawanan. Setiap orang menjadi musuh dan setiap orang pantas dicurigai. Para pemberontak itu membisikkan semangat perjuangan, bahkan ke telinga bayi-bayi yang berada di dalam kandungan.

Dari sebuah kubu perlindungan, pacar Dewi menulis surat.

Maafkanlah aku, Dewi, jika setelah sekian lama baru sekarang bisa kubalas suratmu. Baiklah, kuceritakan kepadamu betapa sibuknya kami melawan suara-suara yang menganjurkan pemberontakan. Kalau musuh datang menyerbu, kami tinggal menembaknya. Tapi, suara-suara itu bertebaran di udara tanpa bunyi sehingga kami tak akan pernah tahu siapa yang kira-kira sudah mendengarnya. Semua orang seolah-olah bisa tiba-tiba saja berubah menjadi pemberontak. Kami tak akan pernah bisa tahu siapa lawan, siapa kawan, kami terpaksa membantai semuanya. Dikau menanyakan suatu hal yang sudah lama menjadi pertanyaan kami: bagaimana caranya agar orang-orang yang telah dipotong telinganya itu tidak mendengar suara-suara? Kami tidak tahu Dewi, apakah suara-suara itu tanpa bunyi. Jadi, kami bersepakat untuk memenggal saja kepala orang-orang yang dicurigai. Apa boleh buat. Kepala-kepala itulah kupotong telinga-telinga yang kukirimkan kepadamu. Bayangkanlah betapa sibuknya. Kami tidak hanya memotong telinga, kami harus memenggal kepala. Itulah sebabnya. Dewi, aku tidak punya waktu untuk membalas suratmu. Aku berharap dikau memakluminya.

NB: apakah dikau juga menginginkan kepala-kepala tanpa telinga itu sebagai kenang-kenangan dari medan perang? Aku akan mengirimkannya satu dulu sebagai contoh, kalau kukirimkan semua kepala yang telah kupenggal, aku takut tiada lagi tempat bagimu untuk menulis surat.

“Selesai!” juru cerita mengakhiri ceritanya.

“Alangkah kejamnya pacar Dewi itu,” ujar Alina kepada juru cerita itu.

Maka, juru cerita itu pun menjawab.

“Tapi, banyak orang menganggapnya pahlawan.”

Jakarta, 21 Juli 1992



ORELHAS

“Conta-me uma história sobre crueldade,
disse Alina ao contador de histórias.”

SENO GUMIRA AJIDARMA

“Conta-me uma história sobre crueldade”, disse Alina ao contador de histórias.

Então o contador de histórias começou a contar uma história sobre orelhas.

Num belo dia a Dewi recebeu uma encomenda do seu namorado que estava a cumprir o dever no campo de batalha. Esta encomenda era um envelope castanho. Quando a Dewi o abriu, viu uma orelha amputada. Era uma orelha grande, uma excelente orelha da qual ainda não tinha secado o sangue. Havia uma nota do seu namorado dentro do envelope.

Envio esta orelha para ti Dewi, como recordação do campo de batalha. Esta é a orelha de alguém suspeito de ser espião do inimigo. Nós normalmente cortamos mesmo as orelhas às pessoas suspeitas, como aviso sobre o risco que correm aqueles que se atreverem a incitar à revolta. Recebe esta orelha, só para ti, envio-ta aqui de longe porque tenho muitas saudades tuas. Todas as vezes que olhares para esta orelha, lembra-te de mim aqui sozinho. Cortar orelhas é o meu único entretenimento.

A Dewi foi logo pendurar a orelha no quarto de hóspedes. Quando o vento soprava através da janela e da porta, a orelha pendurada com um fio oscilava suavemente.

As visitas que apareciam perguntavam sempre.

“De quem é esta orelha?”

E a Dewi respondia sempre.

“Oh, essa é a orelha de uma pessoa suspeita de ser espião do inimigo, o meu namorado mandou-ma do campo de batalha como recordação.”

Às vezes, quando a Dewi sentia saudades do namorado, ficava a olhar fixamente a orelha sozinha à noite. O sangue daquela orelha ainda não tinha secado, ainda estava húmido, de tal forma húmido que às vezes pingava para o chão. A Dewi de vez em quando também sentia que a orelha a modos que estava ainda viva e imóvel, como se ainda pudesse ouvir as vozes nas redondezas.

“Esta orelha de espião, hã!...”, pensava a Dewi, “gostaria de continuar de ouvido à escuta.”

Todas as manhãs, depois de acordar, a Dewi esfregava o chão do quarto de hóspedes que ficava vermelho por causa do sangue que pingava da orelha. Não era muito na verdade, mas para o chão de mármore branco brilhante, claro que estas gotas de sangue encarnado eram suficientes para incomodar.

“Põe só um balde por baixo”, aconselhou-a a mãe, “Para quê esfregar todos os dias o sangue de um inimigo?”

“Não faz mal, eu gosto de o fazer”, respondeu a Dewi.

Enquanto esfregava o chão, a Dewi gostava de olhar para a orelha que parecia mover-se. Esta orelha era o como uma antena capaz de captar quaisquer mensagens espalhadas no vento.

“Se calhar ela ouviu alguma vez algo de que não deveria ter tido conhecimento”, pensou a Dewi.

Mas de que forma é que nós podemos não ouvir as vozes?

A Dewi escreveu uma carta ao seu namorado.

A orelha que tu enviaste já a recebi em boas condições. Até agora o sangue dela continua a gotejar. Eu acho que esta recordação do campo de batalha é uma coisa extraordinária. Pendurei a orelha na sala de visitas e as visitas admiram-na. Fico muito comovida por tu ainda te lembrares de mim aí no tumulto do campo de batalha. Tu certamente estás muito cansado a combater todos os dias e a disparar contra os inimigos até eles morrerem. É uma sorte que pelo menos possas entreter-te a cortar as orelhas das pessoas suspeitas. Eu nem posso imaginar como seria na hipótese de não haver pessoas suspeitas a quem cortar as orelhas. Ficarias mesmo numa situação de aborrecimento. Meu namorado, meu querido, agradece a Deus por te ser dada a oportunidade de cortar orelhas das

peçoas. Senão ficarias mesmo à rasca. Acredita que sinto muito orgulho em ti. Fiquei muito contente por receber a tua encomenda.

PS: Mas qual é o método para que as peçoas cujas orelhas foram cortadas não possam ouvir as vozes?

Depois disto quase todos os dias a Dewi recebia uma encomenda de orelhas do seu namorado. Às vezes uma, às vezes duas, uma vez um cesto delas. Continha talvez mais de 50 orelhas. A Dewi colocou as orelhas em exibição por todo o lado. Na sala de visitas estavam suspensas do candeeiro de cristal, penduradas nas portas e janelas, coladas nas paredes, até colocadas em ambos os lados do número da casa, da caixa de correio, e da placa com o nome dos pais. Quando as encomendas de orelhas continuaram a vir, a Dewi fez portachaves, enfeites para a pasta, broches e brincos. As orelhas dela usavam brincos de orelha!

“Há aqui orelhas aos montes”, disse uma colega da escola.

“Presentes do meu namorado no campo de batalha”, a Dewi respondeu com orgulho.

“O teu namorado deve andar mesmo ocupado a cortar estas orelhas. Bolas! São carradas delas!”

“Eu ainda tenho muitas se tu quiseres.”

“Quero! Quero!”

Apesar de as orelhas ainda gotejarem sangue, a amiga dela quis levar um cesto delas. Era verdade que havia demasiadas orelhas na casa da Dewi, mas evidentemente ela não queria deitar fora o produto do esforço do seu namorado no campo de batalha. A mãe dela já tinha pensado em secá-las ao sol e depois fritá-las, quem sabe se não teriam um bom sabor e poderiam ser vendidas. Tantas eram as encomendas de orelhas, uma verdadeira corrente, que até faziam a Dewi pensar às vezes que todas as peçoas encontradas pelo seu namorado no campo de batalha eram peçoas consideradas suspeitas.

Ela escreveu mais uma carta.

As encomendas de orelhas que tu cortaste das peçoas suspeitas chegaram todas em boas condições. Muito obrigada. Coloquei-as todas em lugares onde podem ser vistas pelas peçoas. Todas as vezes que as visitas perguntam de onde vêm estas orelhas, eu respondo do meu namorado no campo de batalha, que as cortou das cabeças de peçoas suspeitas. Eles todos têm muito orgulho em ti meu querido. Deve ser pesado o teu trabalho de cortar as orelhas de tanta gente todos os dias. Suponho que seja este o motivo pelo qual não tiveste oportunidade de

responder à minha última carta. Mas fico contente de receber estas encomendas de orelhas. Só tenho medo que este trabalho de cortar orelhas já não dê conforto ao teu coração solitário. Reza a Deus para que o teu corpo e o teu espírito continuem salvos.

PS: Eu estou um bocado admirada, porque é que tanta gente é considerada suspeita, e também me pergunto muitas vezes, de que forma é que as pessoas a quem foram cortadas as orelhas já não ouvem as vozes?

Lá longe no campo de batalha o namorado da Dewi estava ocupado a massacrar gente. Todos os soldados enviados para o campo de batalha estavam muito ocupados porque toda a gente estava activa na resistência. Todos eram inimigos e todos eram considerados suspeitos. Revoltas surgiam em todos os cantos. Os rebeldes sussurravam o espírito da luta até às orelhas dos bebés ainda no ventre. De um búnquer, o namorado da Dewi escreveu-lhe uma carta.

Desculpa-me Dewi, por ter demorado tanto e só agora poder responder à tua carta. É melhor eu contar-te a quão ocupados nós andamos a combater as vozes que incitam à revolta. Se o inimigo nos vem atacar, basta-nos esperar e disparar. Mas as vozes espalham-se no vento sem som, de maneira que nós nunca sabemos realmente quem é que já as pode ter ouvido. É como se todas as pessoas pudessem de repente mudar e tornar-se rebeldes. Nós nunca poderemos saber quem é inimigo e quem é amigo, somos forçados a massacrá-los todos. Tu perguntaste uma coisa que há muito tempo nós perguntámos a nós mesmos: de que forma é que podemos evitar que as pessoas a quem cortamos as orelhas ouçam as vozes? Nós não sabemos Dewi, principalmente se as vozes forem silenciosas. Portanto, concordámos em cortar simplesmente as cabeças das pessoas suspeitas. O que podemos fazer? Destas cabeças é que eu corto as orelhas que te envio. Podes imaginar como andamos ocupados. Nós não cortamos só as orelhas, temos que decepar também as cabeças. Por este motivo Dewi é que eu não tive tempo de responder à tua carta. Espero que compreendas.

PS: Gostarias também de receber algumas cabeças sem orelhas como recordações do campo de batalha? Vou-te mandar uma só como amostra, porque se eu te enviasse todas as cabeças que já decepei, tenho receio que deixaria de haver lugar para ti onde escrever cartas.

“Fim!” o contador de histórias terminou a sua história.

“Como era cruel esse namorado da Dewi”, declarou Alina ao contador de histórias.

Ao que o contador de histórias respondeu.
“Mas muitas pessoas consideram-no um herói”.

Jacarta, 21 de Julho de 1992



O PÁSSARO REANIMADOR

PASCUAL COÑA



O TEXTO: O conto “O pássaro reanimador” faz parte de um livro autobiográfico bilingue narrado em mapudungum pelo ancião mapuche Pascual Coña, transcrito e traduzido pelo missionário capuchinho Ernesto Moesbach, e publicado em 1930. É considerado uma das fontes mais importantes para o estudo da vida do povo mapuche durante a segunda metade do século XIX.

Texto traduzido: Moesbach, E. W. *Vida y costumbres de los indígenas araucanos en la segunda mitad del siglo XIX*. Santiago de Chile: Imprenta Universitaria, 1930.

O AUTOR: Pascual Coña (final da década de 1840 - 28 de outubro de 1927) foi um mapuche da zona de lago Budi (Chile) que relatou, em mapudungum, ao missionário capuchinho Ernesto Wilhem de Moesbach, a vida e os costumes indígenas de sua época. Moesbach e Coña conversaram durante quatro anos, aproveitando os longos invernos. O produto final foi a publicação do livro bilingue *Vida y costumbres de los indígenas araucanos en la segunda mitad del siglo XIX*.

A TRADUTORA: Alexis Mariel Vidal Cabezas, brasileira-chilena, cursou Letras Alemão na UFSC, mestrado em Linguística na Friedrich-Schiller Universität Jena e atualmente faz doutorado em Variação Linguística, na Universität Leipzig, no estado da Saxônia, Alemanha. Para a (n.t.) já traduziu Leonel Lienlaf.

FEICHI ÜÑĒM MOÑELTUCHEFE

*“Fei meu ditulu mari meli antü, kiñe pichi üñēm naqparumei wenu,
anüpai luku meu, wechupai, konpai wēn’ meu.”*

PASCUAL COÑA

K uifi fūchake ché yem ñi kiñe apeu fei pi:

Mēlei kiñe kurewen rey, mongelei kiñe ruka meu. Kañpēle ká mēlei kiñe feichi rey. Feichi epu kurewen rey yallkelafui rumel. Fei meu wēla kiñe tripantu niepēñeñrumeingu, kiñe antü pēñeñyeingu feichi epu reina; kiñe rangi antü pēñeñi wentru peñeñ, ká reina naqn antü pēñeñi domo pēñeñ.

Fei meu feichi kurewen rey, wēne pēñeñi ñi kure fei pi ñi domo: “Deuma mai pēñeñimi, chumaiyu feula? Eyey mēlei feichi kurewen rey, fei ñi wen’üi iñche; fei eluafiyu tayu yall yu üielelaeteu, fei meu compadrewen ngeaiyu”, pi feichi kurewen rey.

Fei meu werküi kiñe kon’a. “Amuaimi mai”, pifi; “wiya mai pēñeñi ñi kure ñi rey”, pipuafimi, “rangi antü pēñeñi”, pipuafimi, “fei meu ayüfiñ ñi eluafiel ñi yall ñi akutuafiel, tayu compadrewen ngeam”, pipuafimi.

Fei meu amui feichi werken.

Fei meu kangelu rey ká pēñeñērkei ñi kure. Pēñeñlu naqn antü ká fei pifi ñi kure feichi rey: “Deu pēñeñimi, feula eluafin ñi wen’nüi rey tēfachi pichi domo ché, üielelaeneu tayu compadrewen ngeal”.

Fei meu fei pifi ñi kiñe kon’a: “Wiya mai pēñeñi ñi kure, feula eluafin, üielelaneu ñi yall, tayu compadreneam”, pipuafimi, pifi ñi kon’a.

Fei meu küpai ñi kon’a.

Angka rēpü trawi feichi epu werken. “Mari mari”, piwingu. “Cheu amuaimi?” pi kiñelu.

“Feichi rey meu amualu iñche, pi kangelu, “wiya pëñeñi kure ñi rey, fei meu werküeneu. “Eluafiñ ñi yall tañi üielaeteu tayu compadreneam, pilelmeaqen tañi rey, pieneu tañi werküeteu; fei meu amualu iñche”. – “Eimi kai?” pingei kangelu.

“Iñche ká fei amualu eimi tami patrón rey meu, werküeneu tañi rey. Wiya mai pëñeñi ñi kure tañi rey naqn antü; “eluafiñ tañi yall ñi rey”. Fei meu amualu iñche”, pi feichi kangelu werken.

“Feyërke mai weluwiyu mai”, piwingu. Fei meu amui kiñe, ka kiñe küpai.

Fei meu pui feichi rey meu kiñe werken. “Mari mari”, pipui. “Werküeneu ñi rey, wiya pëñeñi ñi kure, fei meu pelemeqen ñi rey”, pieneu, “eluafiñ ñi yall tañi üielelateu, tayu compadrewen ngeam pikei mai ñi rey”, pipui ká rey meu.

Fei meu feichi rey lloudëngu: “Feyërke mai, iñche ká fei femngechi dëngu nien; amui ñi werken, wiya pëñeñi ñi kure ká fei iñche” pi.

“Feyërke mai”, pi, “femai mai” pi, “compadrewen ngeaiyu mai”, pi. “Feichi antü meu amuaiyu tayu üielael yu yall”, pin küpaltui werken meu.

Fei meu küpatui feichi werken.

Kangelu werken ká akui ká rey meu. “Mari mari” pipai. “Werküngen mai, wiya pëñeñi ñi kure ñi rey”, pi, “fei meu werküeneu ñi rey, eluafiñ mai tañi yall ñi üielelateu, tayu compadrewen ngeam, pikei mai ñi rey”, pipai werken.

Fei meu “feyërke mai”, pi feichi rey, “iñche ká fei wiya pëñeñi ñi kure, amui ñi werken ká fei tami rey meu”, pifi feichi werken. “Feyërke mai, feleai mai dëngu, compadrewen ngeaiyu mai”, pi. “Fanten antü meu amuaiyu tayu üieleluwal tayu yall, tayu tutelu küme compadrewen ngeal epuñpële.”

Fei meu feichi pin wëñoli werken meu.

Fei meu ditulu antü amuingu, traupingu feichi ruka meu cheu ñi üielam ñi yall engu.

Fei meu petu ñi üielnon fei piwi feichi epu rey: “Fachi antü compadrewen ngeaiyu, compadre piwiyu Fei meu iñche kiñe dëngu piken”, pi kiñe rey.

“Chem dëngu lle mai?” pi kangelu.

Fei pi: “Fachi antü üielafiyu yu yall, kiñe antü pëñeñgei. Fei meu fei piken iñche: Tëfá yengu, mongele, tëkuafiyu colegio meu tañi kimael chillkatun engu; fei meu nielu mari kechu tripantu niewaingu, piken tëfá, compadre. Chem piaini eimi?” pingei kangelu rey.

Fei pi kangelu: “Kükei mi fei pifiel, compadre; iñche ká femngechi rakiduum nien. Femai mai, tēkuafiyu colegio meu tañi küme kimael chillkatun engu; fei meu ditule mari kechu tripantu, fei nentutuafiyu colegio meu; fei niewaingu.”

Fei meu üielngei feichi epu pichike ché, küme tremkei wëla; nieyelu kechu tripantu tēkungei colegio meu engu. Fei meu fūchá kimi chillkatun. Ditulu mari kechu tripantu entungetui colegio meu; fei niewiyu. Nieulu engu fei meu yetui ñi kure ñi chau meu feichi wentru.

Fei meu feichi ngen pēñeñ reina lladküi. “Mēná wesha!” pi, “kiñe nien nga ñi pēñeñ, feula fētangei, kishukēnueneu; doi nielan kake pēñeñ rume”, pi. Fei meu lladkülu l’ai.

Fei meu l’alu, fei küpatui tichi kurewen. Kishulewelu ñi chau fei pepatueyeu ñi ñawe, trür küpai ti kurewen.

Fei meu ká reina ká lladküi, küpalu ñi wentru pēñeñ. Fei meu lladkülu ká l’ai.

Fei meu feichi wentru ká küpatui. “Feula l’ai ñi ñuke ká fei iñche”, pi, “peputuan ñi chau”, pi. Ká amutui feichi kurewen.

Kishulewei wëla ti rey, ngen’ ñawe. Ká lladküi. “Feula kishulen”, pi, “chuman?” pi; lladküi. Fei meu ká l’ai.

Fei meu feichi kurewen domo fei pi: “Feula ká l’ai ñi chau em; amutuan”, pi, “peputuan ñi chau ñi ruka”, pi, “kom kishulewei”, pi. Fei meu küpatuingu.

Fei meu feichi ká rey ká kishulewei, mētewe lladküi. “Mēná wesha! Kishulewen”, pi; lladkülu l’ai.

Fei meu feichi kurewen fei piwingu: “Feula kom l’ai yu chau ka yu ñuke. Fei meu ká amutui ñi chau em ñi ruka meu tichi kurewen fotēm. Fei meu konümpafilu feichi domo ñi chau em ñi ñuke yem ká kutrani; epu antü kutrani, ká l’ai.

Deu l’alu ñi kure, feichi wentru fei pi: “Iñche feula kishu lewen, l’antun; l’ai ñi kure, l’ai ñi chau, ñi ñuke, ñi ngillañ, ñi lalla; feula iñche chuman: Ká fei l’aian, kishu l’angēmuwan”, pi.

“Fentren mapu nien, fentren plata, fentren kuilliñ, chumafuiñ?”

Fei meu mētrēmalfi pu kuñifalkēlechi ché. “Küpape doi kuñifalkēlelu, eluafiñ ñi mapu, ñi kulliñ, ñi plata”, pi.

Akui pu kuñifal.

“Iñche l’ailu”, pingeingn; “afi ñi pu kuñil”, pi feichi wentru, “tëfachi mapu eluwañ ka itrokom ñi nieal, ká antü konümpamoan”, pi.

Fei meu elungei kom weshakelu tichi pu kuñifal.

Fei meu deu wël-lu ñi kom nieel, kiñe antü ñamrumei. Amui eltuwe meu cheu ñi mëlemupum ñi l’a kure. Feichi eltuwe meu mëlefui kiñe ruka; konpui; “layan fau”, pipui; nguillatuñmaupui, anükënuupui fei meu.

“Mëlen mari antü, l’alan; welu itrokom ñi trawa kümewelai, l’ai ñi trawa, dënguelan rume.”

“Fei meu ditulu mari meli antü, kiñe pichi üñëm naqparumei wenu, anüpai luku meu, wechupai, konpai wën’ meu. Fei tripatulu, fei meu chumngechi ñi kümeletun wëne, ká feletui ñi trawa, kom wechengetun.

“Amutui feichi üñëm, fei ká wëñomei, ká anüpai luku meu, ká wechupai. Fei nüfiñ tëkufiñ fonchillo meu. Fei fei pin: “Tëfachi pichi üñëm naqtupaqeneu; epe l’afun feula mongetun. Chemchi ñi elueteu? Nënechen werküleneu”. Fei meu witrापametun chumngechi mongetui kiñe l’a. “Chumngelu mongel-laiai ñi kure”, pin.

“Fei meu kontufiñ cheu ñi mëlen ñi l’a kure. Fei pifun: Tëfachi pichi üñëm deuma l’ailafulu iñche, pepaeneu, chemchi ñi werkületeu, Ngënechen; feula mongetun küme. Ká femngechi mongetupeï ñi kure”, pin. Küla cruz deumalfin, kiñe tol’ meu, kiñe wën’ meu ka kiñe piuke meu. Fei “chemchi ñi werkületeu tëfachi üñëm mongepe ñi kure”, pi ñi ngillatun.

“Fei meu afküduami ñi l’a kure. Fei umaqturkefun mai”, pi, “feula trepen”, pi.

“L’afuimi”, pifiñ. Iñche kai l’ailafulu, l’alan; mari meli antü mëlepafun tëfachi eltuwe meu, fei meu naqrumei tëfachi pichi üñëm. Epe l’alu kompaeneu wën’ meu, fei fúchá yafüngetun. Amutui üñëm, welu ká wëñomei; nüfiñ, elkafiñ fonchillo meu. Fei “l’ailafulu iñche tëfachi pichi üñëm mongelpatueneu”, pin, “ká femngechi mongetupeï ñi kure”, pi ñi ngillatun, deumaleyu küla cruz tami mongetuam. “Mongetupe ñi kure! Pifiñ; fei mongetuimi.

“Feula chumaiyu? Kom l’ai tayu kuñil, eimi ká l’afuimi, iñche ká l’aian”, pin. “Kom wëln ñi mapu, ká wëln ñi kulliñ, ká wëln ñi plata pu kuñifal meu; feula mongetuiyu; feula chumaiyu?” pi feichi wentru.

Fei meu feichi domo ngümai; “amuafuiyu”, pi, “kintuaiyu küdau cheu rume ina l’afken?. Femaiyu mai”, pi ñi fëta.

Fei tripatuingu eltuwe meu. Kiñe antü liwen amuingu ina l'afken' kintualu küdau; rangiantüi mai ñi amun. Fei meu rangiantülü "kanshan", pi ti wentru; "kanshatuiyu", pifi ñi kure. Anükënuwi ti domo, feichi wentru kopëdkënuwi, fei umaqtui; umaqtulu nepelai. Feichi domo anülei fei ñi ina meu.

Fei meu rupai l'afken' meu kiñe fúchá nafiu. Adkintueyeu feichi miaulu pu nafiu. "Üiyé kam chemchi?" pi feichi miaulu nafiu meu.

Fei tripapai kiñe wentru nafiu tuulu; pengepai feichi domo anülelu feichi wentru umaqtulelu ñi afkadi meu. "Chumkeimi fau?" pingepai ti domo, pipaeyeu feichi nafiu miauluchi ché. Fei meu "Iñchiu mai kintuküdawalu", pi ti domo, "amualu inaltu l'afken' iñchiu", pi.

Fei meu feichi tripapalu nafiu meu fei pieyeu: "Amaiyu nafiu meu, tëfachi wentru chofü ngei", pieyeu, "iñchiu niewaiyu", pingei.

"Pilan", pi ti domo, "iñche nien fëta".

"Welu mi fëta umaqtulei", pingei. "Rëf yeyaeyu mëten", pingei ti domo, "iñche re kümeke sera rofa meu takuaqeyu ka kiñe tikerás eluayu, re milla tikerás", pingei ti domo.

Fei meu maí. "Welu iñche ñi fëta trepepelaiai?" pi. "Trepelaiai", pingei. Fei meu yengei, metangei, tëkungepui nafiu meu.

Feichi wentru ngen'kure nepelai; kiñe antü ka kiñe pun' umaqtui. Ká antü wëla trepei rangi antü. Fei nepelu "Mëná wesha dëngu, amui ñi kure", pi. Fei witraprimei, "yeñmangen ñi kure mai", pi, "amuan ina l'afken", pi, "mëlei ñi peal mëten ñi kure", pi. Fei meu amui.

Kiñe pichi waria meu puwi, konpui kiñe lancha meu, lanchero ngepui; kiñe küyen küdaupui.

Fei tripatui, ká amui kiñe fúchá waria meu. Puulu fei meu, kiñe fúchá nafiu tripapai l'afken' meu, rüngkütripapai kiñe soldao. Fei meu feichi wentru fei pifi tichi soldao: "Iñche kintuken küdau", pi, "mëlepeafui küdau feichi nafiu meu?"

Fei meu fei pieyeu tichi soldao: "Kimimi kam chillkatun?" Fei pifi: "Eimi mi ñidol kimle küme, iñche deumalafiñ chillka wele-kuq meu".

Fei amui, elufi dëngu ñi ñidol: "Fau miawi kiñe kon'a, kintualu küdau".

Fei meu tripapai feichi capitán. Fei "chem kintukeimi?" pifi.

"Iñche kintuken küdau, nielmi küdau, eluaqen", pingei tichi ñidol.

“Kimimi küme chillkatun?”

“Eimi küme ki mëlmi, iñche wele-kuq meu deumalaqeyu tutelu chillka”.

Fei meu deumai kiñe chillka wele-kuq meu. Feichi capitán miawël-lu feichi wentru ñi kure, elufi ñi kure tēfachi papel. “Ngēneifinge tēfá”, pieyeu. Fei ngēnei ti domo; dēngulai; kimniefi ñi chillka ñi fēta yem.

Fei meu koni nafiu meu tichi wentru; epu mari antü miawi l’afken’ meu. Ditulu epu mari antü tripaingn kiñe waria meu. Feichi ñidol tripai, kechanentui ñi pu soldao; feichi wentru mëlei nafiu meu.

Pichin wëla ká tripai ti domo. Fei meu peyeu ñi fēta yem. “Ahá, feula fau mëleimi”, pifi ñi kure yem.

Feichi domo lef kontui ñi nafiu meu, nürēftēkukēnuwi, llükafi ñi fēta yem.

Fei meu feichi wentru ká tripai waria meu kiñe soldao meu, pütualu, – inan ñidol konpufui.

Fei meu akutui tichi capitán ñi nafiu meu. Ñi kure fei pieyeu: “Feula iñche ñi fētarke nga ti mëlei nafiu meu; tayi pefiñ.”

Fei meu lladküi tichi ñidol, “mēná wēsha!” pi; “chumafiñ tēfachi wentru?” pi; kiñe ina weñeufalafiñ mi oro tikerás meu”.

Fei meu tēkukēnulmefi feichi milla tikerás feichi wentru ñi pichi kakón meu, fei ñi weñeufalafiyüm.

Fei pi: “Akutulu fei piafiñ: “ñamrumei ñi tikerás”, piafiñ, “mal’ütuafiñ kom kakón meu” piafiñ, “l’angēmafiñ feichi wēsha wēñefe”, piafiñ.

Fei meu feichi wentru fei pieyeu ñi pichi üñēm ñi miawëlel: “Petu elmangeimi tami l’angēmgeal, weñeufalafiñ milla tikerás meu”, pingemi; “katrūñmafiñ ñi lipan, ka katrūñmafiñ ñi n’amun’, ka katrūñmafiñ ñi pel”, pieimeu tami ñidol, pieyeu ñi pichi üñēm feichi wentru. “Elkēnoaqen tēfachi soldao meu petu mi puunon nafiu meu”.

Fei meu fei pifi ñi kompañ-soldao feichi wentru: “Chumngechi eimi wēne dēnguen ñi konaqel nafiu meu, ká femngechi nentutuaqen l’angēmngeli. Fei tēfachi üñēm cruz femngechi rulelpaiaqen tol’ meu, ka wēn’ meu, ka piuke meu; fei ñi mongetuam. Deu l’angēmfimi, eluaqen, iñche ñi elmeafiel eltuwe meu”, piafimi mi ñidol, pifi feichi soldao. Kom kimmelkēnofi ñi chumngechi ñi mongeltuaeteu feichi üñēm meu. Elelñgei kom ñi plata ká elelñgei ñi üñēm feichi soldao.

Fei meu wëla amutuingu nafiu meu.

Akutulu fei pingei: “Eimi kúpaimi tēfachi nafiu meu, iñche kimel-layu mi chumngechi wenstrungen, feula ñamrumei ñi teikerás”, pieyeu feichi ñidol. “Feula mal’ütuan fill kakón meu”. “Feyërke mai!” pi ti wentru, “femaimi mai”, pi.

Fei meu tēfachi ñidol mal’ütui feichi wentru ñi kakón meu, wëne tēkukēnumei ñi oro tikerás; nor amufemi feichi kakón meu, pemetui ñi tikerás.

“Tēfei no kam?” pi; “eimi weñeferke, fei meu l’angēmaqeyu”, pifi.

“Feyërke mai”, pi tēfachi wentru, “l’angēmaen mēten”.

Fei meu “katrũñmaiaqeyu mi lipang, ka mi n’amun’, ka mi pel’”, pingei tichi wentru.

“Fei femen mai”, pi.

Fei meu takuñmaiafel ñi ngé. Pilai ti wentru; “l’angēmen mēten”, pi, “chumal takuñmaiaqen ñi ngé, leliniechi ñi trawa chumngechi katrũñmaiafiel.

Fei meu katrũñmangei ñi lipang, ka ñi n’amun’, ka ñi pel’.

Deu l’angēmel ká ütrēftēkuafel l’afken’ meu. Fei meu fei dēngui feichi soldao: “Eimi ñidol l’angēmfiimi feichi wentru, iñche tēkupafiñ nafiu meu; chumngechi tēkupafiñ ká femngechi entutuafiñ. Eluaqen tañi amuael ñi elmeafiel eltuwe meu. Chumal ültrēftuafimi l’afken’ meu? Deu l’ai ta tēfei. Ká epu kompañ eluaqen ñi elmeafiel ñi yekēnoetēu.”

“Femi mai”, pi ti capitán; “yefimi mai”. Ká werkülngēi epu kompañ.

Fei meu amuingn; aneka meu yefingn tichi l’a, ká yerpuingn kiñe kakón ñi elngeam.

Fei meu puingn eltuwe meu. “Yemenge pülku”, pingei feichi epu soldao kellepeel. Fei amui kiñe kulpero meu yemealu pülku.

Amulu engu feichi soldao nielu tēfachi üñēm nentufi aneka meu feichi l’a. Chumngechi ñi chumlemufum ñi trawa ká femngechi eltufo. Fei meu küme paillakēnofi, kom tēkulefi ñi lipang, ka ñi n’amun’, ka ñi longko.

Fei meu fei pi: “Eimi pichi üñēm, chemchi mi eleteu miawel fau meu, tēfachi kuñifal chumngechi ñi mongelepeyüm ká femngechi mongetupe”, pi feichi soldao. Fei meu rulelpafi kiñe cruz ñi tol’ meu, ka ñi wën’ meu, ka ñi piuke meu.

Afküduami feichi l’a, mongetui.

“Feula mongetun”, pi, “l’angëmfeneu nga ñi ñidol, feula wechengetun”, pifi feichi soldao.

Fei meu akutui feichi epu soldao yemekelu pülku. Feichi wentru l’auma witrarei feichi soldao engu; feichi epu kimlai ñi mongetufel. Fei pieyeu engu feichi soldao: “Tëfachi küme wentru pepaeneu, fei kellupaeneu”. Fei feyentui feichi epu soldao.

Feichi wentru l’auma deuma nünietui kom ñi plata ka ñi ünëm, kom ñi weshakelu. Elufi epu mari pesu feichi soldao ka feichi epu kompañ elufi mari melike pesu. “Kümei mai mn elpafiel tëfachi l’a”, pifi feichi pu soldao, “küme wentru em tëfá, l’angëmeyeu feichi ñidol miaulu nafiu meu”.

Feichi epu soldao feyentui, ká weshakelu nietui feichi wentru l’auma.

Fei meu kom pun’ pütuingn kiñewn. Ká antü “deu elafiiñ tëfachi l’a”, pingn, “amutuain nafiu meu”.

Amutualu feichi kimchi soldao “rëf rumel fei pilaiami”, pingei; “mongetui nga ti”, pilaiami, “inei no rume kimëñmalaiqaeneu ñi mongetun. Ká antü iñche ñi duam ñidolngeaimi nafiu meu”, pingei.

“Femi mai”, pi.

Fei amutuingn nafiu meu.

Feichi wentru mëlei waria meu kechu antü. Amutulu wëla feichi nafiu l’afken’ meu, ká amui kañpële kintuküdaualu tëfachi wentru.

Pui kiñe fuchá waria meu, cheu ñi tripapayüm nafiu. Feichi waria meu mëlefui kiñe rey; l’ai feichi meu tëfachi rey; fentren tranakënoi yall.

Fei meu feichi wentru allküi ñi mëlen l’an tichi waria meu. Amui ngen’ke pu lladkün meu.

“Chem dëngu mëlei?”, pipufi feichi l’antu.

“L’ai ñi fëta yem”, pi.

“Iñche pemeafiñ; cheu mëlei?”

“Fei tëfachi pu ruka”.

Fei meu feichi wentru konpui cheu ñi mëlen ti l’a. Fei pipui: “Tëfachi pichi ünëm miawëlfñ, mongeltueneu l’ayel iñche, fei meu tëfachi l’a mongeltupe ká femngechi. Fei meu deumalfi cruz ñi tol’ meu, ka wën’ meu, ka piuke meu. “Mongetupe”, pi.

Fei afküduami feichi l’a; “umaqturkefun”, pi.

“Umaqturkimi ta ti”, pieyeu; “fa mu iñche akun fau, afkentu kutrankawn miawn fill mapu; iñche mien l’awen’ ñi mongelpetufiyüm l’achi ché”, pifi feichi mongetulu l’a.

Fei meu mañumi feichi mongetulu: “Feula lle chi”, pi, “iñche ñi piuke meu chumlaiaimi”. Rofëlfí ka trüyüfi.

Fei pi kai: “Deu akuimi iñche ñi ruka meu, mongelpatuen; feula mongeletun eimi mi duam. Fentren mapu elfun, fentren kulliñ ka plata, fentren kuñil ká tranakënofun; welu feula eimi mi duam mongeletuan. Chem piaimi? Nien mapu, plata, kulliñ, ka nien ñawe; ayülmi nieal iñche ñi ñawe, nieaimi; tuchi mi ayün dullaiaimi; eluayu”.

“Pilan”, pi feichi wentru; “iñche duamlafiñ kulliñ, duam lafiñ ñi kurengeal.”

Feichi mongetuchi rey fi pi: “Chem kam duamimi? Pifi tichi wentru.

Fei meu fei pi: “Kiñe dëngu pieyu: Eimi ñidolngeimi tëfachi pu l’afken’ miauchi nafiu meu, kom nafiu ngëneniefimi; fei meu kiñe dëngu pian: deumalafimi kiñe fúchá trawn, kom pu ñidol nafiu mëleyelu kúpape fau itrokom ayüfun ñi peafiel tami pu capitán”.

Fei meu “feyërke mai”, pi tichi rey; mëtrëmfalfi kom nafiu meu miauchi pu ñidol.

Fei meu “kúpape fau kom l’afken’ miauchi ñidol”, pikënuí feichi rey.

Angkantu puwi itrokom nafiu. Puulu trawi kom feichi capitán; akulyei ñi kure engn ñi ruka meu ñi rey.

Fei meu fei pi feichi wentru: “Feyërke mai, fei tëfá mi ñidol érke”, pifi feichi rey. “Kiñe dëngu pieyu: Deuma akuí mi pu capitán; kiñe apeu nentupe yengn chumngechi ñi chumlefel kuifi, ellá weche wentru ngelu engn, chem ñi chumkefel engn; fei nentupe fachi antü tami pu ñidol”, pingei feichi rey.

“Apeumn mai!” pingei tëfachi ñidol.

Fei meu apewi. Kiñe mëten pilai ñi apewal, feichi l’angëmcheuma.

Fei meu fei pi feichi wentru: “Iñche ká nentuan kiñe apeu”. Fei meu kom nütrami ñi chumngechi mongemum ka kutrankaumum ñi kuñil ñi duam, ka ñi kure ñi duam, ka feichi ñidol-nafiu ñi duam. Ká nütrami ñi naqpamum feichi üñëm ka epu ñi naq mongetueyüm meu. Kom re kiñeke entui tëfá. Feichi ñidol l’angëmcheuma ñi kure engu wayonaqi, l’aadkëlewei ñi ange engu.

Mëtrëmeyeu feichi rey: “Küpape; chungelu femfimi tēfachi wentru?” pingei. Dēngulai.

Fei meu werküi meli kon’a feichi rey: “Yemenge kiñe kechan lofo kawellu”, pingei tichi kon’a. Fei yemei.

Fei meu fullingei meli tutekulu lofo kawellu, kake trapëltëkuñmangei ñi n’amun’ feichi kurewen. Fei meu wemünentungei tēfachi kawellu; l’aingu feichi kurewen.

Fei wëla fei pi feichi rey: “Feula l’ai tami kutrankapeeteu”, pingei feichi wentru.

Feichi soldao mongetuuma tēfachi wentru mëtrëmgei. “Küpape”, pingei. Fei meu afkadipai ñi wen’üi meu. Fei pingei: “Eimi mi duam mongetun kuifi, fei meu feula iñche ñi duam capitán ngetuaimi tēfachi nafiu meu. Fei meu ñidolngelui; feichi rey.

“Feula kurengan”, pi feichi wentru, pifi ñi rey.

“Kurengaimi mëten”, pi feichi rey; “tuchi ñawe ayüimi?” pingei.

Meli ñawe niei tēfachi rey. Fei meu dulli. “Fei tēfá ayün”, pi, “doi inanggalu”, pi.

Fei meu mëlei fuchá kawiñ; niewingu; kayu antü pütuingn; kom ñidol nafiu kayu antü mëleweprai; ürkutui feichi nafiu, kom kolletukeingn feichi kurewen ilelkawn meu.

Deu kurengelu fei pieyeu ñi pichi üñëm: “Deu mongeleimi, kümeletukaimi; fachi antü amutuan, feula wëdaiyu”, pingei ti wentru, pieyeu ñi pichi üñëm. “Fei meu l’apëmkënunga mi kuq”, pingei. Feichi wente pëlai-kuq witrakënuwi tēfachi üñëm, fei meu üpënpratui wenu pële.

Fei meu kümelewei tēfachi wentru, elungei fill mapu ka fentren kullin; fei meu wëla ká ñidolngepui feichi waria meu, femkënoeyeu feichi rey.



EL BICHO VIVIFICADOR

“Llegado a los catorce días se bajó de repente un pajarito del cielo, se sentó sobre mi rodilla, subió arriba y entró en la boca.”

PASCUAL COÑA

Un cuento de los antiguos indígenas tiene el contenido siguiente: Erase un matrimonio real viviendo en una casa. Algo lejos vivía otra tal pareja real; los dos matrimonios nunca tuvieron hijos. Entonces un año sucedía que ambos se hallaban inesperadamente con buenas esperanzas. Las dos reinas dieron a luz en un mismo día; una a medio día un hijo hombre, la otra a la tarde una hija mujer.

Entonces el rey casado, cuya esposa tuvo hijo primero, dijo a su señora: “Ya que tienes hijo, ¿qué haremos? Allá hay un rey casado, que es amigo mío. A él le daremos nuestro hijo a fin de que le dé nombre; así seremos compadres los dos.

En seguida despachó un mensajero al cual encargó: “Anda y avisa allí: ayer tuvo hijo la señora de mi rey, a medio día sanó de él; por eso quiero darle mi hijo para que le ponga su nombre y seamos compadres”.

El mensajero se fue con esta noticia.

La señora del otro rey también tuvo criatura, como ya se ha dicho. Después que había dado a luz en la tarde dijo ese rey a su señora: “Ya que tienes hija, voy a dar esta pequeña niña a mi amigo real para que le pongo nombre y seamos compadres los dos”.

Entonces mandó a uno de sus mozos con el encargo: “Digas allá: ayer dio a luz mi esposa; ahora quiero dar la niña a él para que la bautice y seamos compadres.”

El mozo se puso en camino por acá.

A medio camino se encontraron los dos mensajeros y se saludaron con buenos días. Uno preguntó: “¿A dónde vas?”

“Me voy donde el rey de allá”, contestó el otro, “ayer dio a luz la esposa de mi rey, por eso me ha mandado. Tengo que avisar allá en nombre de mi patrón, que quiere darle al rey su hijo como ahijado y hacerlo su compadre; por eso me voy yo” – “¿Y tú?” preguntó el primero.

El segundo mensajero contestó: “Yo me voy a tu patrón real. Ayer en la tarde dio a luz la señora de mi rey; quiere dar su hija a su rey amigo. Ese es el motivo de mi viaje.”

“Bueno, entonces; crucémonos”, se despidieron uno del otro. Uno siguió para allá, el otro para acá.

Llegó el mensajero (de aquí) donde el rey de allá; lo saludó y le dijo: “Me manda mi rey; me dijo que ayer tuvo hijo su esposa; que fuera a ver a su rey amigo. Quiero darle mi hijo como ahijado y hacerme compadre del rey”, manda decir mi rey”.

El rey de allá contestó: “Eso es, pues. En la misma situación estoy yo; mi mensajero ya se fue. Ayer dio a la luz mi señora también.”

“Está bien! Sea, pues, seremos compadres”. Como contestación mandó por medio de mensajero la orden: “En tal día vamos a bautizar nuestros hijos.”

El mensajero volvió con esa respuesta.

Mientras tanto llegó el mensajero de allá donde el rey de aquí; lo saludó y le dijo: “Soy enviado; ayer tuvo hija la esposa de mi rey; por ese motivo me envió mi rey con el recado: Voy a darle mi hija, para que me la bautice y seamos compadres”.

El rey le contestó: “Eso es, pues; mi esposa dio también a luz ayer; ya se ha ido mi mensajero adonde tu rey. Está bien; acepto la proposición; nos haremos, pues, compadres. En tal día iremos a bautizar nuestros hijos y tomarnos mutuamente por compadres con toda formalidad.”

Esa orden la hizo devolver por medio del mensajero.

Llegado el día señalado los dos reyes se fueron y se unieron en la casa destinada para el bautismo de la prole.

Antes de bautizarlos dijo uno de los reyes al otro: “Hoy, pues, seremos compadres; con ese título nos llamamos en adelante. Por eso yo quisiera proponer una cosa.”

“¡A ver! ¿Cuál es tu proposición?” preguntó el otro.

Siguió así: “Hoy daremos nombre a nuestros hijos, nacidos en un mismo día. Ahora bien, mi propuesta es la siguiente: Si quedan con vida, los pondremos a un colegio para que aprendan a leer y escribir y después, cuando cumplan quince años, se casarán. Ese es mi proyecto. ¿Qué dices, compadre?”

El otro contestó: “Tu propuesta es buena, compadre; yo tenía el mismo pensamiento. Así lo haremos, pues; los pondremos al colegio y en cuanto alcancen a los quince años, los retiramos y se casarán.”

Luego bautizaron a las dos huahuas; se criaron bien y a la edad de cinco años pusieron a los chiquillos al colegio, donde se dedicaron con gran aplicación y buen resultado al estudio. Llegados a los quince años, volvieron del colegio y se casaron. Después del casamiento el joven marido se llevó a su esposa a la casa de su padre.

La reina madre de la joven se entristeció mucho. “¡Qué mala suerte!” dijo; “tenía una sola hija; ahora se ha casado y me ha dejado sola; ningún niño más me queda”. Murió a causa de su pena.

Entonces regresó la casada, volvió al lado de su padre solitario junto con su esposo.

Pero ahora se agravió la otra reina, cuyo hijo se había alejado. Por su tristeza, murió también.

Entonces el hombre volvió otra vez. Dijo: “Ahora se me ha muerto mi madre a mí también; voy a ir a ver a mi padre”. Se cambió junto con su esposa.

Con eso quedó solo el rey, padre de la joven casada. En su pesar dijo: “Estoy solo ahora: ¿qué voy a hacer?” Se entristeció y luego murió.

Entonces dijo la hija casada: “Mi papá ha fallecido también ahora; me voy; me restituyo a la casa de mi padre que está abandonada”. En seguida el matrimonio se fue allá.

Ahora quedó solo el otro rey; se afligió sobre manera. “¡Desgraciado de mí!” dijo, “estoy abandonado” y en su dolor, murió.

Entonces el matrimonio doliente dijo: “Ahora se nos han muerto los padres y las madres”. El hombre volvió a la casa de su finado padre junto con su mujer. Ella recordando sus padres muertos, se enfermó también; dos días estaba enferma cuando murió.

Después de la defunción de su esposa dijo el hombre: “Ahora estoy solo, enviudado, han muerto mi mujer, mi padre y madre, suegro y suegra; ¿qué voy a hacer ahora? Quiero morir también; voy a matarme yo mismo.”

“Tengo tanto terreno, tanto dinero y animales, ¿qué haré con eso?”

Hizo llamar a la gente pobre; les hizo saber: “Que vengan los más menesterosos; les daré mi tierra, mi ganado, mi plata.”

Los pobres se reunieron.

El hombre dijo: “Yo voy a morir; todos mis deudos se acabaron; os doy esa hacienda y todo cuanto tengo; guardadme una buena memoria en lo venidero.”

En seguida hizo entrega de todos los bienes a los pobres.

Después de la distribución de sus bienes, cierto día desapareció. Se dirigió al cementerio adonde había sido llevado el cadáver de su esposa. Entró en el mausoleo que había allí y dijo: “Aquí voy a morir”. Hizo oración y se sentó allí.

“Estaba ya diez días, no podía morir, aunque todo mi cuerpo estaba insensible, como muerto; ni hablar podía siquiera.”

“Llegado a los catorce días se bajó de repente un pajarito del cielo, se sentó sobre mi rodilla, subió arriba y entró en la boca. Cuando salió de allí, mi cuerpo volvió al estado de salud perfecta que tenía antes; rejuvenecí completamente.”

“El bicho se voló, pero volvió; se sentó otra vez sobre mi rodilla y subió hacia arriba. Entonces lo cogí y lo metí en el bolsillo. En seguida reflexioné: Este pajarito bajó hacia mí; estaba casi muerto, entonces volví a vivir. ¿Quién lo ha mandado? El dominador de la gente me lo habrá enviado; por eso resucité como revive un muerto. ¿No devolverá la vida a mi esposa también?”

“Luego me dirigí adonde estaba el cuerpo de mi esposa difunta. Me dije: Este pájaro vino a verme cuando ya estaba agonizante, enviado quién sabe por quién, tal vez por Nguenechen. Resucité. ¡Bien podría hacer revivir de igual modo a mi mujer! La señalé con tres cruces, una en la frente, otra en la boca, la última sobre el pecho rogando al mismo tiempo: Quienquiera que haya mandado este pájaro haga vivir a mi esposa”.

“Luego mi mujer muerta tiró un profundo suspiro y dijo: Me había adormecido; ahora desperté”.

“Habías muerto”, le dije. Yo también debería haber muerto, pero no morí. Catorce días ya me encontraba en esta tumba, cuando de repente apareció este bicho. Estando yo casi muerto, me entró en la boca y al momento recobré toda mi fuerza vital. El pájaro se fue, pero volví; lo agarré y lo guardé en mi bolsillo. Pensé así: “Cuando estaba por morir, me hizo revivir este bicho; de la misma manera podría devolver la vida a mi mujer”, y, haciendo votos te persigné, con tres cruces para que revivieras. “¡Qué viva mi esposa!” dije yo, – y reviviste.

“Pero ahora ¿qué haremos? Toda nuestra familia estaba muerta, tú también moriste, yo quise morir. Repartí entre los pobres nuestro terreno; nuestros animales y nuestro dinero; ahora volvimos a la vida; ¿qué haremos ahora?”

Entonces la mujer se puso a llorar y dijo: “Tendríamos que ir a buscar trabajo dondequiera a orillas del mar”. “Así lo haremos”, dijo su esposo.

Luego salieron del cementerio. Era una mañana cuando empezaban a andar, siguiendo la playa en busca de trabajo. A medio día todavía estaban viajando. Entonces dijo el hombre a su mujer: “Estoy cansado; descansemos aquí”. La mujer se sentó sobre sus piernas; el hombre se echó boca abajo y durmió; ya no despertó. La mujer seguía sentada a su lado.

Mientras tanto pasó un buque grande por el mar. Los tripulantes del buque divisaron a los dos y exclamaron: “Y ¿qué es eso allí?”

Entonces salió un hombre del buque y se acercó a la mujer sentada al lado de su marido dormido. Cuando el marinero del buque estaba donde la mujer, le preguntó qué hacía allí. Ella contestó: “Nosotros estamos en busca de trabajo, por eso viajamos siguiendo la playa del mar.”

Entonces le dijo el hombre del buque: “Vamos al buque; este hombre es un flojo; yo voy a tomarte de mujer”.

Ella replicó: “No quiero; yo tengo marido”.

Le contestó: “Pero tu marido sigue durmiendo; yo te voy a llevar no más; te vestiré con trajes de pura seda y además te regalaré unas tijeras de puro oro.”

Entonces consintió. “¿Pero, no despertará mi marido?” preguntó todavía. “Ese no va a despertar”, se le contestó. En seguida la llevó tomándola en brazos y la trasladó al buque.

El esposo no se despertó, durmió un día y una noche entera. Al día siguiente hacia medio día despertó al fin. “¡Ay de mí!” dijo, “se me ha ido mi mujer”. Se levantó diciéndose: “Me ha llevado a mi esposa; seguiré en la playa; tengo que encontrar no más a mi mujer” Luego se fue.

Llegó a una pequeña ciudad; se acercó a una lancha y se ajustó de lan- chero; durante un mes trabajó ahí.

Después dejó esa ocupación y se fue a un puerto grande. Llegó pre- cisamente cuando echó anclas un gran buque del cual salía a saltos un soldado. Dirigiéndose a ese soldado le dijo: “Yo ando en busca de trabajo; ¿habrá por casualidad trabajo en aquel buque?”

El soldado le preguntó: “¿Sabes tú leer y escribir?”

Le contestó: “Para que tu comandante tenga prueba cabal, le haré una carta con la mano izquierda.”

El soldado se fue y dio aviso a su comandante: “Aquí anda un mozo que está buscando empleo”.

El capitán salió a tierra y le preguntó: “¿Qué es lo que buscas?”

Recibió la contestación: “Busco trabajo; si acaso tienes, dámelo”.

“¿Sabes escribir correctamente?”

“Para que te convenzas bien te escribiré una bonita carta con mi mano izquierda.”

Luego hizo una carta con su izquierda. El capitán el mismo que llevaba en su compañía a la mujer de aquel hombre, entregó el papel a su mujer y le dijo: “Revisa eso”. Ella lo revisó; no contestó nada; había reconocido la letra de su esposo anterior.

Entonces entró el hombre al buque; veinte días viajaba en el mar. Al cabo de estos veinte días, arribaron en un puerto y el comandante bajó a tierra con una tropa de marineros; nuestro hombre quedó en el buque.

Poco rato después salió también la mujer y así la vio el marido antiguo. Le dijo a ella: “Ah, aquí estás ahora”.

La mujer corrió apresuradamente al interior del buque y se encerró allí; tenía miedo de su marido burlado.

Después el hombre se fue también a la ciudad acompañado de un soldado, para echarse un trago, había avanzado al puesto de segundo oficial.

Entre tanto volvió el capitán a su buque. Su compañera lo recibió con voz de alarma: “Ahora está en el buque nadie menos que mi legítimo esposo; hace poco lo he visto”.

El comandante se turbó; “¡maldito!” dijo, “¿qué voy a hacer con ese hombre? De repente voy a acriminarlo del hurto de tus tijeras de oro”.

Luego fue y metió las tijeras de oro en el pequeño cajón de aquel hombre con el fin de poder culparlo del robo.

Explicó: “Cuando vuelva, diré que desaparecieron mis tijeras; que registraré todos los cajones y mataré al ladrón sin vergüenza.”

Nuestro hombre llevaba su bicho incesantemente consigo; ese le previno diciéndole: “Te están armando una trampa para matarte; quieren inculparte del robo de unas tijeras de oro. Tu comandante se ha propuesto cortarte las manos y los pies y decapitarte al fin. Antes de que vuelvas al buque déjame encarado a este soldado”.

Entonces el hombre conversó con el soldado que lo acompañaba; le dijo: “Como tú me hiciste entrar al buque, así sácame también, después que se me haya muerto. Persigna en forma de cruz mi frente, mi boca y mi corazón por medio de este pajarito; así reviviré. Dirás a tu comandante: Ya lo mataste; dámelo ahora para que lo sepulte en el cementerio”. Dejó bien instruido a este soldado sobre el modo en que tuviera que hacerlo volver a la vida. En seguida le entregó todo su dinero y el pajarito.

Después de eso volvieron los dos al buque.

Llegado allí le dijo el capitán: “Tú entraste en este buque sin que yo supiera qué clase de hombre fueras; ahora faltan mis tijeras y voy a registrar todos los cajones”.

“Bueno, pues; hazlo no más”, le contestó nuestro hombre.

Luego revisó el comandante el cajón del hombre donde había metido antes sus tijeras de oro. Se lanzó directamente sobre este cajón y las tijeras salieron a luz.

Exclamó: “¿No son esas por acaso? Tú eres ladrón; ahora te mataré”.

Este contestó: “¡Así es! Mátame no más”.

“Te haré cortar las manos, los pies y el cuello”.

“Hazlo, pues”, replicó.

Luego quiso vendarle los ojos. No consintió el hombre. “Mátame así no más”, dijo. “¿Por qué habrá que tapar mis ojos? Yo quiero ver cómo desmiembras mi cuerpo”.

Acto seguido le cortaron las manos, los pies y el cogote.

Habiéndolo matado quiso echarlo al mar. Entonces tomó la palabra el soldado: “Tú, como comandante, diste muerte a este hombre. Yo lo traje al buque y como lo entré, tengo que sacarlo también. Dame permiso de ir y sepultarlo en el cementerio. ¿Para qué arrojarlo al mar? Ya está muerto. Además facilítame dos compañeros que me ayuden a llevarlo a la sepultura”.

“Sea, pues,” contestó el capitán, “llévatelo”. Además ordenó que lo acompañaran dos hombres.

Entonces se pusieron en camino; metieron el cadáver en un saco de fagna; llevaron también un cajón (ataúd) para sepultarlo en él.

Llegados al cementerio los dos soldados ayudantes fueron enviados a buscar un trago. Se dirigieron a un cantinero (pulpero) para proveerse de licor.

Cuando se habían ido los dos, el soldado que tenía el bicho tiró el cadáver del saco y colocó sus partes así como el cuerpo estaba antes. Para ese fin lo puso cuidadosamente de espaldas y ajustó las manos, los pies y la cabeza.

Luego dijo: “Tú, pajarito, quienquiera que te haya ordenado andar por este mundo, haz revivir a este desgraciado así como ha vivido antes”. Dicho eso signó el cadáver con una cruz en la frente, otra sobre la boca y la tercera sobre el corazón.

El muerto suspiró profundamente y volvió a la vida.

“Ya volví a vivir”, dijo, “aunque me ha matado el comandante; ahora tengo más juventud y vigor”.

En ese momento volvieron los dos soldados, enviados a buscar chicha. El hombre resucitado estaba parado con el soldado. Los dos no sabían que el muerto había vuelto a la vida. El soldado les dijo: “Este buen hombre me encontró casualmente y me ayudó”. Ellos lo creyeron.

El hombre vuelto de los muertos ya había tomado posesión de su dinero, del bicho y de todas sus cosas. Regaló al soldado veinte pesos y catorce a cada uno de los compañeros y les dijo: “Habéis hecho una buena obra con venir a sepultar aquí a este difunto. Era un buen hombre aunque lo mató el comandante del buque.”

Cándidamente lo creyeron los dos soldados, tanto más que el resucitado había puesto otra ropa.

Bebiendo pasaron juntos toda la noche. Al otro día dijeron: “Ya hemos sepultado al extinto; volvámonos al buque.”

Cuando ya se alistaron para irse, el hombre amonestó al soldado iniciado: “Nunca cuentes lo sucedido; no dirás jamás que he revivido. Quiero que no sepa ninguna persona de mi vuelta a la vida. Día vendrá en que serás comandante del buque por causa mía.”

“Bueno, pues”, contestó.

Después se volvieron al buque.

El hombre quedó cinco días en la ciudad. Después que el buque había zarpado, fue él también para buscar trabajo en otra parte.

Llegó a una gran ciudad con paradero de buques. Allí vivía un rey que había muerto en esos mismos días; dejó mucha familia.

Nuestro hombre llegó a oír que había un fallecimiento en la ciudad y se fue adonde los deudos.

Preguntó a la viuda: “¿Qué es lo que pasa aquí?”

“Murió mi buen marido.”

“Yo quisiera verlo; ¿dónde está?”

“Aquí en esta casa.”

Luego el hombre entró donde estaba el muerto. Reflexionó así: “Este bicho que llevo conmigo me devolvió la vida cuando me habían matado; que haga revivir también a ese difunto”. Formó cruces con el bicho en la frente, la boca y el corazón del muerto y dijo: “¡Que vuelva a vivir!”

Al momento respiró el finado y dijo: “Habría dormido”.

“De veras que dormiste; ahora llegué yo por acá, andando por todas partes con incansantes sufrimientos. Yo tengo un remedio para resucitar hasta los muertos”, dijo al muerto revivido.

Entonces el resucitado le dio las gracias; dijo: “Ahora está bien; mi corazón te guardará eterna gratitud”. Lo abrazó y lo halagó.

Además dijo: “Llegaste, pues, a mi casa y me has resucitado; vivo ahora por causa tuya. Había dejado tantos terrenos, tanto ganado y riquezas; abandonado una numerosa familia; pero ahora continuaré a vivir por intervención tuya. ¿Qué me pides? Tengo terrenos, plata, animales, también

tengo hijas; si quieres una de mis hijas, la tendrás, elige cuál te gusta, y te la daré.”

“No quiero”, dijo el hombre; “yo no necesito ni animales ni mujer.”

“¿Qué quieres entonces?” le preguntó el rey revivido.

Entonces contestó el hombre: “Voy a decirte una cosa. Tú eres jefe de todos los buques que viajan en el mar; todos están bajo tus órdenes. Quiero que hagas un gran mitin con asistencia de todos los comandantes de navío, que vengan todos por acá. Yo quería conocer a tus capitanes.”

El rey consintió. Hizo llamar a todos los comandantes que viajaban con sus buques.

El rey despachó, pues, una orden del tenor: “Vengan por acá todos los comandantes de mis buques”.

Poco a poco arribaron todos los buques. Llegados todos, se reunieron los capitanes en el palacio del rey, acompañados de sus esposas.

Entonces el hombre dijo al rey: “Bueno, esos, pues, son tus comandantes. Te hago una proposición: Ya que están presentes tus capitanes, que cuenten una historia sobre cómo pasaron su vida desde el tiempo de sus mocedades, en qué se ocuparon. Eso que lo cuenten tus capitanes en el día de hoy”.

“¡Contad, pues!” se ordenó a los capitanes.

Luego contaron sus historias. Uno solo se negó a hacerlo: el asesino de antes.

Después dijo nuestro hombre: “Yo también voy a contar una historia”. Luego refirió toda su vida y sus sufrimientos originados por la muerte de su familia, por su mujer y el comandante del buque. Además dio cuenta de la bajada del bicho y cómo lo había hecho volver dos veces a la vida. Minuciosamente y con todos los detalles contó todo eso. El comandante homicida y su mujer se agachaban y sus caras se ponían lívidas como los muertos.

El rey llamó al capitán y le preguntó: “¿Por qué procediste de esa forma con el hombre?” Se calló.

El rey ordenó a cuatro mozos: “Buscad un tropel de caballos indómitos”. Ellos fueron y los trajeron.

Luego se eligieron cuatro hermosos potros chúcaros. A cada uno de ellos se amarró una pierna de los esposos. En seguida se ahuyentó a los potros y el matrimonio encontró la muerte.

Después dijo el rey al hombre: “Ahora han muerto los causantes de tus sufrimientos”.

Acto seguido se llamó al soldado que había resucitado a nuestro hombre. “¡Adelante!” se le mandó. Llegó al lado de su amigo. Este le dijo: “Antes volví yo a la vida por causa tuya; por eso tú serás capitán del buque por causa mía. Luego el rey lo nombró comandante.

Ahora sí que quisiera casarme”, dijo nuestro hombre al rey.

“Cásate no más”, le dijo; “¿Cuál de mis hijas te gusta?” le preguntó el rey.

Tenía cuatro hijas. Eligió el hombre. “Esa me gusta”, dijo, “la más jovencita”.

Entonces hubo gran reunión festiva para el casamiento; seis días duró el festín; todos los capitanes recibían permiso para los seis días; la flotilla quedaba ociosa porque toda la gente tomó parte en el banquete nupcial.

Cuando el hombre ya estaba casado, le habló el bicho diciéndole: “Ya estás salvado y en bienestar; hoy me voy y nos separamos”. En seguida le dijo: “Abre tu mano” y se sentó sobre la palma de su mano. Entonces desplegó sus alas y voló hacia el cielo.

Desde entonces le fue bien al hombre; recibió muchas tierras y animales; más tarde un decreto real lo designó gobernador de aquella ciudad.



O PÁSSARO REANIMADOR

“Chegando aos quatorze dias desceu, de repente, um passarinho do céu, se sentou sobre meu joelho, subiu acima e entrou na boca.”

PASCUAL COÑA

Um conto dos antigos indígenas tem o conteúdo seguinte: Era uma vez um matrimônio real vivendo em uma casa. Um pouco mais longe morava outro casal real; os dois matrimônios nunca tiveram filhos. Então, sucedeu um ano em que ambos se encontravam inesperadamente com boas esperanças. As duas rainhas deram à luz no mesmo dia; uma, ao meio-dia, um filho homem, a outra, à tarde, uma filha mulher.

Então, o rei casado, cuja esposa teve filho primeiro, disse à sua esposa: “Já que tens um filho, que faremos? Lá há um rei casado que é amigo meu. A ele daremos nosso filho a fim de que lhe dê um nome; assim, seremos compadres nós dois”.

Em seguida, despachou um mensageiro, ao qual encarregou: “Vai e avisa ali: ontem a esposa do meu rei teve filho, ao meio-dia curou dele; por isso, quero dar-lhe o meu filho para que lhe coloque seu nome e sejamos compadres”.

O mensageiro se foi com esta notícia.

A esposa do outro rei também teve cria, como já foi dito. À tarde, depois que havia dado à luz, disse esse rei à sua esposa: “Já que tens uma filha, vou dar esta pequena menina ao meu amigo real para que lhe coloque o nome e sejamos compadres nós dois”.

Então, mandou a um de seus criados com o recado: “Diga lá: ontem deu à luz minha esposa; agora quero dar a menina a ele para que a batize e sejamos compadres”.

O criado pôs-se a caminho por cá.

A meio caminho, os dois mensageiros se encontraram e se cumprimentaram com bons-dias. Um perguntou: “Aonde vais?”

“Vou ao rei de lá”, respondeu o outro, “ontem deu à luz a esposa do meu rei, por isso, me mandou. Tenho que avisar lá em nome do meu patrão, que quer dar ao rei seu filho como afilhado e fazê-lo seu compadre; por isso, vou”. – “E tu?”, perguntou o primeiro.

O segundo mensageiro respondeu: “Eu vou ao teu patrão real. Ontem à tarde deu à luz a esposa do meu rei; ele quer dar sua filha ao seu rei amigo. Esse é o motivo da minha viagem”.

“Bom, então, cruzemos”, e se despediram um do outro. Um seguiu para lá, o outro para cá.

Chegou o mensageiro (daqui) no rei de lá; cumprimentou-o e lhe disse: “Me manda meu rei; me disse que ontem sua esposa teve filho; que fosse ver seu rei amigo. “Quero dar-lhe meu filho como afilhado e fazer-me compadre do rei”, manda dizer meu rei”.

O rei de lá respondeu: “Assim é, pois. Na mesma situação estou eu; meu mensageiro já se foi. Ontem deu à luz minha esposa também”.

“Está bem! Que seja, pois, seremos compadres”. Como resposta, mandou por meio do mensageiro a ordem: “Em tal dia vamos batizar nossos filhos”.

O mensageiro voltou com essa resposta.

Enquanto isso, chegou o mensageiro de lá no rei daqui; cumprimentou-o e lhe disse: “Fui enviado; ontem teve filha a esposa do meu rei; por esse motivo, meu rei me enviou com o recado: Vou dar-lhe minha filha, para que a batize e sejamos compadres”.

O rei respondeu: “Assim é, pois; minha esposa também deu à luz ontem; já se foi meu mensageiro ao teu rei. Está bem, aceito a proposta; nos tornaremos, pois, compadres. Em tal dia iremos batizar nossos filhos e aceitar-nos mutuamente como compadres com toda a formalidade.”

Essa ordem a fez devolver por meio do mensageiro.

Chegado o dia assinalado, os dois reis foram e se reuniram na casa destinada para o batismo da prole.

Antes de batizá-los, disse um dos reis ao outro: “Hoje, pois, seremos compadres; com esse título nos chamamos de agora em diante. Por isso, eu gostaria de propor uma coisa”.

“Vamos ver! Qual é a tua proposta?”, perguntou o outro.

Seguiu assim: “Hoje daremos nome aos nossos filhos, nascidos no mesmo dia. Agora bem, minha proposta é a seguinte: Se vingarem, os colocaremos em um colégio para que aprendam a ler e a escrever, e depois, quando completarem quinze anos, se casarão. Esse é meu projeto. Que dizes, compadre?”

O outro respondeu: “Tua proposta é boa, compadre, eu tinha o mesmo pensamento. Assim faremos, pois; os colocaremos no colégio e quando atingirem os quinze anos, os retiramos e se casarão”.

Logo batizaram os dois bebês; se criaram bem, e na idade dos cinco anos, puseram os meninos no colégio, onde se dedicaram com grande aplicação e bom resultado ao estudo. Chegados os quinze anos, voltaram do colégio e se casaram. Depois do casamento, o jovem marido levou a sua esposa à casa de seu pai.

A rainha mãe da jovem se entristeceu muito. “Que má sorte!” disse; “eu tinha só uma filha; agora se casou e me deixou só; nenhuma criança mais me resta”. Morreu por causa de sua pena.

Então, a casada regressou, voltando para o lado de seu pai solitário junto com seu esposo.

Mas agora se agravou a outra rainha, cujo filho se havia distanciado. Por sua tristeza, morreu também.

Então, o homem voltou outra vez. Disse: “Agora morreu a minha mãe também; vou ver meu pai”. Mudou-se junto com sua esposa.

Com isso, ficou sozinho o rei, pai da jovem casada. Em seu pesar disse: “Estou sozinho agora: O que vou fazer?” Se entristeceu e logo morreu.

Então, disse a filha casada: “Meu pai faleceu também agora; vou-me; restituo-me a casa de meu pai que está abandonada”. Em seguida, o matrimônio se foi para lá.

Agora ficou sozinho o outro rei; se afligiu sobremaneira. “Desgraçado de mim!”, disse, “estou abandonado”, e em sua dor, morreu.

Então, o matrimônio dolente disse: “Agora morreram nossos pais e mães”. O homem voltou à casa de seu finado pai junto com sua mulher. Ela, recordando seus pais mortos, enfermou-se também; por dois dias estava doente quando morreu.

Depois da defunção de sua esposa, disse o homem: “Agora estou sozinho, enviuvado, morreram minha mulher, meu pai e mãe, sogro e sogra; o que vou fazer agora? Quero morrer também; vou me matar”.

“Tenho tanto terreno, tanto dinheiro e animais, o que farei com isso?”

Fez chamar a gente pobre; os fez saber: “Que venham os mais necessitados; lhes darei minha terra, meu gado, meu dinheiro”.

Os pobres se reuniram.

O homem disse: “Eu vou morrer, todos meus familiares se acabaram; lhes dou esta fazenda e tudo o que tenho; guardem de mim uma boa memória no porvir”.

Em seguida, fez a entrega de todos os bens aos pobres.

Depois da distribuição de seus bens, certo dia desapareceu. Dirigiu-se ao cemitério onde havia sido levado o cadáver de sua esposa. Entrou no mausoléu que havia ali e disse: “Aqui vou morrer”. Fez uma oração e se sentou ali.

“Estava já há dez dias, não podia morrer, mesmo estando todo meu corpo insensível, como morto; não podia sequer falar.”

“Chegando aos quatorze dias desceu, de repente, um passarinho do céu, se sentou sobre meu joelho, subiu acima e entrou na boca. Quando saiu dali, meu corpo voltou ao estado de saúde perfeita que tinha antes; rejuvenesci completamente.”

“O pássaro voou, mas voltou; sentou-se outra vez sobre meu joelho e subiu. Então, o peguei e o coloquei no bolso. Em seguida, refleti: Este passarinho desceu por mim; estava quase morto, então, voltei a viver. Quem o mandou? O dominador da gente o terá me enviado; por isso, ressuscitei como revive um morto. Não devolverá a vida à minha esposa também?”

“Logo me dirigi para onde estava o corpo da minha esposa defunta. Disse a mim mesmo: Este pássaro veio ver-me quando já estava agonizante, enviado quem sabe por quem, talvez por Nguenechen. Ressuscitei. Bem que podia fazer reviver do mesmo modo a minha mulher! Persignei-a com três cruzeiras, uma na frente, outra na boca, a última sobre o peito rogando ao mesmo tempo: Quem quer que tenha mandado este pássaro, faça viver minha esposa”.

“Logo minha mulher morta suspirou profundamente e disse: Eu tinha adormecido; agora despertei”.

“Tinhas morrido”, lhe disse. Eu também deveria estar morto, mas não morri. Quatorze dias já me encontrava nesta tumba, quando, de repente, apareceu este pássaro. Estando eu quase morto, entrou-me pela boca e no mesmo instante recobrei toda minha força vital. O pássaro se foi, mas voltou; o agarrei e o guardei no meu bolso. Pensei assim: “Quando estava para morrer, este pássaro me fez reviver; da mesma maneira podia devolver a vida à minha mulher”, e, fazendo votos, te benzi, com três cruzeiras para que revivesses. “Que viva minha esposa!”, disse eu, – e reviveste.

“Mas agora, o que faremos? Toda nossa família estava morta, tu também morreste, eu quis morrer. Reparti entre os pobres nosso terreno; nossos animais e nosso dinheiro; agora voltamos à vida, o que faremos agora?”

Então, a mulher começou a chorar e disse: “Teríamos que ir procurar trabalho onde quer que seja às margens do mar”. “Assim o faremos”, disse seu esposo.

Logo saíram do cemitério. Era de manhã quando começaram a andar, seguindo a praia em busca de trabalho. Ao meio-dia ainda estavam viajando. Então, disse o homem à sua mulher: “Estou cansado; descansemos aqui”. A mulher se sentou sobre suas pernas; o homem se jogou boca abaixo e dormiu; já não despertou. A mulher continuava sentada a seu lado.

Enquanto isso, passou um navio grande pelo mar. Os tripulantes do navio divisaram os dois e exclamaram: “E o que é isso aí?”

Então, saiu um homem do navio e se aproximou da mulher sentada ao lado do marido adormecido. Quando o marinheiro do navio chegou junto à mulher, lhe perguntou o que fazia ali. Ela respondeu: “Estamos à procura de trabalho, por isso, viajamos seguindo a praia do mar”.

Então, lhe disse o homem do navio: “Vamos ao navio; este homem é um preguiçoso; eu vou te tomar como mulher”.

Ela replicou: “Não quero, eu tenho marido”.

Respondeu-lhe: “Mas teu marido continua dormindo; eu simplesmente vou te levar, te vestirei com trajes de pura seda e, além disso, te presentarei umas tesouras de puro ouro”.

Então, consentiu. “Mas, não despertará meu marido?”, perguntou ainda. “Esse não vai acordar”, lhe respondeu. Em seguida, a pegou no colo e a levou ao navio.

O esposo não despertou, dormiu um dia e uma noite inteira. No dia seguinte, perto do meio-dia, finalmente despertou. “Ai de mim!” disse, “a minha mulher se foi”. E levantou dizendo a si mesmo: “Levaram a minha esposa; continuarei na praia; tenho que encontrar a minha mulher”. Logo se foi.

Chegou a uma pequena cidade; aproximou-se de um barco e se encaixou como barqueiro; durante um mês trabalhou ali.

Depois abandonou essa ocupação e foi a um grande porto. Chegou precisamente quando um grande navio lançou âncoras e do qual saía aos saltos um soldado. Dirigindo-se a esse soldado, disse: “Eu ando à procura de trabalho; haverá, por acaso, trabalho naquele navio?”

O soldado lhe perguntou: “Tu sabes ler e escrever?”

Respondeu-lhe: “Para que teu comandante tenha prova cabal, lhe farei uma carta com a mão esquerda”.

O soldado se foi e avisou ao seu comandante: “Aqui anda um moço que está procurando emprego”.

O capitão saiu a terra e lhe perguntou: “O que é que procuras?”

Recebeu a resposta: “Procuro trabalho; caso o tenhas, me dê”.

“Sabes escrever corretamente?”.

“Para que te convenças bem, te escreverei uma bonita carta com minha mão esquerda”.

Logo fez uma carta com sua esquerda. O capitão, o mesmo que tinha como companhia a mulher daquele homem, entregou o papel à sua mulher e lhe disse: “Revisa isso”. Ela o revisou; não respondeu nada; havia reconhecido a letra de seu esposo anterior.

Então, o homem entrou no navio; vinte dias viajava em alto mar. Ao cabo desses vinte dias, arribaram a um porto e o comandante desceu a terra com uma tropa de marinheiros; nosso homem ficou no navio.

Pouco tempo depois, saiu também a mulher, e assim a viu o marido antigo. Disse-lhe: “Ah, aqui estás agora”.

A mulher correu apressadamente ao interior do navio e se encerrou ali; tinha medo de seu marido enganado.

Depois o homem foi também à cidade, acompanhado de um soldado, para tomar um trago, tinha avançado ao posto de segundo oficial.

Enquanto isso voltou o capitão a seu navio. Sua companheira o recebeu com voz de alarme: “Agora está no navio ninguém menos que meu legítimo esposo; faz pouco que o vi”.

O comandante perturbou-se; “Maldito!”, disse, “o que vou fazer com esse homem? Quem sabe posso incriminá-lo de furto das tuas tesouras de ouro”.

Logo foi e meteu as tesouras de ouro no pequeno caixote daquele homem com o fim de poder culpá-lo de roubo.

Explicou: “Quando volte, direi que desapareceram minhas tesouras; que revistarei todos os caixotes e matarei o ladrão sem vergonha”.

Nosso homem levava seu pássaro incessantemente consigo; este lhe preveniu dizendo: “Estão armando uma arapuca para matar-te; querem culpar-te do roubo de umas tesouras de ouro. Teu comandante se propôs a cortar-te as mãos e os pés e decapitar-te no final. Antes que voltes ao navio, deixa-me com este soldado”.

Então, o homem conversou com o soldado que o acompanhava; disse-lhe: “Como tu me fizeste entrar no navio, da mesma forma, tira-me também, depois que eu morra. Benze em forma de cruz minha frente, minha boca e meu coração, através deste passarinho, pois assim reviverei. Dirás a teu comandante: Já o mataste; dá-me seu corpo agora para que o sepulte no cemitério”. Instruiu bem a este soldado sobre como devia proceder para fazê-lo voltar à vida. Em seguida, lhe entregou todo seu dinheiro e o passarinho.

Depois disso, os dois voltaram ao navio.

Chegando ali, lhe disse o capitão: “Tu entraste neste navio sem que eu soubesse que classe de homem eras; agora faltam minhas tesouras e vou revisar todos os caixotes”.

“Bom, pois; faze-o”, respondeu nosso homem.

Logo o comandante revisou o caixote do homem onde havia metido antes suas tesouras de ouro. Lançou-se diretamente sobre esse caixote e as tesouras saíram à luz.

Exclamou: “Não são essas, por acaso? Tu és ladrão; agora te matarei”.

Este respondeu: “Assim é! Mata-me”.

“Cortarei tuas mãos, os pés e o pescoço”.

“Faze-o, pois”, replicou.

Logo quis vendar-lhe os olhos. Não consentiu o homem. “Mata-me assim mesmo”, disse. “Por que haveria de tapar meus olhos? Eu quero ver como desmembras meu corpo”.

Ato seguido, cortaram-lhe as mãos, os pés e o cogote. Havendo-o matado, quis jogá-lo ao mar. Então, tomou a palavra o soldado: “Tu, como comandante, deste morte a este homem. Eu o trouxe ao navio e como o pus aqui, tenho que tirá-lo também. Dá-me permissão para ir e sepultá-lo no cemitério. Para que o arremessar ao mar? Já está morto. Além disso, disponha-me de dois companheiros para que me ajudem a levá-lo à sepultura”.

“Que seja, pois,” respondeu o capitão, “leva-o”. Ademais, ordenou que o acompanhassem dois homens.

Então, se puseram a caminho; meteram o cadáver num saco de fanga; levaram também um caixão para sepultá-lo nele.

Chegando ao cemitério, os dois soldados ajudantes foram enviados a buscar um trago. Dirigiram-se a um bodegueiro para prover-se de licor.

Quando partiram os dois, o soldado que tinha o pássaro tirou o cadáver do saco e colocou suas partes, tal como o corpo estava antes. Para esse fim, o colocou cuidadosamente de costas e ajustou as mãos, os pés e a cabeça.

Logo disse: “Tu, passarinho, quem quer que tenha te ordenado a andar por este mundo, faz reviver a este desgraçado assim como vivera antes”. Dito isso, persignou o cadáver com uma cruz na frente, outra sobre a boca e a terceira sobre o coração.

O morto suspirou profundamente e voltou à vida.

“Já voltei a viver”, disse, “mesmo que me tenha matado o comandante; agora tenho mais juventude e vigor”.

Nesse momento, voltaram os dois soldados, enviados a buscar chicha. O homem ressuscitado estava parado com o soldado. Os dois não sabiam que o morto havia voltado à vida. O soldado lhes disse: “Este bom homem me encontrou casualmente e me ajudou”. Eles acreditaram.

O homem voltado dos mortos já havia tomado posse de seu dinheiro, do pássaro e de todas as suas coisas. Presenteou o soldado com vinte pesos e quatorze para cada um dos companheiros e lhes disse: “Fizestes uma boa obra ao vir sepultar aqui este defunto. Era um bom homem mesmo que o tenha matado o comandante do navio.”

Candidamente acreditaram-lhe os dois soldados, ainda mais porque o ressuscitado havia posto outra roupa.

Passaram bebendo juntos a noite toda. No outro dia, disseram: “Já sepultamos o extinto; voltemos ao navio”.

Quando já se preparavam para ir, o homem admoestou o soldado iniciado: “Nunca contes o sucedido; não digas jamais que revivi. Não quero que nenhuma pessoa saiba da minha volta à vida. Dia virá em que serás comandante do navio por minha causa”.

“Bom, pois”, respondeu.

Em seguida, voltaram ao navio.

O homem ficou cinco dias na cidade. Depois que o navio havia zarpado, foi-se ele também a buscar trabalho em outra parte.

Chegou a uma grande cidade com paradeiro de navios. Ali vivia um rei que morrera nesses mesmos dias; deixou muita família.

Nosso homem chegou a ouvir que havia um falecimento na cidade e foi-se aos familiares.

Perguntou à viúva: “O que está acontecendo aqui?”

“Morreu meu bom marido”.

“Eu gostaria de vê-lo; onde está?”

“Aqui nesta casa”.

Logo o homem entrou onde estava o morto. Refletiu assim: “Este pássaro que levo comigo me devolveu a vida quando me haviam matado; que faça reviver também este defunto”. Formou cruces com o pássaro na frente, na boca e no coração do morto e disse: “Que volte a viver!”

No mesmo instante, respirou o finado e disse: “Terei dormido”.

“Deveras que dormiste; agora cheguei eu por aqui, andando por todas as partes com incessantes sofrimentos. Eu tenho um remédio para ressuscitar até os mortos”, disse ao morto revivido.

Então, o ressuscitado lhe agradeceu; e disse: “Agora está bem; meu coração te guardará eterna gratidão”. Abraçou-o e o adulou.

E ainda lhe disse: “Chegaste, pois, à minha casa e me ressuscitaste; vivo agora por tua causa. Havia deixado tantos terrenos, tanto gado e riquezas; abandonado uma numerosa família; mas agora continuarei a viver por intervenção tua. O que me pedes? Tenho terrenos, dinheiro, animais, tenho também filhas; se queres uma de minhas filhas, a terás, escolhe a que te agrada, e te darei”.

“Não quero”, disse o homem; “eu não necessito nem de animais nem de mulher”.

“O que queres, então?”, lhe perguntou o rei revivido.

Então, respondeu o homem: “Vou dizer-te uma coisa. Tu és chefe de todos os navios que viajam no mar; todos estão sob tuas ordens. Quero que faças uma reunião com a presença de todos os comandantes de navio, que venham todos para cá. Eu gostaria de conhecer teus capitães”.

O rei consentiu. Fez chamar todos os comandantes que viajavam com seus navios.

O rei despachou, pois, uma ordem do teor: “Venham para cá todos os comandantes dos meus navios”.

Pouco a pouco, arribaram todos os navios. Chegados todos, os capitães se reuniram no palácio do rei, acompanhados de suas esposas.

Então, o homem disse ao rei: “Bom, estes, pois, são teus comandantes. Te faço uma proposta: Já que estão presentes teus capitães, que contem uma história sobre como passaram sua vida desde o tempo de sua juventude, em que se ocuparam. Que o contem teus capitães no dia de hoje”.

“Contem, pois!”, ordenou aos capitães.

Logo contaram suas histórias. Um somente se negou a fazê-lo: o assassino de antes.

Depois, disse nosso homem: “Eu também vou contar uma história”. Logo referiu toda sua vida e seus sofrimentos originados pela morte de sua família, por sua mulher e o comandante do navio. Além disso, contou da descida do pássaro e como tinha feito para voltar duas vezes à vida. Minuciosamente e com todos os detalhes, contou tudo isso. O comandante homicida e sua mulher se agachavam e suas caras se tornavam lívidas como os mortos.

O rei chamou o capitão e lhe perguntou: “Por que procedeste desta forma com o homem?” Se calou.

O rei ordenou a quatro criados: “Busquem um tropel de cavalos indômitos”. Eles foram e os trouxeram.

Logo escolheram quatro formosos potros chucros. Em cada um deles se amarrrou uma perna dos esposos. Em seguida, afugentaram os potros e o matrimônio encontrou a morte.

Depois disse o rei ao homem: “Agora estão mortos os causadores de teus sofrimentos”.

Em seguida, chamou-se o soldado que havia ressuscitado o nosso homem. “Adiante!”, se lhe mandou. Chegou ao lado de seu amigo. Este lhe disse: “Antes eu voltei à vida por tua causa; por isso, tu serás capitão do navio por minha causa”. Logo o rei o nomeou comandante.

“Agora sim, gostaria de me casar”, disse nosso homem ao rei.

“Então, te casa”, lhe disse; “Qual das minhas filhas te agrada?”, perguntou o rei.

Tinha quatro filhas. Escolheu o homem. “Essa me agrada”, disse, “a mais juvenzinha”.

Então, houve grande reunião festiva para o casamento; o festim durou seis dias; todos os capitães receberam permissão para os seis dias; a flotilha ficou ociosa porque toda a gente fez parte do banquete nupcial.

Quando o homem já estava casado, disse-lhe o pássaro: “Já estás salvo e em bem-estar; hoje me vou e nos separamos”. Em seguida, disse-lhe: “Abre tua mão”, e se sentou sobre a palma de sua mão. Então, abriu suas asas e voou para o céu.

Desde então, tudo correu bem ao homem, recebeu muitas terras e animais; mais tarde um decreto real o designou governador daquela cidade.



BERCK, A CIDADE DOS MALDITOS

E OUTROS CONTOS

MAX BLECHER



O TEXTO: Os textos selecionados fazem parte da prosa curta de Blecher, menos conhecida do público em geral, acostumado aos seus romances. O texto de cunho jornalístico “Berck, a cidade dos malditos” (1934), revela as primeiras impressões do autor diante de sua nova realidade de enfermo em Berck-sur-mer, na costa francesa do Canal da Mancha, onde passou uma temporada em busca da cura de sua recém-diagnosticada tuberculose óssea. O conto “Don Jazz” (1929), escrito em Berck-sur-mer – e que constitui um dos primeiros textos publicados do autor –, já revela seu gosto por imagens fortes e poéticas, além de denunciar o absurdo da vida. Já “Joãozinho Cubinho” (escrito entre 1935-1937) permaneceu inédito até o ano 2000, logo após ser descoberto no espólio do escritor romeno Geo Bogza, com quem Max Blecher manteve intensa correspondência.

Textos traduzidos: Blecher, Max. “Berck, orașul damnaților”, “Don Jazz”. In. *Vizuiina luminată*. București: Cartea Românească, 1971; “Ionița Cubița”. In. *M. Blecher, mai puțin cumoscut*. București: Hasefer, 2000.

O AUTOR: Max Blecher (1909-1938) é um desses autores singulares que não suporta rótulo. Considerado vanguardista, surrealista, modernista e intimista, constitui, na literatura romena, um fenômeno único. Nascido no seio de uma abastada família judia, ainda jovem teve de interromper os estudos de Medicina na França ao ser diagnosticado com o Mal de Pott, que o confinou e o imobilizou ao leito em seus últimos 10 anos de vida. Isso não o impediu de se atualizar quanto às tendências culturais europeias e manter correspondência com Breton, Gide e Heidegger, além de outros intelectuais romenos. Embora restrita em páginas, assim como foi sua vida, limitada em anos, a intensidade de sua obra literária parece refletir a lógica de suas últimas palavras: *Vivi em 29 anos mais do que outras pessoas em 100*.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, morou em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Além de já ter traduzido textos do alemão e do inglês, tem procurado difundir no Brasil a boa literatura escrita em romeno. Já traduziu, para o número inaugural da (n.t.), alguns poemas de Max Blecher do livro *Corpo Transparente*, e também textos de Ionescu, Bacovia, Urmuz, Ciprian Vâlcu e Paul Celan. Viu, ademais, publicadas em livro, suas traduções de *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo* (1999), de Constantin Noica, *Senhorita Christina* (2011), de Mircea Eliade, *Acontecimentos na Irrealidade Imediata* (2013), de Max Blecher, *Nos cumes do desespero* (2012), de Emil Cioran, e *A Barca de Caronte* (2012), de Lucian Blaga.

BERCK, ORAȘUL DAMNAȚILOR

ȘI ALTE POVEȘTI

*“Sînt pelerinii Berckului, orașul-sanatoriu...
Mecca tuberculozei osoase.”*

MAX BLECHER

BERCK Orașul damnaților

Există pe linia ferată Paris-Boulogne o stație unde toate trenurile se opresc mai mult cu o minută. E Rang-du-Fliers, gara de legătură cu Berckul.

Călătorul neprevenit, care își freacă somnoros ochii și privește aici afară pe geamul vagonului, are o clipă o viziune de coșmar.

În timp ce în toate stațiile el e obișnuit să asiste la forfoteala bine cunoscută a călătorilor ce urcă și scoboară grăbiți scările trenului, aici, cu infinite precauțiuni, infirmieri și hamali coboară din vagoane târgi cu bolnavi cadaverici. Schilozi umblînd în cîrji și rahitici agățați disperat de brațul tare al însoțitorilor. Sînt pelerinii Berckului, orașul-sanatoriu, orașul cel mai impresionant din lume. Mecca tuberculozei osoase.

Toată lumea aceasta ia loc într-un tren mic ca o jucărie, cu o locomotivă ce seamănă mai degrabă a cămilă și care pornește încet, gîfîie zgomotos și scoate fum mult, – mult prea mult fum pentru distanța de cinci kilometri pe care o parcurge. E faimosul „tortillard“, trenșorul pentru Berck, plin întotdeauna cu bolnavi și rude de-ale bolnavilor.

În timpul traiectului se vorbește, evident, numai despre boală, bolnavi, leacuri și tratamente. Se discută, cred, în trenșorul acesta mai multă patologie decît în toate Academiiile de Medicină la un loc.

Călătorul inițiat dinainte că la Berck cinci mii de bolnavi zac imobilizați în ghips, se așteaptă oarecum ca din primele momente când va pătrunde în oraș să vadă pretutindeni semnele revelatoare ale acestei singulare și triste caracteristici. E foarte mirat când debarcă într-un orașel banal de provincie cu o „Avenue de la Gare” identică cu aceea din toate orașele de provincie franceze, cu o stradă comercială banală, cu lume ce umblă după târguieli ca oriunde aiurea, cu case vechi și desuete ce miros de departe a mucegai și aer închis.

Contactul cu adevărata fizionomie a Berckului se face însă brusc la un colț de stradă când apare înția trăsura de bolnav. Impresia este stupefiantă.

Închiptuiți-vă un fel de landou rectangular cu coviltir la spate, un fel de ladă, un fel de barcă pe roate în care zace un om culcat, înfășurat în cuverturi, care mână calul. Ați crede poate că e vorba de cineva care șade foarte inclinat într-o trăsură, într-o poziție confortabilă și oarecum normală. Nu. Bolnavul e completamente culcat pe un cadru de lemn așezat în trăsură și privește strict în sus și nicăieri altundeva. El nu întoarce capul nici la dreapta, nici la stînga, nu-l ridică, nu-l mișcă: se uită fix deasupra lui într-o oglindă prinsă într-un suport ce poate fi mișcat în toate direcțiile. Trăsura înaintează, cotește, evită un copil, se oprește în fața unui magazin și conducătorul ei a rămas tot timpul cu privirile pierdute în înălțimi, în timp ce mâinile trag hățurile într-o parte și alta cu gesturile orbului ce înaintează în propriile lui tenebre. Este în fixitatea acestei priviri în oglindă ceva ireal și trist, ceva ce seamănă într-adevăr cu umbletul orbilor care tatonează febril trotuarul cu bastonul, în timp ce ochii albi privesc indefinisabil în vag.

Bolnavul din trăsură e de altfel îmbrăcat corect, are haină deschisă, cravată, batistă albă în buzunarul de sus și mănuși.

Cine ar bănuși că sub cămașă el poartă o carapace de ghips, o adevărată capcană ermetică pe măsura corpului, o zale rigidă și albă, pe care, poate, n-a dezbrăcat-o de trei luni?

Ceva despre ghips

Căci Berckul este orașul imobilității și al ghipsului. Aici vin din toate colțurile lumii oasele frînte și roase ca să fie îndreptate și consolidate. Gibozități ce diformează coloana vertebrală în undulații serpentine, articulații deslinate, vertebre cariate, degete scîlcite, coturi ieșite în afară, picioare strîmbe speră toate în minunea ghipsului. Ghipsul fixează, îndreaptă, sudează. La Berck ghipsul e materia specifică a orașului așa cum la Creuzot e oțelul, la Liverpool cărbunele și la Baku petrolul.

Sînt ghipsuri care strîng numai un deget și altele care îmbracă tot corpul. Sînt ghipsuri ca niște jghiaburi din care bolnavul iese cînd vrea și altele închise hermetic ce rămîn pe corp luni de zile. Acestea sînt cele mai îngrozitoare. În afară de chinul uscării ghipsului direct pe trup cînd timp de trei zile bolnavul zace într-un fel de mocirlă rece și apăsătoare, el va mai trebui să sufere timp de cîteva luni chinul imposibilității de a se spăla. Cum lesne se înțelege, se formează în acest timp pe piele un strat gros de murdărie care irită prin mîncărimi și usturimi infernale. Asemenea ghipsuri închise se fac însă azi din ce în ce mai rar.

Un oraș orizontal

Într-o broșură-ghid pe care o puteți cumpăra la prima librărie din cale veți ceti că Berckul ocupă pe țărmul Canalului Mîneicii o situație cu totul excepțională datorită golfului Authie care dirijează curenții marini în anumit sens favorabil acestei localități.

Veți mai afla de acolo că aerul la Berck este nemaipomenit de curat, extraordinar de pur, cel mai pur aer din lume, cu numai patru bacterii pe metru cub, în timp ce aerul din Paris conține peste nouă sute de mii de bacterii în același volum. Pentru un bolnav ce vine să-și caute de sănătate și știe că va trebui să zacă ani de zile la Berck, indiciul nu e lipsit de importanță.

Și totuși vă pot afirma că nici unul, absolut nici unul din cei cinci mii de bolnavi ai Berckului n-a venit aici atras de reclama curenților marini sau de aceea a purității aerului.

Secretul acestei aglomerații de bolnavi e altul: la Berck infirmii, schilozii, paralizații, desmoșteniții vieții, cei care în alte orașe trăiesc ca niște adevărați paria ai Societății, ascunși de familii, închiși în odăi nesănătoase, umiliți profund de viața care se desfășoară sfidătoare în jurul lor, la Berck redevin oameni normali.

Ei au la dispoziția lor un oraș întreg organizat în așa fel, încît culcați, și fără a înceta nici o clipă tratamentul lor, ei să poată avea viața cea mai normală posibilă.

Culcați ei „merg” la cinematograful, culcați se plimbă cu trăsura, culcați stau în localuri de petrecere, culcați „merg” la conferințe, culcați își fac vizite.

Cărucioarele lor pot pătrunde în orice casă din Berck, în orice local, orice magazin: la Berck nici o casă n-are prag. Cineva a organizat aici viața răsturnînd-o cu 90 de grade și viața orizontală s-a dovedit perfect posibilă.

În hotelurile mari unde bolnavii stau în odăi ce n-au nimic deosebit de alte odăi de hotel, există și săli de mîncare pentru ei, unde sînt transportați cu căruciorul la fiecare masă.

Aspectul unei astfel de săli este în același timp straniu și fastuos. Fastuos fiindcă seamănă cu un festin roman la care toți invitații stau culcați, și straniu fiindcă paloarea maladivă a convivilor te face să te gîndești la nu știu ce nuvelă halucinantă de Edgar Poë.

Spectacolul cel mai neașteptat este poate cel estival, pe plajă, cînd bolnavii sînt înconjurați de cele mai frumoase femei cu care flirtează. Și flirturile acestea nu sînt întotdeauna inocente. V-am spus doar că bolnavii vin la Berck fiindcă acolo redevin oameni normali...

Sînt desigur și drame, și prăbușiri sufletești îngrozitoare. La Berck ele duc însă rar la deznodăminte tragice. În iarna trecută doi îndrăgostiți – o exaltată și un bolnav incurabil – s-au sinucis la Berck sub crucea unui calvar. Cazul a făcut senzație și reporterii parizieni au brodat articole frumoase despre tragediile Berckului. Adevărul însă este că asemenea cazuri sînt cu totul excepționale.

În ritmul absorbant al vieții aproape normale pe care o duc acolo, bolnavii își suportă cu ușurință nenorocirea.

E miracolul moral al Berckului.

Ce este o gutieră?

Plimbările cu trăsura sînt o veritabilă providență pentru bolnavi.

E însă o providență costisitoare și luxoasă. Bolnavii plătesc la Berck între 25-30 franci pentru cîteva ore de trăsură. Municipality, spre marele regret al bolnavilor și al vizitatorilor Berckului, n-a intervenit niciodată pentru o reglementare a prețurilor de locațiune. Bolnavii plătesc astfel aproape cincizeci de lei pe ceas, în banii noștri, adică aproape cam tot atît cît i-ar costa consumația benzinei unei splendide mașini. La Berck, trăsura cu cal, după cum vedeți, reprezintă aproximativ luxul de a poseda un Rolls-Royce.

În asemenea condiții binefacerile aerului marin și agrementul plimbărilor ar rămîne exclusiv rezervate unui număr restrîns de privilegiați dacă Berckul n-ar cunoaște și o providență pentru cei lipsiți de mijloace materiale și care se numește gutiera. Gutiera este o invenție care transformă un bolnav într-un om sănătos. Ea cumulează funcțiile patului, a trăsorii și a picioarelor. O gutieră este un cărucior cu patru mari roți de cauciuc, cu un cadru pe măsura strictă a

corpului, pe care zace bolnavul, cu arcuri puternice între cadru și roți care amortizează toate șocurile și asperitățile drumului.

În sanatoriile pentru bolnavii lipsiți de mijloace, unde sălile sînt colective și bolnavii stau în paturi, gutiera nu este utilizată decît pentru plimbarea pe țărnul mării. În anumite hoteluri și vile particulare însă bolnavul nu părăsește niciodată gutiera. El doarme pe ea, mănîncă pe ea, iese la plimbare pe ea.

În odaia lui, bolnavul, lăsînd să-i atîrne mîinile, poate conduce roțile în toate sensurile. Am văzut bolnavi, „mergînd” astfel la raftul bibliotecii să-și ia o carte sau plimbîndu-se pe coridoare singuri.

Cînd un bolnav are nevoie de vreo cumpărătură în oraș, se telefonează imediat la un sanatoriu din apropiere și un fost bolnav sau un convalescent vine să împingă gutiera în oraș.

Pentru treaba asta el ia cinci franci. Un om la Berck este mai ieftin decît un cal și face cam aceleași servicii.

Hoteluri și sanatorii

Cărțulia de propagandă a Berckului zice clar: „există la Berck instituții de îngrijit bolnavii pentru toate pungile”. Lucrul acesta este perfect adevărat. Diferența însă între un hotel „up to-date” și un sanatoriu „cu prețuri reduse” este cam aceeași ca între domnul bine îmbrăcat în haine gris-cendré, cu floare la butonieră și cerșetorul în zdrențe care îi întinde mîna să cerșească.

Toate hotelurile mari ale Berckului au peluze splendide cu flori, terenuri de tenis, ascensoare și apă curentă. Toate sanatoriile „cu preț redus” au pereții umezi, coridoarele rău mirositoare și podelele murdare. Diferența de tratament moral și clinic în aceste două categorii de instituții corespunde în totul aspectului exterior. Fac excepție, – și o foarte onorabilă excepție, – la această stare de lucruri două mari spitale pentru săraci din Berck, admirabil și foarte cinstit organizate. Este „Spitalul Ma-ritim” aparținînd asistenței publice din Paris și „Spitalul Franco-American”, operă de binefacere. Nenorocirea este însă că în primul nu sînt primiți decît parizieni, iar în cel de-al doilea locurile sînt foarte puține. Bolnavul lipsit de mijloace, în imposibilitatea de a intra în una din aceste instituții, cade dar fatal pradă antreprenorilor de sanatorii „cu preț redus”.

Berck, orașul damnaților

Cinci mii de bolnavi de tuberculoză osoasă zac la Berck imobilizați în ghips, așteptându-și vindecarea. Îngrozitoare boală alege cu predilecție încheieturile, – vertebrele, șoldul, genunchiul, – și o încheietură atacată trebuie imediat imobilizată. Cinci mii de bolnavi zac întinși în cărucioare și paturile lor, pierduți în reverii, cufundați în lecturi fără sfârșit, dematerializați în contemplația infinită a imensităților oceanului.

Vindecările vin încet, îngrozitor de încet, dar vin. Ele ating azi proporții nesperate vreodată. În 50 de ani de când există Berckul, printr-o organizare terapeutică rațională și mereu perfecționată s-a reușit să se scoabă mortalitatea tuberculozei osoase de la 80% cât era în secolul trecut, la 5%; este un rezultat unic în analele medicinei.

În plus bolnavii duc la Berck o viață normală și blestemul îngrozitorului constrîngerii fizice la care sînt supuși li se pare mai suportabil în mijlocul comunității de cazuri aproape identice.

Viziunile impresionante nu lipsesc însă de la Berck. De la încărcarea bolnavilor în trăsuri care seamănă atât de mult cu punerea sicriilor în dricuri (trăsura ca și dricul are un rulou pe care cadrul bolnavului alunecă înăuntru), pînă la spectacolul bolnavilor asudați ce tricotează în soare ca să cîștige din munca lor cîtiva bani de la vilegiaturiști, Berckul e plin de scene dramatice și impresionante. N-am văzut însă nimic mai sfișietor, mai profund uman și mai trist decît liturghia de Crăciun la Berck.

Catolicii sărbătoresc în biserică la miezul nopții venirea pe lume a copilului Isus.

Nimic mai impresionant decît emoția extraordinară a bolnavilor, paloarea lor extatică, în tăcerea solemnă a bisericii la miezul nopții.

Ici-colo, o mamă, o rudă plînge sfișietor în batistă, în timp ce preotul împarte sfînta cuminecătură bolnavilor, transfigurați și tremurînzi cînd primesc divinul har.

În momentul „elevațiunii“, cînd toți credincioșii ingenuchează, bolnavii își duc doar simplu mîna la ochi.

În biserică tăcerea atunci se face mai adîncă, mai copleșitoare, în timp ce afară rafalele de ploaie se izbesc în scînduri și vîntul urlă o melopee sinistră, ca o chemare a tuturor damnaților din lume, ca un plîns universal răscolitor.



DON JAZZ

Adevăratul lui nume nu i-l știam nici eu. Don Jazz era, evident, o poreclă. Don Jazz era spaniolul înalt și negricios care venea în sala de mîncare a bolnavilor după fiecare masă și ne povestea despre spectacolele de music-hall din Paris lucruri extraordinare sau ne arăta vreo batistă de-o cumpărase „très bon marché, n'est-ce pas?” înainte cu o zi.

Întîia oară cînd a venit ne-a vorbit de Buenos Aires, unde profesa avocatura. Ne-a spus multe lucruri ce le cunoșteam din cărți :

– Știți, la Buenos Aires... femeile... înțelegeți... au săli de așteptare pentru clienți... înțelegeți, nu insist... ca doctorii sau dentiștii. Doamna, patroana, în fine știți cine... vine din cînd în cînd și întreabă al cui e rîndul...

Asta era curat Albert Londres.

Ceea ce m-a frapat la Don Jazz a fost în primul rînd abundența aceasta de „înțelegeți”, pudoarea aceasta ce se ascundea neverosimil în corpul lui mare de animal răsfațat ca o floare într-un poloboc și apoi contradicțiile ce existau între diferitele lui componente fizice sau sufletești.

(Tusea, de exemplu, contrazicea strănutul. Era serioasă, plină de dogme și experiență, o tuse de om bine simțit.

Strănutul era copilăresc, comic și nepotrivit în timp). Mai mult chiar. Avea organe care se negau între ele sau se certau.

Dacă spaniolul nostru n-ar fi fost construit dintr-o singură bucată, acțiunile diferitelor lui organe ar fi alcătuit o serie nesfîrșită de asasinate intime.

Inutil de adăugat că gestul îi contrazicea vorba. Îmi aduc aminte, în această privință, de felul cum ne-a spus într-o zi că nu poate suferi ciorapii cu pătrățele: a dus capul înainte ca sub povara unei forțe repezi și grele, a deschis nervos palma cu toate degetele rășchirate și tot corpul a luat forma unui semn de întrebare.

– Sînt manii... e curios... nu-i așa?... manii...

După gest, ciorapii cu pătrățele făceau parte pentru el din rîndul necunoscutelor de ordin metapsihic ce ne impun etica vieții interioare sau felul cum să ne scobim dinții. Ei se înrudeau de-aproape și în linie directă, în alt sens, cu Cerul, Furtuna, Transparența, Celula și Arsenicul.

Vorba însă, ați văzut, era modestă.

Gestul față de vorbă era ca un stîlp față de o rugăciune și invers.

Don Jazz a murit dintr-o contradicție de natură geometrică în care, bineînțeles, a avut rolul principal.

Iată cum s-a întâmplat: creierul țesea un gând spre lună, un gând ascuțit, fin și vertical, căci, asta o știe oricine, luna e în sus și nu de jur împrejur; altfel n-ar fi lună, ci un soi de cutremur de pământ.

Mina însă țesea un gând orizontal pe care din întâmplare îl ilustra cu un revolver. Glonteale pornit deci de la o tîmplă la alta orizontal, a întîlnit gândul vertical și la încrucișare Don Jazz a murit.

Doctorii n-au izbutit să descurce acest sistem de perpendiculare.

BERCK PLAGE

August 1929



IONIȚĂ CUBIȚĂ

Piațeta aceasta se rătăcișe în oraș „ca o foaie de hârtie albă, imaculată, între filele gălbui” și mângălite ale unui vechi dosar. Era un pătrat curat și prospăt de asfalt, în mijlocul caselor negre și urâte. Câteva clădiri o despărțeau de primărie și măturătorii orașului, dimineața când se duceau la lucru, nu uitau niciodată să tragă de câteva ori cu mătura pe asfaltul luciu. Veneau unul după altul și chiar dacă piațeta fusese măturată înainte cu două minute, tot nu se îndura omul să plece fără s-o mai netezească o dată cu măturoiul, așa cum fac copiii când au în buzunar un nasture de alamă și-l scot, și-l aburesc, și-l freacă de haină ca să-i dea lustrul, și încă o dată îl aburesc și încă o dată îl freacă de haină și iar îl privesc și iar îi dau lustrul...

Îmi plăcea să mă joc cu tovarășii mei în piațeta aceea. Bilele alunecau pe asfalt cu o precizie extraordinară; era un loc pentru jocuri de elită: bile, nasturi și țintar; nici țurca, ci poarca de pe maidane.

Tot acolo jucam și „Călăria Franceză”, la care băieții încălecau unii pe alții și ne îmbrăcam, nu știu de ce, șepcile pe dos.

În piațetă domnea toată ziua umbră și tăcere. Puteam să ne zbenguim în voie, nimeni nu ne zicea nimic. Ba din contra, trăiau pe-acolo oameni cărora le plăcea lor înșile să se joace copilărește: așa era Ioniță Cubiță.

Ținea brutărie chiar în marginea pieței și pe firmă scria clar *Franzelăria Ion Cubiță*, dar toată lumea îi spunea Ioniță Cubiță din necesitatea aceea anonimă și populară de prosodie ce zace în sufletul mulțimii („n-are a face, dai un pol mai mult dar știi că face”).

Era un om mic, gras și spân, cu câteva fire blonde de păr pe bărbie, atât de rare și firave încât păreau crescute în cine știe ce seră, la adăpostul luminii și apoi lipite de obraz. Purta ochelari cu ramă de aur subțire, extrem de distinși, cei mai distinși ochelari din oraș. El însuși era un brutar distinș: cu inele în degete, cu lanț gros de aur la vestă, stând toată ziua la „cassă” și luând banii ori în fața prăvăliei pe un scaun, ca să aspire aer.

Îndeletnicirea lui cea mai activă și mai interesantă era să oprească în drum copiii când se întorceau de la școală și să le dea un bobârnac în gât, în plin omușor, încât copilul simțea o durere vie și un fel de gol în piept... .

Mai avea Ioniță Cubiță și altă ocupație tot atât de serioasă: prindea câinii de pe stradă și le vâra tabac pe nas.

Ținea câinele lângă el, îl mângâia încetșor pe cap, îl scărpină pe după ureche apoi aluneca mâna prudent la bot și îi îndopa nările cu tabac verde. Câinele o lua

la fugă strănutând îngrozitor și învârtindu-se pe loc cu coada între picioare, urlând de usturime.

În general toate acestea se petreceau pe piațetă ca pe o scenă naturală anume făcută; noi copiii stăteam roată și râdeam ca să-i facem plăcere lui dom' Ioniță Cubiță care nu disprețuia deloc acest soi de popularitate.

Într-o zi el ne epată chiar de-a binelea și cred că întâmplarea aceasta a vizitat mult timp visele turmentate ale copiilor care au luat parte la ea. Ioniță Cubiță prinsese într-o capcană un șobolan și îl adusese în mijlocul pieții.

Toți copiii alergarăm îndată în jurul lui, bănuind că ne vom distra bine. Într-adevăr Ioniță Cubiță se uită cu satisfacție la noi și ne zise:

– Îl vedeți? E un simplu șobolan dar știe să danseze foxtrot... Vreți să vedeți cum dansează foxtrot?

– Daaa!... răspunserăm toți în cor.

(Și unii copii pronunțau încetșor „Foxtrot, foxtrot“, cuvânt misterios, bizar, de care auzeau acum pentru întâia oară.)

Domnu' Cubiță puse capcana pe asfalt și ne spuse să nu ne atingem de ea. Apoi intră în prăvălie și aduse un bidon de gaz. Îl văd și acum, venind din brutărie, umblând legănat pe picioarele lui scurte și groase, cu bidonul de gaz în mână.

Turnă gaz peste bietul animal, scoase din buzunar o cutie de chibrituri și dădu foc, deschizând repede portița capcană.

Șobolanul, într-o vălvătaie de flăcări pline de fum, o zbughi afară, rostogolindu-se mai întâi, apoi ridicându-se în două picioare, sărind frenetic.

– Ei, vedeți băieți că știe foxtrot? Ia te uită la el ce mai dansează... spuse Ioniță Cubiță și ochelarii îi dansau de bucurie pe nas, în timp ce gușa sălta și ea veselă. Cu palmele moi și grăsuțe Ioniță Cubiță bătea încetișor tactul.

Șobolanul ardea groaznic, chițâind prelung și dureros. Într-un sfârșit trupul i se închirci și se prefăcu într-o grămăjoară de carne, arzând cu flacără palidă. Putoarea de grăsime și piele friptă umplea toată piațeta. Copiii se apropiară și scormoniră cenușa.

Ăsta era Ioniță Cubiță; un om scurt, gras, cu ochi albaștri puțin holbați, în dosul ochelarelor cu ramă de aur, cu inele multe pe degete.

Îmi mai amintesc că două-trei zile după arderea șobolanului un băiat mai mare ne trimise, pe mine și pe un țânc, în brutărie ca să întrebăm pe domn' Ioniță Cubiță dacă nu mai dă foc la șoareci.

Țâncul se apropie de masa unde stătea brutarul și uitându-i-se drept în ochi îi spuse:

– M-a trimis domnu' Antohi să vă-ntreb dacă nu mai aveți șoareci de ars.

Ioniță Cubiță își potrive ochelarii pe nas și răspunse rar, răspicat, accentuând fiecare cuvânt:

– Ieși afară-n p... mă-tii.

Ăsta era Ioniță Cubiță.

Într-o zi Ioniță Cubiță deveni nevăzut. Cu preciziunea aceea de informații pe care o posedă numai copiii, aflarăm că Ioniță Cubiță e bolnav și că are cancer la ficat, din care cauză burta i se umflase de plesnea.

Câtva timp nimeni nu mai vorbi de el până ce într-o zi aflarăm că a murit.

Într-adevăr, brutăria își trase obloanele și fu forfoteală mare pe-acolo. Veniră rude și cunoscuți dar nu se auzi nici un plânset, nici un geamăt. În mormântarea porni într-o după-amiază de vară. Colaci împlețiți în opt precedau dricul, colaci blonzi și mătăsoși ca niște cozi de fată tânără aranjate pe tavă.

În cimitir avu loc ceva neașteptat. Când sicriul fu adus în fața gropii, un preot ceru să se deschidă capacul. Familia vroia să fie îngropat cu capacul închis dar preotul insistă. Soarele ardea cu putere pe cer. Capacul fu deschis. În sicriu zăcea galben, impresionant de slab, Ioniță Cubiță, în haine negre de mire, cu beteală de argint la cheutoare.

Și deodată, în timp ce preotul îl stropea, oamenii se dădură nu știu cum la o parte și soarele venind direct pe cadavru, fața mortului începu a se întuneca și într-o clipă fu neagră ca tăciunele.

Îl acoperiră repede și-l îngropară.

Iată, ăsta a fost Ioniță Cubiță.



BERCK, A CIDADE DOS MALDITOS

E OUTROS CONTOS

*“São os peregrinos de Berck, cidade-sanatório...
Meca da tuberculose óssea.”*

MAX BLECHER

BERCK A cidade dos malditos

Há na estrada de ferro Paris-Boulogne uma estação em que todos os trens ficam parados um minuto a mais. Trata-se de Rang-du-Fliers, estação ferroviária de ligação com Berck.

O viajante desprevenido, que esfrega os olhos sonolentos e, então, olha pela janela do vagão, tem por um instante uma visão de pesadelo.

Enquanto ele está acostumado a assistir, em todas as estações, ao conhecidíssimo vaivém dos passageiros que sobem e descem apressados as escadas do trem, ali, com infinitas precauções, os enfermeiros e os carregadores retiram dos vagões macas com doentes cadavéricos. Aleijados andando de muleta e raquíticos desesperadamente agarrados ao braço firme do acompanhante. São os peregrinos de Berck, cidade-sanatório, a cidade mais impressionante do mundo. Meca da tuberculose óssea.

Toda essa gente se senta num trem tão pequeno que parece de brinquedo, com uma locomotiva que mais se assemelha a um camelo e que se põe vagorosamente em movimento, ofega ruidosa e solta muita fumaça – fumaça demais para a distância de cinco quilômetros que percorre. É o famoso *tortillard*, o trenzinho rumo a Berck, sempre cheio de doentes e seus parentes.

Durante o trajeto, fala-se, é claro, somente sobre doenças, doentes, curas e tratamentos. Discute-se, creio eu, nesse trenzinho, mais patologia do que em todas as academias de medicina juntas.

O viajante previamente iniciado, consciente de que em Berck jazem cinco mil doentes imobilizados em gesso, de qualquer modo espera ver, por toda a parte, desde os primeiros momentos em que penetra na cidade, sinais reveladores dessa singular e triste característica. Fica bastante admirado ao desembarcar numa cidadezinha de interior banal, com uma “Avenue de la Gare” idêntica à de todas as cidadezinhas interioranas francesas, com uma rua comercial banal, com gente andando atrás de negócios como em qualquer outro lugar, com casas velhas e anacrônicas que, de longe, cheiram a bolor e ar viciado.

O contato com a verdadeira fisionomia de Berck se realiza, porém, bruscamente, numa esquina, no momento em que surge a primeira charrete de doente. A impressão é estupefaciente.

Imaginem uma espécie de landau retangular, com um toldo atrás, uma espécie de baú, uma espécie de barco sobre rodas em que fica deitada uma pessoa, enfaixada em mantas, e que conduz o cavalo. Achariam talvez que se tratasse de alguém sentado muitíssimo inclinado numa charrete, numa posição confortável e de certo modo normal. Não. O doente está completamente deitado numa moldura de madeira instalada na charrete, e olha estritamente para cima e para nenhum outro lugar. Ele não vira a cabeça para a direita nem para a esquerda, não a ergue, não a move: olha fixamente para cima, para um espelho preso num suporte que pode ser movido em todas as direções. A charrete anda para frente, vira uma esquina, evita uma criança, para diante de uma loja e seu condutor mantém durante todo o tempo o olhar perdido nas alturas, enquanto as mãos puxam as rédeas para um lado e para o outro com os mesmos gestos do cego que avança em suas próprias trevas. Há, na fixidez desse olhar para o espelho, algo triste e irreal, algo que, de fato, assemelha-se ao andar dos cegos que tateiam febris a calçada com a bengala, enquanto seus olhos brancos fitam vagos o indefinido.

O doente da charrete, porém, está vestido direitinho, de paletó aberto, gravata, lenço branco no bolso superior e luvas.

Quem suspeitaria que, debaixo da camisa, ele usa uma carapaça de gesso, verdadeira armadilha hermética sob medida, cota de malha rígida e branca, que ele, talvez, não tenha tirado faz três meses?

Algo sobre o gesso

...Pois Berck é a cidade da imobilidade e do gesso. Aqui chegam, de todos os cantos do mundo, ossos quebrados e roídos para serem endireitados e consolidados. Gibosidades que deformam a coluna vertebral em ondulações serpentinadas, articulações destramadas, vértebras cariadas, dedos torcidos, cotovelos para fora, pernas tortas – todos têm esperança no milagre do gesso. O gesso fixa, endireita, solda. Em Berck, o gesso é a matéria específica da cidade, assim como o aço em Creuzot, o carvão em Liverpool e o petróleo em Baku.

Há gessos que apertam só um dedo e outros que vestem o corpo todo. Há gessos que se parecem com calhas, dos quais o doente sai quando quer, e outros fechados hermeticamente, que ficam no corpo meses a fio. Esses são os mais terríveis. Além da tortura do gesso que seca diretamente no corpo enquanto o doente jaz por três dias numa espécie de lodaçal frio e opressor, ele ainda deverá sofrer, ao longo de alguns meses, o suplício da impossibilidade de se lavar. Como é fácil compreender, forma-se na pele, nesse meio tempo, uma grossa camada de sujeira que irrita por meio de coceiras e ardências infernais. Tais gessos fechados, porém, hoje em dia são cada vez mais raros.

Uma cidade horizontal

Num guia, em formato de brochura, que pode ser comprado na primeira livraria que lhes apareça na frente, pode-se ler que Berck ocupa, no litoral do Canal da Mancha, uma posição perfeitamente excepcional, graças ao golfo Authie que dirige as correntes marinhas de uma maneira que favorece a localidade.

Pode-se ainda descobrir que o ar em Berck é formidavelmente limpo, extraordinariamente puro, o ar mais puro do mundo, com apenas quatro bactérias por metro cúbico, enquanto o ar de Paris contém mais de novecentas mil bactérias no mesmo volume. Para um doente que vem buscar saúde e sabe que terá de ficar anos a fio em Berck, o índice não é nada desprovido de importância.

Contudo, posso afirmar que nenhum, absolutamente nenhum dos cinco mil doentes em Berck veio até ali atraído pela publicidade das correntes marinhas ou da pureza do ar.

O segredo dessa aglomeração de doentes é outro: em Berck, os enfermos, os aleijados, os paralisados, os deserdados da vida, os que em outras cidades vivem como verdadeiros párias da sociedade, escondidos pela família, encerrados em quartos insalubres, profundamente humilhados pela vida que se desenrola desafiadora em torno deles, em Berck eles voltam a ser pessoas normais.

Eles têm à sua disposição toda uma cidade organizada de maneira que possam ter a vida mais normal possível, mantendo-se deitados e sem interromper um só instante o tratamento.

Deitados eles vão ao cinema, deitados passeiam de charrete, deitados frequentam festas, deitados vão a conferências, deitados se visitam entre si.

Seus carrinhos podem entrar em qualquer casa de Berck, qualquer restaurante, qualquer loja: em Berck, nenhuma casa tem soleira. Alguém organizou ali a vida derrubando-a com 90 graus, e a vida horizontal provou ser perfeitamente possível.

Nos grandes hotéis em que os doentes se hospedam em quartos que nada têm de diferente de outros quartos de hotel, há também refeitórios para eles, onde são transportados de carrinho para cada mesa.

O aspecto de tais refeitórios é, ao mesmo tempo, estranho e faustoso. Faustoso porque se assemelha a um festim romano em que todos os convivas estão deitados, e estranho, porque o palor doentio dos comensais nos faz pensar em não sei qual novela alucinante de Edgar Poe.

O espetáculo mais inusitado talvez seja o do verão, na praia, quando os doentes se deixam rodear pelas mais belas mulheres, com as quais flertam. E esses flertes nem sempre são inocentes. Já lhes disse que os doentes vão a Berck para voltarem a ser pessoas normais...

Há também dramas, com certeza, e horrendas depressões da alma. Em Berck, porém, elas raramente terminam em tragédia. No inverno passado, dois apaixonados – uma exaltada e um doente incurável – se suicidaram em Berck debaixo da cruz de um calvário. O caso fez sensação e os repórteres parisienses bordaram belos artigos sobre as tragédias de Berck. A verdade, porém, é que tais casos são totalmente excepcionais.

No ritmo absorvente da vida quase normal que ali levam, os doentes suportam com leveza a sua desgraça.

É o milagre moral de Berck.

O que é uma goteira?

Os passeios de charrete são uma verdadeira providência para os doentes.

Trata-se, porém, de uma providência cara e luxuosa. Os doentes pagam em Berck entre 25 e 30 francos por algumas horas de charrete. A municipalidade, para o grande pesar dos doentes e dos visitantes de Berck, jamais interveio no sentido de regulamentar os preços da locação. Os doentes pagam, assim, quase cinquenta leus¹ por hora, na nossa moeda, ou seja, quase o mesmo que custaria o consumo de gasolina de um automóvel esplêndido. Em Berck, a charrete a cavalo, assim como podem ver, corresponde aproximadamente ao luxo de possuir um Rolls-Royce.

Em tais condições, os benefícios do ar marinho e o prazer dos passeios se reservariam exclusivamente a um número restrito de privilegiados se Berck não conhecesse também uma providência para aqueles desprovidos de meios materiais, e que se chama goteira. A goteira é uma invenção que transforma um doente numa pessoa saudável. Ela acumula as funções de cama, de charrete e de pernas. Uma goteira é um carrinho de quatro grandes rodas de borracha, dotado de um quadro exatamente na medida do corpo, sobre o qual o doente fica deitado, com molas fortes entre o quadro e as rodas, que amortecem todos os choques e asperezas do caminho.

Nos sanatórios para doentes desprovidos de meios materiais, em que os salões são coletivos e os doentes ficam em camas, a goteira só é utilizada para passeios às margens do mar. Em certos hotéis e casas particulares, porém, o doente jamais sai da goteira. Ele dorme nela, come nela, sai para passear nela.

Em seu quarto, o doente, se deixar os braços pender, é capaz de conduzir as rodas em todas as direções. Vi doentes indo dessa maneira até as estantes da biblioteca para retirar um livro ou passeando sozinhos pelos corredores.

Quando um doente precisa de alguma compra da cidade, telefona-se imediatamente para um sanatório nas proximidades e, então, um ex-doente ou um convalescente vem para empurrar a goteira até a cidade.

Por esse trabalho cobram-se cinco francos. Uma pessoa em Berck é mais barata que um cavalo e realiza quase o mesmo serviço.

¹ Leu (leão) era e ainda é o nome da moeda romena. (n.t.)

Hotéis e sanatórios

O livrinho de propaganda sobre Berck diz com clareza: “há em Berck instituições que cuidam de doentes para todos os bolsos”. Isso é perfeitamente verdadeiro. A diferença, porém, entre um hotel *up to-date* e um sanatório “com preços reduzidos” é quase a mesma entre um senhor bem vestido em roupas gris-cendré e com uma flor na botoeira e um mendigo esfarrapado que lhe estende a mão pedindo esmola.

Todos os grandes hotéis de Berck têm gramados esplêndidos com flores, quadras de tênis, elevadores e água corrente. Todos os sanatórios “com preços reduzidos” têm paredes úmidas, corredores fedidos e assoalhos sujos. A diferença de tratamento moral e clínico nessas duas categorias de instituição corresponde, por completo, ao aspecto exterior. Constituem exceção – e uma exceção bastante honrosa – a essa situação, dois grandes hospitais para pobres em Berck, organizados de maneira admirável e muito honesta. Trata-se do “Hospital Marítimo”, que pertence à assistência pública de Paris, e o “Hospital Franco-Americano”, obra beneficente. A desgraça, porém, é que, no primeiro, só são aceitos parisienses e, no segundo, as vagas são poucasíssimas. O doente desprovido de meios materiais, na impossibilidade de se internar numa dessas instituições, torna-se fatalmente vítima dos empresários de sanatórios “com preços reduzidos”.

Berck, a cidade dos malditos

Cinco mil doentes de tuberculose óssea jazem em Berck, imobilizados no gesso, aguardando a cura. Essa horrenda doença tem predileção pelas articulações – vértebras, quadris, joelhos –, e a articulação, uma vez atacada, deve ser de imediato imobilizada. Cinco mil doentes jazem deitados em suas camas e carrinhos, perdidos em devaneios, mergulhados em leituras sem fim, desmaterializados na contemplação infinita da imensidão do oceano.

A cura chega devagar, terrivelmente devagar, mas chega. Ela, hoje em dia, atinge proporções jamais esperadas. Ao longo dos cinquenta anos da existência de Berck, por meio de uma organização terapêutica racional e sempre aper-feiçoada, logrou-se diminuir a mortalidade da tuberculose óssea, de 80%, que era no século passado, para 5%; trata-se de um resultado ímpar nos anais da medicina.

Ademais, os doentes levam em Berck uma vida normal, e a maldição do terrível constrangimento físico ao qual são submetidos lhes parece mais suportável em meio a uma comunidade de casos quase idênticos.

Visões impressionantes, todavia, não faltam em Berck. Desde o embarque dos doentes nas charretes, que se assemelha muito à entrada dos caixões nos carros fúnebres (tanto a charrete quanto o carro fúnebre têm um rolo sobre o qual o quadro do doente desliza para dentro), até o espetáculo dos doentes transpirados que tricotam sob o sol para ganhar com esse trabalho um dinheirinho dos turistas, Berck está repleto de cenas dramáticas e impressionantes. Não vi, porém, nada mais dilacerante, mais profundamente humano e mais triste do que a liturgia de Natal em Berck.

Os católicos comemoram, à meia-noite, na igreja, a vinda ao mundo do menino Jesus.

Nada mais impressionante que a emoção extraordinária dos doentes, sua palidez extática, no silêncio solene da igreja à meia-noite.

Aqui e ali, uma mãe, um parente cobre com o lenço um choro dilacerante, enquanto o padre distribui a sagrada comunhão aos doentes – transfigurados e trêmulos ao receber a graça divina.

No momento da “elevação”, quando todos os fiéis se ajoelham, os doentes simplesmente levam apenas a mão aos olhos.

Na igreja, o silêncio, então, torna-se mais profundo, mais esmagador, enquanto lá fora as rajadas de chuva atingem tábuas e o vento uiva uma melopeia sinistra, como um clamor de todos os malditos do mundo, como um pranto universal perturbador.



DON JAZZ

Seu nome de verdade nem eu sabia. Don Jazz era, evidente, um apelido. Don Jazz era o espanhol alto e azeitonado que vinha ao refeitório dos doentes depois de cada jantar e nos contava coisas extraordinárias dos espetáculos de *music-hall* de Paris ou nos mostrava um lenço comprado “très bon marché, n’est-ce pas?” um dia antes.

Na primeira vez que veio, eles nos contou de Buenos Aires, onde era advogado. Disse-nos muitas coisas que sabíamos dos livros:

– Sabe, em Buenos Aires... as mulheres... entende... têm salas de espera para os clientes... entende, não insisto... como os médicos ou dentistas. A senhora, a patroa, enfim, sabe quem... vem de vez em quando e pergunta quem é o próximo...

Isso era puro Albert Londres².

O que mais me surpreendeu em Don Jazz foi, em primeiro lugar, aquela abundância de “entende”, aquele pudor que se escondia de maneira inverossímil em seu corpanzil de animal mimado como uma flor dentro de um tonel e, depois, as contradições que existiam entre seus diversos componentes físicos e anímicos.

(Sua tosse, por exemplo, contradizia o espirro. Era séria, cheia de dogmas e de experiência, uma tosse de gente ponderada.

O espirro era infantil, cômico e, com o passar do tempo, inadequado). Mais até. Possuía órgãos que se negavam ou que brigavam entre si.

Não fosse monobloco o nosso espanhol, as ações de seus diversos órgãos formariam uma série infinda de assassinatos íntimos.

É inútil acrescentar que seu gesto contradizia a fala. Lembro-me, com relação a isso, do modo como ele nos disse, certa vez, não suportar meias de quadradinhos: levou a cabeça à frente, como se oprimida pelo fardo de uma força pesada e veloz, abriu nervosamente a palma da mão com todos os dedos crispados e o corpo todo assumiu a forma de um ponto de interrogação.

– São manias... curioso... não é mesmo?... manias...

² Referência ao célebre e incansável jornalista francês Albert Londres (1884-1932), um dos criadores do jornalismo investigativo. (n.t.)

Pelo gesto, meias de quadradinhos faziam parte, para ele, da série de incógnitas de ordem metapsíquica que nos impõem uma ética de vida interior ou o modo como devemos palitar os dentes. Elas se aparentavam estreitamente e em linha direta, em outro sentido, com o Céu, a Tempestade, a Transparência, a Célula e o Arsênico.

A fala, porém, como bem viram, era modesta.

O gesto, diante da fala, era como um poste diante de uma prece e vice-versa.

*

Don Jazz morreu devido a uma contradição de natureza geométrica na qual, é claro, ele desempenhou o papel principal.

Eis como se deu: seu cérebro tecia um pensamento sobre a lua, um pensamento pontudo, fino e vertical, pois, como qualquer um sabe, a lua está lá em cima e não em derredor; senão não seria lua, mas uma espécie de tremor de terra.

A mão tecia um pensamento horizontal ilustrado, por acaso, com um revólver. O projétil partiu, portanto, de uma têmpora à outra horizontalmente, encontrou o pensamento vertical e, no cruzamento, Don Jazz morreu.

Os médicos não foram capazes de desenredar esse sistema de perpendiculares.

Berck Plage
Agosto de 1929



JOÃOZINHO CUBINHO

Aquela pracinha se perdera na cidade “como uma folha de papel branca, imaculada, entre páginas amareladas” e rabiscadas de uma pasta velha. Era um quadrado liso e nítido em meio a casas feias e pretejudadas. Alguns poucos edifícios o separavam da prefeitura e os varredores da cidade, de manhã quando iam para o trabalho, jamais se esqueciam de varrer várias vezes aquele asfalto luzídio. Vinham um após outro e, mesmo que a pracinha houvesse sido varrida dois minutos antes, ninguém deixava de ir embora sem alisá-la mais uma vez com o vassourão, assim como crianças que têm um botão de latão no bolso, e o tiram, e o embaçam com o hálito, e o esfregam na roupa para dar-lhe brilho, e o embaçam de novo e o esfregam na roupa de novo e de novo olham para ele e de novo lhe dão brilho...

Gostava de brincar com meus colegas naquela pracinha. As bolas deslizavam no asfalto com uma precisão extraordinária; era um lugar para jogos elitistas: bolas, botões e çintar; nada da *țurca* nem da porca da periferia³.

Ali brincávamos também de “Cavalaria Francesa”, em que os garotos cavalgavam um em cima do outro e púnhamos, não sei por que, os bonés ao avesso.

Na pracinha reinavam o dia todo sombra e silêncio. Podíamos traquinar à vontade, ninguém dizia nada. Pelo contrário, moravam por ali pessoas que também gostavam de brincar como crianças: assim era Joãozinho Cubinho.

Ele tinha uma panificadora bem na ponta da praça, e na placa estava escrito bem nítido *Padaria João Cubinho*, mas todos o chamavam de Joãozinho Cubinho por causa daquela necessidade anônima e popular de prosódia que jaz na alma das multidões (“faça o bem sem olhar a quem”).

Ele era pequeno, gordo e glabro, com alguns fios loiros de barba no queixo, tão rarefeitos e frágeis que pareciam ter crescido sabe-se lá em que estufa, ao abrigo da luz e depois grudados no rosto. Usava óculos com armação fina de ouro, extremamente distintos, os mais distintos óculos da cidade. Ele mesmo era um padeiro distinto: com anéis nos dedos, com uma corrente grossa de ouro no colete, ficava o dia todo no caixa recebendo dinheiro ou sentado na cadeira diante da loja, respirando ar puro.

³ Nomes de antigas brincadeiras infantis conhecidas do autor, provavelmente típicas da região romena da Moldávia. (n.t.)

Sua ocupação mais ativa e mais interessante era interpelar na rua as crianças que voltavam da escola e lhes dar um peteleco no pescoço, bem na goela, fazendo a criança sentir uma dor intensa e uma espécie de vazão no peito...

Joãozinho Cubinho nutria ainda outra atividade tão séria quanto aquela: pegar os cachorros que via na rua e lhes enfiar tabaco pelas fuças.

Segurava o cachorro do seu lado, acariciava-o devagar na cabeça, coçava-o atrás da orelha para, em seguida, deslizar com prudência a mão pelo focinho e lhes entupir as narinas com tabaco verde. O cachorro saía correndo espirrando terrivelmente e girando no mesmo lugar, com o rabo entre as pernas, uivando de ardência.

Tudo isso costumava acontecer na pracinha, que funcionava como um palco naturalmente feito para isso; nós, crianças, ficávamos em círculo em torno dele e dávamos risada para agradar o Seu Joãozinho Cubinho, que não desprezava nada aquele tipo de popularidade.

Certo dia ele nos surpreendeu a valer, e acho que aquele acontecimento habitou por muito tempo os sonhos atormentados das crianças que participaram dele.

Joãozinho Cubinho capturou um rato numa armadilha e o levou para o meio da praça.

Todas as crianças na hora saíram correndo atrás dele, antevendo um bom divertimento. De fato, Joãozinho Cubinho olhou contente para nós e disse:

– Olhem para ele! É um simples rato, mas sabe dançar *foxtrot*... Querem ver como ele dança *foxtrot*?...

– Siiim!... respondemos todos em coro.

(E algumas crianças se puseram a pronunciar baixinho “*Foxtrot, foxtrot*”, palavra misteriosa, bizarra, que agora ouviam pela primeira vez.)

Seu Cubinho pôs a armadilha no asfalto e nos disse para não encostarmos nela. Em seguida, entrou na loja e trouxe um vasilhame de querosene. Até hoje parece que eu o vejo diante de mim, voltando da padaria, com as pernas curtas e grossas num andar balançado, com o vasilhame de querosene na mão.

Derramou o querosene em cima do pobre animal, tirou do bolso uma caixa de fósforos e acendeu o fogo, abrindo rápido a portinha da armadilha.

O rato, numa labareda de chamas cheias de fumaça, fugiu às pressas, primeiro rolando, depois se erguendo em duas patas, pulando frenético.

– Então, garotos, estão vendo como ele sabe o *foxtrot*? Olha como ele dança... disse Joãozinho Cubinho, e seus óculos dançavam de alegria no nariz, enquanto o papo saltava também radioso. Com palmas moles e gorduchas, Joãozinho Cubinho batia o ritmo.

O rato pegava terrivelmente fogo, dando berros longos e dolorosos. Finalmente, o corpo encolheu e se transformou num montículo de carne, ardendo numa chama pálida. O fedor de gordura e pele frita tomou toda a pracinha. As crianças se aproximaram e remexeram as cinzas.

Esse era Joãozinho Cubinho; um homem baixo, gordo, de olhos azuis, um pouco arregalados, por trás dos óculos de armação de ouro, com muitos anéis nos dedos.

Recordo que, dois ou três dias depois do incêndio do rato, um garoto mais velho nos mandou, a mim e a um pequenote, até a padaria perguntar ao Seu Joãozinho Cubinho se ele não planejava queimar outros ratos.

O pequenote se aproximou da mesa em que estava o padeiro e, olhando-o bem nos olhos, disse:

– Seu Antohi me mandou aqui para perguntar se o senhor não tem mais ratos para queimar.

Joãozinho Cubinho arrumou os óculos no nariz e respondeu devagar e com clareza, acentuando cada palavra:

– Vá para a p... que te pariu.

Esse era Joãozinho Cubinho.

Certo dia, Joãozinho Cubinho sumiu. Com aquela precisão de informações que só as crianças detêm, acabaram descobrindo que Joãozinho Cubinho estava doente, com câncer no fígado, e por isso a barriga dele tanto inchava que estava prestes a explodir.

Por algum tempo ninguém mais falou dele, até o dia em que ficaram sabendo que morreu.

De fato, a padaria fechou as persianas e houve uma grande agitação por lá. Vieram parentes e conhecidos, mas não se ouviu nenhum choro, nenhum gemido. O funeral começou numa tarde de verão. Pães trançados em forma de oito precediam o carro fúnebre, pães dourados e sedosos como tranças de moça, arrumados numa bandeja⁴.

No cemitério ocorreu algo inesperado. Quando o caixão foi levado ao pé da cova, o padre pediu que abrissem a tampa. A família queria que ele fosse

⁴ Referência ao costume dos enterros cristão-ortodoxos na Romênia. (n.t.)

enterrado de tampa fechada, mas o padre insistiu. O sol brilhava com força no céu. Abriram a tampa. Dentro do caixão jazia amarelo, impressionantemente magro, Joãozinho Cubinho, num terno preto de noivo, com uma guirlanda prateada atravessando as casas do paletó.

E enquanto o padre o borrifava com água benta, as pessoas, não sei como, se moveram e, então, a luz do sol caiu direto sobre o cadáver; de repente, o rosto do morto começou a escurecer e, num instante, ficou negra como carvão.

Cobriram-no rápido e o enterraram.

Pois então, esse foi Joãozinho Cubinho.



AS GAIVOTAS ILÍAS VENÉZIS



O TEXTO: O conto “As gaiivotas” (*Οι γλάροι*) foi originalmente publicado no livro *Αιγαίο (Egeu)*, dado a lume em 1941. O texto é representativo da prosa de Ilías Venézi: a narrativa enxuta constrói-se numa linguagem fácil e fluente, com frases por vezes secas, dinâmicas e de intensidade dramática e poética. O lirismo característico da obra de Venézi, constituído por um referencial simbólico tipicamente grego (mar, ruínas) é aqui perceptível, assim como sua temática reiterada: a derrota, a perda, a desolação, o exílio. Se, por um lado, essa temática reflete a biografia do autor, por outro, trata-se de uma constante na literatura grega de sua geração (a chamada “geração de 30”), marcada pelo grande tormento da derrota de 1922 na Anatólia e subsequente troca forçada de populações entre Grécia e Turquia – período muito retratado por Venézi, ele próprio vítima de perseguições étnicas.

Texto traduzido: Βενεζης, Ηλίας. *Οι γλάροι. Η μεσοπολεμική πεζογραφία*. Τόμος Β. Σελίδες 404-410. Αθήνα: Σόκολη, 1992.

O AUTOR: Ilias (ou Elias) Venézi, importante prosador grego do séc. XX, nasceu em 1904 na vila Kydonies (em turco Ayvalık), na Ásia Menor (à época Império Otomano). Sua vida foi difícil, marcada por peripécias e eventos dolorosos: em 1922, durante a perseguição a comunidades gregas na Revolução Turca, Venézi foi capturado e passou mais de um ano em campo de trabalhos forçados. Sendo um dos pouquíssimos sobreviventes do campo, vai à Grécia em 1923. Sofreu represália política na ditadura de Metaksás e escapou de ser executado durante a ocupação nazista da Grécia. Morreu em 1973, em Atenas, vítima de câncer. Sua obra foi bastante aclamada na Grécia, e também fora dela, por inúmeras traduções.

O TRADUTOR: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (grego clássico) pela UFPR, e possui mestrado e doutorado em Estudos da Tradução pela UFSC. Tem traduções publicadas do grego antigo, medieval e moderno, e também do islandês. Para a (n.t.) já traduziu Kostas Karyotákis, Giórgos Seféris e Aléxandros Papadiamántis.

ΟΙ ΓΛΑΡΟΙ

“Πουθενά δεν ακούστηκε να μερώνουν οι γλάροι.”

ΗΛΙΑΣ ΒΕΝΕΖΗΣ

Το νησάκι που βρίσκεται στα βορεινά της Λέσβου, ανάμεσα στην Πέτρα και στο Μόλυβο, είναι γυμνό και έρημο. Δεν έχει όνομα, κι οι ψαράδες που δουλεύουν σ' εκείνες τις θάλασσες το λένε απλά έτσι: «το νησί». Δεν έχει μήτε ένα δέντρο, έξω από θάμνους. Τρία μίλια μακριά, τα βουνά της Λέσβου συνθέτουν μια ήμερη αρμονία από γραμμή, από κίνηση και χρώμα. Πλάι σ' αυτή τη σπατάλη, το γυμνό νησί με την αυστηρή γραμμή του φαίνεται ακόμα πιο έρημο. Σα να το είχε ξεχάσει ο Θεός, όταν έχτιζε τις στεριές κι έκανε τις θάλασσες στις επτά πρώτες μέρες του κόσμου.

Μα από τούτη τη γυμνή λουρίδα της γης, το καλοκαίρι μπορείς να δεις τον ήλιο να πέφτει μέσα στο ατελείωτο πέλαγο. Τότε τα χρώματα βάφουν τα νερά και ολοένα αλλάζουν, κάθε στιγμή, σα να λιώνουν μες στα ελαφρά κύματα. Όταν τα βράδια είναι πού καθαρά, μπορείς να ξεχωρίσεις τα βουνά του Άθω να βγαίνουν μέσα από το πέλαγο και σιγά πάλι να σβήνουν, μαζί με τη νύχτα που έρχεται. Αυτή την ώρα, ο μπαρμπα-Δημήτρης, ο μοναχικός κάτοικος του έρημου νησιού, θα κάμει την τελευταία κίνηση που τον ενώνει με τους ανθρώπους και με τη ζωή: Θ' ανάψει το φως στο φάρο. Το φως θ' αρχίσει ν' ανάβει, να σβήνει, πάλι, πάλι, στο ίδιο διάστημα, αυστηρά και αναπόφευχτα, όπως οι σκοτεινές δυνάμεις της ζωής, η μοίρα του ανθρώπου, ο θάνατος.

* * *

Ο γερο-φαροφύλακας τράβηξε τη βάρκα στον άμμο. Τη σιγούραρε καλά, μην τυχόν τη νύχτα γυρίσει ο καιρός και φουσκώσουν τα νερά. Την κοίταξε για τελευταία φορά, πριν πάρει το δρόμο για το φάρο.

– Λοιπόν, πάει κι αυτό το ταξίδι... Λέει σιγά.

Το λέει μονάχος του και σωπαίνει. Το ταξίδι αυτό, στην αντικρινή στεριά, γίνεται μια φορά το μήνα. Πηγαίνει για τις προμήθειές του, για το αλεύρι, το λάδι και για τα γεννήματα που του χρειάζονται. Στην αρχή, σε κάθε ταξίδι, έμενε όλη τη μέρα στο χωριό. Μιλούσε με παλιούς του φίλους, μάθαινε νέα για τη χώρα, για τον κόσμο, αν ο άνθρωποι ήταν σε πόλεμο ή είχαν ειρήνη.

Ο τελωνοφύλακας του έδινε το μισθό του.

– Λοιπόν, και τον άλλο μήνα με το καλό, μπαρμπα-Δημήτρη.

Ο γέρος κουνούσε το κεφάλι του κι ευχαριστούσε.

– Με το καλό, αν θα 'χουμε ζωή, παιδί μου, του έλεγε.

Τις άλλες ώρες, ώσπου να γυρίσει στο «νησί του», τις περνούσε ανεβαίνοντας στη μικρή Παναγιά, στο βράχο με τα εκατό σκαλιά, να κάμει την προσευχή του. Σταύρωνε τα χέρια του μπροστά στο παλιό εικόνισμα, χαμήλωνε το κεφάλι και προσευχόταν για τα δυο αγόρια του που χάθηκαν στην καταστροφή της Ανατολής, για τους άλλους ανθρώπους, τελευταία για τον εαυτό του.

– Αν ζούνε, προστάτετέ τα, παρακαλούσε για τα παιδιά του. Φύλαγέ τα από θυμό κι από την κακή ώρα. Φύλαγέ τα απ' το μαχαίρι...

Μουρμούριζε τους χαιρετισμούς, ότι άλλο ήξερε από προσευχή, και τα γερασμένα πόδια του τρέμαν.

– Κι εμένα, καιρός πια είναι να ξεκουραστώ... έλεγε και βούρκωναν τα μάτια του.

Κατέβαινε τα εκατό σκαλιά, κάθε φορά με πιο αλαφρή καρδιά. Στο δρόμο στεκόταν και κοίταζε τα παιδάκια που παίζαν. Τον ξέραν όλα, και όταν τον βλέπανε, βάζανε τις φωνές:

– Μπαρμπα-Δημήτρη! Μπαρμπα-Δημήτρη!

Τους αγόραζε φουντούκια και τους τα μοίραζε, κι εκείνα φώναζαν χαρούμενα:

– Μην αργήσεις να ξανάρθεις, παππούλη! Μην αργήσεις!..

Έτσι γινόταν σε κάθε ταξίδι κάθε φορά. Μα όσο τα χρόνια περνούσαν, τόσο ξεσνήθιζε με τους ανθρώπους. Η ερημιά ολοένα τον κυρίευε, μέρα με τη μέρα, τον απορροφούσε, σα να στάλαζε μέσα στην ύπαρξή του τη φοβερή

της δύναμη. Σε κάθε ταξίδι λιγότευε όσο μπορούσε τον καιρό που έπρεπε να μείνει στο χωριό για τις δουλειές του.

Έκοψε και το ανέβασμα στην εκκλησίτσα του βράχου.

– Συχώρεσέ με γιατί πια δε μπορώ, έλεγε στο Θεό, σα να του έφταιγε. Παντού μπορώ να σε παρακαλώ, για να βλέπεις πόσο είμαι αδύναμος.

Και όταν γύριζε στο νησί του, ύστερα από κάθε ταξίδι, έμενε πολύ αργά τη νύχτα, κάτω απ’ τα άστρα, να προσεύχεται.

Δε ρωτούσε πια νέα, τι γίνεται στον κόσμο. Δεν ήξερε τίποτα. Όλος ο κόσμος στένευε μέρα με τη μέρα γύρω στο έρημο νησί, κι έκλεινε με το βαθύ πέλαγο και με τα χρώματα, σαν έγερνε ο ήλιος.

Οι τελευταίοι σύντροφοι, που άλλαζε πότε-πότε καμιά κουβέντα μαζί τους, ήταν ψαράδες, που σα δεν τους έπαιρνε ο καιρός, άραζαν για λίγο στο νησί του. Μέναν εκεί στην ακρογιαλιά, όπου ερχόταν να σβήσει το κύμα, και λέγανε για τα βάσανά τους και για τη μοίρα τους. Πολλές φορές ξενουχτούσαν εκεί. Τότε, στις μακριές ώρες, ώσπου να χαράξει, όταν οι άλλες κουβέντες τελείωναν, ερχόταν και η επίσημη ώρα για τα δυο παιδιά του.

– Ποιος το ξέρει... του λέγαν οι ψαράδες. Μπορεί να ζούνε και να ’ρθουν, μπαρμπα-Δημήτηρ. Έτσι σαν τους γλάρους σου που γύρισαν.

Δε μιλούσε, δε σάλευε, τα ήμερα μάτια του μένανε στυλωμένα στο βάθος της νύχτας.

– Ναι, μπαρμπα-Δημήτηρ, σαν τους γλάρους σου. Έτσι μπορούν να γυρίσουν και να ’ρθουν. Μην απελπίζεσαι.

Και οι ψαράδες τότε, μ’ αυτή την αφορμή, φέρναν την κουβέντα στους γλάρους του γέρου.

– Αλήθεια, του λέγανε, πώς μπόρεσες να τους μερώσεις, μπαρμπα-Δημήτηρ; Πουθενά δεν ακούστηκε να μερώνουν οι γλάροι...

– Έτσι είναι, παιδιά μου, μουρμούριζε αυτός. Όλα μερώνουν εδώ κάτω. Μονάχα ο άνθρωπος...

Τον ρωτούσαν να τους πει πάλι την ιστορία με τους γλάρους, μ’ όλο που την ξέραν, όπως την ήξεραν και όλοι όσοι κατοικούσαν στην αντικρινή στεριά. Τα είχε βρει μικρά, μες στους βράχους, δυο γλαρόπουλα, αμάλαγα ακόμα. Ήταν χειμώνας τότε, τα λυπήθηκε και τα κουβάλησε στο καλύβι του, πλάι στο φάρο. Τα κράτησε και τα μεγάλωσε, ταΐζοντάς τα μικρά ψάρια που έπιανε το δίχτυ του. Μια μέρα του ήρθε η ιδέα να τους βγάλει από ένα όνομα.

– Έ, λοιπόν, εσένα θα σε λέμε...

Μες στις αναμνήσεις του, μες στην καρδιά του, εκείνη την ήμερη ώρα τριγυρίζανε τα δυο παιδικά πρόσωπα, τον καιρό που ήταν πολύ μικρά και τα φώναζε.

– Λοιπόν... εσένα να σε λέμε Βασιλάκη, είτε στο ένα πουλί. Κι εσένα να σε λέμε Αργύρη...

Έτσι από τότε άρχισε να τα φωνάζει με τα ονόματα των παιδιών του. Και οι γλάροι σιγά-σιγά τα συνηθίσανε.

Όταν μεγάλωσαν και ήρθε η άνοιξη, ένα πρωί σκέφτηκε πως είναι αμαρτία να έχει σκλαβωμένα τα πουλιά. Αποφάσισε να τα λευτερώσει. Άνοιξε το μεγάλο καλαμένιο κλουβί κι έπιασε πρώτα το ένα πουλί. Το κράτησε μες στα δυο του χέρια, το χάιδεψε. Αισθανόταν την καρδιά του να είναι πολύ αλαφρή.

– Αιντε, λοιπόν, Βασίλη! είπε στο πουλί, και άνοιξε τα χέρια του να το αφήσει να φύγει.

Το πουλί πέταξε και έφυγε.

Έβγαλε και το άλλο, το χάιδεψε σαν το πρώτο, και το άφησε κι αυτό. Όλα ήταν ήμερα εκείνη τη μέρα, και η νύχτα που ήρθε ήταν ήμερη. Μονάχα που αισθανόταν να είναι ακόμα πιο έρημος.

Το ίδιο βράδυ είχε αποτραβηχτεί νωρίς, όταν άκουσε στο μικρό παράθυρο της καλύβας αλαφρά χτυπήματα. Πλησίασε και κοίταξε. Δεν το πίστευε. Πετούσε από τη χαρά του, σα να ήταν τα παιδιά του που γύριζαν.

Άνοιξε την πόρτα να μπουν μέσα οι γλάροι.

Από τότε αυτό γινόταν. Τα πουλιά φεύγαν το πρωί, ταξιδεύανε ως τις αντικρινές στεριές της Ανατολής, ως πέρα στο Σιγρί, και τα βράδια γύριζαν. Έκαναν κοπάδι μαζί με άλλους γλάρους, και πολλές φορές πετούσαν πάνω απ' το ρημονήσι. Αν ήταν χαμηλά, ο γέρος μπορούσε να τους ξεχωρίσει απ' τα σταχτιά σημάδια που είχαν κάτω απ' τις φτερούγες. Και σαν έβγαινε με τη βάρκα κι αυτοί τριγύριζαν εκεί σιμά, χαμηλώναν και τσίριζαν από πάνω του. Τους είχαν μάθει και οι άλλοι ψαράδες στα μέρη εκείνα. Και σαν τους βλέπανε, φωνάζανε γελώντας:

– Έ, Βασίλη!.. Έ, Αργύρη!..

Έτσι περνούσαν οι μέρες στο ρημονήσι. Η μια, η άλλη, αυτή που πέρασε, αυτή που θα 'ρθει. Μια αδιατάρακτη σειρά από μέρες και νύχτες, που δεν είχαν τίποτα να περιμένουν άλλο απ' το θάνατο.

Μια βραδιά του καλοκαιριού, έγινε κάτι ασυνήθιστο. Οι γλάροι δε γύρισαν. Μήτε την άλλη μέρα φάνηκαν, μήτε την άλλη νύχτα.

– Μπορεί να ταξίδεψαν μακριά, συλλογίστηκε ο γέρος, για να ξεγελάσει την ανησυχία του.

Το άλλο πρωί, όπως συνήθιζε, κάθησε στο πεζούλι του φάρου. Κοίταξε το πέλαγο. Μια στιγμή του φάνηκε πως η θάλασσα αυλακωνόταν, κανένα μίλι μακριά, σα να περνούσαν δελφίνια και παίζαν. Πολλές φορές, έβλεπε στ' ανοιχτά να περνούν δελφίνια. Τα παρακολουθούσε να γράφουν τις αργές κινήσεις τους έξω απ' το νερό, ύστερα πάλι να πέφτουν.

– Δελφίνια θα είναι, είπε και τώρα.

Μα σε λίγο είδε καθαρά πως δεν ήταν.

– Άνθρωποι είναι, είπε ξαφνιασμένος.

Κατέβηκε στο ακρογιάλι και περιίμενε. Σε λίγο ξεχώρισε πως ήταν ένα αγόρι κι ένα κορίτσι. Κολυμπούσαν πλάι-πλάι, με αργές κινήσεις, γεμάτες βεβαιότητα. Και το μικρό κύμα έκλεινε πάνω στο αυλάκι που άφηναν.

– Τι να θέλουν; συλλογίστηκε πάλι.

Δε θυμόταν άλλη φορά να είχαν έρθει κατά κει, για κολύμπι, άνθρωποι. Και ύστερα, δε φαινόταν εκεί γύρω καμιά βάρκα απ' όπου να είχαν πέσει.

Σε λίγη ώρα είχαν φτάσει.

Τα δυο βρεμένα κορμιά τινάζονται απ' τη θάλασσα στο ακρογιάλι.

Το αγόρι κοιτάζει το κορίτσι μες στα μάτια και τεντώνει τα χέρια του ψηλά.

– Αχ! Λέει, παίρνοντας βαθιά ανάσα. Τι καλά που ήταν!

Το κορίτσι κάνει την ίδια κίνηση των χεριών, πιο αργά:

– Τι καλά που ήταν!

Ύστερα τρέξαν προς το φαροφύλακα.

– Εσύ είσαι ο μπαρμπα-Δημήτρης του φάρου; λέει το αγόρι.

Έστεκε με χαμηλωμένο το κεφάλι, γεμάτος συστολή, αντίκρυ στο γυμνό σώμα του κοριτσιού, που έλαμπε μες στον πυρόν ήλιο.

– Εγώ είμαι, λέει με ταραχή. Μήπως σας έτυχε τίποτα;

– Α μπα! βιάζεται να πει τ' αγόρι. Είπαμε χτες να κάμουμε αυτό το ταξίδι με τη φίλη μου, και να που ήρθαμε.

– Από πού; ρωτά ο γέρος απορημένος.

– Μα από αντίκρυ, απ' την Πέτρα.

Ο μπαρμπα-Δημήτρης δεν ξέρει τι να πει, μουρμουρίζει μονάχα πως δε θυμάται να του είχαν έρθει άλλη φορά ξένοι, με τέτοιο ταξίδι.

Αρχισαν ν' ανεβαίνουν προς το φάρο.

Περπατούσε πρώτος τα παιδιά ακολουθούσαν. Δε θα ήταν το καθένα περισσότερο από δεκαοχτώ, δεκαεννιά χρονών. Κι εκείνος βάδιζε μπρος, και τα χρόνια βάραιναν στους ώμους του, σα να του ζητούσαν την ευθύνη γιατί δεν τ' άφηνε πια, να ξεκουραστούν.

Κάθησαν στο πεζούλι του φάρου. Μπροστά τους το Αιγαίο ήταν ακύμαντο και ο ήλιος έτρεμε πάνω του.

– Από πού έρχεστε; ρώτησε ο γέρος.

– Σπουδάζουμε στην Αθήνα, είπε το κορίτσι. Εγώ σπουδάζω χημικός κι ο φίλος μου στο Πολυτεχνείο.

– Α, αλήθεια!.. μουρμουρίζει ο γέρος, χωρίς να καταλαβαίνει.

– Έχεις πάει καμιά φορά στην Αθήνα, παππούλη; ρωτά το κορίτσι.

– Όχι, λέει εκείνος. Καμιά φορά.

– Θα το ήθελες τώρα;

Η φωνή του είναι σιγανή, μόλις ακούγεται:

– Όχι, παιδί μου. Τώρα είναι αργά.

– Θα είσαι πολύ μόνος εδώ, παππούλη.

– Είμαι πολύ μόνος, παιδί μου.

Σώπασαν. Πέρασε λίγη ώρα. Ψηλά πέρασε ένα κοπάδι γλάροι. Ο γέρος σηκώνεται και μπαίνει στο καλύβι να τους φέρει γλυκό. Από το μικρό παράθυρο μπορεί να βλέπει τα δυο παιδιά, έτσι που είναι ξαπλωμένα. Στα κορμιά τους και στα πρόσωπά τους τρέμουν ακόμα στάλες απ' τη θάλασσα. Ο ήλιος τα έχει ψήσει αλύπητα, είναι κει σα δυο αγάλματα από μπρούντζο που τα ξέβρασε το πέλαγο – μια θεότητα της υγείας και μια θεότητα της νεότητας. Τα μαύρα μαλλιά του κοριτσιού πέφτουν πάνω στους ώμους του και στα μεγάλα μαύρα μάτια του σαλεύει ένα βαθύ φως. Το αγόρι ανασηκώνεται και σκύβει πάνω σ' αυτό το πρόσωπο που το αγιάζει το βαθύ φως. Το κοιτάζει σα ναρκωμένος, και ύστερα απλώνει σιγά τα χέρια του να το χαϊδέψει.

– Χρυσούλα..., μουρμουρίζει μονάχα τ' όνομά της, και τα χείλια του τρέμουν από συγκίνηση.

Τα μεγάλα μαύρα μάτια σηκώνονται. Μένουν μια λίγη στιγμή ακίνητα, συτλωμένα στο πρόσωπο του αγοριού. Και ύστερα, μπλέκει τα χέρια της στο κεφάλι του και τον φιλεί θερμά.

Έτσι απλά και ήμερα είναι όλα στο ρημονήσι αυτή την ιερή ώρα. Έτσι ήμερα είναι και μέσα στην καρδιά του γέρου ανθρώπου. Είναι πλημμυρισμένος, τούτο το καλοκαιρινό πρωί, είναι βουρκωμένος. Αυτή η

απρόοπτη τρυφερότητα που ήρθε να ταράξει την ερημιά του, τα ακίνητα νερά...

– Παππούλη, να 'ρθουμε κι εμείς μέσα; Του φωνάζει απέξω το κορίτσι.

– Έρχομαι εγώ, έρχομαι! λέει ταραγμένος.

Τους έφερε γλυκό, αμύγδαλα, κρύο νερό.

– Δεν έχω τίποτα άλλο... μουρμουρίζει, σα να θέλει να τον συχωρέσουν.

– Κάθισε, κάθισε παππούλη – τον πιάνει το κορίτσι απ' το χέρι να καθήσει πλάι του.

Κάθισε.

– Ελάτε και αύριο, τους λέει δειλά. Θα ψαρέψω για σας τη νύχτα.

– Αύριο φεύγουμε, απαντά το κορίτσι με λύπη. Κρίμα τόσες μέρες που είμαστε εδώ να μην ερχόμαστε. Είσαι πάντα έτσι έρημος παππούλη;

– Πάντα, παιδί μου.

– Α, τώρα καταλαβαίνω τι ήταν οι γλάροι... μουρμουρίζει το αγόρι.

– Ναι, παιδί μου, αυτό είναι. Η ερημιά.

– Θα πρέπει να τους συχωρέσεις, παππούλη, λέει πάλι το αγόρι σε λίγο. Αν ήξεραν, δε θα το έκαναν ποτέ.

Ο γέρος δεν καταλαβαίνει. Στέκει απορημένος.

– Για ποιους λες, παιδί μου;

– Γ' αυτούς που σκότωσαν τους γλάρους σου, λέω, μπαρμπα-Δημήτρη. Είναι φίλοι μας.

Καταλαβαίνει τα γόνατά του να τρέμουν, η καρδιά του χτυπά.

– Τους σκότωσαν είπες; ρωτά με σιγανή φωνή.

– Α, δεν το ήξερες ακόμα;..

Το παιδί δαγκάνει τα χείλια του, μα είναι αργά. Του λέει την ιστορία: Πως κυνηγούσαν, όλη η νεολαία, ύστερα κατεβήκαν στην ακρογιαλιά, οι δυο γλάροι χαμήλωσαν απ' το άλλο κοπάδι, και ο φίλος τους τράβηξε για να δοκιμάσει. Και ύστερα, κάτι ψαράδες εκεί σιμά, γνώρισαν τις σταχτιές φτερούγες.

Ο γέρος ακούει, ακούει – δεν είναι τίποτα, δυο γλάροι ήταν.

– Δεν ήξεραν, παππούλη... λέει με θερμή φωνή το κορίτσι, συγκινημένο απ' τη βουβή λύπη που βλέπει στο γερασμένο πρόσωπο. Δεν ήξεραν...

Κι εκείνος κινά μόλις, αργά, το κεφάλι του, συγκατανεύοντας:

– Ναι, ναι, παιδί μου. Δε θα ήξεραν...

* * *

Αρκετή ώρα πέρασε.

– Πρέπει να φύγουμε, λέει το αγόρι.

Το κορίτσι σηκώνεται.

– Να φύγουμε.

Πηγαίνουν μπροστά, ο γέρος έρχεται λίγο πίσω τους.

Φτάσαν στην ακρογιαλιά.

– Σε χαιρετούμε, παππούλη, λέει πρώτο το κορίτσι.

Πιάνει το χέρι του σκύβει να το φιλήσει. Κι αυτός της χαϊδεύει τα μακριά μαλλιά.

– Να σας ευλογεί ο Θεός, μουρμουρίζει συγκινημένος.

Έφυγαν. Παρακολουθεί πολλή ώρα το μικρό αυλάκι που κάνουν τα κορμιά τους στη θάλασσα. Όσπου όλα σβήνουν απ' τα μάτια του. Και το πέλαγο είναι πάντα έρημο και ατελείωτο.

* * *

Νυχτώνει. Έχει καθήσει στο πεζούλι και οι ώρες περνούν. Όλα περνούν απ' τα θολωμένα μάτια του: τα μικρά του τα χρόνια, τα παιδιά που μεγάλωσε και χάθηκαν, οι άνθρωποι που τον πικράνανε. Όλα περνούν και όλα σβήνουν. Και τα δυο παιδιά που φιληθήκανε εδώ στον ίδιο τόπο, λίγες ώρες πριν. Κι ένα κοπάδι γλάροι που πετούν ψηλά. Δυο γλάροι έχουν σταχτιές φτερούγες. Κι αυτοί περνούν και χάνονται. Δεν είναι πια να γυρίσει τίποτα.

Έχει χαμηλώσει το κεφάλι και τα δάκρυα στάζουν στην ξερή γη. Από πάνω του το φως του φάρου ανάβει, σβήνει, πάλι, πάλι, στο ίδιο διάστημα αυστηρά και αναπόφευχτα, όπως οι σκοτεινές δυνάμεις της ζωής, η μοίρα του ανθρώπου, ο θάνατος.



AS GAIVOTAS

“Nunca em parte alguma se ouviu falar de gaivotas domesticadas...”

ILÍAS VENÉZIS

A ilha que se encontra ao norte de Lesbos, entre Petra e Mólivos, é árida e erma. Não tem nome, e os pescadores que labutam naqueles mares a chamam simplesmente assim: “a ilha”. Não tem sequer uma árvore, somente arbustos. Três milhas longe dali, as montanhas de Lesbos compõem uma plácida harmonia de contorno, movimento e cor. Ao lado desse esbanjamento, a ilha desnuda com seu contorno austero parece ainda mais erma. Como se Deus a tivesse esquecido, quando plasmava as terras e fazia os mares nos primeiros sete dias do mundo.

Mas desde essa faixa de terra desnuda, pode-se ver, no verão, o sol caindo dentro do mar infindo. Então as cores tingem as águas e mudam, incessantemente, a todo instante, como a derreter por entre as leves ondas. Quando os anoiteceres são bem límpidos, é possível divisar os montes de Atos assomando do mar e, lentamente, esvaindo-se novamente, junto com a noite que chega. Nessa hora, tio Dimíttris, o solitário habitante da ilha deserta, fará o último gesto que o conecta com as pessoas e com a vida: acenderá a luz no farol. A luz começará a acender-se, a apagar-se, de novo e de novo, no mesmo intervalo, rigorosa e inexoravelmente, como as forças escuras da vida, o destino do homem, a morte.

O velho faroleiro arrastou seu bote à praia. Assegurou-o bem, para a eventualidade de o tempo mudar à noite e as águas se agitarem. Observou-o pela última vez antes de tomar o caminho do farol.

– Lá se vai mais esta viagem... diz baixo.

Diz sozinho e se cala. Esta viagem, até a costa oposta, realiza-se uma vez por mês. Ele vai apanhar provisões, farinha, azeite e produtos de que tem necessidade. No início, a cada viagem, permanecia o dia todo na aldeia. Conversava com antigos amigos seus, atualizava-se sobre as notícias do país, sobre o mundo, se as pessoas estavam em guerra ou tinham paz.

O aduaneiro lhe dava o salário.

– Então até mais ver, até mês que vem, tio Dimíttris.

O velho movia sua cabeça e agradecia.

– Até mais ver, se tivermos vida, meu filho, dizia-lhe.

As horas restantes, até retornar à “sua ilha”, passava subindo até a pequena Nossa Senhora, no rochedo com os cem degraus, para fazer sua oração. Cruzava as mãos diante do velho ícone, abaixava a cabeça e rezava pelos seus dois filhos que se perderam na catástrofe da Anatólia, pelas outras pessoas, finalmente por si mesmo.

– Se estão vivos, proteja-os, rogava por seus filhos. Guarde-os da raiva e da hora ruim. Guarde-os do punhal...

Baluciava as saudações, tudo mais que sabia de oração, e suas pernas envelhecidas tremiam.

– E eu, já está na hora de eu descansar... dizia, e seus olhos umedeciam-se.

Descia os cem degraus, a cada vez com o coração mais leve. No caminho, postava-se e observava as crianças brincando. Todas elas o conheciam, e, ao vê-lo, punham-se a berrar:

– Tio Dimíttris! Tio Dimíttris!

Comprava avelãs para distribuir entre elas, que gritavam, alegres:

– Não demore para voltar, vovozinho! Não demore!...

Assim se dava a cada viagem, toda vez. Mas, quanto mais os anos se passavam, mais ele ia se desacostumando das pessoas. A desolação cada vez mais o dominava, dia após dia, o absorvia, como se gotejasse dentro de sua existência sua força terrível. A cada viagem, reduzia o quanto podia o tempo que devia ficar na aldeia para realizar seus afazeres.

Cortou a subida à igreja do rochedo.

– Perdoe-me, que não consigo mais, dizia para Deus, como se tivesse culpa. Posso fazer preces para você em toda parte, para você ver como estou fraco.

E, ao retornar à sua ilha, depois de cada viagem, ficava até muito tarde da noite, sob as estrelas, rezando.

Não perguntava mais sobre as novas, sobre o que se passa no mundo. Não sabia de nada. Todo o mundo se estreitava, dia após dia, ao redor da ilha erma, e se fechava com o mar profundo e com as cores, quando se deitava o sol.

Os últimos companheiros com os quais trocava uma conversa de quando em quando eram pescadores que, se o tempo não fosse propício para navegação, aportavam um pouco em sua ilha. Permaneciam lá na praia, onde as ondas vinham esvair-se, e falavam de suas mazelas e seus destinos. Muitas vezes passavam a noite em vigília lá. Então, nas longas horas, até que raiasse a aurora, quando as demais conversas se esgotavam, chegava a hora solene de seus dois filhos.

– Quem é que sabe... diziam-lhe os pescadores. Pode ser que estejam vivos e que venham, tio Dimítis. Assim como as suas gaivotas que voltaram.

Ele não falava, não se movia, seus olhos brandos permaneciam cravados nas profundezas da noite.

– É, tio Dimítis, como as suas gaivotas. Eles podem do mesmo jeito retornar. Não se desespere.

E os pescadores, então, com esse pretexto, traziam a conversa às gaivotas do velho.

– Verdade, diziam-lhe, como você conseguiu amansá-las, tio Dimítis? Nunca em parte alguma se ouviu falar de gaivotas domesticadas...

– É assim, meus filhos, murmurava. Tudo se amansa aqui nessas bandas. Menos o homem...

Pediam-lhe para contar novamente a história das gaivotas, apesar de já a conhecerem, assim como a conheciam todos os habitantes da costa oposta. Ele as encontrara pequeninas, entre as pedras, eram dois filhotinhos de gaivota, sem plumas ainda. Era inverno então, apiedou-se deles e os levou para dentro de sua cabana, ao lado do farol. Guardou-os e criou-os, dando-lhes de comer os peixes pequenos que vinham presos em sua rede. Certo dia, ocorreu-lhe a ideia de lhes dar nomes.

– Pois bem, você vai se chamar...

Em meio às suas recordações, em seu coração, naquele instante plácido volteavam os dois rostos infantis, da época em que eram muito pequenos e os chamava.

– Então... você vai se chamar Vassílis, disse para um dos pássaros. E você nós chamaremos de Argýris...

E assim, desde então, passou a chamá-los pelos nomes de seus filhos. E as gaiotas aos poucos iam se habituando com os nomes.

Quando cresceram e chegou a primavera, ele pensou, numa manhã, que era um pecado manter os pássaros aprisionados. Decidiu libertá-los. Abriu a grande gaiola de cana e agarrou primeiro um dos pássaros. Segurou-o com suas duas mãos, acariciou-o. Sentia o coração muito leve.

– Vai lá então, Vassílis! Disse ao pássaro, e abriu as mãos para deixá-lo ir embora.

O pássaro bateu asas e foi-se embora.

Retirou o outro então, acariciou-o do mesmo modo e deixou-o ir também. Tudo estava calmo naquele dia, até mesmo a noite que sobreveio estava calma. Exceto que ele sentia que estava ainda mais ermo.

Na mesma noite, ele se recolhera cedo, quando escutou, na pequena janela da cabana, leves batidas. Aproximou-se e observou. Não podia acreditar. Dava pulos de alegria, como se fossem seus filhos que retornassem.

Abriu a porta para as gaiotas entrarem.

Desde então assim se dava. Os pássaros partiam de manhã, viajavam até as praias do outro lado, à Anatólia, até bem adiante em Sigri, e de noite voltavam. Juntavam-se aos bandos de outras gaiotas, e muitas vezes sobrevoavam a ilha desolada. Quando voavam baixo, o velho podia distingui-los pelas manchas cinzentas que tinham embaixo das asas. E quando ele saía em seu bote, os dois também davam voltas ao seu redor e grasnavam sobre ele. Os outros pescadores daquelas partes também haviam aprendido a reconhecer-los. E, sempre que os viam, gritavam, rindo:

– Ei, Vassílis!... Ei, Argýris!...

Assim se passavam os dias na ilha desolada. Um dia, o outro dia, o que se passou, o que virá. Uma imperturbável sucessão de dias e noites que nada tinham por esperar além da morte.

Uma noite de verão, aconteceu algo inabitual. As gaiotas não voltaram. Sequer apareceram no dia seguinte, nem na noite seguinte.

– Pode ser que tenham viajado para longe, pensou consigo o velho, para enganar sua intransigência.

Na manhã seguinte, como tinha por hábito, sentou-se na laje do farol. Observou o mar. Em um momento, teve a impressão de que a superfície das águas era sulcada, a uma distância de cerca de uma milha, como se golfinhos passassem brincando. Muitas vezes via golfinhos passando ao largo. Observava-os enquanto iam desenhando seus movimentos lentos fora da água, para, em seguida, caírem novamente.

– Devem ser golfinhos, disse também agora.

Mas logo viu claramente que não eram.

– São pessoas, disse surpreso.

Desceu até a praia e aguardou. Logo pôde distinguir que eram um rapaz e uma moça. Nadavam um junto do outro, com movimentos lentos e cheios de certeza. E as ondinhas se enrolavam sobre o sulco que eles deixavam.

– O que será que querem? pensou consigo novamente.

Não se lembrava de terem vindo pessoas até ali para nadar. E, além do mais, não se via nas cercanias nenhum barco de onde eles pudessem ter mergulhado.

Em pouco tempo, chegaram.

Os dois corpos molhados se lançam para fora do mar sobre a praia.

O rapaz olha a moça nos olhos e ergue seus braços para o alto.

– Ah! diz, respirando fundo. Que delícia que foi!

A moça faz o mesmo movimento com os braços, mais lentamente:

– Que delícia que foi!

Em seguida, correram em direção ao faroleiro.

– É você o tio Dimítris do farol? diz o rapaz.

Postava-se cabisbaixo, cheio de acanhamento, diante do corpo nu da moça, que resplandecia sob o sol flamejante.

– Sou eu, diz com inquietação. Por acaso aconteceu alguma coisa com vocês?

– Ih, imagine! apressa-se em dizer o rapaz. Ontem eu decidi fazer esse passeio com a minha namorada, e aqui estamos, viemos.

– De onde? pergunta o velho, desconcertado.

– Da praia adiante, de Petra.

Tio Dimíttris não sabe o que dizer, apenas murmura que não se recorda de terem vindo forasteiros até ele antes, viajando assim.

Puseram-se a subir em direção ao farol.

Ele andava à frente, e as crianças seguiam. Os dois não teriam mais do que dezoito, dezenove anos cada. E ele caminhava em frente e os anos lhe pesavam nos ombros, como a cobrar-lhe a responsabilidade: por que não os deixava descansar.

Sentaram-se na laje do farol. À sua frente, o Egeu se estendia plácido, sem ondas, e o sol fulgurava no alto.

– De onde vocês vêm? perguntou o velho.

– Nós estudamos em Atenas, disse a moça. Eu estudo química e meu namorado faz Escola Técnica.

– Ah, é mesmo?! murmura o velho, sem entender.

– Você já foi a Atenas alguma vez, vovozinho? pergunta a moça.

– Não, diz aquele. Nenhuma vez.

– Gostaria de ir agora?

A voz dele é baixa, mal se escuta:

– Não, minha filha. Agora é tarde.

– Você deve ser muito sozinho aqui, vovozinho.

– Sou muito sozinho, minha filha.

Calaram-se. Passou-se um tempo. No alto passou um bando de gaivotas. O velho se levanta e entra em sua cabana para buscar um doce para eles. Da janela pequena pode ver as duas crianças, assim como estão deitadas. Em seus corpos e rostos tremulam ainda gotas do mar. O sol queimou-os impiedosamente, estão lá como duas estátuas de bronze que o mar despejou – uma divindade da saúde e uma divindade da juventude. Os cabelos negros da moça escorrem sobre seus ombros e em seus grandes olhos negros agita-se uma luz profunda. O rapaz se ergue e se curva sobre aquele rosto que a luz profunda beatifica. Fita-o como se entorpecido, e, em seguida, estende lentamente as mãos para acariciá-lo.

– Chryssula... balbucia apenas o nome dela, e seus lábios tremem de comoção.

Os grandes olhos negros se alçam. Permanecem imóveis por um pequeno instante, fixados no rosto do rapaz. E, em seguida, ela funde suas mãos à cabeça dele e o beija calorosamente.

Assim simples e plácido é tudo na ilha desolada naquele instante sagrado. Assim plácido também no interior do coração do velho homem. Ele está preenchido, nesta manhã de verão, tem os olhos umedecidos. Esta ternura imprevista que veio para abalar sua solidão, as águas paradas...

– Vovozinho, é para entramos também? grita de fora a moça.

– Eu já estou indo! diz, abalado.

Trouxe-lhes doce, amêndoas, água fresca.

– Não tenho mais nada... murmurou, como se quisesse que o perdoassem.

– Senta, senta, vovozinho – a moça o apanha pela mão para fazê-lo sentar-se ao seu lado.

Sentou-se.

– Voltem amanhã, ele lhes diz acanhadamente. Vou pescar para vocês de noite.

– Amanhã nós vamos embora, responde a menina com pesar. É uma pena que não viemos antes, estamos aqui há tantos dias. Você é sempre assim sozinho, vovozinho?

– Sempre, minha filha.

– Ah, agora eu entendo o que eram as gaivotas... murmura o rapaz.

– Sim, meu filho, é isso. A solidão.

– Você terá que perdoá-los, vovozinho, diz novamente o rapaz, pouco depois. Se eles soubessem, jamais teriam feito aquilo.

O velho não compreende. Permanece desconcertado.

– De quem você está falando, meu filho?

– Daqueles que mataram as suas gaivotas, é deles que falo, tio Dimétris. São amigos nossos.

Percebe os joelhos tremendo, seu coração bate.

– Eles mataram, você disse? pergunta com voz baixa.

– Ah, você ainda não sabia?...

O menino morde os lábios, mas é tarde. Conta-lhe a história: eles iam caçar, todos os jovens, em seguida desceram até a praia, as duas gaivotas se desprenderam do bando, baixando o voo, e o amigo deles atirou para testar. E depois alguns pescadores lá perto reconheceram as penas cinzentas.

O velho escuta, escuta – não era nada, foram só duas gaivotas.

– Eles não sabiam, vovozinho... diz com voz cálida a moça, comovida pela tristeza muda que vê no rosto envelhecido. Não sabiam...

E ele mal move, lentamente, a cabeça, assentindo:

– Sim, sim, minha filha. Eles não deviam saber...

Passou-se bastante tempo.

– Temos que ir embora, diz o rapaz.

A moça se põe de pé.

– Vamos.

Caminham à frente, o velho os acompanha um pouco atrás.

Chegaram à praia.

– Nós nos despedimos, vovozinho, diz primeiro a moça.

Toma-lhe a mão e curva-se para beijá-la. E ele lhe acaricia os cabelos.

– Que Deus os abençoe, murmura, comovido.

Partiram. Ele acompanha por um longo tempo o pequeno sulco que seus corpos fazem na superfície das águas. Até que tudo se esvai de sua visão. E o mar é sempre ermo e infundo.

Anoitece. Está sentado na laje do farol e as horas se passam. Tudo passa diante de seus olhos turvados: seus pequenos anos, os filhos que cresceram e perderam-se, as pessoas que o amarguraram. Tudo passa e tudo se esvai. E as duas crianças que se beijaram aqui, no mesmo local, poucas horas antes. E um bando de gaivotas que voam no alto. Duas gaivotas têm penas cinzentas. Elas também passam e se perdem. Não há mais nada para retornar.

Ele tem a cabeça baixa e as lágrimas pingam na terra seca. Sobre ele, a luz do farol se acende, se apaga, de novo, de novo, no mesmo intervalo rigorosa e inexoravelmente, como as forças escuras da vida, o destino do homem, a morte.



UM RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA

FRANZ KAFKA



O TEXTO: As obras de Franz Kafka abordam o medo, a solidão e o sentimento de sufocamento, e são de tal forma enigmáticas, emaranhadas e originais que os críticos criaram a palavra *kafkaesk* (kafkiano), para descrever uma situação absurda, intrincada e ameaçadora. As relações misteriosas e complexas, muitas vezes expondo a impotência da personagem, e as estruturas pouco claras de lugares, são as características predominantes em sua obra. *Um Relatório para uma Academia* faz analogia ao conto *A metamorfose*, em que o protagonista Gregor Samsa transforma-se em um animal, da noite para o dia, como fuga da realidade. No *relatório*, por sua vez, são os esforços de grandes dimensões do macaco, Pedro Vermelho, decorrentes do desejo de “saída” da realidade, que o obriga a negar as suas próprias raízes de símio para, assim, ingressar arduamente no mundo cultivado dos humanos.

Texto traduzido: Kafka, Franz. *Die Erzählungen*. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2007.

O AUTOR: Franz Kafka (1883-1924) nasceu em Praga, em um bairro pobre judeu. Estudou direito e trabalhou vários anos junto a uma firma de seguros, sendo que somente à noite restava-lhe tempo para escrever. Durante os estudos conheceu Max Brod, que se tornaria seu amigo e editor e a quem o escritor ordenou que queimasse os manuscritos, após a sua morte. Em vida, foi pouco conhecido e publicado. Kafka morreu aos 41 anos, de tuberculose da laringe, em Viena. Seu legado literário, destinado ao fogo, foi publicado postumamente.

A TRADUTORA: Viviane de Santana Paulo (São Paulo), poeta, tradutora e ensaísta, é autora dos livros *Depois do canto do gurinhatã* (poesia, 2011), *Estrangeiro de mim* (contos, 2005), *Passeio ao Longo do Reno* (poesia, 2002) e *Em silêncio* (poesia, 2014), escrito em parceria com Floriano Martins. Participou das antologias *Roteiro de Poesia Brasileira - Poetas da década de 2000* (2009) e da *Antologia de poesia brasileira* (2007). Vive em Berlim, na Alemanha. Para a (n.t.) já traduziu Gottfried Benn.

EIN BERICHT FÜR EINE AKADEMIE

“Sie erweisen mir die Ehre, mich aufzufordern, der Akademie einen Bericht über mein äffisches Vorleben einzureichen.”

FRANZ KAFKA

Hohe Herren von der Akademie!

Sie erweisen mir die Ehre, mich aufzufordern, der Akademie einen Bericht über mein äffisches Vorleben einzureichen.

In diesem Sinne kann ich leider der Aufforderung nicht nachkommen. Nahezu fünf Jahre trennen mich vom Affentum, eine Zeit, kurz vielleicht am Kalender gemessen, unendlich lang aber durchzugaloppieren, so wie ich es getan habe, streckenweise begleitet von vortrefflichen Menschen, Ratschlägen, Beifall und Orchestralmusik, aber im Grunde allein, denn alle Begleitung hielt sich, um im Bilde zu bleiben, weit vor der Barriere. Diese Leistung wäre unmöglich gewesen, wenn ich eigensinnig hätte an meinem Ursprung, an den Erinnerungen der Jugend festhalten wollen. Gerade Verzicht auf jeden Eigensinn war das oberste Gebot, das ich mir auferlegt hatte; ich, freier Affe, fügte mich diesem Joch. Dadurch verschlossen sich mir aber ihrerseits die Erinnerungen immer mehr. War mir zuerst die Rückkehr, wenn die Menschen gewollt hätten, freigestellt durch das ganze Tor, das der Himmel über der Erde bildet, wurde es gleichzeitig mit meiner vorwärts gepeitschten Entwicklung immer niedriger und enger; wohler und eingeschlossener fühlte ich mich in der Menschenwelt; der Sturm, der mir aus meiner Vergangenheit nachblies, sänftigte sich; heute ist es nur ein Luftzug, der mir die Fersen kühlt; und das Loch in der Ferne, durch das er kommt und durch das ich einstmals kam, ist so klein geworden, dass ich,

wenn überhaupt die Kräfte und der Wille hinreichen würden, um bis dorthin zurückzulaufen, das Fell vom Leib mir schinden müsste, um durchzukommen. Offen gesprochen, so gerne ich auch Bilder wähle für diese Dinge, offen gesprochen: Ihr Affentum, meine Herren, soferne Sie etwas Derartiges hinter sich haben, kann nicht ferner sein als mir das meine. An der Ferse aber kitzelt es jeden, der hier auf Erden geht: den kleinen Schimpansen wie den großen Achilles.

In eingeschränktestem Sinn aber kann ich doch vielleicht Ihre Anfrage beantworten und ich tue es sogar mit großer Freude. Das erste, was ich lernte, war: den Handschlag geben; Handschlag bezeugt Offenheit; mag nun heute, wo ich auf dem Höhepunkte meiner Laufbahn stehe, zu jenem ersten Handschlag auch das offene Wort hinzukommen. Es wird für die Akademiker nichts wesentlich Neues beibringen und weit hinter dem zurückbleiben, was man von mir verlangt hat und was ich beim besten Willen nicht sagen kann – immerhin, es soll die Richtlinie zeigen, auf welcher ein gewesener Affe in die Menschenwelt eingedrungen ist und sich dort festgesetzt hat. Doch dürfte ich selbst das Geringfügige, was folgt, gewiß nicht sagen, wenn ich meiner nicht völlig sicher wäre und meine Stellung auf allen großen Varietébühnen der zivilisierten Welt sich nicht bis zur Unerschütterlichkeit gefestigt hätte.

Ich stamme von der Goldküste. Darüber, wie ich eingefangen wurde, bin ich auf fremde Berichte angewiesen. Eine Jagdexpedition der Firma Hagenbeck – mit dem Führer habe ich übrigens seither schon manche gute Flasche Rotwein geleert – lag im Ufergebüsch auf dem Anstand, als ich am Abend inmitten eines Rudels zur Tränke lief. Man schoss; ich war der einzige, der getroffen wurde; ich bekam zwei Schüsse.

Einen in die Wange; der war leicht; hinterließ aber eine große ausrasierte rote Narbe, die mir den widerlichen, ganz und gar unzutreffenden, förmlich von einem Affen erfundenen Namen Rotpeter eingetragen hat, so als unterschiede ich mich von dem unlängst krepiereten, hie und da bekannten, dressierten Affentier Peter nur durch den roten Fleck auf der Wange. Dies nebenbei.

Der zweite Schuss traf mich unterhalb der Hüfte. Er war schwer, er hat es verschuldet, dass ich noch heute ein wenig hinke. Letzthin las ich in einem Aufsatz irgendeines der zehntausend Windhunde, die sich in den Zeitung über mich auslassen: meine Affennatur sei noch nicht ganz unterdrückt; beweis dessen sei, dass ich, wenn Besucher kommen, mit Vorliebe die Hosen ausziehe, um die Einlaufstelle jenes Schusses zu zeigen. Denn Kerl sollte

jedes Fingerchen seiner schreibenden Hand einzeln weggeknallt werden. Ich, ich darf meine Hosen ausziehen, vor wem es mir beliebt; man wird dort nichts finden als einen wohlgepflegten Pelz und die Narbe nach einem – wählen wir hier zu einem bestimmten Zwecke ein bestimmtes Wort, das aber nicht missverstanden werden. Alles liegt offen zutage; nichts ist zu verbergen; kommt es auf Wahrheit an, wirft jeder Großgesinnt die allerfeinsten Manieren ab. Würde dagegen jener Schreiber die Hose ausziehen, wenn Besuch kommt, so hätte dies allerdings ein anderes Ansehen und ich will es als Zeichen der Vernunft gelten lassen, dass er es nicht tut. Aber dann mag er mir auch mit seinem Zartsinn vom Halse bleiben!

Nach jenen Schüssen erwachte ich – und hier beginnt allmählich meine eigene Erinnerung – in einem Käfig im Zwischendeck des Hagenbeck'schen Dampfers. Es war kein vierwandiger Gitterkäfig; vielmehr waren nur drei Wände an einer Kiste festgemacht; die Kiste also bildete die vierte Wand. Das Ganze war zu niedrig zu Aufrechtstehen und zu schmal zum Niedersitzen. Ich hockte deshalb mit eingebogenen, ewig zitternden Knien, und zwar, da ich zunächst wahrscheinlich niemanden sehen und immer nur im Dunkel sein wollte, zur Kiste gewendet, während sich mir hinten die Gitterstäbe ins Fleisch einschnitten. Man hält eine solche Verwahrung wilder Tiere in der allerersten Zeit für vorteilhaft, und ich kann heute nach meiner Erfahrung nicht leugnen, dass dies im menschlichen Sinn tatsächlich der Fall ist.

Daran dachte ich aber damals nicht. Ich war zum ersten mal in meinem Leben ohne Ausweg; zumindest geradeaus ging es nicht; geradeaus vor mir war die Kiste, Brett fest an Brett gefügt. Zwar war zwischen den Brettern eine durchlaufende Lücke, die ich, als ich sie zuerst entdeckte, mit dem glückseligen Heulen des Unverstandes begrüßte, aber diese Lücke reichte bei weitem nicht einmal zum Durchstecken des Schwanzes aus und war mit aller Affenkraft nicht zu verbreiten.

Ich soll, wie man mir später sagte, ungewöhnlich wenig Lärm gemacht haben müsse oder dass ich, falls es mir gelingt, die erste kritische Zeit zu überleben, sehr dressurfähig sein werde. Ich überlebte diese Zeit. Dumpfes Schluchzen schmerzhaftes Flöhesuchen, müdes Lecken einer Kokosnuss, Beklopfen der Kistenwand mit dem Schädel, Zungen-Blekken, wenn mir jemand nahekam, - das waren die ersten Beschäftigungen in dem neuen Leben. In alledem aber doch nur das eine Gefühl: kein Ausweg. Ich kann natürlich das damals affenmässige Gefühle heute nur mit Menschenworten nachzeichnen und verzeichne es in folgedessen, aber wenn ich auch die alte

Affenwahrheit nicht mehr erreichen kann, wenigstens in der Richtung meiner Schilderung liegt sie, daran ist kein Zweifel.

Ich hatte doch so viele Ausweg bisher gehabt du nun keinen mehr. Ich war festgerannt. Hätte man mich angenagelt, meine Freizügigkeit wäre dadurch nicht kleiner geworden. Warum das? Kratz dir das Fleisch zwischen den Fußzehen auf, du wirst den Grund nicht finden. Drück dich hinten gegen die Gitterstange, bis sie dich fast zweiteilt, du wirst den Grund nicht finden. Ich hatte keinen Ausweg, musste mir ihn aber verschaffen, denn ohne ihn konnte ich nicht leben. Immer an dieser Kistenwand – ich wäre unweigerliche verreckt. Aber Affen gehören bei Hagenbeck an die Kistenwand – nun, so hörte ich auf, Affe zu sein. Ein klarer, schöner Gedankengang, den ich irgendwie mit dem Bauch ausgeheckt haben muss, denn Affen denken mit dem Bauch.

Ich habe Angst, dass man nicht genau versteht, was ich unter Ausweg verstehe. Ich gebrauche das Wort in seinem gewöhnlichsten und vollsten Sinn. Ich sage absichtlich nicht Freiheit. Ich meine nicht dieses große Gefühl der Freiheit nach allen Seiten. Als Affe kannte ich es vielleicht und ich habe Menschen kennen gelernt, die sich danach sehnen. Was mich aber anlangt, verlangte ich Freiheit weder damals noch heute. Nebenbei: mit Freiheit betrügt man sich unter Menschen allzuoft. Und so wie die Freiheit zu den erhabensten Gefühlen zählt, so auch die entsprechende Täuschung zu den erhabensten. Oft habe ich in den Varietés vor meinem Auftreten irgendein Künstlerpaar oben an der Decke an Trapezen hantieren sehen. Sie schwangen sich, sie schaukelten, sie sprangen, sie schwebten einander in die Arme, einer trug den anderen an den Haaren mit dem Gebiss. „Auch das ist Menschenfreiheit“, dachte ich, „selbstherrliche Bewegung“. Du Verspottung der heiligen Natur! Kein Bau würde standhalten vor dem Gelächter des Affentums bei diesem Anblick.

Nein, Freiheit wollte ich nicht. Nur einen Ausweg; rechts, links, wohin immer; ich stellte keine anderen Forderungen; sollte der Ausweg auch nur eine Täuschung sein; die Forderung war klein, die Täuschung würde nicht größer sein. Weiterkommen, weiterkommen! Nur nicht mit aufgehobenen Armen stillstehen, angedrückt an eine Kistenwand.

Heute sehe ich klar: ohne größte innere Ruhe hätte ich nie entkommen können. Und tatsächlich verdanke ich vielleicht alles, was ich geworden bin, der Ruhe, die mich nach den ersten Tagen dort im Schiff überkam. Die Ruhe wiederum aber verdanke ich wohl den Leuten vom Schiff.

Es sind gute Menschen, trotz allem. Gerne erinnere ich mich noch heute an den Klang ihrer schweren Schritte, der damals in meinem Halbschlaf widerhallte. Sie hatten die Gewohnheit, alles äußerst langsam in Angriff zu nehmen. Wollte sich einer die Augen reiben, so hob er die Hand wie ein Hängegewicht. Ihre Scherze waren grob, aber herzlich. Ihr Lachen war immer mit einem gefährlich klingenden aber nichts bedeutenden Husten gemischt. Immer hatten sie im Mund etwas zum Ausspucken und wohin sie ausspucken war ihnen gleichgültig. Immer klagten sie, dass meine Flöhe auf sie überspringen; aber doch waren sie mir deshalb niemals ernstlich böse; sie wussten eben, dass in meinem Fell Flöhe gedeihen und dass Flöhe Springer sind; damit fanden sie sich ab. Wenn sie dienstfrei waren, setzten sie sich manchmal einige im Halbkreis um mich nieder, sprachen kaum, sondern gurrten einander nur zu; rauchten, auf Kisten ausgestreckt, die Pfeife; schlugen sich aufs Knie, sobald ich die geringste Bewegung machte; und hie und da nahm einer einen Stecken und kitzelt mich dort, wo es mir angenehm war. Sollte ich heute eingeladen werden, eine Fahrt auf diesem Schiffe mitzumachen, ich würde die Einladung gewiss ablehnen, aber ebenso gewiss ist, dass es nicht nur hässliche Erinnerungen sind, denen ich dort im Zwischendeck nachhängen könnte.

Die Ruhe die ich mir im Kreise dieser Leute erwarb, hielt mich vor allem von jedem Fluchtversuch ab. Von heute aus gesehen scheint es mir, als hätte ich zumindest gehnt, dass ich einen Ausweg finden müsse, wenn ich leben wolle, dass dieser Ausweg aber nicht durch Flucht zu erreichen sei. Ich weiß nicht mehr, ob Flucht möglich war, aber ich glaube es; einem Affen sollte Flucht immer möglich sein. Mit meinen heutigen Zähnen muss ich schon beim gewöhnlichen Nüssenknacken vorsichtig sein, damals aber hätte es mir wohl im Lauf der Zeit gelingen müssen, das Türschloss durchzubeißen. Ich tat es nicht. Was wäre damit auch gewonnen gewesen? Man hätte mich, kaum war der Kopf hinausgesteckt, wieder eingefangen und in einen noch schlimmeren Käfig gesperrt; oder ich hätte mich unbemerkt zu anderen Tieren, etwa zu den Riesenschlangen mir gegenüber flüchten können und mich in ihren Umarmungen ausgehaucht; oder es wäre mir gar gelungen, mich bis aufs Deck zu stehlen und über Bord zu springen, dann hätte ich ein Weilchen auf dem Weltmeer geschaukelt und wäre ersoffen. Verzweiflungstaten. Ich rechnete nicht so menschlich, aber unter dem Einfluss meiner Umgebung verhielt ich mich so, wie wenn ich gerechnet hätte.

Ich rechnete nicht, wohl aber beobachtete ich in aller Ruhe. Ich sah diese Menschen auf und ab gehen, immer die gleichen Gesichter, die gleichen

Bewegungen, oft schien es mir, als wäre es nur einer. Dieser Mensch oder diese Menschen gingen also unbehelligt. Ein hohes Ziel dämmerte mir auf. Niemand versprach mir, dass, wenn ich so wie sie werden würde, das Gitter aufgezogen werde. Solche versprechen für scheinbar unmögliche Erfüllungen werden nicht gegeben. Löst man aber die Erfüllungen ein, erscheinen nachträglich auch die Versprechungen genau dort, wo man sie früher vergeblich gesucht hat. Nun war an diesen Menschen an sich nichts, was mich sehr verlockte. Wäre ich ein Anhänger jener erwähnten Freiheit, ich hätte gewiss das Weltmeer dem Ausweg vorgezogen, der sich mir im trüben Blick dieser Menschen zeigte. Jedenfalls aber beobachtete ich sie schon lange vorher, ehe ich an solche Dinge dachte, ja die angehäuften Beobachtungen drängten, mich erst in die bestimmte Richtung.

Es war so leicht, die Leute nachzuahmen. Spucken konnte ich schon in den ersten Tagen. Wir spuckten einander dann gegenseitig ins Gesicht; der Unterschied war nur, dass ich mein Gesicht nachher reinleckte, sie ihres nicht. Die Pfeife rauche ich bald wie ein Alter; drückte ich dann auch noch den Daumen in den Pfeifenkopf, jauchzte das ganze Zwischendeck; nur den Unterschied zwischen der leeren und der gestopften Pfeife verstand ich lange nicht.

De meiste Mühe machte mir die Schnapsflasche. Der Geruch peinigte mich; ich zwang mich mit allen Kräften; aber es vergingen Wochen, ehe ich mich überwand. Diese inneren Kämpfe nahmen die Leute merkwürdigerweise ernster als irgend etwas sonst an mir. Ich unterscheide die Leute auch in meiner Erinnerung nicht, aber da war einer, der kam immer wieder, allein oder mit Kameraden, bei Tag, bei Nacht, zu den verschiedensten Stunden, stellte sich mit der Flasche vor mich hin und gab mir Unterricht. Er begriff mich nicht, er wollte das Rätsel meines seins lösen. Er entkorkte langsam die Flasche und blickte mich dann, um zu prüfen, ob ich verstanden habe; ich gestehe, ich sah ihm immer mit wilder, mit überstürzter Aufmerksamkeit; einen solchen Menschenschüler findet kein Menschenlehrer auf dem ganzen Erdenrund; nachdem die Flasche entkorkt war, hob er sie zum Mund; ich mit meinen Blicken ihm nach bis in die Gurgel; er nickt, zufrieden mit mir, und setzt die Flasche an die Lippen; ich, entzückt von allmählicher Erkenntnis, kratze mich quietschend der Länge und Breite nach, wo es sich trifft; er freut sich, setzt die Flasche an und macht einen Schluck; ich, ungeduldig und verzweifelt, ihm nachzueifern, verunreinigen mich in meinem Käfig, was wieder ihm große Genugtuung machte; und nun weit die Flasche von sich streckend und im Schwung sie wieder hinaufführend, trinkt er sie, übertrieben lehrhaft zurückbeugt, mit

einem Zuge leer. Ich, ermattet von allzugroßem Verlangen, kann nicht mehr folgen und hänge schwach am Gitter, während er den theoretischen Unterricht damit beendet, dass er sich den Bauch streicht und grinst.

Nun erst beginnt die praktische Übung. Bin ich nicht schon allzu erschöpft durch das Theoretische? Wohl, allzu erschöpft. Das gehört zu meinem Schicksal. Trotzdem greife ich, so gut ich kann, nach der hingereichten Flasche; entkorke sie zitternd; mit dem Gelingen stellen sich allmählich neuen Kräfte ein; ich hebe die Flasche, vom Original schon kaum zu unterscheiden, setze sie an und – und werfe sie mit Abscheu, mit Abscheu, trotzdem sie leer ist und nur noch der Geruch sie füllt, werfe sie mit Abscheu auf den Boden. Zur Trauer meines Lehrers, zur größeren Trauer meiner selbst; weder ihn, noch mich versöhne ich dadurch, dass ich auch nach dem Wegwerfen der Flasche nicht vergesse, ausgezeichnet meinen Bauch zu streichen und dabei zu grinsen.

Allzuoft nur verlief so der Unterricht. Und zur Ehre meines Lehrers; er war mir nicht böse; wohl hielt er mir manchmal die brennende Pfeife ans Fell, bis es irgendwo, wo ich nur schwer hinreichte, zu glimmen anfing, aber dann löschte er es selbst wieder mit seiner riesigen guten Hand; er war mir nicht böse, er sah ein, dass wir auf der gleichen Seite gegen die Affennatur kämpften und dass ich den schwereren Teil hatte.

Was für ein Sieg dann allerdings für ihn wie für mich, als ich eines Abends vor großem Zuschauerkreis – vielleicht war ein Fest, ein Grammophon spielte, ein Offizier erging sich zwischen den Leuten – als ich an diesem Abend, gerade unbeachtet, eine vor meinem Käfig versehentlich stehen gelassene Schnapsflasche ergriff, unter steigender Aufmerksamkeit der Gesellschaft sie schulgerecht entkorke, an den Mund setzte und ohne Zögern, ohne Mundverziehen, als Trinker von Fach, mit rund gewälzten Augen, schwappender Kehle, wirklich und wahrhaftig leer trank; nicht mehr als Verzweifelter, sondern als Künstler die Flasche hinwarf; zwar vergaß den Bauch zu streichen; dafür aber, weil ich nicht anders konnte, weil es mich drängte, weil mir die Sinne rauschten, kurz und gut „Hallo!“ ausrief, in Menschenlaut ausbrach, mit diesem Ruf in die Menschengemeinschaft sprang und ihr Echo: „Hört nur, er spricht!“ wie einen Kuss auf meinem ganzen schweißtriefenden Körper fühlte.

Ich wiederhole: es verlockte mich nicht, die Menschen nachzuahmen; ich ahmte nach, weil ich einen Ausweg suchte, aus keinem anderen Grund. Auch war mit jenem Sieg noch wenig getan. Die Stimme versagte mir sofort wieder; stellte sich erst nach Monaten ein; der Widerwille gegen die

Schnapsflasche kam sogar noch verstärkter. Aber meine Richtung allerdings war mir ein für allemal gegeben.

Als ich in Hamburg dem ersten Dresseur übergeben wurde, erkannte ich bald die zwei Möglichkeiten, die mir offen standen: Zoologischer Garten oder Varieté. Ich zögerte nicht. Ich sagte mir: setze alle Kraft an, um ins Varieté zu kommen, das ist der Ausweg; Zoologischer Garten ist nur ein neuer Gitterkäfig; kommst du in ihn, bist du verloren.

Und ich lernte, meine Herren. Ach, man lernt, wenn man muss; man lernt, wenn man einen Ausweg will; man lernt rücksichtslos. Man beaufsichtigt sich selbst mit der Peitsche; man zerfleischt sich beim geringsten Widerstand. Die Affennatur raste, sich überkugeln, aus mir hinaus und weg, so dass mein erster Lehrer selbst davon fast äffisch wurde, bald den Unterricht aufgeben und in eine Heilanstalt gebracht werden musste. Glücklicherweise kam er wieder bald hervor.

Aber ich verbrachte viele Lehrer, ja sogar einige Lehrer gleichzeitig. Als ich meiner Fähigkeiten schon sicherer geworden war, die Öffentlichkeit meinen Fortschritten folgte, meine Zukunft zu leuchten begann, nahm ich selbst Lehrer auf, ließ sie in fünf aufeinanderfolgenden Zimmer niedersetzen und lernte bei allen zugleich, indem ich ununterbrochen aus einem Zimmer ins andere sprang.

Diese Fortschritte! Dieses Eindringen der Wissensstrahlen von allen Seiten ins erwachende Hirn! Ich leugne nicht: es beglückte mich. Ich gestehe aber auch ein: ich überschätzte es Anstrengung, die sich bisher auf der Erde nicht wiederholt hat, habe ich die Durchschnittsbildung eines Europäer erreicht. Das wäre an sich vielleicht gar nichts, ist aber insofern doch etwas, als es mir aus dem Käfig half und mir diesen besonderen Ausweg, diesen Menschenausweg verschaffte. Es gibt eine ausgezeichnete deutsche Redensart: *sich in die Büsche schlagen*; das habe ich getan, ich habe mich in die Büsche geschlagen. Ich hatte keinen anderen Weg, immer vorausgesetzt, dass nicht die Freiheit zu wählen war.

Überblicke ich meine Entwicklung und ihr bisheriges Ziel, so klage ich weder, noch bin ich zufrieden. Die Hände in den Hosentaschen, die Weinflasche auf dem Tisch, liege ich halb, halb sitze ich im Schaukelstuhl und schaue aus dem Fenster. Kommt Besuch, empfangen ihn, wie es sich gebührt. Mein Impresario sitzt im Vorzimmer; läute ich, kommt er und hört, was ich zu sagen habe. Am Abend ist fast immer Vorstellung, und ich habe wohl kaum mehr zu steigernde Erfolge. Komme ich spät nachts von Banketten, aus wissenschaftlichen Gesellschaften, aus gemütlichem

Beisammensein nach Hause, erwartet mich eine kleine halbdressierte Schimpansin und ich lasse es mir nach Affenart bei ihr wohlgehen. Bei Tag will ich sie nicht sehen, sie hat nämlich den Irrsinn des verwirrten dressierten Tieres im Blick; das erkenne nur ich und ich kann es nicht ertragen.

Im Ganzen habe ich jedenfalls erreicht, was ich erreichen wollte. Man sage nicht, es wäre der Mühe nicht wert gewesen. Im übrigen will ich keines Menschen Urteil, ich will nur Kenntnisse verbreiten, ich berichte nur, auch Ihnen, hohe Herren von der Akademie, habe ich nur berichtet.



UM RELATÓRIO PARA UMA ACADEMIA

“Vossas Senhorias me concedem a honra convidando-me a apresentar um relatório sobre a minha precedente vida de macaco.”

FRANZ KAFKA

Excelentíssimos Senhores da Academia!

Vossas Senhorias me concedem a honra convidando-me a apresentar à Academia um relatório sobre a minha precedente vida de macaco.

Neste sentido, infelizmente não posso atender ao convite. São aproximadamente cinco anos que me separam da minha natureza de macaco, um tempo talvez irrisório no calendário, mas infinitamente longo para se ultrapassar assim, como eu fiz algumas vezes, acompanhado de pessoas admiráveis, de conselhos, aplausos e música orquestrada, porém, no fundo, solitário. Pois toda companhia, para permanecer em cena, manteve-se distante da grade. Este esforço teria sido impossível se eu tivesse insistido em querer me fixar na minha natureza de símio e nas lembranças da minha juventude. Justamente a abnegação a qualquer vontade própria foi o maior mandamento que eu me impus. Eu, macaco livre, submeti-me a este jugo. Por esse motivo, as lembranças por sua vez se distanciaram de mim. Se a princípio o regresso me fosse permitido, caso os humanos tivessem desejado, o regresso por todo o portal que o céu forma sobre a terra, este portal diminuiu e estreitou-se cada vez mais com o meu progresso à base de chicotadas. Melhor e mais seguro eu me sentia no mundo dos humanos. O vendaval que soprou advindo do meu passado abrandou-se. Hoje é apenas uma corrente de ar que me refresca os calcanhares. E a brecha distante, de onde ele germina e através da qual eu vim um dia, ficou tão pequena que

mesmo se a força e a vontade fossem o suficiente para voltar até lá eu precisaria esfolar a pele do meu corpo para poder passar. Do jeito que gosto de encontrar metáforas, falando francamente: vossa vida de macaco, meus senhores, no caso de Vossas Senhorias já terem passado por algo semelhante, não pode estar mais distante do que a minha. Mas comicha no calcanhar de qualquer um que anda pela terra, tanto nos calcanhares dos pequenos chimpanzés como nos dos grandes Aquiles.

Entretanto, num sentido restrito, talvez eu possa responder à indagação dos senhores e o faço até mesmo com o maior prazer. A primeira coisa que aprendi, foi dar aperto de mão, – o aperto de mão é uma demonstração de franqueza. Poderia ser que atualmente, por eu estar no auge da minha carreira, pudesse acrescentar àquele aperto de mão uma palavra franca. Para a Academia isso nada representa de essencialmente novo e é pouco em comparação àquilo que exigiram de mim, sobre o qual, mesmo com as melhores das intenções, não consigo falar aqui. Em todo caso, auxilia a figurar a linha de conduta, pelo qual um ex-macaco ingressou no mundo humano e nele se estabeleceu. Mas eu não deveria expor nem mesmo o irrelevante fato a seguir, se eu não tivesse plena certeza e a minha posição não tivesse se consolidado inabalavelmente em todos os grandes palcos de circo do mundo civilizado:

Sou natural da Costa do Ouro. A maneira pela qual fui capturado fica por conta de relatos de terceiros. Uma expedição de caça da firma Hagenbeck – a propósito, desde então já esvaziei algumas boas garrafas de vinho tinto com o chefe da firma –, mantinha-se à espreita nos arbustos da margem do rio, quando certa noite corri com o bando para beber água. Atiraram, eu fui o único atingido, levei dois tiros.

Um na bochecha, este foi leve, mas deixou uma grande cicatriz vermelha imberbe e por isso me deram o nome horrível e nada apropriado que inventaram para um macaco, Pedro Vermelho, como se eu me diferenciasse apenas pela mancha vermelha na bochecha do macaco Pedro, um macaco amestrado, conhecido aqui e ali, e há muito tempo nas últimas. Digo isso de passagem.

O segundo tiro me atingiu abaixo do quadril, este foi grave, ele é culpado de eu ainda hoje mancar um pouco do lado esquerdo. Recentemente, li em um artigo de algum dos dez mil cabeças de vento que debocham de mim no jornal, que eu ainda não tinha reprimido todas as minhas características de símio, prova disso era que abaixo a calça para mostrar o lugar que a bala atingiu, quando recebo visitas. Deveriam atirar em cada dedinho da mão

direita de quem escreveu isso. Eu, eu posso abaixar minha calça para quem eu quiser, ninguém encontrará nada além de pelos bem cuidados e a cicatriz de um... (vamos assim escolher para um determinado significado, uma determinada palavra, mas que não seja mal entendida), ...a cicatriz de um tiro leve. Hoje em dia tudo é revelado, nada fica omisso, no tangente à verdade, qualquer pessoa bem intencionada abre mão da mais refinada etiqueta. Se por outro lado, um jornalista abaixasse a calça quando recebesse visita, seria outra coisa, e espero que seja um sinal de sensatez o fato de ele não fazer isso. Mas então, ele que me deixe em paz com a sua falsa noção de sensibilidade!

Depois destes tiros, despertei – e aqui se iniciam gradualmente as minhas próprias lembranças, despertei em uma jaula no compartimento do vapor Hagenbeck. Não era uma jaula quadrada, era como três paredes apoiadas e presas a um caixote. O caixote formava a quarta parede. A construção toda era muito baixa para se ficar em pé e muito estreita para se ficar sentado. Por isso eu me movimentava agachado, com os joelhos sempre trêmulos e é verdade que eu me virava para o lado do caixote, visto que no começo, provavelmente, eu não queria ver ninguém e desejava ficar somente no escuro, enquanto atrás de mim as grades me feriam a carne. As pessoas acreditam haver vantagem nestes atos de protesto de um animal selvagem nos primórdios de seu cárcere e hoje não posso negar que, segundo minha experiência, no sentido humano, é realmente o caso.

Porém, naquela época eu não pensava assim. Pela primeira vez na minha vida eu estava sem saída, pelo menos seguir em frente não era possível, na minha frente estava o caixote, tábua por tábua presa uma a outra. Na verdade existia uma fresta entre as tábuas, que ao descobrir chorei de alegria e incompreensão. Mas a fresta não era o suficiente nem mesmo para eu enfiar o rabo e por mais que eu usasse toda a força de um macaco, não era possível aumentá-la.

Conforme me contaram mais tarde eu devo ter feito pouco barulho, estranhamente, de onde tiraram a conclusão que, ou eu morreria logo ou que, se sobrevivesse aos primeiros momentos críticos, seria bastante fácil de ser adestrado. Sobrevivi a estes momentos críticos: soluços abafados, dolorosa captação de pulgas, lambidas desanimadas num coco, batidas com a cabeça na parede do caixote, mostrar a língua quando alguém se aproximava – estas foram minhas primeiras ocupações na nova vida, mas em tudo isso eu possuía apenas um sentimento: não havia saída. Naturalmente que hoje só posso retratar meus verdadeiros sentimentos de símio daquela época com palavras humanas e registro, por conseguinte, mesmo que eu também não consiga

mais alcançar a antiga verdade de se ser macaco, pelo menos ela reside no sentido do que aqui relato, nisto não há dúvida.

Eu tivera diversas saídas até então e encontrava-me agora sem nenhuma! Eu estava preso. Se tivessem me pregado, a pregos e marteladas, minha liberdade não seria menor. Por que isso? A pele entre os dedos dos pés formiga e tu não encontras a razão. A grade da jaula pode te pressionar até quase te dividir ao meio e tu não encontras a razão. Eu não tinha nenhuma saída, porém precisava encontrar uma, pois sem ela eu não poderia viver. Se eu permanecesse eternamente nesta parede do caixote eu teria definhado. Entretanto, para Hagenbeck lugar de macaco é esmagado à parede do caixote, então parei simplesmente de ser macaco – um claro e belo pensamento, que de alguma maneira precisei ter tramado com a barriga, pois macacos pensam com a barriga.

Receio que não entendam exatamente o que quero dizer com saída. Emprego a palavra no seu mais usual e pleno significado, não digo liberdade propositalmente, não me refiro a esse supremo sentimento de liberdade em todos os sentidos. Como macaco eu talvez o tenha conhecido e conheci seres humanos que anseiam por ele. Mas no que me concerne, eu não almejei liberdade nem naquela época, muito menos hoje. Além do mais, com a liberdade as pessoas frequentemente se ludibriam umas as outras. E assim como a liberdade está incluída entre os mais sublimes dos sentimentos, assim também é a correspondente decepção. Muitas vezes nos circos vi alguns pares de artistas manejarem o trapézio, antes da minha entrada em cena. Balançavam, giravam, saltavam, flutuavam um nos braços do outro, com a boca segurando o outro pelos cabelos. “Isto também é liberdade humana”, pensei, “movimento soberano”. Eu, o escárnio da bendita Natureza! Nenhuma construção ficaria em pé sob o efeito da piada que é ser macaco neste instante.

Não, liberdade eu não queria, queria somente uma saída, à direita, à esquerda, a qualquer lugar que fosse, eu não fazia nenhuma outra exigência. Sendo a saída apenas uma ilusão, então era uma simples exigência e o engano não seria maior. Seguir em frente, seguir em frente, não permanecer somente estagnado, quieto, com os braços erguidos, pressionados nas grades de uma jaula.

Hoje vejo claramente: sem a máxima tranquilidade interior eu não teria conseguido escapar e realmente agradeço tudo isso que me tornei à serenidade que me dominou logo nos primeiros dias no navio. Contudo, para adquirir esta serenidade agradeço, por sua vez, aos tripulantes da embarcação.

Apesar de tudo são homens bons. Lembro-me com prazer ainda hoje do ruído dos seus pesados passos que naquela época me despertava do cochilo. Tinham a mania de fazer tudo com uma morosidade extrema, se um quisesse esfregar o olho, erguia a mão como um peso pesado, suas piadas eram estúpidas, mas amáveis, suas risadas eram sempre acompanhadas de uma tosinha que soava ameaçadora, mas sem importância. Sempre mantinham na boca algo para mastigar e tanto fazia para aonde cuspissem. Reclamavam que minhas pulgas passavam para eles, mas por esta razão nunca foram seriamente ruins comigo. Sabiam que as pulgas se proliferavam nos meus pelos e que pulgas pulam. Acabaram não se importando mais com isso. Nas horas de folga se sentavam algumas vezes em meia roda diante de mim, quase não falavam, apenas grunhiam uns para os outros, fumavam o cachimbo, esticados em cima dos caixotes, batiam no joelho do outro assim que eu fizesse o mínimo movimento e, vez ou outra, alguém pegava um pedaço de pau e coçava-me nas partes que eu mais gostava. Se hoje eu fosse convidado para uma viagem nesta embarcação, certamente eu recusaria o convite, porém é certo também que não se tratam apenas de lembranças desagradáveis que eu tenho do navio.

A tranquilidade que ganhei no meio dessas pessoas me impedia, sobretudo, de qualquer tentativa de fuga. Analisando do ponto de vista de hoje me parece que é como se eu tivesse previsto que precisaria criar uma saída se eu quisesse viver, mas que esta saída não seria alcançada através de uma fuga. Já não sei mais se escapar era possível, mas acredito que para um macaco safar-se deveria ser sempre possível. Com os meus dentes de hoje preciso tomar cuidado até mesmo com as nozes que costumo quebrar. Naquela época, com o passar do tempo, eu teria conseguido mastigar a tranca da porta. Não o fiz. Também o que eu teria ganhado com isso? Eles teriam me recapturado mal eu tivesse colocado a cabeça para fora, e teriam me trancafiado em uma jaula pior ainda. Ou eu teria que sorrateiramente buscar refúgio na jaula de outro animal, por exemplo, da enorme cobra na minha frente e ser espremido no seu abraço. Ou então teria sido possível sair furtivamente pelo teto e pular a estibordo, em seguida eu ficaria boiando um instantezinho sobre o oceano e depois me afogaria. Atos desesperados. Eu não calculava assim humanamente, mas sob a influência do meu ambiente me comportei como se tivesse calculado.

Eu não calculava assim, mas observava com toda calma. Via os homens indo e voltando, sempre as mesmas caras, os mesmos movimentos, com frequência eu pensava se tratar de apenas uma pessoa. O homem ou estes homens circulavam imperturbáveis. E uma grandiosa meta começou a nascer

em mim. Ninguém me prometera que se eu me tornasse como eles a jaula seria aberta. Não se faz promessas quando a realização aparenta ser impossível. Mas cumprindo-se a realização a promessa surgiria subsequente justamente ali, onde inutilmente fora ansiada. Bom, não havia nada de mais nestes seres humanos que muito me atraísse. Se eu fosse um partidário da citada liberdade, sem dúvida teria preferido o mundo do oceano à saída que estes homens me indicavam com o olhar turvo. Em todo caso comecei a observá-los muito antes de ter cogitado estas ideias e as observações acumuladas, só neste instante, impeliram-me a esta determinada direção.

Foi fácil imitar os seres humanos. Cuspir eu sabia logo nos primeiros dias. Cuspíamos um na cara do outro. A diferença era que depois eu lambia a minha cara, eles não. Logo consegui fumar o cachimbo como um velho e eu também pressionava o dedo na boca do cachimbo. O compartimento inteiro jubilou. Somente a diferença de um cachimbo vazio e um cheio demorei a entender.

O maior esforço me custou a garrafa de água ardente. O cheiro me atormentava, com todas as minhas forças eu me obriguei, mas se passaram semanas até eu conseguir me superar. Esta luta interior, curiosamente, os homens levaram mais a sério do que qualquer outra coisa a meu respeito. Na minha memória eu não diferenciava os seres humanos, contudo havia um que sempre se aproximava, sozinho ou com os camaradas, de dia ou de noite, nos horários mais diversos, se colocava diante de mim com a garrafa e lecionava-me. Ele não me compreendia, queria decifrar o enigma do meu ser. Devagar ele abria a garrafa e em seguida me fitava, para averiguar se eu havia entendido. Confesso, eu o observava com selvagem e precipitada atenção. Semelhante aluno tão humano, nunca nenhum humano professor jamais encontrou em toda a redondeza da Terra. Depois de aberta a garrafa ele a erguia à boca. Eu o acompanhava com o meu olhar no gargalo. Ele balançava a cabeça satisfeito comigo e aproximava a garrafa dos lábios. Eu, encantado com o gradual conhecimento, coçava-me grunhindo, onde podia coçar, de alto a baixo. Ele se alegrava, levava a garrafa à boca e bebia um trago. Eu, impaciente e desesperado para imitá-lo, sujava-me na jaula, o que de novo lhe proporcionava grande satisfação. E agora segurando a garrafa distante dele, voltou a erguê-la à boca, em um ímpeto, e bebeu-a curvado de forma exagerada, pedagógica, virou tudo de uma vez. Eu, extenuado com tamanha ansiedade, não podia mais suportar, enfraquecido me apoiei na grade enquanto ele terminava a parte teórica da aula acariciando a barriga e sorrindo.

Era a hora de começar a aula prática. Eu não estava totalmente esgotado pela aula teórica? Sim, totalmente esgotado. Faz parte do meu destino. Contudo, estico o braço como posso para agarrar a garrafa, abro-a trêmulo, com o bem sucedido novas forças se apoderam de mim lentamente, ergo a garrafa quase não a diferenciando da original, levo-a à boca e – e atiro-a com aversão, com aversão, mesmo estando vazia e cheia apenas do cheiro torpe, atiro-a com asco ao chão. Para a tristeza do meu professor e para a minha grande tristeza. Nem ele, nem eu nos reconciliamos mesmo em razão do fato de eu também, após ter atirado a garrafa, não ter me esquecido de passar a mão na barriga escancarando a boca em um sorriso.

Com frequência era desta maneira que a aula transcorria. E para a honra do meu professor, ele não ficava mais bravo comigo, se bem que, vire e mexe, ele segurava o charuto aceso no meu pelo até começar a arder justo na parte que eu não alcançava. Mas então ele mesmo apagava com a sua mão grande e boa. Ele não ficava bravo comigo, reconhecia que nós dois lutávamos do mesmo lado contra a natureza de ser macaco e que eu possuía a tarefa mais difícil.

Mas foi uma grande vitória tanto para ele quanto para mim quando em uma noite, diante de um grande público – era uma festa talvez, a vitrola tocava, um oficial circulava entre os convidados, quando eu nesta noite peguei despercebido uma garrafa de aguardente deixada em frente a minha jaula, displicentemente, e sob a atenção cada vez maior dos presentes, desarmolhei-a como fui instruído, levei-a à boca e sem vacilar, sem careta, como um bebedor especialista, com os olhos redondos revirados, os movimentos ondulantes da garganta, esvaziei-a de verdade e de fato. Em seguida atirei-a ao chão não mais como um desesperado, mas como um artista. E é verdade que me esqueci de passar a mão na barriga, mas em vez disso, não sendo capaz de outra coisa, porque me urgia, porque me inebriavam os sentidos, exclamei um “oi” direto e reto, com voz humana. Uma frase se sobressaiu no meio dos convidados, deixando o rastro de um eco: *escutem, ele fala!* E foi como um beijo em todo o meu corpo coberto de pérolas de suor.

Repito: nada me atrai a imitar os humanos, imitava porque procurava uma saída e por nenhuma outra razão. Também ainda não havia nada de importante naquela vitória. A voz sumiu imediatamente, foi reaparecer depois de meses. A aversão à garrafa de aguardente se intensificou. Entretanto, o meu destino estava agora certamente traçado, de uma vez por todas.

Em Hamburgo, quando me entregaram para o primeiro adestramento, logo reconheci ambas as possibilidades que me deixaram em aberto: zoo-

lógico ou circo. Não vacilei. Pensei: faça tudo o possível para trabalhar no circo, esta é a saída. O zoológico somente seria mais uma prisão. Se você for para o zoológico estará perdido.

E eu aprendi, excelentíssimos senhores. Ah, como se aprende quando se precisa, quando se quer uma saída, aprende-se de qualquer maneira. A pessoa fiscaliza a si própria com o chicote, com a mínima resistência a pessoa se dilacera. A natureza de ser macaco foi expelida de mim, extraída do meu interior e para desaparecer, tanto que o meu primeiro adestrador, ele mesmo quase se tornou um macaco, quase desistiu de ministrar as aulas e foi parar em um hospício. Felizmente logo voltou ao normal.

Mas eu necessitei de diversos adestradores, até mesmo mais de um simultaneamente. Quando me tornei seguro de minha capacidade, orientado pelo sucesso dos meus progressos, meu futuro começou a se iluminar. Eu mesmo contratava os adestradores, colocava-os em cinco quartos consecutivos e aprendia com todos ao mesmo tempo, enquanto entrava e saía dos quartos seguidamente.

Que progresso! Que radiação de sabedoria refletida por todos os lados, no cérebro ativado! Não nego que isso me faz feliz. Mas também confesso: não subestimo tal progresso, já naquela época não subestimava, muito menos hoje. Por meio de um esforço que até agora não foi repetido na face da terra consegui atingir o nível mediano de um europeu comum. Isto pode não ser nada, mas neste caso, ajudou-me a sair da prisão e proporcionou-me esta saída especial, esta saída humana. Existe uma excelente expressão idiomática alemã que diz: *sich in die Büsche schlagen*¹, “cair fora”, foi o que eu fiz, *caí fora*. Eu não tinha nenhuma outra possibilidade sob a condição de que a liberdade não poderia ser a escolha.

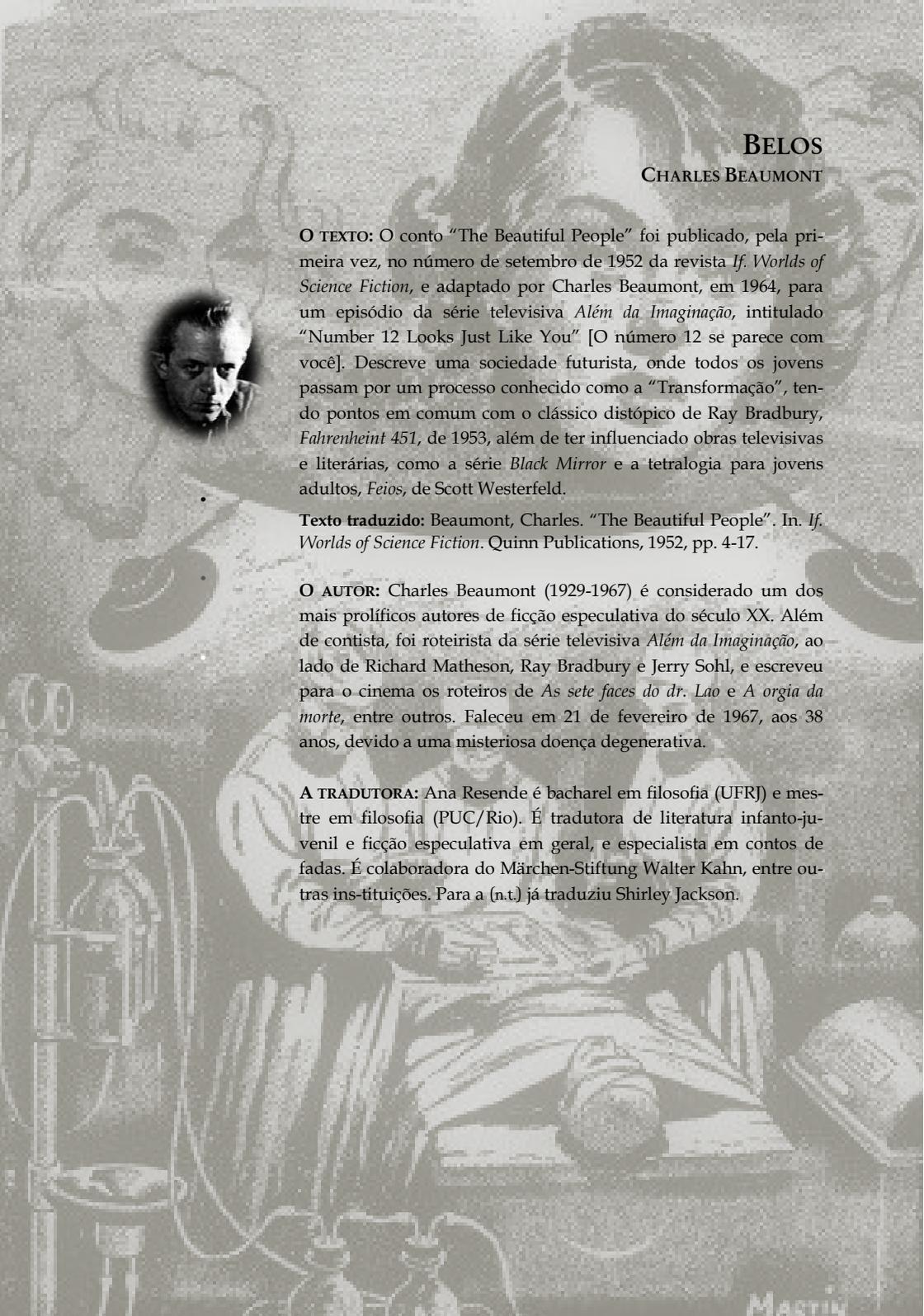
Analisando o meu desenvolvimento e a meta até aqui, não reclamo nem estou satisfeito. Com as mãos nos bolsos, a garrafa de vinho sobre a mesa, encontro-me meio deitado na cadeira de balanço, mirando o exterior da janela. Quando chega visita recebo-a como convém. Meu empresário está na sala ao lado. Chamando-o ele vem e ouve o que tenho a dizer. Quase sempre há apresentação à noite e eu não tenho como fazer maior sucesso. Quando eu chego tarde dos banquetes de sociedades científicas, de aconchegantes reuniões familiares, uma pequena semiadestrada chimpanzé me espera e eu me entrego ao bem-estar na arte dos macacos. De dia não desejo vê-la, ela

¹ *Sich in die Büsche schlagen* (*Busch*, substantivo no singular significa moita, arbusto. *Schlagen*, significa bater, golpear, derrotar), fugir às pressas, desaparecer, cair fora. (n.t.)

tem no olhar a loucura dos animais adestrados e desorientados, isto só eu reconheço e não consigo suportar.

Em todo caso, no geral, consegui o que eu queria, não se pode dizer que não valeu o esforço. Além do mais, não desejo qualquer julgamento humano, só desejo transmitir conhecimentos, apenas relatei, também a Vossas Senhorias, excelentíssimos senhores da Academia, fiz apenas um relato.





BELOS

CHARLES BEAUMONT



O TEXTO: O conto “The Beautiful People” foi publicado, pela primeira vez, no número de setembro de 1952 da revista *If. Worlds of Science Fiction*, e adaptado por Charles Beaumont, em 1964, para um episódio da série televisiva *Além da Imaginação*, intitulado “Number 12 Looks Just Like You” [O número 12 se parece com você]. Descreve uma sociedade futurista, onde todos os jovens passam por um processo conhecido como a “Transformação”, tendo pontos em comum com o clássico distópico de Ray Bradbury, *Fahrenheit 451*, de 1953, além de ter influenciado obras televisivas e literárias, como a série *Black Mirror* e a tetralogia para jovens adultos, *Feios*, de Scott Westerfeld.

Texto traduzido: Beaumont, Charles. “The Beautiful People”. In. *If. Worlds of Science Fiction*. Quinn Publications, 1952, pp. 4-17.

O AUTOR: Charles Beaumont (1929-1967) é considerado um dos mais prolíficos autores de ficção especulativa do século XX. Além de contista, foi roteirista da série televisiva *Além da Imaginação*, ao lado de Richard Matheson, Ray Bradbury e Jerry Sohl, e escreveu para o cinema os roteiros de *As sete faces do dr. Lao* e *A orgia da morte*, entre outros. Faleceu em 21 de fevereiro de 1967, aos 38 anos, devido a uma misteriosa doença degenerativa.

A TRADUTORA: Ana Resende é bacharel em filosofia (UFRJ) e mestre em filosofia (PUC/Rio). É tradutora de literatura infanto-juvenil e ficção especulativa em geral, e especialista em contos de fadas. É colaboradora do Märchen-Stiftung Walter Kahn, entre outras instituições. Para a (n.t.) já traduziu Shirley Jackson.

THE BEAUTIFUL PEOPLE

*"It's – hard to explain, but it's me and that's what I like.
Not the looks, maybe, but the me."*

CHARLES BEAUMONT

Mary sat quietly and watched the handsome man's legs blown off; watched further as the great ship began to crumple and break into small pieces in the middle of the blazing night. She fidgeted slightly as the men and the parts of the men came floating dreamily through the wreckage out into the awful silence. And when the meteorite shower came upon the men, gouging holes through everything, tearing flesh and ripping bones, Mary closed her eyes.

"Mother."

Mrs. Cuberle glanced up from her magazine.

"Hmm?"

"Do we have to wait much longer?"

"I don't think so. Why?"

Mary said nothing but looked at the moving wall.

"Oh, that." Mrs. Cuberle laughed and shook her head. "That tired old thing. Read a magazine, Mary, like I'm doing. We've all seen *that* a million times."

"Does it have to be on, Mother?"

"Well, nobody seems to be watching. I don't think the doctor would mind if I switched it off."

Mrs. Cuberle rose from the couch and walked to the wall. She depressed a little button and the life went from the wall, flickering and glowing.

Mary opened her eyes.

"Honestly," Mrs. Cuberle said to a woman sitting beside her, "you'd think they'd try to get something else. We might as well go to the museum and watch the first landing on Mars. The Mayoraka Disaster – really!"

The woman replied without distracting her eyes from the magazine page.

"It's the doctor's idea. Psychological."

Mrs. Cuberle opened her mouth and moved her head up and down knowingly.

"Ohhh. I should have known there was *some* reason. Still, who watches it?"

"The children do. Makes them think, makes them grateful or something."

"Ohhh."

"Psychological."

Mary picked up a magazine and leafed through the pages. All photographs, of women and men. Women like Mother and like the others in the room; slender, tanned, shapely, beautiful women; and men with large muscles and shiny hair. Women and men, all looking alike, all perfect and beautiful. She folded the magazine and wondered how to answer the

questions that would be asked.

"Mother –"

"Gracious, what is it now! Can't you sit still for a minute?"

"But we've been here three hours."

Mrs. Cuberle sniffed.

"Do – do I really have to?"

"Now don't be silly, Mary. After those terrible things you told me, of *course* you do."

An olive-skinned woman in a transparent white uniform came into the reception room.

"Cuberle. Mrs. Zena Cuberle?"

"Yes."

"Doctor will see you now."

Mrs. Cuberle took Mary's hand and they walked behind the nurse down a long corridor.

A man who seemed in his middle twenties looked up from a desk. He smiled and gestured toward two adjoining chairs.

"Well – well."

"Doctor Hortel, I –"

The doctor snapped his fingers.

"Of course, I know. Your daughter. Ha ha, I certainly do know your trouble. Get so many of them nowadays – takes up most of my time."

"You do?" asked Mrs. Cuberle. "Frankly, it had begun to upset me."

"Upset? Hmm. Not good. Not good at all. Ah, but then – if people did not get upset, we psychiatrists would be out of a job, eh? Go the way of the early M. D. But, I assure you, I need hear no more." He turned his handsome face to Mary. "Little girl, how old are you?"

"Eighteen, sir."

"Oh, a real bit of impatience. It's just about time, of course. What might your name be?"

"Mary."

"Charming! And so unusual. Well now, Mary, may I say that I understand your problem – understand it thoroughly?"

Mrs. Cuberle smiled and smoothed the sequins on her blouse.

"Madam, you have no idea how many there are these days. Sometimes it preys on their minds so that it affects them physically, even mentally. Makes them act strange, say peculiar, unexpected things. One little girl I recall was so distraught she did nothing but brood all day long. Can you imagine!"

"That's what Mary does. When she finally told me, doctor, I thought she had gone – *you* know."

"That bad, eh? Afraid we'll have to start a re-education program, very soon, or they'll all be like this. I believe I'll suggest it to the senator day after tomorrow."

"I don't quite understand, doctor."

"Simply, Mrs. Cuberle, that the children have got to be thoroughly instructed. Thoroughly. Too much is taken for granted and childish minds

somehow refuse to accept things without definite reason. Children have become far too intellectual, which, as I trust I needn't remind you, is a dangerous thing."

"Yes, but what has this to do with —"

"With Mary? Everything, of course. Mary, like half the sixteen, seventeen and eighteen year olds today, has begun to feel acutely self-conscious. She feels that her body has developed sufficiently for the Transformation — which of course it has not, not quite yet — and she cannot understand the complex reasons that compel her to wait until some future date. Mary looks at you, at the women all about her, at the pictures, and then she looks into a mirror. From pure perfection of body, face, limbs, pigmentation, carriage, stance, from simon-pure perfection, if I may be allowed the expression, she sees herself and is horrified. Isn't that so, my dear child? Of course — of course. She asks herself, why must I be hideous, unbalanced, oversize, undersize, full of revolting skin eruptions, badly schemed organically? In short, Mary is tired of being a monster and is overly anxious to achieve what almost everyone else has already achieved."

"But —" said Mrs. Cuberle.

"This much you understand, doubtless. Now, Mary, what you object to is that our society offers you, and the others like you, no convincing logic on the side of waiting until age nineteen. It is all taken for granted, and you want to know why! It is that simple. A non-technical explanation will not suffice — mercy no! The modern child wants facts, solid technical data, to satisfy her every question. And that, as you can both see, will take a good deal of reorganizing."

"But —" said Mary.

"The child is upset, nervous, tense; she acts strange, peculiar, odd, worries you and makes herself ill because it is beyond our meagre powers to put it across. I tell you, what we need is a whole new basis for learning. And, that will take doing. It will take *doing*, Mrs. Cuberle. Now, don't you worry about Mary, and don't you worry, child. I'll prescribe some pills and —"

"No, no, doctor! You're all mixed up," cried Mrs. Cuberle.

"I beg your pardon, Madam?"

"What I mean is, you've got it wrong. Tell him, Mary, tell the doctor what you told me."

Mary shifted uneasily in the chair.

"It's that – I don't want it."

The doctor's well-proportioned jaw dropped.

"Would you please repeat that?"

"I said, I don't want the Transformation."

"D-Don't want it?"

"You see? She told me. That's why I came to you."

The doctor looked at Mary suspiciously.

"But that's impossible! I have never heard of such a thing. Little girl, you are playing a joke!"

Mary nodded negatively.

"See, doctor. What can it be?" Mrs. Cuberle rose and began to pace.

The doctor clucked his tongue and took from a small cupboard a black box covered with buttons and dials and wire.

"Oh no, you don't think – I mean, could it?"

"We shall soon see." The doctor revolved a number of dials and studied the single bulb in the center of the box. It did not flicker. He removed handles from Mary's head.

"Dear me," the doctor said, "dear me. Your daughter is perfectly sane, Mrs. Cuberle."

"Well, then what is it?"

"Perhaps she is lying. We haven't completely eliminated that factor as yet; it slips into certain organisms."

More tests. More machines and more negative results.

Mary pushed her foot in a circle on the floor. When the doctor put his hands to her shoulders, she looked up pleasantly.

"Little girl," said the handsome man, "do you actually mean to tell us that you *prefer* that body?"

"Yes sir."

"May I ask why."

"I like it. It's – hard to explain, but it's me and that's what I like. Not the looks, maybe, but the *me*."

"You can look in the mirror and see yourself, then look at – well, at your mother and be content?"

"Yes, sir." Mary thought of her reasons; fuzzy, vague, but very definitely there. Maybe she had said the reason. No. Only a part of it.

"Mrs. Cuberle," the doctor said, "I suggest that your husband have a long talk with Mary."

"My husband is dead. That affair near Ganymede, I believe. Something like that."

"Oh, splendid. Rocket man, eh? Very interesting organisms. Something always seems to happen to rocket men, in one way or another. But – I suppose we should do something." The doctor scratched his jaw. "When did she first start talking this way," he asked.

"Oh, for quite some time. I used to think it was because she was such a baby. But lately, the time getting so close and all, I thought I'd better see you."

"Of course, yes, very wise. Er – does she also do odd things?"

"Well, I found her on the second level one night. She was lying on the floor and when I asked her what she was doing, she said she was trying to sleep."

Mary flinched. She was sorry, in a way, that Mother had found that out.

"To – did you say 'sleep'?"

"That's right."

"Now where could she have picked that up?"

"No idea."

"Mary, don't you know that nobody sleeps anymore? That we have na infinitely greater life-span than our poor ancestors now that the wasteful state of unconsciousness has been conquered? Child, have you actually *slept*? No one knows how anymore."

"No sir, but I almost did."

The doctor sighed. "But, it's unheard of! How could you begin to try to do something people have forgotten entirely about?"

"The way it was described in the book, it sounded nice, that's all."

Mary was feeling very uncomfortable now. Home and no talking man in a foolish white gown....

"Book, book? Are there books at your Unit, Madam?"

"There could be – I haven't cleaned up in a while."

"That is certainly peculiar. I haven't seen a book for years. Not since '17."

Mary began to fidget and stare nervously about.

"But with the tapes, why should you try and read books – where did you get them?"

"Daddy did. He got them from his father and so did Grandpa. He said they're better than the tapes and he was right."

Mrs. Cuberle flushed.

"My husband was a little strange, Doctor Hortel. He kept those things despite everything I said.

"Dear me, I – excuse me."

The muscular, black-haired doctor walked to another cabinet and selected from the shelf a bottle. From the bottle he took two large pills and swallowed them.

"Sleep – books – doesn't want the Transformation – Mrs. Cuberle, my *dear* good woman, this is grave. Doesn't want the Transformation. I would appreciate it if you would change psychiatrists: I am very busy and, uh, this is somewhat specialized. I suggest Centraldome. Many fine doctors there. Goodbye."

The doctor turned and sat down in a large chair and folded his hands. Mary watched him and wondered why the simple statements should have so changed things. But the doctor did not move from the chair.

"Well!" said Mrs. Cuberle and walked quickly from the room.

The man's legs were being blown off again as they left the reception room.

Mary considered the reflection in the mirrored wall. She sat on the floor and looked at different angles of herself: profile, full-face, full length, naked, clothed. Then she took up the magazine and studied it. She sighed.

"Mirror, mirror on the wall – "The words came haltingly to her mind and from her lips. She hadn't read them, she recalled. Daddy had said them, quoted them as he put it. But they too were lines from a book – "who is the fairest of –"

A picture of Mother sat upon the dresser and Mary considered this now. Looked for a long time at the slender, feminine neck. The golden skin, smooth and without blemish, without wrinkles and without age. The dark brown eyes and the thin tapers of eyebrows, the long black lashes, set evenly, so that each half of the face corresponded precisely. The half-parted-mouth, a violet tint against the gold, the white, white teeth, even, sparkling.

Mother. Beautiful, Transformed Mother. And back again to the mirror.

"– of them all..."

The image of a rather chubby girl, without lines of rhythm or grace, without perfection. Splotchy skin full of little holes, puffs in the cheeks, red eruptions on the forehead. Perspiration, shapeless hair flowing onto shapeless shoulders down a shapeless body. Like all of them, before the Transformation.

Did they *all* look like this, before? Did Mother, even?

Mary thought hard, trying to remember exactly what Daddy and Grandpa had said, why they said the Transformation was a bad thing, and why she believed and agreed with them so strongly. It made little sense, but they were right. They *were* right! And one day, she would understand completely.

Mrs. Cuberle slammed the door angrily and Mary jumped to her feet. She hadn't forgotten about it. "The way you upset Dr. Hortel. He won't even see me anymore, and these traumas are getting horrible. I'll have to get that awful Dr. Wagoner."

"Sorry –"

Mrs. Cuberle sat on the couch and crossed her legs carefully.

"What in the world were you doing on the floor?"

"Trying to sleep."

"Now, I won't hear of it! You've got to stop it! You *know* you're not insane. Why should you want to do such a silly thing?"

"The books. And Daddy told me about it."

"And you mustn't read those terrible things."

"Why – is there a law against them?"

"Well, no, but people tired of books when the tapes came in. You know that. The house is full of tapes; anything you want."

Mary stuck out her lower lip.

"They're no fun. All about the Wars and the colonizations."

"And I suppose books are fun?"

"Yes. They are."

"And that's where you got this idiotic notion that you don't want the Transformation, isn't it? Of course it is. Well, we'll see to that!"

Mrs. Cuberle rose quickly and took the books from the corner and from the closet and filled her arms with them. She looked everywhere in the room and gathered the old rotten volumes.

These she carried from the room and threw into the elevator. A button guided the doors shut.

"I thought you'd do that," Mary said. "That's why I hid most of the good ones. Where you'll never find them."

Mrs. Cuberle put a satin handkerchief to her eyes and began to weep.

"Just look at you. Look. I don't know what I ever did to deserve this!"

"Deserve what, Mother? What am I doing that's so wrong?" Mary's mind rippled in a confused stream.

"What!" Mrs. Cuberle screamed, "*What!* Do you think I want people to point to you and say I'm the mother of an idiot? That's what they'll say, you'll see. Or," she looked up hopefully, "have you changed your mind?"

"No." The vague reasons, longing to be put into words.

"It doesn't hurt. They just take off a little skin and put some on and give you pills and electronic treatments and things like that. It doesn't take more than a week."

"No." The reason.

"Don't you want to be beautiful, like other people – like me? Look at your friend Shala, she's getting her Transformation next month. And *she's* almost pretty now."

"Mother, I don't care –"

"If it's the bones you're worried about, well, that doesn't hurt. They give you a shot and when you wake up, everything's moulded right. Everything, to suit the personality."

"I don't care, I don't care."

"But *why?*"

"I like me the way I am." Almost – almost exactly. But not quite. Part of it, however. Part of what Daddy and Grandpa meant.

"But you're so ugly, dear! Like Dr. Hortel said. And Mr. Willmes, at the factory. He told some people he thought you were the ugliest girl he'd ever seen. Says he'll be thankful when you have your Transformation. And what if he hears of all this, what'll happen then?"

"Daddy said I was beautiful."

"Well really, dear. You *do* have eyes."

"Daddy said that real beauty is only skin deep. He said a lot of things like that and when I read the books I felt the same way. I guess I don't want to look like everybody else, that's all." No, that's not it. Not at all it.

"That man had too much to do with you. You'll notice that he had *his* Transformation, though!"

"But he was sorry. He told me that if he had it to do over again, he'd never do it. He said for me to be stronger than he was."

"Well, I won't have it. You're not going to get away with this, young lady. After all, I *am* your mother."

A bulb flickered in the bathroom and Mrs. Cuberle walked uncertainly to the cabinet. She took out a little cardboard box.

"Time for lunch."

Mary nodded. That was another thing the books talked about, which the tapes did not. Lunch seemed to be something special long ago, or at least different. The books talked of strange ways of putting a load of things into the mouth and chewing these things. Enjoying them. Strange and somehow wonderful.

"And you'd better get ready for work."

"Yes, Mother."

The office was quiet and without shadows. The walls gave off a steady luminescence, distributed the light evenly upon all the desks and tables. And it was neither hot nor cold.

Mary held the ruler firmly and allowed the pen to travel down the metal edge effortlessly. The new black lines were small and accurate. She tipped her head, compared the notes beside her to the plan she was working on.

She noticed the beautiful people looking at her more furtively than before, and she wondered about this as she made her lines.

A tall man rose from his desk in the rear of the office and walked down the aisle to Mary's table. He surveyed her work, allowing his eyes to travel cautiously from her face to the draft.

Mary looked around.

"Nice job," said the man.

"Thank you, Mr. Willmes."

"Dralich shouldn't have anything to complain about. That crane should hold the whole damn city."

"It's very good alloy, sir."

"Yeah. Say, kid, you got a minute?"

"Yes sir."

"Let's go into Mullinson's office."

The big handsome man led the way into a small cubby-hole of a room. He motioned to a chair and sat on the edge of one desk.

"Kid, I never was one to beat around the bush. Somebody called in little while ago, gave me some crazy story about you not wanting the Transformation."

Mary said "Oh." Daddy had said it would have to happen, some day. This must be what he meant.

"I would've told them they were way off the beam, but I wanted to talk to you first, get it straight."

"Well, sir, it's true. I don't. I want to stay this way."

The man looked at Mary and then coughed, embarrassedly.

"What the hell – excuse me, kid, but – I don't exactly get it. You, uh, you saw the psychiatrist?"

"Yes sir. I'm not insane. Dr. Hortel can tell you."

"I didn't mean anything like that. Well –" the man laughed nervously. "I don't know what to say. You're still a cub, but you do swell work. Lot of good results, lots of comments from the stations. But, Mr. Poole won't like it."

"I know. I know what you mean, Mr. Willmes. But nothing can change my mind. I want to stay this way and that's all there is to it."

"But – you'll get old before you're half through life."

Yes, she would. Old, like the Elders, wrinkled and brittle, unable to move right. Old. "It's hard to make you understand. But I don't see why it should make any difference."

"Don't go getting me wrong, now. It's not me, but, you know, I don't own Interplan. I just work here. Mr. Poole likes things running smooth and it's my job to carry it out. And soon as everybody finds out, things wouldn't run smooth. There'll be a big stink. The dames will start asking questions and talk."

"Will you accept my resignation, then, Mr. Willmes?"

"Sure you won't change your mind?"

"No sir. I decided that a long time ago. And I'm sorry now that I told Mother or anyone else. No sir, I won't change my mind."

"Well, I'm sorry, Mary. You been doing awful swell work. Couple of years you could be centralled on one of the asteroids, the way you been working. But if you should change your mind, there'll always be a job for you here."

"Thank you, sir."

"No hard feelings?"

"No hard feelings."

"Okay then. You've got till March. And between you and me, I hope by then you've decided the other way."

Mary walked back down the aisle, past the rows of desks. Past the men and women. The handsome, model men and the beautiful, perfect women, perfect, all perfect, all looking alike. Looking exactly alike.

She sat down again and took up her ruler and pen.

Mary stepped into the elevator and descended several hundred feet. At the Second Level she pressed a button and the elevator stopped. The doors opened with another button and the doors to her Unit with still another.

Mrs. Cuberle sat on the floor by the T-V, disconsolate and red-eyed. Her blond hair had come slightly askew and a few strands hung over her forehead. "You don't need to tell me. No one will hire you."

Mary sat beside her mother. "If you only hadn't told Mr. Willmes in the first place—"

"Well, I thought *he* could beat a little sense into you."

The sounds from the T-V grew louder. Mrs. Cuberle changed channels and finally turned it off.

"What did you do today, Mother?" Mary smiled.

"Do? What can I do, now? Nobody will even come over! I told you what would happen."

"Mother!"

"They say you should be in the Circuses."

Mary went into another room. Mrs. Cuberle followed. "How are we going to live? Where does the money come from now? Just because you're stubborn on this crazy idea. Crazy crazy crazy! Can I support both of us? They'll be firing me, next!"

"Why is this happening?"

"Because of you, that's why. Nobody else on this planet has ever refused the Transformation. But you turn it down. You *want* to be ugly!"

Mary put her arms about her mother's shoulders. "I wish I could explain, I've tried so hard to. It isn't that I want to bother anyone, or that Daddy wanted me to. I just don't want the Transformation."

Mrs. Cuberle reached into the pockets of her blouse and got a purple pill. She swallowed the pill. When the letter dropped from the chute, Mrs. Cuberle ran to snatch it up. She read it once, silently, then smiled.

"Oh, I was afraid they wouldn't answer. But we'll see about this *now*!"

She gave the letter to Mary.

Mrs. Zena Cuberle

Unit 451 D

Levels II & III

City

Dear Madam:

In re your letter of Dec 3 36. We have carefully examined your complaint and consider that it requires stringent measures. Quite frankly, the possibility of such a complaint has never occurred to this Dept. and we therefore cannot make positive directives at the moment.

However, due to the unusual qualities of the matter, we have arranged an audience at Centraldome, Eighth Level, Sixteenth Unit, Jan 3 37, 23 sharp. Dr. Elph Hortel has been instructed to attend.

You will bring the subject in question.

Yrs,

DEPT F

Mary let the paper flutter to the floor. She walked quietly to the elevator and set it for Level III. When the elevator stopped, she ran from it, crying, into her room.

She thought and remembered and tried to sort out and put together. Daddy had said it, Grandpa had, the books did. Yes, the books did.

She read until her eyes burned and her eyes burned until she could read no more. Then Mary went to sleep, softly and without realizing it, for the first time.

But the sleep was not peaceful.

"Ladies and gentlemen," said the young-looking, well groomed man, "this problem does not resolve easily. Dr. Hortel here, testifies that Mary Cuberle is definitely not insane. Drs. Monagh, Prinn and Fedders all verify this judgment. Dr. Prinn asserts that the human organism is no longer so constructed as to create and sustain such an attitude through deliberate falsehood. Further, there is positively nothing in the structure of Mary Cuberle which might suggest difficulties in Transformation. There is evidence for all these statements. And yet we are faced with this refusal. What, may I ask, is to be done?"

Mary looked at a metal table.

"We have been in session far too long, holding up far too many other pressing contingencies. The trouble on Mercury, for example. We'll *have* to straighten that out, somehow."

Throughout the rows of beautiful people, the mumbling increased. Mrs. Cuberle sat nervously, tapping her shoe and running a comb through her hair.

"Mary Cuberle, you have been given innumerable chances to reconsider, you know."

Mary said, "I know. But I don't want to."

The beautiful people looked at Mary and laughed. Some shook their heads.

The man threw up his hands. "Little girl, can you realize what an issue you have caused? The unrest, the wasted time? Do you fully understand what you have done? Intergalactic questions hang fire while you sit there saying the same thing over and over. Doesn't the happiness of your Mother mean anything to you?"

A slender, supple woman in a back row cried, "We want action. *Do something!*"

The man in the high stool raised his hand. "None of that, now. We must conform, even though the question is out of the ordinary." He leafed through a number of papers on his desk, leaned down and whispered into the ear of a strong blond man. Then he turned to Mary again. "Child, for the last time. Do you reconsider? Will you accept the Transformation?"

"No."

The man shrugged his shoulders. "Very well, then. I have here a petition, signed by two thousand individuals and representing all the Stations of Earth. They have been made aware of all the facts and have submitted the petition voluntarily. It's all so unusual and I'd hoped we wouldn't have to – but the petition urges drastic measures."

The mumbling rose.

"The petition urges that you shall, upon final refusal, be forced by law to accept the Transformation. And that an act of legislature shall make this universal and binding in the future."

Mary's eyes were open, wide. She stood and paused before speaking.

"Why?" she asked, loudly.

The man passed a hand through his hair.

Another voice from the crowd, "Seems to be a lot of questions unanswered here."

And another, "Sign the petition, Senator!"

All the voices, "Sign it, sign it!"

"But why?" Mary began to cry. The voices stilled for a moment.

"Because – Because –"

"If you'd only tell me that. Tell me!"

"Why, it simply isn't being done, that's all. The greatest gift of all, and what if others should get the same idea? What would happen to us then, little girl? We'd be right back to the ugly, thin, fat, unhealthy-looking race we were ages ago! There can't be any exceptions."

"Maybe they didn't consider themselves so ugly."

The mumbling began anew.

"That isn't the point," cried the man. "You *must* conform!"

And the voices cried "Yes" loudly until the man took up a pen and signed the papers on his desk.

Cheers, applause, shouts.

Mrs. Cuberle patted Mary on the top of her head.

"There, now!" she said, happily, "Everything will be all right now. You'll see, Mary."

The Transformation Parlor Covered the entire Level, sprawling with its departments. It was always filled and there was nothing to sign and no money to pay and people were always waiting in line.

But today the people stood aside. And there were still more, looking in through doors, TV cameras placed throughout the tape machines in every corner. It was filled, but not bustling as usual.

Mary walked past the people, Mother and the men in back of her, following. She looked at the people. The people were beautiful, perfect, without a single flaw.

All the beautiful people. All the ugly people, staring out from bodies that were not theirs. Walking on legs that had been made for them, laughing with manufactured voices, gesturing with shaped and fashioned arms.

Mary walked slowly, despite the prodding. In *her* eyes, in her eyes, was a mounting confusion; a wide, wide wonderment.

The reason was becoming less vague; the fuzzed edges were falling away now. Through all the horrible months and all the horrible moments, the edges fell away. Now it was almost clear.

She looked down at her own body, then at the walls which reflected it. Flesh of her flesh, bone of her bone, all hers, made by no one, built by herself or someone she did not know. Uneven kneecaps, making two grinning cherubs when they bent, and the old familiar rubbing together of fat inner thighs. Fat, unshapely, unsystematic Mary. But *Mary*.

Of course. Of course! This *was* what Daddy meant, what Grandpa and the books meant. What *they* would know if they would read the books or hear the words, the good, reasonable words, the words that signified more, much more, than any of this.

The understanding heaped up with each step.

"Where *are* these people?" Mary asked half to herself. "What has happened to *them* and don't they miss *themselves*, these manufactured things?"

She stopped, suddenly.

"Yes! That *is* the reason. They have all forgotten themselves!"

A curvacious woman stepped forward and took Mary's hand. The woman's skin was tinted dark. Chipped and sculptured bone into slender rhythmic lines, electrically created carriage, stance, made, turned out.

"All right, young lady. We will begin."

They guided Mary to a large, curved leather seat.

From the top of a long silver pole a machine lowered itself. Tiny bulbs glowed to life and cells began to click. The people stared. Slowly a picture formed upon the screen in the machine. Bulbs directed at Mary, then redirected into the machine. Wheels turning, buttons ticking.

The picture was completed.

"Would you like to see it?"

Mary closed her eyes, tight.

"It's really very nice." The woman turned to the crowd. "Oh yes, there's a great deal to be salvaged; you'd be surprised. A great deal. We'll keep the nose and I don't believe the elbows will have to be altered at all."

Mrs. Cuberle looked at Mary and smiled. "Now, it isn't so bad as you thought, is it?" she said.

The beautiful people looked. Cameras turned, tapes wound.

"You'll have to excuse us now. Only the machines allowed."

Only the machines. –

The people filed out.

Mary saw the rooms in the mirror. Saw things in the rooms, the faces and bodies that had been left; the woman and the machines and the old young men standing about, adjusting, readying.

Then she looked at the picture in the screen.

And screamed.

A woman of medium height stared back at her. A woman with a curved body and thin legs; silver hair, pompadoured, cut short; full sensuous lips, small breasts, flat stomach, unblemished skin.

A strange, strange woman no one had ever seen before.

The nurse began to take Mary's clothes off.

"Geoff," the woman said, "come look at this, will you. Not one so bad in years. Amazing that we can keep anything at all."

The handsome man put his hands in his pockets.

"Pretty bad, all right."

"Be still, child, stop making those noises. You know perfectly well nothing is going to hurt."

"But – what will you do with me?"

"That was all explained to you."

"No, no, with *me, me!*"

"Oh, you mean the castoffs. The usual. I don't know exactly. Somebody takes care of it."

"I want me!" Mary cried. "Not that!" She pointed at the screen.

Her chair was wheeled into a semi-dark room. She was naked now, and the men lifted her to a table. The surface was like glass, black, filmed. A big machine hung above.

Straps. Clamps pulling, stretching limbs apart. The screen with the picture brought in. The men and the woman, more women now. Dr. Hortel in a corner, sitting with his legs crossed, shaking his head.

Mary began to cry above the hum of the mechanical things.

"Shhh. My gracious, such a racket! Just think about your job waiting for you, and all the friends you'll have and how nice everything will be. No more trouble now."

The big machine hurtling downward.

"Where will I find *me?*" Mary screamed, "when it's all over?"

A long needle slid into rough flesh and the beautiful people gathered around the table.

They turned on the big machine.

THE END



BELOS

*“É... difícil de explicar, mas sou eu, e é disso que eu gosto.
Não da aparência, talvez, mas de mim.”*

CHARLES BEAUMONT

Mary sentou-se em silêncio e observou as pernas do belo homem serem arrancadas. E continuou observando enquanto o grande navio começava a tombar e a se partir em pedaços pequenos em meio à noite iluminada. Ela se remexeu levemente enquanto homens e pedaços de homens flutuavam, como num sonho, em total silêncio, em meio aos destroços. E quando a chuva de meteoros desceu sobre eles, abrindo buracos em tudo, rasgando a carne e talhando os ossos, Mary fechou os olhos.

– Mãe.

A Sra. Cuberle ergueu o olhar da revista.

– Humm?

– Temos que esperar muito ainda?

– Acho que não. Por quê?

Mary não disse uma única palavra, mas olhou para a parede que se movia.

– Ah, isso. – A Sra. Cuberle deu uma risada e balançou a cabeça. – Essa velharia. Leia uma revista, Mary, como eu estou fazendo. Já vimos *isso* um milhão de vezes.

– Tem que ficar ligado, mãe?

– Ora, ninguém parece estar assistindo. Não acho que o doutor se importaria se eu desligasse.

A Sra. Cuberle se levantou do sofá e foi até a parede. Apertou um pequeno botão e a vida deixou a tela, que tremeluziu e brilhou.

Mary abriu os olhos.

– Sinceramente – falou a Sra. Cuberle para uma mulher sentada a seu lado –, era de se imaginar que eles tentariam arranjar outra coisa. Poderíamos muito bem ir ao museu e assistir ao primeiro pouso em Marte. Ao Desastre Mayoraka... sério!

A outra mulher retrucou sem desviar os olhos da página da revista.

– É ideia do doutor. Psicologia.

A Sra. Cuberle abriu a boca e moveu a cabeça, para cima e para baixo, com ar entendido.

– Ahhh. Eu deveria saber que havia *uma* razão. Ainda assim, quem assiste a isso?

– As crianças assistem. Faz com que pensem, se sintam agradecidas ou coisa que o valha.

– Ahhh.

– Psicologia.

Mary pegou uma revista e folheou. Todas as fotografias, de homens e mulheres. Mulheres como sua mãe e como as outras na sala: esbeltas, bronzeadas; mulheres bonitas e em boa forma, e homens com músculos grandes e cabelos brilhantes. Mulheres e homens parecidos, todos perfeitos e belos. Ela dobrou a revista e se perguntou como responder às perguntas que lhe seriam feitas.

– Mãe...

– Meu Deus, o que é agora? Você não consegue ficar sentada quieta por um minuto?

– Mas estamos aqui há três horas.

A Sra. Cuberle fungou.

– Será... será que eu tenho mesmo que fazer isso?

– Ora, não seja ridícula, Mary. Depois de todas as coisas terríveis que você me disse, é *claro* que tem.

Uma mulher de pele azeitonada num uniforme branco entrou na sala de recepção.

– Cuberle. Sr^a. Zena Cuberle?

– Sim.

– O médico a atenderá agora.

A Sr^a. Cuberle pegou a mão de Mary, e elas seguiram atrás da enfermeira por um longo corredor.

Um homem que parecia ter vinte e poucos anos ergueu o olhar de uma mesa. Ele sorriu e fez um gesto para duas cadeiras próximas.

– Ora... ora.

– Dr. Hortel, eu...

O médico estalou os dedos.

– Claro, eu sei. Sua filha. Rá. Rá. Sem dúvida, eu conheço o seu problema. Tenho tantos deles hoje em dia... ocupa a maior parte do meu tempo.

– Verdade? – perguntou a Sra. Cuberle. – Sinceramente, eu estava começando a me preocupar.

– Preocupar? Humm. Não é bom. Não é nada bom. Ah, mas então... se as pessoas não se preocupassem, nós, psiquiatras, não teríamos mais emprego, não é? Iríamos pelo mesmo caminho dos antigos médicos. Mas, eu lhe garanto, não preciso ouvir mais nada.

Ele virou o rosto bonito para Mary.

– Garotinha, quantos anos você tem?

– Dezoito, senhor.

– Ah, um pouquinho de impaciência de verdade. Mas, sem dúvida, já está na hora. Como você se chama?

– Mary.

– Adorável! E tão raro. Ora, Mary, posso dizer que compreendo o seu problema... que eu o compreendo perfeitamente?

A Sra. Cuberle sorriu e alisou os paetês da blusa.

– Madame, a senhora não tem a menor ideia de quantos casos há atualmente. Algumas vezes, isso se infiltra em suas mentes, de modo que os afeta física e até mentalmente. Faz com que ajam de modo estranho, de modo peculiar e inesperado, por assim dizer. Imagine só!

– É isso que Mary faz. Quando ela finalmente me contou, doutor, pensei que tinha enlou... *o senhor* sabe.

– Foi tão ruim assim? Talvez tenhamos que iniciar um programa de reeducação muito em breve, ou todos eles agirão dessa forma. Acho que vou sugerir isso ao senador depois de amanhã.

– Eu não compreendo, doutor.

– Simplesmente, Sra. Cuberle, as crianças têm que ser totalmente instruídas. Totalmente. Considera-se muita coisa normal, mas as mentes infantis, por algum motivo, se recusam a aceitar as coisas sem razão definida. As crianças se tornaram intelectuais demais, o que, como acredito não precisar recordar à senhora, é perigoso.

– Sim, mas o que isso tem a ver com...

– Com Mary? Tudo, sem dúvida. Mary, como metade dos jovens de dezesseis, dezessete e dezoito anos, começou a se sentir agudamente inibida. Ela sente que seu corpo se desenvolveu o suficiente para a Transformação – o que, certamente, não aconteceu; não ainda –, e não é capaz de compreender as razões complexas que a obrigam a esperar até uma data futura. Mary olha para a senhora, para todas as mulheres a seu redor, nas fotografias, e então se olha num espelho. Após a pura perfeição de corpo, face, membros, pigmentação, porte, postura; da verdadeira perfeição, se posso me expressar assim, ela vê a si mesma e fica horrorizada. Não é isso, minha criança? Claro... claro. Ela se pergunta: por que eu devo ser repulsiva, desequilibrada, gorda, magra demais, cheia de revoltantes erupções na pele, mal planejada organicamente? Em poucas palavras, Mary está cansada de ser um monstro e está extremamente ansiosa em obter o que praticamente todo mundo já obteve.

– Mas... – começou a Sra. Cuberle.

– Até aqui, a senhora compreende, sem dúvida. Ora, Mary, isso que você rejeita é o que a nossa sociedade lhe oferece, bem como aos outros como você: nenhuma lógica convincente do lado da espera até os dezenove anos. Ninguém se importa, e você quer saber o porquê! Simples assim. Uma explicação leiga não vai bastar... meu Deus, não! A criança moderna quer fatos, dados sólidos, para satisfazer todas as suas perguntas. E, isso, vocês duas podem ver, demandará uma boa dose de reorganização.

– Mas... – falou Mary.

– A criança está irritada, nervosa, tensa; age de modo estranho, peculiar, curioso, preocupa a senhora e acaba doente porque está além de nossas míseras forças convencê-la de algo. Vou lhe dizer uma coisa, nós precisamos é de uma nova base para aprendizagem. E isso requer trabalho. Isso requer *trabalho*, Sra. Cuberle. Ora, não se preocupe com Mary, e não *se* preocupe, criança. Vou prescrever uns comprimidos e...

– Não, não, doutor! O senhor está totalmente enganado! – gritou a Sra. Cuberle.

– Como é, madame?
– O que estou dizendo é que o senhor entendeu errado.
Mary se mexeu, pouco à vontade, na cadeira.
– A questão é que... eu não quero.
O queixo de belas proporções do médico caiu.
– Você poderia repetir isso?
– Eu falei que não quero a Transformação.
– N-não quer?
– O senhor viu? Ela me contou. Por isso, vim vê-lo.
O médico olhou para Mary com expressão desconfiada.
– Mas isso é impossível! Eu nunca ouvi uma coisa assim. Garotinha, você está nos pregando uma peça!
Mary balançou a cabeça negativamente.
– Viu, doutor? O que pode ser isso?
A Sra. Cuberle se levantou e começou a andar pelo cômodo.

O médico estalou a língua e pegou do armário uma caixa preta coberta com botões, mostradores e cabos.

– Ah, não, o senhor não acha... quero dizer, poderia ser?
– Veremos logo.

O médico girou alguns botões e analisou a única lâmpada no centro da caixa. Ela não piscou. Ele retirou os cabos da cabeça de Mary.

– Meu Deus – falou –, meu Deus. Sua filha é perfeitamente sã, Sra. Cuberle.

– Então, o que é que ela tem?
– Talvez ela esteja mentindo. Ainda não eliminamos totalmente esse fator; ele se esgueira em certos organismos.

Mais testes. Mais máquinas e mais resultados negativos.

Mary empurrou o pé para dentro de um círculo no soalho. Quando o médico pôs as mãos em seus ombros, ela ergueu os olhos, satisfeita.

– Garotinha – falou o homem bonito –, você realmente está dizendo que *prefere* esse corpo?

– Sim, senhor.

– Posso perguntar por quê?

– Eu gosto dele. É... difícil de explicar, mas sou eu, e é disso que eu gosto. Não da aparência, talvez, mas *de mim*.

– Você pode olhar para o espelho e se ver, depois, olhar para... bem, para a sua mãe e ficar satisfeita?

– Sim, senhor.

Mary pensou em suas razões, confusas, vagas, mas, sem dúvida, presentes ali. Talvez ela tivesse dito a razão. Não. Somente uma parte dela.

– Sra. Cuberle – falou o médico – sugiro que seu marido tenha uma longa conversa com Mary.

– Meu marido faleceu. Aquela história perto de Ganimede, creio. Alguma coisa assim.

– Ah, fantástico. Espaçonautas, hein? Organismos muito interessantes. Parece que sempre acontece algo a eles, de um jeito ou de outro. Mas... suponho que deveríamos fazer alguma coisa. – O médico coçou o queixo. – Quando foi que ela começou a falar assim? – perguntou ele.

– Ah, faz algum tempo. Eu costumava pensar que ela era muito infantil. Mas, ultimamente, com a hora se aproximando e tudo mais, eu pensei que era melhor consultá-lo.

– Sem dúvida, sim, muito prudente. Hum... ela também faz coisas estranhas?

– Bem, eu a encontrei uma noite no segundo andar. Estava deitada no chão e quando perguntei o que estava fazendo, ela respondeu que tentava dormir.

Mary se encolheu. De certa forma, lamentava que a mãe tivesse descoberto.

– Dor... a senhora disse “dormir”?

– Isso mesmo.

– Onde ela poderia ter aprendido isso?

– Não faço ideia.

– Mary, você não sabe que ninguém mais dorme? Que agora temos um tempo de vida infinitamente maior que nossos pobres ancestrais que o supérfluo estado de inconsciência foi controlado? Filha, você realmente *dormiu*? Ninguém mais sabe como fazer isso.

– Não, senhor, mas eu quase dormi.

O médico suspirou.

– Mas isso é inédito! Como você poderia começar a tentar fazer algo do qual as pessoas se esqueceram totalmente?

– Do modo como foi descrito no livro, parecia bom, é isso.

Mary se sentia pouco à vontade agora. Queria estar em casa, longe do homem tagarela em trajes brancos ridículos...

– Livro, livro? Na sua unidade há *livros*, Madame?

– Poderia haver... há algum tempo não faço uma faxina.

– Isso certamente é peculiar. Não vejo um livro há anos. Não desde os anos 17.

Mary começou a se remexer e olhar ao redor, nervosa.

– Mas, se nós temos fitas, por que você ia tentar ler livros... onde você os obteve?

– Foi o papai. Ele recebeu do próprio pai, assim como o meu avô. Ele dizia que são melhores do que fitas e tinha razão.

A Sra. Cuberle enrubescou.

– Meu marido era um pouco excêntrico, Dr. Hortel. Ele guardava coisas assim, apesar de tudo que eu dizia.

– Meu Deus, eu... com licença.

O médico de cabelos pretos, musculoso, caminhou até outro armário e retirou um frasco da prateleira. Do frasco, pegou dois comprimidos grandes e os engoliu.

– Dormir... livros... não quer a Transformação... Sra. Cuberle, minha *boa* mulher, isso é grave. Não querer a Transformação. Eu apreciaria se a senhora mudasse de psiquiatra. Estou muito ocupado e, hum, isso é algo especializado. Sugiro o Centraldome. Há muitos ótimos médicos ali. Adeus.

O médico deu meia-volta, sentou-se numa cadeira ampla e juntou as mãos. Mary o observou e se perguntou por que meras constatações deveriam mudar tanto as coisas. Mas o médico não se moveu da cadeira.

– Pois bem! – falou a Sra. Cuberle e saiu apressadamente da sala.

As pernas do homem foram novamente arrancadas enquanto elas deixavam a sala de espera.

Mary considerou o reflexo na parede de espelhos. Ela estava sentada no chão e olhava para ângulos diferentes de si mesma. De perfil, de frente, de pé, nua, vestida. Em seguida, pegou a revista e a analisou. Ela suspirou.

“Espelho, espelho meu...”

As palavras vieram à sua mente e aos lábios aos poucos. Ela não as lera, recordou-se. O pai as havia dito, citando-as, como ele afirmara. Mas eram frases de um livro... “quem é mais bela...”

Havia uma fotografia da mãe na penteadeira e Mary a considerou agora. Olhou por um longo tempo para o pescoço feminino e esguio. A pele dourada, lisa e sem manchas, rugas nem idade. Os olhos castanho-escuros e as curvas finas das sobrancelhas, os longos cílios negros, tudo posicionado uniformemente, de modo que cada lado da face correspondia precisamente. A boca entreaberta, uma coloração violeta contra o dourado, o branco; os dentes brancos e até reluzentes.

Mamãe. Bela. Mamãe Transformada. E de volta ao espelho.

“...do que eu...”

A imagem de uma garota gordinha, sem linhas de ritmo ou graça, sem perfeição. A pele irregular, cheia de pequenos poros, protuberâncias nas bochechas, erupções vermelhas na testa. Transpiração, cabelo disforme caindo em ombros disformes e descendo para um corpo disforme. Assim como todos, antes da Transformação.

Antes, *todos* eles eram assim? Até a mãe?

Mary pensou com atenção, tentando se recordar exatamente do que o pai e o avô tinham dito, por que eles disseram que a Transformação era uma coisa ruim, e por que ela acreditara e concordara com eles tão veementemente. Fazia pouco sentido, mas eles tinham razão. Eles *estavam* certos! E um dia ela compreenderia plenamente.

A Sra. Cuberle bateu a porta com raiva e Mary ficou de pé de um salto. Ela não tinha esquecido.

– O modo como você aborreceu o Dr. Hortel. Ele nem vai nos atender mais e esses traumas estão ficando horríveis. Vou ter que consultar aquele horrroso Dr. Wagoner.

– Me desculpe...

A Sra. Cuberle sentou-se no sofá e cruzou as pernas com cuidado.

– O que diabos você estava fazendo no chão?

– Tentando dormir.

– Basta! Não quero ouvir falar disso! Você tem que parar! Você *sabe* que não é louca. Por que ia querer fazer uma coisa ridícula dessas?

– Por causa dos livros. E o papai me contou sobre isso.

– E você não deve ler essas coisas terríveis.

– Por quê?... Tem uma lei contra eles?

– Ora, não, mas as pessoas se cansaram dos livros quando as fitas apareceram. Você sabe disso. A casa está cheia de fitas, qualquer coisa que você queira.

Mary fez beicinho com o lábio inferior.

– Elas não são engraçadas. São todas sobre as Guerras e a colonização.

– E suponho que os livros são engraçados?!

– Sim. São sim.

– E foi deles que você tirou essa ideia idiota de que não querer a Transformação, não foi? Claro que foi. Bem, vamos ver!

A Sra. Cuberle levantou-se rapidamente e pegou os livros do canto e do armário, enchendo os braços com eles. Procurou em toda parte no cômodo e reuniu os volumes antigos e estragados.

Ela tirou todos do cômodo e jogou no elevador. Um botão fechou suas portas.

– Eu achei que você ia fazer isso – falou Mary. – E escondi a maior parte dos livros bons. Onde você nunca vai encontrar.

A Sra. Cuberle levou aos olhos um lenço de cetim e começou a chorar.

– Olhe só para você. Olhe! Eu não sei o que fiz para merecer isso!

– Merecer o quê, mãe? O que eu estou fazendo de tão errado?

A mente de Mary agitou-se num fluxo confuso.

– O quê? – gritou a Sra. Cuberle – *O quê?!* Você acha que eu quero que as pessoas apontem na rua e digam que sou mãe de uma idiota? É isso que vão dizer, você vai ver. Ou será que mudou de ideia?

Ela ergueu os olhos, esperançosa.

– Não. – Razões vagas, ansiando ser postas em palavras.

– Não dói. Eles apenas tiram um pouco de pele e põem mais um pouco, e dão comprimidos e fazem tratamentos elétricos; coisas assim. Não dura mais do que uma semana.

– Não. – A razão.

– Você não quer ser bonita, como as outras pessoas... como eu? Olhe para a sua amiga Shala. Mês que vem ela vai passar pela Transformação. E *ela* está praticamente linda agora.

– Mãe, eu não ligo...

– Se é com os ossos que você se preocupa, bem, isso não dói. Eles dão uma injeção, e quando você acorda, tudo está moldado corretamente. Tudo, para se adequar à personalidade.

– Eu não ligo. Eu não ligo.

– Mas *por quê?*

– Eu gosto do jeito que eu sou. – Quase... quase exatamente. Mas não totalmente. Parte disso, porém. Parte do que o pai e o avô queriam dizer.

– Mas você é tão feia, querida! Como o Dr. Hortel falou. E o Sr. Willmes, na fábrica. Ele disse a algumas pessoas que achava que você era a garota mais feia que ele já tinha visto. Disse que vai ficar agradecido quando você tiver feito a Transformação. E se ele ouvir toda essa história, o que vai acontecer?

– Papai falou que eu era bonita.

– Ora ora, querida. Você *tem* olhos.

– Papai dizia que a verdadeira beleza fica sob a pele. Ele dizia um monte de coisas assim e quando eu lia os livros me sentia da mesma maneira. Acho que não quero me parecer com todo mundo. É isso. – Não, não é isso. Não é isso, de modo algum.

– Aquele homem se meteu demais com você. Mas você vai notar que ele passou pela *própria* Transformação!

– Mas ele lamentava. Ele me contou que se tivesse que fazer tudo de novo, nunca faria isso. Falou para eu ser mais forte do que ele foi.

– Bem, eu não vou tolerar isso. Você não vai sair dessa, mocinha. Afinal de contas, eu *sou* sua mãe.

Uma lâmpada piscou no banheiro, e a Sra. Cuberle caminhou, hesitante, até o armário e retirou uma pequena caixa de papelão.

– Hora do almoço.

Mary acenou com a cabeça. Outra coisa sobre a qual os livros falavam, mas as fitas não. Há muito tempo, o almoço parecia ser algo especial ou, ao menos, diferente. Os livros falavam de modos estranhos de pôr um monte de coisas na boca e mastigar. De saboreá-las. Era estranho e, de alguma forma, maravilhoso.

– Melhor você se aprontar para o trabalho.

– Sim, mamãe.

O escritório era silencioso e não havia sombras. As paredes ofereciam uma claridade constante, distribuía a luz uniformemente sobre todas as escrivaninhas e mesas. E não estava quente nem frio.

Mary segurou com firmeza a régua e deixou que a caneta deslizesse sem esforço pela beirada de metal. As novas linhas pretas eram pequenas e precisas. Ela inclinou a cabeça, comparou as notas a seu lado com o plano no qual estava trabalhando. Mary percebeu as pessoas bonitas olhando mais furtivamente para ela do que antes, e pensou sobre isso enquanto traçava as retas.

Um homem alto ergueu-se da escrivaninha no fundo do escritório e caminhou pelo corredor até a mesa de Mary. Examinou seu trabalho, deixando que os olhos percorressem cautelosamente do rosto da garota até o desenho.

Mary olhou ao redor.

– Bom trabalho – falou o homem.

– Obrigada, Sr. Willmes.

– Dralich não deveria ter o que reclamar disso. O guindaste deveria sustentar toda essa maldita cidade.

– É uma liga muito boa, senhor.

– Exato. Me diga uma coisa, filha, você tem um minuto?

– Sim, senhor.

– Vamos até o escritório de Mullinson.

O homem grande e belo abriu caminho até um cômodo minúsculo. Apontou para uma cadeira e se sentou na beirada de uma escrivaninha.

– Filha, eu nunca fui de evasivas. Alguém ligou há pouco e me contou uma história maluca sobre você não querer a Transformação.

Mary soltou um “Oh!”. O pai lhe dissera que um dia aconteceria. Ele devia estar falando disso.

– Eu diria a eles que estavam muito enganados, mas queria primeiro conversar com você, ouvir em primeira mão.

– Bem, senhor, é verdade, eu não quero. Eu quero ficar desse jeito.

O homem encarou Mary e então tossiu, constrangido.

– Que diabos... me perdoe, filha, mas... eu não entendo. Você, hum, você se consultou com o psiquiatra?

– Sim, senhor. Não estou louca. O Dr. Hortel pode lhe dizer isso.

– Não quis dizer isso. Bem... – O homem deu uma risada nervosa. – Eu não sei o que dizer. Você ainda é muito jovenzinha, mas faz um excelente trabalho. Um monte de resultados bons, um monte de comentários das estações. Mas o Sr. Poole não vai gostar disso.

– Eu sei. Eu sei o que o senhor quer dizer, Sr. Willmes. Mas nada pode mudar a minha ideia. Eu quero ficar assim e isso é tudo.

– Mas... você vai envelhecer antes de chegar à meia-idade.

Sim, ela ia envelhecer. Velha, como os Anciãos, enrugada e frágil, incapaz de se locomover direito. Velha.

– É difícil fazer o senhor compreender. Mas eu não vejo porque deveria fazer diferença.

– Ora, não me leve a mal. Não sou eu, mas, sabe, eu não sou dono da Interplan. Apenas trabalho aqui. O Sr. Poole gosta das coisas indo bem, e meu trabalho é levar isso a cabo. Assim que todos descobrirem, as coisas não mais ficariam bem. Haverá um grande escândalo. As senhoras vão começar a fazer perguntas e a falar.

– Então o senhor vai aceitar minha demissão, Sr. Willmes?

– Você tem certeza de que não vai mudar de ideia?

– Não vou mudar, senhor. Tomei essa decisão há muito tempo. E lamento agora ter contado à minha mãe ou a qualquer outra pessoa. Não, senhor, não vou mudar de ideia.

– Ora, sinto muito, Mary. Você tem feito um excelente trabalho. Em alguns anos poderia ser colocada em um dos asteroides, do modo como tem trabalhado. Mas se você mudar de ideia, sempre haverá uma vaga aqui para você.

– Obrigada, senhor.

– Sem ressentimentos?

– Sem ressentimentos.

– Muito bem, então. Você tem até março. E, cá entre nós, até lá espero que você decida outra coisa.

Mary caminhou pelo corredor e as fileiras de escrivatinhas. Passou por homens e mulheres. Homens belos e exemplares, e mulheres belas e perfeitas; perfeitos, tudo perfeito, todos iguais. Parecendo exatamente iguais.

Ela voltou a se sentar, e pegou a régua e a caneta.

Mary entrou no elevador e desceu trinta metros. No Segundo Andar, apertou um botão e o elevador parou. As portas se abriram com outro botão e as portas para a sua Unidade, com mais outro.

A Sra. Cuberle estava sentada no chão, perto da T-V, inconsolável e de olhos vermelhos. Os cabelos louros estavam ligeiramente para o lado e algumas mechas pendiam sobre sua testa.

– Você não precisa me dizer. Ninguém vai contratar você.

Mary se sentou ao lado da mãe.

– Se, para começo de conversa, você não tivesse contado ao Sr. Willmes...

– Ora, *ele* achou que poderia lhe dar um pouco de juízo.

O som da T-V ficou mais alto. A Sra. Cuberle trocou de canal até finalmente desligar.

– O que foi que você fez hoje, mãe?

Mary sorriu.

– Fiz? O que é que posso fazer agora? Ninguém vem mais. Eu lhe disse que isso ia acontecer.

– Mamãe!

– Estão dizendo que você deveria ir para o circo.

Mary foi para outro cômodo. A Sra. Cuberle a acompanhou.

– Como é que vamos viver? De onde o dinheiro vem agora? Simplesmente porque você teima com essa ideia maluca. Maluca, maluca, maluca! Será que vou conseguir sustentar nós duas? Logo eles vão me despedir!

– Por que isso está acontecendo?

– Por sua causa, isso sim. Ninguém neste planeta jamais recusou a Transformação. Mas você rejeitou. Você *quer* ser feia!

Mary pôs os braços ao redor dos ombros da mãe.

– Queria poder explicar, me esforcei tanto para isso. Não é que eu queira incomodar ou que papai quisesse que eu incomodasse. Simplesmente não quero a Transformação.

A Sra. Cuberle enfiou a mão no bolso da blusa, pegou um comprimido roxo e o engoliu. Quando a carta caiu do tubo, ela correu para pegar. Leu uma vez, em silêncio, depois sorriu.

– Oh, eu temia que não fossem responder. Mas veremos isso *agora!*

E entregou a carta à Mary.

*Sra. Zena Cuberle
Unidade 451 D
Andares II & III
Centro da Cidade
Prezada Senhora,*

Em resposta à sua carta de 3 de dezembro de 36. Examinamos cuidadosamente sua queixa e consideramos que isso exige medidas severas. Sinceramente, a possibilidade de tal queixa nunca ocorreu a este Departamento e, por essa razão, não podemos oferecer diretivas positivas no momento.

Entretanto, devido às características pouco comuns da questão, marcamos uma audiência no Centraldome, Oitavo Andar, Décima Sexta Unidade, em 3 de janeiro de 37, às 23 pontualmente. O Dr. Elaph Hortel foi instruído a comparecer. A senhora abordará o assunto em questão.

*Seu,
DEPTO F*

Mary deixou o papel flutuar até o chão. Caminhou em silêncio para o elevador e subiu até o Andar III. Quando o elevador parou, ela saiu correndo, chorando, e entrou em seu quarto.

Ela pensou, se recordou, e tentou compreender e tomar uma decisão. Seu pai lhe havia dito, bem como seu avô e os livros. Sim, os livros disseram.

Leu até seus olhos arderem, e os olhos arderam até ela não conseguir mais ler. Então Mary adormeceu, suavemente e sem que o percebesse, pela primeira vez.

Mas o sono não foi tranquilo.

– Senhoras e senhores – falou o homem de boa aparência e bem arrumado – este é um problema que não pode ser resolvido facilmente. Dr. Hortel, presente aqui, testemunha que Mary definitivamente não é louca. Os Drs. Monagh, Prinn e Fedders confirmam a avaliação. Dr. Prinn afirma que o organismo humano não é mais constituído para criar e sustentar tal atitude por meio de falsidade deliberada. Além disso, positivamente nada há de

errado na estrutura de Mary Cuberle que poderia sugerir dificuldades na Transformação. Há evidências para todas essas afirmações. E ainda assim nos deparamos com esta recusa. O que, se posso perguntar, devemos fazer?

Mary fitou uma mesa de metal.

– Nós estamos em sessão há tempo demais, adiando demais outras contingências urgentes. O problema em Mercúrio, por exemplo. Vamos ter que resolver isso, de alguma maneira.

Entre as fileiras de pessoas bonitas, o murmúrio cresceu. A Sra. Cuberle sentou-se, nervosa, batendo o sapato e penteando o cabelo.

– Mary Cuberle, você sabe que teve inúmeras chances para reconsiderar.

Mary retrucou:

– Eu sei, mas eu não quero.

Aquelas pessoas bonitas fitaram Mary e deram risadas. Algumas balançaram a cabeça.

O homem ergueu as mãos.

– Garotinha, você compreende o problema que causou? O tempo perdido, a inquietação? Você compreende plenamente o que fez? Questões intergalácticas são adiadas enquanto você se senta aqui e diz a mesma coisa repetidamente. Será que a felicidade de sua mãe não significa nada para você?

Uma mulher esguia e ágil numa fileira dos fundos gritou:

– Queremos ação. *Façam* alguma coisa!

O homem no banco alto ergueu uma das mãos.

– Nada disso agora. Devemos nos conformar, embora a questão não seja nem um pouco comum. – Ele folheou um monte de papéis na escrivaninha, inclinou-se e murmurou no ouvido de um homem louro e forte. Em seguida, virou-se novamente para Mary. – Criança, pela última vez. Você reconsidera? Vai aceitar a Transformação?

– Não.

O homem encolheu os ombros.

– Muito bem então. Tenho aqui uma petição, assinada por duas mil pessoas, que representa todas as Estações da Terra. Eles ficaram preocupados com todos os fatos e enviaram a petição voluntariamente. Tudo é tão incomum, e eu esperava que não tivéssemos que... mas a petição exige medidas drásticas.

O murmúrio aumentou.

– A petição exige que, após a recusa final, você seja forçada pela lei a aceitar a Transformação. E que um ato da legislatura torne isso universal e obrigatório no futuro.

Os olhos de Mary se abriram, arregalados. Ela se pôs de pé e fez uma pausa antes de perguntar, em voz alta:

– Por quê?

O homem passou uma das mãos pelo cabelo.

Outra voz na multidão:

– Parece que há muitas perguntas sem resposta aqui.

E outra:

– Assine a petição, senador!

Todas as vozes:

– Assine, assine!

– Mas por quê?

Mary começou a chorar. As vozes silenciaram por um instante.

– Porque... porque...

– Se vocês pudessem simplesmente me dizer isso. Digam!

– Ora, simplesmente não vai ser feito; isso é tudo. O maior dom de todos. E se outras pessoas tiverem a mesma ideia? O que aconteceria conosco então, garotinha? Voltaríamos à raça de aparência doentia, gorda, magra e feia que éramos décadas atrás! Não pode haver exceções.

– Talvez eles não se considerassem tão feios.

O murmúrio recomeçou.

– Esse não é o ponto – gritou o homem. – Você *deve* se conformar!

E as vozes gritaram “Sim!” em voz alta até que o homem pegou uma caneta e assinou os papéis em sua escrivaninha.

Assobios, aplausos, gritos.

A Sra. Cuberle afagou o topo da cabeça de Mary.

– Agora sim! – falou, satisfeita. – Tudo vai ficar bem agora. Você vai ver, Mary.

O Setor de Transformação cobria o Andar inteiro, espalhando-se com seus departamentos. Sempre estava cheio, e não importavam assinaturas nem dinheiro, as pessoas sempre esperavam na fila.

Mas hoje todos se mantiveram a distância. E havia mais gente ainda, olhando através das portas; câmeras de tevê colocadas nas máquinas para as fitas em cada canto. Estava cheio, mas não superlotado, como sempre.

Mary passou pelas pessoas; a mãe e os homens atrás dela, acompanhando-a. Ela olhou para as pessoas. Eram belas, perfeitas, sem um único defeito.

Todas as pessoas bonitas. Todas as pessoas feias, olhando desde corpos que não eram seus. Caminhando com pernas que foram feitas para elas, rindo com vozes fabricadas, movendo braços modelados e artificiais.

Mary caminhou lentamente, apesar dos gritos de incentivo. Em *seus* olhos, via-se a confusão crescente; um espanto muito, muito grande.

A razão estava se tornando menos vaga; suas beiradas indistintas estavam se desfazendo agora. Durante todos aqueles horríveis meses e todos os horríveis momentos, as beiradas ruíram. Agora estava quase claro.

Ela baixou o olhar para o próprio corpo, depois, para as paredes que o refletiam. Carne de sua carne, osso de seu osso, tudo era ela, não fora feito por ninguém, mas construído por ela mesma ou alguém que ela não conhecia. Patelas irregulares, formando dois querubins sorridentes ao se dobrar, e a velha fricção familiar das coxas gordinhas. Mary gorda, disforme, assistemática. Mas *Mary*.

Claro. Claro! *Era* isso que papai queria dizer; que o vovô e os livros queriam dizer. O que *eles* saberiam se tivessem lido os livros ou ouvido as palavras; as palavras boas e sensatas, as palavras que significavam mais, muito mais, do que qualquer uma dessas.

A compreensão aumentou com cada passo.

– Onde *estão* essas pessoas? – perguntou Mary meio em voz alta, meio para si mesma. – O que aconteceu com *elas*? Será que não sentem falta de *si mesmas*, essas criaturas fabricadas?

Ela parou subitamente.

– Sim! Essa *é* a razão. Todas se esqueceram de si mesmas!

Uma mulher curvilínea deu um passo para frente e pegou a mão de Mary. A pele da mulher era tingida de morena. Ossos talhados e esculpidos em linhas rítmicas e esguias, em porte, postura criada eletronicamente, fabricada, inventada.

– Muito bem, juvenzinha. Nós vamos começar.

Eles conduziram Mary até um assento de couro, amplo e curvo.

Do alto de um comprido poste prateado, uma máquina baixou sozinha. Pequenas lâmpadas brilharam para funcionar, e células começaram a fazer clique. As pessoas ficaram olhando. Lentamente uma imagem se formou sobre a tela na máquina. Lâmpadas diretamente em Mary, depois, redirecionadas para a máquina. Rodas girando, botões estalando.

A imagem foi finalizada.

– Você gostaria de ver?

Mary apertou bem os olhos.

– Ficou muito bom mesmo. – A mulher se virou para a multidão. – Ora, ora, há um bocado para ser recuperado; vocês ficarão surpresos. Um bocado. Vamos manter o nariz e acredito que os cotovelos não tenham de ser alterados.

A Sra. Cuberle olhou para Mary e sorriu.

– Ora, não foi tão ruim quanto você pensava, foi? – perguntou ela.

Os belos observaram. Câmeras se viraram, fitas giraram.

– Vocês terão que nos desculpar agora. Somente as máquinas são permitidas.

Somente as máquinas.

As pessoas saíram dali.

Mary viu as salas no espelho. Viu coisas nas salas: os rostos e corpos que tinham sido deixados, a mulher e as máquinas, e jovens homens velhos de pé ao redor, ajustando e preparando.

Então ela olhou para a imagem na tela.

E gritou.

Uma mulher de estatura mediana devolveu seu olhar. Uma mulher com um corpo curvilíneo e pernas finas, cabelo prateado, com topete, cortado curto, lábios cheios e sensuais, pequenos seios, barriga lisa, pele perfeita.

Uma estranha. Uma mulher estranha, que ninguém vira antes.

A enfermeira começou a tirar as roupas de Mary.

– Geoff – falou a mulher –, venha dar uma olhada nisso. Não houve um caso tão ruim assim em anos. Impressionante que a gente possa manter alguma coisa.

O homem bonito pôs as mãos nos bolsos.

- Muito ruim mesmo.
 - Fique parada, criança, pare de fazer esses sons. Você sabe perfeitamente bem que nada vai machucar.
 - Mas... o que você vai fazer comigo?
 - Isso tudo lhe foi explicado.
 - Não, não, *comigo, eu!*
 - Oh, você quer dizer o que vai ser descartado. O normal. Não sei exatamente. Alguém toma conta disso.
 - Eu quero meu corpo! – gritou Mary. – Não isso!
- E apontou para a tela.

Sua cadeira foi conduzida para um cômodo semiescuro. Agora ela estava nua, e os homens a ergueram até uma mesa. Sua superfície era semelhante ao vidro, escuro, com uma película. Uma grande máquina pendia acima.

Tiras. Garras puxando e esticando os membros. A tela com a imagem foi trazida. Os homens e a mulher; outras mulheres agora. Dr. Hortel num canto, sentado com as pernas cruzadas, balançando a cabeça.

Mary começou a chorar acima do zumbido das criaturas mecânicas.

– Shhh. Meu Deus, que choradeira! Pense apenas que seu emprego está esperando você e em todos os amigos que você vai ter e como tudo será bom. Não haverá mais problemas.

A grande máquina desceu rapidamente.

– Onde vou encontrar o *meu eu* quando isso acabar? – gritou Mary.

Uma comprida agulha deslizou para dentro da pele áspera e os belos se reuniram ao redor da mesa.

Eles ligaram a grande máquina.

FIM



NO FINAL DO CORREDOR

RUDYARD KIPLING



O TEXTO: “At the End of the Passage” é um dos contos mais fascinantes de Kipling. Foi publicado inicialmente em 20 de julho de 1890, pelo *Boston Herald* (EUA), e saiu na Inglaterra no ano seguinte, na coletânea de contos *Life's Handicap*. Nele, narra-se o processo de desintegração psíquica e mental que toma conta do protagonista Hummil. Embora usualmente classificado como conto de terror ou história de fantasmas, na linhagem do chamado gótico imperial, o conto é, na verdade, uma delicada exploração dos limites a que uma psique individual pode chegar, submetida a condições severas de isolamento e estranhamento. Há quem aponte no conto antecipações da análise freudiana dos traumas infantis, do método psicanalítico de escuta (encarnado em dr. Spurstow) e do próprio conceito de *Unheimlich*. Nota-se também que a narrativa é calcada sobretudo nas experiências pessoais do autor, e por outro lado, num plano mais prático, pois mesmo a descrição dos tratamentos empregados para o cólera é extremamente fiel.

Texto traduzido: Kipling, Rudyard. *Life's handicap. Being stories of mine own people*. London/New York: Macmillan and Co., 1891, pp. 159-184.

O AUTOR: Joseph Rudyard Kipling nasceu em Bombaim, em 30 de dezembro de 1865. Foi enviado pelos pais à Inglaterra, aos cinco anos de idade, para iniciar seus estudos, como era praxe entre as famílias inglesas residentes na Índia Britânica. Foram seis anos de horror e maus tratos na pensão em que morou, até a mãe descobrir o tratamento a que o filho era submetido e retirá-lo de Lorne Lodge. Percebem-se ecos desse pavor de infância no conto aqui publicado. Em 1882, retornou à Índia, estabelecendo-se em Punjab. É tido como o grande renovador da forma do conto inglês, recebeu o Prêmio Nobel em 1907. Grande viajante, esteve no Brasil em 1927, aqui passando cinco semanas, de onde resultou seu livro de impressões, *Cenas brasileiras*. Faleceu em 18 de janeiro de 1936, em Londres, como um dos mais famosos e populares autores ingleses.

A TRADUTORA: Denise Bottmann, historiadora, pesquisadora e ex-docente do Departamento de Filosofia da Unicamp, dedica-se ao ofício de tradução desde 1985, com mais de cem obras de tradução publicadas, sobretudo na área de humanidades. Para a (n.t.) já traduziu Edgar Allan Poe.

AT THE END OF THE PASSAGE

*“If the thing slides away from me all in one piece, like a ghost,
I shall know it is only my eyes. If it walks – my head is going.”*

RUDYARD KIPLING

The sky is lead and our faces are red,
And the gates of Hell are opened and riven,
And the winds of Hell are loosened and driven,
And the dust flies up in the face of Heaven,
And the clouds come down in a fiery sheet,
Heavy to raise and hard to be borne.
And the soul of man is turned from his meat,
Turned from the trifles for which he has striven
Sick in his body, and heavy hearted,
And his soul flies up like the dust in the sheet
Breaks from his flesh and is gone and departed,
As the blasts they blow on the cholera-horn.

HIMALAYAN

Four men, each entitled to 'life, liberty, and the pursuit of happiness', sat at a table playing whist. The thermometer marked – for them – one hundred and one degrees of heat. The room was darkened till it was only just possible to distinguish the pips of the cards and the very white faces of the players. A tattered, rotten punkah of whitewashed calico was puddling the hot air and whining dolefully at each stroke. Outside lay gloom of a November day in London. There was neither sky, sun, nor horizon – nothing but a brown purple haze of heat. It was as though the earth were dying of apoplexy.

From time to time clouds of tawny dust rose from the ground without wind or warning, flung themselves tablecloth-wise among the tops of the

parched trees, and came down again. Then a-whirling dust-devil would scutter across the plain for a couple of miles, break, and fall outward, though there was nothing to check its flight save a long low line of piled railway-sleepers white with the dust, a cluster of huts made of mud, condemned rails, and canvas, and the one squat four-roomed bungalow that belonged to the assistant engineer in charge of a section of the Gaudhari State line then under construction.

The four, stripped to the thinnest of sleeping-suits, played whist crossly, with wranglings as to leads and returns. It was not the best kind of whist, but they had taken some trouble to arrive at it. Mottram of the Indian Survey had ridden thirty and railed one hundred miles from his lonely post in the desert since the night before; Lowndes of the Civil Service, on special duty in the political department, had come as far to escape for an instant the miserable intrigues of an impoverished native State whose king alternately fawned and blustered for more money from the pitiful revenues contributed by hard-wrung peasants and despairing camel-breeders; Spurstow, the doctor of the line, had left a cholera-stricken camp of coolies to look after itself for forty-eight hours while he associated with white men once more. Hummil, the assistant engineer, was the host. He stood fast and received his friends thus every Sunday if they could come in. When one of them failed to appear, he would send a telegram to his last address, in order that he might know whether the defaulter were dead or alive. There are very many places in the East where it is not good or kind to let your acquaintances drop out of sight even for one short week.

The players were not conscious of any special regard for each other. They squabbled whenever they met; but they ardently desired to meet, as men without water desire to drink. They were lonely folk who understood the dread meaning of loneliness. They were all under thirty years of age – which is too soon for any man to possess that knowledge.

'Pilsener?' said Spurstow, after the second rubber, mopping his forehead.

'Beer's out, I'm sorry to say, and there's hardly enough soda-water for tonight,' said Hummil.

'What filthy bad management!' Spurstow snarled.

'Can't help it. I've written and wired; but the trains don't come through regularly yet. Last week the ice ran out – as Lowndes knows.'

'Glad I didn't come. I could ha' sent you some if I had known, though. Phew! it's too hot to go on playing bumblepuppy.' This with a savage scowl at Lowndes, who only laughed. He was a hardened offender.

Mottram rose from the table and looked out of a chink in the shutters.

'What a sweet day!' said he.

The company yawned all together and betook themselves to an aimless investigation of all Hummil's possessions – guns, tattered novels, saddlery, spurs, and the like. They had fingered them a score of times before, but there was really nothing else to do.

'Got anything fresh?' said Lowndes.

'Last week's *Gazette of India*, and a cutting from a home paper. My father sent it out. It's rather amusing.'

'One of those vestrymen that call 'emselves M.P.s again, is it?' said Spurstow, who read his newspapers when he could get them.

'Yes. Listen to this. It's to your address, Lowndes. The man was making a speech to his constituents, and he piled it on. Here's a sample, "And I assert unhesitatingly that the Civil Service in India is the preserve – the pet preserve – of the aristocracy of England. What does the democracy – what do the masses – get from that country, which we have step by step fraudulently annexed? I answer, nothing whatever. It is farmed with a single eye to their own interests by the scions of the aristocracy. They take good care to maintain their lavish scale of incomes, to avoid or stifle any inquiries into the nature and conduct of their administration, while they themselves force the unhappy peasant to pay with the sweat of his brow for all the luxuries in which they are lapped." Hummil waved the cutting above his head. "Ear! 'ear!" said his audience.

Then Lowndes, meditatively, 'I'd give - I'd give three months' pay to have that gentleman spend one month with me and see how the free and independent native prince works things. Old Timbersides' – this was his flippant title for an honoured and decorated feudatory prince – 'has been wearing my life out this week past for money. By Jove, his latest performance was to send me one of his women as a bribe!'

'Good for you! Did you accept it?' said Mottram.

'No. I rather wish I had, now. She was a pretty little person, and she yarned away to me about the horrible destitution among the king's women-folk. The darlings haven't had any new clothes for nearly a month, and the old man wants to buy a new drag from Calcutta – solid silver railings and silver lamps, and trifles of that kind. I've tried to make him understand that he has played the deuce with the revenues for the last twenty years and must go slow. He can't see it.'

'But he has the ancestral treasure-vaults to draw on. There must be three millions at least in jewels and coin under his palace,' said Hummil.

'Catch a native king disturbing the family treasure! The priests forbid it except as the last resort. Old Timbersides has added something like a quarter of a million to the deposit in his reign.'

'Where the mischief does it all come from?' said Mottram.

'The country. The state of the people is enough to make you sick. I've known the taxmen wait by a milch-camel till the foal was born and then hurry off the mother for arrears. And what can I do? I can't get the court clerks to give me any accounts; I can't raise anything more than a fat smile from the commander-in-chief when I find out the troops are three months in arrears; and old Timbersides begins to weep when I speak to him. He has taken to the King's Peg heavily, liqueur brandy for whisky, and Heidsieck for soda-water.'

'That's what the Rao of Jubela took to. Even a native can't last long at that,' said Spurstow. 'He'll go out.'

'And a good thing, too. Then I suppose we'll have a council of regency, and a tutor for the young prince, and hand him back his kingdom with ten years' accumulations.'

'Whereupon that young prince, having been taught all the vices of the English, will play ducks and drakes with the money and undo ten years' work in eighteen months. I've seen that business before,' said Spurstow. 'I should tackle the king with a light hand if I were you, Lowndes. They'll hate you quite enough under any circumstances.'

'That's all very well. The man who looks on can talk about the light hand; but you can't clean a pig-sty with a pen dipped in rose-water. I know my risks; but nothing has happened yet. My servant's an old Pathan, and he cooks for me. They are hardly likely to bribe him, and I don't accept food from my true friends, as they call themselves. Oh, but it's weary work! I'd sooner be with you, Spurstow. There's shooting near your camp.'

'Would you? I don't think it. About fifteen deaths a day don't incite a man to shoot anything but himself. And the worst of it is that the poor devils look at you as though you ought to save them. Lord knows, I've tried everything. My last attempt was empirical, but it pulled an old man through. He was brought to me apparently past hope, and I gave him gin and Worcester sauce with cayenne. It cured him; but I don't recommend it.'

'How do the cases run generally?' said Hummil.

'Very simply indeed. Chlorodyne, opium pill, chlorodyne, collapse, nitre, bricks to the feet, and then – the burning-ghaut. The last seems to be the only thing that stops the trouble. It's black cholera, you know. Poor devils! But, I will say, little Bunsee Lal, my apothecary, works like a demon. I've recommended him for promotion if he comes through it all alive.'

'And what are your chances, old man?' said Mottram.

Don't know; don't care much; but I've sent the letter in. What are you doing with yourself generally?

'Sitting under a table in the tent and spitting on the sextant to keep it cool,' said the man of the survey. 'Washing my eyes to avoid ophthalmia, which I shall certainly get, and trying to make a sub-surveyor understand that an error of five degrees in an angle isn't quite so small as it looks. I'm altogether alone, y' know, and shall be till the end of the hot weather.'

'Hummil's the lucky man,' said Lowndes, flinging himself into a long chair. 'He has an actual roof-torn as to the ceiling-cloth, but still a roof-over his head. He sees one train daily. He can get beer and soda-water and ice 'em when God is good. He has books, pictures – they were torn from the *Graphic* – and the society of the excellent sub-contractor Jevins, besides the pleasure of receiving us weekly.'

Hummil smiled grimly. 'Yes, I'm the lucky man, I suppose. Jevins is luckier.'

'How? Not –'

'Yes. Went out. Last Monday.'

'By his own hand?' said Spurstow quickly, hinting the suspicion that was in everybody's mind. There was no cholera near Hummil's section. Even fever gives a man at least a week's grace, and sudden death generally implied self-slaughter.

'I judge no man this weather,' said Hummil. 'He had a touch of the sun, I fancy; for last week, after you fellows had left, he came into the verandah and told me that he was going home to see his wife, in Market Street, Liverpool, that evening.'

'I got the apothecary in to look at him, and we tried to make him lie down. After an hour or two he rubbed his eyes and said he believed he had had a fit, hoped he hadn't said anything rude. Jevins had a great idea of bettering himself socially. He was very like Chucks in his language.'

'Well?'

'Then he went to his own bungalow and began cleaning a rifle. He told the servant that he was going to shoot buck in the morning. Naturally he fumbled with the trigger, and shot himself through the head – accidentally. The apothecary sent in a report to my chief; and Jevins is buried somewhere out there. I'd have wired to you, Spurstow, if you could have done anything.'

'You're a queer chap,' said Mottram. 'If you'd killed the man yourself you couldn't have been more quiet about the business.'

'Good Lord! what does it matter?' said Hummil calmly. 'I've got to do a lot of his overseeing work in addition to my own. I'm the only person that suffers. Jevins is out of it, by pure accident, of course, but out of it. The apothecary was going to write a long screed on suicide. Trust a babu to drivel when he gets the chance.'

'Why didn't you let it go in as suicide?' said Lowndes.

'No direct proof. A man hasn't many privileges in his country, but he might at least be allowed to mishandle his own rifle. Besides, some day I may need a man to smother up an accident to myself. Live and let live. Die and let die.'

'You take a pill,' said Spurstow, who had been watching Hummil's white face narrowly. 'Take a pill, and don't be an ass. That sort of talk is skittles. Anyhow, suicide is shirking your work. If I were Job ten times over, I should be so interested in what was going to happen next that I'd stay on and watch.'

'Ah! I've lost that curiosity,' said Hummil.

'Liver out of order?' said Lowndes feelingly.

'No. Can't sleep. That's worse.'

'By Jove, it is!' said Mottram. 'I'm that way every now and then, and the fit has to wear itself out. What do you take for it?'

'Nothing. What's the use? I haven't had ten minutes' sleep since Friday morning.'

'Poor chap! Spurstow, you ought to attend to this,' said Mottram. 'Now you mention it, your eyes are rather gummy and swollen.'

Spurstow, still watching Hummil, laughed lightly. 'I'll patch him up, later on. Is it too hot, do you think, to go for a ride?'

'Where to?' said Lowndes wearily. 'We shall have to go away at eight, and there'll be riding enough for us then. I hate a horse when I have to use him as a necessity. Oh, heavens! what is there to do?'

'Begin whist again, at chick points [a chick' is supposed to be eight shillings] and a gold mohur on the rub,' said Spurstow promptly.

'Poker. A month's pay all round for the pool – no limit – and fifty-rupee raises. Somebody would be broken before we got up,' said Lowndes.

'Can't say that it would give me any pleasure to break any man in this company,' said Mottram. 'There isn't enough excitement in it, and it's foolish.' He crossed over to the worn and battered little camp-piano – wreckage of a married household that had once held the bungalow – and opened the case.

'It's used up long ago,' said Hummil. 'The servants have picked it to pieces.'

The piano was indeed hopelessly out of order, but Mottram managed to bring the rebellious notes into a sort of agreement, and there rose from the ragged keyboard something that might once have been the ghost of a popular music-hall song. The men in the long chairs turned with evident interest as Mottram banged the more lustily.

'That's good!' said Lowndes. 'By Jove! the last time I heard that song was in '79, or thereabouts, just before I came out.'

'Ah!' said Spurstow with pride, 'I was home in '80.' And he mentioned a song of the streets popular at that date.

Mottram executed it roughly. Lowndes criticized and volunteered emendations. Mottram dashed into another ditty, not of the music-hall character, and made as if to rise.

'Sit down,' said Hummil. 'I didn't know that you had any music in your composition. Go on playing until you can't think of anything more. I'll have that piano tuned up before you come again. Play something festive.'

Very simple indeed were the tunes to which Mottram's art and the limitations of the piano could give effect, but the men listened with pleasure, and in the pauses talked all together of what they had seen or heard when they were last at home. A dense dust-storm sprung up outside, and swept roaring over the house, enveloping it in the choking darkness of midnight, but Mottram continued unheeding, and the crazy tinkle reached the ears of the listeners above the flapping of the tattered ceiling-cloth.

In the silence after the storm he glided from the more directly personal songs of Scotland, half humming them as he played, into the Evening Hymn.

'Sunday,' said he, nodding his head.

'Go on. Don't apologize for it,' said Spurstow.

Hummil laughed long and riotously. 'Play it, by all means. You're full of surprises today. I didn't know you had such a gift of finished sarcasm. How does that thing go?'

Mottram took up the tune.

'Too slow by half. You miss the note of gratitude,' said Hummil. 'It ought to go to the "Grasshopper's Polka" – this way.' And he chanted, prestissimo,

*'Glory to thee, my God, this night,
For all the blessings of the light.*

That shows we really feel our blessings. How does it go on? –

*If in the night I sleepless lie,
My soul with sacred thoughts supply;
May no ill dreams disturb my rest, –*

Quicker, Mottram! –

Or powers of darkness me molest!

'Bah! what an old hypocrite you are!'

'Don't be an ass,' said Lowndes. 'You are at full liberty to make fun of anything else you like, but leave that hymn alone. It's associated in my mind with the most sacred recollections –'

'Summer evenings in the country, stained-glass window, light going out, and you and she jamming your heads together over one hymnbook,' said Mottram.

'Yes, and a fat old cockchafer hitting you in the eye when you walked home. Smell of hay, and a moon as big as a bandbox sitting on the top of a haystack; bats, roses, milk and midges,' said Lowndes.

'Also mothers. I can just recollect my mother singing me to sleep with that when I was a little chap,' said Spurstow.

The darkness had fallen on the room. They could hear Hummil squirming in his chair.

'Consequently,' said he testily, 'you sing it when you are seven fathom deep in Hell! It's an insult to the intelligence of the Deity to pretend we're anything but tortured rebels.'

'Take *two* pills,' said Spurstow; 'that's tortured liver.'

'The usually placid Hummil is in a vile bad temper. I'm sorry for his coolies tomorrow,' said Lowndes, as the servants brought in the lights and prepared the table for dinner.

As they were settling into their places about the miserable goat-chops, and the smoked tapioca pudding, Spurstow took occasion to whisper to Mottram, 'Well done, David!'

'Look after Saul, then,' was the reply.

'What are you two whispering about?' said Hummil suspiciously.

'Only saying that you are a damned poor host. This fowl can't be cut,' returned Spurstow with a sweet smile. 'Call this a dinner?'

'I can't help it. You don't expect a banquet, do you?'

Throughout that meal Hummil contrived laboriously to insult directly and pointedly all his guests in succession, and at each insult Spurstow kicked the aggrieved persons under the table; but he dared not exchange a glance of intelligence with either of them. Hummil's face was white and pinched, while his eyes were unnaturally large. No man dreamed for a moment of resenting his savage personalities, but as soon as the meal was over they made haste to get away.

'Don't go. You're just getting amusing, you fellows. I hope I haven't said anything that annoyed you. You're such touchy devils.' Then, changing the note into one of almost abject entreaty, Hummil added, 'I say, you surely aren't going?'

'In the language of the blessed Jorrocks, where I dines I sleeps,' said Spurstow. 'I want to have a look at your coolies tomorrow, if you don't mind. You can give me a place to lie down in, I suppose?'

The others pleaded the urgency of their several duties next day, and, saddling up, departed together, Hummil begging them to come next Sunday. As they jogged off, Lowndes unbosomed himself to Mottram –

'... And I never felt so like kicking a man at his own table in my life. He said I cheated at whist, and reminded me I was in debt! "Told you you were as good as a liar to your face! You aren't half indignant enough over it.'

'Not I,' said Mottram. 'Poor devil! Did you ever know old Hummy behave like that before or within a hundred miles of it?'

'That's no excuse. Spurstow was hacking my shin all the time, so I kept a hand on myself. Else I should have –'

'No, you wouldn't. You'd have done as Hummy did about Jevins; judge no man this weather. By Jove! the buckle of my bridle is hot in my hand! Trot out a bit, and 'ware rat-holes.' Ten minutes' trotting jerked out of Lowndes one very sage remark when he pulled up, sweating from every pore –

"Good thing Spurstow's with him tonight."

'Ye-es. Good man, Spurstow. Our roads turn here. See you again next Sunday, if the sun doesn't bowl me over.'

'S'pose so, unless old Timbersides' finance minister manages to dress some of my food. Goodnight, and – God bless you!'

'What's wrong now?'

'Oh, nothing.' Lowndes gathered up his whip, and, as he flicked Mottram's mare on the flank, added, 'You're not a bad little chap, that's all.' And the mare bolted half a mile across the sand, on the word.

In the assistant engineer's bungalow Spurstow and Hummil smoked the pipe of silence together, each narrowly watching the other. The capacity of a bachelor's establishment is as elastic as its arrangements are simple. A servant cleared away the dining-room table, brought in a couple of rude native bedsteads made of tape strung on a light wood frame, flung a square of cool Calcutta matting over each, set them side by side, pinned two towels to the punkah so that their fringes should just sweep clear of the sleeper's nose and mouth, and announced that the couches were ready.

The men flung themselves down, ordering the punkah-coolies by all the powers of Hell to pull. Every door and window was shut, for the outside air was that of an oven. The atmosphere within was only 104 degrees, as the thermometer bore witness, and heavy with the foul smell of badly-trimmed kerosene lamps; and this stench, combined with that of native tobacco, baked brick, and dried earth, sends the heart of many a strong man down to his boots, for it is the smell of the Great Indian Empire when she turns herself for six months into a house of torment. Spurstow packed his pillows craftily so that he reclined rather than lay, his head at a safe elevation above his feet. It is not good to sleep on a low pillow in the hot weather if you happen to be of thick-necked build, for you may pass with lively snores and gugglings from natural sleep into the deep slumber of heat-apoplexy.

'Pack your pillows,' said the doctor sharply, as he saw Hummil preparing to lie down at full length.

The night-light was trimmed; the shadow of the punkah wavered across the room, and the '*flick*' of the punkah-towel and the soft whine of the rope

through the wall-hole followed it. Then the punkah flagged, almost ceased. The sweat poured from Spurstow's brow. Should he go out and harangue the coolie? It started forward again with a savage jerk, and a pin came out of the towels. When this was replaced, a tomtom in the coolie-lines began to beat with the steady throb of a swollen artery inside some brain-fevered skull. Spurstow turned on his side and swore gently. There was no movement on Hummil's part. The man had composed himself as rigidly as a corpse, his hands clinched at his sides. The respiration was too hurried for any suspicion of sleep. Spurstow looked at the set face. The jaws were clinched, and there was a pucker round the quivering eyelids.

'He's holding himself as tightly as ever he can,' thought Spurstow. 'What in the world is the matter with him? – Hummil!'

'Yes,' in a thick constrained voice.

'Can't you get to sleep?'

'No.'

'Head hot? Throat feeling bulgy? or how?'

'Neither, thanks. I don't sleep much, you know.'

'Feel pretty bad?'

'Pretty bad, thanks. There is a tomtom outside, isn't there? I thought it was my head at first.... Oh, Spurstow, for pity's sake give me something that will put me asleep, sound asleep, if it's only for six hours!' He sprang up, trembling from head to foot. 'I haven't been able to sleep naturally for days, and I can't stand it! I can't stand it!'

'Poor old chap!'

'That's no use. Give me something to make me sleep. I tell you I'm nearly mad. I don't know what I say half my time. For three weeks I've had to think and spell out every word that has come through my lips before I dared say it. Isn't that enough to drive a man mad? I can't see things correctly now, and I've lost my sense of touch. My skin aches – my skin aches! Make me sleep. Oh, Spurstow, for the love of God make me sleep sound. It isn't enough merely to let me dream. Let me sleep!'

'All right, old man, all right. Go slow; you aren't half as bad as you think.'

The flood-gates of reserve once broken, Hummil was clinging to him like a frightened child. 'You're pinching my arm to pieces.'

'I'll break your neck if you don't do something for me. No, I didn't mean that. Don't be angry, old fellow.' He wiped the sweat off himself as he

fought to regain composure. 'I'm a bit restless and off my oats, and perhaps you could recommend some sort of sleeping mixture – bromide of potassium.'

'Bromide of skittles! Why didn't you tell me this before? Let go of my arm, and I'll see if there's anything in my cigarette-case to suit your complaint.' Spurstow hunted among his day-clothes, turned up the lamp, opened a little silver cigarette-case, and advanced on the expectant Hummil with the daintiest of fairy squirts.

'The last appeal of civilization,' said he, 'and a thing I hate to use. Hold out your arm. Well, your sleeplessness hasn't ruined your muscle; and what a thick hide it is! Might as well inject a buffalo subcutaneously. Now in a few minutes the morphia will begin working. Lie down and wait.'

A smile of unalloyed and idiotic delight began to creep over Hummil's face. 'I think,' he whispered, – 'I think I'm going off now. Gad! it's positively heavenly! Spurstow, you must give me that case to keep; you –' The voice ceased as the head fell back.

'Not for a good deal,' said Spurstow to the unconscious form. 'And now, my friend, sleeplessness of your kind being very apt to relax the moral fibre in little matters of life and death, I'll just take the liberty of spiking your guns.'

He paddled into Hummil's saddle-room in his bare feet and uncased a twelve-bore rifle, an express, and a revolver. Of the first he unscrewed the nipples and hid them in the bottom of a saddlery-case; of the second he abstracted the lever, kicking it behind a big wardrobe. The third he merely opened, and knocked the doll-head bolt of the grip up with the heel of a riding-boot.

'That's settled,' he said, as he shook the sweat off his hands. 'These little precautions will at least give you time to turn. You have too much sympathy with gun-room accidents.'

And as he rose from his knees, the thick muffled voice of Hummil cried in the doorway, 'You fool!'

Such tones they use who speak in the lucid intervals of delirium to their friends a little before they die.

Spurstow started, dropping the pistol. Hummil stood in the doorway, rocking with helpless laughter.

'That was awf'ly good of you, I'm sure,' he said, very slowly, feeling for his words. 'I don't intend to go out by my own hand at present. I say,

Spurstow, that stuff won't work. What shall I do? What shall I do?' And panic terror stood in his eyes.

'Lie down and give it a chance. Lie down at once.'

'I daren't. It will only take me half-way again, and I shan't be able to get away this time. Do you know it was all I could do to come out just now? Generally I am as quick as lightning; but you had clogged my feet. I was nearly caught.'

'Oh yes, I understand. Go and lie down.'

'No, it isn't delirium; but it was an awfully mean trick to play on me. Do you know I might have died?'

As a sponge rubs a slate clean, so some power unknown to Spurstow had wiped out of Hummil's face all that stamped it for the face of a man, and he stood at the doorway in the expression of his lost innocence. He had slept back into terrified childhood.

'Is he going to die on the spot?' thought Spurstow. Then, aloud, 'All right, my son. Come back to bed, and tell me all about it. You couldn't sleep; but what was all the rest of the nonsense?'

'A place, a place down there,' said Hummil, with simple sincerity. The drug was acting on him by waves, and he was flung from the fear of a strong man to the fright of a child as his nerves gathered sense or were dulled.

'Good God! I've been afraid of it for months past, Spurstow. It has made every night hell to me; and yet I'm not conscious of having done anything wrong.'

'Be still, and I'll give you another-dose. We'll stop your nightmares, you unutterable idiot!'

'Yes, but you must give me so much that I can't get away. You must make me quite sleepy, not just a little sleepy. It's so hard to run then.'

'I know it; I know it. I've felt it myself. The symptoms are exactly as you describe.'

'Oh, don't laugh at me, confound you! Before this awful sleeplessness came to me I've tried to rest on my elbow and put a spur in the bed to sting me when I fell back. Look!'

'By Jove! the man has been rowelled like a horse! Ridden by the nightmare with a vengeance! And we all thought him sensible enough. Heaven send us understanding! You like to talk, don't you?'

'Yes, sometimes. Not when I'm frightened. *Then* I want to run. Don't you?'

'Always. Before I give you your second dose try to tell me exactly what your trouble is.'

Hummil spoke in broken whispers for nearly ten minutes, whilst Spurstow looked into the pupils of his eyes and passed his hand before them once or twice.

At the end of the narrative the silver cigarette-case was produced, and the last words that Hummil said as he fell back for the second time were, 'Put me quite to sleep; for if I'm caught I die, I die!'

'Yes, yes; we all do that sooner or later, thank Heaven who has set a term to our miseries,' said Spurstow, settling the cushions under the head. 'It occurs to me that unless I drink something I shall go out before my time. I've stopped sweating, and – I wear a seventeen-inch collar.' He brewed himself scalding hot tea, which is an excellent remedy against heat-apoplexy if you take three or four cups of it in time. Then he watched the sleeper.

'A blind face that cries and can't wipe its eyes, a blind face that chases him down corridors! H'm! Decidedly, Hummil ought to go on leave as soon as possible; and, sane or otherwise, he undoubtedly did rowel himself most cruelly. Well, Heaven send us understanding!'

At mid-day Hummil rose, with an evil taste in his mouth, but an unclouded eye and a joyful heart.

'I was pretty bad last night, wasn't I?' said he.

'I have seen healthier men. You must have had a touch of the sun. Look here: if I write you a swinging medical certificate, will you apply for leave on the spot?'

'No.'

'Why not? You want it.'

'Yes, but I can hold on till the weather's a little cooler.'

'Why should you, if you can get relieved on the spot?'

'Burkett is the only man who could be sent; and he's a born fool.'

'Oh, never mind about the line. You aren't so important as all that. Wire for leave, if necessary.'

Hummil looked very uncomfortable.

'I can hold on till the Rains,' he said evasively.

'You can't. Wire to headquarters for Burkett.'

I won't. If you want to know why, particularly, Burkett is married, and his wife's just had a kid, and she's up at Simla, in the cool, and Burkett has a very nice billet that takes him into Simla from Saturday to Monday. That little woman isn't at all well. If Burkett was transferred she'd try to follow him. If she left the baby behind she'd fret herself to death. If she came – and Burkett's one of those selfish little beasts who are always talking about a wife's place being with her ' husband – she'd die. It's murder to bring a woman here just now. Burkett hasn't the physique of a rat. If he came here he'd go out; and I know she hasn't any money, and I'm pretty sure she'd go out too. I'm salted in a sort of way, and I'm not married. Wait till the Rains, and then Burkett can get thin down here. It'll do him heaps of good.'

'Do you mean to say that you intend to face – what you have faced, till the Rains break?'

'Oh, it won't be so bad, now you've shown me a way out of it. I can always wire to you. Besides, now I've once got into the way of sleeping, it'll be all right. Anyhow, I shan't put in for leave. That's the long and the short of it.'

'My great Scott! I thought all that sort of thing was dead and done with.'

'Bosh! You'd do the same yourself. I feel a new man, thanks to that cigarette-case. You're going over to camp now, aren't you?'

'Yes; but I'll try to look you up every other day, if I can.'

'I'm not bad enough for that. I don't want you to bother. Give the coolies gin and ketchup.'

'Then you feel all right?'

'Fit to fight for my life, but not to stand out in the sun talking to you. Go along, old man, and bless you!'

Hummil turned on his heel to face the echoing desolation of his bungalow, and the first thing he saw standing in the verandah was the figure of himself. He had met a similar apparition once before, when he was suffering from overwork and the strain of the hot weather.

'This is bad – already,' he said, rubbing his eyes. 'If the thing slides away from me all in one piece, like a ghost, I shall know it is only my eyes and stomach that are out of order. If it walks – my head is going.'

He approached the figure, which naturally kept at an unvarying distance from him, as is the use of all spectres that are born of overwork. It slid through the house and dissolved into swimming specks within the eyeball as

soon as it reached the burning light of the garden. Hummil went about his business till even. When he came in to dinner he found himself sitting at the table. The vision rose and walked out hastily. Except that it cast no shadow it was in all respects real.

No living man knows what that week held for Hummil. An increase of the epidemic kept Spurstow in camp among the coolies, and all he could do was to telegraph to Mottram, bidding him go to the bungalow and sleep there. But Mottram was forty miles away from the nearest telegraph, and knew nothing of anything save the needs of the survey till he met, early on Sunday morning, Lowndes and Spurstow heading towards Hummil's for the weekly gathering.

'Hope the poor chap's in a better temper,' said the former, swinging himself off his horse at the door. 'I suppose he isn't up yet.'

'I'll just have a look at him,' said the doctor. 'If he's asleep there's no need to wake him.'

And an instant later, by the tone of Spurstow's voice calling upon them to enter, the men knew what had happened. There was no need to wake him.

The punkah was still being pulled over the bed, but Hummil had departed this life at least three hours.

The body lay on its back, hands clinched by the side, as Spurstow had seen it lying seven nights previously. In the staring eyes was written terror beyond the expression of any pen.

Mottram, who had entered behind Lowndes, bent over the dead and touched the forehead lightly with his lips. 'Oh, you lucky, lucky devil!' he whispered.

But Lowndes had seen the eyes, and withdrew shuddering to the other side of the room.

'Poor chap! poor old chap! Arid the last time I met him I was angry. Spurstow, we should have watched him. Has he —?'

Deftly Spurstow continued his investigations, ending by a search round the room.

'No, he hasn't,' he snapped. 'There's no trace of anything. Call the servants.'

They came, eight or ten of them, whispering and peering over each other's shoulders.

'When did your Sahib go to bed?' said Spurstow.

'At eleven or ten, we think,' said Hummil's personal servant.

'He was well then? But how should you know?'

'He was not ill, as far as our comprehension extended. But he had slept very little for three nights. This I know, because I saw him walking much, and specially in the heart of the night.'

As Spurstow was arranging the sheet, a big straight-necked hunting-spur tumbled on the ground. The doctor groaned. The personal servant peeped at the body.

'What do you think, Chuma?' said Spurstow, catching the look on the dark face.

'Heaven-born, in my poor opinion, this that was my master has descended into the Dark Places, and there has been caught because he was not able to escape with sufficient speed. We have the spur for evidence that he fought with Fear. Thus have I seen men of my race do with thorns when a spell was laid upon them to overtake them in their sleeping hours and they dared not sleep.'

'Chuma, you're a mud-head. Go out and prepare seals to be set on the Sahib's property.'

'God has made the Heaven-born. God has made me. Who are we, to enquire into the dispensations of God? I will bid the other servants hold aloof while you are reckoning the tale of the Sahib's property. They are all thieves, and would steal.'

'As far as I can make out, he died from – oh, anything; stoppage of the heart's action, heat-apoplexy, or some other visitation,' said Spurstow to his companions. 'We must make an inventory of his effects, and so on.'

'He was scared to death,' insisted Lowndes. 'Look at those eyes! For pity's sake don't let him be buried with them open!'

'Whatever it was, he's clear of all the trouble now,' said Mottram softly.

Spurstow was peering into the open eyes.

'Come here,' said he. 'Can you see anything there?'

'I can't face it!' whimpered Lowndes. 'Cover up the face! Is there any fear on earth that can turn a man into that likeness? It's ghastly. Oh, Spurstow, cover it up!'

'No fear – on earth,' said Spurstow. Mottram leaned over his shoulder and looked intently.

'I see nothing except some grey blurs in the pupil. There can be nothing there, you know.'

'Even so. Well, let's think. It'll take half a day to knock up any sort of coffin; and he must have died at midnight. Lowndes, old man, go out and tell the coolies to break ground next to Jevins's grave. Mottram, go round the house with Chuma and see that the seals are put on things. Send a couple of men to me here, and I'll arrange.'

The strong-armed servants when they returned to their own kind told a strange story of the doctor Sahib vainly trying to call their master back to life by magic arts – to wit, the holding of a little green box that clicked to each of the dead man's eyes, and of a bewildered muttering on the part of the doctor Sahib, who took the little green box away with him.

The resonant hammering of a coffin-lid is no pleasant thing to hear, but those who have experience maintain that much more terrible is the soft swish of the bed-linen, the reeving and unreeving of the bed-tapes, when he who has fallen by the roadside is apparelled for burial, sinking gradually as the tapes are tied over, till the swaddled shape touches the floor and there is no protest against the indignity of hasty disposal.

At the last moment Lowndes was seized with scruples of conscience. 'Ought you to read the service, from beginning to end?' said he to Spurstow.

'I intend to. You're my senior as a civilian. You can take it if you like.'

'I didn't mean that for a moment. I only thought if we could get a chaplain from somewhere, I'm willing to ride anywhere, and give poor Hummil a better chance. That's all.'

'Bosh!' said Spurstow, as he framed his lips to the tremendous words that stand at the head of the burial service.

After breakfast they smoked a pipe in silence to the memory of the dead. Then Spurstow said absently –

'Tisn't medical science.'

'What?'

'Things in a dead man's eye.'

'For goodness' sake leave that horror alone!' said Lowndes. 'I've seen a native die of pure fright when a tiger chivied him. I know what killed Hummil.'

'The deuce you do! I'm going to try to see.' Arid the doctor retreated into the bathroom with a Kodak camera. After a few minutes there was the sound of something being hammered to pieces, and he emerged, very white indeed.

'Have you got a picture?' said Mottram. 'What does the thing look like?'

'It was impossible, of course. You needn't look, Mottram. I've torn up the films. There was nothing there. It was impossible.'

'That,' said Lowndes, very distinctly, watching the shaking hand striving to relight the pipe, 'is a damned lie.'

Mottram laughed uneasily. 'Spurstow's right,' he said. 'We're all in such a state now that we'd believe anything. For pity's sake let's try to be rational.'

There was no further speech for a long time. The hot wind whistled without, and the dry trees sobbed. Presently the daily train, winking brass, burnished steel, and spouting steam, pulled up panting in the intense glare. 'We'd better go on that,' said Spurstow. 'Go back to work. I've written my certificate. We can't do any more good here, and work'll keep our wits together. Come on.'

No one moved. It is not pleasant to face railway journeys at mid-day in June. Spurstow gathered up his hat and whip, and, turning in the doorway, said –

*'There may be Heaven-there must be Hell.
Meantime, there is our life here. We-ell?'*

Neither Mottram nor Lowndes had any answer to the question.



NO FINAL DO CORREDOR

“Se a coisa desaparecer inteira, como um fantasma, vou saber que o problema é só com meus olhos. Se andar... é com minha cabeça.”

RUDYARD KIPLING

Céu de chumbo, rosto rubro
Portões do Inferno às escâncaras,
Ventos do Inferno à solta,
Voa poeira açoitando os Céus,
Nuvens baixas, lençol ardente
Que pesa implacável.
Do alimento afasta-se a alma,
Das ninharias por que lutara.
Corpo doente, coração pesado,
Qual poeira do lençol voa a alma,
Desprende-se, vai-se, parte,
Como o som da trompa do cólera¹.

Dos Himalaias

Quatro homens, todos com direito à “vida, liberdade e a busca da felicidade”, estavam sentados a uma mesa jogando uíste². O termômetro

¹ A “trompa do cólera” (*cholera-horn*), citada no verso final do poema em epígrafe: temos aqui uma evolução interessante do termo, segundo Hobson-Jobson. É uma corruptela de *colley-horn*, um instrumento de sopro, de metal, de três peças encaixadas, comprido, em formato semicircular, muito usado em cerimônias fúnebres e até como toque de corneta em alguns acampamentos britânicos na Índia. *Colley*, *collary*, *callery* designava um povo dravidiano do sul da Índia; *colley-horn* ou *cholera-horn*, portanto, remete em sentido estrito à trompa oriunda desse povo dravidiano, que passou a ser usada também em outros locais da Índia. Sendo o cólera endêmico – e geralmente fatal – no país, a corruptela *cholera-horn* ficou ainda mais carregada de associações relativas às melodias fúnebres tocadas durante a cremação das vítimas do cólera. Por esta razão, adotei uma tradução literal – embora redutora – no pungente poema de abertura, ele mesmo já vertido num estilo pós-eliotiano francamente anacrônico! De todo modo, impressiona-me ao descrever o extravio da alma e, por fim, a morte durante a estação quente, naquela região infestada pela doença. (n.t.)

² O uíste, da mesma família do bridge, é um jogo de trunfos e vazas, com quatro pessoas em duas duplas. Cada partida (*rubber*) tem três rodadas, no sistema de melhor de três. Tal como o *bridge*, é um jogo muito codificado, em que as cartas

marcava – para eles – mais de 38 graus. A sala estava sombreada, permitindo enxergar apenas as pintas das cartas e o rosto muito pálido dos jogadores. Um *punkah* de algodão fino endurecido com cal³, podre e esfrangalhado, revolvia o ar quente num lamento lúgubre a cada movimento. Lá fora estava triste e escuro como um dia de novembro em Londres. Não havia céu, nem sol, nem horizonte – nada além de uma névoa mormacenta castanho-vio-lácea. Era como se a terra estivesse morrendo de apoplexia.

De vez em quando, nuvens de poeira fulva se erguiam do solo sem vento nem aviso, estendiam-se como uma toalha de mesa entre as copas das árvores crestadas e desciam novamente. Então um turbilhão de poeira corria algumas milhas pela planície, parava e cedia, embora não houvesse nada para deter sua carreira, a não ser uma fila baixa e comprida de dormentes empilhados e brancos de poeira, um aglomerado de choças de barro, lonas e trilhos imprestáveis e o bangalô baixo e isolado, de quatro cômodos, que pertencia ao engenheiro assistente encarregado de um trecho da ferrovia do estado de Gaudhari, então em construção.

Os quatro, reduzidos apenas às mais leves roupas de dormir, jogavam irritados, discutindo por causa das aberturas e dos retornos. Não era o melhor dos uístes, mas tinham-se dado a bastante trabalho para estar ali. Mottram, do Setor de Topografia Indiana, cobrira trinta milhas a cavalo e cem milhas de trem desde a noite anterior, vindo de seu posto solitário no deserto; Lowndes, do Serviço Público, numa missão especial no departamento político, viera até ali para fugir por uns instantes às intrigas mesquinhas de um Estado nativo depauperado, cujo rei ora adulava, ora vociferava para obter mais dinheiro dos pífios impostos pagos pelos camponeses que viviam apertados e pelos criadores de camelos em desespero; Spurstow, o médico da ferrovia, deixara um acampamento de cules atacados de cólera entregues a si mesmos por quarenta e oito horas, para estar mais uma vez na companhia de brancos. Hummil, o engenheiro assistente, era o anfitrião. Seu serviço era fixo no local e assim recebia os amigos todos os domingos, se pudessem vir. Quando um deles não aparecia, Hummil mandava um telegrama para seu último endereço, para saber se o ausente estava vivo ou morto. Há muitos lugares no Oriente onde não é gentil nem correto

jogadas servem de sinais e pedidos ao parceiro (daí as brigas por causa dos *leads* e *returns*, as aberturas e os retornos do naipe; daí também a irritação de Spurstow com Lowndes, um “transgressor contumaz” das regras do jogo). (n.t.)

³ “Algodão fino endurecido com cal” (*whitewashed calico*): o calico é um algodão bem fino e mole, que recebia uma camada de cal para dar firmeza ao tecido, amplamente usado para os abanadores (*punkah*) e também como forro sob o telhado de palha dos bangalôs. Descreve R. M. Coopland, 1859: *The rooms are only separated from the roof by a piece of whitewashed calico stretched tightly across, which looks quite like a ceiling*. Assim ficam mais claras as referências ao pano do forro do bangalô de Hummil. (n.t.)

deixar que os conhecidos sumam de vista, mesmo que seja apenas por uma semana.

Os jogadores não demonstravam nenhuma grande afeição mútua. Brigavam sempre que se encontravam; mesmo assim, sentiam um desejo ardente de se encontrar, como homens sedentos ansiando por água. Eram sujeitos solitários que entendiam o significado terrível da solidão. Todos tinham menos de trinta anos – cedo demais para possuir tal conhecimento.

– Pilsener? – perguntou Spurstow enxugando a testa, depois de terminarem a segunda partida.

– Desculpe, mas a cerveja acabou, e mesmo a soda mal vai dar para hoje – respondeu Hummil.

– Que droga de desorganização! – rosnou Spurstow.

– Não posso fazer nada. Escrevi, telegrafei; mas os trens ainda não passam regularmente por aqui. Na semana passada acabou o gelo, Lowndes sabe.

– Ainda bem que não vim. Mas eu podia ter mandado um pouco, se soubesse. Ufa! está quente demais para continuar jogando esse arremedo de uíste.

Disse isso com uma carranca feroz para Lowndes, que só deu risada. Era um transgressor contumaz.

Mottram se levantou da mesa e olhou por uma fresta da persiana.

– Que dia e tanto! – disse ele.

Todos bocejaram juntos e se entregaram a um exame distraído de todas as posses de Hummil – armas, romances rotos, selas, esporas e que tais. Já haviam remexido nelas inúmeras outras vezes, mas realmente não tinham mais nada para fazer.

– Recebeu alguma novidade? – perguntou Lowndes.

– A *Gazette of India* da semana passada e um recorte de jornal da Inglaterra. Meu pai mandou. Bastante divertido.

– Mais um daqueles representantes paroquiais que se dizem Membros do Parlamento? – perguntou Spurstow, que acompanhava os jornais sempre que podia.

– Isso mesmo. Ouçam esta. É para você, Lowndes. O homem estava discursando para seu eleitorado e descambou. Veja uma amostra: “E afirmo sem qualquer hesitação que o Serviço Público na Índia é a reserva particular – a reserva favorita – da aristocracia da Inglaterra. O que a democracia, o que o povo recebe daquele país, que anexamos aos poucos na base da fraude? Res-

pondo: absolutamente nada. Ele é explorado pelos filhos da aristocracia apenas com vistas a seus próprios interesses. Cuidam muito bem de manter seus pródigos rendimentos, de evitar ou abafar qualquer investigação sobre a natureza e a condução de sua administração, enquanto obrigam o pobre camponês a pagar com o suor da testa todos os luxos em que se refestelam”.

Hummil abanou o recorte no ar.

– Vê se pode! – disseram os ouvintes.

Então Lowndes falou, pensativo:

– Eu daria... daria três meses de meu salário para esse cavalheiro vir passar um mês aqui comigo e ver como o príncipe nativo, livre e independente, faz as coisas. O Velho Timbersides – tal era o título irreverente que ele dava a um príncipe vassalo coberto de honrarias e condecorações – andou infernizando minha vida na semana passada por causa de dinheiro. Por Júpiter, sua última proeza foi me mandar como propina uma de suas esposas!

– Sorte sua! Você aceitou? – perguntou Mottram.

– Não. Devia ter aceitado. Era uma moça bonitinha e me desfiou a penúria medonha em que vivem as mulheres do rei. Faz quase um mês que as favoritas não ganham nenhuma roupa nova, e o velho quer comprar uma carruagem nova de Calcutá – gradis e lâmpadas de prata maciça e bobagens do gênero. Tento lhe explicar que ele já torrou a receita dos últimos vinte anos e precisa ir mais devagar. Simplesmente não entende.

– Mas ele tem as criptas do tesouro dos ancestrais para usar. Deve ter pelo menos três milhões em joias e moedas no subterrâneo do palácio – disse Hummil.

– Pois pegue um rei nativo mexendo nos tesouros da família! Os sacerdotes proibem, salvo como último recurso. O velho Timbersides acrescentou uns duzentos e cinquenta mil ao depósito em seu reinado.

– De onde raios vem tudo isso? – perguntou Mottram.

– Do campo. A condição do povo é de deixar a gente doente. Eu soube que os coletores de impostos ficam esperando ao lado da camela até dar cria e aí confiscam a mãe pelos atrasados. E o que posso fazer? Não consigo que os funcionários da corte me prestem contas; não consigo mais do que um sorriso untuoso do comandante quando descubro que os soldados não recebem faz três meses; o velho Timbersides começa a se lamuriar quando falo com ele. Adotou com gosto o King’s Peg, conhaque em vez de uísque e champanha em vez de soda.

– Foi o que o rajá de Jubela também adotou. Nem um nativo consegue durar muito tempo assim – disse Spurstow. – Ele vai se acabar.

– Seria uma boa coisa, também. Aí imagino que teremos um conselho regente e um tutor para o jovem príncipe, e depois lhe devolvemos o reino com a arrecadação de dez anos.

– E aí o jovem príncipe, tendo aprendido todos os vícios dos ingleses, vai fazer uma farrá com o dinheiro e num ano e meio acaba com o trabalho de dez anos. Já vi isso antes – disse Spurstow. – Se eu fosse você, pegava leve com o rei, Lowndes. Vão te odiar mesmo, de qualquer jeito.

– Quanto a isso, tudo bem. Quem vê de fora pode falar em pegar leve; mas não tem como limpar um chiqueiro usando água de rosas. Sei dos riscos que corro, mas por enquanto ainda não aconteceu nada. Meu criado é um *pathan* de idade e é ele que cozinha para mim. Dificilmente vão tentar suborná-lo e não aceito comida de meus leais amigos, como eles se denominam. Ah, mas cansa, viu! Preferia ficar com você, Spurstow. Dá para caçar e disparar uns tiros perto do acampamento.

– Preferia? Duvido. Uns quinze mortos por dia só dão vontade de disparar um tiro em si mesmo. E o pior de tudo é que os pobres coitados te olham como se você fosse salvá-los. Deus sabe que tenho feito de tudo. Minha última tentativa foi empírica, mas deu certo. Trouxeram um velho que parecia desenganado, e dei a ele gim com molho inglês e pimenta caiena. Curou o sujeito, mas não recomendo.

– Em geral como tratam os casos? – perguntou Hummil.

– Na verdade, é bem simples. Um composto antidiarreico, pastilha de ópio, mais composto, colapso, salitre, tijolo nos pés e aí... a pira. Esta parece ser a única coisa que acaba com o problema. É o cólera negro, vocês sabem. Pobres coitados! Mas devo dizer que o pequeno Bunsee Lal, meu farmacêutico, trabalha feito louco. Recomendei a promoção dele, se sobreviver.

– E suas chances, camarada, quais são? – perguntou Mottram.

– Não sei; não me interessa muito; mas já mandei a carta. E você, o que anda fazendo?

– Sento embaixo de uma mesa na barraca e fico cuspidando no sextante para não esquentar demais – disse o agrimensor. – Lavo os olhos para não pegar uma inflamação, que certamente vai vir, e tento explicar a um auxiliar de topografia que um erro de cinco graus num ângulo não é tão pouco quanto parece. Estou totalmente sozinho, ‘cê sabe, e isso até o final da estação quente.

– Sortudo é o Hummil – disse Lowndes, jogando-se numa espreguiçadeira. – Tem um teto de verdade... com o pano do forro rasgado, mas sempre é um teto. Todo dia vê um trem. Consegue cerveja e soda, e usa gelo quando Deus permite. Tem livros, ilustrações – eram arrancadas do *Graphic* – e a companhia do excelente subempregado Jevins, além do prazer de nos receber toda semana.

Hummil sorriu sinistro.

– É, sou eu o sortudo, imagino. Jevins é mais.

– O quê? Não...

– Sim. Foi-se. Segunda passada.

– Pelas próprias mãos? – Spurstow perguntou depressa, insinuando a suspeita que estava na cabeça de todos. Não havia cólera na seção de Hummil. Mesmo a febre dá ao sujeito uma semana de misericórdia, e a morte súbita geralmente era por suicídio.

– Não critico ninguém com esse clima – disse Hummil. – Teve uma insolação, imagino; pois na semana passada, depois que vocês saíram, ele veio à varanda e me disse que estava indo para casa ver a esposa, na Market Street, em Liverpool, naquela noite. Chamei o farmacêutico para dar uma olhada nele e fizemos com que se deitasse. Depois de uma ou duas horas, esfregou os olhos e disse que achava que tinha tido um ataque e esperava não ter dito nenhuma grosseria. Jevins queria muito se aprimorar socialmente. Era cheio dos floreios para falar.

– E aí?

– Aí foi para o bangalô dele e começou a limpar um rifle. Disse ao criado que ia caçar gamos na manhã seguinte. Decerto se atrapalhou com o gatilho e deu um tiro na cabeça – por acidente. O farmacêutico mandou um relatório a meu chefe, e Jevins está enterrado em algum lugar lá fora. Eu teria telegrafado a você, Spurstow, se desse para fazer alguma coisa.

– Você é um sujeito estranho – disse Mottram. – Se tivesse matado pessoalmente o camarada, não seria mais discreto a respeito.

– Bom Deus, que importância tem? – disse Hummil calmamente. – Agora, além de meu trabalho, tenho de fazer grande parte do trabalho dele também. Sou o único prejudicado. Jevins caiu fora, por mero acidente, claro, mas caiu fora. O farmacêutico ia escrever uma enorme lengalenga sobre o suicídio. Ninguém melhor que um *babu* para perder tempo com bobagens, sempre que pode.

– E por que você não deixou constar como suicídio? – perguntou Lowndes.

– Não havia prova. Um homem já não tem muitos privilégios neste país, mas pelo menos devia ter o direito de se atrapalhar com o próprio rifle. Além disso, vai que algum dia eu precise de alguém para abafar um acidente comigo mesmo. Viva e deixe viver; morra e deixe morrer.

– Tome um comprimido – disse Spurstow, depois de observar atentamente o rosto pálido de Hummil. – Tome um comprimido e deixe de disparates. Esse tipo de conversa é asneira. De qualquer forma, suicídio é fugir do trabalho. Se eu fosse dez vezes Jó, estaria tão interessado no que ia acontecer que ficaria só para ver.

– Ah! Perdi essa curiosidade – disse Hummil.

– Problema no fígado? – perguntou Lowndes compassivo.

– Não. Não consigo dormir. É pior.

– Por Júpiter, se é! – disse Mottram. – Também fico assim de vez em quando, e depois a crise passa. O que você toma?

– Nada. Do que adianta? Não dormi nem dez minutos desde sexta de manhã.

– Coitado! Spurstow, você tem de ver isso – disse Mottram. – Agora que você falou, seus olhos estão mesmo inchados e viscosos.

Spurstow, ainda observando Hummil, deu uma risadinha.

– Mais tarde dou um jeito nele. O que vocês acham, está quente demais para sair a cavalo?

– E ir aonde? – perguntou Lowndes em tom abatido. – Temos de sair às oito, e já vai ser bastante cavalgada. Detesto andar a cavalo quando é por obrigação. Oh, céus, o que há para se fazer?

– Retomar o uíste, a oito xelins pela pontuação e um *mobur* de ouro pela partida – respondeu Spurstow prontamente.

– Pôquer. O salário de um mês de cada um para o pote, sem limite de aposta e subida de cinquenta rúpias. Alguém vai sair quebrado – disse Lowndes.

– Não me daria nenhum prazer quebrar algum de vocês – disse Mottram. – Não tem muita graça nisso e é bobagem.

Ele atravessou a sala até o piano pequeno, velho e rachado – refugio do lar de um casal que ocupara antes o bangalô – e ergueu a tampa.

– Está estragado faz tempo – disse Hummil. – Os criados acabaram com ele.

De fato o piano estava numa condição irrecuperável, mas Mottram conseguiu criar uma espécie de acordo entre as notas rebeldes, e das teclas irregulares subiu algo que antigamente podia ter sido o fantasma de uma música de cabaré conhecida. Os homens nas espreguiçadeiras se viraram com visível interesse, enquanto Mottram martelava com mais vigor.

– Que ótimo! – disse Lowndes. – Por Júpiter! A última vez que ouvi essa música foi em '79, por aí, logo antes de sair.

– Ah! – retrucou Spurstow orgulhoso. – Eu estava em casa em '80. – E mencionou uma música de rua popular naquela época.

Mottram tocou, estropiando a melodia. Lowndes criticou e fez suas correções. Mottram passou para outra modinha, não de cabaré, e fez menção de se levantar.

– Sente-se – disse Hummil. – Não sabia que você tinha música no sangue. Continue tocando até acabar seu repertório. Na próxima vez que você vier, esse piano vai estar afinado. Toque alguma coisa alegre.

Eram de fato muito simples as melodias que a arte de Mottram e as limitações do piano permitiam, mas os homens ouviam com prazer e, nos intervalos, todos falavam ao mesmo tempo do que tinham visto ou ouvido na última vez em que estiveram em casa. Lá fora ergueu-se uma densa tempestade de poeira, que passou rugindo por cima da casa, envolvendo-a na escuridão sufocante de uma meia-noite, mas Mottram continuou imperturbável e o tinir desconjuntado chegava aos ouvidos dos homens sobrepondo-se ao farfalhar do pano esfarrapado do forro.

Quando a tempestade silenciou, ele passou das canções mais diretamente pessoais da Escócia, que murmurava enquanto tocava, para o Hino das Vésperas.

– Domingo – disse acenando a cabeça.

– Continue. Não precisa justificar – disse Spurstow.

Hummil soltou uma sonora gargalhada.

– Toque, claro. Hoje você está cheio de surpresas. Não sabia que você tinha um talento tão grande para o sarcasmo rematado. Como essa coisa continua?

Mottram retomou a melodia.

– Muito lento. Assim você perde o tom de gratidão – disse Hummil. – Devia ser como a “Polca do Gafanhoto”, assim.

E cantou *prestissimo*:

*“Glória a vós esta noite, ó Senhor,
Pelas bênçãos da luz a meu redor.”*

– Isso mostra que realmente sentimos nossas bênçãos. Como continua?

*“Se à noite fico insone deitado
Preenchei minh’alma com o sagrado;
Que pesadelos não me venham torturar”*

– Mais rápido, Mottram!

“Nem as forças das trevas me dominar!”

Bah! Que tremendo hipócrita você é!

– Não seja estúpido – disse Lowndes. – Você tem toda a liberdade de zombar de qualquer coisa que quiser, mas deixe esse hino em paz. Para mim, ele está associado às lembranças mais sagradas...

– Crepúsculos de verão no campo, vitrais, a luz diminuindo, você e ela de cabeças unidas sobre o mesmo hinário – disse Mottram.

– Isso, e um besourão gordo te acertando no olho no caminho de volta para casa. Cheiro de feno, uma lua do tamanho de uma chapeleira assentada no alto de uma meda; morcegos, rosas, leite e mosquitos – disse Lowndes.

– E mães também. Lembro minha mãe me cantando isso até eu dormir, quando era pequeno – disse Spurstow.

A escuridão tinha tomado conta da sala. Podiam ouvir Hummil se remexendo na cadeira.

– E aí – disse mal-humorado – o sujeito canta o hino quando está nos fundos do Inferno! É um insulto à inteligência da Divindade fingir que somos mais do que meros rebeldes atormentados.

– Tome dois comprimidos – disse Spurstow –; atormentado está seu fígado.

– Hummil, geralmente tão pacato, está com um humor do cão. Fico com pena dos cules dele amanhã – disse Lowndes, enquanto os criados traziam as lamparinas e arrumavam a mesa para o jantar.

Quando se ajeitavam em seus lugares na frente das mirradas costeletas de cabrito e do pudim de tapioca enegrecido de fumaça, Spurstow aproveitou para sussurrar a Mottram:

– Muito bem, Davi!

– Então cuide do Saul – foi a resposta⁴.

– O que vocês dois estão cochichando? – perguntou Hummil desconfiado.

– Só dizendo que você é um anfitrião danado de ruim. Essa carne nem dá para cortar – devolveu Spurstow com um sorriso manso. – Você chama isso de jantar?

– Não posso fazer nada. Esperava o quê, um banquete?

Durante toda a refeição, Hummil se empenhou meticulosamente em insultar todos os convidados, um por um, frontal e contundente; a cada insulto, Spurstow dava um pontapé no ofendido por baixo da mesa, mas não se atrevia a trocar nenhum olhar de entendimento com eles. Hummil estava com o rosto branco e contraído e os olhos desmesuradamente grandes. Ninguém sonhou nem por um instante em se indignar com suas grosserias, mas, tão logo terminaram a refeição, apressaram-se em partir.

– Não vão. Agora que começam a ficar divertidos, meus chapas. Espero não ter dito nada que aborresse ninguém. Vocês são uns danados de melindrosos.

Então, mudando o tom para uma súplica quase rastejante, Hummil acrescentou:

– Quer dizer, vocês não vão embora, vão?

– Como diz o bom Jorrocks, onde eu janta eu dorme – disse Spurstow. – Quero dar uma olhada em seus cules amanhã, se você não se importar. Pode me arranjar um lugar para deitar?

Os outros alegraram a urgência de suas várias obrigações no dia seguinte e, montando na sela, partiram juntos, enquanto Hummil rogava que voltassem no próximo domingo. Saindo a meio trote, Lowndes desabafou com Mottram:

⁴ A menção a Davi e Saul remete a Samuel: “E sucedia que, quando o espírito mau da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito mau se retirava dele” [I Samuel, 16,23]. (n.t.)

– ...E nunca senti tanta vontade na vida de largar um homem ali em sua própria mesa. Ele falou que trapaceei no uíste e lembrou minha dívida! Te jogou na cara que você era um mentiroso! Você não se indignou nem metade do que devia.

– Eu não – respondeu Mottram. – Pobre coitado! Você já viu alguma vez o velho Hummy se comportar assim, mesmo remotamente?

– Não é desculpa. Spurstow ficou me dando canelada o tempo inteiro e aí me segurei. Senão, eu ia...

– Ia nada. Você faria como Hummy fez com Jevins: não criticar ninguém com esse clima. Por Júpiter! A fivela da rédea até me queima a mão! Vamos trotar um pouco, e cuidado com as tocas de rato.

Dez minutos de trote arrancaram de Lowndes um comentário muito sábio, quando puxou as rédeas, suando por todos os poros:

– Bom que o Spurstow passe a noite com ele.

– É. Bom sujeito, o Spurstow. Nossos caminhos se separam aqui. Te vejo no domingo que vem, se o sol não me derrubar.

– Acho que sim, a menos que o ministro das finanças do velho Timbersides consiga pôr um tempero em minha comida. Boa noite e... Deus te abençoe!

– O que foi agora?

– Ah, nada.

Lowndes pegou o chicote e, batendo de leve na anca da égua de Mottram, acrescentou:

– É que você não é um mau sujeito, só isso. – E prontamente a égua disparou meia milha pelo areal.

No bangalô do engenheiro assistente, Spurstow e Hummil fumavam juntos o cachimbo do silêncio, observando-se atentamente. A flexibilidade do espaço na casa de um solteiro é proporcional à simplicidade de sua arrumação. Um criado removeu a mesa de jantar, trouxe dois catres rústicos nativos, feitos de tiras esticadas numa armação leve de madeira, estendeu uma esteira de Calcutá fina e fresca em cada um deles, colocou-os lado a lado, prendeu com alfinetes duas toalhas no *punkab* para que as franjas apenas ventilassem o ar da boca e do nariz dos ocupantes e anunciou que as camas estavam prontas.

Os homens se atiraram nos catres, ordenando por todas as potências do Inferno que os cules encarregados do *punkab* não parassem de puxar. Todas

as portas e janelas estavam fechadas, pois o ar lá fora estava que era um forno. Dentro fazia apenas 40°, como atestava o termômetro, e o ar estava carregado com o fedor dos lampiões de querosene com a mecha mal aparada; esse cheiro, somado ao do fumo nativo, dos tijolos assados e da terra ressequida, derruba o ânimo de muitos homens de fibra lá no chão, pois é o cheiro do Grande Império Indiano quando se converte, durante seis meses, numa casa dos suplícios. Spurstow dobrou habilmente seus travesseiros, para ficar reclinado em vez de deitado, com a cabeça mais alta do que os pés. Se você tem constituição robusta e pescoço largo, não é bom dormir com travesseiro baixo durante a estação quente, pois, entre gorgolejos e roncões agitados, pode passar do sono natural para o torpor profundo da apoplexia pelo calor.

– Dobre seus travesseiros – disse o médico incisivo, quando viu Hummil se preparando para deitar na horizontal.

A mecha ardia bem; a sombra do *punkah* ondulava pelo quarto, acompanhada pela varridela das toalhas presas a ele e pelo leve queixume da corda no orifício da parede. Então o *punkah* fraquejou, quase parou. Da testa de Spurstow escorria suor. Devia sair e repreender o cule? O *punkah* recomeçou num tranco violento e um alfinete se desprende das toalhas. Depois de reposto, começou a soar um tum-tum entre as fileiras dos cules como a batida constante de uma artéria inchada no crânio de um cérebro febril. Spurstow se virou de lado e praguejou baixinho. Não havia nenhum movimento da parte de Hummil. O sujeito estava inteiriçado rígido como um cadáver, as mãos agarradas ao lado. A respiração era rápida demais para estar dormindo. Spurstow olhou o rosto imóvel. Estava de mandíbulas travadas e com as pálpebras trêmulas franzidas.

“Está se segurando o máximo que pode”, pensou Spurstow. “O que há com ele?”

– Hummil!

– Sim – em voz gutural e tensa.

– Não consegue dormir?

– Não.

– Sente a cabeça quente? A garganta estufada? Ou como?

– Nenhum dos dois, obrigado. Não durmo muito, você sabe.

– Se sente meio mal?

– Meio mal, sim, obrigado. Tem um tum-tum lá fora, não tem? No começo achei que era minha cabeça... Ah, Spurstow, por piedade me dê alguma coisa para dormir, dormir fundo, nem que seja só por seis horas!

Ergueu-se num salto, tremendo da cabeça aos pés.

– Não consigo dormir naturalmente faz dias e não aguento! Não aguento!

– Pobre camarada!

– Não adianta. Me dê alguma coisa para dormir. Sério, estou quase louco. Metade do tempo não sei o que estou dizendo. Faz três semanas que tenho de pensar e soletrar cada palavra que me sai da boca, antes de me atrever a falar. Não é de enlouquecer? Não consigo enxergar as coisas direito e perdi o tato. A pele dói, a pele! Me faça dormir. Ah, Spurstow, pelo amor de Deus, me faça dormir fundo. Só sonhar não chega. Me faça dormir!

– Tudo bem, meu velho, tudo bem. Calma; você não está tão ruim assim.

Abertas as comportas, Hummil se agarrava a ele como um menino assustado.

– Assim você me arranca o braço.

– Te quebro o pescoço se você não me ajudar. Não, não quis dizer isso. Não se zangue, meu chapa.

Enxugou o suor enquanto lutava para se recompor.

– Ando um pouco agitado e inapetente, e talvez você possa recomendar alguma mistura para dormir – brometo de potássio.

– Brometo coisa nenhuma! Por que não me falou isso antes? Solte meu braço e vou ver se tenho alguma coisa que sirva na minha cigarreira.

Spurstow vasculhou em suas roupas, avivou a lamparina, abriu uma pequena cigarreira de prata e avançou até o ansioso Hummil com a mais delicada das seringas mágicas.

– A última maravilha da civilização – disse ele – e uma coisa que odeio usar. Estenda o braço. Bom, a insônia não te estragou a musculatura, e que couro grosso você tem aí! É como dar uma subcutânea num búfalo. Agora, daqui a uns minutos, a morfina vai começar a fazer efeito. Deite e espere.

Um sorriso de prazer puro e idiota começou a se espalhar pelo rosto de Hummil, que sussurrou:

– Acho, acho que estou apagando. Benzadeus! É realmente maravilhoso! Spurstow, você vai me deixar aquela cigarreira; você... – a voz cessou e a cabeça caiu para trás.

– Nem por todo o ouro do mundo – disse Spurstow ao corpo inconsciente. – E agora, meu amigo, como esse teu tipo de insônia é bem capaz de esmorecer a fibra moral em questões miúdas como a vida e a morte, vou tomar a liberdade de desmontar suas armas.

Entrou descalço e de mansinho no cômodo da selaria de Hummil e desembalou um rifle calibre 12, uma espingarda de caça com projétil de ponta oca e um revólver. Do primeiro, ele desrosqueou os bocais e escondeu no fundo de uma caixa de selas; da segunda, ele removeu a alavanca e chutou para trás de um guarda-roupa. O terceiro, ele apenas abriu e entortou o encaixe do ferrolho com o tacão de uma bota de montaria.

– Pronto – disse sacudindo as mãos para tirar o suor. – Essas pequenas precauções pelo menos te darão tempo para pensar. Você tem simpatia demais por acidentados com armas dentro de casa.

E, quando se erguia, a voz gutural abafada de Hummil exclamou à porta:

– Seu idiota!

Este é o tom que usam para falar com os amigos nos intervalos lúcidos do delírio, um pouco antes de morrer.

Spurstow deu um salto, deixando cair a pistola. Hummil estava parado à porta, sacudindo-se numa gargalhada incontrolável.

– Foi uma grande bondade de sua parte, tenho certeza – disse bem devagar, procurando as palavras. – No momento não pretendo partir por iniciativa própria. Te digo, Spurstow, aquilo não vai funcionar. O que vou fazer? O que vou fazer? – e um terror pânico lhe apareceu nos olhos.

– Deite-se e dê um tempo. Deite-se já.

– Não me atrevo. Vai me levar de novo só até o meio do caminho e desta vez não vou conseguir escapar. Sabe que só agora consegui me safar? Geralmente sou ligeiro feito um raio, mas você me pôs um peso danado nos pés. Quase fui apanhado.

– Sim, sim, entendo. Vá se deitar.

– Não, não é delírio; mas foi uma peça de muito mau gosto que você me pregou. Sabe que eu podia ter morrido?

Tal como uma esponja limpando uma lousa, algum poder desconhecido a Spurstow removera do rosto de Hummil tudo o que o tornava um rosto de homem, e ali ficou ele à porta com a expressão de sua inocência perdida. No sono regredira à infância aterrorizada.

“Ele vai morrer neste instante?”, pensou Spurstow. Então disse:

– Tudo bem, meu filho. Volte para a cama e me conte tudo. Não consegui dormir, mas qual foi o resto do disparate?

– Um lugar... um lugar lá embaixo – disse Hummil com singela sinceridade. A droga estava agindo em ondas e ele era atirado do medo de um adulto forte ao pavor de uma criança, conforme os nervos se recompunham ou se embotavam.

– Bom Deus! Estou com medo disso faz meses, Spurstow. Tem transformado todas as minhas noites num inferno, e mesmo assim não tenho consciência de ter feito nada de errado.

– Se acalme, e te dou outra dose. Vamos acabar com teus pesadelos, seu tremendo idiota!

– Está bem, mas precisa me dar bastante para eu não poder fugir. Precisa me deixar totalmente ensonado, não só um pouco. Assim fica muito difícil correr.

– Eu sei, eu sei. Já tive isso. Os sintomas são exatamente assim.

– Ah, não goze de mim, seu desgraçado! Antes dessa insônia pavorosa, eu tentava descansar apoiado no cotovelo e usava uma espora na cama para me picar quando eu caía. Veja!

“Por Júpiter! O homem tem sido esporeado como um cavalo! Montado furiosamente pelo pesadelo! E nós todos que o julgávamos sensato... Que os céus nos iluminem!” – Você gosta de falar, não gosta?

– Gosto, às vezes. Não quando estou com medo. Nessas horas só quero correr. Você não?

– Sempre. Antes de lhe dar a segunda dose, tente me contar exatamente qual é o problema.

Hummil falou em sussurros entrecortados por quase dez minutos, enquanto Spurstow olhava suas pupilas e passava a mão diante delas uma ou duas vezes.

No final da narrativa, apareceu a cigareira de prata e as últimas palavras que Hummil disse enquanto desabava pela segunda vez foram:

– Me ponha para dormir fundo, pois, se me apanharem, vou morrer, vou morrer!

– Sim, sim, como todos nós, mais cedo ou mais tarde, graças ao Céu que põe termo a nossas desgraças – disse Spurstow, ajeitando as almofadas sob a cabeça. – Estou achando que, se eu não beber alguma coisa, vou partir antes da hora. Parei de suar e... uso colarinho 43.

Preparou um chá escaldante de quente, o que é um excelente remédio contra a apoplexia pelo calor, se a pessoa tomar três ou quatro xícaras em tempo. Então observou o adormecido.

“Um rosto cego que chora e não consegue enxugar os olhos, um rosto cego que o persegue pelos corredores! Hmm. Decididamente, Hummil devia tirar uma licença o mais rápido possível; e sem dúvida ele se esporeou com enorme crueldade. Bem, que o Céu nos ilumine!”

Ao meio-dia Hummil acordou, com um gosto ruim na boca, mas o olhar desanuviado e o coração leve.

– Estive bem ruim na noite passada, não? – perguntou.

– Já vi homens mais saudáveis. Deve ter sido uma insolação. Escute aqui: se eu fizer um atestado médico convincente, você pede imediatamente uma licença?

– Não.

– Por que não? Você precisa.

– É, mas posso aguentar até que o tempo fique um pouco mais fresco.

– E por que isso, se pode ser liberado já?

– Burkett é o único que podem mandar, e ele é um idiota de nascença.

– Ah, não se preocupe com a ferrovia. Você não é tão importante assim. Peça a licença por telegrama, se necessário.

Hummil parecia embaraçado.

– Posso aguentar até a estação das chuvas – disse evasivo.

– Não, não pode. Telegrafe para a central para mandarem o Burkett.

– Não vou fazer isso. Se quiser saber por quê, mais especificamente, é porque ele é casado e a mulher acabou de dar à luz, e está em Simla, no fresco, e Burkett está num ótimo cargo que lhe permite ficar em Simla de sábado até segunda. A mulherzinha não está nada bem. Se Burkett for transferido, ela vai querer vir também. Se ela deixar o bebê, vai morrer de desgosto. Em suma, se vier – e Burkett é daqueles sujeitinhos egoístas que vivem falando que lugar de mulher é junto do marido –, ela morre. É assassinato trazer uma mulher para cá justo agora. E Burkett não é miúdo feito um rato. Se vier para cá, ele se acaba; e sei que ela não tem dinheiro nenhum, e tenho bastante certeza de que se acabaria também. De certa forma estou calejado e não sou casado. Vamos esperar as chuvas, e aí o Burkett pode vir emagrecer aqui. Vai lhe fazer um bem e tanto.

– Quer dizer que pretende enfrentar... o que tem enfrentado, até virem as chuvas?

– Ora, não vai ser tão ruim, agora que você me mostrou uma saída. Sempre posso te telegrafar. Além disso, agora que voltei a dormir, vai ficar tudo bem. De qualquer modo, não vou pedir licença. Resumindo, é isso.

– Ora, ora, quem diria! Pensei que esse tipo de coisa não existia mais.

– Bobagem! Você faria o mesmo. Me sinto um homem novo, graças àquela cigareira. Você vai para o acampamento agora, não é?

– Vou, mas tentarei te acompanhar dia sim, dia não, se der.

– Não estou tão mal assim. Não precisa se incomodar. Dê gim e catchup aos cules.

– Então você está bem?

– Pronto para lutar pela minha vida, mas não para ficar aqui fora no sol falando com você. Vai, meu velho, e abençoado seja!

Hummil virou nos calcanhares para encarar a clamorosa desolação de seu bangalô e a primeira coisa que viu na varanda foi sua própria figura. Já tinha visto uma vez uma aparição semelhante, quando estava com estafa pelo excesso de trabalho e pela pressão do calor.

– Isso, por si só, já é bem ruim – disse esfregando os olhos. – Se a coisa desaparecer inteira, como um fantasma, vou saber que o problema é só com meus olhos e o estômago. Se andar... é com minha cabeça.

Aproximou-se da figura, que naturalmente se manteve à mesma distância dele, como é o costume de todos os espectros que nascem do excesso de trabalho. Deslizou pela casa e se dissolveu em pontinhos flutuantes no globo ocular tão logo chegou à luz fulgurante do jardim. Hummil continuou com seus afazeres até o final da tarde. Quando entrou para jantar, viu a si mesmo sentado à mesa. A visão se levantou e saiu apressada. Era real em todos os aspectos, exceto por não ter sombra.

Nenhum homem vivo sabe o que aquela semana reservou para Hummil. Um aumento da epidemia segurou Spurstow no acampamento com os cules, e a única coisa que ele pôde fazer foi telegrafar para Mottram, pedindo que fosse ao bangalô e pernoitasse lá. Mas Mottram estava a quarenta milhas do telégrafo mais próximo e não teve nenhuma notícia de coisa alguma além das necessidades do levantamento topográfico, até domingo cedo, quando encontrou Lowndes e Spurstow rumando para a casa de Hummil, para a reunião semanal.

– Espero que o pobre camarada tenha melhorado de humor – disse aquele, curvando-se para desaparecer à porta. – Imagino que ainda não se levantou.

– Vou dar uma olhada nele – disse o médico. – Se estiver dormindo, não há por que acordá-lo.

E um instante depois, pelo tom da voz de Spurstow dizendo para entrarem, os dois souberam o que havia acontecido. Não havia por que acordá-lo.

O *punkah* ainda se movia sobre a cama, mas Hummil tinha partido desta vida pelo menos três horas antes.

O corpo estava deitado de costas, as mãos agarradas ao lado, como Spurstow vira sete noites antes. Nos olhos fixos estava escrito um terror que nenhuma pena conseguiria descrever.

Mottram, que entrara depois de Lowndes, se inclinou sobre o morto e pôs os lábios de leve em sua testa.

– Oh, seu demônio, que sorte a sua! – sussurrou.

Mas Lowndes tinha visto os olhos e recuou estremeando para o outro lado do aposento.

– Pobre camarada! Meu pobre camarada! E na última vez que o vi, fiquei bravo. Spurstow, a gente devia ter ficado de olho. Ele...?

Spurstow continuava habilmente com suas investigações, terminando com uma revista em todo o aposento.

– Não – disse rápido. – Não há vestígio de nada. Chamem os criados.

Entraram, oito ou dez deles, cochichando e espiando um por cima dos ombros do outro.

– Quando o *sahib* foi deitar? – perguntou Spurstow.

– Às onze ou dez, achamos – disse o criado pessoal de Hummil.

– Ele estava bem? Mas como vocês iam saber?

– Não estava doente, até onde ia nosso entendimento. Mas durante três noites ele tinha dormido muito pouco. Isso eu sei, porque o vi andando muito, principalmente no meio da noite.

Enquanto Spurstow ajustava o lençol, uma grande espora reta de caça caiu no chão. O médico soltou um gemido. O criado pessoal espiou o corpo.

– O que você acha, Chuma? – perguntou Spurstow, captando o olhar no rosto moreno.

– Ser celeste, em minha humilde opinião, este que era meu senhor desceu aos Lugares Sombrios e lá foi apanhado porque não conseguiu escapar com rapidez suficiente. Temos a espora como prova de que ele combateu o Medo. Tenho visto homens de minha raça fazerem isso com espinhos, quando lhes lançavam um sortilégio que os tomava de surpresa nas horas de sono e não se atreviam a dormir.

– Chuma, você é um cabeça de vento. Saia e vá preparar os lacres para os bens do *sabib*.

– Deus criou o ser celeste. Deus criou a mim. Quem somos nós para indagar das dispensações de Deus? Direi aos outros criados para ficarem à distância enquanto o senhor faz a contagem dos bens de *sabib*. São todos uns ladrões, e roubariam.

– Pelo que consigo entender, ele morreu de... ora, de qualquer coisa: parada cardíaca, apoplexia pelo calor ou alguma outra provação – disse Spurstow aos companheiros. – Temos de fazer um inventário de suas posses, etc. e tal.

– Ele estava morto de medo – insistiu Lowndes. – Vejam esses olhos! Por misericórdia, não deixem que seja enterrado de olhos abertos!

– Fosse o que fosse, agora ele se libertou de todos os problemas – disse Mottram brandamente.

Spurstow estava escrutando os olhos abertos.

– Venham aqui – disse. – Enxergam alguma coisa ali?

– Não consigo olhar! – gemeu Lowndes. – Cubra o rosto! Existe algum medo na terra capaz de transformar um homem nessa figura? É horripilante. Oh, Spurstow, cubra!

– Na terra, nenhum – respondeu Spurstow. Mottram se inclinou sobre seu ombro e olhou atentamente.

– Não vejo nada, a não ser uns borrões cinzentos na pupila. Não pode haver nada ali, você sabe disso.

– Mesmo assim. Bom, vamos pensar. Vai levar meio dia para arranjar algum tipo de caixão, e ele deve ter morrido no meio da noite. Lowndes, meu chapa, vá e diga aos cules para abrirem uma cova ao lado do túmulo de Jevins. Mottram, percorra a casa com Chuma e providencie que as coisas sejam lacradas. Me mandem dois homens aqui e eu me viro.

Os criados recrutados à força, quando voltaram aos seus, contaram uma estranha história do doutor *sabib* tentando inutilmente trazer o patrão de volta à vida com artes mágicas – a saber, uma caixinha verde que deu um

estalido em cada um dos olhos do morto e um murmúrio aturdido da parte do doutor *sahib*, que levou a caixinha verde consigo.

O martelar ressoante na tampa de um caixão não é coisa agradável de se ouvir, mas os experientes afirmam que muito mais terrível é o suave ruge-ruge dos lençóis, o enrolar e desenrolar das tiras da cama quando se prepara para o enterro aquele que tombou na estrada, baixando gradualmente enquanto se atam as tiras por cima, até que o corpo enfaixado encosta no chão e nenhum protesto se ergue contra a indignidade da rápida remoção.

No último instante, Lowndes foi tomado por escrúpulos de consciência.

– Você terá de ler o ofício fúnebre... do começo ao fim? – perguntou a Spurstow.

– É o que pretendo. Como civil, você é meu superior. Pode ficar com essa parte, se quiser.

– Não foi isso que eu quis dizer, de maneira nenhuma. Só pensei se poderíamos encontrar um capelão em algum lugar – me disponho a procurar onde for – para dar uma chance melhor ao pobre Hummil. Apenas isso.

– Bobagem! – exclamou Spurstow enquanto adaptava os lábios às tremendas palavras que dão início ao ofício fúnebre.

Depois do jejum, fumaram um cachimbo em silêncio em memória do falecido.

Então Spurstow disse em tom distraído:

– Não estão na ciência médica.

– O quê?

– As coisas nos olhos de um morto.

– Valham-me os Céus, deixe de lado esse horror! – disse Lowndes. – Vi um nativo morrer de puro pavor quando um tigre o acou. Eu sei o que matou Hummil.

– Uma pinoia que sabe! Vou tentar ver.

E o médico se retirou para o banheiro com uma Kodak. Alguns minutos depois, ouviu-se o som de algo sendo golpeado até se despedaçar e ele saiu, muito pálido.

– Você tirou um retrato? – perguntou Mottram. – Com que se parece a coisa?

– Era impossível, claro. Não precisa olhar, Mottram. Rasguei os filmes. Não havia nada neles. Era impossível.

– Esta – disse Lowndes muito nitidamente, observando a mão trêmula que se esforçava para reacender o cachimbo – é uma mentira rematada.

Mottram riu pouco à vontade.

– Spurstow tem razão – disse ele. – Estamos todos num tal estado que acreditaríamos em qualquer coisa. Por favor, tentemos ser racionais.

Ninguém falou mais nada por um longo tempo. O vento quente assoviava lá fora e as árvores ressequidas soluçavam. Dali a pouco o trem diário, de metal reluzente, aço polido e cuspidor vapor, parou resfolegante no intenso clarão do dia.

– Melhor irmos nele – disse Spurstow. – De volta ao trabalho. Escrevi o atestado. Não podemos fazer mais nada de bom por aqui, e trabalhar mantém a cabeça no lugar. Vamos.

Ninguém se mexeu. Não é muito agradável encarar uma viagem de trem em pleno mês de junho. Spurstow pegou o chapéu e o chicote e, virando-se na porta, disse:

– *Céu pode existir, Inferno com certeza tem.
Enquanto isso, nossa vida aqui. Muito beeem?*⁵

Mottram e Lowndes não tiveram nenhuma resposta a dar.



⁵ Spurstow, na conclusão, cita os versos finais de *Time's Revenges* de Robert Browning, ligeiramente modificados: *There may be heaven; there must be hell; / Meantime, there is our Earth here – well!* (n.t.)

CRAVINA

CRISTÓBAL DE CASTRO GUTIÉRREZ



O TEXTO: Publicada em 1927, *Clavellina* pode ser classificada como uma obra costumbrista. Esse gênero se concentra nos costumes típicos de Andaluzia, pois seu dialeto está presente na fala de personagens arquetipos representados com uma fonética que tenciona reproduzir os andaluzismos daquele povo. No romance, percebemos essas marcas na fala de personagens mais humildes e, em alguns casos, intencionais de comicidade. Nele aparecem também figuras que “seseam” (do verbo “sesear”, equivalente a pronunciar o *c* ou o *z* como *s*) e inúmeros casos de *yeísmos* (fenômeno, de origem andaluza, em que o *ll* é pronunciado como o *y*).

Texto traduzido: Castro, Cristóbal de. “Clavellina”, capítulo primero. In. *Novelas Escogidas*. Madrid: Aguilar, 1960, pp. 287-294.

O AUTOR: Cristóbal de Castro Gutiérrez (1874-1953), embora tenha estudado Medicina e Direito, não exerceu tais atividades, tendo se dedicado exclusivamente à literatura e ao jornalismo em Madri, na Espanha. Ocupou-se também da tradução ao espanhol de autores estrangeiros. Suas obras foram influenciadas pelo modernismo, realismo hispânico, costumbrismo andaluz, entre outras correntes da época. Cultivou vários gêneros literários, destacando-se como romancista.

AS TRADUTORAS: Andréa Cesco é professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da UFSC. É líder do grupo de pesquisa no CNPq Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro e coordena o Núcleo Quevedo de Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro (UFSC).

Elys Regina Zils atualmente cursa mestrado em Estudos da Tradução (PGET), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

CLAVELLINA

*“En las alturas del cerrete, lisa y redonda, como un plato,
la era, dominando las cañadas, se asfixiaba al sol.”*

CRISTÓBAL DE CASTRO GUTIÉRREZ

CAPÍTULO I – EL BRASILERO

María Ger-truis!... ¡María Gertruis!..
Sentado en el trillo y con las manos en bocina, voceaba, ya hacia la derecha, ya hacia la izquierda, como un peliculero que manejase el altavoz:

– ¡María Gertru-is!

Murmuró con indignación:

– ¡Puñales con María Gertruis!

Luego, titánico, terrible, irguióse en el silloncete del “infierno”, ante las yeguas quietas, resudadas, cuyos ijares inflábanse y desinflábanse como fuelles. En mangas de camisa, despechugado, bajo el gran sombrero de palmas, gritó por enésima vez:

– ¡María Gertru-is!

Silencio mortal. Ni un rumor. Ni un pájaro. Ni un hombre. En las alturas del cerrete, lisa y redonda, como un plato, la era, dominando las cañadas, se asfixiaba al sol. Dionisio se alzó de hombros, tomó de nuevo el cabo del tiro, chascó el látigo, azotando los cuadriles:

– ¡Lusera!... ¡Mojina!

Planteaban las herraduras. Las colas, al oxear, semejaban grandes plumeros. Bajo aquella desoladora quietud, un sombrero de ramas se acurrucaba, como Job, en el muladar. El mirar triste de las bestias tenía esos

fulgores de reconvención que iluminan los ojos de las mujeres desgraciadas.

A veces, en el limpio azul cerníase un águila. De las cañadas húmedas subían ráfagas gustosas, oliendo a juncias y a retamas nuevas. Dionisico, en calzones blancos, abanicándose con el sombrero, como un botocudo, recordaba sus días brasileros de zafra, bajo las angustias del sol, entre la hostilidad de indígenas, portugueses e italianos, siendo él solo español de la “fazenda”... Aquel Antonio Brinca, de alma más torcida que sus ojos, le pinchaba con refranes en portugués: “Terra dura, alem de Extremadura.” “Hespanola terra, só inquisição encerra...” Tanto, en fin, le molió, desazonó, acosó, que hubo de propinarle una pateadura terrible.

Resumió las evocaciones, torciendo la boca en una arruga: “¡Cabayeros!” Luego, con el pudor de su mal oído, en vez de cantar, recitó, como hacía siempre:

*Levouse velida.
Vay lavar cabelos
na fontana fria.
Levouse louçana:
Vay lavar cabelos
na fria fontana....*

Las yeguas arrastraban El “infierno”, cuyas cuchillas, heridas del sol, relucían entre la parva. Dionisico, manoteando el recitado, daba la tremenda impresión del hombre que, perdido el juicio, habla solo.

*En as verdes ervas,
amor d'os amores,
vi andal'as cervas.
En os verdes prados,
amor d'os amores,
vi os cervos bravos...*

Le estremeció un escalofrío.

...!Ay! Ella lo cantaba, exuberante y lánguida, con los brazos desnudos y los ojos maliciosamente entornados, mientras, detrás del mostrador, escanciaba *cañas* y *whiskeys*. Y él, pobre español solo en aquella “fazenda” de Macapa, perdida entre la cuenca del Amazonas y la Guayana francesa, se

consumía de hondo amor por la espléndida criolla, como un colegial por una de esas daifas que se esponjan en los balcones de frente al colegio. Lentamente, según surgían los recuerdos movía la cabeza, torcía, pensativo, la boca. “¡Señores!”

Veíala pechugona, patilluda, arrogante, encender o apagar deseos, con un guiño, con un moihín... Decían de ella como de toda mujer sola, guapa, libre... Quién, que tenía al marido en el presidio de Cayena. Quién, que jamás tuvo marido...

Antonio Brinca, el portugués de los refranes, y un italiano, a quien llamaban de *Calabrés*, que eran los gallitos de rancho, se disputaban el amor de la criolla. Mas, a partir del día en que Dionisio pateara tan violentamente a Brinca, la criolla sólo tuvo ojos para él... Fue durante unos meses el galán, el niño bonito. Ella, la muy..., iba engatusándole, engatusándole. ¡Claro! El tenía veinte años... Era un “chavea”...

Interrumpió sus pensamientos con hondos suspiros:

– ¡Cabayeros!...

Como siempre que reconstruía la escena, se puso mortal. Jadeaba. Ardía, rugía. ¡Qué madrugada aquélla! Los sorprendió en el lecho, cuando ellos le creían a diez leguas, en la “fazenda” de Alves Núñez. Entró, gateando por el suelo, conteniendo la respiración, ocultando el cuchillo. De pronto, ella le vio, y saltó, desnuda, intentando escapar. El la aferró, oprimiéndola, estrujándola, sofocándola, estrangulándola... Mientras, el “otro” huyó en las sombras...

En el presidio de Belén, en Pará, estuvo, año tras año, hasta once. Luego se dejó media vida entre los bosques de Ribeira Corva, aserrando maderas y guiando, Amazonas abajo, las grandes balsas para embarque. Luego, ya maduro y canoso, traficó en plátanos, en tabaco, en café, en mate, en algodón, con una flotilla de pataches que iban de Macapa a Paramaribo, o bien de Macapa a Maranhão. Y al cabo, con cincuenta años, un buen puñado de esterlinas y un ansia de reposo que le comía la sangre, embarcó en Pernambuco para Cádiz, desde donde pasó a su tierra, en la provincia de Córdoba.

Ya en ella, compró el Membrillar, mitad huerta, mitad cortijo, situado en el corazón de la sierra, donde Cristo dio las tres voces. Y allí, extraño a las gentes, cultivando amorosamente la finca, solo en su solo cabo, desgastaba su recia madurez en faenas agrícolas.

Los cuidados domésticos corrían a cargo de Gertrudis, la mujer del peón caminero, cuya caseta distaba del cortijo como cosa de un tiro de

fusil. Gertrudis, con el alba, hacíase cargo de todo. Barría, fregaba, lavaba, cosía, ponía la olla. Y a mediodía, como las criadas asistentes, se largaba, hasta la mañana siguiente, dejándolo todo hecho y a él, solo, a sus anchas, en la finca.

Las gentes del pueblo y los contornos llamábanle el *Brasilero*. Le tenían por uno de esos indianos ricos, extravagantes, sórdidos, que guardan su oro en una orza, no van jamás a misa y son héroes de mil leyendas y misterios.

Su aislamiento, total, absoluto, definitivo, sin otra relación humana que el caminero y su familia, podía retar impunemente el comadreo. Situado el Membrillar lejos de todo tráfico y tránsito, rara vez algún cazador, algún leñador, algún mendigo forastero, asomaban por aquellos andurriales. De suerte, que viviendo a lo eremita, suprimía su vida actual y daba, por la evocación, realidad diaria al pasado.

Era el hombre de los recuerdos palpitantes, de los soliloquios incoherentes. A veces, dejando el azadón, tendíase cara arriba, bajo un olivo, mirando por entre las ramas el cielo azul y las bandadas de vencejos, murmurando palabras sueltas, claves de ideas y emociones. “La muy...” “Es claro... Si yo era un chavea.” A veces, aparejando la mula, mientras ponía la rodilla en el comodín para apretar la cincha, tendía la cabeza atrás, como los gimnastas de circo, y se quedaba en tal postura, embebecido, transportado, respondiendo a la evocación con su vocablo síntesis: “!Cabayeros!”...

Rondaba los sesenta; pero su robustez, la vida sobria y ágil que llevaba, y la ausencia de trato humana-el gran roedor-manteníanle sano, fuerte, lúcido, en una madurez poderosa. Sus hábitos evocadores, lejos de enflaquecerle el ánimo, prestábanle como una unción, como un tónico, suavizando aquella naturaleza ruda, a modo de lubricante que suaviza émbolos de hierro...

* * *

Iba alto el sol y Gertrudis no aparecía. El *Brasilero* dejó el trillo. Abanicándose con el sobrero, fue examinando escrupulosamente la parva. Acá recogía un puñado de mies, desgranándola entre las manos. Allá pateaba una gavilla, todavía entera... Las yeguas, resudadas, estornudaron, levando remolinos de tamo. En el sombrero silbó un mirlo.

Impaciente, el *Brasileiro* tornó a la carga:

– María Ger-tru-is... María Gertru-is.

Hacia el almendral dieron voces:

– ¿Que qué quiosté le estoy disiendo jase una hora?...

¿Una hora? ¿Sería cínica? ¡Pero si no había contestado una sola vez!

Apareció, fondona, greñuda, la boca llena de alfileres, tendiendo ropa blanca entre las pitas.

¿Jase una hora? – refunfuñó el *Brasileiro*.

– Jase una hora, sí, jeñol. Lo que pasa es que osté, como no se limporta na de na...

Dionisico hiló un soliloquio. Luego, entre desconfiado e inseguro, torció la cabeza, se alzó de hombros: “¡Cabayeros!”

La caminera, extendiendo una sábana entre las pitas, se regustó, insistiendo:

– Jase una hora... Y osté, venga llamar a María Gertruis. Y María Getruis venga decir: “¡Que qué quisté!...” Si l’ha dao tiempo a mi marío pa ir al pueblo, jaser mandaos, golver, almosar... ¡Qué je yo! Por sierto que l’ha traío asté el tabaco... Y la pólvora.

– ¿Y los ansuelos?

– Y los ansuelos, sí, jeñol. Y ya tiene osté puesta la mesa, abajo el nogal. ¡Jase una hora!... Gracias que el sarmorejo aguanta más que un centinela.

El *Brasileiro*, sacudiéndose las granzas, se encaminó al nogal. Iba contento, en la alegría del buen apetito. Sintiendo ganas de cantar, comenzó el “recitado”, con expresivos manoteos:

*En as verdes ervas,
amor d’os amores,
vi andal as cervas...*

Viéndole ir manoteando y hablando solo, María Gertrudis murmuró:

– Claro que no jase una hora. Ni media...! Pero si estás loco que una espuerta de gatos!...



CRAVINA

*“Nas alturas da colina, lisa e redonda, como um prato,
a eira, dominando o vale, asfixiava ao sol.”*

CRISTÓBAL DE CASTRO GUTIÉRREZ

CAPÍTULO I – O BRASILEIRO

Maria Ger-truis!... Maria Gertruis!...
Sentado no trilhador e com as mãos junto à boca, em forma de megafone, gritava, para a direita e para a esquerda, como um diretor usando um alto-falante:

– Maria Gertru-is!

Murmurou com indignação:

– Diacho, Maria Gertruis!

Logo, desmedido, temido, ergueu-se da poltrona do “inferno”, diante das éguas quietas, suadas, cujos flancos se inflavam e se desinflavam como foles. Usando roupa de camponês, desabotoada, debaixo de um grande chapéu de palmeira, gritou pela enésima vez:

– Maria Gertru-is!

Silêncio mortal. Nem um rumor. Nem um pássaro. Nem um homem. Nas alturas da colina, lisa e redonda, como um prato, a eira, dominando o vale, asfixiava ao sol. Dionísico encolheu os ombros, com um movimento estalou o chicote, açoitando os traseiros.

– Lusera! Mojina!

As ferraduras gemiam. Os rabos, se balançando, pareciam espanadores. Sob aquele silêncio desolador, um guarda-sol de ramos se encolhia, como Jó, no esterquilínio. O olhar triste das bestas tinha esse fulgor de censura que iluminam os olhos das mulheres desgraçadas.

Às vezes, no límpido céu azul via-se uma águia. Dos vales úmidos subiam gostosas rajadas, cheirando a junças e arbustos novos. Dionísico, de calção branco, abanando-se com o chapéu, como um caipira, recordava os dias brasileiros de safra, sob as angústias do sol, entre a hostilidade de indígenas, portugueses e italianos, sendo só ele o espanhol da fazenda... Aquele Antônio Brinca, de alma mais torta que seus olhos, provocava-lhe com provérbios em português: “Terra dura, além da Estremadura”. “Espanhola terra, só inquisição encerra...” Enfim, incomodou tanto, inquietou, encurralou, que ele teve que se defender com um baita chutão.

Resumiu as evocações, torcendo a boca em uma ruga: “Cavalheiros”. Então, com o pudor de seus ouvidos ruins, em vez de cantar, recitou, como sempre fazia:

*Levou-se velida.
Vai lavar cabelos
na fontana fria.
Levou-se louçana:
Vai lavar cabelos
na fria fontana...¹*

As éguas arrastavam O “inferno”, cujas lâminas, feridas do sol, reluziam entre a meda. Dionísico, gesticulando o recitado, dava a tremenda impressão do homem que, tendo perdido o juízo, fala sozinho:

*Nas verdes ervas,
amor d'os amores,
vi anda's cervas.
Nos verdes prados,
amor d'os amores,
vi os cervos bravos...*

¹ Refere-se a uma cantiga medieval galego-portuguesa. Na versão do Cancioneiro da Vaticana, nº 793, encontramos: “Levou-se a louçana / Levou-se a velida;/ vai lavar os cabelos/na Fontana fria/ Leda dos amores/ dos amores leda”. E de Pêro Meogo: “Levou-s'a louçana, levou-s'a velida,/ vai lavar cabelos na fontana fria,/ leda dos amores, dos amores leda. [...]”. (n.t.)

Um calafrio lhe estremeceu.

...Ai! Ela cantou, exuberante e lânguida, com os braços nus e os olhos maliciosamente entreabertos, enquanto, atrás do balcão, servia cachaças e *whiskeys*. E ele, pobre espanhol sozinho naquela fazenda de Macapá, perdida entre a bacia do Amazonas e a Guiana Francesa, se consumia de profundo amor pela esplêndida crioula, como um colegial por uma dessas meretrizes envaidecidas nas sacadas em frente ao colégio. Lentamente, conforme surgiam as lembranças, movia a cabeça, torcia, a boca, pensativo. “Senhores!”

Via-a peituda, de tronco forte, arrogante, acender ou apagar desejos, com uma piscada, com uma careta... Falavam dela como de toda mulher solteira, bonita, livre... Quem que tinha o marido no presídio de Caiena. Quem que jamais teve marido...

Antônio Brinca, o português dos provérbios, e um italiano, a quem chamavam de *Calabrês*, que eram os galos de briga do rancho, disputavam o amor da crioula. Mas, a partir do dia em que Dionísio golpeou violentamente o Brinca, a crioula só tinha olhos para ele... Foi por alguns meses o galã, o rapaz bonito. Ela, a tão..., ia bajulando-o e bajulando-o. Claro! Ele tinha vinte anos... Era um rapazote...

Interrompeu seus pensamentos com profundos suspiros:

– Cavalheiros!...

Como sempre, quando reconstituía a cena, ficava perigoso. Ofegava, ardia, rugia. Que madrugada aquela! Flagrou-os na cama, enquanto acreditam que ele estava a dez léguas dali, na fazenda de Alves Nunes. Entrou, engatinhando pelo chão, prendendo a respiração, ocultando a faca. De repente, ela o viu, e saltou nua, tentando escapar. Ele a agarrou, oprimindo-a, apertando-a, sufocando-a, estrangulando-a... Enquanto isso, o “outro” fugiu pelas sombras...

No presídio de Belém, no Pará, esteve, ano após ano, até onze. Depois deixou metade da vida nos bosques de Ribeira Corva, serrando madeiras e guiando, Amazonas abaixo, as grandes balsas para embarque. Então, já maduro e grisalho, traficou em bananas, em tabaco, em café, em mate, em algodão, com uma frota de embarcações que iam de Macapá a Paramaribo, ou melhor, de Macapá ao Maranhão. E depois, com cinquenta anos, um bom punhado de libras esterlinas e uma ânsia de repouso que lhe consumia o sangue, embarcou em Pernambuco para Cádiz, e dali a sua terra, na província de Córdoba.

Ali comprou a Membrilhar², metade chácara, metade fazenda, situada no coração da serra, lá onde Judas perdeu as botas. E ali, singular às pessoas, cultivando amorosamente a propriedade, sozinho na sua solidão, desgastava sua forte maturidade em trabalhos agrícolas.

Os cuidados domésticos estavam a cargo de Gertrudis, a esposa de um cantoneiro, cuja casinha estava distante da fazenda como de um tiro de fuzil. Gertrudis, ao amanhecer, se encarregava de tudo. Varria, esfregava, lavava, costurava, preparava o almoço. E ao meio-dia, como as criadas, ia embora, até a manhã seguinte, deixando tudo pronto, e ele, sozinho, com inteira liberdade, na propriedade.

As pessoas do povoado e das redondezas chamam-no de *Brasileiro*. Acreditavam que ele era um desses indianos³ ricos, extravagantes, sórdidos, que guardam ouro num pote, que jamais vão à missa e que são heróis de mil lendas e mistérios.

Seu isolamento, total, absoluto, definitivo, sem nenhum outro relacionamento humano além do cantoneiro e sua família, poderia provocar impunemente a fofoca. Como Membrilhar estava longe de todo movimento e trânsito, raramente um caçador, um lenhador, um mendigo forasteiro, surgia por aqueles caminhos. De modo que, vivendo como eremita, suprimia sua vida atual e dava, pela evocação, realidade diária ao passado.

Ele era o homem das memórias palpitantes, dos monólogos incoerentes. Às vezes, largando a enxada, deitava-se, com o rosto para cima, debaixo de uma oliveira, olhando através dos ramos o céu azul e a revoada das andorinhas, murmurando palavras soltas, combinações de ideias e emoções. “A tão...” “É lógico... se eu era um rapazote”. Às vezes, equipando a mula, enquanto colocava o joelho no lombo para apertar a cilha, esticava a cabeça para trás, como os ginastas de circo, e permanecia nessa postura, extasiado, transportado, respondendo à evocação com seu vocábulo síntese: “Cavalheiros!”...

Estava próximo dos sessenta; porém, sua robustez, a vida sóbria e ágil que levava e a ausência de contato humano – o grande roedor – mantinha-o saudável, forte, lúcido, em uma sensatez poderosa. Seus hábitos sugestivos, longe de lhe enfraquecerem o ânimo, lhe proporcionavam uma unção, como um tônico, suavizando aquela natureza rude, como um lubrificante que suaviza êmbolos de ferro...

² Refere-se a uma propriedade cujo nome alude à plantação de marmelos; o mesmo que marmeleiro. (n.t.)

³ Aquele que regressa com fortuna da América. (n.t.)

O sol estava alto e Gertrudis não apareceu. O *Brasileiro* saiu da estrada. Abanando-se com o chapéu, foi examinando cuidadosamente a meda. Aqui juntava um punhado de cereais, debulhando-os entre as mãos. Ali chutava um feixe, ainda inteiro... As éguas, suadas, espirravam, levantando redemoinhos de poeira. Um melro assobiou na sombra. Impaciente, o *Brasileiro* voltou a bradar:

– Maria Ger-tru-is... Maria Gertru-is.

Em direção ao amendoal, ouviram-se vozes:

– Cadê ocê, tô te chamando faiz uma hora?...

Uma hora? Seria cínica? Mas não tinha respondido uma só vez!

Apareceu, balofa, desgrenhada, a boca cheia de prendedores, estendendo roupa branca entre os agaves.

– Faiz uma hora? – resmungou o *Brasileiro*.

– Faiz uma hora, sim, senhô. O que acontece é que ocê, como num si importa na de na...

Dionísico começou um monólogo. Então, entre desconfiado e inseguro, virou a cabeça, deu de ombros: “!Cavalheiros!”

A cantoneira, estendendo um lençol entre as agaves, incomodada insistiu:

– Faiz uma hora... E ocê, vem chama a Maria Gertruis. E Maria Gertruis vem dizê: “Que que é!...” Si deu tempo pra meu marido ir ao povoado, trazê us pedido, vorta, armaça... I num sei o que mais! Claro que troxe até u tabacu... I a pórvora.

– I os anzol?

– I os anzol, sim senhô. E já coloquei a mesa, debaxo do nogueiral. Faiz uma hora!... Ainda bem que esse sopa aguenta mais que um sentinela.

O *Brasileiro*, sacudindo a sujeira, se foi para o nogueiral. Ia contente, na alegria de um bom apetite. Sentindo vontade de cantar, começou a recitação, com gestos expressivos:

*Nas verdes ervas,
amor d'os amores,
vi andal as cervas...*

Vendo-lhe ir gesticulando e falando sozinho, Maria Gertrudis sussurrou:

– Craru que num faiz uma hora. Nem meia!... Mas si tá loco que fique dormindo pra sempre!...



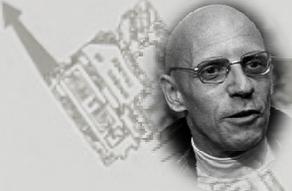


pensurn
(n.t.) | Corippo



UTOPIAS REAIS

OU LUGARES E OUTROS LUGARES
MICHEL FOUCAULT



O TEXTO: No dia 7 de dezembro de 1966 foi ao ar, na França, a emissão *Culture française*, de Robert Valette, na rádio France-Culture, com o seguinte tema: “Literatura sobre utopia”. Na conferência, o convidado Michel Foucault abordou o conceito de heterotopia, discutido, anteriormente, no prefácio de *As palavras e as coisas* (1966). Durante a descrição, apresentou alguns exemplos de heterotopias, como cemitérios, navios, prisões, teatros e jardins, ilustrando suas ideias com textos literários, como *As mil e uma noites*, lidos durante a emissão por Pierre Olivier e René Farabet. A conferência radiofônica teve, como tema de abertura, *Le soleil des eaux*, do compositor Pierre Boulez. O arquivo de áudio encontra-se disponível na *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris.

Texto consultado: Bibliothèque Nationale de France - François Mitterrand. INA audiovisuel - IMV056. Conferência radiofônica pronunciada em 7 de dezembro de 1966, na rádio France-Culture.

Agradecimentos: à Bibliothèque Nationale de France pela liberação do material audiovisual.

O AUTOR: Filósofo francês, Michel Foucault (1926-1984) abordou em suas teorias a relação entre poder e saber. Foi titular de uma cadeira no Collège de France intitulada “História dos sistemas de pensamento”, entre os anos 1970-1984. O conjunto de sua obra traz uma crítica das normas sociais e mecanismos de poder exercidos através de instituições aparentemente neutras, problematizando os processos de subjetivação de si.

A TRADUTORA: Carolina Dittrich é bacharel em Letras e Literatura Francesa e doutoranda em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina. Além de publicar artigos acadêmicos, foi editora-chefe da revista *Anuário de Literatura*.

UTOPIES REELLES

OU LIEUX ET AUTRES LIEUX

*“Il y a donc des pays sans lieu et des histoires sans chronologie...
tout simplement parce qu'ils n'appartiennent à aucun espace.”*

MICHEL FOUCAULT

Il y a donc des pays sans lieu et des histoires sans chronologie ; des cités, des planètes, des continents, des univers, dont il serait bien impossible de relever la trace sur aucune carte ni dans aucun ciel, tout simplement parce qu'ils n'appartiennent à aucun espace. Sans doute ces cités, ces continents, ces planètes sont-ils nés, comme on dit, dans la tête des hommes, ou à vrai dire, dans l'interstice de leurs mots, dans l'épaisseur de leurs récits, ou encore dans le lieu sans lieu de leurs rêves, dans le vide de leurs cœurs ; bref, c'est la douceur des utopies. Pourtant je crois qu'il y a – et ceci dans toute société – des utopies qui ont un lieu précis et réel, un lieu qu'on peut situer sur une carte ; des utopies qui ont un temps déterminé, un temps qu'on peut fixer et mesurer selon le calendrier de tous les jours. Il est bien probable que chaque groupe humain, quel qu'il soit, découpe – dans l'espace qu'il occupe, où il vit réellement, où il travaille – des lieux utopiques, et, dans le temps où il s'affaire, des moments uchroniques.

Voici ce que je veux dire. On ne vit pas dans un espace neutre et blanc ; on ne vit pas, on ne meurt pas, on n'aime pas dans le rectangle d'une feuille de papier. On vit, on meurt, on aime dans un espace quadrillé, découpé, bariolé, avec des zones claires et sombres, des différences de niveaux, des marches d'escalier, des creux, des bosses, des régions dures et d'autres friables, pénétrables, poreuses. Il y a les régions de passage, les rues, les trains, les métros ; il y a les régions ouvertes de la halte transitoire, les cafés, les cinémas, les plages, les hôtels, et puis il y a les régions fermées du repos et

du chez-soi. Or, parmi tous ces lieux qui se distinguent les uns des autres, il y en a qui sont absolument différents : des lieux qui s'opposent à tous les autres, qui sont destinés en quelque sorte à les effacer, à les neutraliser ou à les purifier. Ce sont en quelque sorte des contre-espaces. Ces contre-espaces, ces utopies localisées, les enfants les connaissent parfaitement. Bien sûr, c'est le fond du jardin, bien sûr, c'est le grenier, ou mieux encore la tente d'Indiens dressée au milieu du grenier, ou encore, c'est – le jeudi après-midi – le grand lit des parents. C'est sur ce grand lit qu'on découvre l'océan, puisqu'on peut y nager entre les couvertures ; et puis ce grand lit, c'est aussi le ciel, puisqu'on peut bondir sur les ressorts ; c'est la forêt, puisqu'on s'y cache ; c'est la nuit, puisqu'on y devient fantôme entre les draps ; c'est le plaisir, enfin, puisque, à la rentrée des parents, on va être puni.

Ces contre-espaces, à vrai dire, ce n'est pas la seule invention des enfants ; je crois, tout simplement, parce que les enfants n'inventent jamais rien ; ce sont les hommes, au contraire, qui ont inventé les enfants, qui leur ont chuchoté leurs merveilleux secrets ; et ensuite, ces hommes, ces adultes s'étonnent, lorsque ces enfants, à leur tour, les leur cornent aux oreilles. La société adulte a organisé elle-même, et bien avant les enfants, ses propres contre-espaces, ses utopies situées, ces lieux réels hors de tous les lieux. Par exemple, il y a les jardins, les cimetières, il y a les asiles, il y a les maisons closes, il y a les prisons, il y a les villages du Club Méditerranée, et bien d'autres. Eh bien, je rêve d'une science – je dis bien une science – qui aurait pour objet ces espaces différents, ces autres lieux, ces contestations mythiques et réelles de l'espace où nous vivons. Cette science étudierait non pas les utopies, puisqu'il faut réserver ce nom à ce qui n'a vraiment aucun lieu, mais les hétérotopies, les espaces absolument autres ; et forcément, la science en question s'appellerait, s'appellera, elle s'appelle déjà « l'hétérotologie ». De cette science qui est en train de naître, il faut donner les tout premiers rudiments. Premier principe : il n'y a probablement pas une société qui ne se constitue son hétérotopie ou ses hétérotopies. C'est là, sans doute, une constante de tout groupe humain. Mais à vrai dire, ces hétérotopies peuvent prendre, et prennent toujours, des formes extraordinairement variées, et peut-être n'y a-t-il pas, sur toute la surface du globe ou dans toute l'histoire du monde, une seule forme d'hétérotopie qui soit restée constante. On pourrait peut-être classer les sociétés, par exemple, selon les hétérotopies qu'elles préfèrent, selon les hétérotopies qu'elles constituent. Par exemple, les sociétés dites primitives ont des lieux privilégiés, ou sacrés ou interdits, comme nous-mêmes d'ailleurs ; mais ces lieux privilégiés ou sacrés sont en général réservés aux individus en crise bio-

logique. Il y a des maisons spéciales pour les adolescents au moment de la puberté ; il y a des maisons spéciales réservées aux femmes à l'époque des règles ; d'autres pour les femmes en couches. Dans notre société, ces hétérotopies pour les individus en crise biologique ont à peu près disparu. Remarquez qu'au XIX^e siècle encore il y avait les collèges pour les garçons, il y avait le service militaire aussi, qui jouaient sans doute ce rôle : il fallait que les premières manifestations de la sexualité virile aient lieu ailleurs. Et après tout, pour les jeunes filles, je me demande si le voyage de noces n'était pas à la fois une sorte d'hétérotopie et d'hétérochronie ? Il ne fallait pas que la défloration de la jeune fille ait lieu dans la maison même où elle était née, il fallait que cette défloration ait lieu en quelque sorte nulle part. Mais ces hétérotopies biologiques, ces hétérotopies de crise, disparaissent de plus en plus et sont remplacées par des hétérotopies de déviation. C'est-à-dire que les lieux que la société ménage dans ses marges, dans les plages vides qui l'entourent, sont plutôt réservés aux individus dont le comportement est déviant par rapport à la moyenne ou à la norme exigée : de là les maisons de repos, de là les cliniques psychiatriques, de là également, bien sûr, les prisons. Il faudrait sans doute y joindre les maisons de retraite, puisque après tout l'oisiveté dans une société aussi affairée que la nôtre est comme une déviation - déviation d'ailleurs qui se trouve être une déviation biologique quand elle est liée à la vieillesse, et c'est une déviation, ma foi, constante, pour tous ceux du moins qui n'ont pas la discrétion de mourir d'un infarctus dans les trois semaines qui suivent leur mise à la retraite. Second principe de la science hétérotopologique : au cours de son histoire, toute société peut parfaitement résorber et faire disparaître une hétérotopie qu'elle avait constituée auparavant, ou encore en organiser qui n'existaient pas encore. Par exemple, depuis une vingtaine d'années, la plupart des pays d'Europe ont essayé de faire disparaître les maisons de prostitution, avec un succès mitigé, on le sait, puisque le téléphone a substitué un réseau arachnéen et bien plus subtil à la vieille maison de nos aïeux. En revanche, le cimetière, qui est pour nous, dans notre expérience actuelle, l'exemple le plus évident de l'hétérotopie - le cimetière est absolument l'autre lieu - le cimetière n'a pas toujours joué ce rôle dans la civilisation occidentale. Jusqu'au XVIII^e siècle, il était au cœur de la cité, disposé là, au milieu de la ville, tout à côté de l'église, et, à vrai dire, on ne lui attachait aucune valeur solennelle. Sauf pour quelques individus, le sort commun des cadavres était tout simplement d'être jeté au charnier sans respect pour la dépouille individuelle. Or, d'une façon très curieuse, au moment même où notre civilisation est devenue athée, ou, du moins, plus athée, c'est-à-dire à la fin du XVIII^e siècle, on s'est mis à individualiser les

squelettes. Chacun a eu droit à sa petite boîte et à sa petite décomposition personnelles. D'un autre côté, tous ces squelettes, toutes ces petites boîtes, tous ces cercueils, toutes ces tombes, tous ces cimetières ont été mis à part ; on les a mis hors de la ville, à la limite de la cité, comme si c'était en même temps un centre et un lieu d'infection et, en quelque sorte, de contagion de la mort. Mais tout ceci ne s'est passé – il ne faut pas l'oublier – qu'au XIXe siècle, et même dans le cours du Second Empire, c'est sous Napoléon III, en effet, que les grands cimetières parisiens ont été organisés à la limite des villes. Il faudrait aussi citer, et là on aurait en quelque sorte une sur-détermination de l'hétérotopie : les cimetières pour tuberculeux. Je pense à ce merveilleux cimetière de Menton, dans lequel ont été couchés les grands tuberculeux qui étaient venus, à la fin du XIXe siècle, se reposer et mourir sur la Côte d'Azur : autre hétérotopie.

En général, l'hétérotopie a pour règle de juxtaposer en un lieu réel plusieurs espaces qui, normalement, seraient, devraient être incompatibles. Le théâtre, qui est une hétérotopie, fait succéder sur le rectangle de la scène toute une série de lieux étrangers. Le cinéma est une grande scène rectangulaire, au fond de laquelle, sur un espace à deux dimensions, l'on projette un espace à nouveau à trois dimensions. Mais peut-être le plus ancien exemple d'hétérotopie serait-il le jardin, création millénaire qui avait certainement en Orient une signification magique. Le traditionnel jardin persan est un rectangle qui est divisé en quatre parties, qui représentent les quatre éléments dont le monde est composé, et au milieu duquel, au point de jonction de ces quatre rectangles, se trouvait un espace sacré : une fontaine, un temple. Et autour de ce centre, toute la végétation du monde, toute la végétation exemplaire et parfaite du monde devait se trouver réunie. Or, si l'on songe que les tapis orientaux étaient, à l'origine, des reproductions de jardins, au sens strict, des « jardins d'hiver », on comprend la valeur légendaire des tapis volants, des tapis qui parcouraient le monde. Le jardin est un tapis où le monde tout entier vient accomplir sa perfection symbolique et le tapis, le tapis c'est un jardin mobile à travers l'espace. Était-il, d'ailleurs, parc ou tapis ce jardin que décrit le conteur des Mille et Une Nuits ?

Ali-Nour avait vu à Bassra de bien beaux jardins, mais il n'en avait jamais même rêvé de semblable à celui-ci. La grande porte était formée d'arcades superposées du plus bel effet, et couverte de vignes grimpantes qui laissaient pendre lourdement de magnifiques grappes, les unes rouges comme des pierres de rubis, les autres noires comme l'ébène. L'allée où ils pénétrèrent était om-

bragée d'arbres fruitiers qui pliaient sous le poids de leurs fruits mûrs. Sur les branches les oiseaux gazouillaient dans leur langue des motifs aériens; le rossignol modulait ses airs ; le tourtereau roucoulait sa plainte d'amour; le merle sifflait de son sifflet humain; le pigeon à collier répondait comme enivré de liqueurs fortes. Là, chaque arbre fruitier était représenté par ses deux meilleures espèces ; il y avait des abricotiers avec des fruits amande douce et des fruits à amande amère ; il y avait même des abricotiers du Khorassan ; des pruniers aux fruits couleur des lèvres belles ; des mirabelles douces à enchanter; des figues rouges, des figues blanches et des figues vertes d'un aspect admirable. Quant aux fleurs, elles étaient comme les perles et le corail ; les roses étaient plus belles que les joues des plus belles ; les violettes étaient sombres comme la flamme du soufre brûlé ; il y avait les blanches fleurs du myrte ; il y avait des giroflées et des violiers, des lavandes et des anémones. Toutes leurs corolles se diadémaient des larmes des nuées ; et les camomilles souriaient de toutes leurs dents au narcisse ; et le narcisse regardait la rosée avec des yeux profonds et noirs. Le cédrat arrondi était comme la coupe sans anse ni goulot ; les limons pendaient comme des boules d'or. Toute la terre était tapissée de fleurs aux couleurs par milliers; car le printemps était roi et dominait tout le bocage ; car les fleuves féconds s'enflaient, et les sources tintaient, et l'oiseau parlait et s'écoutait; car la brise chantait comme une flûte, le zéphyr lui répondait avec douceur, et l'air résonnait de toute la joie !¹

On voit que toutes les beautés du monde viennent se recueillir en ce miroir. Le jardin, depuis le fond de l'Antiquité, est un lieu d'utopie. On a peut-être l'impression que les romans se situent facilement dans des jardins : c'est en fait que les romans sont sans doute nés de l'institution même des jardins. L'activité romanesque est une activité jardinière.

Les hétérotopies sont liées le plus souvent à des découpages singuliers du temps. Elles sont parentes, si vous voulez, des hétérochronies. Bien sûr, le cimetière est le lieu d'un temps qui ne s'écoule plus. D'une façon générale,

¹ Texte d'illustration : Mille et Une Nuits.

dans une société comme la nôtre, on peut dire qu'il y a des hétérotopies qui sont les hétérotopies du temps quand ils s'accumulent à l'infini : les musées et les bibliothèques, par exemple. Aux XVIIe et XVIIIe siècles, les musées et les bibliothèques étaient des institutions singulières, ils étaient l'expression du goût de chacun. En revanche, l'idée de tout accumuler, l'idée, en quelque sorte, d'arrêter le temps, ou plutôt de le laisser se déposer à l'infini dans un certain espace privilégié, l'idée de constituer l'archive générale d'une culture, la volonté d'enfermer dans un lieu tous les temps, toutes les époques, toutes les formes et tous les goûts, l'idée de constituer un espace de tous les temps, comme si cet espace pouvait être lui-même définitivement hors du temps, c'est là une idée tout à fait moderne : le musée et la bibliothèque sont des hétérotopies propres à notre culture. Il y a en revanche des hétérotopies qui sont liées au temps, non pas sur le mode de l'éternité, mais sur le mode de la fête : des hétérotopies non pas éternitaires mais chroniques. Le théâtre, bien sûr, mais aussi les foires, ces merveilleux emplacements vides au bord des villes, quelquefois même aux centres des villes, et qui se peuplent une ou deux fois par an de baraques, d'étalages, d'objets hétéroclites, de lutteurs, de femmes-serpents et de diseuses de bonne aventure. Il y a, plus récemment dans l'histoire de notre civilisation, les villages de vacances. Je pense surtout à ces merveilleux villages polynésiens qui, sur les bords de la Méditerranée, offrent trois petites semaines de nudité primitive et éternelle aux habitants de nos villes. Les paillotes de Djerba, par exemple, sont parentes, en un sens, des bibliothèques et des musées, puisque ce sont des hétérotopies d'éternité – on invite les hommes à renouer avec la plus ancienne tradition de l'humanité – et en même temps, elles sont la négation de toute bibliothèque et de tout musée, puisqu'il ne s'agit pas, à travers elles, d'accumuler le temps mais, au contraire, de l'effacer et de revenir à la nudité, à l'innocence du premier péché. Il y a aussi, il y avait, plutôt, parmi ces hétérotopies de la fête, ces hétérotopies chroniques, la fête de tous les soirs dans les maisons closes d'autrefois, la fête qui commençait à six heures du soir, comme dans *La Fille Élixa*.

À la nuit, la maison au gros numéro, morne et sommeillante pendant le jour, s'allumait, en flambait, par toutes ses fenêtres, comme une maison enfermant en incendie. Dix lustres, multipliés par vingt glaces plaquées sur le mur rouge, projetaient dans le café, dans le long boyau du rez-de-chaussée, un éclairage brûlant traversé de lueurs, de reflets, de miroitements életriques et aveuglants, en éclairage tombant, comme

une douche de feu, sur les cervelets de buveurs. Au fond, tout au fond de la salle resserrée et profonde et ayant l'infini de ces corridors de lumière d'un grossier palais de féerie, confondues, mêlée, épaulées les unes aux autres, les femmes était ramassées autour d'une table, dans une espèce d'amoncellement pyramidant et croulant. Du monceau de linge blanc et de chair nue s'avançaient, à toute minute des doigts fouillant à même dans un paquet de maryland commun et roulant une cigarette. À une des extrémités, une femme assise de côté, les jambes allongées sur la banquette et soutenant un peu de l'effort de son dos, l'affaissement du groupe, époucait une chatte, qui tenait une patte raidie arc-boutée sur un de ses seins, dans un défiant et coquet mouvement animal. Un jupon blanc sur une chemise aux manches courtes était toute la toilette de ces femmes, toilette montrant, dans le décolletage d'un linge de nuit et de lit, leurs bras, la naissance de leurs gorges, – chez quelques-unes l'ombre duveteuse du sinus de leurs épaules. Toutes, au-dessus de deux accroche-cœurs, avaient échafaudé une haute coiffure extravagante parmi laquelle couraient des feuilles de vigne en papier doré. Plusieurs portaient sur la peau du cou – une élégance du lieu – d'étroites cravates de soie, dont les longs bouts roses ou bleus flottaient dans l'entre-deux des seins. Deux ou trois s'étaient fait des grains de beauté avec des pépins de fruits. La portepersienne du café commençait à battre. Les pantalons garance cognant leurs sabres-baïonnettes aux tabourets, les hommes à casques trébuchant dans leurs lattes, prenaient place aux tables. À mesure que l'un d'eux s'essayait, du tas de femmes, une fille se détachait, et chantonnante et la taille serrée entre ses deux mains, venait se piéter tout contre le nouvel arrivé, laissant déborder, sur le drap de son uniforme, ses nudités molles. Au comptoir, au milieu des fioles colorées, reflétées dans la grande glace, trônait la maîtresse de la maison. Coiffée d'une magnifique chevelure grise relevée en diadème et où demeurait encore une jolie nuance blond cendré, la vieille femme, qui avait quelque chose d'une antique marquise de théâtre, était habillée d'une robe ressemblant à une tunique de magicienne : une robe de satin feu avec des appliques de guipure. Debout, un coude posé sur le comptoir, son mari, un

tout jeune homme, aux favoris corrects, une grosse chaîne d'or brinquebalant à son gilet, et frêle et charmant dans une veste de chasse dont le coutil laissait apercevoir aux biceps le sac de pommes de terre du savatier, faisait, au bout d'une longue baguette, exécuter des sauts à deux petits chiens savants.²

Enfin, d'autres hétérotopies sont liées, non pas à la fête, mais au passage, à la transformation, au labeur d'une régénération. C'étaient, au XIXe siècle, les collèges et les casernes, qui devaient faire d'enfants des adultes, de villageois des citoyens, et de naïfs des déniaisés. Il y a surtout, de nos jours, les prisons. Enfin, je voudrais proposer comme cinquième principe de l'hétérotopologie, ce fait : que les hétérotopies ont toujours un système d'ouverture et de fermeture qui les isole par rapport à l'espace environnant. En général, on n'entre pas dans une hétérotopie comme dans un moulin, ou bien on y entre parce qu'on y est contraint (les prisons, évidemment), ou bien lorsque l'on s'est soumis à des rites, à une purification. Il y a même des hétérotopies qui sont entièrement consacrées à cette purification. Purification mi-religieuse et mi-hygiénique, comme dans les hammams des musulmans, ou comme dans le sauna des Scandinaves, purification seulement hygiénique, mais qui entraîne avec elle toutes sortes de valeurs religieuses ou naturalistes. Il y a d'autres hétérotopies, au contraire, qui ne sont pas fermées sur le monde extérieur, mais qui sont pure et simple ouverture. Tout le monde peut y entrer, mais, à vrai dire, une fois qu'on y est entré, on s'aperçoit que c'est une illusion et qu'on n'est entré nulle part. L'hétérotopie est un lieu ouvert, mais qui a cette propriété de vous maintenir au dehors. Par exemple, en Amérique du Sud, dans les maisons du XVIIIe siècle, il y avait toujours, ménagée à côté de la porte d'entrée, mais avant la porte d'entrée, une petite chambre qui ouvrait directement sur le monde extérieur et qui était destinée aux visiteurs de passage ; c'est-à-dire que n'importe qui, à n'importe quelle heure du jour et de la nuit, pouvait entrer dans cette chambre, pouvait s'y reposer, pouvait y faire ce qu'il voulait, pouvait partir le lendemain matin sans être vu ni reconnu par personne. Mais, dans la mesure où cette chambre n'ouvrait d'aucune manière sur la maison elle-même, l'individu qui y était reçu ne pouvait jamais pénétrer à l'intérieur de la demeure familiale même. Cette chambre était une sorte d'hétérotopie entièrement extérieure. On pourrait lui comparer l'hétérotopie des motels

² Texte d'illustration : Édmond de Goncourt, *La fille Élisa*.

américains, où l'on entre avec sa voiture et sa maîtresse, et où la sexualité illégale se trouve à la fois abritée et cachée, tenue à l'écart, sans être pour autant laissée à l'air libre. Enfin, il y a des hétérotopies qui semblent ouvertes, mais où seuls entrent véritablement ceux qui sont déjà initiés. On croit qu'on accède à ce qu'il y a de plus simple, de plus offert, et en fait on est au cœur du mystère ; c'est du moins de cette façon-là qu'Aragon entraît autrefois dans les maisons closes :

Encore aujourd'hui, ce n'est pas sans une certaine émotion collégienne que je franchis ces seuils d'excitabilité particulière. Il ne me vient pas à l'idée, la gauloiserie n'est pas dans mon cœur, que l'on puisse autrement aller au bordel que seul, et grave. J'y poursuis le grand désir abstrait qui parfois se dégage des quelques figures que j'ai jamais aimées. Une ferveur se déploie. Pas un instant je ne pense au côté social des lieux. L'expression maison de tolérance ne peut se prononcer sérieusement. C'est au contraire dans ces retraites que je me sens délivré d'une convention : en pleine anarchie comme on dit en plein soleil. Oasis. Rien ne me sert plus alors de ce langage, de ces connaissances, de cette éducation même par lesquels on m'apprit à m'exercer au cœur du monde. Mirage ou miroir, un grand enchantement luit dans cette ombre et s'appuie au chambranle des ravages dans la pose classique de la mort qui vient de laisser tomber son suaire. O mon image d'os, me voici : que tout se décompose enfin dans le palais des illusions et du silence.³

C'est là sans doute qu'on rejoint ce qu'il y a de plus essentiel dans les hétérotopies. Elles sont la contestation de tous les autres espaces, une contestation qu'elles peuvent exercer de deux manières : ou bien, comme dans ces maisons closes dont parlait Aragon, en créant une illusion qui dénonce tout le reste de la réalité comme illusion, ou bien, au contraire, en créant réellement un autre espace réel aussi parfait, aussi méticuleux, aussi arrangé que le nôtre est désordonné, mal agencé et brouillon. C'est ainsi qu'ont fonctionné, au moins dans le projet des hommes, pendant un certain temps -

³ Texte d'illustration : Louis Aragon, *Le paysan de Paris*.

au XVIIIe siècle surtout - les colonies. Bien sûr, ces colonies avaient une grande utilité économique, mais il y avait des valeurs imaginaires qui leur étaient attachées, et sans doute ces valeurs étaient-elles dues au prestige propre des hétérotopies. C'est ainsi qu'aux XVIIe et XVIIIe siècles, les sociétés puritaines anglaises ont essayé de fonder en Amérique des sociétés absolument parfaites ; c'est ainsi qu'à la fin du XIXe siècle et au début encore du XXe siècle, dans les colonies françaises, Lyautey et ses successeurs ont rêvé de sociétés hiérarchisées et militaires. Sans doute la plus extraordinaire de ces tentatives fut-elle celle des jésuites au Paraguay. Au Paraguay, en effet, les jésuites avaient fondé une colonie merveilleuse, dans laquelle, la vie tout entière réglementée, le régime du communisme le plus parfait régnait, puisque les terres et les troupeaux appartenaient à tout le monde. Seul un petit jardin était attribué à chaque famille, les maisons étaient disposées en rangs réguliers le long de deux rues qui se coupaient à angle droit. Au fond de la place centrale du village, il y avait l'église ; sur l'un des côtés, le collège ; sur l'autre, la prison. Les jésuites réglementaient du soir au matin et du matin au soir, méticuleusement, toute la vie des colons. L'angélus sonnait à cinq heures du matin pour le réveil ; puis il marquait le début du travail ; à midi, la cloche rappelait les gens, hommes et femmes, qui avaient travaillé dans les champs ; à six heures, on se réunissait pour dîner ; et à minuit, la cloche sonnait à nouveau, c'était celle qu'on appelait la « cloche du réveil conjugal », car les jésuites, qui tenaient à ce que les colons se reproduisent, tiraient allègrement tous les soirs sur la cloche pour que la population puisse proliférer, ce qu'elle fit d'ailleurs, puisque de cent-trente mille qu'ils étaient au début de la colonisation jésuite, les Indiens étaient devenus quatre-cent mille au milieu du XVIIIe siècle. On avait là l'exemple d'une société entièrement fermée sur elle-même, qui n'était rattachée par rien au reste du monde, sauf par le commerce et les bénéfices considérables que faisait la Société de Jésus.

Avec la colonie, on a une hétérotopie qui est en quelque sorte assez naïve pour vouloir réaliser une illusion. Avec la maison close, on a en revanche une hétérotopie qui est assez subtile ou habile pour vouloir dissiper la réalité avec la seule force des illusions. Et si l'on songe que le bateau, le grand bateau du XIXe siècle, est un morceau d'espace flottant, un lieu sans lieu, vivant par lui-même, fermé sur soi, libre en un sens, mais livré fatalement à l'infini de la mer et qui, de port en port, de quartier à filles en quartier à filles, de bordée en bordée, va jusqu'aux colonies chercher ce qu'elles recèlent de plus précieux : en ces jardins orientaux qu'on évoquait tout à l'heure, on comprend pourquoi le bateau a été pour notre civilisation - et ceci depuis le XVIe

siècle au moins - à la fois, le plus grand instrument économique et notre plus grande réserve d'imagination. Le navire, c'est l'hétérotopie par excellence. Les civilisations sans bateaux sont comme les enfants dont les parents n'auraient pas un grand lit sur lequel on puisse jouer ; leurs rêves alors se tarissent, l'espionnage y remplace l'aventure, et la hideur des polices, la beauté ensoleillée des corsaires.



UTOPIAS REAIS

OU LUGARES E OUTROS LUGARES

*“Há, então, países sem lugar e histórias sem cronologia...
simplesmente porque eles não pertencem a nenhum espaço.”*

MICHEL FOUCAULT

Há, então, países sem lugar e histórias sem cronologia; cidades, planetas, continentes, universos, os quais seria impossível revelar o traço sobre mapa algum, nem em céu algum, simplesmente porque eles não pertencem a nenhum espaço. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas, eles nasceram, como se diz, na cabeça dos homens, ou, para dizer a verdade, no interstício de suas palavras, na densidade de suas narrativas, ou, ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; brevemente, é suavidade das utopias. Entretanto, creio que existem – e isso em toda a sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que se pode situar em um mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que se pode fixar e medir segundo o calendário diário. É provável que cada grupo humano, qualquer um que seja, divida – no espaço que ocupa, onde vive realmente, onde trabalha – lugares utópicos, e; quando se atarefa, momentos crônicos.

Aí está o que quero dizer. Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos, não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos, amamos em um espaço quadricular, fragmentado, matizado, com zonas claras e escuras, com diferenças de níveis, degraus de escada, cavidades, relevos, regiões duras e outras friáveis, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem, as ruas, os trens, os metrô; há regiões abertas de alta transitoriedade, os cafés, os cinemas, as praias, os hotéis e, ainda, há regiões fechadas para o repouso e o próprio lar. Ora, entre todos

esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são completamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros; que, de alguma forma, são destinados a apagá-los, a neutralizá-los ou a purificá-los. São, de algum modo, contraespaços. Esses contraespaços, essas utopias localizadas, as crianças conhecem perfeitamente. Claro, são os fundos do jardim; claro, é o celeiro; ou, melhor ainda, é a tenda de índio erguida no meio do celeiro; ou, ainda, a grande cama dos pais em uma quinta-feira à tarde. Certamente, nessa grande cama que se descobre o oceano, já que se pode nadar entre os cobertores; e, em seguida, essa grande cama é também o céu, pois se pode saltar sobre as molas; é a floresta, pois nela se pode esconder; é a noite, pois nela nos tornamos fantasmas entre os lençóis; é o prazer, enfim, já que, com a chegada dos pais, seremos punidos.

Esses contraespaços, para dizer a verdade, não são uma única invenção das crianças, pois creio, simplesmente, que as crianças não inventam nada, jamais; são os homens, ao contrário, que inventaram as crianças, que lhes cochicharam seus maravilhosos segredos e, em seguida, esses homens, esses adultos, atordoam-se quando essas crianças, por sua vez, buzina em suas orelhas. A sociedade adulta organizou a ela mesma muito antes das crianças, seus próprios contraespaços, suas utopias situadas, esses lugares reais fora de todos os lugares. Por exemplo, há os jardins, os cemitérios, os asilos, os bordéis, as prisões, as vilas do *Club Méditerranée*, entre outros. Pois bem, eu sonho com uma ciência – específico aqui uma ciência – que teria como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência não estudaria as utopias, já que é preciso reservar esse nome àquilo que não possui realmente nenhum lugar, e sim, as heterotopias, os espaços absolutamente outros; e, inevitavelmente, a ciência em questão chamar-se-ia, chamar-se-á, ela já se chama “heterotopologia”. A essa ciência que está nascendo, é necessário dar-lhe todos os primeiros rudimentos.

Primeiro princípio: não há, provavelmente, uma sociedade que não constitua sua heterotopia ou suas heterotopias. Essa é, sem dúvida, uma constante de todo grupo humano. Mas, para dizer a verdade, essas heterotopias podem tomar, e tomam sempre, formas extraordinariamente variadas e, talvez, não haja, sobre toda a superfície do globo ou em toda a história do mundo, uma única forma de heterotopia que se manteve constante. Poderíamos, talvez, classificar as sociedades, por exemplo, de acordo com as heterotopias que elas preferem, de acordo com as heterotopias que elas constituem. Por exemplo, as sociedades ditas primitivas têm lugares privilegiados, ou sagrados, ou proibidos – como nós mesmos;

mas esses lugares privilegiados ou sagrados são, em geral, reservados aos indivíduos em crise biológica. Há casas especiais para os adolescentes no momento da puberdade; há casas especiais reservadas às mulheres no período menstrual; outras às mulheres acamadas. Em nossa sociedade, essas heterotopias para os indivíduos em crise biológica quase desapareceram. Repare que, no século XIX, ainda havia colégios para meninos; havia também o serviço militar, que desempenhava, sem dúvida, seu papel: era preciso que as primeiras manifestações da sexualidade viril tivessem espaço em algum lugar. E, além disso, para as meninas, pergunto-me se a viagem de núpcias não seria, por sua vez, uma espécie de heterotopia e de heterocronia? Não conviria que a defloração da menina tivesse lugar na mesma casa em que nasceu, seria necessário que essa defloração acontecesse em algum tipo de lugar algum. Mas essas heterotopias biológicas, essas heterotopias de crise, estão desaparecendo cada vez mais e são substituídas por heterotopias de desvio – quer dizer que os lugares que a sociedade administra de suas margens, nas praias vazias que a contornam, são, antes, reservadas aos indivíduos cujo comportamento é desviado em relação à média ou à norma exigida: daí as casas de repouso, daí as clínicas psiquiátricas, daí igualmente, claro, as prisões. Precisaria, sem dúvida, acrescentar aqui os asilos, já que, depois de toda a ociosidade em uma sociedade tão azafamada quanto a nossa, é como um desvio – desvio, aliás, que é biológico quando aliado à velhice, e é um desvio, convicção minha, constante, para todos aqueles que, ao menos, não têm a discrição de morrer de um infarto nas três semanas seguintes à sua aposentadoria.

Segundo princípio da ciência heterotopológica: no curso de sua história, toda sociedade pode perfeitamente desfazer e desaparecer com uma heterotopia constituída anteriormente ou organizar uma que ainda não exista. Por exemplo, há uma vintena de anos, como é sabido, a maior parte dos países da Europa tentou fazer desaparecer as casas de prostituição com um sucesso mitigado, já que o telefone substituiu uma rede suavemente entrelaçada e bem mais sutil que a velha casa de nossos antepassados. Ao contrário, o cemitério, que é, para nós, em nossa experiência atual, o exemplo mais evidente da heterotopia – o cemitério é absolutamente o outro lugar –, o cemitério nem sempre desempenhou esse papel na civilização ocidental. Até o século XVIII, ele estava no coração da cidade, disposto lá, no meio da vila, ao lado da igreja, e, para ser franco, não lhe atribuíam nenhum valor solene. Salvo alguns indivíduos, o destino comum dos cadáveres era o de simplesmente ser jogado em um ossuário, sem respeitar os restos mortais individuais. Ora, de um modo muito curioso, no momento mesmo em que

nossa civilização se torna ateia ou, ao menos, mais ateia, ou seja, ao final do século XVIII, começamos a individualizar os esqueletos. Cada um passa a ter direito à sua pequena caixa e à sua pequena decomposição pessoal. Por outro lado, todos esses esqueletos, todas essas pequenas caixas, todos esses caixões, todos os túmulos, todos esses cemitérios foram colocados de lado, foram colocados fora da cidade, no limite da cidade, como se fossem, ao mesmo tempo, um centro e um lugar de infecção e, de alguma forma, de contágio da morte. Mas isso tudo não acabou; não se deve esquecer que, no século XIX, e mesmo durante o Segundo Império, foi sob Napoleão III, de fato, que os grandes cemitérios parisienses foram organizados nos limites da cidade. Seria preciso citar, também – e aqui teríamos um tipo de sobredeterminação da heterotopia –, os cemitérios para tuberculosos. Penso no maravilhoso cemitério de Menton, no qual foram enterrados os grandes tuberculosos que vieram, ao final do século XIX, repousar e morrer na Côte d’Azur: outra heterotopia.

Em geral, a heterotopia tem, por regra, justapor, em um lugar real, diversos espaços que, normalmente, seriam, deveriam, ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, faz suceder sobre o retângulo do palco toda uma série de lugares estranhos. O cinema é um grande palco retangular, o qual, na realidade, sobre um espaço de duas dimensões, projeta-se novamente um espaço de três dimensões. Mas, talvez, o mais antigo exemplo de heterotopia seja o jardim, criação milenar que, certamente, tinha no Oriente uma significação mágica. O tradicional jardim persa é um retângulo dividido em quatro partes que representam os quatro elementos dos quais o mundo é composto e, em seu meio, no ponto de junção desses quatro retângulos, encontra-se um espaço sagrado: uma fonte, um templo. E, em torno desse centro, toda a vegetação do mundo, toda a vegetação exemplar e perfeita do mundo deveria encontrar-se reunida. Ora, se sonharmos que os tapetes orientais eram, em sua origem, reproduções dos jardins, no senso *stricto* dos “jardins de inverno”, compreende-se o valor lendário dos tapetes voadores, dos tapetes que percorriam o mundo. O jardim é um tapete no qual o mundo inteiro vem executar sua perfeição simbólica, e o tapete, o tapete é um jardim móvel através do espaço. Seria ele, ademais, parque ou tapete, esse jardim descrito pelo narrador de *Mil e uma noites*?

Ali-Nour havia visto em Basra belíssimos jardins, mas ele não havia jamais sonhado com um semelhante a este aqui. A grande porta era formada de arcadas sobrepostas do mais belo efeito e coberta de trepadeiras de vinhas que se deixavam pendurar vagarosamente

magníficas uvas, algumas vermelhas como pedras de rubis, outras negras como o ébano. O caminho por onde penetravam era sombreado por árvores frutíferas que se inclinavam sob o peso de suas frutas maduras. Sobre os troncos, pássaros gorjeavam em sua língua de temas aéreos; o rouxinol modulava suas melodias; a rolinha arrulhava seu lamento de amor; o merle assoviava seu humano assovio; o pombo, com seu colarinho, respondia como que embriagado de fortes licores. Ali, cada árvore frutífera estava representada por suas duas melhores espécies: havia damasqueiros com as amêndoas das frutas doces e amêndoas amargas; havia, ainda, damasqueiros de Khorasan; ameixeiras com frutas da cor de belos lábios; pêssegos encantadoramente doces; figos vermelhos, figos brancos e figos verdes de admirável aspecto. Quanto às flores, elas eram como as pérolas e o coral; as rosas eram mais belas que as mais belas faces; as violetas eram escuras como a chama do enxofre queimado; haviam as brancas flores de murta; haviam os alelis, as lavandas e as anêmonas. Todas as suas pétalas coroavam-se nas lágrimas das brumas e as camomilas sorriam com todos os seus dentes ao narciso; e o narciso observava a rosa com olhos profundos e negros. A cidreira arredondada era como um vaso sem alça nem abertura; os limões penduravam-se como bolas de ouro. Toda a terra estava entapizada por milhares de flores coloridas, pois a primavera era rainha e dominava todo o bosque; pois os rios fecundos inchavam-se e as fontes tilintavam e o pássaro falava e ouvia-se; pois a brisa cantava como uma flauta, Zéfiro respondia-lhe com doçura e o ar ressoava toda a alegria!¹

Vê-se que todas as belezas do mundo vêm se recolher nesse espelho. O jardim, já no início da Antiguidade, é um lugar de utopia. Pode-se ter a impressão de que os romanos se situam facilmente nos jardins: é fato que os romanos são, sem dúvida, nascidos da mesma instituição que os jardins. A atividade romanesca é uma atividade jardineira.

As heterotopias estão ligadas, cada vez mais, a recortes singulares do tempo. São parentes, se preferir, das heterocronias. Claro, o cemitério é o

¹ *As mil e uma noites*, sem data precisa.

lugar de um tempo que não decorre mais. De um modo geral, em uma sociedade como a nossa, pode-se dizer que há heterotopias que são as heterotopias do tempo quando se acumulam ao infinito: os museus e as bibliotecas, por exemplo. Nos séculos XVII e XVIII, os museus e as bibliotecas eram instituições singulares, eram a expressão do gosto de cada um. Contudo, a ideia do acúmulo, a ideia, de alguma forma, de parar o tempo, ou, ainda, de deixá-lo colocar-se no infinito em um certo espaço privilegiado; a ideia de constituir o arquivo geral de uma cultura; a vontade de fechar, em um espaço, todos os tempos, todas as épocas, todas as formas e todos os gostos; a ideia de constituir um espaço de todos os tempos, como se esse espaço pudesse ser, ele mesmo, definitivamente fora do tempo – essa é uma ideia realmente moderna: o museu e a biblioteca são heterotopias próprias à nossa cultura. Por outro lado, há as heterotopias ligadas ao tempo, não sob o modo da eternidade, mas sob o modo da festa: heterotopias não infundáveis, porém, crônicas. O teatro, obviamente, mas também as feiras, esses maravilhosos locais vazios às margens das cidades, algumas vezes nos centros das cidades, e que são ocupados uma ou duas vezes por ano com barracas, mercadorias expostas, objetos heteróclitos, lutadores, mulheres-serpentes e adivinhos. Há, mais recentemente na história de nossa civilização, cidades turísticas. Penso, sobretudo, naquelas vilas maravilhosas da Polinésia que, além das margens do Mediterrâneo, oferecem três semaninhas de nudez primitiva e eterna aos habitantes de nossas cidades. As casas de sapê em Djerba, por exemplo, são próximas, de certo modo, das bibliotecas e dos museus por se tratarem de heterotopias da eternidade – convidam-se os homens a reatar com a mais antiga tradição da humanidade – e, ao mesmo tempo, elas são a negação de toda biblioteca e de todo museu, já que não se trata de acumular o tempo através delas, mas, ao contrário, de apagá-lo e voltar-se ao nudismo, à inocência do primeiro pecado. Há também, havia ainda, entre essas heterotopias festivas, essas heterotopias crônicas, a festa de todas as noites nos bordéis de antigamente, a festa que começava as seis horas da tarde, como em *Jovem Elisa*.

À noite, casa sempre cheia, morna e sonolenta durante o dia, iluminava-se, flamejava por todas as suas janelas, como uma casa trancada em incêndio. Dez lustres, multiplicados por vinte cristais laminados sobre o muro vermelho, projetavam no café, no longo e sinuoso caminho do térreo, uma claridade abrasadora atravessada pela luz efêmera, por reflexos, deslumbrantes fagulhas elétricas ofuscantes, uma

iluminação que desmorona, como uma chuva de fogo, sobre o cerebelo dos bêbados. No fundo, bem ao fundo da sala apertada e profunda e com o infinito de seus corredores de luz como os de um grosseiro de conto de fadas, confundidas, misturadas, empurrando umas às outras, as mulheres estavam amontoadas ao redor de uma mesa, em uma espécie de amontoamento piramidal prestes a ruir. Do monte de roupas brancas e carne nua, avançavam, a cada minuto, dedos que investigavam um maço de Maryland comum e enrolavam um cigarro. Em uma das extremidades, uma mulher sentada de lado, as pernas alongadas sobre a banquetta e sustentando levemente o esforço de suas costas, a prostração entre o grupo, espulgava uma gata que tinha uma pata arcobotante esticada sobre um dos seus seios, em um desafiador e gracioso movimento animal. Uma anãgua branca sobre uma camisa de mangas curtas era tudo que usavam essas mulheres, peças que deslizavam, deixando à mostra a lingerie de noite, seus braços, onde nasce seu colo, – para algumas a escura penugem na cavidade de seus ombros. Todas usavam cachos na testa e tinham elaborado um alto penteado extravagante entre o qual enfeitavam folhas de vinhas em papel dourado. Muitas carregavam no pescoço – uma elegância do local – estreitas gravatas de seda cujas longas pontas rosas ou azuladas boiavam entre os seios. Duas ou três haviam feito pintinhas com sementes de frutas. A porta persiana do café começava a bater. As calças vermelhas batidas, seus sabre-baionetas nos tamboretas, os homens de capacete cambaleantes em seus pés, tomavam seus lugares nas mesas. A medida que cada um deles sentou-se, entre o acúmulo de mulheres, uma jovem destacava-se, cantante com o espartilho entre suas duas mãos, vinha na ponta dos pés contra o recém-chegado deixando transbordar, sobre o tecido de seu uniforme, sua macia nudez. No balcão, no meio das garrafas coloridas, refletidas no grande espelho, pavoneava-se a dona da casa. Penteada com uma magnífica cabeleira cinza exaltada por um diadema e onde residia ainda uma bela mecha loira acinzentada, a senhora, que possuía algo de uma antiga marquesa de teatro, usava um vestido que lembrava uma túnica de mágico: um vestido de cetim fogo com apliques de renda guipure. De pé, um cotovelo apoiado no balcão,

seu marido, um homem jovem, barba bem feita, uma grande corrente de ouro pendurada em seu colete, frágil e charmoso em um casaco de caça em que lona deixava perceber nos bíceps o saco de batatas remendado pelo sapateiro, fazia, com a extremidade de uma longa vara, dois pequenos cachorros executar engenhosos saltos.²

Enfim, outras heterotopias estão ligadas não à festa, mas à passagem, à transformação, ao labor de uma regeneração. No século XIX, eram os colégios e os quartéis que deveriam fazer das crianças, adultos, dos camponeses, cidadãos, e dos ingênuos, desacanhados. E em nossos dias, sobretudo, existem as prisões. Enfim, gostaria de propor como um quinto princípio da heterotopologia, este fato: que as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e fechamento que as isola em relação ao espaço limítrofe. Em geral, não se entra em uma heterotopia como em um moinho, entra-se, ou porque se é forçado (as prisões, evidentemente), ou, ainda, porque somos submetidos a rituais, a uma purificação. Purificação meio religiosa, meio higiênica, como nos *hammams* dos muçulmanos, ou como na sauna dos escandinavos, purificação apenas higiênica, mas que leva consigo todos os tipos de valores religiosos ou naturalistas. Há outras heterotopias, ao contrário, que não são fechadas ao mundo exterior, mas que são, pura e simplesmente, abertura. Todos podem adentrá-las, mas, uma vez que nelas adentramos, percebemos, verdadeiramente, que se trata de uma ilusão e que não entramos em lugar algum. A heterotopia é um lugar aberto, mas que tem essa propriedade de nos manter fora. Por exemplo, na América do Sul, nas casas do século XVIII, sempre havia, reservado ao lado da porta de entrada, mas antes da porta de entrada, um pequeno quarto que abria diretamente para o mundo exterior e que se destinava aos visitantes de passagem; quer dizer que, não importasse quem fosse, nem a hora do dia ou da noite, este poderia entrar nesse quarto e ali repousar, fazer o que bem quisesse, poderia partir no dia seguinte pela manhã sem ser visto ou reconhecido por alguém. Mas, na medida em que esse quarto não abria, de modo algum, para a casa em si, o indivíduo no quarto não poderia jamais penetrar no interior da residência familiar. Esse quarto era uma forma de heterotopia inteiramente exterior. Poder-se-ia compará-lo à heterotopia dos motéis americanos, onde se entra com seu carro e sua amante, e onde a sexualidade ilegal encontra-se abrigada e escondida, desvio constante, sem ser, por isso, aberto ao ar livre.

² *La fille Élisabeth*, de Édmond Goncourt, 1877.

Enfim, há heterotopias que parecem abertas, mas que nelas apenas entram, realmente, aqueles que já são iniciados. Cremos que acedemos àquilo que há de mais simples, mais oferecido, mas, de fato, estamos no centro do mistério: é, ao menos, dessa forma que Aragon entrava, em outros tempos, nas casas de tolerância.

Ainda hoje, não é sem uma certa emoção colegial que confesso essas primícias de excitabilidade particular. Não concebo – a brincadeira não está em meu coração – que eu pudesse ir ao bordel senão sozinho, e preocupado. Possuía o grande desejo abstrato que, por vezes, desprende-se de algumas figuras que jamais gostei. Um fervor se desdobra. Por um instante eu não penso no aspecto social dos lugares. A expressão “casa de tolerância” não pode se pronunciar seriamente. Ao contrário, nesses retiros que me sinto liberto de um acordo: em plena anarquia, como se diz, em pleno sol. Oásis.

Nada mais me serve além dessa linguagem, de seus conhecimentos, essa educação mesma pela qual me ensinaram a praticar no coração do mundo. Miragem ou espelho, um grande encantamento brilhava nessa sombra e se apoiava na ombreira das ruínas, pose clássica da morte que deixa cair seu sudário. Oh, minha imagem em ossos, aqui estou: que tudo se decomponha, enfim, no palácio das ilusões e do silêncio.³

É aí, sem dúvida, que se reúne o que há de mais essencial nas heterotopias. Elas são a contestação de todos os outros espaços, contestação que podem exercer de duas maneiras: ou nesses bordéis dos quais falava Aragon, criando uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade como ilusão, ou antes, ao contrário, criando, realmente, um outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso e tão arrumado, que o nosso passa a ser desordenado, mal agenciado e perturbador. É assim que funcionou, ao menos no projeto dos homens, durante certo tempo – no século XVIII, sobretudo –, as colônias. Claro que essas colônias tinham grande utilidade econômica, pois tinham valores imaginários que lhes foram vinculados, os quais, sem dúvida, eram devidos ao prestígio próprio das heterotopias. É assim que, nos séculos XVII e XVIII, as sociedades puritanas inglesas tentaram fundar na América

³ *Le paysan de Paris*, de Louis Aragon, 1926.

sociedades absolutamente perfeitas; foi assim que, ao final do século XIX, e também ao início do XX, nas colônias francesas, Lyautey e seus sucessores sonharam com sociedades hierarquizadas e militares. Sem dúvida, a mais extraordinária dessas tentativas foi a dos jesuítas no Paraguai. No Paraguai, de fato, os jesuítas fundaram uma colônia maravilhosa, onde a vida toda era regulamentada, o mais perfeito regime comunista reinava, já que as terras e os rebanhos pertenciam a todos. Apenas um pequeno jardim era atribuído a cada família, as casas eram dispostas em fileiras regulares ao longo das duas ruas que se cruzavam em uma esquina. Ao fundo da praça central da vila havia a igreja; em um dos lados, o colégio; em outro, a prisão. Os jesuítas normatizavam da noite até a manhã, e da manhã até a noite, meticolosamente, toda a vida dos colonos. As Ave-Marias tocavam às cinco horas da manhã para o despertar; em seguida, marcavam o início dos trabalhos; ao meio-dia, o sino tornava a chamar as pessoas, homens e mulheres, que haviam trabalhado nos campos; às seis horas reuniam-se para jantar; e à meia-noite o sino tocava novamente, aquele que chamavam “o sino do despertar conjugal”, pois os jesuítas, que precisavam que os colonos se reproduzissem, tocavam os sinos alegremente todas as noites para que a população pudesse proliferar, o que, então, fizeram, pois eram cento e trinta mil ao início da colonização jesuíta, e, na metade do século XVIII, os índios estavam em quatrocentos mil. Temos aqui o exemplo de uma sociedade inteira fechada sobre si mesma, sem qualquer ligação com o resto do mundo, salvo o comércio e os consideráveis benefícios que proporcionava a Sociedade de Jesus.

Com a colônia, tem-se uma heterotopia que é, de alguma forma, suficientemente inocente para querer realizar uma ilusão. Com o bordel, tem-se, ao contrário, uma heterotopia muito sutil ou hábil para querer dissipar a realidade com a força única das ilusões. E se imaginamos que o barco, o grande barco do século XIX, é um pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar, vivendo por si só, fechado sobre si, livre em um sentido, mas entregue fatalmente ao infinito do mar, e que, de porto em porto, das quadras em quadras de meninas, de bordéis em bordéis, desloca-se até as colônias para procurar o que elas escondem de mais precioso: nesses jardins orientais que evocamos todo o tempo, compreende-se porque o barco foi, ao mesmo tempo, para a nossa civilização – e isso, desde o século XI, ao menos –, o maior instrumento econômico e a nossa maior reserva de imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. As civilizações sem barco são como aquelas crianças cujos pais não têm uma grande cama sobre a qual possam brincar; seus sonhos, então, esgotam-se, e a espionagem toma o lugar da aventura, e a

monstruosidade dos policiais tomam o lugar da beleza ensolarada dos corsários.





ensaïos
(n.t.)|Corippo



O IMPÉRIO JESUÍTICO

LEOPOLDO LUGONES

O TEXTO: Este ensaio, escrito entre 1903 e 1904, aborda o plano de evangelização liderado pela Companhia de Jesus junto a povos indígenas na América meridional (séculos 17 e 18). Além de descrever as ruínas das reduções, que estão hoje em território argentino, Lugones analisa os antecedentes da conquista da América, as tentativas e formas de exploração da terra e como os jesuítas se aliaram ao projeto político da Coroa espanhola até serem por ela expulsos. O texto foi considerado por Borges como a melhor obra em prosa do poeta argentino Leopoldo Lugones. Aqui são apresentados trechos de dois dos seus sete capítulos. “El futuro imperio y su habitante” descreve a geografia, a geologia, a fauna e a flora da região das Missões. Já “La conquista espiritual” aborda as circunstâncias que favoreceram a redução dos indígenas e a adaptação das suas lendas pela religião católica.

Texto traduzido: Lugones, Leopoldo. *El imperio jesuítico*. Biblioteca Personal de Jorge Luis Borges. Buenos Aires: Hyspamérica, 1985. Trechos dos capítulos dois e quatro.

O AUTOR: Leopoldo Lugones (1874-1938) é um dos poetas de primeira linha do movimento modernista hispano-americano. Para Borges, o conjunto da sua produção constitui “uma das maiores aventuras do idioma espanhol”. Publicou, entre outros, *Los crepúsculos del jardín* (poemas), *La guerra gaucha* (narrativa), *Las fuerzas extrañas* (contos). A sua obra mais importante é *Lunario sentimental* (poemas), de 1909.

A TRADUTORA: Marlova Aseff é tradutora e doutora em Estudos da Tradução e Literatura pela UFSC. Faz estágio pós-doutoral junto à Pós-Graduação em Literatura da UnB (PNPD/Capes). Publicou, entre outros, *Três escritores-tradutores no cenário literário brasileiro contemporâneo* (In: *Protocolos críticos*. Iluminuras, 2008) e *Maduración de la crítica y el proceso de traducción* (In: *Translation and interculturality*. Peter Lang, 2008, v.1); organizou *Memória de tradutora*, de Rosa Freire D’Aguiar (Escritório do Livro, 2004).

EL IMPERIO JESUÍTICO

“El centro del Imperio Jesuítico, parecía realizar con su belleza las leyendas circulantes en la España conquistadora.”

LEOPOLDO LUGONES

EL FUTURO IMPERIO Y SU HABITANTE

El territorio que a los 84 años de su descubrimiento formaría el centro del Imperio Jesuítico, parecía realizar con su belleza las leyendas circulantes en la España conquistadora, sobre aquel Nuevo Mundo tan manso y tan proficuo.

Si Colón se había creído en las inmediaciones del Paraíso al tocar la costa firme, arrebatada su misma imaginación de comerciante con la maravilla tropical, los conquistadores que entraron al centro del Continente por el Plata y por el sur del Brasil pudieron suponer lo propio.

Menos grandioso el paisaje, pero más poético; añadiendo los encantos del clima y del acceso fácil a su gracia original, y alternando en discreta proporción el bosque virgen con la llanura, el río enorme con el arroyo pintoresco, su belleza se adaptaba mucho mejor a aquellos temperamentos meridionales.

Por grande que fuera su rudeza, el entusiasmo debió llegar a lo grandioso, si se considera el fondo místico de la empresa y sus contornos épicos. La geografía, recién escapada a las invenciones medioevales, que durante mil años estuvieron tomando de Plinio cuanto hay en éste de más quimérico, aumentaba con lo incierto de sus datos la impresión legendaria.

Las ideas reinantes sobre el Nuevo Mundo eran en realidad tan vagas que en 1526, cuando la expedición de Gaboto empezó definitivamente la con-

quista del Río de la Plata y del Paraguay, François de Moyne, en su tratado *De Orbis situ ac descriptione*, tomaba al Asia, a la Europa y a México por un solo continente, atribuyendo una costa no interrumpida y común a la Suecia, la Rusia, la Tartaria, Terranova y la Florida. Verdad es que, en 1550, Pierre Desceliers protestó de semejante confusión en su mapamundi, aludiendo visiblemente a Moyne; pero la perplejidad siguió por muchos años toda vía engendrando los planes más insensatos.

El nuevo país de que la conquista se enseñoreaba no favorecía mucho, sin embargo, las empresas puramente bélicas; y así, sus ocupantes debieron limitarse casi del todo al cometido de exploradores. Los naturales presentaron escasa resistencia, los grandes ríos facilitaron desde el comienzo las excursiones, y puede decirse que, fuera del bosque, la arduidad de la empresa no fue extrema.

La comarca se brindaba a primera vista para la fundación de un vasto imperio. Desde su geología hasta su habitante, todo presentaba caracteres uniformes.

Sobre las areniscas rojas, sincrónicas con el período cretáceo al parecer, y en todo caso muy antiguas, un vasto derrame de basalto imprimió al terreno su fisonomía actual. Otros dos productos de este fenómeno, la completaron en la forma enteramente peculiar que hasta hoy reviste. El primero es un ocre ferruginoso, que en las capas profundas se manifiesta [*sic*] compacto y negrozco, pulverizándose y oxidándose al contacto del aire, hasta constituir la arcilla colorada que forma el suelo de la región; el otro es un conglomerado de grava, en un cemento ferruginoso también, verdadera escoria que rellenó las grietas del basalto, y cuyo clivaje denota vagamente una disposición prismática, que facilita su desprendimiento en bloques casi regulares. La nomenclatura popular llama a esta roca piedra *tacurú*, por la semejanza que presenta con la estructura interna de los hormigueros de este nombre. Sus yacimientos, que fueron muchas veces canteras jesuíticas, permiten estudiarla bien, pues aquellos trabajos la pusieron al descubierto en grandes superficies; y la regularidad de sus bloques, de setenta a ochenta centímetros por costado generalmente, sorprende por su parecido con la cristalización basáltica a la cual acompañó.

Nuevos sacudimientos del suelo proyectaron a través de las grietas los asperones primitivos, cuyo horizonte actual patentiza claramente este fenómeno. En la costa paraguaya, frente a San Ignacio, hay una gruta que pone a la vista el levantamiento en cuestión; y los cerrillos de Teyú Cuaré, en la ribeza [*sic*] argentina, lo ratifican mejor quizá con sus vivas estrati-

ficaciones. Si el cauce del Alto Paraná es, como se cree, una grieta volcánica, a lo menos hasta aquella altura – y ello me parece evidente –, esos bancos de arenisca en sus orillas demostrarían la supuesta proyección.

Abundan también los lechos de cuarzo cristalino y aun agatado, aunque éste menos común, predominando la misma roca en los cantos rodados de los ríos. Las cornalinas y calcedonias que suelen hallarse entre éstos deben provenir de las sierras brasileñas, pues su pequeñez indica lo largo del camino que han debido recorrer; pero estos son ya detalles geológicos.

Lo que predomina es el basalto y los compuestos ferruginosos, desde el ocre y el conglomerado que antes mencioné, hasta el mineral nativo, fácilmente hallable en la costa del Uruguay, y los titanatos que con aspecto de azúrea pólvora, jaspean profusamente las arenas.

A esta exclusividad corresponde una no menos singular ausencia de sal y de calcáreo; pues fuera del carbonato de cal, elemento de las meláfiras mezcladas al basalto en ciertos puntos, y de algunas tobas, estratificados de la misma sustancia, que figuran en nódulos libres, pero con mucha parsimonia en los terrenos de acarreo, no se advierte ni vestigios. Las aguas, extraordinariamente dulces, demuestran también esta escasez.

Un rojo de almagre domina casi absoluto en el terreno, contribuyendo a generalizar su matiz los yacimientos de piedra *tacurú* fuertemente herrumbrosos; los basaltos y meláfiras, con su aspecto de ladrillo fundido, y el variado rosa de los asperones; con más que éstos son accidentes nimios, pues la tierra colorada lo cubre todo.

El carácter geológico es uniforme, pues, y con mayor razón si se considera su área inmensa; pues tanto las arcillas rojas como el traquito del que se las considera sincrónicas se dilatan en línea casi recta hasta el Mar Caribe, constituyendo el asiento de la gran selva americana, extendida por la misma extensión, con el mismo carácter de unidad sorprendente.

Diríase que la extraordinaria permeabilidad de ese ocre, facilitando la penetración de las aguas pluviales en su seno, y en caso de sequía la imbibición por contacto con los depósitos profundos, mantiene la humedad enorme que semejante vegetación requiere; ocasionando a la vez poderosas evaporaciones, condensadas luego en aquellas lluvias constantes, cuya pluviometría alcanza al promedio anual de 2 metros en Misiones y de 3 arriba en el Norte del Paraguay, contándose aguaceros de 800 milímetros. Esto explicaría bien, me parece, la relación entre el bosque y su suelo.

La ausencia de sal y de calcáreo, que en Córdoba coexisten con las areniscas rojas del extremo boreal de su sierra, y en los Andes con los ba-

saltos del Neuquén, puede que se haya debido en parte – pues nunca fue abundante de seguro – a la levigación, fácilmente ejecutada por las lluvias en suelo tan permeable, pareciéndome igualmente claro que a esta causa obedezca también su pobreza fosilífera.

Salvo algunas impresiones en las areniscas, los fósiles propiamente dichos son tan escasos que puede considerárselos ausentes. La falta de calcáreo y de sal explica esto en buena parte; pero como ella resultaría a su vez de la permeabilidad del suelo y de las lluvias excesivas, en estas causas queda comprendido todo.

A esa inmensa fertilidad se agregaba lo riente del paisaje en el centro del futuro Imperio Jesuítico. El derrame basáltico dio al suelo un aspecto generalmente ondulado por oteros y lomas que se alzan a montañas, pero nunca imponentes ni enormes desde que su mayor altitud alcanza en lo que fue el límite N.E. de aquí a 750 metros.

El triángulo formado por la laguna Iberá y los ríos Uruguay, Miriñay y Paraná, es decir, el actual territorio de Misiones, hasta el paralelo 26°, fue el centro del Imperio, y su aspecto da en conjunto la característica de la región.

Cruzado por la Sierra del Imán, casi paralela a los dos grandes ríos cuyas aguas divide, formaba un término medio entre la gran selva y las praderas, contando además con la montaña y con la vasta zona lacustre de la misteriosa Iberá, vale decir con todas las condiciones necesarias para una múltiple explotación industrial.

Del propio modo que en las comarcas del Brasil y del Paraguay, situadas a igual latitud, el bosque no es continuo en la región misionera. La gran selva se inicia con manchones redondos, que tienen ya toda su espesura; pero faltan todavía algunas plantas más peculiares, como los pinos y la yerba, cuya aparición señala el comienzo de los bosques continuos. Éstos, como en las dos naciones antedichas, están formados por los mismos individuos: pero en la región argentina, más broceada por la explotación industrial, no son ahora tan lozanos.

Generalmente circulares, fuera de los sotos, donde, como es natural, serpentean con el cauce, su espesura se presenta igual desde la entrada. No hay matorrales ni plantas aisladas que indiquen una progresiva dispersión. Desde la vera al fondo, la misma profusión de almácigo; el mismo obstáculo casi insuperable al acceso, la misma serenidad mórbida de invernáculo.

Su silencio impresiona desde luego, tanto como su despoblación; los mismos pájaros huyen de su centro, donde no hay campo para la vista ni para las alas. Nunca el viento, muy escaso por otra parte en la región, conmueve

su espesura. Los herbívoros se arriesgan pocas veces en ella, y tampoco la frecuentan entonces los felinos. Algún carnicero necesitado, o aventurero marsupial, como el coatí y la comadreja, afrontan, trepando al acecho por los árboles, tan difícil vegetación, en busca de tal cual rata o murciélago durmiente; pero aun esto mismo acontece rara vez. Los árboles necesitan estirarse mucho para alcanzar la luz entre aquella densidad, resultando así esbeltamente desproporcionados entre su altura y su grueso.

Los escasos claros, redondeados por la expansión helicoidal de los ciclones, o las sendas que cruzan el bosque, permiten distinguir sus detalles. Admirables parásitas, exhiben en la bifurcación de los troncos, cual si buscaran el contraste con su rugosa leña, elegancias de jardín y frescuras de legumbre. Las orquídeas sorprenden aquí y allá, con el capricho enteramente artificial de sus colores; la preciosa «aljaba» es abundantísima, por ejemplo. Líquenes profusos envuelven los troncos en su lana verdácea. Las enredaderas cuelgan en desorden como los cables de un navío desarbolado, formando hamacas y trapecios a la azogada versatilidad de los monos; pues todo es entrar libremente el sol en la maraña, y poblarse ésta de salvajes habitantes.

Abundan entonces los frutos, y en su busca vienen a rondar al pie de los árboles el pecarí porcino, la avizora paca, el agutí, de carne negra y sabrosa, el tatú bajo su coraza invulnerable; y como ellos son cebo a su vez, acuden sobre su rastro el puma, el gato montés elegante y pintoresco, el aguará en piel de lobo, cuando no el jaguar, que a todos ahuyenta con su sanguinaria tiranía.

Bandadas de loros policromos y estridentes se abaten sobre algún naranjo extraviado entre la inculca arboleda; soberbios colibríes zumban sobre los azahares, que a porfía compiten con los frutos maduros; jilgueros y cardenales, cantan por allá cerca; algún tucán precipita su oblicuo vuelo, alto el pico enorme en que resplandece el anaranjado más bello; el negro *yacutoro* muge, inflando su garganta que adorna roja guirindola, y en la espesura amada de las tórtolas, lanza el pájaro campana su sonoro tañido.

Haya en las cercanías un arroyo, y no faltarán los capivaras [*sic*], las nutrias, el tapir que al menor amago se dispara como una bala de cañón por entre los matorrales, hasta azotarse en la onda salvadora; el venado, nadador esbelto. Cloqueará con carcajada metálica, la chuña anunciadora de tormentas; silbarán en los descampados las perdices, y más de un yacaré soñoliento y glotón sentará sus reales en el próximo estero.

En el suelo fangoso brotarán los helechos, cuyas elegantes palmas alcanzan metro y medio de desarrollo, ora alzándose de la tierra, ora encorvándose al extremo de su tronco arborescente, con una simetría de quitasol. Tréboles enormes multiplicarán sus florecillas de lila delicado; y la ortiga gigante, cuyas fibras dan seda, alzará hasta cinco metros su espinoso tallo, que arroja a la punción un chorro de agua fresca.

Por los faldeos y cimas, la vegetación arbórea alcanza su plenitud en los cedros, urundayes y timbós gigantes. El follaje es de una frescura deliciosa, sobre todo en las riberas, donde forma un verdadero muro de altura uniforme y verdor sombrío, que acentúa su aspecto de seto hortense, sobre el cual destacan las tacuaras su panoja, en penachos de felpa amarillenta que alcanzan ocho metros de elevación; descollando por su elegancia, entre todos esos árboles ya tan bellos, el más peculiar de la región – la planta de la yerba –, semejante a un altivo jazminero.

Reina un verdor eterno en esas arboledas y sólo se conoce en ellas el cambio de estación, cuando, al entrar la primavera, se ve surgir sobre sus copas la más eminente de algún lapacho, rugoso gigante que no desdeña florecer en rosa, como un duraznero, arrojando aquella nota tierna sobre la tenebrosa esmeralda de la fronda.

Nada más ameno que esos trozos de selva, destacándose con decorativa singularidad sobre el almagre del suelo. Sus meandros parecen caprichos de jardinería, que encierran entre glorietas verdaderas *pelouses*. Los pastos duros de la región, fingen a la distancia peinados céspedes; y el paisaje sugiere a porfía, correcciones de horticultura.

Las palmeras – sobre todo el precioso *pindó*, de hojas azucaradas como las del maíz –, ponen, si acaso, una nota exótica en el conjunto, al lanzar con gallardía, me atrevo a decir jónica, sus tallos blanquizcos a manera de cimbrantes cucañas; pero nada agregan de salvaje, nada siquiera de abrumador a la circunstante grandeza. Ésta se conserva elegante sobre todo, y los palmares que comienzan cada uno de esos bosques dan con su columnata la impresión de un pronaos ante la bóveda forestal.

Serrezuelas entre las cuales corren ahocinados arroyos clarísimos, que aucaudalan con violencia a cada paso las lluvias; figuran en el paisaje como un verdadero adorno formado por enormes ramilletes. Los pantanos nada tienen de inmundo, antes parecen floreros en su excesivo verdor palustre. Los naranjos, que se han ensilvecido en las ruinas, prodigan su balsámico tributo de frutas y flores, todo en uno. El más insignificante manantial posee su marco de bambúes; y la fauna, aun con sus fieras, verdaderas miniaturas de

las temibles bestias del viejo mundo, contribuye a la impresión de inocencia paradisíaca que inspira ese privilegiado país.

Reptiles numerosos, pero mansos, causan daño apenas; los insectos no incomodan, sino en el corazón del bosque; hasta las abejas carecen de aguijón, y no oponen obstáculo alguno al hombre que las despoja, o al hirsuto tamandúa que las devora con su miel

Las mismas tacuaras ofrecen en sus nudos un regalo al hombre de la selva, con las crasas larvas del *bambú* análogas, si no idénticas, en mi opinión, a las del ciervo volador, que Lúculo cataba goloso.

El clima, salubre a pesar de su humedad extraordinaria, presenta como único inconveniente un poco de paludismo en las tierras muy bajas. La escarcha de algunas noches invernales no causa frío sino hasta que sale el sol y el promedio de la temperatura viene a dar una primavera algo ardiente. Viento apenas hay, fuera de las turbonadas en la selva. Neblinas que son diarias durante el invierno, envuelven en su tibio algodón a las perezosas mañanas. Ahogan los ruidos, amenguan la actividad, retardan el día, y su acción enervante debe influir no poco en la indolencia característica de aquella gente subtropical.

Cerca de mediodía, aquel muelle vellón se rompe. El cielo se glorifica profundamente; verdean los collados; silban las perdices en las cañadas; y por el ambiente, de una suavidad quizá excesiva, como verdadero símbolo de aquella imprevisora esplendidez, el *Morpho menelaus*, la gigantesca mariposa azul, se cierne lenta y errátil, joyando al sol familiar sus cerúleas alas.

A la tarde, el espectáculo solar es magnífico, sobre los grandes ríos especialmente, pues dentro del bosque la noche sobreviene brusca, apenas disminuye la luz. En las aguas, cuyo cauce despeja el horizonte, el crepúsculo sub tropical despliega toda su maravilla.

Primero es una faja amarillo de hiel al Oeste, correspondiendo con ella por la parte opuesta una zona baja de intenso azul eléctrico, que se degrada hacia el cenit en lila viejo y sucesivamente en rosa, amoratándose por último sobre una vasta extensión, donde boga la luna.

Luego este viso va borrándose, mientras surge en el ocaso una horizontal claridad de naranjado ardiente, que asciende al oro claro y al verde luz, neutralizado en una tenuidad de blancura deslumbradora.

Como un vaho sutilísimo embebe a aquel matiz un rubor de cutis, enfriado pronto en lila donde nace tal cual estrella; pero todo tan claro, que su reflexión adquiere el brillo de un colosal arco-iris sobre la lejanía inmensa del río. Éste, negro a la parte opuesta, negro de plomo oxidado entre los bosques

profundos que le forman una orla de tinta china, rueda frente al espectador densas franjas de un rosa lóbrego.

Un silencio magnífico profundiza el éxtasis celeste. Quizá llegue de la ruina próxima, en un soplo imperceptible, el aroma de los azahares. Tal vez una piragua se destaque de la ribera asaz sombría, engendrando una nueva onda rosa, y haciendo blanquear, como una garza a flor de agua, la camisa de su remero...

El crepúsculo, radioso como una aurora, tarda en decrecer; y cuando la noche empieza por último a definirse, un nuevo espectáculo embellece el firmamento. Sobre la línea del horizonte, el lucero, tamaño como una toronja, ha aparecido, palpitando entre reflejos azules y rojos, a modo de una linterna bicolor que el viento agita. Su irradiación proyecta verdaderas llamas, que describen sobre el agua una clara estela, a pesar de la luna, y la primera impresión es, casi de miedo en presencia de tan enorme diamante.



LA CONQUISTA ESPIRITUAL

No todos los indios aceptaron la dominación jesuítica. Optaron por ella, casi exclusivamente, aquellos más vejados por los encomenderos, buscando el alivio, ya que eran incapaces de proporcionárselo por sí mismos, en una servidumbre menos cruel. Los reducidos fueron, pues, una minoría, faltando a la obra aquellos más bravíos, es decir, los más interesantes.

Las reducciones de Quilmes y del Baradero, tan próximas, no obstante, a Buenos Aires, fueron un fracaso; igual puede decirse de las que intentaron evangelizar la Patagonia; siendo las calchaquíes enteramente destruidas y saqueadas cuando la rebelión de Bohórquez, a pesar de que parecían aseguradas por un gran éxito industrial.

Pasando por alto las tribus pequeñas no reducidas, como los salvajísimos *nalimegas*, los *guatás*, los *ninaquiguilás*, etc., y no contando sino las naciones que contenían muchas parcialidades, se tiene el siguiente resultado de reacios:

Los *guayanás*, nación tan numerosa que se la creía formada por todas las tribus no guaraníes, siendo de notar que esta denominación comprendía entonces sólo a los indios reducidos. Era gente docilísima, sin embargo; jamás causó daño a las reducciones, con las cuales vivía en continua relación, ayudando a los conversos en el trabajo de los yerbales mediante algunas baratijas.

Seguían por orden de importancia numérica o guerrera, los *charrúas*; los *tupíes*, tan huraños que se dejaban morir de hambre cuando caían prisioneros; los *bugres*; los *mbayás*; los *payaguas*; los belicosos *tabas*; los feroces *mocovíes* y otros muchos, sobre todo chaqueños.

La defección de los *guanás* y de los *jarós*, prueba cuán débiles fueron, en realidad, los lazos que los unían a aquella rudimentaria civilización.

Con inmenso trabajo habían conseguido los P.P. reducirlos, cuando un día se presentaron a su director comunicándole que se hallaban resueltos a adoptar su antigua vida; pues el Dios que se les predicaba era una deidad muy incómoda, a causa de que estando en todas partes no había cómo librarse de su fiscalización. El estado intelectual de aquellos indios se revela con harta claridad en ese argumento.

Otra misión también fracasada fue la de los *guaycurúes*, salvajes belicosos cuya reducción habría convenido efectuar; pero los P.P. tuvieron que

abandonados a los diecisiete años de esfuerzos infructuosos.

El aislamiento de las tribus, su miseria y sus rivalidades; el dominio laico establecido ya; las identidades religiosas hábilmente explotadas, eran circunstancias favorables a la reducción. Los P.P. habían encontrado que el *Pay Zumé*, vaga deidad a la cual rendían cierto culto los guaraníes, no podía haber sido otro que el apóstol Santo Tomás (*padre Tomé*), adaptando a la región una de las tantas leyendas religiosas que el fanatismo dominante creyó notar esparcidas por las selvas americanas, a favor de caprichosas semejanzas eufónicas entre las lenguas, o de coincidencias mitológicas – como el hallazgo de las dos tribus hebreas, perdidas desde el cisma de Roboam, el rastro evangélico que se creía determinar en el uso indígena de la cruz como símbolo religioso, y aquella pretendida predicación de Santo Tomás...

Tuvo su éxito la leyenda, que los P.P. aplicaron a su sabor y quizá de buena fe, aprovechando el tradicionalismo forzosamente confuso de tribus sin literatura. La veneración de la cruz (que era igualmente quichua y calchaquina) se las había enseñado el apóstol; sus huellas quedaban grabadas en las areniscas, y era él quien les había dado la posesión de aquellas tierras. Esto último lo alegrarían después los indios como argumento, ante los comisarios ejecutores del tratado de 1750.

Su cosmogonía infantil, así como su creencia en la inmortalidad del alma y su temor a los espectros, se prestaban a cualquier adaptación en poder más listo; su falta de patriotismo, en el sentido elevado que hace de este sentimiento una fuerza, y la facilidad con que todos entendían el guaraní, tronco de sus dialectos, agregaban nuevas facilidades a la obra evangelizadora. La misma poligamia, que es el obstáculo más arduo de las misiones, no pasaba, para la mayoría, de una aspiración casi nunca realizada.

Cuando los P.P. se convencieron de que la seducción no bastaba para atraer a los guaraníes más salvajes no obstante su intermediación, echaron mano, como dije, de medios más expeditos.

Uno de ellos fue la compra de los prisioneros de guerra que las tribus se hacían, aun cuando ello implicaba fomentar la discordia; pues lo esencial era, como se advierte sin esfuerzo, el establecimiento del Imperio. Otro consistió en el empleo de neófitos ladinos, que procuraban introducirse en las tribus para inducir las al nuevo estado. Los indios que conseguían atraer a su culto, daban el pretexto para una intervención más decisiva.

Llegaban entonces los P.P. a la tribu, diciéndose atraídos por la fama del cacique, a quien lisonjeaban y regalaban, produciendo entre todos la consiguiente agitación.

Cualquier incidente sucesivo – la protesta del hechicero que, por de contado, se alzaba contra los intrusos; la negativa del cacique solicitado, su coacción sobre los flamantes conversos – eran interpretadas con carácter agresivo, justificando la intervención de las armas.

Los P.P. unían en su obra lo divino a lo humano, con fino espíritu práctico, y nunca la emprendían sin el correspondiente concurso militar. Ya los que entraron a la Guayra, en 1609, llevaban su escolta de mosqueteros.

Quedaban, por lo demás, otros arbitrios del caso para apoyar la acción bélica. Sucesos impresionantes, como las borrascas, estampas que representaban los tormentos del infierno o la bienaventuranza de los santos, aplicados con oportunidad al asunto y en fácil competencia con míseros hechiceros, les daban pronto la ventaja. Éstos eran, sobre todo, médicos; y es de imaginar cómo saldría aquella ciencia, base de su prestigio, en pugna con hombres civilizados y sagaces cuyos actos resultaban milagrosos en relación.

Las acciones de guerra no producían sino triunfos; y fueron combates célebres de aquellos tiempos, los que el bravo guaraní *Maracaná* dirigido por los P.P., libró, saliendo victorioso, contra los caciques *Taubicí* y *Atiguajé*. El primero, que era brujo además, fue arroja – do a un río con una piedra al cuello.

Tres otros más, *Yaguá-Pitá*, *Guirá-Verá* y *Chimboí*, muertos los dos primeros en pelea y gravemente herido el otro, acabaron de cimentar el prestigio de los P.P., hasta bajo la faz militar. Llegaron a sostener verdaderos sitios, en campos atrincherados y con buena táctica, como lo demostró el P. Fildi en su lucha contra *Guirá-Verá*

Escasas fueron las represalias, contándose en total cinco asesinatos de misioneros: los P.P. González, Mendoza, Castañares, Castillo y Rodríguez. Las leyendas milagrosas pulularon en torno de estos sucesos. Decíase que el corazón del P. González había hablado desde su fosa, y que el fuego se negó a consumir su cuerpo. El celo de los misioneros se avivó con esto, habiendo algunos que, en su lecho de muerte, lamentaban no haber recibido el martirio.

Pero la masa cedió en todas partes con notable docilidad, aunque no creo, como sostienen los escritores clericales, que fue organizada por los jesuitas en la única forma posible, dadas sus condiciones morales.

Se ha pretendido, en efecto, que el comunismo estaba requerido por su naturaleza ociosa e imprevisora; el aislamiento, por su variabilidad que constantemente la exponía a intentar aventuras fuera del patrocinio jesuítico; la

adopción exclusiva de su idioma, porque no toleraba el español. Será así; pero el caso es que no hay indicio de un solo ensayo contradictorio, útil por demás, si no se quería hacer del indígena un incapaz en perenne tutela.

Mi opinión es que los P.P., tomando como base de organización social la de su propio instituto, que lógicamente les parecería la mejor, hicieron de las reducciones una gran «Compañía», en la cual no faltaban ni el comunismo reglamentario, ni el silencio característico. En los pueblos no se cantaba sino los días de precepto, y hasta los juegos de los niños carecían de espontaneidad. Todo estaba reglado a son de campana, y a la voluntad exclusiva de los religiosos.

La evangelización se detuvo, en cuanto el éxito que aseguraban los privilegios concedidos por la Corona, y la fertilidad del país determinaron el carácter proficuo de la empresa. El ideal místico cedió entonces el campo al económico, por más que continuara influyendo (sic) con su prestigio ya probado el éxito de este último. Entonces, toda la actividad de aquellas factorías religiosas se consagró a buscar la salida marítima, que la conquista laica había intentado con la expedición de Chaves, por el Mamaré y el Marañón. En este propósito iba a experimentar su primer revés.



O IMPÉRIO JESUÍTICO

“O centro do Império Jesuítico parecia realizar com a sua beleza as lendas circulantes na Espanha conquistadora.”

LEOPOLDO LUGONES

O FUTURO IMPÉRIO E OS SEUS HABITANTES

O território que aos 84 anos de seu descobrimento formaria o centro do Império Jesuítico parecia realizar com a sua beleza as lendas circulantes na Espanha conquistadora sobre aquele Novo Mundo tão manso e tão profícuo.

Se Colombo havia acreditado estar nas imediações do paraíso ao tocar a terra firme, com a sua imaginação de comerciante arrebatada com a maravilha tropical, os conquistadores que entraram no centro do continente pelo Prata e pelo sul do Brasil puderam supor o mesmo. Menos grandiosa a paisagem, no entanto, mais poética; acrescentando os encantos do clima e do acesso fácil à sua graça original, e alternando em discreta proporção o bosque virgem com a planície, o rio enorme com o arroio pitoresco, a sua beleza adaptava-se muito melhor àqueles climas meridionais. Por maior que fosse a sua rudeza, o entusiasmo deve haver chegado ao grandioso, considerando-se o fundo místico da campanha e os seus contornos épicos.

A geografia, recém-saída das invenções medievais (que durante mil anos estiveram tomando de Plínio o que nele há de mais quimérico), aumentava com a imprecisão de seus dados a impressão lendária. As ideias reinantes sobre o Novo Mundo eram, na realidade, tão vagas que, em 1526, quando a expedição de Gaboto começou definitivamente a conquista do Rio da Prata e do Paraguai, François de Moyne, em seu tratado *De Orbis situ ac descriptione*, tomava a Ásia, a Europa e o México por um só continente, atri-

buindo uma costa ininterrupta e comum à Suécia, Rússia, Tartária, Terra-nova e Flórida. A verdade é que, em 1550, Pierre Desceliers protestou contra tal confusão em seu mapa-múndi, aludindo visivelmente a Moyne; mas a perplexidade seguiu por muitos anos ainda, engendrando os planos mais insensatos.

O novo país do qual a conquista se apoderava não favorecia muito, no entanto, as campanhas puramente bélicas. Assim, seus ocupantes tiveram que se limitar quase totalmente a incumbências de exploradores. Os aspectos naturais apresentaram pouca resistência, os grandes rios facilitaram desde o começo as excursões e pode-se dizer que, afora o bosque, a arduidade da empresa não foi extrema.

À primeira vista, a comarca prestava-se para a fundação de um vasto império. Da geologia até o povo, tudo apresentava características uniformes. Sobre os arenitos vermelhos, aparentemente pertencentes ao período cretáceo e, de todo modo, muito antigos, um grande derramamento de basalto imprimiu no terreno a sua fisionomia atual. Outros dois produtos desse fenômeno completaram a forma inteiramente peculiar que até hoje o reveste. O primeiro é um ocre ferruginoso que nas camadas profundas manifesta-se compacto e escuro, pulverizando-se e oxidando-se ao contato com o ar até constituir a argila vermelha que forma o solo da região. O outro é um conglomerado de cascalho, transformado também em um cimento ferruginoso, verdadeiro resíduo que recheou as fendas do basalto e cuja clivagem denota vagamente uma disposição prismática que facilita o seu desprendimento em blocos quase regulares. A nomenclatura popular chama essa pedra de tacuru, pela semelhança que apresenta com a estrutura interna de cupinzeiros que têm esse nome. As suas jazidas, que foram muitas vezes pedreiras jesuíticas, permitem estudá-la bem, pois esses trabalhos a puseram a descoberto em grandes superfícies; e a regularidade dos seus blocos, geralmente de setenta a oitenta centímetros de flanco, surpreende pela semelhança com a cristalização basáltica a que acompanhou.

Novos tremores do solo projetaram através das fendas os arenitos primitivos cuja situação atual manifesta claramente esse fenômeno. Na costa paraguaia, em frente a San Ignacio, há uma gruta que revela essa elevação; e os morrinhos de Teyú Cuaré, na margem argentina, o comprovam de forma ainda melhor, talvez, com as suas vivas estratificações. Se o leito do Alto Paraná é, como se acredita, uma fenda vulcânica, ao menos até aquela altura – e isso me parece evidente –, esses bancos de arenito em suas margens demonstrariam essa projeção.

São abundantes também os leitos de quartzo cristalino e de ágata, ainda que essa seja menos comum, predominando a mesma rocha nos seixos rolados dos rios. As cornalinas e as calcedônias que costumam ser encontradas neles devem vir das serras brasileiras, pois a sua pequena dimensão indica o longo caminho que tiveram de percorrer, mas esses já são detalhes geológicos. O que predomina é o basalto e os compostos ferruginosos, desde o ocre e o conglomerado que antes mencionei, até o mineral nativo, facilmente encontrado na costa do Uruguai, e os titanatos que, com aspecto de pólvora azulada, jaspeiam profusamente as areias.

A essa exclusividade corresponde uma não menos singular ausência de sal e de calcário, pois, exceto o carbonato de cal, elemento dos meláfiros misturados ao basalto em certos pontos e de algumas pedras, estratificados da mesma substância que aparecem em nódulos livres, mas com muita moderação nos terrenos de aluvião, não se percebe nem vestígios. As águas, extraordinariamente doces, também demonstram tal escassez.

Um vermelho de almagre domina quase absoluto o terreno, contribuindo para propagar o seu matiz as jazidas de pedra tacuru fortemente ferruginosas, os basaltos e os meláfiros, com o seu aspecto de ladrilho fundido, e o variado rosa dos arenitos, sendo o restante acidentado insignificante, pois a terra ocre cobre tudo.

O caráter geológico é uniforme, principalmente caso for considerada a área imensa, pois tanto as argilas vermelhas como o traquito, com os quais são sincrônicas, dilatam-se em linha quase reta até o Mar do Caribe, formando o assento da grande selva americana, que se estende pela mesma extensão, com o mesmo caráter de unidade surpreendente.

Dir-se-ia que a extraordinária permeabilidade desse ocre, facilitando a penetração das águas pluviais em seu seio e, em caso de seca, a inibição por contato com os depósitos profundos, mantém a umidade enorme que semelhante vegetação requer, ocasionando, por sua vez, poderosas evaporações¹, condensadas em seguida naquelas chuvas constantes cuja pluviometria alcança a média anual de dois metros na província de Misiones e de mais de três no Norte do Paraguai, havendo aguaceiros de 800 milímetros. Isso explicaria bem, me parece, a relação entre o bosque e o seu solo.

A ausência de sal e de calcário, que em Córdoba coexistem com os arenitos vermelhos do extremo boreal da sua serra, e, nos Andes, com os basaltos de Neuquén, pode ser decorrente em parte, pois seguramente nunca

¹ Às 10h da manhã seguinte de uma noite chuvosa, o caminhante vê levantar, quase sob os pés, densos vapores em todos os locais descobertos. (n.a.)

foi abundante – da levigação, facilmente executada pelas chuvas em solo tão permeável. Parece-me igualmente claro que essa seja a causa da sua pobreza fossilífera. Salvo algumas impressões nos arenitos, os fósseis propriamente ditos são tão escassos que se pode considerá-los ausentes. A falta de calcário e de sal explica isso em boa parte; mas como ela resultaria por sua vez da permeabilidade do solo e das chuvas excessivas, por essas causas fica tudo compreendido.

A essa imensa fertilidade somava-se a graça da paisagem no centro do futuro Império Jesuítico. O derrame basáltico deu ao solo um aspecto geralmente ondulado com colinas e morros que se alçam a montanhas, mas nunca imponentes ou enormes, sendo que a maior altitude alcança 750 metros, onde era o limite Nordeste.

O triângulo formado pela lagoa Iberá e os rios Uruguai, Miriñay e Paraná, ou seja, o atual território de Misiones, até o paralelo 26, foi o centro do Império, e o seu aspecto dá, em conjunto, a característica da região. Cortado pela Serra do Imán, quase paralela aos dois grandes rios cujas águas divide, formava um meio-termo entre a grande selva e as pradarias, contando, além disso, com a montanha e com a vasta zona lacustre da misteriosa Iberá, deve-se dizer que tinha todas as condições necessárias para uma variada exploração industrial.

Da mesma forma que nas comarcas do Brasil e do Paraguai, situadas em igual latitude, o bosque não é contínuo na região missioneira. A grande selva inicia-se com capões redondos que já têm toda a sua densidade, mas aos quais ainda faltam algumas plantas mais peculiares, como os pinheiros e a erva-mate, cuja aparição marca o começo dos bosques contínuos. Esses, como nos das nações mencionadas, são formados pelos mesmos componentes, porém, na região argentina, mais exaurida pela exploração industrial, não são agora tão exuberantes.

Geralmente circulares, menos nas margens, onde, como é natural, serpenteiam com o leito, a sua densidade apresenta-se igual desde o começo. Não há matagais nem plantas isoladas que indiquem uma dispersão progressiva. Das bordas ao fundo, a mesma profusão de arbusto; o mesmo obstáculo quase insuperável ao acesso, a mesma serenidade mórbida de hibernáculo.

O silêncio impressiona de imediato, tanto como o despovoamento; os próprios pássaros fogem do seu centro, onde não há espaço para a vista nem para as asas. Nunca o vento, por sua vez muito escasso na região, perturba a sua espessura. Os herbívoros arriscam-se poucas vezes nela, e tampouco a

frequentam os felinos. Algum carniceiro necessitado, o aventureiro marsupial, como o quati e a doninha, enfrentam tão difícil vegetação, subindo nas árvores à espreita, em busca de alguma ratazana ou morcego adormecido; mas até mesmo isso ocorre raras vezes. As árvores precisam esticar-se muito para alcançar a luz naquela densidade, tornando-se assim esbelta e desproporcionais as suas altura e espessura.

As escassas clareiras, arredondadas pela expansão helicoidal dos ciclones, ou as trilhas que cruzam o bosque, permitem perceber os detalhes. Admiráveis parasitas exibem na bifurcação dos troncos, como se buscassem o contraste com sua rugosa madeira, elegâncias de jardim e frescuras de legume. As orquídeas surpreendem aqui e ali, com o capricho inteiramente artificial de suas cores; a linda “brinco-de-princesa” é abundante, por exemplo. Líquens profusos envolvem os troncos em sua lâ esverdeada. As enredadeiras pendem em desordem como os cabos de um navio destruído, formando redes e trapézios para a inquieta versatilidade dos macacos; pois tudo é o sol entrar livremente no emaranhado para o bosque se povoar de selvagens habitantes.

Abundam então os frutos e, em sua busca vêm rondar ao pé das árvores o javali, a vigilante paca, a capivara, de carne negra e saborosa, o tatu sob a sua couraça invulnerável. E, como eles, por sua vez, são alimentos, seguem o seu rastro o puma, o gato montês elegante e atrativo, o guará em pele de lobo, quando não o jaguar, que a todos afugenta com sua sanguinária tirania.

Um bando de louros policromos e estridentes abate-se sobre alguma laranjeira extraviada no inulto arvoredo; soberbos colibris zumbem ao azar sobre as flores, que com teimosia competem com os frutos maduros; ali por perto, cantam pintassilgos e cardeais; algum tucano precipita seu oblíquo voo, com o bico enorme erguido, no qual resplandece o alaranjado mais belo; o preto pavão-do-mato muge, inflando a garganta adornada por uma gola vermelha, e no matagal amado das pombas, a araponga lança o seu sonoro trisso.

Havendo nas redondezas um arroio, não faltarão as capivaras, os ratões-do-banhado, a anta que ao menor movimento dispara como uma bala de canhão por entre os matagais até se lançar na onda salvadora; o veado, nadador esbelto. Cacarejará com gargalhada metálica a gralha anunciadora de tormentas; silvarão nos descampados as perdizes e mais um jacaré sonolento e glutão assentará arraial no próximo esteiro. No solo pantanoso brotarão as samambaias, cujas elegantes folhas alcançam um metro e meio de comprimento, ora alçando-se da terra, ora encurvando-se ao extremo do seu

tronco arborescente com uma simetria de guarda-sol. Trevos enormes multiplicarão suas florzinhas de lilás delicado; e a urtiga gigante, cujas fibras dão seda, projetará até cinco metros o espinhoso talo, que lança, à incisão, um jorro de água fresca.

Pelos declives e cumes, a vegetação arbórea alcança a sua plenitude nos cedros, aroeiras e timbós gigantescos. A folhagem é de uma frescura deliciosa, sobretudo nas ribeiras, onde forma um verdadeiro muro de altura uniforme e verdor sombrio, acentuando o aspecto de cercado hortense, sobre o qual as taquaras destacam as espigas em penachos de felpa amarelenta que alcançam oito metros de altura; sobressaindo-se entre todas essas árvores já tão belas, a mais peculiar da região – a planta da erva – semelhante a um altivo jasmineiro.

Reina um verdor eterno nesses arvoredos e somente se reconhece neles a mudança de estação quando, ao entrar a primavera, sobre a mais eminente copa de algum jacarandá, vê-se que o rugoso gigante não desdenha florescer em rosa, como um pessegueiro, lançando aquela nota terna sobre o tenebroso esmeralda da fronde. Nada mais ameno que esses trechos de selva, destacando-se com decorativa singularidade sobre o almagre do solo. Os caminhos parecem caprichos de jardinagem que encerram, entre recantos, verdadeiras pelouses². Os pastos duros da região fingem, à distância, penteados gramados, e a paisagem sugere, ao acaso, perfeições de horticultura.

As palmeiras – sobretudo o bonito jerivá, de folhas açúcaradas como as do milho – trazem, se acaso, uma nota exótica ao conjunto, ao lançar com elegância, me atrevo a dizer, jônica, os talos esbranquiçados à maneira de varas flexíveis, mas nada somam de selvagem, nada sequer de sombrio na circundante grandeza. Essa se conserva sobretudo elegante, e os palmares que iniciam cada um desses bosques dão com a sua colonata a impressão de um pórtico diante da abóbada florestal.

Serrinhas entre as quais correm sinuosos arroios alvíssimos, que a cada ocorrência de chuvas aumentam o caudal com violência, figuram na paisagem como um verdadeiro enfeite formado por enormes ramalhotes. Os pântanos nada têm de imundo, antes parecem floreiras em seu excessivo verdor lacustre. As laranjeiras, que se embruteceram nas ruínas, exibem o seu balsâmico tributo de frutas e flores, tudo em um. O mais insignificante manancial possui um entorno de bambus, e a fauna, ainda com as suas feras, verdadeiras miniaturas das terríveis bestas do velho mundo, contribui para a impressão de inocência paradisíaca que inspira esse privilegiado país.

² Parte gramada de um hipódromo. (n.t.)

Répteis numerosos, mas mansos, causam apenas transtornos; os insetos não incomodam, somente no coração do bosque; até as abelhas carecem de ferrão e não colocam obstáculo algum ao homem que as despoja ou ao rude tamanduá que as devora junto do seu mel. As próprias taquaras oferecem em seus nós um presente ao homem da mata, com as espessas larvas de bambu, semelhantes, quando não idênticas, em minha opinião, às do cervo voador que Lúculo catava guloso. O clima, saudável apesar da umidade extraordinária, apresenta como único inconveniente um pouco de malária nas terras muito baixas. A geada de algumas noites inverniais causa frio somente até sair o sol, e a média da temperatura resulta em uma primavera um pouco ardente. Quase não há vento, fora as tormentas na mata. Neblinas, que são diárias durante o inverno, envolvem com o seu morno algodão as manhãs preguiçosas. Sufocam os ruídos, abrandam o movimento, atrasam o dia e a sua ação debilitante deve influir não pouco na indolência da gente subtropical.

Perto do meio-dia, rompe-se aquela lânguida lã. O céu glorifica-se profundamente; verdejam as colinas, silvam as perdizes nas quebradas; e pelo ambiente, de uma suavidade talvez excessiva, como verdadeiro símbolo daquele imprevisível esplendor, o *Morpho menelaus*, a gigantesca borboleta-azul, ergue-se, lenta e errática, luzindo ao sol familiar as cerúleas asas.

À tarde, o espetáculo solar é magnífico, especialmente sobre os grandes rios, pois no interior do bosque a noite sobrevém brusca tão logo diminui a luz. Nas águas, cujo leito esvazia no horizonte, o crepúsculo subtropical ostenta toda a sua maravilha. Primeiro é uma faixa amarelo-fel ao Oeste, correspondendo, na parte oposta, a uma zona baixa de intenso azul elétrico que se degrada até a perfeição em lilás velho e, sucessivamente, em rosa, arroxando-se por último sobre uma vasta extensão onde flutua a lua. Logo esse véu vai desvanecendo, enquanto surge no ocaso uma horizontal claridade laranja ardente, que ascende ao ouro claro e ao verde-luz, neutralizado em uma tenuidade de brancura deslumbrante. Como um vapor sutilíssimo, embebe aquele matiz um rubor de cútis, esfriado logo em lilás onde nasce tal qual estrela; mas tão claro que o seu reflexo adquire o brilho de um colossal arco-íris sobre o horizonte imenso do rio. Esse, negro na parte oposta, negro de chumbo oxidado entre os bosques profundos que formam uma orla de tinta chinesa, roda diante do expectador densas franjas de um rosa lóbrego.

Um silêncio magnífico aprofunda o êxtase celeste. Quem sabe chegue da ruína próxima, em um sopro imperceptível, o aroma do laranjal. Talvez uma canoa sobressaia-se da margem tão sombria, provocando uma nova onda rosa e fazendo branquear, como uma garça à flor da água, a camisa de seu re-

meiro... O crepúsculo, radiante como uma aurora, tarda em cair, e quando a noite começa, por último, a definir-se, um novo espetáculo embeleza o firmamento. Sobre a linha do horizonte, o luzeiro, do tamanho de uma toranja, apareceu palpitando entre reflexos azuis e vermelhos, como uma tocha bicolor que o vento agita. A sua irradiação projeta verdadeiras chamas que descrevem sobre a água um claro rastro, apesar da lua, e a primeira impressão é quase de medo na presença de tão enorme diamante.



A CONQUISTA ESPIRITUAL

Nem todos os índios aceitaram a dominação jesuítica. Optaram por ela quase exclusivamente aqueles mais perseguidos pelos encomendeiros, buscando alívio em uma servidão menos cruel, já que eram incapazes de proporcioná-lo a si mesmos. Os reduzidos foram, então, uma minoria, faltando ao projeto os mais corajosos, ou seja, os mais interessantes.

As reduções de Quilmes e do Baradero, mesmo sendo tão próximas de Buenos Aires, foram um fracasso; o mesmo se pode dizer das que tentaram evangelizar a Patagônia; sendo as calchaquíes inteiramente destruídas e saqueadas durante a rebelião de Bohórquez³, embora parecessem destinadas a ter um grande êxito industrial. Passando por alto as pequenas tribos não reduzidas, como os selvagens nalimegas, os guatás, os ninaquiguilás, entre outros, e não contando senão as nações que continham muitas estratificações, temos o seguinte resultado de povos resistentes:

Os guayanás, nação tão numerosa que se acreditava formada por todas as tribos não guaranis, sendo importante perceber que essa denominação compreendia então somente os índios reduzidos. Era gente docilíssima, no entanto. Jamais causou mal às reduções, com as quais vivia em constante relação, ajudando os convertidos no trabalho dos ervais mediante algumas quinquilharias. Seguiam por ordem de importância numérica ou guerreira os charruas; os tupis, tão ariscos que se deixavam morrer de fome quando caíam prisioneiros; os bugres; os mbayás; os payaguas; os belicosos tobas; os ferozes mocobis e outros muitos, sobretudo do Chaco.

A deserção dos guanás e dos jarós prova quão débeis foram, na realidade, os laços que os uniam àquela rudimentar civilização. Os padres haviam conseguido reduzi-los com imenso trabalho, quando um dia se apresentaram ao seu diretor comunicando que estavam decididos a adotar à antiga vida, pois o Deus que lhes preconizavam era uma deidade muito incômoda, porque estando em todas as partes, não havia como se livrar da sua fiscalização. O estado intelectual daqueles índios revela-se com clareza nesse argumento.

Outra missão também fracassada foi a dos guaycurus, selvagens belicosos cuja redução havia-se acordado efetuar; mas os padres tiveram que abandoná-los depois de 17 anos de esforços infrutíferos. O isolamento das tribos, a sua miséria e as rivalidades, o domínio laico já estabelecido e as identidades re-

³ Pedro Bohórquez (1602-1667) liderou uma violenta rebelião dos índios calchaquíes, no noroeste argentino, contra os espanhóis em 1659. (n.t.)

ligiosas habilmente exploradas eram circunstâncias favoráveis à redução. Os padres haviam concordado que o *Pai Zumé*, vaga deidade à qual os guaranis rendiam culto, não podia ter sido outro senão o apóstolo Santo Tomás (padre Tomé), adaptando à região uma das tantas lendas religiosas que o fanatismo dominante quis perceber espalhadas pelas selvas americanas, em favor de caprichosas semelhanças eufônicas entre as línguas ou de coincidências mitológicas como o descobrimento das tribos hebraicas perdidas desde o cisma de Roboão, o rastro evangélico que se acreditava haver determinado o uso indígena da cruz como símbolo religioso, e aquela pretensa pregação de Santo Tomás... A lenda teve êxito, e os padres a aplicaram a seu favor e talvez com boa fé, aproveitando o tradicionalismo necessariamente confuso de tribos sem literatura. A veneração da cruz (que era igualmente quechua e calchaquina) lhes havia sido ensinada pelo apóstolo; suas pegadas ficavam gravadas nos arenitos, e era quem lhes havia dado a posse daquelas terras. Esse último fato seria alegado depois pelos índios como argumento frente aos comissários executores do tratado de 1750.

A sua cosmogonia infantil, assim como a crença na imortalidade da alma e o medo de fantasmas prestavam-se a qualquer adaptação a um poder mais sagaz; a sua falta de patriotismo no sentido elevado que faz desse sentimento uma força, e a facilidade com que todos entendiam o guarani, tronco de seus dialetos, somavam novas facilidades à obra evangelizadora. A própria poligamia, que é o obstáculo mais árduo das missões, não passava, para a maioria, de uma aspiração quase nunca realizada.

Quando os padres se convenceram de que a sedução não bastava para atrair os guaranis mais selvagens, apesar da sua proximidade, lançaram mão, como disse, de meios mais rápidos. Um deles foi a compra dos prisioneiros de guerra que as tribos faziam, ainda quando isso implicava fomentar a discórdia, pois o essencial era, como se percebe sem esforço, o estabelecimento do Império. Outro constituiu no emprego de noviços ladinos, que procuravam introduzir-se nas tribos para induzi-las a aderir ao novo estado. Os índios que eles conseguiam atrair para o seu culto serviam como pretexto para uma intervenção mais decisiva.

Então os padres chegavam à tribo dizendo-se atraídos pela fama do cacique, a quem lisonjeavam e presenteavam, produzindo em seguida agitação. Qualquer incidente posterior – o protesto do feiticeiro que, seguramente, revoltava-se contra os intrusos; a negativa do cacique, sua coação aos recém-convertidos – eram interpretadas como tendo caráter agressivo, justificando a intervenção armada.

Os padres uniam em sua obra o divino ao humano, com fino espírito prático e nunca a empreendiam sem a correspondente colaboração militar. Já os que entraram no Guairá em 1609 levavam uma escolta de mosqueteiros.

Restavam, além disso, outras opiniões sobre o caso para apoiar a ação bélica. Acontecimentos impressionantes, como as tempestades, imagens que representavam os tormentos do inferno ou a bem-aventurança dos santos, aplicados com oportunidade ao assunto e com fácil competição com pobres feiticeiros, logo lhes davam vantagens. Esses eram, na maioria, curandeiros, e é fácil imaginar como seria aquela ciência, base do seu prestígio, em oposição a homens civilizados e sagazes cujos atos pareciam milagrosos em relação aos demais.

As ações de guerra não produziam senão triunfos, e foram combates célebres os daqueles tempos, nos quais o bravo guarani Maracanã, dirigido pelos padres, saiu-se vitorioso contra os caciques Taubicí e Atiguajé. O primeiro, que também era bruxo, foi jogado em um rio com uma pedra no pescoço. Outros três, Yaguá-Pitá, Guirá-Verá e Chimboí, mortos os dois primeiros na luta e gravemente ferido o outro, acabaram de cimentar o prestígio dos padres até na faceta militar. Chegaram a sustentar pequenos cercos em campos entrincheirados e com boa tática, como demonstrou o padre Fildí em sua luta contra Guirá-Verá.

As represálias foram escassas, contando-se no total cinco assassinatos de missioneiros: os padres González, Mendoza, Castañares, Castillo e Rodríguez. As lendas milagrosas proliferaram-se em torno desses acontecimentos. Dizia-se que o coração do padre Gonzáles havia falado em sua sepultura e que o fogo negou-se a consumir o seu corpo. Com isso, o afã dos missioneiros avivou-se, havendo alguns que em seu leito de morte lamentavam não ter recebido o martírio. Mas a maioria cedeu em todos os lugares com notável docilidade, ainda que eu não acredite, como sustentam os escritores clericais, que tenha sido organizada pelos jesuítas da única forma que era possível, dadas as suas condições morais.

Acreditava-se, inclusive, que o comunismo era necessário devido à sua natureza ociosa e desprevenida; o isolamento, por sua inconstância que o expunha a tentar aventuras fora da influência jesuítica; a adoção exclusiva do seu idioma, porque não tolerava o espanhol. Talvez sim, mas o caso é que não há indício de uma só tentativa distinta, útil, além do mais, se não se quer fazer do indígena um incapaz em permanente tutela. Minha opinião é que os padres, tomando como base de organização social a do seu próprio instituto, que logicamente lhes parecia melhor, fizeram das reduções uma grande

“Companhia”, na qual não faltava nem o comunismo regulamentar, nem o silêncio peculiar. Nos povos não se cantava, a não ser nos dias santos, e até as brincadeiras das crianças não tinham espontaneidade. Tudo estava regrado ao som do sino e pela vontade exclusiva dos religiosos.

A evangelização deteve-se, mas o êxito assegurado pelos privilégios concedidos pela Coroa e a fertilidade do país determinaram o caráter vantajoso do projeto. O ideal místico cedeu então espaço ao econômico, por mais que continuasse influenciando com o seu já provado prestígio o êxito desse último. Então, toda a atividade daquelas fábricas religiosas consagrou-se a buscar uma saída para o mar, que a conquista laica havia tentado com as expedições de Chaves pelos rios Mamoré e Maranhão. Nesse propósito iria experimentar o seu primeiro revés.



OS POBRES TRADUTORES BONS

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ



O TEXTO: A relação de García Márquez com seus tradutores sempre foi amistosa, embora de escasso contato pessoal ou epistolar. O escritor dizia que, ao início, quando havia começado a ser traduzido a outros idiomas, acompanhava as traduções que apareciam, revisava aquelas cujos idiomas conhecia (entre os quais o francês, o italiano e o inglês), respondia às dúvidas dos tradutores e, incluso, apontava sugestões. Já com os idiomas que desconhecia, cabia-lhe tão somente confiar nos tradutores e esperar que seus livros chegassem nas mãos dos mais distintos leitores, e que a tradução, seja ela ao chinês, ao vietnamita ou ao bengali, fosse a mais fiel possível, ou então, que não fossem muito as perdas de uma língua à outra. Seu respeito e admiração pela tradução ficou impresso no artigo intitulado “Los pobres traductores buenos”, publicado em 21 de julho de 1982, no jornal madrileno *El País*. Nele, tece comentários sobre a prática próprios de um dos autores mais traduzidos no mundo, comentando o ofício dos tradutores e sua abnegação, de que a tradução “é a maneira mais profunda de ler um texto”, além de enaltecer os grandes tradutores de todos os tempos e idiomas, cujos aportes pessoais a cada obra vertida raramente são relevados, enquanto a tendência é engrandecer suas falhas e desacertos. Ao final do artigo, satiriza, de modo magistral, uma tradução sua ao português do Brasil.

Texto traduzido: García Márquez, Gabriel. “Los pobres traductores buenos”. In. *El País*, 21 de julio de 1982, e também em *Notas de prensa* (1980-1984). Bogotá: Norma, 1988.

O AUTOR: Escritor, jornalista, editor, ativista e político colombiano, Gabriel García Márquez nasceu em Aracataca (Colômbia), em março de 1927, e faleceu recentemente, na Cidade do México, em abril de 2014. É considerado um dos autores mais importantes do século XX e um dos mais admirados e traduzidos no mundo, tendo sido vertido para 36 idiomas. Foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura de 1982 pelo conjunto da obra. É considerado o pai do realismo mágico na literatura latino-americana.

OS TRADUTORES: Miguel Sulis e Gleiton Lentz são editores da revista (n.t.).

LOS POBRES TRADUCTORES BUENOS

“Entonces comprendí que, en efecto, traducir es la manera más profunda de leer.”

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Alguien ha dicho que traducir es la mejor manera de leer. Pienso también que es la más difícil, la más ingrata y la peor pagada. *Traduttore, traditore*, dice el tan conocido refrán italiano, dando por supuesto que quien nos traduce nos traiciona. Maurice-Edgar Coindreau, uno de los traductores más inteligentes y serviciales de Francia, hizo en sus memorias habladas algunas revelaciones de cocina que permiten pensar lo contrario. “El traductor es el mono del novelista”, dijo, parafraseando a Mauriac, y queriendo decir que el traductor debe hacer los mismos gestos y asumir las mismas posturas del escritor, le gusten o no. Sus traducciones al francés de los novelistas norteamericanos, que eran jóvenes y desconocidos en su tiempo – William Faulkner, John Dos Passos, Ernest Hemingway, John Steinbeck –, no sólo son recreaciones magistrales, sino que introdujeron en Francia a una generación histórica, cuya influencia entre sus contemporáneos europeos – incluidos Sartre y Camus – es más que evidente. De modo que Coindreau no fue un traidor, sino todo lo contrario: un cómplice genial. Como lo han sido los grandes traductores de todos los tiempos, cuyos aportes personales a la obra traducida suelen pasar inadvertidos, mientras se suelen magnificar sus defectos.

Cuando se lee a un autor en una lengua que no es la de uno se siente deseo casi natural de traducirlo. Es comprensible, porque uno de los placeres de la lectura – como de la música – es la posibilidad de compartirla con los amigos. Tal vez esto explica que Marcel Proust se murió sin cumplir uno de sus deseos recurrentes, que era traducir del inglés a alguien tan extraño a él

mismo como lo era John Ruskin. Dos de los escritores que me hubiera gustado traducir por el solo gozo de hacer lo son André Malraux y Antoine de Saint-Exupéry, los cuales, por cierto, no disfrutaban de la más alta estimación de sus compatriotas actuales. Pero nunca he ido más allá del deseo. En cambio, desde hace mucho traduzco gota a gota los *Cantos* de Giacomo Leopardi, pero lo hago a escondidas y en mis pocas horas sueltas, y con la plena conciencia de que no será ese el camino que nos lleve a la gloria ni a Leopardi ni a mí. Lo hago sólo como uno de esos pasatiempos de baños que los padres jesuitas llamaban placeres solitarios. Pero la sola tentativa me ha bastado para darme cuenta de qué difícil es, y qué abnegado, tratar de disputarles la sopa a los traductores profesionales.

Es poco probable que un escritor quede satisfecho con la traducción de una obra suya. En cada palabra, en cada frase, en cada énfasis de una novela hay casi siempre una segunda intención secreta que sólo el autor conoce. Por eso es sin duda deseable que el propio escritor participe en la traducción hasta donde le sea posible. Una experiencia notable en ese sentido es la excepcional traducción de *Ulysses*, de James Joyce, al francés. El primer borrador básico lo hizo completo y solo August Morell, quien trabajó luego hasta la versión final con Valery Larbaud y el propio James Joyce. El resultado es una obra maestra, apenas superada – según testimonios sabios – por la que hizo Antonio Houaiss al portugués de Brasil. La única traducción que existe en castellano, en cambio, es casi inexistente. Pero su historia le sirve de excusa. La hizo para sí mismo, sólo por distraerse, el argentino J. Salas Subirat, que en la vida real era un experto en seguros de vida. El editor Santiago Rueda, de Buenos Aires, la descubrió en mala hora, y la publicó a fines de los años cuarenta. Por cierto, que a Salas Subirat lo conocí pocos años después en Caracas trepado en el escritorio anónimo de una compañía de seguros y pasando una tarde estupenda hablando de novelistas ingleses, que él conocía casi de memoria. La última vez que lo vi parece un sueño: estaba bailando, ya bastante mayor y más solo que nunca, en la rueda loca de los carnavales de Barranquilla. Fue una aparición tan extraña que no me decidí a saludarlo.

Otras traducciones, históricas son las que hicieron al francés Gustav Jean-Aubry y Phillipe Neel de las novelas de Joseph Conrad. Este gran escritor de todos los tiempos – que en realidad se llamaba Jozef Teodor Konrad Korzeniowski – había nacido en Polonia, y su padre era precisamente un traductor de escritores ingleses y, entre otros, de Shakespeare. La lengua de base de Conrad era el polaco, pero desde muy niño aprendió el francés y el inglés, y llegó a ser escritor en ambos idiomas. Hoy lo consideramos, con

razón o sin ella, como uno de los maestros, de la lengua inglesa. Se cuenta que les hizo la vida invivible a sus traductores franceses tratando de imponerles su propia perfección, pero nunca se decidió a traducirse a sí mismo. Es curioso, pero no se conocen muchos escritores bilingües que lo hagan. El caso más cercano a nosotros es el de Jorge Semprún, que escribe lo mismo en castellano o en francés, pero siempre por separado. Nunca se traduce a sí mismo. Más raro aún es el irlandés Samuel Beckett, premio Nobel de Literatura, que escribe dos veces la misma obra en dos idiomas, pero su autor insiste en que la una no es la traducción de la otra, sino que son dos obras distintas en dos idiomas diferentes.

Hace unos años, en el ardiente verano de Pantelaria, tuve una enigmática, experiencia de traductor. El conde Entico Cicogna, que fue mi traductor al italiano hasta su muerte, estaba traduciendo en aquellas vacaciones la novela *Paradiso*, del cubano José Lezama Lima. Soy un admirador devoto de su poesía, lo fui también de su rara personalidad, aunque tuve pocas ocasiones de verlo, y en aquel tiempo quería conocer mejor su novela herméutica. De modo que ayudé un poco a Cicogna, más que en la traducción, en la dura empresa de descifrar la prosa. Entonces comprendí que, en efecto, traducir es la manera más profunda de leer. Entre otras cosas, encontramos una frase cuyo sujeto cambiaba de género y de número varias veces en menos de diez líneas, hasta el punto de que al final no era posible saber quién era, ni cuándo era, ni dónde estaba. Conociendo a Lezama Lima, era posible que aquel desorden fuera deliberado, pero sólo él hubiera podido decirlo, y nunca pudimos preguntárselo. La pregunta que se hacía Cicogna era si el traductor tenía que respetar en italiano aquellos disparates de concordancia o si debía vertirlos con rigor académico. Mi opinión era que debía conservarlos, de modo que la obra pasara al otro idioma tal como era, no sólo con sus virtudes, sino también con sus defectos. Era un deber de lealtad con el lector en el otro idioma.

Para mí no hay curiosidad más aburrida que la de leer las traducciones de mis libros en los tres idiomas en que me sería posible hacerlo. No me reconozco a mí mismo, sino en castellano. Pero he leído alguno de los libros traducidos al inglés por Gregory Rabassa y debo reconocer que encontré algunos pasajes que me gustaban más que en castellano. La impresión que dan las traducciones de Rabassa es que se aprende el libro de memoria en castellano y luego lo vuelve a escribir completo en inglés: su fidelidad es más compleja que la literalidad simple. Nunca hace una explicación en pie de página, que es el recurso menos válido y por desgracia el más socorrido en los malos traductores. En este sentido, el ejemplo más notable es el del tra-

ductor brasileño de uno de mis libros, que le hizo a la palabra astromelia una explicación en pie de página: flor imaginaria inventada por García Márquez. Lo peor es que después leí no sé dónde que las astromelias no sólo existen, como todo el mundo lo sabe en el Caribe, sino que su nombre es portugués.



OS POBRES TRADUTORES BONS

*“Então, compreendi que, de fato, traduzir
é a maneira mais profunda de ler.”*

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Alguém disse que traduzir é a melhor maneira de ler. Penso também que é a mais difícil, a mais ingrata e a pior paga. *Traduttore, traditore*, diz o tão conhecido refrão italiano, dando por suposto que quem nos traduz nos trai. Maurice-Edgar Coindreau, um dos tradutores mais inteligentes e zelosos da França fez, em suas memórias faladas, algumas revelações de cozinha que permitem pensar o contrário. “O tradutor é o macaco do romancista”, disse, parafraseando Mauriac, e querendo dizer que o tradutor deve fazer os mesmos gestos e assumir as mesmas posturas do escritor, gostem-lhe ou não. Suas traduções ao francês dos romancistas norte-americanos, que eram jovens e desconhecidos em seu tempo – William Faulkner, John Dos Passos, Ernest Hemingway, John Steinbeck –, não são apenas recriações magistrais, mas também introduziram na França uma geração histórica, cuja influência entre seus contemporâneos europeus – incluídos Sartre e Camus – é mais que evidente. De modo que Coindreau não foi um traidor, pelo contrário: foi um cúmplice genial. Como foram os grandes tradutores de todos os tempos, cujas contribuições pessoais à obra traduzida costumam passar despercebidas, enquanto se costuma magnificar seus feitos.

Quando se lê um autor em uma língua que não é a sua, sente-se um desejo quase natural de traduzi-lo. É compreensível, porque um dos prazeres da leitura – como da música – é a possibilidade de compartilhá-la com os amigos. Talvez isto explique porque Marcel Proust morreu sem cumprir um de seus desejos recorrentes, que era traduzir do inglês alguém tão estranho a

ele mesmo como era John Ruskin. Dois dos escritores que gostaria de traduzir só pelo gozo de fazê-lo são André Malraux e Antoine de Saint-Exupéry, os quais, decerto, não desfrutaram da mais alta estima de seus compatriotas atuais. Porém, nunca fui mais além do desejo. Em compensação, desde muito que traduzo gota a gota os *Cantos* de Giacomo Leopardi, mas o faço às escondidas e em minhas poucas horas livres, e com a plena consciência de que não será esse o caminho que nos levará à glória, nem a Leopardi, nem a mim. Faço-o somente como um desses passatempos de banheiro que os padres jesuítas chamavam de prazeres solitários. Mas só a tentativa já me basta para me dar conta do difícil que é, e que abnegado, tratar de disputar a sopa com os tradutores profissionais.

É pouco provável que um escritor fique satisfeito com a tradução de uma obra sua. Em cada palavra, em cada frase, em cada ênfase de um romance há quase sempre uma segunda intenção secreta que só o autor conhece. Por isso, é sem dúvida desejável que o próprio escritor participe na tradução, na medida do possível. Uma experiência notável nesse sentido é a tradução excepcional de *Ulysses*, de James Joyce, ao francês. O primeiro esboço básico o fez completo e sozinho August Morell, que em seguida trabalhou até a versão final com Valery Larbaud e o próprio James Joyce. O resultado é uma obra-prima, superada apenas – segundo testemunhos sábios – pela que fez Antonio Houaiss ao português do Brasil. A única tradução que existe em castelhano, em compensação, é quase inexistente. Porém, sua história lhe serve de desculpa. Fê-la para si mesmo, apenas para se distrair, o argentino J. Salas Subirat, que na vida real era um especialista em seguros de vida. O editor Santiago Rueda, de Buenos Aires, descobriu-a em má hora, publicando-a ao final dos anos quarenta. Poucos anos depois, conheci Salas Subirat em Caracas trepado no escritório anônimo de uma companhia de seguros e passando uma tarde estupenda, falando de romancistas ingleses, que ele conhecia quase de memória. A última vez que o vi parece um sonho: estava dançando, já bastante mais velho e mais sozinho do que nunca, na louca roda dos carnavais de Barranquilla. Foi uma aparição tão estranha que decidi não cumprimentá-lo.

Outras traduções históricas são as que fizeram ao francês Gustav Jean-Aubry e Phillipe Neel dos romances de Joseph Conrad. Este grande escritor de todos os tempos – que na realidade se chamava Jozef Teodor Konrad Korzeniowski – havia nascido na Polônia, e seu pai era precisamente um tradutor de escritores ingleses e, entre outros, de Shakespeare. A língua base de Conrad era o polonês, mas desde muito cedo aprendeu o francês e o inglês, e chegou a ser escritor em ambos os idiomas. Hoje o consideramos,

com razão ou sem, como um dos mestres da língua inglesa. Conta-se que tornou *invivível* a vida de seus tradutores franceses tratando de impor-lhes sua própria perfeição, porém, nunca decidiu traduzir-se a si mesmo. É curioso, mas não se conhecem muitos escritores bilíngues que o façam. O caso mais próximo a nós é o de Jorge Semprún, que escreve o mesmo em castelhano ou francês, mas sempre separadamente. Nunca traduz a si mesmo. Ainda mais raro é o irlandês Samuel Beckett, prêmio Nobel de Literatura, que escreve duas vezes a mesma obra em dois idiomas, porém seu autor insiste que uma não é a tradução da outra, mas sim que são duas obras distintas em dois idiomas diferentes.

Há alguns anos, no ardente verão de Pantelaria, tive uma enigmática experiência de tradutor. O conde Entico Cicogna, que foi meu tradutor ao italiano até sua morte, estava traduzindo naquelas férias o romance *Paradiso*, do cubano José Lezama Lima. Sou um admirador devoto de sua poesia, fui também de sua rara personalidade, embora o tenha visto em poucas ocasiões, e naquele tempo queria conhecer melhor seu romance hermético. De modo que ajudei um pouco Cicogna, mais que na tradução, na dura empreitada de decifrar a prosa. Então, compreendi que, de fato, traduzir é a maneira mais profunda de ler. Entre outras coisas, encontramos uma frase cujo sujeito mudava de gênero e de número várias vezes em menos de dez linhas, ao ponto que, ao final, não era possível saber quem era, nem quando era, nem onde estava. Conhecendo Lezama Lima, era possível que aquela desordem fosse deliberada, mas somente ele poderia dizer, e nunca pudemos perguntar-lhe. A pergunta que Cicogna se fazia era se o tradutor tinha que respeitar em italiano aqueles disparates de concordância ou se devia vertê-lo com rigor acadêmico. Minha opinião era que devia conservá-los, de modo que a obra passasse ao outro idioma tal como era, não só com suas virtudes, mas também com seus defeitos. Era um dever de lealdade com o leitor no outro idioma.

Para mim, não há curiosidade mais entediante que ler as traduções de meus livros nos três idiomas nos quais me seria possível fazê-lo. Não me reconheço a mim mesmo senão em castelhano. Mas li alguns dos livros traduzidos ao inglês por Gregory Rabassa e devo reconhecer que encontrei algumas passagens que me agradavam mais do que em castelhano. A impressão que dão as traduções de Rabassa, é que ele aprende o livro de memória em castelhano e, em seguida, volta a escrevê-lo completo em inglês: sua fidelidade é mais complexa que a literalidade simples. Nunca faz uma explicação em pé de página, que é o recurso menos válido e por desgraça o mais acudido nos maus tradutores. Nesse sentido, o exemplo mais notável é

o do tradutor brasileiro de um de meus livros, que ofereceu à palavra *astromélia* uma explicação em pé de página: flor imaginária inventada por García Márquez. O pior é que mais tarde li, não sei onde, que as *astromélias* não só existem – como todo mundo no Caribe sabe – como também seu nome é português.



TRADUZIR É O VERDADEIRO MODO DE LER UM TEXTO

ITALO CALVINO



O TEXTO: Italo Calvino apresentou o texto “Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto” no Congresso sobre Tradução, ocorrido em Roma, em 4 de junho de 1982. O ensaio foi publicado posteriormente em “Bollettino di informazioni” (Revista quadrimestral da Comissão Nacional Italiana para a UNESCO, XXXII, Nova série, n. 3, setembro-dezembro de 1985, p. 59-63).

Texto traduzido: Calvino, Italo. “Tradurre è il vero modo di leggere un testo”. In. *Mondo scritto e mondo non scritto*. A cura di Mario Barenghi. Milano: Oscar Mondadori, 2002, pp. 84-91.

• **O AUTOR:** Italo Calvino nasceu no dia 15 de outubro de 1923, em Santiago de las Vegas. Em 1944, inscreveu-se no Partido Comunista Italiano. Como ativista do Pci, escreveu para periódicos como “La voce della Democrazia”, “La nostra lotta” e “Il Garibaldino”. Em dezembro de 1945, iniciou sua colaboração com a revista “Il Politecnico”, de Elio Vittorini. Nos anos 1950, desenvolveu várias funções editoriais na editora Einaudi, onde foi editor do “Notiziario Einaudi”. Em 1967, mudou-se com a família para Paris, onde permaneceu até 1980. Em 1971, ainda na Einaudi, organizou a coleção “Centopagine”, na qual publicou escritores de diversas culturas, cujo objetivo era publicar “romances breves” ou “contos longos”, como o próprio escritor definiu na apresentação da coleção. Em 1972 venceu o Prêmio Feltrinelli conferido pela Accademia Nazionale dei Licei. Morreu no dia 6 de setembro de 1985, aos 62 anos de idade.

O TRADUTOR: Davi Pessoa Carneiro é professor adjunto de língua e literatura italiana da UERJ, autor de *Terceira Margem: Testemunha, Tradução* (2008). Traduziu *A razão dos outros* e *Ou de um ou de nenhum* (2009), de Luigi Pirandello, *Georges Bataille: filósofo* (2010), de Franco Rella e Susanna Mati, *Desgostos* (2010) e *Ligação Direta* (2011), ambos de Mario Perniola, e os livros *Nudez e Meios sem fim* do filósofo italiano Giorgio Agamben (2014 e 2015).

TRADURRE È IL VERO MODO DI LEGGERE UN TESTO

“Tradurre è un'arte: il passaggio di un testo letterario in un'altra lingua richiede ogni volta un qualche tipo di miracolo.”

ITALO CALVINO

Tra i romanzi come tra i vini, ci sono quelli che viaggiano bene e quelli che viaggiano male.

Una cosa è bere un vino nella località della sua produzione e altra cosa è berlo a migliaia di chilometri di distanza.

Il viaggiare bene o male per i romanzi può dipendere da questioni di contenuto o da questioni di forma, cioè di linguaggio.

Di solito si sente dire che i romanzi italiani che gli stranieri leggono più volentieri sono quelli d'ambiente molto caratterizzato localmente, specialmente d'ambiente meridionale, e comunque dove vengono descritti luoghi che si possono visitare, e dove viene celebrata la vitalità italiana secondo l'immagine che ci se ne fa all'estero.

Io credo che questo può darsi sia stato vero ma non lo è più oggi: primo, perché un romanzo locale implica un insieme di conoscenze dettagliate che il lettore straniero non sempre può captare, e secondo perché una certa immagine dell'Italia come paese «esotico» è ormai lontana dalla realtà e dagli interessi del pubblico. Insomma, perché un libro passi le frontiere bisogna che vi siano delle ragioni di originalità e delle ragioni di universalità, cioè proprio il contrario della conferma d'immagini risapute e del particolarismo locale.

E il linguaggio ha un'importanza massima perché per tenere sveglia l'attenzione del lettore bisogna che la voce che gli parla abbia un certo tono,

un certo timbro, una certa vivacità. L'opinione corrente è che si esporti meglio uno scrittore che scrive in un tono neutro, che dà meno problemi di traduzione. Ma credo che anche questa sia un'idea superficiale, perché una scrittura grigia può avere un valore solo se il senso di grigiore che trasmette ha un valore poetico, cioè se è creazione d'un grigiore molto personale, altrimenti nessuno si sente invogliato a leggere. La comunicazione si deve stabilire attraverso l'accento personale dello scrittore, e questo può avvenire anche su un livello corrente, colloquiale, non diversa dal linguaggio del giornalismo più vivace e brillante; e può essere una comunicazione più intensa, introversa, complessa, come è propria dell'espressione letteraria.

Insomma, per il traduttore i problemi da risolvere non vengono mai meno. Nei testi dove la comunicazione è di tipo più colloquiale, il traduttore se riesce a cogliere il tono giusto dall'inizio, può continuare su questo slancio con una disinvoltura che sembra - che deve sembrare - facile. Ma tradurre non è mai facile; ci sono dei casi in cui le difficoltà vengono risolte spontaneamente, quasi inconsciamente mettendosi in sintonia col tono dell'autore. Ma per i testi stilisticamente più complessi, con diversi livelli di linguaggio che si correggono a vicenda, le difficoltà devono essere risolte frase per frase, seguendo il gioco di contrappunto, le intenzioni coscienti o le pulsioni inconscie dell'autore. Tradurre è un'arte: il passaggio di un testo letterario, qualsiasi sia il suo valore, in un'altra lingua richiede ogni volta un qualche tipo di miracolo. Sappiamo tutti che la poesia in versi è intraducibile per definizione; ma la vera letteratura, anche quella in prosa, lavora proprio sul margine intraducibile di ogni lingua. Il traduttore letterario è colui che mette in gioco tutto se stesso per tradurre l'intraducibile.

Chi scrive in una lingua minoritaria come l'italiano arriva prima o poi all'amara constatazione che la sua possibilità di comunicare si regge su fili sottili come ragnatele: basta cambiare il suono e l'ordine e il ritmo delle parole, e la comunicazione fallisce. Quante volte, leggendo la prima stesura della traduzione d'un mio testo che il traduttore mi mostrava mi prendeva un senso d'estraneità per quello che leggevo: era tutto qui quello che avevo scritto? come avevo potuto essere così piatto e insipido? Poi andando a rileggere il mio testo in italiano e confrontandolo con la traduzione vedevo che era magari una traduzione fedelissima, ma nel mio testo una parola era usata con un'intenzione ironica appena accennata che la traduzione non raccoglieva, una subordinata nel mio testo era velocissima mentre nella traduzione prendeva un'importanza ingiustificata e una pesantezza sproporzionata; il significato d'un verbo nel mio testo era sfumato dalla costruzione sintattica della frase mentre nella traduzione suonava come

un'affermazione perentoria: insomma la traduzione comunicava qualcosa completamente diverso da quello che avevo scritto io.

E queste sono tutte cose di cui scrivendo non mi ero reso conto, e che scopro solo ora rileggendomi in funzione della traduzione. Tradurre è il vero modo di leggere un testo; questo credo sia stato detto già molte volte; posso aggiungere che per un autore il riflettere sulla traduzione d'un proprio testo, il discutere col traduttore, è il vero modo di leggere se stesso, di capire bene cosa ha scritto e perché.

Sto parlando a un convegno che riguarda le traduzioni dall'italiano all'inglese, e devo precisare due cose: primo, il dramma della traduzione come l'ho descritto è più forte quanto più due lingue sono vicine, mentre tra italiano e inglese la distanza è tale che tradurre vuol dire in qualche misura ricreare ed è possibile salvare lo spirito d'un testo quanto meno si è esposti alla tentazione di farne un calco letterale. Le sofferenze di cui parlavo mi sono occorse più sovente leggendomi in francese, dove le possibilità d'un travisamento nascosto sono continue; per non parlare dello spagnolo, che può costruire frasi quasi identiche all'italiano e dove lo spirito è completamente l'opposto. In inglese ci possono essere dei risultati talmente diversi dall'italiano che mi accade di non riconoscermi più per niente, ma anche delle riuscite felici proprio perché nascono da risorse linguistiche dell'inglese.

Seconda cosa, i problemi non sono minori per le traduzioni dall'inglese all'italiano, insomma non vorrei che sembrasse che solo l'italiano porta con sé questa condanna d'essere una lingua complicata e intraducibile; anche l'apparente facilità, rapidità, praticità dell'inglese richiede il particolare dono che ha solo il vero traduttore.

Da qualsiasi lingua e in qualsiasi lingua si traduca, occorre non solo conoscere la lingua ma sapere entrare in contatto con lo spirito della lingua, lo spirito delle due lingue, sapere come le due lingue possono trasmettersi la loro essenza segreta. Io ho la fortuna d'essere tradotto da Bill Weaver che questo spirito della lingua lo possiede al massimo grado.

Io credo molto nella collaborazione dell'autore con il traduttore. Questa collaborazione, prima che dalla revisione dell'autore alla traduzione, che può avvenire solo per il limitato numero di lingue in cui l'autore può dare un'opinione, nasce dalle domande del traduttore all'autore. Un traduttore che non ha dubbi non può essere un buon traduttore: il mio primo giudizio sulla qualità d'un traduttore mi sento di darlo dal tipo di domande che mi fa.

Poi, credo molto nella funzione della casa editrice, nella collaborazione tra *editor* e traduttore. La traduzione non è qualcosa che si può prendere e

mandare in tipografia; il lavoro dell'*editor* è nascosto, ma quando c'è dà i suoi frutti, e quando non c'è, come oggi è la stragrande maggioranza dei casi in Italia ed è la regola quasi generale in Francia, è un disastro. Naturalmente ci possono essere anche casi in cui l'*editor* guasta il lavoro ben fatto del traduttore; ma io credo che il traduttore per bravo che sia, anzi proprio quando è bravo, ha bisogno che il suo lavoro sia valutato frase per frase da qualcuno che confronta testo originale e traduzione e può nel caso discutere con lui. Bill Weaver può dirvi come conta per lui avere a che fare con una grande *editor* come Helen Wolff, un nome che ha un posto importante nell'editoria letteraria prima nella Germania di Weimar, poi negli Stati Uniti. Devo dire che i due paesi in cui le traduzioni dei miei libri sono riusciti a marcare la loro presenza nell'attualità letteraria sono gli Stati Uniti e la Francia, cioè i due paesi dove ho la fortuna d'avere degli *editors* d'eccezione; ho detto di Helen Wolff che ha il compito più facile, in quanto ha da fare con un traduttore anche lui d'eccezione come Bill Weaver; mi resta da dire di François Wahl, che invece si è trovato a rifare da cima a fondo quasi tutte le traduzioni dei miei libri pubblicati in Francia da Seuil, finché l'ultima sono riuscito a fargli mettere anche la sua firma, firma che sarebbe giusto figurasse anche nelle traduzioni precedenti.

Ci sono problemi che sono comuni all'arte del tradurre da qualsiasi lingua, e problemi che sono specifici del tradurre autori italiani. Bisogna partire dal dato di fatto che gli scrittori italiani hanno sempre un problema con la propria lingua. Scrivere non è mai un atto naturale; non ha quasi mai un rapporto col parlare. Gli stranieri che frequentano degli italiani avranno certo notato una particolarità della nostra conversazione: non sappiamo finire le frasi, lasciamo sempre le frasi a metà. Forse gli americani non sono molto sensibili a questo, perché anche negli Stati Uniti si parla con frasi spezzate, interrotte, esclamazioni, modi di dire senza un preciso contenuto semantico. Ma se ci si confronta con i francesi che sono abituati a cominciare le frasi e a finirle, con i tedeschi che devono sempre mettere il verbo in fondo, e anche con gli inglesi che di solito costruiscono le frasi con grande proprietà, vediamo che l'italiano parlato nella conversazione corrente tende a svanire continuamente nel nulla, e se si dovesse trascriverlo si dovrebbe fare un uso continuo di puntini di sospensione. Ora, per scrivere bisogna invece condurre la frase fino in fondo, per cui la scrittura richiede un uso del linguaggio completamente diverso da quello del parlato quotidiano. Bisogna scrivere delle frasi compiute che vogliono dire qualcosa: perché a questo lo scrittore non si può sottrarre: deve sempre dire qualcosa. Anche i politici finiscono le frasi, ma loro hanno il problema opposto, quello di parlare per non dire, e

bisogna riconoscere che la loro arte in questo senso è straordinaria. Anche gli intellettuali spesso riescono a finire le frasi, ma loro devono costruire dei discorsi completamente astratti, che non tocchino mai niente di reale, e che possano generare altri discorsi astratti. Ecco dunque qual è la posizione dello scrittore italiano: è scrittore colui che usa la lingua italiana in un modo completamente diverso da quello dei politici, completamente diverso da quello degli intellettuali, ma non può fare ricorso al parlato corrente quotidiano perché esso tende a perdersi nell'inarticolato.

Per questo lo scrittore italiano vive sempre o quasi sempre in uno stato di nevrosi linguistica. Deve inventarsi il linguaggio in cui scrivere, prima d'inventare le cose da scrivere. In Italia il rapporto con la parola è essenziale non solo per il poeta, ma anche per lo scrittore in prosa. Più d'altre grandi letterature moderne, la letteratura italiana ha avuto e ha il suo centro di gravità nella poesia. Come il poeta, lo scrittore di prosa italiano ha un'attenzione ossessiva alla singola parola, e al «verso» contenuto nella sua prosa. Se non ha quest'attenzione a un livello cosciente, vuol dire che scrive come in un raptus, come è proprio della poesia istintiva o automatica.

Questo senso problematico del linguaggio è un elemento essenziale dello spirito del nostro tempo. Per questo la letteratura italiana è una componente necessaria della grande letteratura moderna e merita d'essere letta e tradotta. Perché lo scrittore italiano, al contrario di quel che si crede, non è mai euforico, gioioso, solare. Nella maggior parte dei casi ha un temperamento depressivo ma con uno spirito ironico. Gli scrittori italiani possono insegnare solo questo: ad affrontare la depressione, male del nostro tempo, condizione comune dell'umanità del nostro tempo, difendendosi con l'ironia, con la trasfigurazione grottesca dello spettacolo del mondo. Ci sono anche gli scrittori che sembrano traboccanti di vitalità, ma è una vitalità a fondo triste, cupo, dominata dal senso della morte.

È per questo che, per quanto difficile sia tradurre gli italiani, vale la pena di farlo: perché viviamo col massimo d'allegria possibile la disperazione universale. Se il mondo è sempre più insensato, l'unica cosa che possiamo cercare di fare è dargli uno stile.



TRADUZIR É O VERDADEIRO MODO DE LER UM TEXTO

“Traduzir é uma arte; a passagem de um texto literário numa outra língua requer, todas as vezes, algum tipo de milagre.”

ITALO CALVINO

Entre os romances, assim como entre os vinhos, existem aqueles que viajam bem e aqueles que viajam mal.

Uma coisa é beber um vinho no local de sua produção e outra coisa é bebê-lo a milhares de quilômetros de distância.

Viajar bem ou mal em relação aos romances pode depender de questões de conteúdo ou de forma, isto é, de linguagem.

Costuma-se escutar que os romances italianos que os estrangeiros leem com maior prazer são aqueles de ambiente muito caracterizado localmente, especialmente o do sul da Itália, ou, de alguma forma, aqueles nos quais são descritos lugares que podem ser visitados, e onde é celebrada a vitalidade italiana segundo a imagem que dela se faz no exterior.

Acredito que isso, talvez, possa ter se dado, mas, hoje, não mais: primeiro, porque um romance local implica um conjunto de conhecimentos detalhados que o leitor estrangeiro nem sempre pode apreender, e, segundo, porque uma certa imagem da Itália como país “exótico” está, agora, distante da realidade e dos interesses do público. Em suma, para que um livro passe as fronteiras é necessário que existam algumas razões de originalidade e de universalidade, ou seja, exatamente o contrário da confirmação de imagens conhecidas e do particularismo local.

E a linguagem tem uma importância máxima, porque para manter acordada a atenção do leitor é necessário que a voz que fala com ele tenha

um certo tom, um certo timbre, uma certa vivacidade. A opinião corrente é que se exporta melhor um escritor que escreve num tom neutro, que dá menos problemas de tradução. Mas acredito que essa também seja uma ideia superficial, porque uma escritura cinza só pode ter um valor se o sentido acinzentado que transmite tem um valor poético, isto é, se é criação de um acinzentado muito pessoal, de outra forma ninguém sente vontade de lê-la. A comunicação deve ser estabelecida através do tom pessoal do escritor, e isso pode acontecer mesmo num nível corrente, coloquial, não diferentemente da linguagem do jornalismo mais vivo e brilhante; e pode ser uma comunicação mais intensa, introvertida, complexa, como é peculiar da expressão literária.

Em suma, ao tradutor os problemas para resolver nunca faltam. Nos textos em que a comunicação é de tipo mais coloquial, o tradutor, caso consiga captar o tom exato desde o início, pode continuar nesse movimento com uma desenvoltura que parece – que deve parecer – fácil. Porém, traduzir nunca é fácil; há casos em que as dificuldades são resolvidas espontaneamente, quase inconscientemente colocando-se em sintonia com o tom do autor. Mas para os textos estilisticamente mais complexos, com diferentes níveis de linguagem que se ajustam reciprocamente, as dificuldades precisam ser resolvidas frase por frase, seguindo o jogo de contraponto, as intenções conscientes ou as pulsões inconscientes do autor. Traduzir é uma arte; a passagem de um texto literário, qualquer valor que tenha, numa outra língua requer, todas as vezes, algum tipo de milagre. Todos nós sabemos que a poesia em versos é intraduzível por definição; mas a verdadeira literatura, mesmo aquela em prosa, trabalha precisamente na margem intraduzível de cada língua. O tradutor literário é aquele que se coloca completamente em jogo para traduzir o intraduzível.

Quem escreve numa língua minoritária como o italiano chega cedo ou tarde à constatação amarga que sua possibilidade de comunicar se sustenta sobre fios sutis, como as teias de aranha: basta mudar o som, a ordem e o ritmo das palavras, e a comunicação não se realiza. Quantas vezes, lendo a primeira versão da tradução de um texto meu que o tradutor me mostrava, fui tomado por um sentido de estranheza por aquilo que lia: estava tudo ali o que tinha escrito? Como pode ser tão superficial e insípido? Depois, ao reler o meu texto em italiano e comparando-o com a tradução, dava-me conta que era, talvez, uma tradução fidelíssima, porém, no meu texto uma palavra era usada com uma intenção irônica muito leve e que a tradução não apreendia, uma oração subordinada no meu texto era extremamente veloz enquanto na tradução tomava uma importância injustificada e um peso desproporcional; o

significado de um verbo no meu texto era atenuado pela construção sintática da frase enquanto na tradução soava como uma afirmação decisiva: enfim, a tradução comunicava algo completamente diferente daquilo que eu tinha escrito.

E todas essas são coisas que eu não percebia ao escrever, e que descobria somente agora me relendo em função da tradução. Traduzir é o verdadeiro modo de ler um texto; acredito que isso já tenha sido dito muitas vezes; posso acrescentar que para um autor a reflexão sobre a tradução de um seu texto, a discussão com o tradutor, é o verdadeiro modo de se ler, de entender bem o que escreveu e por quê.

Estou falando num congresso sobre as traduções do italiano ao inglês, e preciso destacar duas coisas: primeiro, o drama da tradução como o descrevi é ainda mais forte quando duas línguas são muito próximas, enquanto entre o italiano e o inglês a distância é tanta que traduzir significa, numa certa medida, recriar, e é possível salvar o espírito de um texto quanto menos se está exposto à tentação de transformá-lo num decalque literário. Os sofrimentos sobre os quais falava me ocorreram mais frequentemente lendo-me em francês, em que as possibilidades de uma deformação oculta são contínuas; para não falar do espanhol, que pode construir frases quase idênticas ao italiano e nas quais o espírito é completamente o oposto. Em inglês podem existir resultados tão diferentes do italiano que chego a não me reconhecer mais, mas também soluções felizes justamente porque nascem de recursos linguísticos da língua inglesa.

Segunda coisa, os problemas não são menores para as traduções do inglês ao italiano, em suma, não gostaria de transmitir que apenas o italiano traz consigo essa condenação de ser uma língua complicada e intraduzível; a facilidade aparente, a rapidez e a praticidade do inglês exigem, do mesmo modo, o dom especial que somente possui o verdadeiro tradutor.

De qualquer língua e em qualquer língua que se traduza, é necessário não só conhecer a língua, mas saber entrar em contato com o espírito da língua, com o espírito das duas línguas, saber como as duas podem se transmitir a sua essência secreta. Tenho a sorte de ser traduzido por Bill Weaver, que possui esse espírito da língua ao grau máximo.

Acredito muito na colaboração do autor com o tradutor. Essa parceria, antes da revisão do autor à tradução, que pode acontecer unicamente pelo número limitado de línguas em que o autor pode dar uma opinião, nasce das perguntas do tradutor ao autor. Um tradutor que não tem dúvidas não pode

ser um bom tradutor: meu primeiro julgamento sobre a qualidade de um tradutor é dado pelo tipo de perguntas que me faz.

Depois, acredito muito na função da editora, na colaboração entre editor e tradutor. A tradução não é algo que se pode pegar e mandar para tipografia; o trabalho do editor é oculto, mas quando ocorre dá seus frutos, e quando não ocorre, como hoje é a maior parte dos casos na Itália e é a regra quase geral na França, é um desastre. Naturalmente podem também existir casos em que o editor desfaz o trabalho bem feito do tradutor; mas acredito que o tradutor, por melhor que seja, aliás, exatamente quando é muito bom, precisa que seu trabalho seja avaliado frase por frase por alguém que compare texto original e tradução e que possa, em certos casos, discutir com ele. Bill Weaver pode lhes dizer como conta para ele ter de confrontar uma grande editora como Helen Wolff, um nome que tem um lugar importante na editoria literária, antes, na Alemanha de Weimar, depois, nos Estados Unidos. Devo dizer que os dois países em que as traduções de meus livros conseguiram marcar sua presença na atualidade literária foram os Estados Unidos e a França, dois países onde tenho a sorte de ter editores excepcionais; falei de Helen Wolff que tem a tarefa mais fácil, enquanto tem ao seu lado um tradutor, também ele excepcional, como Bill Weaver; resta-me falar de François Wahl, que ao contrário precisou refazer de cabo a rabo quase todas as traduções de meus livros publicados na França pela editora Seuil, tanto que na última tradução consegui que colocasse sua assinatura, a qual, de modo justo, deveria aparecer também nas traduções anteriores.

Há problemas que são comuns à arte da tradução de qualquer língua, e problemas que são específicos ao traduzir autores italianos. É necessário partir do dado factual que os escritores italianos têm sempre um problema com sua língua. Escrever nunca é um ato natural; quase nunca tem uma relação com o falar. Os estrangeiros que frequentam os italianos terão certamente notado uma particularidade de nossa conversa: não sabemos terminar as frases, deixamo-las sempre pela metade. Talvez os americanos não sejam muito sensíveis a isso, porque também nos Estados Unidos se fala com frases quebradas, interrompidas, exclamações, modos de dizer sem um conteúdo semântico definido. Mas se confrontamos esse caso com os franceses que são habituados a começar as frases e a concluí-las, com os alemães que devem sempre colocar o verbo no final, e também com os ingleses que normalmente constroem as frases com grande propriedade, vemos que o italiano falado na conversa corrente tende a desaparecer continuamente no nada, e se tivesse que transcrevê-lo deveria fazer um uso contínuo de reticências. Ora, para escrever é necessário, ao contrário,

conduzir a frase até o fim, por isso a escritura requer um uso da linguagem completamente diferente daquele da fala cotidiana. É necessário escrever frases completas que querem dizer alguma coisa: o escritor não pode se eximir disso: deve sempre dizer alguma coisa. Até os políticos terminam as frases, mas eles têm o problema oposto, o de falar para não dizer, e precisamos reconhecer que sua arte, nesse sentido, é extraordinária. Os intelectuais também conseguem frequentemente concluir as frases, porém, devem construir discursos totalmente abstratos, que nunca toquem nada de real, e que possam gerar outros discursos abstratos. Eis, portanto, qual é a posição do escritor italiano: é escritor aquele que usa a língua italiana de um modo completamente diferente daquele dos políticos, completamente diferente daquele dos intelectuais, mas não pode recorrer à fala corrente cotidiana porque essa tende a se perder no inarticulado.

Por isso, o escritor italiano vive sempre ou quase sempre num estado de neurose linguística. Deve inventar-se a linguagem com que escreve antes de inventar as coisas para escrever. Na Itália, a relação com a palavra é essencial não só para o poeta, mas também para o escritor de prosa. Mais que outras grandes literaturas modernas, a literatura italiana teve e tem seu centro de gravidade na poesia. Como o poeta, o escritor de prosa italiano tem uma atenção obsessiva com a palavra e com o “verso” contido em sua prosa. Se não tem essa atenção num nível consciente, significa que escreve como num transe, como é peculiar da poesia instintiva ou automática.

Esse sentido problemático da linguagem é um elemento essencial do espírito de nosso tempo. Por isso a literatura italiana é um componente necessário da grande literatura moderna e merece ser lida e traduzida. O escritor italiano, ao contrário do que se crê, jamais é eufórico, alegre, solar. Na maior parte dos casos tem um temperamento depressivo, mas com um espírito irônico. Os escritores italianos apenas podem ensinar isso: enfrentar a depressão, mal de nosso tempo, condição comum da humanidade de nosso tempo, defendendo-se com a ironia, com a transfiguração grotesca do espetáculo do mundo. Há também escritores que parecem cheios de vitalidade, mas é uma vitalidade, no fundo, triste, profunda, dominada pelo sentido da morte.

É por isso que, por mais difícil que seja traduzir os italianos, vale a pena fazê-lo: porque vivemos com o máximo de alegria possível o desespero universal. Se o mundo é cada vez mais insensato, a única coisa que podemos procurar fazer é lhe dar um estilo.





memória
(n.t.)|Corippo



A PEQUENA PASTORA

ANN CLARK



O TEXTO: Seleção de poemas trilingue em português, inglês e navajo dos quatro livros da série *Little Herder (A Pequena Pastora)*, de 1940, de Ann Clark, fac-símile. Os poemas são simples narrativas do ponto de vista de uma menina navajo que conta sobre sua vida cotidiana e de sua família através das quatro estações do ano. O propósito do livro é ensinar as crianças navajos a ler e a escrever em seu próprio idioma, e embora o tom dos poemas seja infantil, contêm uma beleza de estilo cativante que merecem outro olhar. As ilustrações são do artista navajo Hoke Denetsosie e o apoio linguístico de John P. Harrington e Robert W. Young.

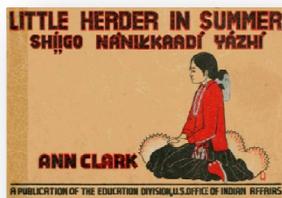
Textos traduzidos: Clark, Ann. *Little Herder in Spring*. Phoenix, Arizona: Education Division, U.S. Office of Indian Affairs, 1940; *Little Herder in Summer*. Phoenix, Arizona: Education Division, U.S. Office of Indian Affairs, 1940; *Little Herder in Autumn*. Phoenix, Arizona: Education Division, U.S. Office of Indian Affairs, 1940; e *Little Herder in Winter*. Phoenix, Arizona: Education Division, U.S. Office of Indian Affairs, 1940.

A AUTORA: Ann Nolan Clark nasceu em Las Vegas, EUA, em 1896. Iniciou sua carreira como professora de inglês na Highlands University, em Las Vegas, na década de 1920. Depois, durante 25 anos, ensinou nas escolas do povo Tesugue, no Novo México, onde começou a escrever seus próprios livros para lecionar. Entre 1940 e 1951, a U.S. Office of Indian Affairs (Centro Americano de Assuntos de Indígenas) publicou 15 de seus livros, todos sobre suas experiências com indígenas. Viajou ao México, Guatemala, Costa Rica, Equador, Peru e Brasil. Essas viagens inspiraram outros livros como *The Secret of the Andes (O segredo dos Andes)*, que recebeu a Medalha Newbery, em 1953. Após escrever uma vasta obra sobre as culturas ameríndias, cerca de 31 livros, Ann Clark faleceu em 1995.

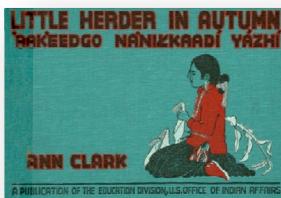
O TRADUTOR: Scott Ritter Hadley (EUA) estudou espanhol na Northern Arizona University, onde começou a estudar tradução e português. Depois fez pós-graduação em Letras Hispânicas na Arizona State University, com especialização em literatura medieval e mexicana contemporânea. Desde 1987 reside em Puebla, México onde leciona inglês, latim, literatura inglesa e espanhola, na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Entre seus interesses mais recentes está a literatura indígena mexicana. Para a revista (n.t.) já traduziu Víctor Cata, Manuel Espinoza Sainos, Juan Hernández Ramírez, Zitkala-Ša e Chefe Seattle.



primavera



verão



autono



inverno

(n.t.)

A PEQUENA PASTORA / LITTLE HERDER / NAŊIŊKAADÍ YÁZHÍ
fac-símile

LITTLE HERDER

*"But with all these things I still am only
one little girl. Isn't it strange?"*

NAŪĪKAADÍ YÁZHÍ

*"Kónéel góó 'ánísh't'éh t'abdii ndi 'at'ééd
'áts'íísígíí nishl' 'Áko doolá dó' dooda da!"*

ANN CLARK

LITTLE HERDER IN SPRING DĀĒGO NAŪĪKAADÍ YÁZHÍ

MORNING

This morning,
when I crawled
from under my blanket,
when I stood
before my mother's hogan door
outside looked
as if it had been crying.
The sky was hanging heavy
with gray tears.
I stood at the door
of my mother's hogan
and looked out
at the gray, sad morning.
My father came.
He stood beside us.
He spoke
in a happy way
to me

'AHBÍNÍ

'Ahbínídqá'
shibeeldléi
biyaadéé' hash'na'go
shimá bighan
bich'é'étiingi sézǰǰí nt'éé'.
T'óó'di 'áhí bee halbá.
Yá díłhił
'áhí bee łibáá nt'éé'.
Shimá bighan bich'é'étiingi
sézǰǰigo
t'óó'góó déé'ǰǰí'.
'Ahbínigo t'óó halbá dóo
doo hats'iid da.
Shizhé'é ch'íníyá.
Nihíighahgi yiizǰǰí'.
Bił hózhoqgo
shí dóó shimá

and to my mother.

Then the gray tears
on the sky's face
melted.

The clouds pushed away
and the sun
smiled through them.

Now it is gray again,
but I cannot forget
that when my father spoke
the sun came
and looked down
upon us.

nihich'ij' haadzii'.

'Áádóó 'áhí yá diihit
bee tibáháq
'ásdijid.

K'os t'óó yóó' 'adahaashzhóód
dóó jónonaa'éí
yináká ch'ídi'níłdláád.

K'ad 'áhí bee nááhálbáa ndi
doo baayooshnééh 'át'ée da
shizhé'é haadzii'go
jónonaa'éí ch'íníyáá dóó
nihik'i'diıłdláád.

AFTERNOON

Afternoon is long.
The sun goes slowly
 across the sky.
The sheep walk slowly,
 feeding.
I see them against the sky
 in a long, slow line.

I whisper to the wind
 to blow the sun
 and the sheep
 a little
 to make them hurry.

But it blows
 only the clouds
 and the sand
 and me.

'AŁNÍ'NÍ'ÁĀDÓÓ BIK'IJI'

'Ałní'ní'áá'dóó bik'iji' doo hah
 náás 'adi'aah da. '
Jóhonaa'éi hazhóó'ógo
 yá tsí'naa yigáał ʔeh.
Dibé hazhóó'ógo yíkah
 da'ałchozhgo.
Shá yahji' 'ałkéé' nt'i'go
 dóó hazhóó'ógo dayíkáahgo
 nésh'íi ʔeh.

Jóhonaa'éi
 dóó dibé
 t'áá tsíi'łgo
 náás 'abí'ísooł
 bidishníi ʔeh níyol bich'íi'.

Ndi jó
 k'os dóó
 séi dóó shí
 t'éiyá 'ayíná'ásoł.

SUNSET

Just now
I watched the sun going.
It took a long time
to say goodbye.

I think it knew
that the land
and the things
of the land
were sorry
it had to go.

It said goodbye
in such a good way.

Just for a little time
it made the sky
and the rocks
and the sand
like itself
to let them know
how it feels
to be sun.

Then it went away
and all things
were still
because the sun had gone.

'I'Í'Á

'Áníídí yee'
jónonaa'éí t'áá nésh'íigo 'íyá.
T'áá 'íighisí doo hq̄h da
'íyá.

Nahasdzáán
dóó t'áadoo le'é
nahasdzáán
bikáa'gi dahólónígíí
'í'í'ánígíí
yq̄q̄h dabíni'ígíí jónonaa'éí
bił bée'hózin
sha'shin nisin.

Nizhónigo 'i'í'á.

T'óó kónígháníji' jónonaa'éí
yá
dóó tsé
dóó séí
t'áá beelt'éego 'áyiilaa
jónonaa'éí jíłjigo
hait'éé t'ehígíí
hoł bée'dahodoozjít biniíghé.

'I'Í'Á

nahasdzáán bikáa'gi dahólónígíí
t'áá 'áłtso 'adahodiłzee'
jónonaa'éí 'ásdijigo biniinaa.

BEAUTIFUL MOUNTAIN

Beautiful Mountain

looks so blue
and so cold
and so lonely
now that the sun
and the sheep
and I
are going.

If it were nearer to me
and small,
I could bring it
into my mother's hogan
under my blanket.
Then I need not leave
Beautiful Mountain
out there by itself
in the night.

DZİŁ NIZHÓNÍ

Dził Nizhóní

jidoot'izh nahalin,
dóo hoł deesk'aaz nahalin
t'óo doo hoł hats'iid da,
nahojilin,
dibé
dóo shí dó'
nihéeniikai
'i'í'áqgo biniinaa.

dóo 'ádzíłts'íísigo t'éiyá
shimá bighan góne'
yah 'ahodeesh'áát
dóo shibeeldléi hak'ídeshtih
ńt'éé'.

'Áko doo Dził Nizhóní
t'áá 'áadi t'áásáhí
t'ée'go
jiz'áq dooleet.

MEETINGS

For a long time
there have been meetings
of many men
for many days.

At the meetings
there is talking,
talking,
talking.

Some this way.
Some that way.

In the morning
when my father
leaves for meeting
he says to us,
"When I come here again
then I will know
if it is best
to have many sheep
or few sheep,
to use the land
or let it sleep."

But
when my father
comes home from meeting
he does not know
which talking-way to follow.

Tonight
when my father
came home from meeting
he just sat, looking
and looking.

My mother gave him coffee
and bread and mutton,

'ÁLAH NĀDA'ADLEEĤĤ

T'áá 'aṭk'idáqá'
diné t'óó 'ahayóigo
'álah náda'adleeĥĥ ṭeh
t'óó 'ahayóí jǰigo.

'Álah náda'adleeĥídi
yádaati' ṭeh
yádaati',
yádaati',
ṭa' kót'éego
ṭa' kónáánát'éego.

'Aĥbínigo
shizhé'é
'álah náda'adleeĥgóó
dah diigháahgo
'ánihíłnii ṭeh
"Áádéé' nínáánísdzáago
'áko 'índa shiṭ bééhózin dooleet
dibé t'óó 'ahayóigo daats'í,
dibé 'áṭch'ǰǰigo daats'í
yá'át'ééh dooleet,
'áádóó kéyah daats'í
bik'i ndadiilnish
t'óó daats'í bini' 'aṭhosh doo."

Ndi
shizhé'é
'álah náda'adleeĥdéé' nádáahgo
háájigo hoot'áłígíí shíǰ
bida'diilniiṭ
'éi doo biṭ bééhózin da ṭeh.

'l'í'áqáqá'
shizhé'é 'álah 'azlǰǰéé'
nádzáago
t'óó njighalgo
jizdáá nt'éé'.

Shimá gohwééh

but my father just sat,
looking.

My mother
said this to me
but I think
she wanted my father
to hear it.

dóo bááh dóo dibé bitsi'
hayaa niiníká,

Shimá
'ákóshidíiniid
ndi shizhé'é yididoots'ííł
biniighé
sha'shin nisin.

NIGHT

Night is outside
in his black blanket.
I hear him
talking with the wind.
I do not know him.
He is outside.
I am here
in my mother's hogan
warm in my sheepskin,
close to my mother.
The things I know
are around me
like a blanket,
keeping me safe
from those things
which are strange.
Keeping me safe.

TL'ÉÉ'

Tł'ée' tł'oo'di bibeeldléi
diłhiłgo yee naaghá.
Níyol yit' 'atçh'i' yáłti'go
diists'a'.
Doo bééhasin da.
Tł'oo'di naaghá.
Shí t'éiyá
nihighan góne'
shimá bíghahgi
honeezdого shiyaateef
bikáá' sétí,
shinaagóo t'áadoo le'é
shił bééhózinígíí t'éiyá naaznil
beeldléi nahalingo.
'Éi t'áadoo le'é
doo béédahasinígíí
'éi shá yich'áqah ndaakai.
Shá yich'áqah ndaakai.

LITTLE HERDER IN SUMMER
SHĪĠĠO NAŪĪKKAADĪ YÁZHĪ

GOODBYE TO MY HOGAN

My mother's hogan,
I feel safe
with your rounded walls
about me.
But now I must leave you.
I must leave your fire
and your door.
The sheep need me.
I must go with them
to a place they know,
but that is strange to me.
I put my moccasins,
my precious moccasins,
by your fireplace, my hogan,
so you will not be lonely
while I am gone.

HÁGOÓNEE' SHIGHAN

Shimá bighan
'ahéé'éstf'inígíí
shináz'áago doo
násdzid da.
Ndi k'ad nts'áq' dah diishááh.
Nikq' dóó ndáádílkał
bits'áq' dah diishááh.
Dibé dashinízin.
Bił yishkah dooleł
ńléí dahoo'ígóó
ndi shí t'ah doo hoostsééh da.
Nikq'k'eh bíghahgi
shikélchih niníłá,
shikélchih 'ayóí 'ínísh'nínígíí,
'áko doo doo nił hats'íid da
dooleł nts'áq' yóó 'íyáago.

GOODBYE GRAY CAT

Gray Cat,
I am telling you goodbye.
Today I go to the mountains.
I take my sheep to summer range,
but you, Gray Cat,
you have no sheep
so you must stay at home.
Stay here with my grandmother,
Gray Cat.
She will feed you.
Goodbye, Goodbye.

HÁGOÓNEE' MÓSÍLBÁHÍ

Hágoónee' ndishní
mósílbáhí.
Díí jí dзіłgóó déyá.
Shidibé ndabeeshíhígóó dínéłkaad.
Ndi ni
ndibé 'ádin, mósílbáhí,
'éi bąą t'áá kwe'é sínídáh.
T'áá kwe'é shimá sání
bił síníké, mósílbáhí.
Naa ná'áltso' dooleet.
Hágoónee', hágoónee'.

GOODBYE TO GRANDMOTHER

My grandmother,
my little grandmother,
now I am leaving you.
Last year I was too small
to go to the mountains.
I stayed with you,
but this year I am big,
I am almost tall
so I must help drive the sheep
to summer range.

My grandmother,
my little grandmother,
do not be lonely.
I will come back again.

HÁGOÓNEE' SHIMÁ SÁNÍ

Shimá sání, shimá sání yázhí,
k'ad nts'áq' dah diishááh.
Kóhoot'éédqá' t'áa 'iighisí
áñts'íísigo biniinaa
t'áadoo dziłgóó déyáa da.
T'áa kwe'é nił sékéé nt'ée'
ndi k'ad t'éiyá doo 'áñts'íísí da,
k'adéę nisneez yishłeeh,
'áko dibé ndabeeshihígóo
'atah 'adínélkaad.

Shimá sání,
shimá sání yázhí,
t'áadoo doo nił hats'ídí.
'Áádéę' naa nínáádeeshdááł.

THE SHEEP CORRAL

My father and my uncle
made a sheep corral
while they were waiting
for the sheep and for us
to come up the trail.
They made the sheep corral
of branches,
a circle of branches,
a circle of dark colored boughs.
The sheep stay safe
in their corral tonight
and I sleep
beneath the cottonwood shade.
As I lie here,
safe and warm beneath
my blanket,
all around me turns to gray mist,
all around me turns to silver.
Darkness is gone,
but it made no sound.
It left no footprints.
The world is still asleep.
Through the pine trees
day comes up
light comes up.
Coyotes howl in the dawn.
In the pine trees
bird wings are stirring,
bird songs are stirring.
I hear them.
I hear them.
The grass beside my blanket
is wet with night rain.

DIBE BIGHAN

Shizhé'é dóó shida'í
dibé bighan 'áyiilaa lá
nihiba' sikéego
nihí t'éiyá t'ah ndi dzit bąqł
'aniilkałgo.
'łt yee dibé bighan
'áyiilaa,
'it nązbąsgo,
'it dithitgo nązbąs.
Díí t'ée' dibé dibé bighan góne'
'yá'át'éełgo dabiidootkáát
dóó shí t'éiyá chahash'oh góne'
'iideeshhosh.
Kwe'é hoozdogo shibeeldléí
bee sétłigo
shinaagóó 'ahí bee halbáá dóó
'altso hos'łid.
Chahałheet
t'áadoo 'iits'a'í 'ásdłid.
Doo ndi nabikée' da.
'Áko nahasdzáan t'ah ndi
'alłhosh.
Ndíshchíí' binákáádéé'
ha'í'á, dóó
ch'ída'deezdłáád.
'Ahbínigo mą'łi daacha.
Ndíshchíí' bighi'di
tsídii nikiadiit'a'
tsídii 'ádaanigo
diists'a', diists'a'.
Shíighahgóó t'oh
yíl'áhígíí t'ée'go nahałtinígíí
bee dit'ée'.

Morning mist is on the leaves and in my hair.	'Ahbínigo 'áhígíí ch'il bit'ąą' bąąh dóó sítisii' dó' bąąh.
I put one toe out, one brown toe out.	Shikee' t'áátáhíjí bee ch'ídinis'eez, shikee' yishtłizhgo bee
It is hard to get up when it is cold.	ch'ídinis'eez deesk'aazgo doo nízhdoo'nééh 'át'ée da.
Blue smoke from my mother's fire curls upward in a thin blue line.	Lid dootł'izh 'áts'óózigo hót'áh yít'í'.
The sheep move inside their corral.	Dibé bighan góne' dibé ndaha'ná.
I come out from under my blanket, from under my warm blanket.	Shibeeldléi biyaadéé' hash'na', shibeeldléi sidoígíí biyaadéé'.
Like the other things around me, I come out to greet the day.	Shinaagóó deil'áhígíí 'ádaadzaigi 'ít'éego ha'íí'ąągo bich'í' ch'íníyá.

MORNING PRAYER

Silent and still
my father stands
before our summer shelter.
He is thinking a prayer
to the Holy Ones,
asking them
this day
to keep our feet
on the Trail of Beauty.
Filling the silence
of my father's prayer
I hear the bluebird's song.

'AHBÍNÍGO SODIZINÍGÍ

T'áadoo 'iits'a'í d'óó
t'áadoo naha'nání shizhé'é
nihichahash'oh bich'é'étiindóó
sizí.
Dadighinígíí bich'í' sodizin
yee yaa ntsékees,
díí jí
neiikaiígíí 'ít'éego
hózhòggo nda'aztiinígíí
bikáá' neiikai dooleet nígo.
Shizhé'é sodilzingo
dólii 'ádaaní yiits'a'.

NOON ON THE MESA

Day grows long
and bright with sunlight.

The sheep eat their way
to the rain lakes
under the willows.

Little rivers run through the tall grass
and hide away in the rushes.

I see a line of scattered clouds
across the sky.

Sun-Bearer rests
on his way
to the House of Turquoise Woman
in the Western Waters.

It is middle-time of day.

DZIL BIGHÁÁ'DI 'ALNÍ'NÍ'ÁAGO

Doo hq̄h 'ałníní'át'áah da
dóó jóhonaa'éí bee hoot'í.

Dibé be'ik'id sighiníjigo
k'ai' biyaagóó
da'ítchóosh tēh.

Tó hodítch'il góne' 'adaazlí
dóó lók'aa' bitah hnádadit'íí.

K'os dah nda'ajootgo
yá bik'iji' yish'í.

Jóhonaa'éí 'e'e'ahjí tó nteel
Doot'izhii 'Asdzáán bighangóó
yigáatgo
'átsé hanálgí tēh.

K'ad 'ałníní'á.

LIGHTNING

Lightning darts
like an arrow,
an arrow of fire,
from an unseen bow.
It darts in flame
from the gray sky
to the gray earth.
It strikes a tree.
Lightning strikes a tree.
My sheep,
my sheep,
I must save my sheep
from this evil around them.
I must save them,
my sheep,
my poor frightened sheep.

'II'NI'

'Atsinilt'ish k'aa' nahalingo
'a'ndahata'
k'aa' kq' nahalingo
'a'lt[í] doo yit'íinii bits'áqádóó.
Kq' t'éiyágo
yá dithit' dóó
ni'ji' 'a'ndahata'.
Tsin bó'oos'ni'.
'Atsinilt'ish tsin yíih yílghod.
Shidibé
shidibé
shidibé yisdá deesh'ish
díí nda'dilch'ilígíí bits'áaji'.
Shidibé
shidibé t'óó baa dahajoobá'ígo
ndaaldzid.

EVENING

Sun-Bearer parts the clouds
and looks down on the rain.

He turns each raindrop
into a silver bead.

He turns each rainstreak
into a silver necklace.

He makes a rainbow path
for the gods
across the sky.

Go among the sheep
the huddled, wet sheep.
sing to them.

I sing to the sheep,
a song, a song,
a song about my possessions,
my ceremonial goods.

I have a little buckskin bag
filled with things,
with things.

My grandfather filled it for me.

My grandfather gave it to me.

Wherever I go

I carry my little buckskin bag
to keep me safe,
to keep my feet
on the Trail of Beauty.

HIŁIIJJI'GO

Jóhonaa'éi k'os 'aq 'áyiilaa
dóo nahaktin yaago yinił'í.

Nahaktin nanidééhígíí béesh łigaii
yoo' náát'i' nahalingo 'ádeile'.

Nahaktin nanoodózígíí béesh ligaii
yoo' náát'i' nahalingo 'adeile'.

Nááts'íilid 'áyiilaa
dadighiní bá 'atiin biniighé
yá dithił tsí'naa.

Dibé daditléé'go dah naazhjaa'go
bitaasháa.

Bich'í' hashtaał.

Shidibé bich'í' hashtaał
shiyódi bighiin
shiyódi bighiin
bee hashtaał
shiyódi dadighinigíí.

Tádídíin bizis 'áłts'íisi léi' shee hólo
t'áadoo le'é bii' hadeezbin.

Shichaii shá haidííłbjid.

Shichaii shaa yiniłtsooz.

T'áa tádišháahgóo

shitádídíin bizis tádištsóos
shaa 'áhályá biniighé dóo
bee hózhógo
naashá.

POSSESSIONS

I have black hair.
I have white teeth.
My hands are brown
with many fingers.
My feet are brown
with many toes.

My arms are brown
and strong.
My legs are brown
and swift,
I have two eyes.
They show me how things look.
I have two ears.
They bring sounds
to stay with me
for a little while.

I have two names,
a War Name
for just me to know
but not to use,
and a nickname
for everyone to use
for everyday.

But with all these things
I still am only
one little girl.
Isn't it strange?

'ANISHT'EEGI

Sitsii' tizhin.
Shighoo' tigi.
Shíla' dinilzhin
dóo shílázhoozh lq'í.
Shikee' dinilzhin
dóo shikézhoozh lq'í.

Shigaan dinilzhin,
dóo bidziil.
Shijáád dinilzhin,
dóo 'ayóogo dilgho'.
Shináá' naaki.
'Éi t'áadoo le'é bee yish'í.
Shijaa' naaki.
'Éi t'áadoo le'é bee diists'a',
dóo 'éi t'óo kónighániji'
bee 'énáshnih.
Shízhí' naaki,
na'abaahgo yízhíyígíí
t'áá shí t'éiyá shíł béeéhózin,
doo bee shi't'óji da,
'áko náánáta' ázhi' t'éiyá
t'áá 'ákwíí jí
bee shi't'óji.

Kónéelqáágóo 'ánisht'éh
t'ahdii ndi 'at'ééd 'áts'íísígíí
nishłj.
'Áko doolá dó' dooda da!

TURQUOISE

Turquoise is sky.
Turquoise is still water.
Turquoise is color-blue
and color-green
that someone
somewhere
has caught
and turned to stone.

Sometimes, turquoise
is trapped in silver,
and sometimes, in small beads
running along a white string
like beauty following
a straight trail.

DOOTŁ'IZHII

Dootł'izhii yá diłhił nahalin.
Dootł'izhii tó doo naha'náa dago
sikánígíí nahalin.
Dootł'izhii tó dootł'izhígíí nahalin,
'éi háíishíí
háadishíí
yił deezdéelgo
tsé nahalingo 'áyiilaa.

Łahda dootł'izhii
béesh łigaii bińdaaz'áa łeh,
'áádóó łahda 'ádaalts'íisigo
tł'óót bee yisht'eezh łeh
'atiin 'ahóózhoođ nahalingo
'atkéé' 'adahaazt'i' łeh.

WEAVING

When my mother sits
on her sheepskin,
weaving a blanket,
on her loom
I think
it is like a song.

The warp threads
are the drum beats,
strong sounds
underneath.

The colored yarns
are the singing words
weaving through
the drum beats.

When the blanket is finished
it is like a finished song.

The warp
and the drum beats,
the colored wools
and the singing words
are forgotten.

Only
the pattern
of color
and of sound
is left.

'ATL'ÓOGI

Shimá biyaateet
yikáá'
bidah'iistł'ó yich'i' sidáago
diyogí yit'óogo
sin nahalin
nisin.

Nanoolzhee'ígíí
'ásaa' diits'a'ígíí
yéigo hóyahgo diits'a'ígíí
'ádaat'é.

Hahaasdiz 'ał'qá 'ádaat'éhígíí t'éiyá
sin bee 'ójihígíí 'ádaat'é,
'ásaa' diits'a'go
bitah ílá.

Dah'iistł'ó 'altso 'ál'ijhgo
sin 'altso ndeet'áq nahalin t'eh.

Ásaa' diits'a' yéę
hahaasdiz 'ał'qá 'ádaat'éhígíí
dóo sin bee da'ójihéę
hahaasdiz 'ał'qá 'ádaat'éhígíí
'altso baa hayoos'nah.

Bee na'ashch'qá'ígíí
'ał'qá 'ádaat'éhígíí
dóo sin diits'a'
yéę t'éiyá
yidzít'.

LITTLE HERDER IN WINTER
HAIGO NAŪŪKKAADÍ YÁZHÍ

NIGHT

Night is slow in coming,
but at last it comes
moving through the snowstorm.
Coyotes howl, far away.
Nearby the wind cries.
The wet wood smokes.
Snow water drips down
through the smoke hole.

TŁ'ÉÉ'

Doo hq̄h tł'ée' haleeh da
ndi hodíina'go tł'ée'
ńchíil bił níyolgo yii' níyá.
Nízaadi mą'ii daacha yiits'a'.
T'áá 'áhánigi níyol 'ádaaní.
Chizh ditł'ée'ígíí bits'áqádóó łid.
Yas bitoo'
ch'ílághi'déé' nahidilch'áqł.

STORY TELLING

Then
 my father tell us stories.
 Long stories
 made up of many words.
 His words have power.
 They have strength.
 They seem to hold me.
 They seem to warm me.
 They seem to feed me.
 My father's words,
 they comfort me.
 His words have power.
 My father tells
 The Star Story.
 "When the world was being made,
 being made."
 My father tells us,
 "When the Gods were
 placing stars,
 the stars,
 the stars in patterns
 in the sky,
 coyote stole the star bag."
 Coyote spilled the stars out
 in the sky,
 helter skelter in the sky,
 when the world was being made.
 Softly
 my father tells it,
 the story of the stars.
 Outside,
 the wind
 and the night
 push against

NAHANI'

'Áádóó shizhé'é
 nihit nahalni'.
 Hani' 'ayóí 'ádanítnééz
 saad t'óó 'ahayóí.
 Bizaad 'ayóó 'át'é.
 Bizaad bidziil.
 T'óó dashótq' nahalin.
 T'óó bee sédo nahalin.
 T'óó shi'iisq' nahalin.
 Shizhé'é bizaad
 bee hasht'e' nináháshdáh.
 Bizaad 'ayóó 'át'é.
 Shizhé'é sq' baa hani'
 yaa halni' t'eh.
 "Nahasdzáán 'álnéehgo,
 'álnéehgo,
 dighin dine'é sq' ndeinilgo
 sq'ígí
 sq' yá diłhił yii'
 hasht'e' ndeinilgo
 mq'ii 'azis sq' bighi'go
 yineez'íí,"
 níigo shizhé'é nihit halni' t'eh.
 "Mq'ii yá diłhił sq' yii' neezgháád
 t'áadoo 'ééhóziní neezgháád
 nahasdzáán 'álnéehgo."
 T'áá hazhóó'ógo
 sq' baa hani'
 shizhé'é
 yaa halni' t'eh.
 T'óó'di
 níyoł
 dóó t'ée'
 shimá bighan

my mother's hogan door.

Outside,

big flakes of snow
fall thickly,
fall softly,
fall steadily.

Inside,

snow water drips
down the smoke hole
and the words of
my father's voice
drop softly
into the quiet
of my mother's hogan.

bidáádílkał yíłjizh.

Tł'óo'di

yas
'ahineestihgo nanidééh,
t'áadoo 'íits'a'í nanidééh,
t'áadoo bita' hoo'aahí nanidééh.

Ghóne'é t'éiyá

yas too
ch'ílaghi'déé' ndahidilch'áqł teh,
dóo shizhé'é bizhí
t'áá kódígo
doo 'íits'a'í da yileeh
shimá
bighan góne'.

“IT-IS-TWISTED”

The Star Story
made my mother think
of the string game,
“It-Is-Twisted.”
She said that the Spider People
gave it to us
to use in winter evenings.
My mother showed us
how to make the game.
She made
Twin-Stars and Many-Stars,
Big-Star and Horned-Star
with pieces of string.

NA'ATŁ'O'

Shimá na'atł'o' daané'é
yaa tsídeezkééz
sọ' baa hani'
yidiizts'áq'go.
Na'ashjé'ii Dine'é bits'áqádóo hazlǫ'
hiłiiłiihgo bee na'a'nééh
biniighé, ní shimá.
Shimá nihináát
na'atł'o' daané'é áyiilaa.
'Áádóo shimá
sọ' naaki dóo sọ' tání
dóo sọ'tsoh dóo sọ'dee'í
nanoolzhee' yee 'áyiilaa.

MORNING SUN

Last night went quickly
with sleeping.
It is tomorrow
now.
I open my eyes
to a beautiful world
of 'sun
and snow.
Everywhere I look
the snow shines
as if someone
had sprinkled it
with broken bits of stars.
My father says,
"snow is good for the land.
When the sun melts it
the thirsty sand
drinks in the snow water."
Grass patches show again.
They look fresh and clean.
The goats hurry about
eating all they can.
Even the sheep move
more quickly,
eating.

JOHONAA'ÉÍ

Da'iilghoshgo
t'áadoo hodíina'í hayíítká.
K'ad naánáta'
hanáá'oot'á.
Ch'éénísdzidgo
t'ó'ó'góó
jóhonaa'éí dóó
yas bee hózhóní yee'.
T'áa naashhalgóó
yas bik'inizdidlaad
sq' díízéego
bik'ijízníl
nahalin.
"Yas kéyah bá yá'át'ééh,
yas diighííhgo
séí dibáa' danízingo
yas bitoo' deidlá,"
níí t'eh shizhé'é.
T'oh dah naazhjaa' daat'í,
t'óó danízhóní yee'.
T'í'ízí tsííígo ndaha'ná
t'oh deit'chozhgo.
Dibéjigo 'íghisíí
tsííígo ndaha'ná
t'oh deit'chozhgo.

GOING TO THE SING

My father goes for dry wood.
He has to go to the foothills
to get it.

My mother cooks bread and meat.
I sit by the door in the sunshine
and think about the Sing.

My grandmother comes
to my mother's hogan.
She will look after the sheep
while we are gone to the Sing.

The sun shines.
The sun shines.
Soon we will go
to the Sing,
the Sing.

After awhile
my father comes back with
the wagon.

He piles the wood near the hogan.
He says he is ready
to go to the Sing
and we are ready, too.

It is not far.
Not long after
the sun has finished with the day
we will get there.

We will get to the hogan
of the wife of Tall-Man's brother.

We will be at the Sing,
the Sing,
the Sing.

The ruts in the road
are deep
and frozen.

The wheels of the wagon

HATAÁLGÓO DEIIKAI

Shizhé'é chizh yíłtseeígíí há'ííyá.
Dah daask'id bitsíí'déé'
niyiigheeh.

Shimá bááh 'íílééh dóó 'atsi' yíłbéézh.
Nihich'é'étiingi sháq'ji' sédáh
dóó hatáál baa ntséskees.

Shimá sání
shimá bighangi níyá.
Hatáálgóó neiikaigo
nihidibé nihá yaa 'áhályáq doo.

Nizhónigo 'oo'ááł.
Nizhónigo 'oo'áałgo
t'áadoo hodíina'í
hatáálgóó dah didiikai,
hatáálgóó.

Hodíina'go
shizhé'é
ná'niłbáqz.

Hooghan bíghahgi chizh hadayiiznil.
K'ad hasht'e' 'ádiishyaa
hatáálgóó biniighe ní shizhé'é,
nihí 'ałdó' hasht'e' 'ádadiilyaa.

Doo nízaad da.
T'áadoo ghózhó

hiłiijíhí
'áa diikah.

Hastiin Nééz bik'is be'esdzáán
bighandi diikah.

Hatáaldi diikah.

Hatáaldi,
hatáaldi.

'Atiingóó ghóyahgo
dahooldzis
dóó hastin.

Tsinaabqas bijáád

have a song of their own.
 I sit in the back of the wagon
 in a nest made of blankets.
 I listen to the song
 of the rolling wagon wheels.
 My father sits on the wagon seat.
 He is driving his horses.
 My mother sits beside him.
 Straight and tall
 my mother sits
 on the wagon seat
 beside my father.
 My father sings
 as he drives along.
 He is happy.
 He sings, "Now is winter.
 Thunder sleeps.
 Falls the snow.
 Thunder sleeps.
 Grass is gone.
 Thunder sleeps.
 Birds are gone.
 Thunder sleeps.
 Warmth is gone from the sands,
 from the red rocks,
 from the canyons.
 Thunder sleeps.
 It sleeps."
 In my father's wagon
 we go.
 Behind my father's horses
 we go.
 On the Trail of the Holy Songs
 we go
 to hear the voices of the Gods.

t'áá bí dabighiin dahóló.
 Tsinaabqqs bikéédéé'
 beeldléi bitah sédáh.
 Tsinaabqqs bijáád
 dahataałgo yísínísts'áá'.
 Shizhé'é bik'idah'asdáhí yik'i
 dah sidáh.
 Bilíí' yee 'oofbqs.
 Shimá yił dah siké.
 Shimá nineez dóó k'ézdongo
 shizhé'é bíighahgi
 tsinaabqqs bik'idah'asdáhí
 yikáá' dah sidáh.
 Shizhé'é bił hózhóogo
 hataałgo 'oofbqs.
 "K'ad hai.
 'li'ni' da'ałhosh.
 Yas nanidééh.
 'li'ni' da'ałhosh.
 T'oh 'ádin.
 'li'ni' da'ałhosh.
 Tsídii 'ádin.
 'li'ni' da'ałhosh.
 Séí dóó tsé daalch'ígíí
 dóó tsékooh
 t'áá 'ałtso daazk'az.
 'li'ni' da'ałhosh,
 da'ałhosh."
 Shizhé'é bitsinaabqqs
 bee yiikah.
 Sin
 dadighinígíí bich'i'
 'atiingóó yiikah,
 dadighinígíí
 'ádi dadidiits'ííł.

THE SING

It will be a long time
before the night sky bends down
and the stars hang low
and the supper fires
of the camping people
dot the night.

Our wagon
comes within the circles
of supper fires,
comes within the circle
of firelight,
and I see all the People
who have come to the Sing.

There are many People here.
There are many horses here.
There are many wagons here.
There is one truck.

It makes me happy to see
all of the People
walking around
and standing and sitting.

It makes me happy to see
all the colors that there are
in the skirts of the women
in the shirts of the men
and in the blankets
that all the People wear.

I can see
the horses,
all the horses.

I can see a race horse
that belongs to a man
my uncle knows.

After the Sing is over,
the men will race their horses.

HATAÁL

T'áá 'íghisíí hodíina'go
'índa chahodoothíí,
dóo sọ' hadadookah
dóó Diné 'í'í'áqgo
da'niiyáq'go dabikọ'
t'ée'go dah daalchii' doo.

Nihitsinaabqas
'í'í'áqgo kọ' ch'iiyáán
bee 'ádaalnéhígíí
bee ndeedziingo
da'niilbáqz.

Diné hatáalgi niheeskaiígíí
t'áá 'ałtso yish'í.

Kwii Diné t'óó 'ahayóí.
Kwii łíí' t'óó 'ahayóí.
Kwii tsinaabqas t'óó 'ahayóí.
Chidítsoh t'éiyá t'áátá'í si'á.

Diné t'áá 'ałtso
tádadikááh dóo ndaazi'
dóo ndaháaztáqgo
baa shił hózho.

'Asdzání bit'aaakáł
'a'qq 'ádaat'éhígíí
baa shił hózho.

Diné bi'éé' dóo beeldléí dóo
diné t'áá 'ałtso
yee hadadít'éhígíí dó'.

Łíí',
łíí' t'áá 'ałtso
yish'í.

Łíí' néiltih léi' yish'í
'éi diné léi' shida'í
yééhósingo bí.

Nihozhnítáalgo
diné bilíí' deidooltih.

My father will bet
which horse will win.

And then
perhaps
he will win
a better concho belt
than the one
he has in pawn
to the Trader.

There is a new hogan
built just for the Sing.

There are some shelters
built just for the Sing,
and at one side
is the Cook Shade
where all kinds of foods
are cooking.

The smell of food
makes me happy.

I think
it is good
to be happy
when food is near.

As it gets darker
more fires are lighted
and within the circle
a big one burns.

Smoke gets in my eyes
and I can taste it
in my mouth.

In the folds of my mother's blanket,
in the warmth of my
mother's blanket,
in the quiet of my
mother's blanket,

Shizhé'é ʔíí' ʔa'
yee nihidoodááʔ.

'Áko 'índa
daats'í
béesh ʔigaii sis ʔa'
yidoofbiih
naalghéhi yá sidáhi
yaqh yiníláhií
bilááh 'át'éii.

Hooghan 'ániid niit'á
'éi bii' hozhdootaʔ.

Chahash'oh ʔa' naaznil
hatáál t'éiyá biniighé,
ʔajigo t'éiyá chahash'oh
ch'iiyáan bii' 'ál'ʔigo si'á,
'ákwe'é ch'iiyáan 'aʔtah
'ádaat'éego 'ádaalne'.

Ch'iiyáan yishchingo
baa shiʔ hózhó.

Ch'iiyáan 'áhánigóó hóloqogo
hoʔ hózhóqogo
yá'át'ééh,
sha'shin nisin.

Ghózhó hiíjii'go
kə' ʔa' náadadiiltʔah
kə'tsoh léi'
'aʔni'gi diltʔi'.

ʔid shinák'e 'iijot
dóó sizéé'
halniih.

Shimá bibeeldléi sidogo bighi'
shimá bibeeldléi bighi'
doo 'iits'a'í dago
bíighahgi 'ashhosh,
dóó ch'énásdzi'go

<p>close to her heart I sleep and awaken to hear the Gods, the Singers of Songs.</p> <p>Now is the time for the singing.</p> <p>Now is the time for the songs.</p> <p>We go, we go, on the Holy Trail of Song.</p> <p>We go, we go, to hear the voices of the Gods.</p> <p>They say, on the path of the rainbow, they say, on the bridge of the lightning, they say on the trail of pollen went the Elder Brother, Reared-in-the Mountains, Young Man, Chief.</p> <p>We go to hear them say it. Look! Look! they say, they say, the Gods are walking.</p> <p>The Gods are walking. Follow the trail of song. Hu-Hu-Hu-Hu.</p> <p>Look! Look! they say, they say,</p>	<p>dahataaʔii dadighinii yich'í' dahataaʔgo diists'a'.</p> <p>K'ad t'éiyá hatáál bá hoo'a'.</p> <p>K'ad t'éiyá sin bá hoo'a'.</p> <p>Sin dadighinígíí bik'eh 'atiingóó yiikah, yiikah.</p> <p>Dadighinii bizhí dadidiits'ííʔgo yiikah, yiikah.</p> <p>'Ádaaní, "Nááts'íílid bee 'atiingóó 'ádaaní, 'atsinilt'ish bee tsí'naa ne'atiingí 'ádaaní, tádídíín bee 'atiingóó 'ánaaígíí 'ííyá, Dził Yii' Hazl'ííii Dinééh, Naat'áanii."</p> <p>'Ákóqó yiikahgo dadidiits'ííʔ. Shoo! Shoo! daaní, 'ádaaní dadighinii ndaakai.</p> <p>Dadighinii ndaakai. Sin bee 'atiin bikáá' ghohkah. Hu. Hu. Hu. Hu.</p> <p>Shoo, shoo, daaní, 'ádaaní</p>
--	--

the Gods are dancing.
The Gods are dancing.
Follow the trail of song.
Hu-Hu-Hu-Hu.
Look! Look!
 they say,
 they say,
 the Gods are singing.
The Gods are singing.
Follow the trail of song.
Hu-Hu-Hu-Hu.
It is finished.
The Sing is finished.
Dawn light is here.
Gray light is here.
Morning is here.
Day is here.
The sun comes again
 to warm the world.
The Sing is finished.
It is finished.
Finished.

dadighinii da'alzhish.
Dadighinii da'alzhish.
Sin bee 'atiin bikáá' ghohkah.
Hu. Hu. Hu. Hu.
Shoo! Shoo!,
 daaní,
 'ádaaní
 dadighinii dahataaŕ.
Dadighinii dahataaŕ.
Sin bee 'atiin bikáá' ghohkah.
Hu. Hu. Hu. Hu.
Nihoníyá.
Nihozhnítáál.
K'ad hayíítká.
K'ad ni'góó hoot'í.
K'ad 'ahbíní.
Ha'í'í'á.
Jóhonaa'éi hanáánádzá
 nahasdzáán yiniitdóóh biniighé.
Nihozhnítáál.
Nihoníyá.
Nihoníyá.

GOING HOME

The horse race is finished.
My father has a concho belt
and money in his pocket.

Now we go back
on the home trail.

Back to the hogan.
Back to the sheep.

Everything is finished.
We have listened
to the Holy Songs.
We have walked
on the Holy Trail.

It is finished.

Our hearts are good.
All around us is good.
We ride along
on the home trail.

It is finished.

HOOGHAN NIKÉÉNIKAI

Łįį' 'ałtso 'ahadeeskai
shizhé'é béesh łigaii sis bee hółó,
dóo béeso biza'azis hółó.

K'ad nihighan 'atiingóó
nikééniikai.

Hooghan bich'į' nikééniikai.

Dibé bich'į' nikééniikai.

T'áá 'ałtsoní nínít'i' silįį'.

Dadighinii bighiin
dasidiits'ąą'.

Dadighinii be'atiingóó
ndasiikai.

Nínít'i'.

Nihighi' yá'adahoot'ééh.
Nihinaagóó yá'adahoot'ééh.
Nihighan bich'į' 'atiingóó
néiikah.

Nínít'i'.

A PEQUENA PASTORA

*“Mas com todas essas coisas ainda sou
uma pequena menina. Não é curioso?”*

ANN CLARK

PRIMAVERA

A MANHÃ

Esta manhã,
quando saí
debaixo de meu cobertor,
quando fiquei em pé
em frente à porta do *hogan*¹ de minha mãe
lá fora parecia
como se estivesse chorando.
O céu se inclinava magoado
com lágrimas cinzentas.
Fiquei na porta
do *hogan* de minha mãe
e contemplei lá fora
a manhã cinza e triste.
Meu pai chegou.
Ficou ao nosso lado.
E falou
num modo feliz
a mim
e à minha mãe.

¹ Hogan, tradicional casa navajo feita de palha. (n.t.)

Logo as lágrimas cinzentas
na cara do céu
derreteram.
As nuvens foram embora
e o sorriso
do sol as penetrou.
Agora o sol está cinza novamente,
mas não posso esquecer
que quando o meu pai falou
o sol chegou
e nos olhou
abaixo.



A TARDE

A tarde é longa.
O sol caminha lentamente
pelo céu.
As ovelhas andam lentamente,
comendo.
Vejo-as contra o céu
numa fila longa e lenta.
Sussurro ao vento
para que sopra ao sol
e às ovelhas
um pouco
para que se apressem.
Mas sopra
apenas às nuvens
e à areia
e a mim.

O OCASO

Neste momento
eu observei o sol se pôr.
Demorou muito tempo
para se despedir.
Acho que sabia
que a terra
e as coisas
da terra
lamentavam
a sua partida.
Ele se despediu
duma maneira tão boa.
Só por um instante
fez com que o céu
e as rochas
e a areia parecessem
a ele
para que soubessem
como é
ser como o sol.
Logo foi embora
e todas as coisas
estavam tranquilas
porque o sol já tinha se posto.



BELA MONTANHA

Bela Montanha

parece tão azul

e tão fria

e tão solitária

agora que o sol

e as ovelhas

e eu

vamos embora.

Se estivesse mais perto de mim

e pequena,

poderia colocá-la

no *hogan* de minha mãe

debaixo de meu cobertor.

Assim não precisaria abandonar

a Montanha Bela

sozinha

na noite.

REUNIÕES

Por muito tempo
 havia reuniões
 de muitos homens
 por muitos dias.

Nas reuniões
 há muito conversa
 conversa
 conversa.
 Uma vai por aqui.
 Outra vai por lá.

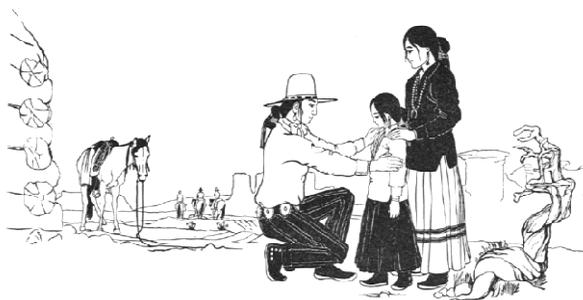
Na manhã
 quando meu pai
 vai à reunião
 nos diz:
 “Quando eu regressar aqui
 vou saber, então,
 se é melhor
 ter muitas ovelhas
 ou poucas,
 usar a terra
 ou deixá-la dormir.”

Mas
 quando meu pai
 regressa da reunião
 não sabe
 qual fala deve considerar.

Esta noite
 quando meu pai
 regressou da reunião
 só ficou sentado, olhando
 e olhando.

Minha mãe lhe deu café
 e pão e cordeiro,
 mas meu pai só ficava sentado,
 olhando.

Logo minha mãe
falou comigo.
E disse:
“Uma reunião é como a chuva.
Quando poucos falam,
de vez em quando,
aqui e acolá,
está tudo bem.
Faz com que os pensamentos cresçam
como as chuvas rasas ajudam o milho a crescer.
Mas quando muitos falam, demasiado,
é como uma inundação
que leva as coisas que ficaram muito tempo
diante dele.”
Minha mãe
assim me disse,
mas eu acho
que ela queria que meu pai
ouvisse isso.



A NOITE

A noite está lá fora
com seu cobertor preto.
Eu a ouço²
falar com o vento.
Não a conheço.
Está lá fora.
Eu estou aqui
no *bogan* de minha mãe
aquecida na minha pele de carneiro,
perto de minha mãe.
As coisas que eu conheço
rodeiam-me
como um cobertor,
mantendo-me segura
das coisas
que são estranhas.
Mantendo-me segura.



² Na mitologia navajo, a noite é uma entidade masculina. (n.t.)

VERÃO

ADEUS AO MEU *HOGAN*

No *hogan* de minha mãe,
sinto-me segura
com suas paredes arredondadas
que me rodeiam.
Mas agora eu tenho que deixá-lo.
Tenho que deixar sua fogueira
e sua porta.
As ovelhas precisam de mim.
Tenho que ir com elas
a um lugar que conhecem,
mas que é estranho para mim.
Ponho meu mocassim,
meu precioso mocassim,
junto à lareira, do meu *hogan*,
para que não fique sozinho
enquanto eu não estiver.

ADEUS, GATO CINZENTO

Gato Cinzento,
eu te digo adeus.
Hoje eu vou às montanhas.
Levo minhas ovelhas às pradarias de verão,
mas tu, Gato Cinzento,
tu não tens ovelhas
portanto, deves ficar em casa.
Ficar aqui com a minha avó,
Gato Cinzento.
Ela te alimentará.
Adeus, adeus.



ADEUS A AVÓ

Minha vó,
 minha vizinha,
 agora eu te deixarei.
Ano passado eu era muito pequena
 para ir às montanhas.
Eu fiquei contigo,
 mas este ano eu sou grande,
 quase alta
 portanto, devo ajudar a levar as ovelhas
 às pradarias de verão.
Minha vó,
 minha vizinha
 não te sintas sozinha.
Eu voltarei.

CURRAL DE OVELHAS

Meu pai e meu tio
fizeram um curral de ovelhas
enquanto esperavam
as ovelhas e nós
chegarmos pelo caminho.

Fizeram o curral de ovelhas
de galhos,
um círculo de galhos,
um círculo de galhos de cores obscuras.

As ovelhas ficam seguras
em seu curral esta noite
e eu durmo
debaixo da sombra do choupo.

Enquanto me deito aqui,
segura e quente debaixo
de meu cobertor,
tudo ao redor de mim torna-se neblina cinzenta,
tudo ao redor de mim torna-se prata.

Foi-se a escuridão,
mas não emitiu nenhum som.

Não deixou rastros.
O mundo ainda dorme.

Através dos pinheiros
o dia levanta-se
a luz levanta-se.

Os coiotes uivam no amanhecer.

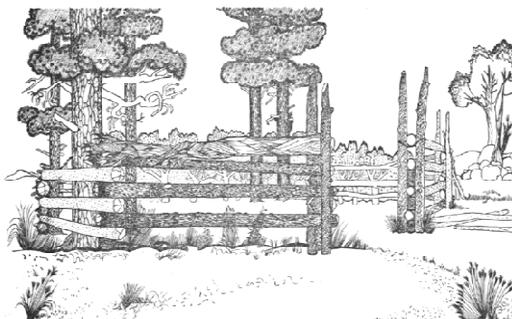
Nos pinheiros
as asas dos pássaros se agitam,
os cantos dos pássaros se agitam.

Ouçó-os.
Ouço-os.

A relva junto a meu cobertor
está molhada com a chuva noturna.

A névoa está nas folhas
e no meu cabelo.

Tiro um dedo do pé
um dedo do pé moreno.
É difícil levantar
quando faz frio.
Fumaça azul da fogueira de minha mãe
enrola-se numa fina linha azul.
As ovelhas se movem dentro do curral.
Saio debaixo do meu cobertor,
debaixo do meu cobertor quente.
Como as outras coisas ao redor de mim
saio
para saudar o dia.



ORAÇÃO MATUTINA

Silencioso e quieto
meu pai fica de pé
diante de nossa choça de verão.

Medita sobre uma oração
aos Santos,
pedindo-lhes
este dia
que mantenham nossos pés
no Caminho da Beleza.

Enchendo o silêncio
da oração de meu pai
ouço o canto do pássaro azul.

MEIO-DIA À MESA

Os dias tornam-se longos
e claros com a luz do sol.
As ovelhas comem enquanto caminham
aos lagos de chuva
debaixo dos salgueiros.
Pequenos rios fluem pela relva alta
e escondem-se entre os juncos.
Vejo uma linha de nuvens espalhadas
pelo céu.
O Carregador do Sol repousa
em seu caminho
à Casa da Mulher de Turquesa
nas Águas Ocidentais.
É o meio tempo do dia.

O RELÂMPAGO

O relâmpago voa
como flecha,
uma flecha de fogo,
de um arco invisível.
Precipita em chama
do céu cinzento
à terra cinzenta.
Cai numa árvore.
Um relâmpago cai numa árvore.
Minhas ovelhas,
minhas ovelhas,
devo salvar minhas ovelhas
dessa maldade ao seu redor.
Devo salvá-las,
minhas ovelhas
minhas pobres ovelhas temerosas.

O ENTARDECER

O Carregador do Sol parte as nuvens
e vê a chuva abaixo.

Converte cada gota
numa conta de prata.

Converte cada listra de chuva
num colar de prata.

Faz um caminho de um arco-íris.
para os deuses
através do céu.

E vou com as ovelhas
as ovelhas amontoadas e molhadas.

Eu canto para elas.

Eu canto às ovelhas,
uma canção, uma canção,
uma canção de minhas posses,
meus bens cerimoniais.

Tenho uma bolsa de camurça
cheia de coisas,
de coisas.

Meu avô encheu-a para mim.

Meu avô deu-me a bolsa.

A qualquer lugar

levo a bolsinha de camurça
para manter-me segura,
para manter meus pés
no Caminho da Beleza.



OUTONO

POSSES

Eu tenho cabelo preto.
Eu tenho dentes brancos.
Minhas mãos são morenas
com muitos dedos.
Meus pés são morenos
com muitos dedos.
Meus braços são morenos
e fortes.
Minhas pernas são morenas
e velozes.
Tenho dois olhos.
Mostram-me como são as coisas.
Tenho dois ouvidos.
Trazem sons
para ficar comigo
por um momento.
Tenho dois nomes,
um Nome de Guerra
que só eu posso saber
mas que não devo usá-lo,
e uma alcunha
para que todos a usem
para uso diário.
Mas com todas essas coisas
ainda sou
uma pequena menina.
Não é curioso?

TURQUESA

A turquesa é o céu.

A turquesa é a água parada.

A turquesa é da cor azul

e da cor verde

que alguém

em algum lugar

agarrou

e converteu em pedra.

Algumas vezes, a turquesa

é apanhada em prata,

e algumas vezes, em contas pequenas

correndo por um fio branco

como a beleza que segue

um caminho reto.

TECER

Quando minha mãe se senta
sobre sua pele de carneiro
tecendo um cobertor,
em seu tear
acho
que é como uma canção.

Os fios verticais
são as batidas do tambor,
sons fortes
debaixo.

Os estames coloridos
são as palavras que cantam
tecendo através
das batidas do tambor.

Quando o cobertor é terminado
é como uma canção terminada.

O tear
e as batidas do tambor,
as lãs coloridas
e as palavras que cantam
são esquecidas.

Apenas
o padrão
de cor
e de som
é mantido.



INVERNO

A NOITE

A noite vem lentamente,
mas chega por fim
através da tormenta de neve.

Os coiotes uivam ao longe.

Perto, o vento chora.

A madeira molhada fumega.

A água da neve goteja
pela chaminé.



CONTANDO HISTÓRIAS

Então

meu pai nos narra histórias.

Longas histórias

compostas de muitas palavras.

Suas palavras têm poder.

Têm força.

Parecem me abraçar.

Parecem me aquecer.

Parecem me alimentar.

As palavras de meu pai,

me reconfortam.

Suas palavras têm poder.

Meu pai narra

O Conto da Estrela.

“Quando o mundo fazia-se,
fazia-se.”

Conta-nos o meu pai,

“quando os Deuses estavam

pondo as estrelas,

as estrelas,

as estrelas em configurações

no céu,

um coiote roubou a bolsa delas.”

O coiote derramou as estrelas

no céu,

de maneira caótica no céu,

quando o mundo se fazia.

Suavemente

meu pai narra,

o conto das estrelas.

Lá fora,

o vento

e a noite

empurram

a porta do *hogan* de minha mãe.

Lá fora,
grandes flocos de neve
caem densamente,
caem suavemente,
caem seguidamente.

Dentro,
a água da neve goteja
pela chaminé
e as palavras
de meu pai
caem suavemente
dentro da tranquilidade
do *hogan* de minha mãe.



“ESTÁ-TORTO”

O Conto das Estrelas
fez minha mãe se lembrar
do jogo de fios
“Está-Torto.”

Ela disse que o Povo das Aranhas
nos deu o jogo
para usá-lo nas noites de inverno.

Minha mãe nos mostrou
como fazer o jogo.

Ela fez
Estrelas-Gêmeas e Muitas-Estrelas,
Estrela-Grande e Estrela-Cornífera
com pedaços de fio.



O SOL DA MANHÃ

A noite passou rápido
com o sono.

É manhã
agora.

Abro os olhos
ante um mundo belo
de sol
e neve.

Aonde quer que veja
a neve brilha
como se alguém
a espalhasse
com pedaços quebrados de estrelas.

Meu pai diz:
“a neve é boa para a terra.

Quando o sol a derrete
a areia sedenta
bebe da água da neve.”

As clareiras de pasto aparecem novamente.
Têm um aspecto fresco e limpo.

As cabras se apressam
comendo tudo o que podem.

Até as ovelhas se movem
mais rapidamente,
para comer.



IR AO CANTO³

Meu pai foi buscar lenha seca.
Teve de ir às colinas
para consegui-la.
Minha mãe cozinha pão e carne.
Eu me sento junto à porta na luz do sol
e penso no Canto.
Minha avó chega
ao *hogan* de minha mãe.
Ela vai cuidar das ovelhas
enquanto vamos ao Canto.
O sol brilha.
O sol brilha.
Logo iremos
ao Canto,
o Canto.
Depois de muito tempo
meu pai regressa com
a carroça.
Ele amontoa a lenha perto do *hogan*.
Diz que já está pronto
para ir ao Canto
e nós também estamos prontas.
Não fica longe.
Não muito depois
de o sol terminar com o dia
vamos chegar lá.
Vamos chegar ao *hogan*
da esposa do irmão do Homem-Alto.
Estaremos no Canto,
o Canto,
o Canto.
Os sulcos no caminho
são profundos
e gelados.

³ Neste caso, o Canto (*Hatáál*, em navajo) refere-se a uma cerimônia curativa. (n.t.)

As rodas da carroça
têm uma canção própria.
Eu me sento atrás na carroça
num ninho feito de cobertores.
Escuto a canção
das rodas da carreta girando.
Meu pai senta-se no assento da carroça.
Está manobrando seus cavalos.
Minha mãe senta-se ao seu lado.
Reta e alta
minha mãe senta-se
no assento da carroça
ao lado de meu pai.
Meu pai canta
enquanto manobra.
Ele está feliz.
Canta: “Agora é inverno.
O trovão dorme.
A neve cai.
O trovão dorme.
O pasto se foi.
O trovão dorme.
Os pássaros se foram.
O trovão dorme.
Foi-se o calor das areias,
das rochas vermelhas,
dos cânions.
O trovão dorme.
Dorme.”
Na carroça de meu pai
vamos.
Detrás dos cavalos de meu pai
vamos.
No Caminho das Canções Sagradas
vamos
para escutar as vozes dos Deuses.

O CANTO

Vai passar muito tempo
antes que o céu da noite se incline
e as estrelas se pendurem para baixo
e as fogueiras da ceia
da gente que acampa
salpiquem a noite.

Nossa carroça
chega aos círculos
das fogueiras da ceia,
chega ao círculo
da luz das fogueiras,
e vejo toda a Gente
que venho ao Canto.

Há muita Gente aqui.
Há muitos cavalos aqui.
Há muitas carroças aqui.
Há um caminhão.

Estou feliz por ver
toda a Gente
caminhando
de pé e sentados.

Estou feliz por ver
todas as cores lá
nos vestidos das mulheres
nas camisas dos homens
e nos cobertores
que toda a Gente usa.

Eu posso ver
os cavalos,
todos os cavalos.

Eu posso ver um cavalo de corridas
que pertence a um homem
que meu tio conhece.

Depois que o Canto acabar,
os homens farão uma corrida com seus cavalos.

Meu pai vai apostar
qual cavalo ganhará.
E logo
talvez
ele ganhará
um cinto de conchos⁴ melhor
do que aquele
que penhorou
com o Comerciante.
Há um *hogan* novo
construído só para o Canto.
Há alguns abrigos
construídos só para o Canto,
e de um lado
está a Cozinha Negra
onde se coze todo tipo
de comida.
O cheiro da comida
me alegra.
Acho que
é bom
ficar feliz
quando a comida se aproxima.
Enquanto anoitece
acendem-se mais fogueiras
e dentro do círculo
uma grande está acesa.
O fumo entra nos meus olhos
e posso saboreá-lo
em minha boca.
Nas dobras do cobertor de minha mãe,
no calor do cobertor
de minha mãe,
no silêncio do cobertor
de minha mãe,
perto de seu coração

⁴ O cinto de conchos é adornado com placas ou “conchos” de prata cheio de pedras preciosas, tais como a turquesa. As placas podem ser removidas, vendidas ou trocadas por mercadoria. (n.t.)

eu durmo
e desperto
para ouvir os Deuses,
os Cantores de Canções.
Agora chega o momento
para os cantos.
Agora chega o momento
para as canções.
Vamos,
vamos,
no Caminho Sagrado do Canto.
Vamos,
vamos,
para ouvir as vozes dos Deuses.
Dizem que,
no trajeto do arco-íris,
dizem que,
na ponte do relâmpago,
dizem que
no caminho do pólen
andou o Irmão Maior,
Criado-nas-Montanhas,
Jovem Homem,
Chefe.
Escutemos o que dizem.
Olha! Olha!
eles dizem,
eles dizem,
os Deuses caminham.
Os Deuses caminham.
Segue o caminho da canção.
Hu-Hu-Hu-Hu.
Olha! Olha!
eles dizem,
eles dizem,
os Deuses dançam.
Os Deuses dançam.
Segue o caminho da canção.

Hu-Hu-Hu-Hu.
Olha! Olha!
eles dizem,
eles dizem,
os Deuses cantam.
Os Deuses cantam.
Segue o caminho da canção.
Hu-Hu-Hu-Hu.
Acabou.
O Canto acabou.
A luz do amanhecer está aqui.
A luz cinzenta está aqui.
A manhã está aqui.
O dia está aqui.
O sol chega de novo
para aquecer o mundo.
O Canto acabou.
Ele acabou.
Acabou.



REGRESSO AO LAR

Terminou a corrida de cavalos.
Meu pai tem um cinto de conchos
e dinheiro no bolso.
Agora regressamos
pelo caminho de casa.
Ao *hogan*.
Às ovelhas.
Tudo terminou.
Escutamos
as Canções Sagradas.
Andamos
no Caminho Sagrado.
Acabou.
Nossos corações estão bem.
Tudo ao nosso redor está bem.
Viajamos
no caminho de casa.
Acabou.





Languidez

"Como yo el cielo mira, como yo, sin ver nada."

Está naciendo Octubre
Con sus mañanas claras.

He dejado mi alcoba
Envuelta en telas claras,
Anudado el cabello
Al descuido; mis plantas
Libres, desnudas, juegan.

Me he tendido en la hamaca,
Muy cerca de la puerta,
Un poco amodorrada.
El sol que está subiendo
Ha encontrado mis plantas
Y las tinte de oro...

Perezosa mi alma
Ha sentido que, lento,
El sol subiendo estaba
Por mis pies y tobillos
Así, como buscándola.

Yo sonrío: este bueno
De sol, no ha de encontrarla
Pues yo, que soy su dueña,
No sé por dónde anda:
Cazadora, ella parte
Y trae, azul, la caza...

Un niño viene ahora,
La cabeza dorada...

Se ha sentado a mi lado
Sin pronunciar palabra;
Como yo el cielo mira,
Como yo, sin ver nada.
Me acaricia los dedos
De los pies, con la blanca
Mano; por los tobillos
Las yemas delicadas
De sus dedos desliza...
Por fin, sobre mis plantas
Ha puesto su mejilla,
Y en la fría pizarra
Del piso el cuerpo tiende
Con infinita gracia.

Cae el sol dulcemente,
Oigo voces lejanas,
Está el cielo muy lejos...

Yo sigo amodorrada
Con la rubia cabeza
Muerta sobre mis plantas.

Siento golpear la arteria
Que por su cuello pasa...

Alfonsina Storni



Langor

"Disse eu o céu olha, como eu, sem ver nada."

Está nascendo Outubro
Com sua manhã clara.

Eu deixei minha alcova
Envolta em telas claras,
O cabelo nodado
Ao descuido; meus pés
Livres, descalços, brincam.

Deitei na rede,
Muito perto da porta,
Um pouco sonolenta.
O sol que está nascendo
Encontrou meus pés.
E os tinge de ouro...

Preguiçosa minha alma
Sentiu que, lento,
O sol estava nascendo
Por meus pés e tornozelos,
Assim, como se a buscasse.

Eu sorrio: este bondoso
Sol não deve encontrá-la,
Pois eu que sou sua dona,
Não sei por onde anda:
Caçadora, ela parte
E traz, azul, a caça...

Uma criança vem agora,
A cabeça dourada...

Sentou-se ao meu lado
Sem dizer uma palavra,
Como eu o céu olha,
Como eu, sem ver nada.
Me acaricia os dedos
Dos pés, com a branca
Mão; pelos tornozelos
As gemas delicadas
De seus dedos desliza...
Por fim, sobre meus pés
Colocou seu rosto,
E na fria lousa
Do chão o corpo tende
Com infinita graça.

Cai o sol levemente,
Ouço vozes distantes,
O céu está muito longe...

Eu sigo sonolenta
Com a cabeça ruiva
Morta sobre meus pés.

Sinto pulsar a artéria
Que por seu pescoço passa...



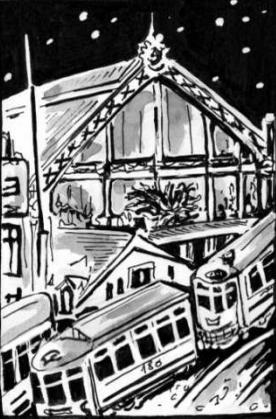
Quadrinhos de
Aline Daka



Tradução de
Gleiton Lentz

Buenos Aires, 1920

ALFONSINA STORNI
in Langor



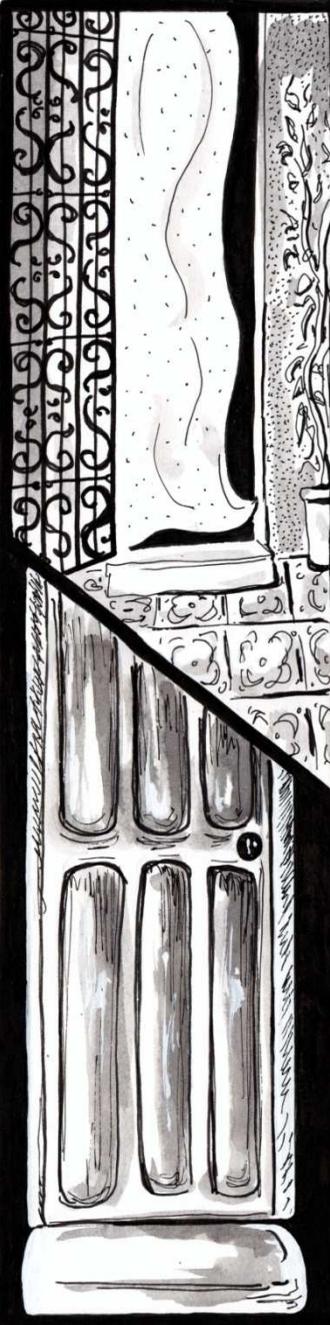


[alfonsina stornil]

ESTÁ NASCENDO OUTUBRO
COM SUA MANHÃ CLARA.



EU DEIXEI MINHA ALCOVA
ENVOLTA EM TELAS CLARAS.



O CABELO NODADO
AO DESCUIDO; MEUS PÉS



LIVRES,
DESCALÇOS,

BRINCAM.



DEITEI NA REDE,
MUITO PERTO DA PORTA,
UM POLICO SONOLENTA.



O SOL QUE ESTÁ NASCENDO
ENCONTROU MEUS PÉS.
E OS TINGE DE OURO...



PREGUIÇOSA MINHA ALMA
SENTIU QUE, LENTO,
O SOL ESTAVA NASCENDO
POR MEUS PÉS E TORNOZELOS,
ASSIM, COMO SE A BUSCASSE.



EU SORRI: ESTE BONDOSO
SOL NÃO DEVE ENCONTRA-LA,

POIS EU QUE SOU SUA DONA,
NÃO SEI POR ONDE ANDA;



CAGADORA, ELA PARTE



E TRAZ, AZUL, A CAGA...



A CABEÇA DOURADA...



LIMA CRIANÇA
VEM AGORA,



SENTOU-SE AO MEU LADO



SEM DIZER UMA PALAVRA,

COMO EU
O CÉU OLHA,
COMO EU,
SEM VER NADA.



E NA FRIA LOUSA
DO CHÃO O CORPO TENDE
COM INFINITA GRACA.





CAI O SOL LEVEMENTE,
OUÇO VOZES DISTANTES,
O CÉLI ESTÁ MUITO LONGE...



ELI SIGO SONOLENTA



COM A CABEÇA RUIVA
MORTA SOBRE MEUS PÉS.



SINTO PULSAR
A ARTÉRIA



QUE POR SEU PESCOGO
PASSA...

[aline dakal]



INDEX

CAPA:



Pedra de Roseta – Egito

ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:

Aline Daka (p. 3)

A Torre, 2015

Grafite sobre papel

ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:



Fotos de:

Gleiton Lentz (pp. 9, 149, 201, 403, 427 e 473)

Corippo, Suíça

ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:

Tang Yin (p. 10)

Soprando uma flauta de bambu, séc. XVI

Pintura em papel

WWW.CHINAONLINEMUSEUM.COM

Wincenty Kućma (p. 25)

Detalhe do Monumento Levante de Varsóvia, 1989

Escultura

WWW.WARSAWUPRISING.COM

Artista desconhecido (p. 48)

Capa de *Будем как солнце*, 1903

Livro de Konstantin Balmont

ARQUIVO (n.t.)

Aliye Berger (p. 87)

Detalhe de *Nascer do Sol*, 1954

Óleo sobre tela

MAÇKA SANAT GALERISI, ISTAMBUL



Angelos Giallinas (p. 110)
Pescadores em mar sereno, [s.d.]
Aquarela
WWW.EIKASTIKON.GR



Juan de Valdés Leal (p. 150)
Detalhe de *In Ictu Oculi*, 1670-72
Óleo sobre tela
HOSPITAL DE LA CARIDAD, SEVILHA



Koho Shoda (p. 202)
Lago Biwa, c.1910-20
Xilogravura a cores
WWW.FUJIARTS.COM

Agung Kurniawan (p. 209)
Telinga, 1994
Ilustração para o livro *Saksi Mata*
BENTANG BUDAYA ED.



Juan Carlos Carrilaf (p. 219)
Detalhe de *Raíning*, 2008
Pintura mapuche
CARLOSCARRILAF.BLOGSPOT.COM

Lucia Demetriade-Balacescu (p. 252)
Detalhe de *Praça*, [s.d.]
Óleo sobre madeira
ARTINDEX.RO



Theophilos Hatzimihail (p. 277)
Banho de sol, 1933
Óleo sobre tela
THEOPHILOS MUSEUM, LESVOS

Gabriel Cornelius von Max (p. 294)
Macaco antes do esqueleto, 1889
Óleo sobre tela
COLEÇÃO PARTICULAR

Martin (p. 313)
"The Beautiful People", 1952
Ilustração para o conto *The Beautiful People*
WWW.GUTENBERG.ORG



John Henry Fuseli (p. 351)
O pesadelo, 1781
Óleo sobre tela
INSTITUTE OF ARTS, DETROIT

Rivero Gil (p. 392)
Capa de *Clavellina*, 1927
Ilustração
COLECCIÓN "LA NOVELA MUNDIAL"



Guy Debord (p. 404)

Detalhe de *A cidade nua*, 1957

Impressão

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE, PARIS



San Ignacio Miní (p. 428)

Portal da missão de San Ignacio Miní, 1632

Friso

MUSEO JESUÍTICO DE SAN IGNACIO MINÍ

Caravaggio (p. 453)

Detalhe de *São Jerônimo penitente*, c. 1605-06

Óleo sobre tela

GALLERIA BORGHESE, ROMA



Caravaggio (p. 462)

Detalhe de *São Jerônimo escrevendo*, c. 1607-08

Óleo sobre tela

KON-KATIDRAL TA' SAN GWANN, LA VALETA

MEMÓRIA:



Hoke Denetsosie (p. 474 *et seq.*)

"O entardecer", 1940

Ilustração para *Little Herder*

U.S. OFFICE OF INDIAN AFFAIRS



QUADRINHOS:



Aline Daka (pp. 542-548)

Langor, 2015

HQ sobre poema homônimo de Alfonsina Storni

Nanquim sobre papel

ARQUIVO (n.t.)



CONTRACAPA:

Egito, 1927

Fotografia

ARQUIVO (n.t.)



✽

A (n.t.) | 10ª acabou-se de editar no Solstício de Inverno, em 21 de junho de 2015.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**

Grego, romeno e polonês: **Palatino Linotype**

Chinês: **MS Mincho** Japonês: **MS Gothic**



COSMOPOLIZE-SE